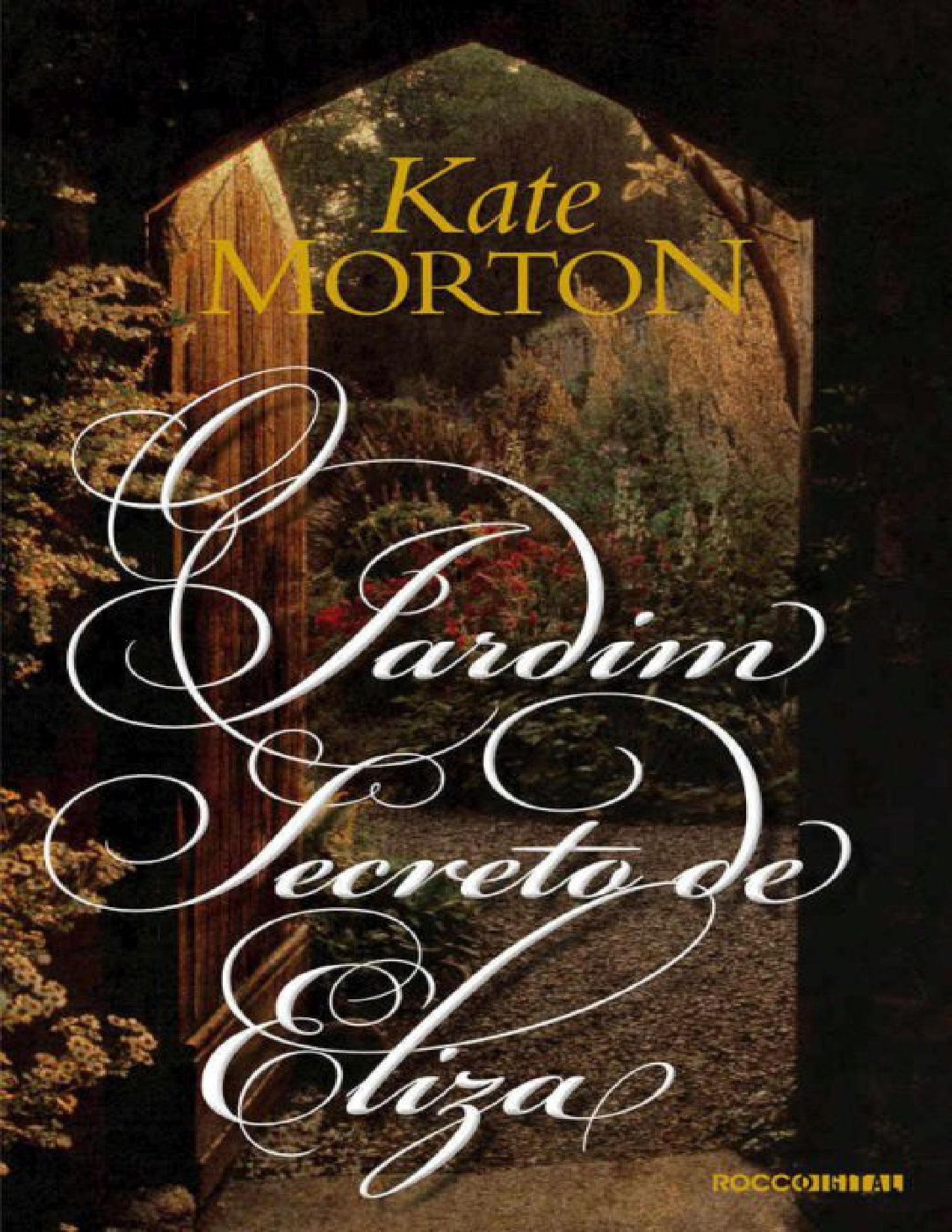




Kate
MORTON

*Il giardino
segreto di
Liza*

ROCCO JORDAN



KATE MORTON

*Pardim
Segredo de
Eliza*

Tradução de Léa Viveiros de Castro

ROCCO ITALIA

PARA OLIVER E LOUIS

Mais preciosos do que todo o ouro urdido no Reino das Fadas

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Parte um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Os olhos da velha

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Parte dois

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

A criança trocada

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Parte três

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

O ovo dourado

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Epílogo

Agradecimientos

Créditos

A Autora

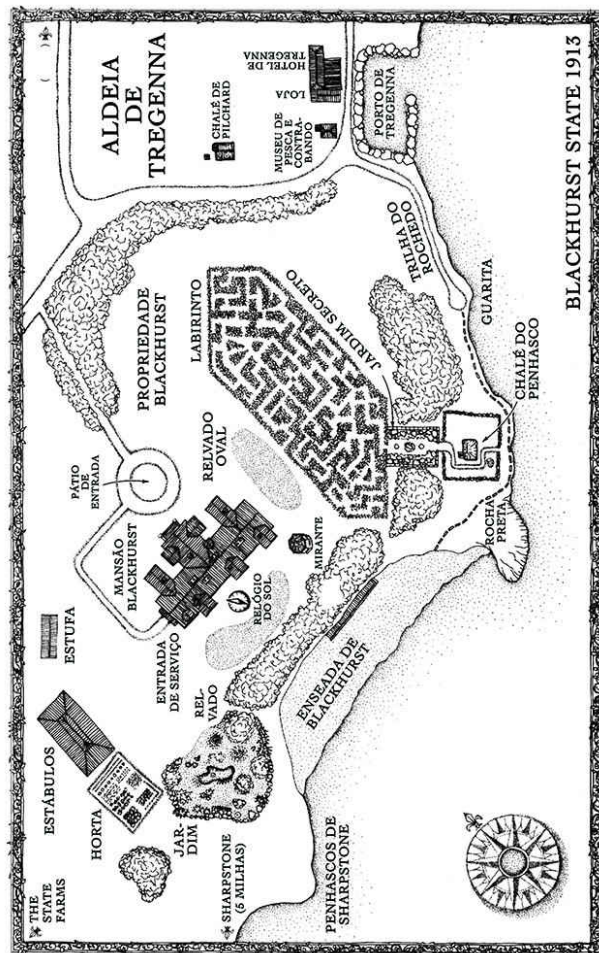
“Mas por que tenho que trazer de volta três fios de cabelo da Rainha das Fadas?”, o jovem príncipe perguntou à velha. “Por que não outro número, por que não dois ou quatro?”

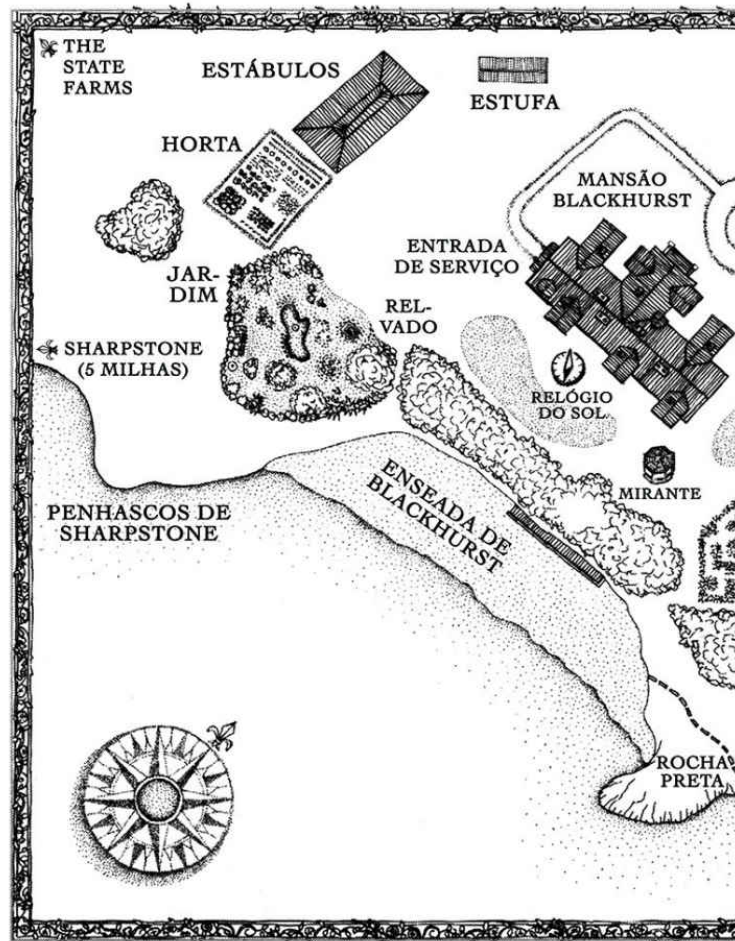
A velha inclinou-se para frente mas não parou de fiar. “Não existe outro número, meu filho. Três é o número do tempo, pois não falamos de presente, passado e futuro? Três é o número da família, pois não falamos de mãe, pai e filho? Três é o número das fadas, pois não as procuramos no meio de carvalho, freixo e espinho?”

O jovem príncipe assentiu, pois a velha sábia dizia a verdade.

“Então eu preciso de três fios para tecer minha trança mágica.”

DE “A TRANÇA MÁGICA”, DE ELIZA MAKEPEACE









Parte um

I

Londres, 1913

Estava escuro onde ela estava agachada, mas a menina fez o que tinham mandado. A dama tinha dito para esperar, que ainda não era seguro, que elas tinham que ficar bem quietinhas. Era uma brincadeira, a menina sabia, igual a esconde-esconde.

De trás dos tonéis de madeira, a menina ouvia. Formou uma imagem em sua mente, como papai tinha ensinado. Homens, próximos e distantes, marinheiros, ela supunha, gritavam uns com os outros. Vozes altas e brutas, cheias do mar e seu sal. Ao longe: sirenes de navios, apitos de metal, remos batendo na água; e, no alto, gaivotas cinzentas gritando, asas abertas para absorver a luz do sol.

A dama ia voltar, ela dissera que ia, mas a menina tinha esperanças de que fosse logo. Estava esperando havia muito tempo, tanto tempo, que o sol tinha viajado pelo céu e agora aquecia seus joelhos através do vestido novo. Prestou atenção para ver se ouvia as saias da dama roçando o convés de madeira. Seus saltos altos batendo apressados, sempre apressados, ao contrário dos de sua mãe. A menina imaginou, do jeito vago, despreocupado, das crianças muito amadas, onde estaria mamãe. Quando ela viria. E refletiu sobre a dama. Sabia quem era, tinha ouvido vovó falando sobre ela. A dama se chamava Autora e morava no pequeno chalé do outro lado da propriedade, depois do labirinto. A menina não devia saber disso. Fora proibida de brincar no labirinto de arbustos. Mamãe e vovó tinham dito que era perigoso se aproximar do penhasco. Mas às vezes, quando ninguém estava olhando, a menina gostava de fazer coisas proibidas.

Partículas de poeira, centenas delas, dançavam no pedacinho de sol que tinha surgido entre dois tonéis. A menina sorriu e se esqueceu da dama, do penhasco, do labirinto, de mamãe. Estendeu o dedo, tentou

pegar um daqueles grãos. Riu do modo como as partículas de poeira se aproximavam e fugiam.

Os ruídos fora do seu esconderijo estavam mudando. A menina escutou o burburinho de vozes excitadas. Inclinou-se e encostou o rosto na madeira fria dos tonéis. Com um dos olhos, contemplou o convés.

Pernas e sapatos e bainhas de anáguas. As pontas das fitas de papel colorido esvoaçando. Gaivotas caçando migalhas no convés.

Um balanço brusco e o enorme navio gemeu, um gemido longo e profundo, vindo de suas entranhas. Vibrações passaram pelas tábuas de madeira do piso até as pontas dos dedos da menina. Um momento de suspense e ela se viu prendendo a respiração, com as palmas das mãos apoiadas no chão, depois o navio se afastou do cais. A sirene berrou e soaram vivas e gritos de “Boa viagem”. Eles estavam a caminho. Da América, de um lugar chamado Nova York, onde papai tinha nascido. Ela os ouvira cochichar a respeito por algum tempo, mamãe dizendo a papai que eles deviam partir o quanto antes, que não podiam mais esperar.

A menina tornou a rir; o barco estava deslizando sobre a água como uma baleia gigante, como Moby Dick na história que seu pai costumava ler para ela. Mamãe não gostava de quando ele lia essas histórias. Dizia que eram muito assustadoras e que punham ideias que nunca mais iam sair da cabeça dela. Papai sempre dava um beijo na testa de mamãe quando ela dizia essas coisas, dizia que ela tinha razão e que ia tomar mais cuidado no futuro. Mas continuava a contar à menina histórias da grande baleia. E outras – aquelas que eram as favoritas da menina, do livro de contos de fadas, sobre velhas sem olho e donzelas órfãs e longas viagens pelo mar. Ele não deixava mamãe saber, era segredo.

A menina entendia que tinham que guardar segredos de mamãe. Afinal, ela não estava bem, já tinha a saúde frágil desde antes de a menina nascer. Vovó estava sempre dizendo para ela ser boazinha, que, se mamãe ficasse nervosa, algo de terrível poderia acontecer e a culpa

seria dela. A menina amava a mãe e não queria deixá-la triste, não queria que nada de terrível acontecesse, então guardava segredos. Como os contos de fadas, as brincadeiras perto do labirinto, e as vezes em que papai a tinha levado para visitar Autora no chalé nos limites da propriedade.

– A-ha! – Uma voz perto do seu ouvido. – Achei você! – O tonel foi puxado e a menina apertou os olhos por causa do sol. Piscou até que o dono da voz apareceu e bloqueou a luz. Era um menino grande, de uns oito ou nove anos, ela calculou. – Você não é Sally – ele disse.

A menina sacudiu a cabeça.

– Quem é você?

Ela não podia dizer o seu nome a ninguém. Era uma brincadeira que estavam fazendo, ela e a dama.

– E então?

– É segredo.

Ele franziu o nariz, juntando as sardas.

– Por quê?

Ela sacudiu os ombros. Não devia falar a respeito da dama, papai estava sempre lembrando-lhe isso.

– Então onde está Sally? – O menino estava ficando impaciente. Ele olhou para um lado e para o outro. – Ela correu para este lado, tenho certeza.

Uma gargalhada vinda de outro ponto do convés e o ruído de pés correndo. O rosto do menino se iluminou.

– Rápido! – disse, começando a correr. – Ela está fugindo.

A menina esticou o pescoço e o viu correr no meio da multidão, num alvoroço de anáguas.

Ela estava louca para ir atrás deles.

Mas a dama tinha dito para esperar.

O menino estava cada vez mais longe. Correu em volta de um homem robusto, com um bigode lustroso e espesso, provocando uma careta que fez com que seus traços se juntassem no meio do rosto como uma família de caranguejos assustados.

A menina riu.

Talvez isso fizesse parte da mesma brincadeira. A dama se parecia mais com uma criança do que com os adultos que ela conhecia. Talvez também estivesse brincando.

A menina saiu de trás do tonel e se levantou devagar. Seu pé esquerdo tinha ficado dormente e agora estava formigando. Esperou um momento para aquela sensação passar, vendo o menino desaparecer numa esquina.

Então, sem hesitar, saiu correndo atrás dele. Os pés batendo no chão, o coração cantando no peito.

Brisbane, 1930

No fim, eles fizeram a festa de aniversário de Nell no prédio dos Foresters, em Latrobe Terrace. Hugh tinha sugerido o novo salão de danças da cidade, mas Nell, imitando a mãe, tinha dito que era bobagem gastar dinheiro à toa, especialmente naqueles tempos difíceis. Hugh cedeu, mas se satisfez, insistindo para que mandasse buscar em Sydney a renda especial que ela desejava para o seu vestido. Lil tinha posto a ideia na cabeça dele antes de morrer. Ela se inclinou e segurou a mão dele, mostrando em seguida o anúncio de jornal, com o endereço em Pitt Street, e comentou como era bonita aquela renda, o quanto iria significar para Nellie, que talvez parecesse extravagante, mas poderia ser retrabalhada no vestido de noiva quando chegasse a hora. Depois sorriu para ele, parecendo ter de novo dezesseis anos, e ele ficou comovido.

Lil e Nell, nessa altura, já estavam trabalhando no vestido de aniversário havia umas duas semanas. À noite, quando Nell voltava da banca de jornal e revistas e eles terminavam de lanchar, as garotas menores conversavam letargicamente na varanda, e os mosquitos eram tantos no ar quente e úmido, que você achava que ia enlouquecer com o zumbido, Nell pegava a cesta de costura e se sentava ao lado da cama da mãe. Ele às vezes as ouvia rir de alguma coisa que tinha acontecido na banca: uma discussão que Max Fitzsimmons tivera com um freguês ou outro, a última queixa médica da sra. Blackwell, as travessuras dos gêmeos de Nancy Brown. Ficava parado na porta, enchendo o cachimbo e prestando atenção quando Nell baixava a voz, corando de prazer ao contar algo que Danny tinha dito. Alguma promessa que ele tinha feito sobre a casa que ia comprar para ela quando se casassem, o carro em que estava de olho e que o pai achava que poderia conseguir

por uma pechincha, o último modelo de bateadeira da loja de departamentos McWhirter's.

Hugh gostava de Danny; não podia desejar ninguém melhor para Nell, o que era bom, uma vez que os dois tinham se tornado inseparáveis desde o momento em que se conheceram. Ao vê-los juntos, Hugh se lembrava dos seus primeiros anos com Lil. Eles eram alegres como dois passarinhos, com o futuro se estendendo, sem obstáculos, à frente deles. E tinha sido um bom casamento. Tiveram seus momentos de dificuldades, no início, antes do nascimento das meninas, mas, de uma forma ou de outra, as coisas sempre se ajeitaram...

Com o cachimbo cheio, não tinha mais desculpa para ficar ali parado, e então procurava um lugar tranquilo na extremidade da varanda, um lugar escuro onde pudesse se sentar em paz, ou o mais em paz possível numa casa cheia de filhas faladeiras, cada uma mais excitável do que a outra. Só ele e seu mata-moscas no parapeito da janela para o caso de os mosquitos se aproximarem demais. E então deixava vagar seu pensamento, que se dirigia invariavelmente para o segredo que vinha guardando havia tantos anos.

Pois o tempo o estava pressionando, ele podia sentir isso. A pressão, mantida à distância por tanto tempo, tinha começado a aumentar. Ela estava com quase vinte e um anos, uma mulher adulta, pronta para assumir a própria vida, já prestes a se casar. Tinha o direito de saber a verdade.

Sabia o que Lil diria, por isso não tinha contado a ela. A última coisa que queria era que Lil se preocupasse, que passasse seus últimos dias tentando dissuadi-lo, como tinha feito tantas vezes no passado.

Às vezes, quando pensava nas palavras que usaria na sua confissão, Hugh se via desejando que fosse uma das outras meninas. Ele se censurava por ter uma favorita.

Mas Nellie sempre fora especial, tão diferente das outras. Criativa, mais imaginativa. Mais parecida com Lil, ele costumava pensar, embora, é claro, isso não fizesse nenhum sentido.

Havia fitas amarradas nas vigas de madeira – brancas para combinar com o vestido e vermelhas para combinar com seu cabelo. O velho salão de madeira podia não ter o brilho dos prédios de tijolos mais novos, mas tinha ficado muito bem encerado. As quatro irmãs mais moças de Nell arrumaram uma mesa para os presentes de aniversário, e uma pilha considerável estava se formando. Algumas das senhoras da igreja se juntaram para preparar a ceia, e Ethel Mortimer estava dando uma canseira no piano, tocando canções românticas do tempo da guerra.

A princípio, rapazes e moças ficaram separados, em filas agitadas perto das paredes, mas, quando a música e os rapazes mais afoitos se animaram, começaram a formar pares e a dançar. As irmãs menores ficaram olhando de olho comprido até serem chamadas para carregar bandejas de sanduíches da cozinha para a mesa.

Quando chegou a hora dos discursos, os rostos brilhavam e os sapatos estavam gastos de tanto dançar. Marcie McDonald, a esposa do pastor, bateu no copo e todo mundo se virou para Hugh, que tirava um pedaço do papel do bolso do paletó. Ele pigarreou e passou a mão no cabelo. Falar em público nunca fora seu forte. Era o tipo de homem que falava pouco, cuidava da sua vida e deixava que os mais falantes se encaregassem de falar. Ainda assim, uma filha só completava a maioria uma vez e era seu dever saudá-la. Ele sempre fora uma pessoa cumpridora de regras e de obrigações. Quase sempre, pelo menos.

Ele sorriu quando um dos seus amigos do cais do porto gritou alguma coisa, depois abriu o papel e respirou fundo. Um por um, leu todos os itens da lista, escritos numa letrinha preta: o orgulho que ele e a mãe sempre tinham tido de Nell; o quanto se sentiram abençoados quando ela apareceu; o quanto gostavam de Danny. Lil tinha ficado especialmente feliz, ele disse, ao saber do noivado antes de morrer.

Ao mencionar a morte recente da esposa, os olhos de Hugh ficaram marejados e ele se calou. Fez uma pausa e contemplou os rostos dos amigos e das filhas, detendo-se em Nell, que sorria enquanto Danny

cochichava algo em seu ouvido. Quando uma nuvem pareceu passar por seu semblante, as pessoas imaginaram que ele fosse fazer alguma comunicação importante, mas o momento passou. Sua expressão se desanuviou e ele tornou a guardar o pedacinho de papel no bolso. Estava na hora de ter outro homem na família, disse com um sorriso, isso ia equilibrar um pouco as coisas.

As damas na cozinha entraram então em ação, servindo xícaras de chá para os convidados, mas Hugh se demorou um pouco, deixando as pessoas passarem por ele, aceitando os tapinhas no ombro, as exclamações de “Falou bem, amigo”, a xícara de chá que lhe foi posta na mão. O discurso tinha sido bom, mas ele não conseguia relaxar. Seu coração estava disparado e ele suava muito, embora não fizesse calor.

Ele sabia por quê, é claro. As obrigações da noite ainda não haviam terminado. Quando notou que Nell saía sozinha por uma porta lateral, percebeu sua oportunidade. Pigarreou e deixou a xícara na mesa dos presentes, saindo da sala abafada e barulhenta para o ar frio da noite.

Nell estava parada ao lado do tronco verde-prateado de um eucalipto. Antes, Hugh pensou, toda a montanha devia ser coberta de eucaliptos, com os canais de cada lado. Devia ser uma visão, aquele monte de troncos fantasmagóricos em noites de lua cheia.

Mas ele estava adiando as coisas. Mesmo agora estava tentando fugir à responsabilidade, estava sendo fraco.

Um par de morcegos cruzou silenciosamente o céu e ele desceu os degraus de madeira, atravessando o gramado úmido de orvalho.

Ela deve tê-lo ouvido chegar – talvez tenha sentido sua presença – porque se virou e sorriu.

Quando ele chegou ao seu lado, ela disse que estava pensando na mãe, imaginando de que estrela ela os estaria observando.

Hugh teve vontade de chorar. Queria que ela não tivesse mencionado Lil agora. Para não o lembrar que ela o estava observando, zangada pelo que estava prestes a fazer. Ele podia ouvir a voz de Lil, todos os antigos argumentos...

Mas a decisão lhe cabia, e ele a tinha tomado. Afinal de contas, ele era que começara tudo aquilo. Mesmo sem querer, tinha dado o passo que os colocou neste caminho e era sua obrigação esclarecer as coisas. Os segredos tinham a tendência de ser revelados, e era melhor, sem dúvida, que ela soubesse a verdade por seu intermédio.

Ele segurou as mãos de Nell e beijou-as. Apertou-as com força, os dedos macios contra suas palmas calejadas de trabalho.

Sua filha. A primeira.

Ela sorriu para ele, radiante no seu delicado vestido de renda.

Ele também sorriu.

Depois, levou-a para sentar-se ao seu lado num tronco de árvore caído e se inclinou para cochichar em seu ouvido. Transferiu o segredo que ele e a mãe tinham guardado por dezessete anos. Esperou pelo lampejo de compreensão, pela mudança de expressão quando ela registrasse o que ele estava dizendo. Observou o mundo dela cair e a pessoa que tinha sido a vida inteira desaparecer em um segundo.

Brisbane, 2005

Havia vários dias que Cassandra não saía do hospital, embora o médico tivesse pouca esperança de que sua avó fosse recuperar a lucidez. Não era provável, ele tinha dito, não na idade dela, não com aquela quantidade de morfina no organismo.

A enfermeira da noite estava lá de novo, então Cassandra percebeu que não era mais dia. A hora exata ela não sabia. Era difícil dizer ali: as luzes do saguão estavam sempre acesas, uma televisão podia ser ouvida o tempo todo, embora nunca vista, carrinhos passavam o tempo todo pelo corredor, não importava a hora. Era uma ironia que um lugar que se baseava tanto em rotina funcionasse tão alheio aos ritmos normais do tempo.

Mesmo assim, Cassandra esperou. Vigiaando, confortando, enquanto Nell se afogava num mar de lembranças e emergia para respirar, uma e outra vez, em épocas mais antigas de sua vida. Não suportava pensar que sua avó pudesse contrariar as probabilidades e voltar para o presente, só para se ver flutuando do lado de fora da vida, sozinha.

A enfermeira trocou o soro, girou um botão na máquina atrás da cama, depois começou a esticar os lençóis.

– Ela não bebeu nada – Cassandra disse, sua voz soando estranha aos próprios ouvidos. – O dia inteiro.

A enfermeira ergueu os olhos, espantada ao ouvir alguém falar com ela. Olhou por cima dos óculos para a cadeira onde Cassandra estava sentada, com uma manta azul esverdeada no colo.

– Você me assustou – disse. – Esteve aqui o dia inteiro, não foi? Provavelmente para o seu bem, não deve demorar muito.

Cassandra ignorou as implicações daquela afirmação.

– Não é melhor dar alguma coisa para ela beber? Ela deve estar com sede.

A enfermeira dobrou o lençol e o ajeitou sob os braços finos de Nell.

– Ela está bem. O soro cuida disso. – Checou alguma coisa no prontuário de Nell e disse, sem erguer os olhos. – Tem um lugar para fazer chá no final do corredor, se você quiser.

A enfermeira saiu e Cassandra viu que os olhos de Nell estavam abertos, olhando fixamente para ela.

– Quem é você? – Disse, a voz frágil.

– Sou eu, Cassandra.

Confusão.

– Eu conheço você?

O médico previra isso, mas, mesmo assim, doeu.

– Sim, Nell.

Nell olhou para ela, com seus olhos de um cinza aguado. Ela piscou, confusa.

– Não consigo me lembrar...

– Shhh... Está tudo bem.

– Quem sou eu?

– Seu nome é Nell Andrews – Cassandra disse, segurando a mão dela. – Você tem noventa e cinco anos. Mora numa velha casa em Paddington.

Os lábios de Nell estavam tremendo – ela estava se concentrando, tentando compreender as palavras.

Cassandra pegou um lenço de papel na mesinha de cabeceira e limpou delicadamente a saliva do queixo de Nell.

– Você tem um estande no centro de antiguidades em Latrobe Terrace – continuou suavemente. – Você e eu trabalhamos juntas, vendemos coisas antigas.

– Eu conheço você – Nell disse baixinho. – Você é filha de Lesley.

Cassandra ficou surpresa. Raramente falavam na mãe, nem durante a infância de Cassandra, nem nos dez anos depois que ela voltou e foi morar no apartamento embaixo da casa de Nell. Era um acordo tácito

não revisitar um passado que ambas, por diferentes razões, preferiam esquecer.

Nell levou um susto. Seus olhos assustados examinaram o rosto de Cassandra.

– Onde está o rapaz? Não aqui, espero. Ele está aqui? Não quero que ele toque nas minhas coisas, que as estrague.

Cassandra sentiu uma tonteira.

– Minhas coisas são preciosas. Não deixe que ele chegue perto delas.

Cassandra recuperou a voz e falou, gaguejando.

– Não... não, não vou deixar. Não se preocupe, Nell. Ele não está aqui.

Mais tarde, quando a avó tornou a perder a consciência, Cassandra refletiu sobre a cruel capacidade da mente em recordar fragmentos do passado. Por que, ao se aproximar do fim, a cabeça da sua avó soava com as vozes de pessoas havia tanto tempo desaparecidas? Seria sempre assim? As pessoas com passagem reservada no navio silencioso da morte sempre examinavam o cais à procura dos rostos daqueles que já tinham partido?

Cassandra deve ter dormido porque, quando se deu conta, a dinâmica do hospital tinha mudado de novo. Tinham entrado mais fundo no túnel da noite. As luzes do corredor tinham sido diminuídas, o som de pessoas adormecidas a cercava. Ela estava esparramada na cadeira, com o pescoço duro e os tornozelos gelados, fora da manta. Era tarde, e estava cansada. O que a tinha acordado?

Nell. Sua respiração estava ruidosa. Ela estava acordada. Cassandra se aproximou rapidamente da cama, tornou a se sentar ao seu lado. Na luz fraca, os olhos de Nell estavam vidrados, pálidos e embaçados como água suja de tinta. Da sua boca, saía um frágil fio de voz. A princípio, Cassandra não conseguiu ouvir, achou que seus lábios estavam se movendo ao redor de palavras pronunciadas muito tempo atrás. Então, percebeu que Nell estava falando.

– A dama – ela dizia. – A dama disse para esperar...

Cassandra acariciou a testa quente de Nell, alisou as mechas macias de cabelo que antes brilhavam como fios de prata. A dama de novo.

– Ela não vai se importar – ela disse. – A dama não vai se importar se você for embora.

Os lábios de Nell se crisparam, depois tremeram.

– Eu não devo sair daqui. Ela disse para esperar, aqui no navio. – A voz dela era um sussurro. – A dama... a Autora... Não conte a ninguém.

– Shhh – disse Cassandra. – Eu não vou contar a ninguém, Nell. Não vou contar à dama. Você pode ir.

– Ela disse que ia voltar para me buscar, mas eu saí. Não fiquei onde ela mandou.

A respiração da sua avó estava ofegante, ela estava entrando em pânico.

– Por favor, não se preocupe, Nell. Tudo vai ficar bem. Eu prometo.

A cabeça de Nell tombou para o lado.

– Eu não posso ir... Eu não devia... A dama...

Cassandra apertou o botão para pedir ajuda, mas nenhuma luz se acendeu sobre a cama. Ela hesitou, ouviu passos apressados no corredor. As pálpebras de Nell estavam tremendo, ela estava indo embora.

– Vou chamar uma enfermeira...

– Não! – Nell estendeu a mão, tentando segurar Cassandra. – Não me deixe!

Ela estava chorando. Lágrimas silenciosas, brilhando no rosto pálido.

Os olhos de Cassandra encheram-se de lágrimas.

– Está tudo bem, vovó. Vou pedir ajuda. Vou voltar logo, eu prometo.

Brisbane, 2005

A casa parecia saber que sua dona tinha partido e, mesmo que não lamentasse exatamente a sua morte, mantinha-se num silêncio obstinado. Nell nunca gostou muito de gente e de festas (e os camundongos da cozinha eram mais barulhentos do que a neta), então a casa estava acostumada com uma existência sossegada, sem barulho nem confusão. Por isso foi um grande choque quando as pessoas chegaram sem avisar, começaram a andar pela casa e pelo jardim, derramando chá e migalhas. Enfiada na encosta, atrás do enorme centro de antiguidades, a casa suportava estoicamente esta indignidade.

As tias tinham organizado tudo, é claro. Cassandra teria passado sem aquilo, teria preferido homenagear a avó reservadamente, mas as tias não quiseram saber. É claro que Nell tinha que ter um velório, disseram. A família ia querer prestar suas homenagens, bem como os amigos. E, além disso, era o costume.

Cassandra não era páreo para tão cândida certeza. Em outra época, teria argumentado, mas não agora. Além disso, as tias eram uma força irresistível, cada uma possuía uma energia que desafiava a idade (até a mais moça, tia Hettie, tinha mais de oitenta anos). Então Cassandra afastou seus receios, resistindo ao impulso de apontar a ausência de amigos de Nell, e realizando as tarefas que lhe tinham sido impostas: arrumar as xícaras, procurar talheres de bolo, arrumar as coisas de Nell para que os primos tivessem onde sentar. E deixou que as tias assumissem o papel de anfitriãs, com toda a pompa e presunção.

Elas não eram tias de verdade de Cassandra, é claro. Eram as irmãs mais moças de Nell, tias da mãe de Cassandra. Mas Lesley nunca ligara muito para elas, e as tias a tinham prontamente substituído por Cassandra.

Cassandra pensou que talvez a mãe fosse ao enterro, chegando ao crematório no meio da cerimônia, parecendo trinta anos mais moça do que era, atraindo olhares de admiração como sempre fazia. Bela, jovem e totalmente indiferente.

Mas ela não fora. Mandaria um cartão, Cassandra pensou, com uma imagem vagamente adequada à ocasião. Com uma letra grande e desenhada que chamava atenção e, no fim, muitos beijos. Daquele tipo que não dá trabalho, uma linha cruzada por outra.

Cassandra mergulhou as mãos na pia e espalhou um pouco mais as coisas.

– Bem, acho que tudo correu esplendidamente – disse Phyllis, a mais velha depois de Nell e a mais mandona. – Nell teria gostado.

Cassandra fitou-a de lado.

– Quer dizer – Phyllis continuou, fazendo uma pequena pausa enquanto enxugava a louça –, ela teria gostado depois que parasse de dizer que não queria nada disso. – De repente, ficou maternal. – E quanto a você? Como você está?

– Eu estou bem.

– Você está magra. Está comendo direito?

– Três vezes por dia.

– Você podia engordar um pouco. Venha tomar um lanche amanhã à noite, vou convidar a família, preparar aquela torta.

Cassandra não discutiu.

Phyllis contemplou a velha cozinha, reparando na tampa torta do fogão.

– Você não fica com medo, aqui sozinha?

– Não, com medo não.

– Solitária, entretanto – disse Phyllis, franzindo o nariz com extravagante comiseração. – É claro que sim. É natural, você e Nell faziam muita companhia uma à outra, não é? – Sem esperar pela confirmação, pôs a mão com manchas de velhice no braço de Cassandra e continuou animadamente. – Você vai ficar bem e eu vou dizer por quê. É sempre triste perder alguém que você ama, mas não é

tão ruim quando a pessoa é mais velha. É a ordem natural das coisas. É muito pior quando se trata de alguém jovem – ela parou no meio da frase, com os ombros tensos e o rosto vermelho.

– Sim – Cassandra disse depressa –, é claro que sim. – Ela parou de lavar as xícaras e se inclinou para observar pela janela da cozinha o quintal dos fundos. A espuma deslizava pelos seus dedos, por cima da aliança de ouro que ainda usava. – Preciso fazer uma limpeza nas plantas. Se eu não tomar cuidado, os capuchinhos vão cobrir o caminho.

Phyllis aproveitou agradecida a mudança de assunto.

– Vou mandar o Trevor aqui para ajudar. – Ela apertou mais o braço de Cassandra. – Sábado que vem está bom?

Então tia Dot apareceu, trazendo outra bandeja de xícaras sujas. Colocou-as na bancada e passou as costas da mão na testa.

– Finalmente – disse, piscando os olhos na direção de Cassandra e Phyllis por trás dos óculos de lentes muito grossas. – Estas são as últimas. – Olhou para dentro de uma caixa redonda de bolo. – Estou faminta.

– Ora, Dot – Phyllis disse, aproveitando a oportunidade para passar do incômodo à repreensão –, você acabou de comer.

– Já faz uma hora.

– Com o seu problema de vesícula? Achei que você estava cuidando do peso.

– Eu estou – disse Dot, esticando-se e pondo as duas mãos na cintura volumosa. – Já perdi quatro quilos desde o Natal. – Ela tornou a fechar a tampa de plástico e parou no olhar desconfiado de Phyllis. – Perdi, sim.

Cassandra disfarçou um sorriso e continuou a lavar as xícaras. Phyllis e Dot eram igualmente redondas, todas as tias eram. Tinham saído à mãe, e a mãe tinha saído à mãe dela. Nell era a única que tinha escapado à maldição da família, que tinha puxado ao pai irlandês, magro e alto. Elas sempre chamavam atenção quando estavam juntas: Nell, alta e magra, com suas irmãs gorduchas.

Phyllis e Dot ainda estavam trocando farpas, e Cassandra sabia por experiência que, se não as distraísse, a discussão ia esquentar até que uma delas (ou ambas) atirasse longe o pano de prato e fosse embora para casa, furiosa. Já tinha visto isso acontecer antes, mas nunca se acostumara com o modo pelo qual algumas frases, alguns olhares, eram capazes de reavivar um desentendimento iniciado tantos anos antes. Sendo filha única, Cassandra achava, ao mesmo tempo, fascinantes e aterrorizantes os meandros da interação entre irmãos. Felizmente, as outras tias já tinham sido levadas embora por suas respectivas famílias e não podiam mais dar suas contribuições.

Cassandra pigarreou.

– Sabe, há uma coisa que quero perguntar. – Falou um pouco mais alto; já estava quase conseguindo atrair a atenção delas. – Sobre Nell. Uma coisa que ela disse no hospital.

Phyllis e Dot se viraram ao mesmo tempo, com os rostos igualmente vermelhos. A referência à irmã pareceu acalmá-las. Pareceu lembrar-lhes por que estavam ali, enxugando xícaras de chá.

– Alguma coisa a respeito de Nell? – disse Phyllis.

Cassandra assentiu.

– No hospital, já quase morrendo, ela falou sobre uma mulher. A dama, ela disse, a Autora. Ela parecia achar que estavam em um barco.

Phyllis apertou os lábios.

– A mente dela estava divagando, não sabia o que estava dizendo. Provavelmente algum personagem de um programa de televisão a que tinha assistido. Não havia uma série que se passava num barco?

– Ah, Phyll – Dot disse, sacudindo a cabeça.

– Eu me lembro dela falando a respeito disso...

– Ora, Phyll – Dot disse. – Nellie morreu. Não há mais necessidade disso.

Phyllis cruzou os braços e resmungou, indecisa.

– Devíamos contar a ela – Dot disse, delicadamente. – Não vai fazer nenhum mal agora.

– Contar-me o quê? – Cassandra olhou para elas. Tinha tocado no assunto para evitar outra briga familiar; não imaginara ouvir aquelas estranhas insinuações. As tias estavam tão focadas uma na outra, que pareciam ter esquecido sua presença. – Contar-me o quê? – insistiu.

Dot ergueu as sobrancelhas para Phyllis.

– É melhor saber por nós do que descobrir de outro jeito.

Phyllis assentiu quase imperceptivelmente, olhou para Dot e sorriu secamente. O segredo compartilhado as tornava aliadas outra vez.

– Tudo bem, Cass. É melhor você se sentar – disse, finalmente. – Você pode pôr a chaleira no fogo, Dot querida? Preparar um chá para nós?

Cassandra foi para a sala com Phyllis e se sentou no sofá de Nell. Phyllis ajustou seu amplo traseiro na outra ponta e examinou um fio solto no tecido.

– É difícil saber por onde começar. Já faz tanto tempo que não penso nisso tudo.

Cassandra estava perplexa. Nisso tudo o quê?

– Vou contar o nosso grande segredo de família. Toda família tem um, pode ter certeza, só que alguns são maiores do que outros. – Ela franziu a testa, olhando para a cozinha. – Por que será que Dot está demorando tanto? Ela é lenta como uma semana chuvosa.

– Do que se trata, Phyll?

Ela suspirou.

– Prometi a mim mesma que nunca contaria a ninguém. Isso já causou muita divisão na nossa família. Gostaria que papai não tivesse dito nada. Ele achou que estava fazendo a coisa certa, o pobrezinho.

– O que foi que ele fez?

Se Phyllis ouviu, não demonstrou. Esta era a sua história e ia contá-la do seu jeito e no seu ritmo.

– Nós éramos uma família feliz. Não tínhamos muita coisa, mas éramos felizes. Mamãe, papai e nós, as meninas. Nellie era a mais velha, como você sabe, depois houve um intervalo de mais ou menos uma década por causa da Grande Guerra, depois viemos nós. – Ela

sorriu. – Você pode não acreditar, mas, na época, Nellie era a alma da família. Nós todas a adorávamos; achávamos, principalmente as mais moças, que ela era uma espécie de mãe, especialmente depois que mamãe ficou doente. Nell tomou conta de mamãe com muito carinho.

Cassandra podia imaginar Nell fazendo isso, mas imaginar que sua avó tão irritadiça fosse a alma da família... – O que foi que aconteceu?

– Durante muito tempo nenhuma de nós sabia. Nell quis assim. Tudo mudou na família e nenhuma de nós entendeu por quê. Nossa irmã mais velha mudou completamente, pareceu ter deixado de nos amar. Não da noite para o dia, não foi assim tão dramático. Ela simplesmente se fechou, aos poucos, afastou-se de nós. Um verdadeiro mistério, uma coisa dolorosa, e papai não tocava no assunto, por mais que perguntássemos.

– Foi o meu marido, que Deus o tenha, quem finalmente nos esclareceu. Não intencionalmente, fique sabendo; ele não tinha a intenção de descobrir o segredo de Nell. Mas ele desejou desencavar a história da família. Resolveu fazer uma árvore genealógica quando o nosso Trevor nasceu. No mesmo ano em que a sua mãe, em 1947. – Ela fez uma pausa e olhou atentamente para Cassandra, como que esperando para ver se ela tinha intuído o que estava por vir. Ela não tinha.

– Um dia, ele entrou na minha cozinha, eu me lembro como se fosse hoje, e disse que não tinha encontrado nenhuma referência ao nascimento de Nellie no cartório. – É claro que não – eu disse. – Nellie nasceu em Maryborough, antes de a família se mudar para Brisbane. – Doug então disse que pensava nisso a princípio, mas que, quando fez uma consulta a Maryborough, eles disseram não haver ali nenhum registro. – Phyllis olhou significativamente para Cassandra. – Quer dizer, Nell não existia. Pelo menos, oficialmente.

Cassandra ergueu os olhos quando Dot veio da cozinha e lhe entregou uma xícara de chá.

– Eu não estou entendendo.

– É claro que não, docinho – Dot disse, sentando-se na poltrona ao lado de Phyllis. – E, durante muito tempo, nenhuma de nós entendeu. – Ela sacudiu a cabeça e suspirou. – Até falarmos com June. No casamento de Trevor, não foi, Phyllis?

Phyllis assentiu.

– Sim, em 1975. Eu estava furiosa com Nell. Nós tínhamos perdido papai recentemente, e ali estava o meu filho mais velho se casando, o sobrinho de Nellie, e ela nem apareceu. Preferiu sair de férias. Foi isso que me levou a falar com June. Não me importo de dizer que estava falando cobras e lagartos de Nell.

Cassandra estava confusa, nunca tinha conseguido acompanhar bem a complexa rede de amigos e parentes.

– Quem é June?

– Uma de nossas primas – disse Dot – do lado de mamãe. Você deve tê-la conhecido em alguma ocasião. Ela era mais ou menos um ano mais velha que Nell, e as duas eram unha e carne quando meninas.

– Elas deviam ser muito amigas – disse Phyllis, ressentida. – June foi a única pessoa para quem Nell contou quando tudo aconteceu.

– Quando aconteceu o quê? – disse Cassandra.

Dot inclinou-se para frente.

– Papai contou a Nell.

– Papai contou a Nell o que jamais deveria ter contado – Phyllis disse depressa. – Achou que estava fazendo a coisa certa, pobre homem. Arrependeu-se pelo resto da vida, as coisas nunca mais foram as mesmas entre eles.

– E ele sempre gostou mais de Nell.

– Ele nos amava a todas – Phyllis respondeu, zangada.

– Ah, Phyll – Dot disse, revirando os olhos. – Até hoje, você não consegue admitir isso. Nell era a favorita dele, pura e simplesmente. Uma ironia, aliás.

Phyllis não respondeu, então Dot, louca para tomar as rédeas, continuou.

– Aconteceu na noite do vigésimo primeiro aniversário dela – ela disse. – Depois da festa.

– Não foi depois da festa – disse Phyllis –, foi durante. – Ela se virou para Cassandra: – E ele deve ter achado que era a hora perfeita para lhe contar, já que ela estava iniciando uma nova vida e tudo o mais. Ela estava noiva, você sabe. Não do seu avô, de outro homem.

– É mesmo? – Cassandra ficou surpresa. – Ela nunca disse nada.

– O amor da vida dela, na minha opinião. Um rapaz local, não como Al.

Phyllis pronunciou o nome com um ar de desprezo. Não era segredo que as tias desaprovaram o marido americano de Nell. Não era nada pessoal, era só o desagrado de cidadãos descontentes com a chegada a Brisbane, durante a Segunda Guerra Mundial, de militares com mais dinheiro e uniformes tão elegantes, que conquistavam boa parte das mulheres locais.

– Então o que aconteceu? Por que ela não se casou com ele?

– Ela rompeu o noivado alguns meses depois da festa – disse Phyllis. – Foi um transtorno. Nós todas gostávamos tanto de Danny, e isso partiu o coração dele, pobrezinho. Ele acabou se casando com outra, pouco antes da Segunda Guerra. Mas isso não lhe trouxe muita felicidade, ele morreu combatendo os japoneses.

– O pai de Nell lhe disse para não se casar com ele? – Cassandra perguntou. – Foi isso o que ele lhe disse naquela noite? Para não se casar com Danny?

– Dificilmente – Dot respondeu. – Papai era louco por Danny. Nenhum de nossos maridos jamais chegou aos pés dele.

– Então por que ela terminou com ele?

– Ela não quis dizer, nem mesmo a ele. Quase nos deixou loucas tentando entender – disse Phyllis. – Tudo o que sabíamos era que Nell se recusava a falar com papai e que se recusava a falar com Danny.

– Até Phyllis conversar com June – disse Dot.

– Quase quarenta e cinco anos depois.

– O que foi que June disse? – Cassandra perguntou. – O que foi que aconteceu na festa?

Phyllis tomou um gole de chá e ergueu as sobrancelhas na direção de Cassandra.

– Papai contou a Nell que ela não era filha dele e de mamãe.

– Ela era adotada?

As tias trocaram um olhar.

– Não exatamente – disse Phyllis.

– Ela foi encontrada – disse Dot.

– Levada.

– Guardada.

Cassandra franziu a testa.

– Encontrada onde?

– No cais de Maryborough – disse Dot. – Onde os grandes navios chegavam, vindos da Europa. Agora não chegam mais lá, é claro, existem portos muito maiores, e a maioria das pessoas, hoje em dia, viaja de avião.

– Papai a encontrou – Phyllis interrompeu. – Quando ela era bem pequena. Foi pouco antes do início da Grande Guerra. As pessoas deixavam a Europa aos borbotões e nós ficávamos felizes em recebê-las aqui na Austrália. Papai era o encarregado do porto na época, era obrigação dele certificar-se de que os viajantes eram mesmo quem diziam ser, que tinham chegado realmente ao seu destino. Alguns nem sabiam falar inglês.

– Pelo que sei, uma tarde, houve uma certa confusão. Um navio aportou depois de uma viagem complicada da Inglaterra até aqui. Tifo, infecções, insolação, aconteceu de tudo, e, quando o navio chegou, havia malas e pessoas não identificadas. Foi uma grande dor de cabeça. Papai conseguiu resolver tudo, é claro, ele sempre foi muito bom em manter as coisas em ordem; mas esperou mais um pouco para se certificar e para comunicar ao vigia da noite tudo o que tinha acontecido, para explicar por que havia malas extras no escritório. Foi enquanto esperava, que notou que alguém ficara no cais. Uma

meninazinha, de no máximo quatro anos, sentada sobre uma mala de criança.

– Não havia ninguém por perto – Dot disse, sacudindo a cabeça. – Ela estava sozinha.

– Papai tentou descobrir quem ela era, é claro, mas ela não lhe contou. Disse que não sabia, que não se lembrava. E não havia nenhuma etiqueta na mala, nada lá dentro que pudesse ajudar, até onde ele pôde ver. Já era muito tarde, estava escurecendo, o tempo estava virando. Papai sabia que ela devia estar com fome, então resolveu que não havia nada a fazer a não ser levá-la para casa com ele. O que mais poderia fazer? Não podia deixá-la ali no cais, na chuva, a noite inteira, podia?

Cassandra sacudiu a cabeça, tentando conciliar a meninazinha cansada e solitária da história de Phyllis com a Nell que conhecera.

– Como June contou, no dia seguinte, ele voltou ao trabalho esperando encontrar parentes em pânico, polícia, uma investigação.

– Mas nada aconteceu – disse Dot. – Os dias se passaram e nada aconteceu, ninguém disse nada.

– Foi como se ela não tivesse deixado nenhum rastro. Eles tentaram descobrir quem ela era, é claro, mas, com tanta gente chegando todos os dias... Havia tanta papelada. Era tão fácil alguma coisa se perder...

– Ou alguém.

Phyllis suspirou.

– Então eles ficaram com ela.

– O que mais podiam fazer?

– E a deixaram pensar que era da família.

– Uma de nós.

– Até ela fazer vinte e um anos – disse Phyllis. – Então, papai decidiu que ela devia saber a verdade. Que era uma enjeitada que só tinha uma mala de criança para identificá-la.

Cassandra ficou ali sentada em silêncio, tentando absorver esta informação. Segurou a xícara de chá com as duas mãos.

– Ela deve ter se sentido tão só.

– Com certeza – disse Dot. – A viagem inteira sozinha. Semanas e semanas naquele navio enorme, terminando num cais vazio.

– E todo o tempo depois.

– Como assim? – Dot disse, franzindo a testa.

Cassandra apertou os lábios. O que foi que ela quis dizer com isso? Dissera aquilo num impulso. A certeza da solidão da avó. Como se, naquele instante, tivesse vislumbrado um aspecto importante de Nell que jamais conhecera. Ou melhor, como se entendesse de repente um aspecto de Nell que conhecia muito bem. Seu isolamento, sua independência, sua irritação.

– Ela deve ter se sentido tão só quando percebeu que não era quem achava que era.

– Sim – disse Phyllis, surpresa. – Tenho que admitir que não percebi logo isso. Quando June me contou, não vi por que isso mudava tanto assim as coisas. Não conseguia compreender por que Nell tinha deixado que isso a afetasse tanto. Mamãe e papai a amavam, e nós adorávamos nossa irmã mais velha; ela não poderia ter tido uma família melhor. – Ela se inclinou sobre o braço do sofá, com a cabeça apoiada na mão, e esfregou a têmpora, fatigada. – Com o passar do tempo, entretanto, comecei a entender; isso acontece, não é? Percebi que essas coisas são importantes. Você sabe, família, sangue, o passado... são as coisas que nos fazem ser o que somos, e papai tirou isso de Nell. Ele não teve essa intenção, mas foi o que fez.

– Nell deve ter ficado aliviada quando vocês finalmente souberam – disse Cassandra. – Isso deve ter facilitado um pouco as coisas.

Phyllis e Dot trocaram um olhar.

– Você contou a ela que tinha descoberto?

Phyllis franziu a testa.

– Eu quase contei, diversas vezes, mas nunca consegui encontrar as palavras certas, não consegui fazer isso com Nell. Ela fizera tanta questão de esconder isso de nós, tinha reconstruído toda a sua vida em torno de um segredo, tinha se esforçado tanto para guardá-lo só para ela. Pareceu... não sei... quase cruel derrubar aquela muralha. Seria

como tirar o chão de baixo dela uma segunda vez. – Ela sacudiu a cabeça. – Mas talvez isso seja uma bobagem. Nell era feroz quando queria, talvez eu não tenha tido coragem, só isso.

– Não tem nada a ver com coragem ou falta de coragem – Dot disse com firmeza. – Nós todas concordamos em que era melhor assim. Nell queria que fosse assim.

– Acho que você tem razão – disse Phyllis. – Mesmo assim, dá para pensar. Não faltaram oportunidades; por exemplo, quando Doug trouxe a mala para nós.

– Pouco antes de papai morrer – Dot explicou para Cassandra –, ele mandou o marido de Phyllis levar a mala para Nell. Não deu nenhuma explicação. Papai era assim, tão bom quanto Nell para guardar segredos. Tinha guardado a mala por todos aqueles anos. Ainda estava tudo lá dentro, como quando a encontrara.

– Engraçado – disse Phyllis. – Assim que vi a mala naquele dia, eu pensei na história que June tinha contado. Sabia que devia ser a mala que papai tinha achado com Nell no cais, tantos anos antes, embora, durante todo o tempo em que estive no fundo do depósito de papai, eu nunca lhe tenha dado importância. Não a liguei a Nell e suas origens. Se alguma vez reparei nela, foi para imaginar por que mamãe e papai tinham uma mala tão engraçada. De couro branco com fivelas prateadas. Pequenina, do tamanho de uma criança...

E, embora Phyllis continuasse a descrever a mala, não precisaria tê-lo feito, porque Cassandra sabia exatamente como ela era.

E o que é mais: sabia o que continha.

Brisbane, 1976

Cassandra adivinhou para onde estavam indo assim que sua mãe abriu o vidro e disse ao atendente do posto de gasolina para “encher o tanque”. O homem disse alguma coisa e a mãe riu como uma adolescente. Ele piscou para Cassandra antes de deslizar o olhar pelas longas pernas bronzeadas de sua mãe, que usava um short jeans bem curto. Cassandra estava acostumada com os homens lançando olhares de admiração para sua mãe e não ligou. Virou o rosto para olhar pela sua própria janela e pensou em Nell, sua avó. Pois era para lá que estavam indo. O único motivo que levava sua mãe a colocar mais de cinco dólares de gasolina no carro era a viagem de uma hora pela Southeast Freeway até Brisbane.

Cassandra sempre sentiu um grande respeito por Nell. Só a tinha visto cinco vezes antes (até onde conseguia lembrar), mas Nell não era o tipo de pessoa que alguém esquecia facilmente. Para começar, era a pessoa mais velha que Cassandra já tinha visto na vida real. E não sorria como as outras pessoas, o que a fazia parecer muito imponente e um tanto assustadora. Lesley não falava muito em Nell, mas, uma vez, quando Cassandra estava deitada na cama e sua mãe estava brigando com o namorado anterior a Len, tinha ouvido Nell ser chamada de bruxa, e, embora Cassandra já não acreditasse mais em magia na época, esta imagem não lhe saiu da cabeça.

Nell *parecia* mesmo uma bruxa. Seu longo cabelo prateado enrolado num coque na altura da nuca, a casa estreita de madeira na encosta da montanha em Paddington, com sua pintura descascada, amarelo-limão, e seu jardim de vegetação abundante, e os gatos da vizinhança que a seguiam por toda parte. O modo como olhava fixamente para você, como se fosse lançar um feitiço.

Elas desceram a rua Logan com as janelas abertas e Lesley cantava junto com o rádio – a nova canção do ABBA que estava sempre em *Countdown*. Depois de cruzar o rio Brisbane, passaram por fora do centro da cidade e atravessaram Paddington com seus chalés de ferro corrugado incrustados nas montanhas. Perto de Latrobe Terrace, descendo uma ladeira íngreme e no meio de uma rua estreita, ficava a casa de Nell.

Lesley estacionou o carro e desligou o motor. Cassandra continuou sentada, com o sol quente entrando pelo vidro da frente e batendo em suas pernas, a parte de trás dos joelhos grudada no banco forrado de plástico. Ela saltou do carro junto com a mãe e ficou ao lado dela na calçada, olhando para cima, involuntariamente, para a casa alta, revestida de madeira.

Um caminho estreito, de cimento, levava até a casa. Havia uma porta no final, mas alguém, anos antes, tinha fechado a escadaria, obscurecendo a entrada, e Lesley disse que ninguém jamais a utilizava. Nell preferia assim, acrescentou: impedia as pessoas de aparecerem inesperadamente, achando que eram bem-vindas. As calhas eram velhas e frouxas, e, no meio delas, havia um buraco rodeado de ferrugem que devia deixar cair uma grande quantidade de água quando chovia. Mas hoje não havia sinal de chuva, Cassandra pensou, enquanto uma brisa quente fazia soar o carrilhão.

– Cristo, Brisbane é um buraco fedorento – Lesley disse, olhando por cima dos seus enormes óculos escuros e sacudindo a cabeça. – Graças a Deus dei o fora daqui.

Um barulho no fim da passagem. Um gato cor de caramelo olhava fixamente para as recém-chegadas com uma expressão de desagrado. Um rangido no portão, depois passos. Uma figura alta, de cabelos prateados, apareceu ao lado do gato. Cassandra prendeu a respiração. Nell. Era como ficar cara a cara com um produto da sua imaginação.

Elas ficaram paradas, observando-se mutuamente. Ninguém disse nada. Cassandra teve a estranha sensação de estar testemunhando um misterioso ritual de adultos que não era capaz de entender. Estava

imaginando por que continuavam ali paradas, quem iria tomar a iniciativa, quando Nell quebrou o silêncio.

– Achei que tínhamos combinado que, no futuro, você ligaria antes.

– Também estou feliz em vê-la, mamãe.

– Estou separando caixas para um leilão. Está tudo espalhado, não há espaço para sentar.

– Nós daremos um jeito. – Lesley apontou para Cassandra. – Sua neta está com sede, está muito quente aqui fora.

Cassandra sentiu um desconforto e olhou para o chão. Havia algo estranho no comportamento da mãe, um nervosismo a que não estava habituada e não conseguia entender. Ouviu a avó soltar o ar lentamente.

– Tudo bem então – disse Nell. – É melhor vocês entrarem.

Nell não tinha exagerado quanto à bagunça. O chão estava coberto de jornais amassados, montes de jornais. Sobre a mesa, uma ilha no meio de um mar de jornais, havia inúmeras peças de porcelana, vidro e cristal. Bibelôs, Cassandra pensou, satisfeita por se lembrar da palavra.

– Vou pôr a chaleira no fogo – Lesley disse, indo para o outro lado da cozinha.

Nell e Cassandra ficaram sozinhas e Nell olhou para Cassandra com aquele seu jeito misterioso.

– Você cresceu – disse. – Mas ainda está muito magra.

Era verdade, as crianças da escola estavam sempre lhe dizendo isso.

– Eu era magra como você – disse Nell. – Sabe como o meu pai costumava me chamar?

Cassandra sacudiu os ombros.

– Pernas sortudas. Sortudas porque não se partiam ao meio. – Nell começou a tirar xícaras de chá de ganchos presos num armário antigo. – Chá ou café?

Cassandra sacudiu a cabeça, escandalizada. Pois, embora tivesse feito dez anos em maio, ainda era pequena e não estava acostumada a adultos lhe oferecerem bebidas de adultos.

– Não tenho suco de fruta nem refrigerante – Nell avisou –, nem nada dessas coisas.

Ela encontrou a língua.

– Eu gosto de leite.

Nell piscou o olho para ela.

– Está na geladeira, tenho bastante leite para os gatos. A garrafa deve estar escorregando, não deixe que caia no chão.

Quando o chá foi servido, a mãe de Cassandra lhe disse para brincar lá fora. O dia estava bonito demais para ficar presa dentro de casa. Vovó Nell acrescentou que podia brincar debaixo da casa, mas que não devia mexer em nada. E que não podia entrar, de jeito nenhum, no apartamento do andar de baixo.

Era uma daquelas terríveis ondas de calor em que os dias parecem se suceder sem intervalo entre eles. Os ventiladores só fazem movimentar o ar quente, as cigarras são ensurdecedoras, respirar é um esforço e não há nada a fazer, exceto ficar deitado esperando passar janeiro e fevereiro, as tempestades de março chegarem e, finalmente, os primeiros ventos de abril.

Mas Cassandra não sabia disso. Ela era uma criança e tinha a energia infantil para enfrentar o clima. Fechou a porta de tela e foi para o quintal. Flores de jasmim tinham caído e estavam assando no chão, pretas, secas e murchas. Ela foi pisando nelas. Sentiu um certo prazer ao ver as manchas no cimento.

Sentou-se no banquinho de ferro na clareira que havia no alto e olhou para baixo, para o estranho jardim da sua misteriosa avó, para a casa lá embaixo. Imaginava o que a mãe e a avó estariam conversando, por que elas tinham ido lá hoje, mas, por mais que refletisse, não conseguia encontrar as respostas.

Passado algum tempo, ela se distraiu com o jardim. Suas perguntas ficaram esquecidas e começou a colher pequenas bagas enquanto um gato preto observava de longe, fingindo desinteresse. Quando juntou uma boa coleção, Cassandra subiu no galho mais baixo da mangueira,

segurando cuidadosamente as bagas, e começou a estourá-las, uma por uma. Apreciou a sensação das sementes frias e gosmentas entre os dedos, a surpresa do gato quando uma baga caiu entre suas patas, seu entusiasmo ao pensar que se tratava de um gafanhoto.

Depois de estourar todas, Cassandra limpou as mãos no short e olhou em volta. Do outro lado da cerca de arame, havia um enorme prédio branco, retangular. Era o teatro de Paddington, Cassandra sabia, embora estivesse fechado agora. Em algum lugar ali perto, sua avó tinha uma loja de artigos usados. Cassandra estivera lá uma vez, em outra das visitas inesperadas de Lesley a Brisbane. Nell ficara com ela, enquanto sua mãe saía para se encontrar com alguém.

Nell a tinha deixado polir um aparelho de chá de prata. Cassandra tinha gostado disso, do cheiro de Silvo, de ver o pano ficar preto e o bule, brilhante. Nell até explicou algumas das marcações – leão para libra esterlina, cabeça de leopardo para Londres, uma letra para o ano em que tinha sido fabricado. Era como um código secreto. Cassandra tinha feito uma busca em casa depois, na esperança de encontrar alguma coisa de prata para polir e decodificar para Lesley. Mas não tinha encontrado nada. Esquecera-se, até agora, do quanto gostava daquela tarefa.

À medida que o dia foi passando e as folhas da mangueira começaram a murchar com o calor e o canto das pegas ficava preso em suas gargantas, Cassandra começou a caminhar de volta pelo caminho do jardim. Mamãe e Nell ainda estavam na cozinha – podia ver suas silhuetas pela tela – então continuou, dando a volta até o outro lado. Havia uma grande porta de correr de madeira e, quando puxou a maçaneta, a porta se abriu, revelando a área fresca e escura debaixo da casa.

O escuro contrastava com a claridade do lado de fora, de modo que foi como entrar num outro mundo. Cassandra sentiu uma descarga de excitação ao entrar e percorrer o espaço. Era um espaço amplo, mas Nell tinha feito o possível para enchê-lo. Caixas de todos os tamanhos e formas estavam empilhadas até o teto, de três lados, e, ao longo do

quarto ao lado, havia portas e janelas, algumas com as vidraças quebradas. O único espaço vazio era uma passagem, na parede do fundo, que dava para o que Nell chamava de “apartamento”. Espiando para dentro, Cassandra viu que ele era do tamanho de um quarto. Estantes improvisadas, cheias de livros velhos, tomavam duas paredes, e havia uma cama de armar no canto, coberta com uma colcha de retalhos azuis, brancos e vermelhos. Uma pequena janela fornecia a única iluminação do quarto, mas alguém tinha pregado tábuas de madeira sobre ela. Para impedir a entrada de ladrões, Cassandra pensou. Embora não pudesse imaginar o que eles iriam querer ali.

Teve vontade de deitar na cama, de sentir a colcha fria sob sua pele quente, mas Nell tinha sido clara – podia brincar lá embaixo, mas nunca entrar no apartamento – e Cassandra tinha o hábito da obediência. Em vez de entrar no apartamento e se atirar na cama, ela deu meia-volta. Voltou para o lugar em que alguma criança, muito tempo antes, tinha pintado um jogo de amarelinha no chão de cimento. Procurou em volta por uma pedra adequada, descartou diversas antes de se decidir por uma de formato regular, sem arestas que a desviassem do caminho.

Cassandra jogou a pedra, que caiu exatamente no meio do primeiro quadrado, e começou a pular. Já estava no número sete, quando a voz da avó, cortante como um caco de vidro, soou no andar de cima.

– Que tipo de mãe é você?

– Não sou pior do que você foi.

Cassandra ficou imóvel, equilibrando-se numa perna só, no meio de um quadrado, ouvindo. Houve um silêncio, ou, pelo menos, houve um silêncio até onde Cassandra pôde perceber. Era mais provável que elas tivessem baixado a voz novamente, tivessem lembrado que os vizinhos estavam a poucos metros de distância de cada lado. Len estava sempre dizendo a Lesley, quando eles brigavam, que não queria que os vizinhos soubessem da vida deles. Não pareciam se importar com o fato de Cassandra ouvir cada palavra.

Ela perdeu o equilíbrio e baixou o pé. Foi só por um centésimo de segundo, então tornou a levantá-lo. Até Tracy Waters, que tinha a reputação, entre as meninas da quinta série, de ser a mais severa das juízas de amarelinha, teria permitido que ela continuasse a partida, mas Cassandra tinha perdido o entusiasmo pela brincadeira. O tom de voz de sua mãe a tinha perturbado. Seu estômago tinha começado a doer.

Largou a pedra e saiu dos quadrados.

Estava quente demais para voltar para o quintal. O que ela queria mesmo era ler. Fugir para o Bosque Encantado, subir a Árvore Distante ou ir para o Pico do Contrabandista com os Cinco Famosos. Podia ver seu livro, em cima da cama, no lugar em que o tinha deixado de manhã, bem perto do travesseiro. Foi burrice não o ter trazido; ouviu a voz de Len, como costumava ouvir sempre que fazia alguma besteira.

Pensou então nas estantes de Nell, nos velhos livros que cobriam as paredes do apartamento. Nell não iria se importar se escolhesse um e se sentasse para ler. Tomaria cuidado para não desarrumar nada, para deixar as coisas como as tinha encontrado.

O cheiro de poeira estava forte lá dentro. Cassandra passou os olhos pelas fileiras de lombadas de livros, vermelhas, verdes e amarelas, e esperou que um título a atraísse. Um gato estava deitado na terceira prateleira, equilibrado na frente dos livros, num pedacinho de sol. Cassandra não o notara antes e imaginou de onde ele tinha vindo, como tinha entrado no apartamento sem que reparasse. O gato, parecendo perceber que estava sendo observado, levantou-se e olhou para Cassandra com um ar majestoso. Então deu um salto gracioso para o chão e desapareceu debaixo da cama.

Cassandra ficou olhando para ele, imaginando como seria mover-se com tanta leveza, desaparecer tão completamente. Ela pestanejou. Talvez não tão completamente, afinal de contas. Onde o gato tinha roçado na colcha, havia algo aparecendo. Era pequeno e branco. Retangular.

Cassandra se ajoelhou no chão e ergueu a ponta da colcha. Olhou para baixo da cama. Era uma pequena mala, uma velha mala. O fecho

estava aberto e Cassandra pôde enxergar um pouco lá dentro. Papéis, um pano branco, uma fita azul.

De repente, teve a convicção, a sensação de que precisava saber exatamente o que a mala continha, mesmo que isso significasse desobedecer ainda mais a Nell. Com o coração disparado, puxou a mala e abriu a tampa. Começou a examinar o que havia lá dentro.

Uma escova de cabelo de prata, velha e sem dúvida preciosa, com uma pequena cabeça de leopardo simbolizando Londres impressa perto das cerdas. Um vestido branco, pequeno e bonito, um vestido de antigamente, que Cassandra nunca tinha visto, muito menos possuído – as garotas da escola iriam rir se usasse uma coisa daquelas. Um pacote de papéis amarrado com uma fita azul-clara. Cassandra desatou o laço e abriu o pacote para ver o que tinha lá dentro.

Um retrato, um desenho em preto e branco. A mulher mais linda que Cassandra já tinha visto, parada sob um arco no jardim. Não, não era um arco, era a entrada de um túnel de árvores. Um labirinto, pensou de repente. Aquela palavra estranha surgindo em sua mente.

Um monte de linhazinhas pretas combinavam-se como mágica para formar o retrato, e Cassandra imaginou como seria criar uma coisa assim. A imagem era estranhamente familiar e, a princípio, ela não soube por quê. Depois percebeu – a mulher se parecia com alguém de um livro infantil. Como uma ilustração de um conto de fadas, a donzela que vira princesa quando o belo príncipe enxerga além de suas roupas surradas.

Ela colocou o desenho no chão ao seu lado e dirigiu sua atenção para o resto do pacote. Havia alguns envelopes com cartas dentro, além de um caderno com páginas pautadas que alguém tinha coberto com uma caligrafia floreada. Cassandra achou que talvez estivesse escrito em outra língua, porque não conseguiu ler. Folhetos e páginas arrancadas de revistas tinham sido guardados no final do caderno, junto com uma velha fotografia de um homem, uma mulher e uma garotinha com longas tranças. Cassandra não reconheceu ninguém.

Por baixo do caderno, encontrou o livro de contos de fadas. A capa era de papelão verde, as letras eram douradas: *Contos mágicos para meninas e meninos*, de Eliza Makepeace. Cassandra repetiu o nome da autora, apreciando o sabor misterioso do nome em seus lábios. Abriu o livro e na folha de rosto havia a imagem de uma fada sentada num ninho de passarinho: cabelos compridos, uma grinalda de estrelas ao redor da cabeça, asas grandes e transparentes. Quando olhou mais de perto, viu que o rosto da fada era o mesmo rosto do desenho. Na base do ninho, estava escrito: “Sua contadora de histórias, srta. Makepeace.” Com um arrepio de contentamento, virou a página para ler a primeira história, fazendo com que assustados peixinhos prateados se espalhassem por todos os lados. O tempo tinha colorido as páginas de amarelo, enrugado as beiradas. O papel estava gasto, e, quando esfregou um cantinho dobrado, ele pareceu se desintegrar um pouco, virar pó.

Cassandra não pôde resistir. Deitou-se de lado na cama de armar. Era o lugar perfeito para ler, fresco, silencioso e secreto. Sempre se escondia para ler, embora não soubesse por quê. Era como se não pudesse se livrar da sensação de que estava sendo preguiçosa, de que se entregar tão completamente a algo tão prazeroso devia ser errado.

Mas foi o que fez. Atirou-se no buraco do coelho e entrou numa história de magia e mistério sobre uma princesa que vivia com uma velha cega num chalé que ficava numa floresta sombria. Uma princesa corajosa, muito mais corajosa do que Cassandra jamais poderia ser.

Estava a duas páginas do final, quando passos no andar de cima atraíram sua atenção.

Elas estavam vindo.

Levantou-se depressa da cama. Queria desesperadamente terminar a história, descobrir o que ia acontecer com a princesa. Mas não havia tempo. Arrumou os papéis, jogou tudo para dentro da mala e a empurrou para baixo da cama. Apagou todas as provas da sua desobediência.

Ela saiu do apartamento, pegou uma pedrinha e voltou para o jogo de amarelinha.

Quando sua mãe e Nell apareceram na porta de correr, Cassandra parecia ter passado a tarde inteira pulando amarelinha.

– Vem cá, minha garota – Lesley disse.

Cassandra limpou o short com as mãos e foi para o lado da mãe, surpreendendo-se quando Lesley passou o braço pelos seus ombros.

– Você se divertiu?

– Sim – Cassandra disse cautelosamente. Será que ela havia descoberto?

Mas sua mãe não estava zangada. Pelo contrário; parecia quase triunfante. Ela olhou para Nell.

– Eu não disse? Esta aqui sabe cuidar de si mesma.

Nell não respondeu e a mãe de Cassandra continuou:

– Você vai ficar aqui com a vovó Nell por algum tempo, Cassie. Vai ser uma aventura.

Isto foi uma surpresa; sua mãe devia ter alguma coisa para fazer em Brisbane.

– Vou almoçar aqui?

– Todo dia, imagino, até eu voltar para buscá-la.

De repente, Cassandra se deu conta das extremidades pontudas da pedra que estava segurando, machucando seus dedos. Ela olhou para a mãe e, em seguida, para a avó. Seria uma brincadeira? Sua mãe estava sendo engraçada? Esperou para ver se Lesley ia cair na gargalhada.

Mas ela não riu. Simplesmente olhou para Cassandra, com seus olhos azuis bem abertos.

Cassandra não sabia o que dizer.

– Eu não trouxe o meu pijama – foi tudo o que conseguiu balbuciar.

Sua mãe sorriu, então, um sorriso largo, de alívio, e Cassandra percebeu que o momento da recusa tinha sido ultrapassado.

– Não se preocupe com isso, bobinha. Tenho uma mala no carro para você. Acha mesmo que eu ia deixar você aqui sem uma mala?

Nell ficou calada o tempo todo, empertigada. Olhava para Lesley com um ar que Cassandra percebeu ser de censura. Ela supôs que a avó não quisesse que ela ficasse. Meninas estão sempre atrapalhando, Len vivia dizendo.

Lesley foi até o carro, inclinou-se para dentro da janela aberta e tirou uma sacola. Cassandra imaginou quando a teria arrumado, por que não tinha deixado que ela mesma a arrumasse.

– Pronto, garota – disse Lesley, jogando a sacola para Cassandra pegar. – Tem uma surpresa aí dentro para você, um vestido novo. Len me ajudou a escolhê-lo.

Ela se virou para Nell e disse:

– É só por uma ou duas semanas, eu prometo. Só enquanto eu e Len nos ajustamos. – Lesley passou a mão no cabelo de Cassandra. – Sua avó Nell está contente em ficar com você. Vão ser umas férias de verdade. Algo para contar às outras crianças quando as aulas recomeçarem.

Então a avó de Cassandra sorriu, só que não foi um sorriso feliz. Cassandra sabia o que significava aquele sorriso. Ela mesma costumava sorrir assim quando a mãe prometia alguma coisa que ela queria muito, mas sabia que não ia acontecer.

Lesley deu um beijo no rosto dela, um aperto em sua mão e foi embora. Antes que Cassandra pudesse abraçá-la, pudesse lhe dizer para dirigir com cuidado, pudesse perguntar quando ia voltar.

Mais tarde, Nell preparou o jantar – linguiça de porco, purê de batata e purê de ervilha em lata – e elas comeram na salinha ao lado da cozinha. A casa de Nell não tinha telas nas janelas, como o bangalô de Len, na Burleigh Beach, então Nell mantinha um mata-moscas no parapeito da janela ao seu lado. Quando moscas ou mosquitos apareciam, ela era rápida. Tão rápidos e eficientes eram aqueles golpes, que o gato, adormecido no colo de Nell, nem se mexia.

O ventilador em cima da geladeira agitava o ar pesado e úmido enquanto elas comiam; Cassandra respondia às perguntas ocasionais da

avó o mais educadamente possível, até que eventualmente a provação do jantar terminou. Cassandra ajudou a secar a louça, depois Nell levou-a até o banheiro e começou a encher a banheira com água morna.

– A única coisa pior do que um banho frio no inverno – Nell disse – é um banho quente no verão. – Ela tirou do armário uma toalha marrom e a pendurou na cisterna do vaso. – Você pode fechar a torneira quando a água alcançar esta linha. – Ela apontou para uma rachadura na porcelana verde, depois se levantou, ajeitando o vestido. – Você vai ficar bem?

Cassandra assentiu e sorriu. Esperava ter respondido corretamente, os adultos às vezes eram complicados. Na maior parte das vezes, eles não gostavam de quando as crianças demonstravam seus sentimentos, pelo menos seus maus sentimentos. Len estava sempre dizendo a Cassandra que as crianças boas deviam sorrir e aprender a guardar para si seus pensamentos sombrios. Mas Nell era diferente; Cassandra, intuitivamente, sentia que as regras de Nell eram diferentes. Mesmo assim, era melhor tomar cuidado.

Foi por isso que não mencionou a escova de dente, ou a falta de uma escova de dente. Lesley sempre esquecia essas coisas quando dormiam fora de casa, mas Cassandra sabia que uma ou duas semanas sem uma escova não iriam matá-la. Fez um coque no cabelo e o prendeu no alto da cabeça com um elástico. Em casa, usava a touca de plástico da mãe, mas não sabia se Nell tinha uma e não quis perguntar. Entrou na banheira e sentou-se na água tépida, encolheu os joelhos e fechou os olhos. Ouviu a água batendo dos lados da banheira, o zumbido da lâmpada, um mosquito voando ali perto.

Ficou assim por algum tempo, só saindo do banho quando achou que, se demorasse mais, Nell poderia vir procurá-la. Ela se enxugou, pendurou cuidadosamente a toalha no trilho do chuveiro, alinhando as pontas, depois vestiu o pijama.

Encontrou Nell na saleta, arrumando uma cama improvisada com lençóis e um cobertor.

– Isto aqui, normalmente, não é um bom lugar para dormir – Nell disse, ajustando o travesseiro. – O colchão não é grande coisa e as molas são um pouco duras, mas você é tão leve, que vai ficar confortável.

Cassandra assentiu solenemente.

– Não vai ser por muito tempo. Uma ou duas semanas no máximo. Só enquanto mamãe e Len ajustam as coisas.

Nell sorriu com amargura. Ela olhou em volta, depois tornou a olhar para Cassandra.

– Você precisa de mais alguma coisa? Um copo d’água? Um abajur?

Cassandra imaginou se Nell teria uma escova de dente sobrando, mas não conseguiu formular a pergunta. Sacudiu a cabeça.

– Então suba na cama – Nell disse, levantando a ponta do cobertor.

Cassandra obedeceu e Nell a cobriu. As cobertas eram surpreendentemente macias, agradavelmente usadas e com um cheiro de limpeza.

Nell hesitou.

– Bem... Boa-noite.

– Boa-noite.

Então a luz apagou-se e Cassandra ficou sozinha.

No escuro, os ruídos estranhos ficaram mais altos. O tráfego num local distante, uma televisão numa das casas vizinhas, os passos de Nell no assoalho do outro quarto. Do lado de fora da janela, os carrilhões batiam com o vento, e Cassandra percebeu que o ar tinha ficado carregado com o cheiro de eucalipto e asfalto. Uma tempestade estava se aproximando.

Ela se encolheu debaixo das cobertas. Cassandra não gostava de tempestades, elas eram imprevisíveis. Torceu para ela se afastar. Fez um trato consigo mesma: se conseguisse contar até dez antes que o próximo carro passasse pela colina ali perto, tudo ficaria bem. A tempestade passaria depressa e mamãe voltaria até o final da semana.

Um. Dois. Três... Ela não trapaceou, não se apressou... Quatro. Cinco... Nada até agora, já estava no meio do caminho... Seis. Sete... Respirando depressa, nada de carros, já estava quase garantida... Oito...

De repente, sentou-se na cama. Havia bolsos dentro da mala. Sua mãe não tinha esquecido, tinha enfiado a escova de dente lá para protegê-la.

Cassandra saltou da cama quando uma rajada de vento fez o carrilhão bater na vidraça. Ela atravessou o quarto, com o vento que entrava pelas frestas do assoalho esfriando seus pés.

O céu sobre a casa roncou ameaçadoramente, depois ficou espetacularmente claro. Aquilo pareceu perigoso, fez Cassandra se lembrar da tempestade do conto de fadas que tinha lido aquela tarde, a tempestade furiosa que tinha seguido a princesinha até o chalé da bruxa.

Cassandra se ajoelhou no chão, examinando um bolso atrás do outro, querendo que seus dedos encontrassem a forma familiar da escova de dente.

Grandes gotas de chuva começaram a cair, ruidosamente, no telhado de chapa ondulada. Primeiro, esporadicamente, depois, aumentando até Cassandra não ouvir mais nenhum intervalo entre elas.

Já que estava ali, não fazia mal checar a mala toda: uma escova de dente era pequena, podia estar bem no fundo da mala e ela não ter encontrado. Enfiou as mãos até o fundo e tirou tudo de dentro. A escova não estava lá.

Cassandra tapou os ouvidos quando outra trovoadas sacudiu a casa. Levantou-se e cruzou os braços no peito, vagamente consciente da própria magreza, da sua insignificância, e correu de volta para a cama, enfiando-se debaixo dos lençóis.

A chuva descia do telhado, escorrendo pelas janelas aos borbotões, derramando-se das calhas frouxas que tinham sido apanhadas desprevenidas.

Debaixo do lençol, Cassandra estava imóvel, abraçando o próprio corpo. Apesar do calor, seus braços estavam arrepiados. Sabia que devia tentar dormir, que estaria cansada de manhã se não dormisse e ninguém gostava de aturar uma chata.

Por mais que tentasse, no entanto, o sono não vinha. Contou carneiros, cantou silenciosas canções sobre submarinos amarelos, laranjas e limões e jardins sob o mar, contou histórias para si mesma. Mas a noite ameaçava estender-se sem fim.

Enquanto os relâmpagos faiscavam, a chuva caía e os trovões rasgavam o céu, Cassandra começou a chorar. Lágrimas que tinham esperado muito tempo para cair foram finalmente liberadas sob o véu escuro da chuva.

Quanto tempo se passou até notar a figura parada na porta? Um minuto? Dez?

Cassandra prendeu um soluço na garganta, até queimar.

Um sussurro, a voz de Nell.

– Eu vim conferir se a janela estava fechada.

No escuro, Cassandra prendeu a respiração, enxugou os olhos com a ponta do lençol.

Nell estava perto agora; Cassandra podia sentir a estranha eletricidade gerada pela proximidade de outro ser humano.

– O que foi?

A garganta de Cassandra, ainda congelada, não permitia que as palavras saíssem.

– É a tempestade? Você está com medo?

Cassandra balançou a cabeça.

Nell sentou-se na beira da cama, apertou o roupão na cintura. Outro relâmpago e Cassandra viu o rosto da avó, reconheceu os olhos da mãe com seus cantos ligeiramente caídos.

O soluço finalmente saiu.

– Minha escova de dente – disse, chorando. – Não tenho a minha escova de dente.

Nell olhou espantada para ela, depois a abraçou. A menina recuou, surpresa com aquele gesto súbito e inesperado, mas depois se entregou. Caiu para a frente, encostando a cabeça naquele corpo macio, cheirando a lavanda, seus ombros sacudidos por soluços, enquanto as lágrimas mornas molhavam a camisola de Nell.

– Pronto – Nell murmurou, alisando o cabelo de Cassandra. – Não se preocupe. Vamos conseguir outra para você. – Ela virou a cabeça e contemplou a chuva batendo na janela, depois encostou o rosto no alto da cabeça de Cassandra. – Você é uma sobrevivente, está ouvindo? Vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.

E, embora Cassandra não pudesse acreditar que alguma coisa fosse ficar bem, sentiu-se confortada pelas palavras de Nell. Alguma coisa na voz da avó sugeria que ela compreendia. Que sabia como era assustador passar uma noite de tempestade, sozinha, num lugar desconhecido.

Maryborough, 1913

Mesmo ele voltando tarde do porto, a sopa ainda estava quente. Lil, graças a Deus, era assim, não era o tipo de mulher que servia sopa fria para o marido. Hugh enfiou a última colherada na boca e se recostou na cadeira, esfregando o pescoço. Lá de fora, vinha o barulho distante dos trovões sobre o rio e a cidade. Uma corrente invisível de ar fez o lampião piscar, revelando as sombras ocultas do aposento. Ele deixou seu olhar cansado acompanhá-las ao longo da mesa, da base das paredes, da porta da frente. Dançando sobre a superfície da maleta branca.

Já tinha visto malas perdidas muitas vezes. Mas uma garotinha? Como é que a filha de alguém foi parar no seu cais, sozinha? Ela era um amor de menina. Bonita, cabelos dourados e olhos azuis. Um jeito de olhar que mostrava que estava prestando atenção, que entendia o que você estava dizendo e o que não estava.

A porta se abriu e a figura delicada e familiar de Lil apareceu. Ela fechou a porta suavemente e caminhou pelo corredor. Prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, a mesma mecha rebelde que estava sempre saindo do lugar desde que a conhecia.

– Ela adormeceu – Lil disse, ao entrar na cozinha. – Estava assustada com os trovões, mas não conseguiu resistir por muito tempo. Pobrezinha, estava exausta.

Hugh levou o prato para a pia e o mergulhou em água morna.

– É claro, eu também estou cansado.

– Dá para ver. Deixe que eu lavo a louça.

– Eu estou bem, amor. Pode ir para dentro, não vou demorar.

Mas Lil não saiu dali. Ele sentiu a presença dela atrás dele e sabia, pela experiência, que tinha mais alguma coisa a dizer. As palavras ainda não pronunciadas pesavam entre eles, e Hugh sentiu o pescoço

tenso. Sentiu a onda das conversas anteriores se formar, ficar suspensa por um momento, preparando-se para quebrar mais uma vez sobre eles.

A voz de Lil soou muito baixa.

– Você não precisa me tratar como se eu fosse de vidro, Hughie.

Ele suspirou.

– Eu sei.

– Eu vou ficar boa. Como das outras vezes.

– É claro que sim.

– A última coisa que quero é que você me trate como uma inválida.

– Eu não tive esta intenção, Lil. – Ele se virou para encará-la. Viu que estava parada do outro lado da mesa, com as mãos pousadas nas costas de uma cadeira. A pose, ele sabia, era para convencê-lo da sua estabilidade, para dizer “nada mudou”, mas Hugh a conhecia bem demais para isso. Sabia que ela estava sofrendo. Também sabia que não havia nada que pudesse fazer para consertar as coisas. Como o dr. Huntley gostava tanto de lhes dizer, algumas coisas simplesmente não eram para ser. Mas isso não as tornava mais fáceis, nem para Lil, nem para ele.

Ela foi para o lado dele, empurrando-o delicadamente com o quadril. Ele podia sentir o cheiro doce e triste da sua pele leitosa.

– Anda, vai para a cama – ela disse. – Eu irei a seguir. – O tom cuidadosamente alegre fez o sangue dele gelar, mas ele obedeceu.

Ela cumpriu a palavra, não demorou muito, e ele a observou lavar o rosto, enfiar a camisola pela cabeça. Embora ela estivesse de costas, ele pôde ver o cuidado com que ela passou a camisola pelos seios, a sua barriga ainda inchada.

Ela ergueu os olhos e viu que ele estava olhando. A vulnerabilidade do seu rosto foi substituída por uma expressão defensiva.

– O que foi?

– Nada. – Ele estudou as próprias mãos, os calos e arranhaduras de corda causados por anos de trabalho no cais. – Eu só estava pensando

na garotinha lá fora – disse. – Imaginando quem ela é. Ela não disse o nome dela, disse?

– Ela diz que não sabe. Não importa o quanto eu pergunte, ela apenas olha para mim, com um ar sério, e diz que não se lembra.

– Você não acha que ela está mentindo, acha? Alguns passageiros clandestinos sabem enganar direitinho.

– Hughie – Lil disse, zangada. – Ela não é uma passageira clandestina, ela é pouco mais do que um bebê.

– Tudo bem, amor. Só estava perguntando. – Ele sacudiu a cabeça. – Mas é difícil acreditar que ela tenha esquecido tudo desse jeito.

– Eu já ouvi falar nisso, chamam de amnésia. O pai de Ruth Halfpenny teve isso, depois que levou um tombo no poço. É isso que causa essa doença, tombos e coisas parecidas.

– Você acha que ela pode ter levado um tombo?

– Não vi nenhum machucado nela, mas é possível, não é?

– Bem – disse Hugh, enquanto um relâmpago iluminava o quarto –, vou cuidar disso amanhã. – Virou-se de barriga para cima na cama, ficou olhando para o teto. – Ela tem que ter vindo de algum lugar – disse baixinho.

– Sim. – Lil apagou o lampião, deixando-os no escuro. – Alguém deve estar sentindo terrivelmente a falta dela. – Ela se virou como fazia toda noite, dando as costas para Hugh e o deixando de fora da sua dor. A voz dela soou abafada pelas cobertas. – Mas eles não a merecem. Foram muito displicentes. Que tipo de gente consegue perder uma criança?

Lil observou pela janela dos fundos as duas meninas correndo de um lado para outro entre os varais de roupa, rindo quando os lençóis molhados roçavam em seus rostos. Elas estavam cantando de novo outra das canções de Nell. Essa era a única coisa que não tinha fugido da sua memória, as canções; ela sabia muitas.

Nell. Era assim que eles a chamavam agora, em homenagem à mãe de Lil, Eleanor. Bem, eles tinham que chamá-la de alguma coisa, não

tinham? Aquela coisinha engraçada ainda não conseguia se lembrar do próprio nome. Sempre que Lil perguntava, arregalava os grandes olhos azuis e dizia que não se lembrava.

Depois das primeiras semanas, Lil parou de perguntar. Para dizer a verdade, preferia não saber. Não queria imaginar Nell com outro nome que não o que eles lhe tinham dado. Nell. Combinava tão bem com ela, ninguém podia dizer o contrário. Quase como se tivesse nascido com ele.

Fizeram tudo para descobrir quem ela era, de onde tinha vindo. Ninguém poderia exigir mais deles. E, embora no início tivesse dito a si mesma que só estavam cuidando de Nell por um tempo, até que seus pais a viessem buscar, a cada dia Lil tinha mais certeza de que essas pessoas não existiam.

Os três tinham entrado numa rotina tranquila. Tomavam café da manhã juntos, depois Hughie ia trabalhar e ela e Nell cuidavam da casa. Lil descobriu que gostava de ter uma segunda sombra, gostava de mostrar as coisas para Nell, explicando como elas funcionavam, e por quê. Nell adorava perguntar por quê – por que o sol se escondia de noite, por que as chamas não escapavam da lareira, por que o rio não ficava entediado e corria para o outro lado? – e Lil adorava responder, vendo a compreensão tomar conta do rostinho de Nell. Pela primeira vez na vida, se sentia útil, necessária, inteira.

As coisas também estavam melhores com Hughie. A tensão que os últimos anos tinham causado entre eles começava a desaparecer. Tinham parado de se tratar com tanta delicadeza, escolhendo as palavras como dois estranhos obrigados a conviver na mesma casa. Começavam até a rir de novo, uma risada espontânea, como antes.

Quanto a Nell, adaptou-se muito bem à vida com Hughie e Lil. Em pouco tempo, as crianças da vizinhança descobriram que havia uma pessoa nova entre elas, e Nell adorou ter outras crianças para brincar. A jovem Beth Reeves pulava a cerca todo dia. Lil adorava o som das duas meninas correndo juntas. Tinha esperado tanto tempo, tinha desejado tanto ouvir vozes de crianças gritando e rindo no seu quintal.

E Nell era uma criança muito imaginativa. Lil frequentemente a ouvia descrever longas e complicadas brincadeiras de faz de conta. O quintal se transformava numa floresta mágica na imaginação de Nell, com arbustos e labirintos, até mesmo um chalé na beira de um penhasco. Lil reconhecia os lugares que Nell descrevia do livro de contos de fadas que tinham achado na mala branca. Lil e Hughie se revezavam lendo histórias para Nell à noite. Lil, a princípio, as achara muito assustadoras, mas Hughie a havia convencido do contrário. Nell, de sua parte, não parecia nem um pouco abalada.

De onde estava, olhando da janela da cozinha, Lil podia ver que era disso que elas estavam brincando. Beth estava ouvindo, de olhos arregalados, enquanto Nell a conduzia por um labirinto imaginário, correndo com seu vestido branco, os raios de sol transformando em ouro suas longas tranças vermelhas.

Nell ia sentir saudade de Beth quando se mudassem para Brisbane, mas com certeza faria novos amigos. As crianças sempre faziam. E a mudança era importante. Lil e Hughie não podiam continuar dizendo às pessoas que Nell era uma sobrinha do norte. Mais cedo ou mais tarde, os vizinhos iam começar a perguntar por que ela não voltava para casa. Quanto tempo mais ela ficaria com eles.

Não, isso estava muito claro para Lil. Os três tinham que começar de novo em um lugar em que não fossem conhecidos. Uma cidade grande onde as pessoas não fizessem perguntas.

Brisbane, 2005

Era uma manhã de início de primavera e Nell já tinha morrido havia uma semana. Um vento brusco agitou os arbustos, revirando as folhas de modo que seu fundo pálido esvoaçou na direção do sol. Como crianças lançadas repentinamente sob os refletores, oscilando entre nervosismo e presunção.

A caneca de chá de Cassandra já tinha esfriado havia muito tempo. Ela a deixara na laje de cimento depois do último gole e esquecera que ela estava ali. Um pelotão de formigas atarefadas, cujo caminho tinha sido impedido, se viu obrigado a percorrer um caminho alternativo, subindo pela caneca e passando por dentro da asa para o outro lado.

Mas Cassandra não reparou nelas. Sentada numa cadeira bamba no quintal, ao lado da velha lavanderia, sua atenção estava na parede de trás da casa. Precisava de uma mão de tinta. Era difícil acreditar que já haviam passado cinco anos. Os especialistas recomendavam que uma casa de madeira fosse repintada a cada sete anos, mas Nell não seguira este conselho. Durante todo o tempo em que Cassandra tinha morado com a avó, a casa nunca fora pintada. Nell gostava de dizer que não estava disposta a gastar um bom dinheiro só para proporcionar aos vizinhos uma vista nova.

A parede de trás, no entanto, era outra questão – como Nell dizia, era a única que elas passavam um certo tempo olhando. Então, enquanto os lados e a frente descascavam sob a violência do sol de Queensland, os fundos eram uma beleza. A cada cinco anos, as opções de tintas eram examinadas e uma boa dose de tempo e energia era gasta debatendo os méritos de uma nova cor. Nos anos em que Cassandra esteve ali, a parede tinha sido pintada de turquesa, lilás, vermelho, verde escuro. Uma vez, ela tinha até estampado uma espécie de mural, mesmo que não inteiramente aprovado...

Cassandra tinha, na época, dezenove anos e a vida era doce. Estava no meio do segundo ano na faculdade de artes, seu quarto tinha sido transformado em estúdio, de modo que tinha que saltar por cima da sua prancha de desenho para alcançar a cama toda noite, e sonhava em estudar história da arte em Melbourne.

Nell não estava muito contente com este plano.

– Você pode estudar história da arte na universidade de Queensland – dizia sempre que o assunto era ventilado. – Não é preciso ir para o sul.

– Eu não posso ficar morando aqui para sempre, Nell.

– Quem disse que seria para sempre? Só espere mais um pouco, até tomar pé das coisas.

Cassandra apontou para os pés.

– Já tomei.

Nell não sorriu.

– Melbourne é uma cidade cara de se viver, e eu não tenho dinheiro para pagar seu aluguel lá.

– Eu não estou recolhendo copos no Paddo Tav para me divertir.

– Ora, com aquele salário você pode adiar a ida para Melbourne por mais uma década.

– Tem razão.

Nell empinou o queixo e ergueu uma sobrancelha, imaginando aonde esta súbita rendição ia dar.

– Nunca vou conseguir economizar dinheiro suficiente. – Cassandra mordeu o lábio inferior, reprimindo um sorriso esperançoso. – Se ao menos houvesse alguém disposto a me fazer um empréstimo, uma pessoa amável que quisesse me ajudar a ir atrás dos meus sonhos...

Nell pegou a caixa de objetos de porcelana que ia levar para o centro de antiguidades.

– Não vou ficar aqui e deixar que você me encoste na parede, menina.

Cassandra percebeu uma brecha no que antes era uma sólida recusa.

– Vamos falar sobre isso mais tarde?

Nell revirou os olhos para o céu.

– Desconfio de que sim. E de novo, e de novo. – Suspirou, indicando que o assunto estava, pelo menos por ora, encerrado. – Você tem tudo do que precisa para pintar a parede de trás?

– Tenho.

– Você não se vai esquecer de usar o pincel novo nas tábuas? Não quero passar os próximos cinco anos olhando para cerdas soltas.

– Pode deixar, Nell. E, só para esclarecer bem, eu mergulho o pincel na tinta antes de passar na madeira, certo?

– Garota atrevida.

Quando Nell voltou do centro de antiguidades aquela tarde, deu a volta na casa e parou, apreciando a parede com sua nova pintura.

Cassandra deu um passo para trás e apertou os lábios para não rir. Esperou.

O vermelho era berrante, mas era para o detalhe preto acrescentado no canto que sua avó estava olhando. A semelhança era incrível: Nell sentada na sua cadeira favorita, segurando uma xícara de chá fumegante.

– Parece que a encostei contra a parede, Nell. Não tive essa intenção, apenas me deixei levar por um excesso de entusiasmo.

A expressão de Nell era enigmática.

– Vou pintar a mim mesma em seguida, sentada bem do seu lado. Assim, mesmo quando eu estiver em Melbourne, você vai se lembrar que ainda formamos um par.

Os lábios de Nell tremeram um pouco. Sacudiu a cabeça e largou a caixa que trouxera da barraca. Suspirou.

– Você é uma garota atrevida, quanto a isso não há nenhuma dúvida. – E então sorriu sem querer e segurou o rosto de Cassandra em suas mãos. – Mas você é a minha garota atrevida e eu não gostaria que você fosse diferente...

Um barulho, e o passado desapareceu, disperso nas sombras pelo presente, ficou brilhante, mais barulhento. Cassandra piscou e enxugou os olhos. Lá no alto, um avião passou, um pontinho branco

num mar de um azul brilhante. Impossível imaginar que havia pessoas lá dentro, conversando, rindo e comendo. Algumas olhando para baixo enquanto ela olhava para cima.

Outro barulho, mais perto. Passos.

– Olá, jovem Cassandra. – Uma figura familiar apareceu no lado da casa, ficou ali por um momento recuperando o fôlego. Ben tinha sido alto, mas o tempo tinha o hábito de moldar as pessoas em formas que nem elas mesmas reconheciam mais, e o corpo dele agora era o de um anão de jardim. Seu cabelo era branco, sua barba, espetada, e suas orelhas, inexplicavelmente vermelhas.

Cassandra sorriu, genuinamente feliz em vê-lo. Nell não era de muitos amigos e nunca disfarçara seu despreço pela maioria dos seres humanos, com sua compulsão neurótica em obter aliados. Mas ela e Ben eram amigos. Ele também tinha uma loja no centro de antiguidades. Era um antigo advogado que transformara seu hobby em trabalho depois que a esposa morreu, quando sua firma sugerira delicadamente que estava na hora de se aposentar, e sua mania de comprar móveis de segunda mão já ameaçava expulsá-lo de casa por falta de espaço.

Quando Cassandra era pequena, ele representava uma figura paterna, dando conselhos que ela apreciava na mesma medida em que desprezava. Mas, desde que voltara a morar com Nell, ele tinha se tornado também seu amigo.

Ben puxou uma cadeira desbotada, que estava ao lado do tanque de concreto da lavanderia, e sentou-se cuidadosamente. Seus joelhos tinham sido afetados, quando era rapaz, durante a Segunda Guerra, causando-lhe muito sofrimento, especialmente quando o tempo mudava.

Ele piscou o olho para ela por cima dos óculos redondos. – Você teve uma boa ideia. Bonito este lugar, agradável e protegido.

– Era o lugar preferido de Nell. – A sua voz soou estranha a seus próprios ouvidos e ela imaginou vagamente quando tinha sido a última

vez que falara com alguém. Não desde o jantar na casa de Phyllis, uma semana antes.

– Só podia ser. Ela sempre soube onde sentar.

Cassandra sorriu.

– Quer uma xícara de chá?

– Adoraria.

Ela entrou na cozinha pela porta dos fundos e pôs a chaleira no fogo. A água ainda estava quente do chá que preparara mais cedo.

– Então, como você tem passado?

Ela sacudiu os ombros.

– Estou bem. – Ela foi se sentar no degrau de concreto ao lado da cadeira dele.

Ben apertou os lábios e sorriu de leve, fazendo com que seu bigode se misturasse com a barba.

– Sua mãe entrou em contato com você?

– Ela mandou um cartão.

– E então...

– Disse que teria gostado de vir, mas ela e Len estavam ocupados.

Caleb e Marie...

– É claro. Adolescentes dão trabalho.

– Eles não são mais adolescentes. Marie acabou de fazer vinte e um.

Ben deu um assobio. – O tempo voa.

A chaleira começou a apitar.

Cassandra entrou e mergulhou o saquinho de chá, observando a água tingir-se de marrom. Uma ironia que Lesley tivesse se tornado uma mãe tão dedicada da segunda vez. Tanta coisa na vida dependia de *timing*.

Acrescentou um pouco de leite, refletindo se ainda estaria bom, tentando lembrar de quando o teria comprado. Antes de Nell morrer, sem dúvida. O rótulo tinha o carimbo de 14 de setembro. O prazo de validade teria terminado? Não tinha certeza. Não estava cheirando a azedo. Levou a caneca e a entregou a Ben.

– Desculpe... O leite...

Ele tomou um gole.

– O melhor chá que eu tomei hoje.

Ele fitou-a de relance enquanto ela se sentava e parecia que ia dizer algo, mas se arrependeu. Ele limpou a garganta.

– Cass, eu vim aqui numa missão oficial, além de social.

Que a morte fosse acompanhada de questões oficiais não era surpresa, mas ela ficou tonta, apanhada desprevenida.

– Nell pediu-me para fazer o testamento dela. Você sabe como ela era, não gostava da ideia de revelar seus assuntos pessoais para um desconhecido.

Cassandra assentiu. Era típico de Nell.

Ben tirou um envelope do bolso interno do paletó. O tempo tinha arredondado suas extremidades e transformado o branco em creme.

– Foi feito algum tempo atrás – disse, examinando o envelope. – Em 1981, para ser exato. – Fez uma pausa, como se estivesse esperando que Cassandra dissesse alguma coisa. Como ela não disse, continuou: – É bem direto. – Tirando o que havia dentro do envelope, sem olhar para os papéis, inclinou-se para a frente, até descansar os braços sobre os joelhos. O testamento de Nell pendia de sua mão direita. – Sua avó deixou tudo para você, Cass.

Cassandra não ficou surpresa. Comovida, talvez, e, de repente, perversamente, solitária, mas não surpresa. Pois para quem ela deixaria? Não para Lesley, certamente. Embora Cassandra tivesse parado de culpar a mãe havia muito tempo, Nell nunca tinha sido capaz de perdoá-la. Abandonar uma filha, dissera uma vez para alguém, achando que Cassandra não estava ouvindo, era um ato tão frio, tão negligente, que não merecia perdão.

– Tem a casa, é claro, e algum dinheiro na poupança dela. Todas as suas antiguidades. – Hesitou, olhando para Cassandra, como se a estivesse preparando para o que estava por vir. – E tem mais uma coisa. – Ele olhou para os papéis. – No ano passado, depois que sua avó recebeu o diagnóstico, pediu-me para vir tomar chá um dia de manhã.

Cassandra se lembrava. Nell lhe tinha dito, quando ela levou o café, que Ben ia visitá-la e que precisava vê-lo a sós. Tinha pedido a Cassandra para catalogar uns livros, no centro de antiguidades, embora Nell já não tivesse nenhum papel ativo na loja fazia muitos anos.

– Ela me entregou uma coisa aquele dia – ele disse. – Um envelope lacrado. Disse para eu guardar junto com o testamento e só abrir se... quando... – Ele comprimiu os lábios. – Bem, você sabe.

Cassandra estremeceu, como se um vento frio tivesse passado pelos seus braços.

Ben sacudiu a mão. Os papéis balançaram, mas ele não disse nada.

– O que foi? – Perguntou, com um aperto de ansiedade no estômago. – Pode me dizer, Ben. Estou preparada.

Ben ergueu os olhos, surpreso com aquele tom de voz. Ela se espantou ao vê-lo rir.

– Não precisa ficar tão preocupada, Cass, não é nada de ruim. Pelo contrário. – Refletiu por um momento. – É mais um mistério do que uma calamidade.

Cassandra suspirou; a palavra “mistérios” não diminuía a ansiedade que estava sentindo.

– Fiz o que ela pediu. Guardei o envelope e só o abri ontem. Fiquei estarrecido com o que vi – disse, sorrindo. – Lá dentro havia a escritura de outra casa.

– Casa de quem?

– Casa de Nell.

– Nell não tem outra casa.

– Parece que tem, ou tinha. E agora ela é sua.

Cassandra não gostava de surpresas, de coisas inesperadas, imprevistas. Antes sabia aceitar o imprevisível, mas agora a simples ideia de algo do gênero causava-lhe medo, despertando em seu corpo reações estranhas. Pegou uma folha caída ao lado do seu pé, dobrou-a ao meio, tornou a dobrá-la ao meio enquanto refletia.

Nell não tinha mencionado outra casa durante todo o tempo em que moraram juntas, em sua infância, juventude, nem depois que ela

voltou a morar lá. Por que não? Por que manteria em segredo uma coisa dessas? E o que desejaria com isso? Um investimento? Cassandra tinha ouvido pessoas nas cafeterias de Latrobe Terrace conversando sobre a alta dos preços das casas, sobre carteiras de investimento, mas Nell? Nell sempre debochava dos *yuppies* que pagavam pequenas fortunas por chalés minúsculos em Paddington.

Além disso, Nell tinha se aposentado muitos anos atrás. Se esta casa era um investimento, por que não a tinha vendido? Usado o dinheiro para se sustentar? O comércio de antiguidades tinha suas recompensas, mas, hoje em dia, a recompensa financeira não era a principal. Nell e Cassandra ganhavam o suficiente para viver, mas só isso. Um investimento teria sido de grande ajuda, mas Nell nunca dissera uma palavra sobre isso.

– Esta casa – Cassandra disse, finalmente – onde fica? É aqui perto?

Ben sacudiu a cabeça, e sorriu.

– É aí que está *todo* o mistério. A outra casa fica na Inglaterra.

– Inglaterra?

– No Reino Unido, na Europa, do outro lado do mundo.

– Eu sei onde fica a Inglaterra.

– Na Cornualha, para ser mais preciso, numa aldeia chamada Tregenna. Só tenho a escritura para me basear, mas ela é referida como “O chalé do penhasco”. Pelo endereço, acho que, originalmente, fazia parte de uma grande propriedade. Posso descobrir, se você quiser.

– Mas por que ela...? Como ela pôde...? Quando foi que ela a adquiriu?

– A escritura data de 6 de dezembro de 1975.

Ela cruzou os braços na frente do peito.

– Mas Nell nunca esteve na Inglaterra.

Foi a vez de Ben fazer um ar surpreso.

– Esteve sim. Viajou para o Reino Unido na década de 1970. Ela nunca mencionou isso?

Cassandra sacudiu lentamente a cabeça.

– Eu me lembro quando ela partiu. Não a conhecia havia muito tempo, foi poucos meses antes de você aparecer, quando ela tinha aquela lojinha perto da rua Stafford. Eu havia comprado algumas peças dela e éramos conhecidos, embora ainda não fôssemos amigos. Ela esteve fora durante um mês. Lembro-me porque eu tinha reservado uma escrivaninha de cedro pouco antes da viagem, um presente de aniversário para minha esposa; pelo menos era para ser, mas acabou não sendo. Sempre que eu ia buscar a escrivaninha, a loja estava fechada.

“Nem preciso dizer que fiquei uma fera. Janice fazia cinquenta anos e a escrivaninha era perfeita. Quando paguei o depósito, Nell não avisou que ia sair de férias. Na verdade, ela até fez questão de informar os termos da reserva, deixou claro que esperava pagamentos semanais e que eu deveria retirar a escrivaninha no prazo de um mês. Disse que a loja não era um depósito, que havia mais estoque chegando e que precisava do espaço.”

Cassandra sorriu; aquilo era típico de Nell.

– Ela insistiu muito nisso, por isso achei tão estranha a ausência dela. Depois de superar a irritação inicial, fiquei muito preocupado. Pensei até em chamar a polícia. – Ele fez um gesto com a mão. – Mas não foi necessário. Na minha quarta ou quinta visita, encontrei a vizinha, que estava recolhendo a correspondência de Nell. Ela me disse que Nell estava na Inglaterra, mas ficou indignada quando eu comecei a fazer perguntas: por que ela tinha partido tão subitamente e quando estaria de volta. A vizinha disse que só estava fazendo o que Nell tinha pedido e que sabia tanto quanto eu. Então continuei indo lá, mesmo depois de o aniversário da minha mulher passar e, um dia, a loja estava aberta de novo: Nell tinha voltado.

– E ela comprou a casa durante a viagem.

– Evidentemente.

Cassandra apertou mais o casaco ao redor dos ombros. Aquilo não fazia sentido. Por que Nell tinha saído de férias assim, repentinamente, comprado uma casa e nunca mais tinha ido lá?

– Ela nunca falou nada sobre isso com você?

Ben ergueu as sobrancelhas.

– Estamos falando de Nell. Ela nunca foi de fazer confidências.

– Mas vocês eram muito amigos. Com certeza, em algum momento, ela deve ter feito alguma referência a isso, não? – Ben estava balançando negativamente a cabeça. Cassandra insistiu. – Mas e quando ela voltou? Quando você conseguiu finalmente levar a escrivania. Você não perguntou por que ela tinha partido tão subitamente?

– É claro que sim, perguntei várias vezes ao longo dos anos. Sabia que devia ser algo importante. Ela estava diferente quando voltou.

– Como?

– Mais distraída, mais misteriosa. Tenho certeza de que não estou dizendo isso apenas ao olhar para trás. Dois meses depois, estive prestes a descobrir. Estava visitando-a na loja, quando chegou uma carta, com o carimbo de Truro. Cheguei junto com o carteiro, então levei a correspondência para dentro. Ela tentou agir naturalmente, mas eu já a conhecia melhor naquela altura; ela ficou ansiosa ao receber a carta. Arranjou uma desculpa para me despachar logo.

– Que carta era essa? Quem tinha mandado?

– Devo admitir que fiquei bastante curioso. Não cheguei a ver o interior da carta, mas, quando vi o envelope sobre a mesa, virei-o só para ver quem era o remetente. Decorei o endereço e pedi a um antigo colega na Inglaterra para investigar. O endereço era de um investigador.

– Você quer dizer, um detetive?

Ele assentiu.

– Eles existem mesmo?

– Claro.

– Mas por que Nell teria contratado um detetive inglês?

Ben sacudiu os ombros.

– Não sei. Acho que ela estava tentando solucionar algum mistério. Fiz algumas insinuações, tentei arrancar alguma coisa dela, mas não

consegui. Então desisti, achei que todo mundo tinha direito aos seus segredos e que Nell me contaria se quisesse. Para dizer a verdade, ainda me sentia um pouco culpado por ter sido intrometido. – Ele sacudiu a cabeça. – Tenho que admitir que adoraria descobrir. Aquilo ficou martelando a minha mente por um bom tempo, e isto aqui – ele sacudiu a escritura – só serve para reforçar. Até agora, a sua avó tem o poder de me confundir.

Cassandra assentiu, distraída. Sua mente estava em outro lugar, tentando estabelecer ligações. Tudo isso por conta da conversa de Ben sobre mistérios, da sugestão de que Nell poderia estar tentando desvendar algum. Todos os segredos surgidos depois da morte de sua avó estavam começando a se misturar: a origem desconhecida de Nell, sua chegada a um porto, a mala, a viagem misteriosa à Inglaterra, esta casa secreta...

– Bem. – Ben despejou o resto do seu chá num vaso de gerânios vermelhos. – Tenho que ir. Estou esperando um homem interessado num aparador de mogno dentro de quinze minutos. Esta venda está dando trabalho; não vejo a hora de concluí-la. Quer alguma coisa do centro?

Cassandra sacudiu negativamente a cabeça. – Eu vou à cidade na segunda-feira.

– Não se apresse, Cass. Como já lhe disse outro dia, posso cuidar do espaço pelo tempo que você precisar. Esta tarde, trago o dinheiro que tiver entrado.

– Obrigada, Ben – ela disse. – Por tudo.

Ele se levantou, empurrou a cadeira de volta para o canto, deixou a escritura debaixo da xícara de chá. Já estava na lateral da casa, quando hesitou e se virou.

– Cuide-se, está bem? Se o vento piorar, vai carregar você.

Um vinco de preocupação desenhou-se na sua testa e Cassandra mal conseguiu encará-lo. Aquele olhar refletia todos os seus pensamentos, e ela não suportava vê-lo lembrar-se de como ela era antes.

– Cass?

– Sim, não se preocupe. – Acenou para ele, ouvindo o motor do carro descendo a rua. A preocupação dele, ainda que bem-intencionada, parecia carregar sempre uma acusação. Uma decepção, ainda que leve, por ela não ter querido ou não ter sido capaz de voltar a ser como era antes. Não lhe ocorreu que ela talvez tivesse escolhido continuar assim. Que, onde ele via reserva e solidão, Cassandra via autopreservação e o conhecimento de que era mais seguro ter pouco a perder.

Esfregou a ponta do tênis no cimento e afastou os pensamentos tristes. Depois pegou a escritura. Notou, pela primeira vez, a nota grampeada na frente do papel. Era a letra de Nell, quase impossível de ler. Aproximou o papel, depois tornou a afastá-lo, decifrando as palavras. Estava escrito: *Para Cassandra, que irá entender por quê.*

Brisbane, 1975

Nell tornou a checar os documentos – passaporte, passagem, cheques de viagem –, depois fechou o zíper da bolsa e ralhou consigo mesma. Com efeito, aquilo estava se tornando compulsivo. As pessoas viajavam de avião todos os dias, pelo que ela sabia. Amarravam-se em assentos dentro de tubos gigantescos de metal e consentiam em ser atiradas para o céu. Respirou fundo. Tudo ia dar certo. Ela era uma sobrevivente, não era?

Ela percorreu a casa, checando as trancas das janelas. Examinou a cozinha, certificou-se de que não tinha deixado nenhum bico de gás escapando, nem gelo derretendo no freezer, nem aparelhos ligados. Finalmente carregou as duas malas para fora pela porta dos fundos e trancou a casa. Sabia por que estava nervosa, é claro, e não era apenas o medo de ter esquecido alguma coisa, nem mesmo o medo de que o avião fosse cair. Estava nervosa porque estava indo para casa. Depois de todo esse tempo, de uma vida inteira, estava finalmente indo para casa.

Tudo tinha acontecido tão de repente, no fim. Seu pai, Hugh, morrera havia apenas dois meses e aqui estava ela abrindo a porta do passado. Ele devia saber que ela iria fazer isso. Quando mostrou a mala para Phyllis e disse para entregá-la a Nell quando morresse, ele deve ter adivinhado.

Enquanto esperava na rua pelo táxi, Nell olhou para a sua casa amarelo-clara. Tão alta vista deste ângulo, diferente de todas as casas que tinha visto antes, com sua escadinha engraçada, fechada havia tantos anos, sua cobertura pintada de rosa, azul e branco, as duas janelas dos quartos no alto. Estreita demais, parecendo demais com um caixote para ser considerada elegante. E, no entanto, ela a amava. Amava o seu ar desajeitado, remendado, sua origem incerta. Vítima do

tempo e de uma sucessão de donos, cada um querendo deixar sua marca na fachada.

Comprara a casa em 1961, depois que Al morrera e ela e Lesley voltaram da América. Estava em mau estado, mas sua posição nas encostas de Paddington, atrás do velho teatro Plaza, parecera a Nell o mais próximo de um lar. E a casa tinha recompensado sua fé, até dando uma nova fonte de renda. No quarto de despejo no subsolo, cheio de móveis quebrados, tinha visto uma mesa que lhe agradou – pernas em espiral e tampo dobrável. Estava em péssimo estado, mas Nell não pensou duas vezes: comprou lixa e goma-laca e a restaurou.

Fora Hugh quem a ensinara a restaurar móveis. Quando ele voltou da guerra e as irmãs começaram a nascer, Nell passou a andar atrás dele durante os fins de semana. Tornou-se sua ajudante, aprendeu a distinguir entalhe de rabo de andorinha de entalhe dentado, goma-laca de verniz. Mas já fazia muito tempo que não lidava com isso, e tinha esquecido, até ver aquela mesa, que sabia realizar esta operação, de que gostava tanto disso. Teve vontade de chorar enquanto esfregava goma-laca nas pernas espiraladas da mesa, sentindo aquele cheiro familiar, mas não era do tipo que chorava.

Uma gardênia murcha perto das malas chamou a atenção de Nell, e ela lembrou que não tinha chamado ninguém para regar o jardim durante sua ausência. A moça que morava atrás tinha concordado em deixar leite do lado de fora para os gatos, enquanto outra mulher ficara de recolher sua correspondência na loja, mas Nell tinha se esquecido das plantas. Só podia andar muito distraída para se esquecer assim das suas adoradas plantas. Teria que pedir a uma das irmãs, teria que telefonar do aeroporto, ou até mesmo do outro lado do mundo. Elas iam ter um choque e tanto, tipo de choque que passaram a esperar da irmã mais velha.

Era difícil acreditar que um dia elas tinham sido tão unidas. Das muitas coisas que a confissão do seu pai lhe havia roubado, perdê-las tinha sido a ferida mais profunda. Já tinha onze anos quando a primeira irmã nasceu, mas o elo instantâneo que tinha se formado a

deixara sem fôlego. Soube, antes mesmo de a mãe lhe dizer, que tinha a responsabilidade de cuidar daquelas irmãzinhas, de velar por elas. Sua recompensa era a devoção delas, a insistência para que Nell as embalasse quando se machucavam, seus corpinhos apertados contra o dela quando tinham um pesadelo e subiam em sua cama para passar a noite.

Mas o segredo de papai tinha mudado tudo. As palavras dele atiraram para o ar o livro da vida dela, e as páginas tinham se misturado no ar, nunca mais juntando-se de novo para contar a mesma história. Percebeu que não conseguia olhar para as irmãs sem se ver como uma estranha e, no entanto, não conseguiu contar-lhes a verdade. Se contasse, iria destruir algo em que elas acreditavam implicitamente. Nell achou que era melhor que a considerassem estranha do que saberem que ela era uma estranha.

Um táxi preto e branco entrou na rua e ela acenou para ele. O motorista guardou suas malas e ela entrou no banco de trás.

– Para onde, querida? – ele perguntou, fechando a porta.

– Para o aeroporto.

Ele assentiu e o táxi partiu, percorrendo o labirinto de ruas de Paddington.

Seu pai tinha lhe contado quando ela fez vinte e um anos. A confissão sussurrada roubou sua identidade.

– Mas quem sou eu? – perguntou.

– Você é você. A mesma de sempre. Você é Nell, a minha Nellie.

Percebeu o quanto ele desejava que fosse assim, mas sabia que seria impossível. A realidade tinha sido desviada alguns graus, deixando-a descompassada em relação aos outros. Esta pessoa que ela era, ou achava que era, não existia de verdade. Não havia nenhuma Nell O'Connor.

– Quem sou eu, de verdade? – Ela tornou a perguntar, dias depois.

– Por favor, me diga, papai.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não sei, Nell. Sua mãe e eu nunca soubemos. E isso nunca fez diferença para nós.

Tentou não se importar também, mas a verdade é que aquilo fazia diferença. As coisas tinham mudado e não conseguia mais encarar o pai. Não que o amasse menos, mas a naturalidade tinha desaparecido. A afeição que sentia por ele, invisível, inquestionável no passado, ganhara um peso, uma voz. Quando olhava para ele, uma voz sussurrava: “Você não é dele de verdade.” Não podia acreditar, por mais que ele insistisse, que o pai a amava como dizia, tanto quanto amava suas irmãs.

– É claro que sim – ele tinha respondido. Seus olhos revelaram sua surpresa, sua dor. Ele tirou o lenço e enxugou a boca. – Eu conheci você primeiro, Nellie, amo você há mais tempo.

Mas não foi o bastante. Ela era uma mentira, tinha vivido uma mentira e se recusava a continuar fazendo isso.

Ao longo de poucos meses, a vida que ela tinha construído durante vinte e um anos foi sendo sistematicamente demolida. Largou o emprego na loja de revistas do sr. Fitzsimmon e arranhou outro de lanterninha no teatro Plaza. Arrumou sua roupa em duas malas e combinou de dividir um apartamento com a amiga de uma amiga. E rompeu seu noivado com Danny. Não imediatamente; não teve coragem de romper de repente. Deixou que a relação se deteriorasse por meses, recusando-se a vê-lo a maior parte do tempo, comportando-se de forma desagradável quando por fim se encontrava com ele. Sua covardia a fez odiar-se ainda mais, um ódio que confirmava a suspeita de que merecia tudo aquilo que estava acontecendo.

Ela custou muito a se recuperar do rompimento com Danny. Aquele rosto bonito, de olhos francos e sorriso aberto. Ele insistiu para saber por quê, é claro, mas ela não conseguiu dizer. Não havia palavras para contar que a mulher que ele amava, com a qual esperava se casar, não existia mais. Como podia esperar que ele lhe desse valor, que ainda a

desejasse, depois de saber que ela era uma pessoa descartável? Que sua própria família a havia abandonado?

O táxi entrou em Albion e prosseguiu velozmente na direção do aeroporto.

– Para onde a senhora vai? – o motorista perguntou, olhando-a pelo espelho retrovisor.

– Para Londres.

– Tem família lá?

Nell olhou para fora, pela janela suja do carro.

– Sim – disse. Esperava que sim.

Também não tinha contado a Lesley sobre a viagem. Ela tinha pensado a respeito, tinha se imaginado pegando o telefone e discando o número da filha – o mais recente numa fileira que se estendia pelo seu caderninho e subia pela margem – mas acabara desistindo. Era muito provável que já estivesse de volta antes que Lesley percebesse que tinha viajado.

Nell não precisava lhe perguntar como tinham começado os problemas com Lesley, ela sabia muito bem. Elas tinham começado mal e nunca acertaram o passo. O nascimento dela tinha sido um choque, a chegada violenta daquele ser que gritava e se contorcia, feito de pernas e braços e gengivas e dedos nervosos.

Noite após noite, Nell tinha ficado acordada no hospital americano, esperando sentir aquele elo de que todo mundo falava. Sentir que estava ligada de forma completa e absoluta àquele ser que tinha crescido dentro dela. Mas isso nunca aconteceu. Por mais que tivesse tentado, por mais que tivesse desejado, Nell permaneceu isolada do gatinho selvagem que sugava e machucava e arranhava seus seios, sempre querendo mais do que ela podia dar.

Al, por outro lado, tinha ficado encantado. Fascinado. Não parecia notar que o bebê era um terror. Ao contrário da maioria dos homens da geração dele, adorava carregar a filha, embalá-la nos braços e passear com ela pelas ruas de Chicago. Às vezes Nell ficava olhando, com um sorriso afável nos lábios, o encantamento dele ao contemplar

a filha. Quando ele erguia os olhos enevoados, Nell via seu próprio vazio refletido neles.

Lesley tinha nascido com uma disposição selvagem, e foi a morte de Al, em 1961, que a fez aflorar. Até quando Nell lhe deu a notícia, viu o antagonismo nos olhos da filha. Nos meses seguintes, Lesley, que sempre fora um mistério para Nell, se recolheu ainda mais para dentro do seu casulo de adolescente, com a certeza de que desprezava a mãe e não queria mais saber dela.

Compreensível, é claro, mesmo que inaceitável – tinha catorze anos, uma idade impressionável, e o pai era tudo para ela. A mudança de volta para a Austrália não tinha ajudado, refletia Nell agora. Mas não era tola a ponto de permitir que a observação do passado a fizesse sentir-se culpada. Fizera o que parecia ser melhor na época: ela não era americana, a mãe de Al tinha morrido alguns anos antes, e, para todos os efeitos, estavam sozinhas. Estrangeiras numa terra estrangeira.

Quando Lesley saiu de casa aos dezessete anos para viajar de carona pela Austrália até Sydney, Nell até ficara feliz. Com Lesley fora de casa, imaginou que finalmente se livraria da sombra que a tinha acompanhado por dezessete anos, murmurando em seu ouvido que era uma mãe horrível, que é claro que a filha não podia tolerá-la, que aquilo estava no sangue, não merecia ter filhos. Por mais que Lil tivesse sido carinhosa, Nell descendia de uma linhagem de mães más, que abandonavam os filhos com toda a facilidade.

E não tinha dado tão errado assim. Doze anos depois, Lesley estava mais perto de casa, morando na Costa Dourada com o namorado mais recente e a própria filha, Cassandra. Nell só tinha visto a menina umas duas vezes. Só Deus sabia quem era o pai; Nell não tinha perguntado. Mas quem quer que fosse devia ter alguma sensatez, porque sua neta não tinha a impetuosidade da mãe. Pelo contrário, Cassandra era uma criança cuja alma parecia ter envelhecido antes do tempo. Calada, paciente, pensativa, leal a Lesley – uma bela criança realmente. Havia uma seriedade nela, naqueles olhos azuis e melancólicos com as pontas

viradas para baixo; e uma boca bonita, que seria maravilhosa se um dia ela sorrisse com uma alegria verdadeira.

O táxi preto e branco parou em frente à porta do Qantas, e, ao pagar ao motorista, Nell se esqueceu completamente de Lesley e Cassandra.

Já tinha passado grande parte da vida sob o peso do remorso, afogada em mentiras e incertezas. Agora estava na hora das respostas, de descobrir quem era. Saltou e olhou para cima quando um avião passou voando baixo, roncando.

– Faça uma boa viagem, querida – o motorista do táxi disse, colocando as malas de Nell num carrinho.

– Vou fazer.

E ela ia mesmo fazer; ia finalmente alcançar as respostas. Depois de passar a vida sendo uma sombra, ia se tornar uma pessoa de carne e osso.

A chave tinha sido a maleta branca, ou melhor, seu conteúdo. O livro de contos de fada publicado em Londres em 1913, o retrato na folha de rosto. Nell tinha reconhecido imediatamente o rosto da contadora de histórias. Uma parte antiga e profunda do seu cérebro forneceu os nomes antes que seu consciente fosse acionado, nomes que ela achava que pertenciam apenas a uma brincadeira de criança. A dama. A Autora. Não só sabia agora que a dama era real, mas sabia também o nome dela. Eliza Makepeace.

Seu primeiro pensamento, naturalmente, foi que esta Eliza Makepeace era sua mãe. Quando foi pesquisar na biblioteca, cerrou os punhos enquanto aguardava, torcendo para a bibliotecária descobrir que Eliza Makepeace tinha perdido uma criança e passara a vida procurando a filha desaparecida. Mas esta era, evidentemente, uma explicação simples demais. A bibliotecária tinha encontrado muito pouco a respeito de Eliza, mas o suficiente para saber que a escritora com aquele nome não tivera filhos.

As listas de passageiros não esclareceram muito mais. Nell verificou cada navio que partira de Londres para Maryborough no final de 1913, mas o nome “Eliza Makepeace” não aparecia em nenhum deles. Havia a chance de Eliza ter escrito usando um pseudônimo, é claro, e ter reservado uma passagem com seu nome verdadeiro, ou até mesmo com um nome fictício. Mas Hugh não tinha dito a Nell em que navio ela chegara, e, sem saber disso, não havia como diminuir o rol de possibilidades.

Entretanto, Nell não desanimou. Eliza Makepeace era importante, tinha desempenhado algum papel no seu passado. Ela *se lembrava* de Eliza. Não claramente, eram lembranças antigas e havia muito reprimidas, mas eram reais. Estar num navio. Esperando. Escondendo-se. Brincando. E começava a se lembrar de outras coisas também. Era como se o fato de se lembrar da Autora tivesse aberto uma espécie de tampa. Lembranças esparsas começaram a surgir: um labirinto, uma velha que a assustava, uma longa viagem pelo mar. Através de Eliza, sabia que encontraria a si mesma, e, para achar Eliza, precisava ir a Londres.

Graças a Deus, tinha dinheiro para a viagem. Graças a seu pai, na verdade, porque ele tinha tido mais a ver com isso do que Deus. Dentro da maleta branca, junto com o livro de contos de fadas, a escova de cabelo, o vestidinho, Nell tinha achado uma carta de Hugh, presa a um retrato e a um cheque. Não era uma fortuna – ele não tinha sido um homem rico – mas o suficiente para fazer uma diferença. Na carta, dizia que desejava que ela tivesse algo mais, e não queria que as outras meninas ficassem sabendo. Ele as ajudara financeiramente enquanto estava vivo, mas Nell sempre recusara a ajuda dele. Mas, assim, achava que ela não poderia dizer não.

Depois ele tinha se desculpado, escrevendo que esperava que algum dia ela pudesse perdoá-lo, apesar de ele nunca ter conseguido perdoar-se. Talvez ela fosse gostar de saber que ele nunca se livrou da culpa, que tinha sido esmagado por ela. Tinha passado a vida desejando nunca lhe ter contado e, se tivesse sido um homem mais corajoso, teria

desejado não ter ficado com ela. Mas isso seria desejar que Nell não tivesse feito parte de sua vida, e preferia ficar com a culpa a abrir mão de Nell.

O retrato era um que ela já tinha visto antes, mas que já não via por muito tempo. Era preto e branco – mais precisamente, marrom e branco – e tinha sido tirado décadas antes. Hugh, Lil e Nell, antes de as irmãs nascerem e aumentarem a família com seus gritos e suas gargalhadas. Era um desses retratos feitos em estúdio, onde as pessoas parecem um tanto espantadas. Como se tivessem sido retiradas da vida real, transformadas em miniatura, depois colocadas dentro de uma casa de bonecas cheia de objetos estranhos. Olhando para ela, Nell teve a sensação de se lembrar do momento em que foi tirada. Não se recordava muito da infância, mas se lembrava de ter detestado aquele estúdio, o cheiro dos produtos químicos usados para revelação. Largou o retrato e apanhou de novo a carta do pai.

Não importava quantas vezes lesse a carta, sempre se espantava com a escolha de palavras: sua culpa. Achava que ele queria dizer que se sentia culpado por ter desarranjado a vida dela com sua confissão; entretanto, a palavra não se encaixava bem. Arrependido, talvez, com remorsos, mas culpado? Parecia uma escolha estranha. Pois, por mais que Nell desejasse que aquilo não tivesse acontecido, por mais que tivesse achado impossível continuar com uma vida que sabia ser falsa, nunca tinha posto a culpa nos pais. Afinal de contas, eles tinham feito o que acharam melhor, o que *era* melhor. Deram-lhe o lar e o amor que ela não tinha. O fato de seu pai ter se sentido culpado, ter imaginado que *ela* o julgava assim, era inquietante. No entanto, agora era tarde demais para lhe perguntar o que ele queria dizer com isso.

Maryborough, 1914

Nell estava com eles havia seis meses quando a carta chegou ao escritório do porto. Um homem em Londres estava procurando uma garotinha de quatro anos de idade. Cabelo: vermelho. Olhos: azuis. Ela estava desaparecida havia quase oito meses e o sujeito – Henry Mansell, dizia a carta – tinha razões para acreditar que ela havia sido embarcada num navio, possivelmente um navio de passageiros em direção à Austrália. Procurava-a em nome de seus clientes, a família da criança.

Parado ao lado de sua mesa, Hugh sentiu os joelhos bambos, os músculos flácidos. O momento que temia – que sabia que um dia ia chegar – tinha chegado. Pois, ao contrário do que Lil achava, crianças, especialmente crianças como Nell, não desapareciam sem que alguém desse o alarme. Ele se sentou na cadeira, tentando controlar a respiração, e olhou rapidamente pela janela. Sentiu-se, de repente, numa vitrine, vigiado por um inimigo invisível.

Passou a mão no rosto e pousou-a no pescoço. O que ia fazer? Era uma questão de tempo até que os outros empregados chegassem ao escritório e encontrassem a carta. E, embora ele tivesse sido o único a ver Nell esperando, sozinha, no cais, isso não os deixaria seguros por muito tempo. A notícia chegaria à cidade – sempre chegava – e alguém somaria dois mais dois. Alguém perceberia que a menina hospedada com os O'Connors em Queen Street, a que falava com um sotaque engraçado, tinha tudo para ser a inglesinha desaparecida.

Não, não podia arriscar que alguém lesse a carta. Com a mão tremendo, Hugh dobrou a carta ao meio, depois tornou a dobrá-la e a guardou no bolso interno do paletó. Por ora, isso bastaria.

Sentou-se. Pronto, já estava se sentindo melhor. Só precisava de tempo para refletir, para pensar numa maneira de convencer Lil de que

era hora de devolver Nell. Os planos de mudança para Brisbane já estavam adiantados. Lil tinha prometido ao proprietário que deixariam a casa, começado a empacotar as coisas, a espalhar pela cidade que havia oportunidades de trabalho para Hugh em Brisbane que não poderiam deixar passar.

Mas planos podiam ser cancelados, teriam que ser cancelados. Porque agora eles sabiam que alguém procurava por Nell, e isso mudava tudo, certo?

Sabia o que Lil ia dizer: que eles não mereciam Nell, aquele homem, Henry Mansell, aquela gente que a tinha perdido. Ia implorar, insistir em que não podiam devolver Nell para pessoas tão descuidadas. Mas Hugh ia lhe mostrar que não se tratava de uma questão de escolha, que Nell não era deles, nunca tinha sido deles, que pertencia a outra pessoa. Ela nem era mais Nell, seu nome verdadeiro estava procurando por ela.

Quando Hugh subiu os degraus da frente aquela tarde, ficou parado um momento, organizando as ideias. Enquanto respirava a fumaça que saía da chaminé, um cheiro agradável, porque vinha do fogo que aquecia o seu lar, uma força desconhecida pareceu prendê-lo ao lugar. Teve a vaga sensação de estar parado no limiar de alguma coisa e que, ao atravessá-la, tudo iria mudar.

Respirou fundo, abriu a porta e suas duas garotas viraram-se para ele. Elas estavam sentadas ao lado do fogo, Nell no colo de Lil, que penteava os longos cabelos vermelhos molhados.

– Pai! – disse Nell, o prazer iluminando o rosto já rosado do calor do fogo.

Lil sorriu por cima da cabeça da menina. O sorriso que sempre o cativara. Desde que a tinha visto, recolhendo as cordas no galpão de barcos do pai. Quando fora a última vez em que tinha visto aquele sorriso? Sabia que tinha sido antes dos bebês. Os bebês que se recusaram a nascer sadios.

Hugh sorriu de volta para Lil, largou a valise, enfiou a mão no bolso onde a carta parecia queimar, tocando-a com as pontas dos

dedos. Virou-se para o fogão, onde o caldeirão maior estava fervendo.

– O jantar está cheirando bem. – Ele tinha um nó na garganta.

– O ensopado de peixe da minha mãe – disse Lil, desembaraçando o cabelo de Nell. – Você está sentindo alguma coisa?

– Por quê?

– Vou fazer um chá de limão com cevada para você.

– É só um pigarro – disse Hugh. – Não precisa se incomodar.

– Não é incômodo nenhum. – Ela sorriu para ele de novo e deu um tapinha no ombro de Nell. – Pronto, pequenina, mamãe tem que fazer um chá. Fique sentada aí até seu cabelo secar. Não quero que você apanhe um resfriado como seu pai. – Enquanto falava, olhou para Hugh com tanta alegria nos olhos, que partia seu coração, obrigando-o a olhar para outro lado.

Durante todo o jantar, a carta pesou no bolso de Hugh, recusando-se a ser esquecida. Sua mão era como um metal atraído por um ímã. Não conseguia largar a faca sem enfiar os dedos no casaco para tocar no envelope, sentença de morte para a felicidade deles. A carta de um homem que conhecia a família de Nell. Bem, pelo menos, era o que ele dizia.

Hugh endireitou o corpo repentinamente, surpreso por ter aceitado imediatamente o que aquele estranho dizia. Tornou a pensar no conteúdo da carta, leu as frases em sua memória, procurando alguma prova. O alívio foi instantâneo. Não havia nada na carta que desse certeza de que aquilo era verdade. Havia muita gente esquisita no mundo envolvida com negócios complicados. Havia um mercado para meninas em alguns países, ele sabia disso, os contrabandistas estavam sempre procurando escravas brancas para vender.

Mas isso era ridículo. Mesmo querendo desesperadamente agarrar-se a esta possibilidade, sabia o quanto ela era improvável.

– Hughie?

Ele ergueu depressa os olhos. Lil olhava-o de um jeito engraçado.

– Você estava no mundo da lua. – Ela pôs a mão na testa dele. – Espero que não esteja ficando com febre.

– Estou bem. – Respondeu com certa brusquidão. – Estou bem, Lil.

Ela apertou os lábios. – Só estava fazendo um comentário. Vou levar esta senhorita para a cama. Ela brincou o dia todo.

Na mesma hora, Nell deu um grande bocejo.

– Boa-noite, pai – a menina disse, satisfeita, quando acabou de bocejar. Quando viu, ela já estava no colo dele, enroscada como um gatinho, os braços em volta do seu pescoço. Ele se deu conta, mais do que nunca, da aspereza da sua pele, da barba em seu rosto. Ele a abraçou e fechou os olhos.

– Boa-noite, Nell querida – murmurou em seu cabelo.

Observou enquanto elas desapareciam no interior do outro quarto. Sua família. Pois, de um modo que não conseguia explicar nem para si mesmo, esta criança, a sua Nell de longas tranças, dava uma solidez a ele e a Lil. Eles eram uma família agora, uma unidade inquebrantável de três, não apenas duas almas que tinham resolvido se juntar.

E aqui estava ele, pensando em destruir isso.

Um som no corredor e ele ergueu os olhos. Lil, na porta, observava-o. Um truque de luz deu um tom avermelhado ao cabelo dela e iluminou seus olhos, luas negras sob os cílios longos. Seus lábios mostravam um sorriso que expressava uma emoção forte demais para ser expressa verbalmente.

Hugh sorriu de volta e seus dedos tornaram a tocar na carta. Abriu a boca para dizer as palavras que não queria falar, mas que não podia conter.

Então Lil veio até ele. Os dedos dela em seu pulso lançando impulsos elétricos até seu pescoço, a mão macia em seu rosto.

– Venha para a cama.

Ah, já houve palavra mais doce do que essa? A voz dela continha uma promessa e foi assim que ele tomou sua decisão.

Segurou na mão dela e a acompanhou.

Quando passaram pela lareira, jogou a carta no fogo. Ela incendiou-se com um chiado, como se o estivesse censurando. Mas ele não parou, continuou andando e nunca olhou para trás.

Brisbane, 2005

Muito antes de ser um centro de antiguidades, era um teatro. O teatro Plaza, uma construção grandiosa nos anos 1930. Simples na parte externa, um enorme caixote branco incrustado na encosta de Paddington, seu interior era outra história. O teto abobadado, azul-escuro com nuvens desenhadas, era iluminado por trás originalmente para dar a ilusão de luar, enquanto centenas de luzinhas cintilavam como estrelas. Tinha sido um sucesso estrondoso por várias décadas, quando os bondes percorriam as ruas e jardins chineses floresciam nos vales, mas, embora tenha sobrevivido a inimigos ferozes como fogo e enchentes, sucumbira rapidamente à televisão nos anos sessenta.

O estande de Nell e Cassandra ficava bem debaixo do arco do proscênio, à esquerda do palco. Uma quantidade de prateleiras, cobertas por inúmeras quinquilharias, bijuterias, livros velhos e um conjunto eclético de peças antigas. Muito tempo atrás, os outros comerciantes tinham começado a chamar o estande de Aladim, de brincadeira, e o nome tinha pegado. Uma plaquinha de madeira com letras douradas anunciava o lugar como sendo *A caverna de Aladim*.

Sentada num banquinho, no meio do labirinto de prateleiras, Cassandra estava com dificuldade de se concentrar. Era a primeira vez em que entrava lá desde a morte de Nell e era estranho sentar-se no meio dos tesouros que tinham acumulado juntas. Era estranho que as coisas ainda estivessem ali e Nell, não. Era, de certa forma, desleal. Colheres que Nell tinha polido, etiquetas de preço com sua caligrafia indecifrável, livros e mais livros. Tinha sido a fraqueza de Nell, todo comerciante tinha uma. Ela gostava, particularmente, de livros escritos no final do século dezenove. Livros do final do período vitoriano, com belas impressões e ilustrações em preto e branco. Se o livro tivesse

dedicatória, melhor ainda. Um registro do passado, uma pista das mãos pelas quais tinha passado até chegar a ela.

– Bom-dia.

Cassandra ergueu os olhos e viu Ben, que lhe estendia um café.

– Examinando o estoque? – perguntou.

Ela afastou dos olhos uma mecha de cabelo e aceitou o café.

– Estou trocando uma coisa ou outra de lugar. Recolocando de volta, na maioria das vezes.

Ben tomou um gole do seu café, fitando-a por cima do copo.

– Tenho uma coisa para você. – Ele enfiou a mão por baixo do colete de lã e tirou um pedaço de papel do bolso da camisa.

Cassandra desdobrou o papel e o alisou. Papel de impressão, branco, A4, com a imagem em preto e branco de uma casa no meio. Um chalé, na realidade, de pedra, pelo que conseguia ver, com manchas – trepadeiras, talvez? – nas paredes. O telhado era de telhas, com uma chaminé de pedra visível atrás do topo. Dois vasos equilibravam-se precariamente sobre ele.

Sabia que casa era essa, é claro.

– Tenho pesquisado um pouco – disse Ben. – Não pude resistir. Minha filha, em Londres, conseguiu fazer contato com alguém na Cornualha e me mandou esta foto por e-mail.

Então este era o grande segredo de Nell. A casa que comprara num impulso e mantivera em segredo por tanto tempo. Estranho o efeito que a foto teve sobre Cassandra. Deixara a escritura na mesa da cozinha durante todo o fim de semana, olhando-a toda vez em que passava pela mesa, sem conseguir pensar em outra coisa. Mas, ao ver aquela foto, teve, pela primeira vez, a impressão de que a casa era real. Tudo entrou em foco: Nell, que foi para o túmulo sem saber quem era na realidade, tinha comprado uma casa na Inglaterra e deixado para Cassandra, achando que esta iria entender por quê.

– Ruby sempre teve jeito para descobrir coisas, então pedi-lhe para conseguir informações sobre antigos proprietários. Achei que se soubéssemos de quem sua avó comprou a casa, talvez descobríssemos o

motivo da compra. – Ben tirou um caderninho espiral do bolso e endireitou os óculos para ler melhor. – Os nomes Richard e Julia Bennett significam alguma coisa para você?

Cassandra sacudiu negativamente a cabeça, ainda olhando para a foto.

– Segundo Ruby, Nell comprou a propriedade do sr. e da sra. Bennett, que, por sua vez, a tinham comprado em 1971. Eles também compraram a mansão ao lado; transformaram-na em um hotel. O Hotel Blackhurst. – Olhou esperançoso para Cassandra.

Ela tornou a sacudir a cabeça.

– Tem certeza?

– Nunca ouvi falar.

– Ah – disse Ben, com um ar desanimado. – Tudo bem. – Ele fechou o caderninho e apoiou o braço na estante mais próxima. – Minha investigação só vai até aí. Um tiro no escuro, imagino. – Coçou a barba. – Típico de Nell deixar um mistério desses. É enervante, você não acha, uma casa secreta na Inglaterra?

Cassandra sorriu.

– Obrigada pela foto, agradeça à sua filha por mim.

– Você pode agradecer pessoalmente quando estiver do lado de lá. – Sacudiu o copo de papel, depois olhou pelo burquinho da tampa para ver se estava vazio. – Quando você pretende ir?

Cassandra arregalou os olhos.

– Você quer dizer para a Inglaterra?

– Uma foto já é alguma coisa, mas não é o mesmo que ver o lugar, é?

– Você acha que devo ir à Inglaterra?

– Por que não? Século XXI, você pode ir e voltar em uma semana e vai ter uma ideia muito melhor do que vai querer fazer com o chalé.

Apesar da escritura em cima da mesa, Cassandra tinha se preocupado tanto com a questão teórica do chalé de Nell, que não pensou em termos práticos: havia um chalé na Inglaterra esperando por ela. Esfregou o pé no chão de madeira, depois olhou para Ben.

– Não é melhor vender?

– Como você vai decidir isso sem nunca ter estado lá? – Ben jogou o copo na lata de lixo ao lado da escrivaninha de cedro. – Não faria mal dar uma olhada, não acha? Obviamente ele significava muito para Nell, já que o manteve por tanto tempo.

Cassandra pensou um pouco. Voar até a Inglaterra, sozinha, assim de repente.

– Mas e o estande...

– Ora! O Centro pode tomar conta das suas vendas, e eu vou estar aqui. – Apontou para as prateleiras cheias. – Você tem mercadoria suficiente para dez anos. – Mudou o tom de voz. – Por que você não vai, Cass? Ia ser bom sair um pouco daqui. Ruby está morando numa casinha em South Kensington, trabalhando no V&A. Ela pode tomar conta de você.

Tomar conta dela: as pessoas estavam sempre se oferecendo para tomar conta de Cassandra. Um dia, uma vida inteira atrás, ela tinha sido uma pessoa adulta, com suas próprias responsabilidades, tinha tomado conta de outros.

– E o que você tem a perder?

Nada, ela não tinha nada a perder, não tinha ninguém a perder. Cassandra, de repente, ficou cansada do assunto. Abriu um sorriso e disse:

– Vou pensar nisso – para encerrar a conversa.

– Ótimo. – Ele deu um tapinha no ombro dela e fez menção de sair.

– Ah, já ia esquecendo. Descobri mais uma coisa interessante. Não lança nenhuma luz sobre Nell e a casa dela, mas é uma coincidência engraçada assim mesmo, considerando o seu passado artístico, todos aqueles desenhos que você costumava fazer.

Ouvir anos de sua vida, de sua paixão, descritos de forma tão casual, relegados tão completamente para o passado, era de tirar o fôlego. Cassandra conseguiu manter o sorriso.

– A propriedade onde está localizada a casa de Nell pertencia à família Mountrachet.

O nome não significava nada e Cassandra sacudiu a cabeça.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– A filha, Rose, se casou com um certo Nathaniel Walker.

Cassandra franziu a testa.

– Um artista... um americano?

– Esse mesmo, pintava principalmente retratos, você sabe o tipo.

Lady Fulana e seus seis poodles prediletos. Segundo minha filha, pintou até um retrato do rei Edward em 1910, pouco antes de ele morrer. O ponto alto da carreira de Walker, eu imagino, embora Ruby não parecesse impressionada com isso. Ela disse que os retratos não eram o melhor trabalho dele, que eram um tanto sem vida.

– Já faz algum tempo desde que eu...

– Ela preferia os desenhos dele. Mas Ruby é assim mesmo, prefere nadar contra a corrente da opinião popular.

– Desenhos?

– Ilustrações, desenhos para revistas, em preto e branco.

Cassandra ficou surpresa.

– Os desenhos de Maze and Fox.

Ben ergueu os ombros e sacudiu a cabeça.

– Ah, Ben, eles eram incríveis, são incríveis, com detalhes fantásticos. – Fazia tanto tempo que não pensava em história da arte, que este entusiasmo súbito a deixou surpresa.

– O nome de Nathaniel Walker surgiu brevemente num curso que eu fiz sobre Aubrey Beardsley e seus contemporâneos – ela disse. – Ele era uma figura controvertida, recordo-me, mas não consigo lembrar por quê.

– Foi isso que Ruby disse. Você vai se dar muito bem com ela. Quando mencionei o nome dele, ela ficou muito empolgada. Disse que vão exibir algumas ilustrações dele na nova exposição do V&A; evidentemente elas são muito raras.

– Ele não fez muitas – Cassandra disse. – Acho que estava muito ocupado com os retratos, as ilustrações eram mais um hobby. Mesmo assim, as que ele fez foram muito elogiadas. – Ela fez uma pausa,

surpresa. – Acho que temos uma aqui, num dos livros de Nell. – Subiu num caixote de leite e passou o dedo pela última prateleira, parando numa lombada cor de vinho com letras douradas, desbotadas.

Abriu o livro, ainda trepada no caixote, e folheou cuidadosamente as gravuras coloridas da frente.

– Aqui está. – Sem tirar os olhos da página, desceu do caixote. O *lamento da raposa*.

Ben se aproximou, ajeitou os óculos.

– Complicado, não é? Não faz muito o meu estilo, mas para você é arte. Entendo sua admiração.

– É lindo e um pouco triste.

Ele se inclinou mais para perto.

– Triste?

– Cheio de melancolia, de saudade. Não consigo explicar melhor, mas é algo no rosto da raposa, uma espécie de ausência. – Sacudiu a cabeça. – Não consigo explicar.

Ben apertou de leve o braço dela, murmurou alguma coisa sobre trazer-lhe um sanduíche na hora do almoço e saiu. Arrastou os pés na direção do seu estande, mais especificamente na direção do freguês que estava mexendo nas peças de um lustre Waterford.

Cassandra continuou a estudar a ilustração, imaginando por que tinha tanta certeza da tristeza da raposa. Era a habilidade do artista, é claro, a capacidade de evocar tão claramente emoções complexas através de finos traços pretos bem posicionados.

Ela apertou os lábios. O desenho a fazia se lembrar do dia em que tinha encontrado o livro de contos de fadas, quando estava matando o tempo no subsolo da casa de Nell enquanto, lá em cima, sua mãe se preparava para abandoná-la. Olhando para trás, Cassandra percebeu que seu amor à arte tinha começado com aquele livro. Tinha aberto o livro e se deparado com as ilustrações maravilhosas, assustadoras, mágicas. Imaginara como seria fugir dos limites rígidos das palavras e se expressar por meio de uma linguagem tão fluida.

E, durante algum tempo, tinha conseguido: a alquimia da pena, a sensação maravilhosa do tempo perdendo o sentido enquanto criava seus desenhos. Seu amor pela arte a tinha levado a estudar em Melbourne, a se casar com Nicholas e a tudo mais que veio depois. Estranho pensar que a vida poderia ter sido completamente diferente se nunca tivesse visto a mala, se não tivesse tido a curiosidade de abri-la e ver o que havia lá dentro.

Cassandra teve uma súbita revelação. Por que não tinha pensado nisso antes? De repente, soube exatamente o que tinha que fazer, onde tinha que procurar. O único lugar onde poderia descobrir as pistas a respeito da origem misteriosa de Nell.

Ocorreu a Cassandra que Nell poderia ter se livrado da mala, mas ela descartou esta ideia com uma certa dose de segurança. Em primeiro lugar, sua avó era uma comerciante de antiguidades, uma colecionadora, um pássaro fazedor de ninhos da espécie humana. Seria algo completamente estranho à sua natureza destruir ou jogar fora algo antigo e raro.

E, o mais importante, se o que as tias disseram era verdade, a mala não era um mero artefato histórico: era uma âncora. Era tudo o que ligava Nell ao seu passado. Cassandra entendia a importância de âncoras, sabia muito bem o que acontecia com uma pessoa quando a corda que as amarrava à sua vida era cortada. Tinha perdido sua própria âncora duas vezes. A primeira vez, quando tinha dez anos e Lesley a abandonou; a segunda, quando era jovem (já fazia mesmo dez anos?) e, num segundo, a vida mudara, deixando-a mais uma vez à deriva.

Mais tarde, quando reviu os acontecimentos, Cassandra entendeu que foi a mala que a encontrou, como tinha feito da primeira vez.

Depois de passar a noite vasculhando os quartos entulhados de coisas de Nell, distraíndo-se com uma outra lembrança, ficou incrivelmente cansada. Não só física, mas mentalmente. O fim de

semana cobrou seu preço, de forma rápida e profunda, provocando um cansaço de contos de fadas, um desejo mágico de se entregar ao sono.

Em vez de descer para o seu quarto, deitou-se sobre a colcha da cama de Nell, com a mesma roupa que estava, e encostou a cabeça no travesseiro macio. O cheiro era incrivelmente familiar – talco com perfume de lavanda, polidor de prata, sabão em pó – e teve a impressão de estar descansando a cabeça no peito de Nell.

Dormiu um sono pesado e sem sonhos. E, na manhã seguinte, quando acordou, teve a sensação de ter dormido muito mais do que uma única noite.

O sol estava entrando no quarto por uma brecha entre as cortinas – como a luz de um farol – e ela observou as partículas de poeira voando. Poderia ter estendido a mão para pegá-las, mas não o fez. Seguiu o fecho de luz com os olhos, virando a cabeça para o lugar que ele apontava. O lugar bem no alto do guarda-roupa, onde as portas tinham se aberto durante a noite para revelar, na última prateleira, debaixo de um monte de sacos plásticos cheios de roupa para o St. Vinnie, uma velha mala branca.

*Oceano Índico, a novecentas milhas do Cabo da Boa
Esperança, 1913*

Levava muito tempo para chegar à América. Nas histórias que papai contara, ele tinha dito que era mais longe do que a Arábia, e a garotinha sabia que levava cem dias e cem noites para chegar lá. A menina tinha perdido a conta dos dias, mas já fazia muito tempo que embarcara no navio. Tanto tempo, de fato, que tinha se acostumado com a sensação de estar sempre se movendo. Isso acontecia quando você passava muito tempo no mar; tinha aprendido tudo sobre isso nas histórias de Moby Dick.

Pensar em Moby Dick deixou a menina muito triste. Isso a fez se lembrar do seu papai, das histórias que ele lhe lia sobre a grande baleia, as imagens que lhe mostrava em seu estúdio, desenhos que tinha feito de oceanos misteriosos e grandes navios. Chamavam-se ilustrações, a menina sabia, apreciando o tamanho da palavra ao repeti-la em sua mente, e, um dia, elas seriam colocadas num livro, um livro de verdade que outras crianças iriam ler. Pois era isso que o seu pai fazia; colocava desenhos em livros de histórias. Ou tinha feito isso numa ocasião. Também desenhava retratos de pessoas, mas a menina não gostava deles, dos olhos que seguiam uma pessoa pela sala.

O lábio inferior da menina começou a tremer, como ocorria às vezes quando pensava em papai e mamãe, e ela o mordeu. No início, tinha chorado um bocado. Não conseguia se controlar; sentia falta dos pais. Mas agora já não chorava tanto, e nunca na frente das outras crianças. Poderiam achar que ela era pequena demais para brincar, e aí o que seria dela? Além disso, mamãe e papai estariam logo com ela. Estariam esperando por ela, sabia, quando o navio chegasse à América. A Autora também ia estar lá?

A menina franziu a testa. Durante todo o tempo que levou para se acostumar com o balanço do mar, a Autora não tinha voltado. Isto intrigava a menina, porque a Autora tinha dito enfaticamente que elas ficariam sempre juntas, que jamais iriam se separar. Talvez estivesse escondida. Talvez tudo fizesse parte do jogo.

A menina não tinha certeza. Estava contente por ter conhecido Will e Sally no convés naquela primeira manhã, senão nem saberia onde dormir, como conseguir comida. Will e Sally e seus irmãos e irmãs – tantos que a menina perdeu a conta – sabiam onde conseguir comida. Mostraram-lhe diversos lugares no navio onde se podia achar uma porção extra de carne-seca. (Ela não gostava muito do sabor, mas o menino apenas riu e disse que talvez não fosse o que ela estava acostumada a comer, mas que servia para um cachorro.) Eram gentis com ela quase sempre. Só ficaram zangados com ela uma vez, quando ela se recusou a dizer o nome para eles. Mas a menina sabia jogar, sabia seguir as regras, e a Autora tinha lhe dito que esta era a regra mais importante de todas.

A família de Will tinha uma série de beliches no convés inferior, com um monte de outros homens, mulheres e crianças, mais gente do que a menina jamais tinha visto reunida num mesmo lugar. Tinham uma mãe viajando com eles, embora só a chamassem de ‘Ma’. Ela não se parecia nada com a mãe da menina, não tinha o rosto bonito de mamãe, nem a bela cabeleira escura enrolada no alto da cabeça todas as manhãs por Poppy. ‘Ma’ se parecia mais com as mulheres que a menina tinha visto algumas vezes quando a carruagem passava pela aldeia, com saias rasgadas e botas precisando de conserto, mãos enrugadas como o par de luvas velhas que Davies usava no jardim.

Quando Will levou a menina para baixo pela primeira vez, Ma estava sentada no beliche de baixo, amamentando um bebê enquanto outro chorava ao seu lado.

– Quem é essa? – perguntou.

– Ela não quer dizer o nome. Diz que está esperando alguém, que devia estar escondida.

– Escondida, hein? – A mulher fez sinal para a menina chegar mais perto. – Do que é que você está se escondendo, menina?

Mas a menina não disse, apenas sacudiu a cabeça.

– Onde estão os pais dela?

– Acho que ela não tem – Will disse. – Não que eu tenha visto. Estava escondida quando a encontrei.

– É isso mesmo, menina? Você está sozinha?

A menina refletiu e decidiu que era melhor dizer que sim do que mencionar a Autora. Ela assentiu.

– Bem, bem. Uma coisinha tão pequena como você, sozinha no mar. – Ma sacudiu a cabeça e embalou o bebê. – Essa mala é sua? Traz aqui para a Ma ver.

A menina viu Ma abrir a mala. Ela empurrou o livro de histórias e o segundo vestido novo e encontrou o envelope no fundo. Ma abriu o envelope. Tirou uma pequena pilha de papéis de dentro.

Will arregalou os olhos.

– Dinheiro. – Ele olhou para a menina. – O que vamos fazer com ela, Ma? Contar ao carregador?

Ma tornou a guardar as notas no envelope, dobrou-o em três e enfiou-o dentro do vestido.

– Não vale a pena contar a ninguém a bordo – disse finalmente –, pelo menos, na minha opinião. Ela vai ficar conosco até chegarmos ao outro lado do mundo, depois vamos ver quem está esperando por ela. Vamos ver se eles vão nos agradecer pelo nosso trabalho. – Ela sorriu, e espaços escuros apareceram entre seus dentes.

A menina não tinha muito contato com Ma e preferia assim. Ma se ocupava dos bebês e um deles parecia estar sempre pendurado no seu peito. Eles mamavam, foi o que Will disse, embora a menina nunca tivesse ouvido falar naquilo. Não em relação a pessoas, pelo menos; ela tinha visto animais mamando nas fazendas da propriedade. Aqueles bebês eram como um par de porquinhos, que só faziam berrar, comer e engordar. E, enquanto Ma se ocupava dos bebês, os outros cuidavam de si mesmos. Estavam acostumados com isso, Will lhe disse, porque

tinham que fazer a mesma coisa em casa. Vinham de um lugar chamado Bolton, e, quando não havia bebês para cuidar, a mãe trabalhava numa fábrica de algodão o dia inteiro. Por isso é que tossia tanto. A menina entendeu: sua mãe também não estava bem, embora não tossisse tanto quanto Ma.

De noite, havia um lugar onde a menina e os outros se sentavam, ouvindo a música que vinha de cima e o som de pés deslizando no assoalho encerado. Era isso que estavam fazendo agora, sentados num canto escuro, ouvindo. No início, a menina quis ver, mas as outras crianças riram e disseram que os deques superiores não eram para gente como eles. Que aquele espaço no fundo da escada era o mais perto que podiam chegar do convés dos grã-finos.

A menina ficou quieta, nunca tinha ouvido regras como aquelas. Em casa, com uma única exceção, podia ir aonde quisesse. O único lugar proibido era o labirinto que dava no chalé da Autora. Mas isto não era a mesma coisa e ela achou difícil entender o que o menino estava dizendo. Gente como eles? Crianças? Talvez o convés superior fosse um lugar proibido para crianças.

Não que quisesse ir lá esta noite. Ela se sentia cansada, fazia dias que se sentia assim. Um cansaço que deixava suas pernas pesadas como troncos de árvore e fazia a escada parecer muito mais alta. Também estava tonta, e sua respiração, quente quando passava pelos seus lábios.

– Vamos – Will disse, cansado da música. – Vamos procurar terra.

Todos se levantaram. A menina ficou em pé e tentou se equilibrar. Will, Sally e os outros estavam conversando, rindo, suas vozes girando em volta dela. Tentou entender o que eles diziam, mas sentiu as pernas bambas, os ouvidos apitando.

O rosto de Will de repente se aproximou do dela, sua voz alta.

– O que aconteceu? Você está bem?

Abriu a boca para responder, mas seus joelhos se dobraram e ela começou a cair. A última coisa que viu, antes de sua cabeça bater no degrau de madeira, foi a lua cheia, brilhando no céu.

A menina abriu os olhos. Havia um homem parado perto dela, com um ar sério, rosto inchado e olhos cinzentos. Aquela expressão não mudou quando ele se aproximou e tirou uma pequena espátula de madeira do bolso da camisa.

– Abra.

Antes que soubesse o que estava acontecendo, a espátula estava em sua língua e ele examinava sua boca.

– Sim – disse. – Ótimo. – Ele retirou a espátula e endireitou o colete. – Respire.

Ela obedeceu e ele balançou a cabeça.

– Ela está bem – disse. Fez um sinal para um rapaz de cabelo cor de palha que a menina reconheceu da última vez em que tinha acordado. – Tem uma viva aqui. Pelo amor de Deus, tire-a da cama antes que isso mude.

– Mas senhor – o rapaz disse –, foi essa que bateu com a cabeça quando desmaiou. Com certeza, ela precisa descansar um pouco.

– Não temos camas suficientes, ela pode descansar quando voltar para a cabine.

– Não sei quem ela é.

O médico revirou os olhos.

– Então pergunte a ela, homem.

O rapaz de cabelo cor de palha baixou a voz.

– Senhor, ela é aquela de quem eu estava falando. Parece ter perdido a memória. Deve ter acontecido quando caiu.

O médico olhou para a menina.

– Como é o seu nome?

A menina pensou um pouco. Ela ouviu o que ele disse, entendeu o que estava perguntando, mas não sabia responder.

– E então? – O homem disse.

A menina sacudiu a cabeça.

– Não sei.

O médico suspirou, exasperado.

– Não tenho tempo nem cama suficiente para isso. A febre dela cedeu. Pelo cheiro dela, deve ser dos alojamentos.

– Sim, senhor.

– Bem? Deve ter alguém lá que vai reclamá-la.

– Sim, senhor, tem um garoto lá fora, o que a trouxe outro dia.

Acabou de chegar para ver como ela estava, acho que é irmão dela.

O médico se virou para a porta para ver o menino.

– Onde estão os pais?

– O garoto diz que o pai está na Austrália, senhor.

– E a mãe?

O rapaz pigarreou, inclinou-se para o médico.

– Dando de comer aos peixes em algum lugar perto do Cabo da Boa Esperança provavelmente, senhor. Morreu ao deixarmos o porto três dias atrás.

– Febre?

– Sim.

O médico passou a mão na testa e suspirou.

– Bem, traga-o aqui, então.

Um garoto, magro como um graveto, de olhos negros como carvão, foi levado diante dele.

– Esta menina pertence a você? – perguntou o médico.

– Sim, senhor – o menino disse. – Quer dizer, ela...

– Chega, não preciso ouvir detalhes. A febre dela cedeu e o galo na cabeça diminuiu. Não está conseguindo dizer muita coisa, mas sem dúvida vai melhorar. Deve querer chamar atenção, depois do que houve com sua mãe. Isso às vezes acontece, especialmente com crianças.

– Mas, senhor...

– Chega. Leve-a com você. – Virou-se para o tripulante. – Dê a cama para outra pessoa.

A menina estava sentada perto da grade, observando a água. Um mar azul, coberto de uma espuma branca, ondulado pelo vento. O navio

estava jogando mais do que normalmente e ela entregou o corpo àquele balanço. Sentia-se esquisita, não exatamente doente, mas estranha. Como se uma névoa tivesse se instalado em sua mente e não quisesse ir embora.

Estava assim desde que acordara na enfermaria, desde que aqueles homens estranhos a tinham examinado e mandado embora com o garoto. Ele a levava para baixo, para um lugar escuro cheio de beliches e colchões e um monte de gente que ela nunca tinha visto.

– Ei. – Uma voz perto do seu ombro. Era o garoto. – Não vai esquecer sua mala.

– Minha mala? – A menina olhou para a mala branca.

– Nossa! – O menino disse, fitando-a com uma expressão estranha. – Você ficou mesmo biruta, achei que você estava fingindo por causa do médico. Não me diga que não se lembra nem da sua mala? Você tomou conta dela a viagem inteira, só faltava bater em quem olhasse para ela. Não queria aborrecer a sua preciosa Autora.

Aquela palavra causou um formigamento estranho em sua pele.

– Autora? – perguntou.

Mas o menino não respondeu.

– Terra! – Gritou, ainda segurando a alça da mala branca. Ela contemplou o seu nariz cheio de sardas, depois se virou para olhar na direção que ele apontava. Lá longe, viu uma faixa de terra, cheia de árvores de um verde muito claro.

– Ali é a Austrália – disse o menino, com os olhos fixos na praia distante. – Meu pai está esperando por nós lá.

Austrália, a menina pensou. Outra palavra que não reconhecia.

– Vamos ter uma nova vida lá, com nossa própria casa e tudo, até mesmo um pedacinho de terra. Foi isso que meu pai disse em suas cartas. Que nós vamos trabalhar na terra, construir uma vida nova. E vamos mesmo, apesar de Ma não estar mais conosco. – Essa última frase foi dita num tom de voz mais baixo. Ele ficou calado por um momento antes de se virar para a menina e inclinar a cabeça na direção da costa. – É lá que o seu pai está?

A menina refletiu.

– Meu pai?

O garoto revirou os olhos.

– Seu pai – disse. – O cara que é casado com a sua mãe. Você sabe, seu pai.

– Meu pai – a menina repetiu, mas o garoto não estava mais prestando atenção. Ele tinha visto uma das irmãs e estava correndo e gritando que avistara terra.

A menina balançou a cabeça, embora ainda não soubesse ao certo o que ele quis dizer.

– Meu pai – disse, sem muita segurança. – É lá que meu pai está.

O grito de “Terra!” percorreu o convés e, enquanto as pessoas se agitavam, a menina levou a mala branca para um local próximo a uma pilha de tonéis, um buraco para onde ela se sentiu estranhamente atraída. Sentou-se e abriu a mala, esperando achar alguma coisa para comer. Não havia nada, então apanhou o livro de contos de fadas que estava em cima do resto das coisas.

Enquanto o navio se aproximava da costa e pontinhos ao longe se transformavam em gaivotas, ela abriu o livro no colo e contemplou o belo desenho em preto e branco de uma mulher e um veado, lado a lado, na clareira de uma floresta. E, de algum modo, embora não soubesse ler as palavras, a menina percebeu que conhecia aquela história. De uma jovem princesa que viajava para muito longe, atravessando o mar, para procurar uma coisa preciosa, oculta, que pertencia a alguém que amava muito.

Sobre o Oceano Índico, 2005

Cassandra recostou-se no plástico frio e duro do assento e olhou pela janela, para o vasto oceano azul que cobria o globo até onde seus olhos conseguiam ver. O mesmo oceano que a pequena Nell tinha atravessado tantos anos antes.

Era a primeira vez que Cassandra viajava para o estrangeiro. Isto é, tinha ido à Nova Zelândia uma vez e tinha visitado a família de Nick na Tasmânia antes de se casarem, mas nunca fora mais longe do que isso. Ela e Nick tinham pensado em passar alguns anos na Inglaterra: Nick escreveria música para a TV britânica, e devia haver muito trabalho para historiadores da arte na Europa. Mas não tinham ido e ela tinha enterrado esse sonho havia muito tempo, sob uma pilha de outros sonhos.

E agora estava num avião, sozinha, voando para a Europa. Depois de ter falado com Ben no centro de antiguidades, depois de ele ter lhe dado o retrato da casa, depois de ter encontrado a mala, não houve espaço em sua mente para mais nada. O mistério tomava o seu ser e, por mais que tentasse, não conseguia se livrar dele. A verdade é que não queria esquecê-lo; gostava de pensar naquilo, de conjecturar a respeito de Nell, daquela outra Nell, a menina que ela não conheceria.

Era verdade que, mesmo depois de ter encontrado a mala, não tinha a intenção de viajar diretamente para a Inglaterra. Parecia mais sensato esperar, ver como se sentiria passado um mês, talvez planejar uma viagem para mais tarde. Não podia partir para a Cornualha assim, por impulso. Foi então que teve o sonho, o mesmo que vinha tendo havia uma década. Estava parada no meio de um campo sem nada no horizonte em qualquer direção. O sonho não dava uma impressão de maldade, apenas de uma coisa sem fim. Vegetação comum, nada que excitasse a imaginação, um capim verde-claro, longo o suficiente para

roçar a ponta dos seus dedos, e uma brisa leve e constante que o agitava.

No início, anos atrás, quando o sonho era novo, sabia que estava procurando alguém, que, se caminhasse na direção certa, iria encontrar essa pessoa. Mas, por mais que sonhasse com aquela cena, nunca conseguia encontrá-la. Uma colina era substituída por outra; desviava os olhos no momento errado; acordava de repente.

Aos poucos, com o tempo, o sonho tinha mudado. Tão sutilmente, tão devagar, que ela nem notou. O cenário não tinha mudado: fisicamente tudo permanecia como antes. Era o sentimento do sonho. A certeza de que encontraria o que procurava desapareceu, até que, uma noite, percebeu que não havia nada nem ninguém esperando por ela. Que, por mais que caminhasse, que procurasse, que desejasse encontrar a pessoa, estava sozinha...

Na manhã seguinte, a tristeza tinha perdurado, mas Cassandra estava acostumada com aquela ressaca e tocou a vida como sempre. Não houve nenhum sinal de que o dia ia ser diferente, até que ela foi ao shopping ali perto comprar pão para o almoço e passou pela agência de viagens. Engraçado, nunca tinha notado que ela ficava ali. Sem saber por quê, abriu a porta, entrou e viu uma fila de atendentes esperando que dissesse alguma coisa.

Cassandra se lembrou mais tarde de ter sentido uma certa surpresa nessa hora. Parecia que ela era uma pessoa real afinal, um ser humano sólido, entrando e saindo da órbita de outros. Mesmo que normalmente tivesse a sensação de viver uma vida pela metade, de ser uma meia-luz.

Depois, em casa, tinha parado por um momento, revivendo os acontecimentos daquela manhã, tentando isolar o instante em que tinha tomado a decisão. Saíra para comprar pão e tinha voltado com uma passagem de avião. Então foi até o quarto de Nell, tirou a mala do seu esconderijo, retirando tudo o que havia lá dentro. O livro de contos de fadas, o desenho com o nome *Eliza Makepeace* escrito atrás, o caderno pautado com a caligrafia de Nell em cada página.

Preparou um café com leite e se sentou na cama de Nell, tentando decifrar aquela caligrafia horrível, transcrevendo o que lia num outro caderno. Cassandra era razoavelmente boa em decifrar anotações escritas em séculos anteriores – isso fazia parte do trabalho de uma comerciante de antiguidades – mas a caligrafia de antigamente seguia um certo padrão. A letra de Nell era uma bagunça. Perversa, propositalmente bagunçada. Para piorar, o caderno tinha sido atingido pela água em algum momento da sua história. As páginas estavam grudadas, havia trechos mofados, e, se não tomasse cuidado, poderia rasgar as folhas e perder para sempre o que estava escrito.

Foi um trabalho lento, mas Cassandra não precisou ir muito longe para perceber que Nell estava tentando solucionar o mistério da sua identidade.

Agosto, 1975. Hoje eles me trouxeram a maleta branca. Assim que a vi, soube o que era.

Fingi naturalidade. Doug e Phyllis não conhecem a verdade e eu não queria que vissem que eu estava tremendo. Queria que achassem que aquela era apenas uma mala velha do papai, que a quis dar para mim. Depois que eles foram embora, fiquei olhando-a por um bom tempo, tentando lembrar: quem eu sou, de onde venho. Não adiantou, é claro, então, finalmente, eu a abri.

Havia um bilhete de papai, uma espécie de pedido de desculpas, e, embaixo, outras coisas. Um vestido infantil – meu, suponho –, uma escova de cabelo de prata e um livro de contos de fadas. Reconheci-o imediatamente. Abri o livro e então a vi, a Autora. As palavras vieram prontas. Ela é a chave para o meu passado, tenho certeza. Se eu a encontrar, irei finalmente encontrar-me. E é isso que pretendo fazer. Neste caderno, vou anotar o meu progresso e, no fim, saberei o meu nome e por que o perdi.

Cassandra virou cuidadosamente as folhas mofadas, cheia de expectativa. Nell tinha conseguido fazer o que planejava? Tinha

descoberto quem era? Foi por isso que ela comprou a casa? A última anotação tinha a data de novembro de 1975 e Nell tinha acabado de chegar a Brisbane:

Vou voltar assim que ajeitar as coisas por aqui. Terei pena de deixar minha casa em Brisbane e a minha loja, mas isso não se compara com a descoberta da minha verdade. E estou tão perto. Sei que estou. Agora que o chalé é meu, sei que vou encontrar as respostas. É o meu passado, o meu eu, e estou quase o encontrando.

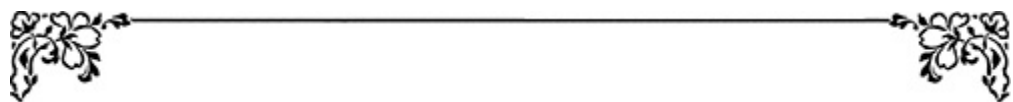
Nell tinha planejado deixar a Austrália para sempre. Por que não o fez? O que teria acontecido? Por que não tinha escrito mais nada?

Mais uma olhada na data, novembro de 1975, e Cassandra ficou arrepiada. Dois meses antes de ela ser abandonada na casa de Nell. A semana, ou duas, que Lesley mencionara tinha se prolongado indefinidamente até se transformar em para sempre.

Cassandra largou o caderno quando compreendeu o que tinha acontecido. Nell tinha assumido Cassandra sem pestanejar, tinha dado a ela um lar e uma família. Uma mãe. E nunca, nem por um instante, deixara Cassandra saber dos planos que sua chegada tinha interrompido.

Cassandra tirou o rosto da janela do avião, pegou o livro de contos de fadas na sua valise e o colocou no colo. Não sabia por que embarcara no avião com o livro. Era a ligação com Nell, supunha, pois este era o livro da maleta, o elo com o passado da avó, umas das poucas coisas que a tinha acompanhado pelos mares até a Austrália. E também tinha a ver com o próprio livro. Exercia nela a mesma compulsão de quando ela tinha dez anos e o descobrira no apartamento de Nell, no subsolo da casa. O título, as ilustrações, até mesmo o nome da autora. Eliza Makepeace. Ao dizê-lo baixinho, Cassandra sentiu um arrepio na espinha.

Enquanto percorria o oceano, lá embaixo, Cassandra abriu o livro na primeira história e começou a ler, uma história chamada “Os olhos da velha” que reconheceu daquele dia quente de verão muito tempo atrás.



OS OLHOS DA VELHA

Eliza Makepeace

Era uma vez, numa terra que ficava muito além do mar luminoso, uma princesa que não sabia que era uma princesa, pois, quando era muito pequena, seu reino tinha sido invadido e sua família real, assassinada. Acontece que a princesinha, neste dia, estava brincando do lado de fora dos muros do castelo e só soube do ataque quando a noite começou a cair na terra e ela voltou e encontrou sua casa em ruínas. A princesinha vagou sozinha por algum tempo, até chegar a um chalé na beira de uma floresta escura. Quando bateu à porta, o céu, enraivecido com a destruição que tinha testemunhado, despejou sobre a terra uma tempestade violenta.

Dentro do chalé, morava uma velha cega que ficou com pena da menina e resolveu abrigá-la e criá-la como se fosse sua filha. Havia muito trabalho a ser feito no chalé da velha, mas a princesa nunca reclamou, porque ela era uma princesa de verdade, com um coração puro. As pessoas mais felizes são aquelas que têm trabalho para fazer, pois suas mentes se mantêm ocupadas, sem tempo para tristezas. Então a princesa cresceu feliz. Amava as estações do ano e gostava de semear e de cuidar das plantações. E, embora estivesse se transformando numa linda moça, a princesa não sabia disso, porque a velha não tinha nem espelho nem vaidade e, portanto, a princesa não tinha aprendido nada a respeito de uma nem outra.

Uma noite, no décimo sexto aniversário da princesa, ela e a velha estavam sentadas à cozinha, jantando.

– O que aconteceu com seus olhos, querida velha? – Perguntou a princesa, que havia muito tempo refletia sobre isso.

A velha virou-se para a princesa, com a pele enrugada onde seus olhos deveriam estar.

– Minha vista me foi tirada.

– Por quem?

– Quando eu era uma jovem donzela, meu pai me amava tanto, que tirou os meus olhos para que eu nunca contemplasse morte e destruição no mundo.

– Mas, querida velha, você também não pode contemplar a beleza – disse a princesa, pensando no prazer que sentia ao contemplar o seu jardim em flor.

– Não – disse a velha. – E eu gostaria muito de ver você, minha Bela, crescer.

– Não podemos procurar os seus olhos em algum lugar?

A velha sorriu tristemente.

– Meus olhos deveriam ter sido trazidos por um mensageiro quando eu fizesse sessenta anos, mas, na noite em questão, minha Bela, ele chegou junto com uma violenta tempestade e eu não pude encontrá-lo.

– Podemos ir procurá-lo agora?

A velha sacudiu a cabeça.

– O mensageiro não pôde esperar, e meus olhos foram levados para o poço profundo que fica na terra das coisas perdidas.

– Não podemos ir até lá?

– Infelizmente – disse a velha –, isso fica muito longe e o caminho é cheio de perigos e privações.

Aos poucos, com o passar das estações, a velha foi ficando mais fraca e pálida. Um dia, quando a princesa estava a caminho do pomar para colher maçãs para o inverno, ela encontrou a velha, sentada no tronco da macieira, se lamentando. A princesa parou, espantada, pois nunca tinha visto a velha aborrecida. Parando para escutar, percebeu que a velha estava falando com um solene pássaro cinzento e branco, com a cauda colorida:

– Meus olhos, meus olhos – disse. – Meu fim está chegando e minha visão jamais será restaurada. Diga-me, sábio pássaro, como vou achar meu caminho no outro mundo se não posso enxergar?

Rápida e silenciosamente, a princesa retornou ao chalé, pois sabia o que tinha que fazer. A velha tinha sacrificado os olhos para abrigar a princesa e agora esta bondade tinha que ser retribuída. Embora nunca tivesse ido além da beira da floresta, a princesa não hesitou. Seu amor pela velha era maior do que uma montanha formada por todos os grãos de areia do mar.

A princesa acordou bem cedinho e se embrenhou na floresta, só parando ao chegar à costa do mar. Lá ela embarcou, atravessando o vasto oceano em busca da terra das coisas perdidas.

O caminho era longo e difícil, e a princesa ficou perplexa, porque a floresta da terra das coisas perdidas era muito diferente da floresta que conhecia. As árvores eram cruéis e retorcidas, os animais, medonhos, até os cantos dos pássaros faziam a princesa tremer. Quanto mais se assustava, mais depressa corria, até que finalmente parou, com o coração martelando em seu peito. A princesa estava perdida e não sabia para onde ir. Já estava se desesperando, quando o solene pássaro cinzento e branco apareceu na frente dela.

– Fui enviado pela velha – disse o pássaro –, para levá-la a salvo até o poço das coisas perdidas, onde você encontrará o seu destino.

A princesa ficou muito aliviada e seguiu o pássaro, com o estômago roncando, porque ainda não encontrara comida naquela terra estranha. Algum tempo depois, viu uma velha sentada num toco de árvore.

– Como vai você, minha Bela? – disse a velha.

– Estou com muita fome – disse a princesa –, mas não sei onde encontrar comida.

A velha apontou para a floresta e, de repente, a princesa viu que havia frutinhas nas árvores e pencas de nozes nas pontas dos galhos.

– Ah, obrigada, gentil senhora – disse a princesa.

– Eu não fiz nada – disse a velha –, só abri seus olhos e mostrei o que você sabia que estava lá.

A princesa continuou andando atrás do pássaro, mais satisfeita agora, mas o tempo começou a mudar e o vento esfriou.

Passado algum tempo, a princesa encontrou outra velha sentada num toco de árvore.

– Como vai você, minha Bela?

– Estou com muito frio, mas não sei onde encontrar roupas quentes.

A velha apontou para a floresta, e, de repente, a princesa viu uma moita de roseiras silvestres com pétalas macias e delicadas. Ela se cobriu com elas e ficou bem aquecida.

– Ah, obrigada, gentil senhora – disse a princesa.

– Eu não fiz nada – disse a velha –, só abri seus olhos e mostrei o que você sabia que estava lá.

A princesa continuou andando atrás do pássaro cinzento e branco, mais satisfeita agora e mais aquecida do que antes, mas seus pés começaram a doer porque já tinha andado muito.

Passado algum tempo, a princesa encontrou uma terceira velha sentada num toco de árvore.

– Como vai você, minha Bela?

– Estou tão cansada, mas não sei onde encontrar uma carruagem.

A velha apontou para a floresta, e, de repente, numa clareira, a princesa viu um cervo marrom com uma argola dourada em volta do pescoço. O cervo piscou o olho para a princesa, um olho escuro e pensativo, e a princesa, que era bondosa, estendeu a mão. O cervo se aproximou e abaixou a cabeça, para que ela pudesse subir em suas costas.

– Ah, obrigada, gentil senhora – disse a princesa.

– Eu não fiz nada – disse a mulher –, a não ser abrir seus olhos e mostrar o que você sabia que estava lá.

A princesa e o cervo seguiram o pássaro cinzento e branco cada vez mais para dentro da floresta escura e, com o passar dos dias, a princesa começou a entender a linguagem delicada do cervo.

Enquanto conversavam, noite após noite, a princesa descobriu que

o cervo estava fugindo de um caçador traiçoeiro, que tinha sido enviado por uma bruxa má para matá-lo. A princesa estava tão grata ao cervo por sua gentileza, que resolveu mantê-lo a salvo dos seus perseguidores.

Mas o caminho para a desgraça está coberto de boas intenções, e, bem cedo na manhã seguinte, a princesa acordou e viu que o cervo não estava no lugar de sempre, perto do fogo. Na árvore ao lado, o pássaro cinzento e branco agitava-se, e a princesa se levantou depressa, para segui-lo. Ao se embrenhar no bosque, a princesa ouviu o cervo chorando. Correu para junto dele e viu que havia uma flecha enfiada em seu flanco.

– A bruxa me encontrou – disse o cervo –, enquanto eu colhia nozes para a nossa viagem, ela ordenou que os arqueiros atirassem em mim. Eu corri o mais depressa que pude, mas, quando cheguei aqui, não consegui correr mais.

A princesa se ajoelhou ao lado do cervo e ficou tão angustiada com o seu sofrimento, que começou a chorar sobre seu corpo, e a sinceridade e a luz de suas lágrimas cicatrizaram sua ferida.

Nos dias seguintes, a princesa cuidou do cervo, e, quando a saúde dele foi restaurada, eles prosseguiram sua viagem em direção à beira da vasta floresta. Quando saíram finalmente do meio das árvores, avistaram a costa e o mar luminoso.

– Um pouco mais ao norte – disse o pássaro –, fica o poço das coisas perdidas.

O dia terminara e a noite caía, mas as pedrinhas na praia brilhavam como prata ao luar, indicando o caminho. Eles caminharam para o norte até que, finalmente, no topo de uma rocha negra, avistaram o poço das coisas perdidas. O pássaro cinzento e branco deu-lhes adeus e saiu voando, tendo cumprido o seu dever.

Quando a princesa e o cervo chegaram ao poço, a princesa se virou para acariciar o pescoço do seu nobre companheiro.

– Você não pode descer até o fundo do poço comigo, querido cervo – ela disse –, pois tenho que fazer isso sozinha. – E, lançando mão de toda a coragem que tinha descoberto ter durante a viagem, a princesa pulou para dentro do poço e caiu na direção do fundo.

A princesa mergulhou em sonos e sonhos até se ver caminhando num campo em que o sol fazia a grama brilhar e as árvores cantarem.

De repente, apareceu uma bela fada, com cabelos compridos e ondulados que brilhavam como fios de ouro e um sorriso radiante no rosto. A princesa se acalmou imediatamente.

– Você veio de muito longe, viajante cansada – disse a fada.

– Eu vim buscar os olhos de uma amiga querida. Você viu os olhos a que me refiro, linda fada?

Sem uma palavra, a fada abriu a mão e, lá dentro, estavam os lindos olhos de uma donzela que não tinha visto nenhum mal no mundo.

– Pode levá-los – disse a fada –, mas sua velha jamais irá usá-los.

E, antes que a princesa pudesse perguntar o que a fada queria dizer com isso, ela acordou e viu que estava deitada ao lado do seu querido cervo na abertura do poço. Em suas mãos, havia um pequeno embrulho com os olhos da velha.

Durante três meses, os viajantes percorreram a terra das coisas perdidas e atravessaram o profundo mar azul, retornando à terra da princesa. Quando se aproximaram do chalé da velha, na beira da floresta escura, um caçador os fez parar e confirmou a profecia da fada. Enquanto a princesa viajava pela terra das coisas perdidas, a velha tinha ido tranquilamente para o outro mundo.

Ao ouvir isso, a princesa começou a chorar, pois sua longa viagem tinha sido em vão, mas o cervo, que era tão sábio quanto bondoso, disse à Bela que enxugasse as lágrimas.

– Não tem importância, porque ela não precisou dos olhos para saber quem era. Ela soube disso através do seu amor por ela.

E a princesa ficou tão grata ao cervo, que estendeu a mão e acariciou seu rosto. Nesse instante, o cervo se transformou num belo príncipe, e sua argola dourada se transformou numa coroa. Ele contou à princesa que uma bruxa má tinha lançado um feitiço contra ele, prendendo-o no corpo de um cervo até que uma bela donzela o amasse o suficiente para se apiedar dele.

Ele e a princesa se casaram e viveram felizes para sempre no chalé, com os olhos da velha velando por eles de um jarro pousado sobre a lareira.

Ele era um rabisco de homem. Frágil, magro e curvado, com uma corcunda no meio das costas. Calça bege com manchas de gordura nos joelhos, tornozelos finos como gravetos saindo de sapatos grandes demais, tufo de cabelo branco brotando de diversos pontos do seu lustroso couro cabeludo. Parecia um personagem de livro infantil. De um conto de fadas.

Nell afastou-se da janela e tornou a consultar o endereço em seu caderno. Lá estava ele, escrito com sua própria caligrafia ininteligível: *Sebo de livros do sr. Snelgrove, Cecil Court 4, perto de Charing Cross – o maior especialista em escritores de contos de fadas e de livros velhos em geral. Talvez conheça Eliza?*

Os bibliotecários da Biblioteca Central tinham lhe dado o nome e o endereço dele na véspera. Eles não conseguiram dar nenhuma informação sobre Eliza Makepeace que Nell já não tivesse, mas tinham lhe dito que, se alguém pudesse ajudá-la, esse alguém era o sr. Snelgrove. Não era o mais sociável dos homens, isso era certo, mas conhecia mais sobre livros antigos do que qualquer outra pessoa em Londres. Ele era tão velho, um dos bibliotecários mais moço disse, brincando, que devia ter lido aquele livro de contos de fadas quando este foi lançado.

Um vento frio soprou no seu pescoço e Nell fechou mais o casaco. Com um suspiro profundo, abriu a porta.

Uma sineta soou sobre a porta e o velho se virou para ela. Lentes grossas refletiram a luz, brilhando como dois espelhos redondos, e orelhas enormes se equilibravam nos lados de sua cabeça, com tufo de cabelo branco saindo de dentro delas.

Ele inclinou a cabeça e Nell, a princípio, achou que o gesto era um cumprimento – algum vestígio de boas maneiras de antigamente.

Quando os olhos claros surgiram no alto dos óculos, ela percebeu que ele apenas procurava vê-la melhor.

– Sr. Snelgrove?

– Sim. – Um tom professoral. – Sim. Bem, entre, você está deixando o ar frio entrar.

Nell entrou e a porta se fechou atrás dela. Uma pequena corrente de ar foi puxada para fora, deixando o ar quente e viciado se restabelecer.

– Nome – disse o homem.

– Nell. Nell Andrews.

Ele piscou os olhos.

– Nome – repetiu, enunciando as palavras cuidadosamente – do livro que você está procurando.

– É claro – Nell tornou a consultar o caderno. – Embora eu não esteja exatamente procurando um livro.

O sr. Snelgrove tornou a piscar os olhos, lentamente, uma paródia de paciência.

Já estava cansado dela, Nell percebeu. Isso a pegou desprevenida, estava acostumada a ser a impaciente. A surpresa a fez gaguejar.

– Qu-quer dizer – ela parou, tentando se recompor –, eu já tenho o livro.

O sr. Snelgrove respirou fundo com suas narinas grandes.

– Posso sugerir, madame – disse –, que, se já tem o livro, não precisa dos meus humildes serviços. – Um aceno. – Tenha um bom dia.

E com isso se afastou arrastando os pés, dirigindo sua atenção para a estante ao lado da escada.

Ela tinha sido descartada. Nell abriu a boca. Tornou a fechar. Virou-se para sair. Parou.

Não. Viera de muito longe para solucionar o mistério, e este homem era sua melhor chance de lançar alguma luz sobre Eliza Makepeace, sobre o motivo pelo qual ela teria levado Nell para a Austrália em 1913.

Endireitando o corpo, Nell se aproximou do sr. Snelgrove. Ela limpou a garganta com determinação e esperou.

Ele não virou a cabeça, apenas continuou a guardar seus livros.

– Você ainda está aqui. – Uma afirmação.

– Sim – Nell disse com firmeza. – Eu vim de muito longe para mostrar-lhe uma coisa e não pretendo ir embora antes de o fazer.

– Acho, madame – ele disse, suspirando –, que você perdeu o seu tempo assim como está me fazendo perder o meu. Não vendo artigos em consignação.

Nell ficou furiosa.

– E eu não quero vender o meu livro. Só peço que o senhor dê uma olhada nele para que eu possa ter uma opinião abalizada. – Seu rosto estava vermelho, uma sensação pouco comum. Não era dada a rubores.

O sr. Snelgrove virou-se para examiná-la com aquele olhar frio e cansado. Uma certa emoção (qual, ela não soube dizer) crispou os lábios dele. Sem dizer uma palavra e com um leve aceno, indicou um pequeno escritório atrás do balcão.

Nell entrou depressa no escritório. A concordância dele era o tipo de gentileza rara que tinha o hábito de abalar as defesas de qualquer um. Uma lágrima de alívio ameaçou saltar de seus olhos e ela enfiou a mão na bolsa com pressa de encontrar um lenço velho e abortar o choro. O que estava acontecendo com ela? Não era uma pessoa emotiva, sabia se controlar. Pelo menos, sempre soubera. Até recentemente, até Doug ter entregado a maleta e ela ter encontrado o livro lá dentro, com o desenho na folha de rosto. Começara a se lembrar de coisas e pessoas, como a Autora; fragmentos do seu passado, vistos através de buraquinhos no tecido da sua memória.

O sr. Snelgrove fechou a porta de vidro e caminhou por cima de um tapete persa coberto de uma poeira muito antiga. Ele foi andando por entre montes de livros, arrumados, como um labirinto, pelo chão, até que se sentou na cadeira de couro do outro lado da escrivaninha. Tirou um cigarro de um maço amassado e o acendeu.

– Bem – a palavra flutuou numa nuvem de fumaça –, entre. Deixe-me dar uma olhada nesse seu livro.

Nell tinha embrulhado o livro numa toalha de chá ao sair de Brisbane. Uma ideia sensata – o livro era antigo e precioso, precisava de proteção –, mas aqui, na caverna dos tesouros do sr. Snelgrove, a domesticidade que o pano indicava a deixou envergonhada.

Desamarrou o barbante e retirou a toalha de xadrez vermelho e branco, resistindo ao impulso de enfiá-la no fundo da bolsa. Entregou o livro ao sr. Snelgrove.

Fez-se silêncio, pontuado apenas pelo tique-taque de um relógio invisível. Nell esperou ansiosamente enquanto ele virava as páginas, uma por uma.

Ele ainda não dissera nada.

Talvez precisasse de mais explicações.

– O que eu gostaria...

– Silêncio. – Ele ergueu a mão; o cigarro enfiado entre dois dedos ameaçava deixar cair a cinza.

As palavras de Nell ficaram presas em sua garganta. Ele era, sem dúvida, o homem mais grosseiro com quem tinha tido a infelicidade de tratar e, considerando a personalidade de alguns dos seus colegas do ramo de artigos de segunda mão, isso queria dizer alguma coisa. Entretanto, era a sua melhor chance de descobrir a informação que queria. Não tinha escolha a não ser ficar ali sentada, muda, observando e esperando enquanto o cigarro ia virando cinzas.

Finalmente as cinzas se desprenderam e caíram, de leve, no chão. Juntaram-se a outros cadáveres poeirentos com a mesma morte silenciosa. Nell, que não era, absolutamente, uma dona de casa cuidadosa, estremeceu.

O sr. Snelgrove deu uma última tragada e apagou o cigarro num cinzeiro abarrotado. Depois do que pareceu ser uma eternidade, perguntou, tossindo:

– Onde foi que você achou isto?

Estaria imaginando o tremor de interesse na voz dele?

– Ganhei de presente.

– De quem?

Como responder a isso.

– Da própria autora, eu acho. Não me lembro direito, ganhei quando era criança.

Ele a observava atentamente. Os lábios apertados, um pouco trêmulos.

– Já ouvi falar dele, é claro, mas confesso que nunca tinha visto um exemplar.

O livro estava em cima da mesa e o sr. Snelgrove passou a mão de leve sobre a capa. Piscou os olhos e suspirou como um homem perdido no deserto que, finalmente, tivesse encontrado água.

Surpresa com esta mudança de atitude, Nell balbuciou.

– Então ele é raro?

– Ah, sim – ele disse baixinho, tornando a abrir os olhos. – Sim, excepcionalmente raro. Só tem uma edição. E as ilustrações são de Nathaniel Walker. Este deve ser um dos únicos livros que ele ilustrou. – Abriu a capa e contemplou a folha de rosto. – É um espécime muito raro.

– E quanto à autora? O senhor sabe alguma coisa sobre Eliza Makepeace? – Nell prendeu a respiração enquanto ele franzia o velho nariz. Ousou ter esperanças. – Ela era muito misteriosa. Consegui descobrir pouca coisa sobre ela.

O sr. Snelgrove se levantou e contemplou desejosamente o livro antes de se virar para uma caixa de madeira, na estante atrás dele. Quando ele abriu uma das suas pequenas gavetas, Nell viu que esta estava cheia até a beirada de pequenos cartões retangulares. Ele folheou os cartões, resmungando para si mesmo, até retirar um.

– Aqui está. – Ele mexeu com os lábios enquanto examinava o cartão e começava a ler em voz alta. – Eliza Makepeace... suas histórias apareceram em várias revistas... Só publicou uma coleção de histórias – bateu com o dedo no livro de Nell – que temos bem aqui... poucos estudos sobre ela... exceto... ah, sim.

Nell ficou reta na cadeira.

– O que foi? O que foi que o senhor descobriu?

– Um artigo, um livro que menciona a sua Eliza. Contém uma pequena biografia, se não me engano. – Ele foi até uma estante que ia do chão até o teto. – Relativamente recente, só tem nove anos. De acordo com minhas anotações, deve estar arquivado em algum lugar... – Ele passou o dedo pela quarta prateleira, hesitou, continuou, parou. – Aqui está. – Ele gemeu ao retirar o livro e soprou a poeira que cobria a capa. Depois examinou a lombada. *Autores de contos de fadas e de ficção do final do século XIX e início do século XX*, de autoria do dr. Roger McNab. – Ele lambeu o dedo e procurou o índice. – Aqui está, Eliza Makepeace, página quarenta e sete.

Ele abriu o livro sobre a mesa, virando-o para Nell.

O coração dela estava disparado, o pulso batendo sob a pele. Ela estava quente, muito quente. Procurou a página quarenta e sete e leu o nome de Eliza no alto da página.

Finalmente, finalmente estava fazendo algum progresso. Era uma biografia que prometia dar corpo à única pessoa a quem ela sabia que estava, de alguma forma, ligada.

– Obrigada – disse, com um nó na garganta. – Obrigada.

O sr. Snelgrove balançou a cabeça, sem jeito com a gratidão dela. Fez um sinal na direção do livro de Eliza.

– Suponho que você não esteja procurando um bom lar para ele?

Nell sorriu de leve e sacudiu a cabeça.

– Não posso me separar dele. É uma herança de família.

A sineta soou. Um rapaz estava do outro lado da porta de vidro do escritório, olhando espantado para as torres de prateleiras bambas.

O sr. Snelgrove disse:

– Bem, se você mudar de ideia, sabe onde me encontrar. – Espiando por cima dos óculos para o novo freguês, bufou: – Por que eles sempre deixam a porta aberta? – Ele começou a arrastar os pés na direção da loja. – *Autores de contos de fadas e ficção* custa três libras – disse ao passar pela cadeira de Nell. – Você pode ficar sentada aí e usar o local

por um breve período, mas deixe o dinheiro em cima do balcão quando sair.

Nell assentiu e, quando a porta se fechou atrás dele, começou a ler, com o coração disparado.

“Uma escritora da primeira década do século XX, Eliza Makepeace é mais lembrada por seus contos de fadas, publicados regularmente em diversos periódicos entre 1907 e 1913. Costuma-se atribuir a ela a autoria de trinta e cinco histórias; entretanto, esta lista está incompleta e a verdadeira extensão da sua produção talvez nunca seja conhecida. Uma edição ilustrada dos contos de fadas de Eliza Makepeace foi publicada pela editora de Londres Hobbins and Co. em agosto de 1913. O livro vendeu bem e recebeu resenhas favoráveis. O *The Times* descreveu as histórias como sendo ‘um prazer estranho que fez este crítico reviver as sensações prazerosas e às vezes assustadoras da infância’. As ilustrações de Nathaniel Walker foram especialmente elogiadas e estão entre os seus melhores trabalhos.¹ (Ver Thomas R. Collins, *Desenhando o passado* [Hamilton Hudson, 1959] e Reginald Coyte, *Ilustradores famosos* [Wycliffe Press, 1964]. Elas se diferenciam dos seus retratos a óleo, pelos quais ele é agora mais lembrado.

“A própria história de Eliza começou no dia 1º de setembro de 1888, quando ela nasceu em Londres. Os registros de nascimento daquele ano indicam que ela era gêmea, e os primeiros doze anos de sua vida foram vividos numa casa de cômodos em Battersea Church Road número trinta e cinco. A linhagem de Eliza é bem mais complexa do que suas origens humildes podem sugerir. A mãe dela, Georgiana, era de uma família aristocrática da Mansão Blackhurst, na Cornualha. Georgiana Mountrachet causou um escândalo na sociedade quando, aos dezessete anos, fugiu da propriedade da família com um jovem de classe social bem inferior à dela.

“O pai de Eliza, Jonathan Makepeace, nasceu em Londres, em 1866, filho de um barqueiro do Tâmesa que não tinha um tostão. Era o quinto de nove filhos e cresceu nos cortiços que ficavam atrás do cais

do porto de Londres. Embora a sua morte, em 1888, tenha ocorrido antes do nascimento de Eliza, as histórias que ela publicou parecem reinterpretar acontecimentos vividos por um jovem Jonathan Makepeace durante sua infância no rio. Por exemplo, em ‘A maldição do rio’, os mortos pendurados na forca são certamente baseados em cenas que Jonathan Makepeace deve ter testemunhado quando menino na Doca de Execução. Podemos presumir que estas histórias foram contadas a Eliza por sua mãe, Georgiana, fantasiadas talvez, e guardadas na sua memória até que começasse a escrever.

“Como o filho de um barqueiro pobre de Londres conheceu a ilustre Georgiana Mountrachet e se apaixonou por ela permanece um mistério. Assim como sua fuga foi mantida em segredo, Georgiana não deixou nenhuma informação sobre eventos anteriores à sua partida. Tentativas de conhecer a verdade foram prejudicadas pelos esforços da família em abafar a história. Houve poucas notícias nos jornais e, só com uma pesquisa mais aprofundada em cartas e diários, será possível achar alguma menção ao que deve ter sido um grande escândalo na época. A ocupação mencionada no atestado de óbito de Jonathan é ‘marinheiro’, entretanto, a natureza precisa do seu emprego não fica clara. É apenas especulação a sugestão deste autor de que, talvez, a vida de Jonathan no mar o tenha levado às costas rochosas da Cornualha. Talvez, na enseada da propriedade da família, a filha de Lord Mountrachet, famosa em todo o condado por sua beleza ruiva, tenha conhecido o jovem Jonathan Makepeace.

“Quaisquer que tenham sido as circunstâncias do seu encontro, não pode haver dúvidas de que estavam apaixonados. Infelizmente, o jovem casal não teve muitos anos de felicidade. A morte súbita e um tanto inexplicável de Jonathan menos de dez meses depois da fuga do casal deve ter sido um golpe devastador para Georgiana Mountrachet, que ficou sozinha em Londres, solteira, grávida e sem família nem recursos financeiros. Mas Georgiana não era de se deixar abater: abandonara as regras da sua classe social e, depois do nascimento dos bebês, abandonou também o nome Mountrachet. Fazia cópias para a

firma de advocacia de HJ Blackwater and Associates, de Lincoln's Inn, Holborn.

“Existem algumas evidências de que a bela caligrafia de Georgiana era um dom que ela pôde expressar amplamente em sua juventude. Os diários da família Mountrachet, doados em 1950 à Biblioteca Britânica, contêm uma quantidade de programas de teatro feitos com uma caligrafia cuidadosa e ilustrações benfeitas. No canto de cada programa, a ‘artista’ escreveu seu nome em letras pequenas. Teatro amador era muito popular em diversas mansões, entretanto, os programas das peças encenadas em Blackhurst nos anos 1880 aparecem com mais regularidade e seriedade do que, talvez, fosse comum.

“Pouco se sabe a respeito da infância de Eliza em Londres, a não ser o endereço em que nasceu e passou seus primeiros anos de vida. Pode-se deduzir, no entanto, que sua vida foi marcada pela pobreza e pela luta pela sobrevivência. Muito provavelmente, a tuberculose responsável pela morte de Georgiana já a estava espreitando em meados dos anos 1890. Se a doença seguiu o curso normal, nos últimos anos dessa década, a falta de ar e o cansaço a devem ter impedido de trabalhar. Sem dúvida, as contas de HJ Blackwater evidenciam este período de declínio.

“Não há evidência de que Georgiana tenha buscado tratamento para a sua doença, e era comum no período o medo de intervenção médica. Na Inglaterra dos anos 1880, a tuberculose era uma doença que tinha que ser notificada, e os médicos eram obrigados por lei a comunicar a sua existência às autoridades governamentais. As pessoas pobres, com medo de serem mandadas para sanatórios (que pareciam prisões), evitavam procurar ajuda. A doença da mãe deve ter afetado muito Eliza, tanto em termos práticos quanto criativos. É quase certo que ela deve ter tido que contribuir financeiramente para o sustento da família. As meninas na Inglaterra vitoriana eram empregadas em posições subalternas – empregadas domésticas, vendedoras de frutas, vendedoras de flores – e a descrição de Eliza de ferros de passar roupa

e baldes de água quente em alguns de seus contos de fadas sugere que conhecia intimamente estes trabalhos. Os seres vampírescos em ‘A caça às fadas’ também podem refletir a crença do início do século XIX de que pessoas que sofriam de tuberculose eram vítimas de vampiros: sensibilidade à luz, olhos vermelhos e inchados, pele muito pálida e o tossir sangue eram sintomas que alimentavam estas crenças.

“Não se sabe se Georgiana fez alguma tentativa de contatar sua família depois da morte de Jonathan, ou quando sua saúde se deteriorou. Entretanto, na opinião deste escritor, não parece provável. Uma carta de Linus Mountrachet para um colega, datada de dezembro de 1900, sugere que só tinha ouvido falar de Eliza, sua sobrinha de Londres, recentemente, e estava chocado ao pensar que ela tinha passado uma década em condições tão terríveis. Talvez Georgiana temesse que a família Mountrachet não fosse perdoar sua fuga. Se a carta do irmão dela estiver falando a verdade, este medo foi infundado.”

Depois de passar tantos anos procurando no estrangeiro, navegando pelos mares e revolvendo céus e terras, pensar que minha amada irmã estava tão perto. E sofrendo tantas privações! Você vai ver que eu disse a verdade quando descrevi a personalidade dela. Ela não pareceu se importar com o fato de que a amamos tanto e só queríamos que ela voltasse para casa sã e salva...

“Embora Georgiana nunca tenha voltado para casa, Eliza estava destinada a voltar para o seio de sua família materna. Georgiana Mountrachet morreu em junho de 1900, quando Eliza tinha onze anos. O atestado de óbito diz que ela morreu de tuberculose aos trinta anos. Depois da morte da mãe, Eliza foi enviada para a casa da família materna na costa da Cornualha. Não se sabe como esta reunião familiar foi realizada, mas é possível supor que, apesar dos tristes acontecimentos que a ocasionaram, para a jovem Eliza, esta mudança de casa foi um evento bem-vindo. A mudança para a Mansão

Blackhurst, uma bela propriedade cercada de jardins, deve ter sido um alívio, dando-lhe segurança depois dos perigos das ruas de Londres. Na realidade, o mar se tornou um tema recorrente de renovação e redenção em seus contos de fadas.

“Sabe-se que Eliza morou com a família do seu tio materno até os vinte e cinco anos. Entretanto, depois disso, seu paradeiro permanece um mistério. Diversas teorias foram formuladas a respeito da sua vida após 1913, embora nenhuma tenha sido provada. Alguns historiadores sugerem que ela foi vítima da epidemia de escarlatina que tomou conta da costa da Cornualha em 1913. Outros, atônitos pela publicação do seu último conto de fadas, ‘O voo do cuco’, na revista *Literary Lives*, sugerem que ela passou seu tempo viajando, vivendo a vida de aventuras patrocinada por seus contos de fadas. Esta ideia tentadora ainda precisa ser estudada mais seriamente, e, apesar destas teorias, o destino de Eliza Makepeace, bem como a data de sua morte, continuam sendo um dos mistérios da literatura.

“Existe um desenho a carvão de Eliza Makepeace, feito pelo famoso retratista eduardiano Nathaniel Walker. Encontrado depois da morte dele no meio de seus trabalhos inacabados, o desenho, intitulado ‘A Autora’, está atualmente na Tate Gallery, em Londres. Embora Eliza Makepeace só tenha publicado uma coleção completa de contos de fadas, seu trabalho é rico em conteúdo sociológico e metafórico e mereceria um estudo acadêmico. Enquanto que histórias iniciais, como ‘A criança trocada’, mostram uma forte influência da tradição europeia, as posteriores, como ‘Os olhos da velha’, sugerem um enfoque mais original e, ousaríamos sugerir, mais autobiográfico. Entretanto, como muitas escritoras da primeira década deste século, Eliza Makepeace foi vítima da mudança cultural que ocorreu depois dos eventos marcantes do início do século (a Primeira Grande Guerra e o voto feminino, para citar apenas dois) e perdeu o interesse do público. Muitas de suas histórias se perderam durante a Segunda Grande Guerra, quando os periódicos mais obscuros da Biblioteca Britânica foram roubados. Em consequência, Eliza e seus contos de fadas são relativamente

desconhecidos hoje. A obra e a própria autora parecem ter desaparecido da face da terra, perdidos como tantos outros fantasmas das primeiras décadas do século.”

Londres, 1900

No alto da loja do sr. e da sra. Swindell, em sua pequena casa na beira do Tâmis, havia um quartinho. Pouco mais que um armário, na verdade. Era escuro e úmido, com um cheiro de mofo (consequência natural de drenagem inadequada e falta de ventilação), paredes descoloridas que rachavam no verão e ficavam infiltradas no inverno, e uma lareira cuja chaminé estava entupida havia tanto tempo, que era até grosseria esperar que funcionasse. Entretanto, apesar de sua pobreza, o quarto em cima da loja dos Swindells era o único lar que Eliza Makepeace e seu irmão gêmeo, Sammy, conheciam, um pedacinho de abrigo e segurança em vidas destituídas de ambos. Eles tinham nascido no outono do terror em Londres, e, quanto mais velha Eliza ficava, mais tinha certeza de que este fato, acima de qualquer outro, a tinha feito ser como era. O Estripador foi o primeiro adversário numa vida que seria cheia deles.

Do que Eliza mais gostava no quartinho, na realidade, a única coisa de que gostava nele além do fato de ser um abrigo, era a fenda entre dois tijolos, acima da velha estante de pinho. Era eternamente grata à incompetência do construtor, combinada com a tenacidade dos ratos locais, pela fenda na parede. Se deitasse de bruços na prateleira, com o olho encostado nos tijolos e a cabeça inclinada no ângulo certo, podia avistar o rio. Daquele local secreto, conseguia observar, sem ser vista, o fluxo constante do dia a dia. Desse modo, Eliza realizava dois ideais: conseguia ver e não ser vista. Pois, embora sua curiosidade não tivesse limites, não gostava de ser observada. Achava perigoso ser notada, acreditava que a observação era uma forma de roubo. Sabia disto porque era do que mais gostava de fazer, guardar imagens em sua mente para rever e reformular de acordo com sua vontade. Tecer

histórias, voos fantasiosos que teriam horrorizado as pessoas que serviam de inspiração.

E havia tanta gente para escolher. A vida naquele pedaço do Tâmis nunca parava. O rio era a artéria de Londres, aumentando e diminuindo com as marés incessantes, levando e trazendo coisas boas e ruins. Embora Eliza gostasse de quando os barcos de carvão chegavam com a maré cheia, com os barqueiros levando e trazendo pessoas, com as balsas trazendo as cargas dos carvoeiros, era na maré baixa que o rio ganhava realmente vida. Quando a maré baixava o suficiente para o sr. Hackman e seu filho começarem a dragar em busca de corpos cujos bolsos precisavam ser esvaziados; quando os catadores de lama apareciam, procurando corda e ossos e pregos, qualquer coisa que pudesse render algum dinheiro. O sr. Swindell tinha seu próprio grupo de catadores e seu pedaço de lama, um quadrado fétido que guardava como se contivesse o ouro da Rainha. Quem ousasse cruzar suas fronteiras tinha chance de ter seus bolsos vasculhados pelo sr. Hackman quando a maré tornasse a baixar.

O sr. Swindell tentava sempre convencer Sammy a entrar para o grupo dos catadores de lama. Dizia que o menino tinha a obrigação de recompensar a caridade do seu senhorio como pudesse. Pois, embora Eliza e Sammy conseguissem juntar o suficiente para pagar o aluguel, o sr. Swindell nunca os deixava esquecer que a liberdade deles dependia da sua boa vontade em não avisar as autoridades sobre a recente mudança em suas vidas.

– Aqueles assistentes sociais que estão sempre xeretando iam ficar muito interessados em saber que dois órfãos como vocês estão sozinhos no mundo – era o seu frequente refrão. – O certo era ter entregado vocês assim que sua mãe morreu.

– Sim, sr. Swindell – Eliza dizia. – Obrigada, sr. Swindell. É muita bondade sua.

– Bem, não se esqueçam disso. Vocês só estão aqui porque eu e a patroa temos bom coração. – Então, fitava-os com aquele seu olhar mesquinho e dizia: – Se aquele garoto, com seu faro para encontrar

coisas, fosse trabalhar no meu pedaço de lama, talvez me convencesse de que vale a pena manter vocês aqui. Nunca vi um garoto com um nariz melhor.

Era verdade. Sammy tinha um talento especial para encontrar tesouros. Desde pequeno, coisas bonitas pareciam se jogar a seus pés. A sra. Swindell dizia que era a sedução do idiota, que o Senhor velava pelos loucos e pelos tolos, mas Eliza sabia que não era verdade. Sammy não era um idiota, apenas enxergava melhor do que os outros porque não perdia tempo falando. Nem uma palavra, nunca. Nem uma vez em seus doze anos. Não precisava falar, pelo menos não com Eliza. Ela sempre sabia o que ele estava pensando e sentindo, sempre soubera. Afinal, era o seu irmão gêmeo, eles eram duas metades de um todo.

Foi assim que soube que ele temia a lama do rio e, embora não partilhasse este medo, Eliza o compreendia. O ar ficava diferente quando você se aproximava da beira do rio. Algo no vapor que subia da água, no mergulho das aves, nos sons estranhos que soavam entre as velhas margens do rio...

Eliza também sabia que era sua responsabilidade cuidar de Sammy, e não apenas porque sua mãe o disse. (Mamãe tinha uma teoria inexplicável de que um homem mau – nunca disse quem – estava à espreita, tentando encontrá-los.) Mesmo quando eram muito pequenos, Eliza sabia que Sammy precisava mais dela do que ela dele, mesmo antes de ele ter tido a febre que quase o matou. Algo no seu jeito o deixava vulnerável. Outras crianças tinham percebido isso quando eles eram pequenos, e agora os adultos sabiam. Percebiam que ele não era igual a eles.

E ele não era, era uma criança que tinha sido trocada. Eliza sabia tudo a respeito de crianças trocadas. Lera sobre elas no livro de contos de fadas que havia na loja. Também tinha visto as ilustrações. Fadas e duendes que se pareciam com Sammy, com seu cabelo vermelho, pernas compridas e redondos olhos azuis. Segundo mamãe, Sammy era diferente das outras crianças desde bebê: sua inocência, sua tranquilidade. Costumava dizer que, enquanto Eliza urrava de fome,

Sammy nunca chorava. Ficava deitado em sua gaveta, escutando, como se o vento trouxesse uma linda música que ninguém além dele conseguia ouvir.

Eliza tinha conseguido convencer os senhorios de que Sammy não devia se juntar aos catadores de lama, que estaria melhor limpando chaminés para o sr. Suttborn. Não havia mais muitos meninos da idade de Sammy limpando chaminés, disse-lhes, desde a promulgação das leis a respeito, e não havia ninguém que conseguisse limpar as chaminés estreitas de Kensington, a não ser o garoto magro com cotovelos pontudos, feitos para subir pelos canos escuros e sujos. Graças a Sammy, o sr. Suttborn estava sempre com a agenda cheia, e o pagamento era certo. Isso era melhor do que contar com a possibilidade de Sammy achar algo de valioso na lama.

Até então ela tinha conseguido convencer os Swindells – eles gostavam das moedas de Sammy, assim como gostavam de receber o dinheiro de mamãe, quando esta estava viva e redigia cópias para o sr. Blackwater –, mas Eliza não sabia por quanto tempo conseguiria convencê-los. A sra. Swindell, especialmente, era de uma avareza extrema e gostava de fazer ameaças veladas, resmungando sobre os assistentes sociais que estavam sempre atrás de lixo para varrer das ruas e mandar para o asilo.

A sra. Swindell sempre tivera medo de Sammy. Ela era o tipo de pessoa para quem o medo era a reação natural a tudo que não tinha explicação. Uma vez, Eliza a ouvira cochichar com a sra. Barker, a esposa do carvoeiro, dizendo que soubera pela sra. Tether, que fez o parto dos dois, que Sammy tinha nascido com o cordão umbilical enrolado no pescoço, que não deveria ter sobrevivido à primeira noite, que deveria ter dado o último suspiro junto com o primeiro, se não fosse por obra do demônio. “Foi obra do demônio”, disse; “a mãe do menino fez um trato com ele. Basta olhar para o menino para ver isso – o modo como olha no fundo de uma pessoa, a imobilidade do seu corpo, tão diferente dos garotos da sua idade – sim, existe algo de muito errado com Sammy Makepeace.”

Essas histórias faziam com que Eliza protegesse ainda mais ferozmente o seu gêmeo. Às vezes, à noite, quando ficava deitada na cama escutava as brigas dos Swindells; a filha deles, Hatty, berrando, gostava de imaginar coisas horríveis acontecendo com a sra. Swindell, que ela poderia cair no fogo quando estivesse lavando roupa, ou ficar presa na máquina de passar e morrer espremida, ou se afogar num caldeirão de gordura fervente, caindo de cabeça lá dentro, com as pernas magras esticadas para fora...

Bastava falar no mal e ele aparecia. Na esquina de Battersea Church Road, com a bolsa cheia de coisas roubadas, surgia a sra. Swindell. Voltando para casa, depois de passar o dia caçando meninas com vestidos bonitos. Eliza se afastou da fenda na parede e deslizou pela prateleira, usando a beirada da chaminé para descer.

Era tarefa de Eliza lavar os vestidos que a sra. Swindell trazia para casa. Às vezes, quando fervia os vestidos junto ao fogo, Eliza imaginava o que aquelas meninas pensavam quando viam a sra. Swindell sacudindo a cesta de doces para elas, a cesta cheia de pedacinhos de vidro colorido. Não que as meninas se aproximassem da cesta o suficiente para perceber o truque. Não havia perigo. Assim que ficava sozinha com elas no beco, a sra. Swindell arrancava seus vestidos tão depressa, que não tinham tempo nem de gritar. Provavelmente tinham pesadelos depois, Eliza pensou, como os pesadelos que tinha sobre Sammy preso na chaminé. Tinha pena das meninas – a perseguição da sra. Swindell era uma coisa assustadora –, mas a culpa era delas. Não deviam ser tão gulosas, sempre querendo mais do que já tinham. Eliza nunca deixava de se espantar com o fato de que meninas bem-nascidas, com elegantes carrinhos de bebê e vestidos de renda caíssem nas mãos da sra. Swindell por algo tão sem valor quanto um saco de doces. Tinham sorte de perder apenas um vestido e um pouco da paz de espírito. Havia coisas piores a perder nos becos escuros de Londres.

Lá embaixo, a porta da frente bateu.

– Onde você está, menina? – A voz subiu pela escada, cheia de maldade. O coração de Eliza quase parou: a caçada não tinha sido boa,

uma péssima notícia para os moradores do número trinta e cinco de Battersea Church Road. – Venha preparar a ceia se não quiser levar uma surra.

Eliza desceu a escada correndo e entrou na loja. Seu olhar percorreu rapidamente as formas escuras, uma coleção de garrafas e caixotes reduzidos a estranhas formas geométricas pela luz fraca. Ao lado do balcão, uma dessas formas se movia. A sra. Swindell estava agachada como um caranguejo da lama, vasculhando a bolsa, examinando diversos vestidos enfeitados de renda.

– Bem, não fique aí parada de boca aberta como aquele idiota do seu irmão. Acenda o lampião, garota estúpida.

– O ensopado está no fogo, sra. Swindell – disse Eliza, correndo para acender o lampião. – E os vestidos estão quase secos.

– Ainda bem. Todo dia eu saio, tentando ganhar uns trocados, e tudo o que você tem a fazer é lavar vestidos. Às vezes acho que seria melhor se eu mesma fizesse isso. Se me livrasse de você e do seu irmão. – Ela bufou, zangada, e se sentou em sua cadeira. – Bem, venha até aqui e tire os meus sapatos.

Enquanto Eliza estava ajoelhada no chão, tirando as botas apertadas, a porta tornou a se abrir. Era Sammy, preto e sujo. Sem dizer nada, a sra. Swindell estendeu a mão e fez um sinal com o dedo.

Sammy enfiou a mão no bolso da frente do macacão e tirou duas moedas de cobre, colocando-as no devido lugar. A sra. Swindell fitou-os desconfiada antes de afastar Eliza com um chute do pé suado e se encaminhar para o cofre. Com um olhar de soslaio por cima do ombro, tirou a chave de dentro da blusa e abriu o cofre. Guardou as novas moedas junto com as outras, estalando os lábios enquanto calculava o total.

Sammy foi para perto do fogão e Eliza pegou duas tigelas. Eles nunca comiam com os Swindells. Não era correto, a sra. Swindell dizia, que os dois pensassem que faziam parte da família. Eles eram muito mais empregados do que locatários. Eliza começou a servir o

ensopado, passando-o por uma peneira, como a sra. Swindell queria: não valia a pena desperdiçar a carne com um par de ingratos.

– Você está cansado – Eliza cochichou. – Você começou muito cedo hoje.

Sammy sacudiu a cabeça, não gostava que se preocupasse com ele.

Eliza olhou para a sra. Swindell, para ter certeza de que ela ainda estava de costas, antes de deixar cair um pequeno pedaço de carne na tigela de Sammy.

Ele sorriu de leve, um sorriso cansado, seus olhos encontrando os de Eliza. Ao vê-lo assim, com os ombros curvados de cansaço pelo trabalho pesado do dia, com o rosto sujo de fuligem da chaminé dos homens ricos, grato pelo pedacinho de carne dura, dava vontade de abraçá-lo com força e nunca mais soltá-lo.

– Bem, bem. Que belo quadro – a sra. Swindell disse, fechando o cofre. – O pobre do sr. Swindell lá fora na lama, procurando os tesouros que põem comida em suas bocas ingratas – balançou o dedo na direção de Sammy –, enquanto um rapaz jovem como você vive de graça na casa dele. Isso não está certo, estão ouvindo, não está nada certo. Quando os assistentes sociais voltarem, vou lhes dizer isso.

– O sr. Suttborn tem mais trabalho para você amanhã, Sammy? – Eliza perguntou depressa.

Sammy assentiu.

– E depois de amanhã?

Ele tornou a assentir.

– São duas moedas a mais esta semana, sra. Swindell.

Ah, como ela conseguiu deixar sua voz dócil!

E não adiantou nada.

– Insolência! Como você ousa responder! Se não fosse por mim e pelo sr. Swindell, vocês dois estariam esfregando chão no asilo.

Eliza prendeu a respiração. Uma das últimas coisas que mamãe tinha feito era obter uma promessa da sra. Swindell de que Sammy e Eliza poderiam continuar morando na casa desde que pagassem o aluguel e contribuíssem para as despesas da casa.

– Mas, sra. Swindell – Eliza disse cautelosamente –, mamãe disse que a senhora prometeu...

– Prometi? Prometi? – Bolhas de saliva formaram-se nos cantos de sua boca. – Vou dizer o que prometi. Prometi dar uma surra em vocês até não poderem mais se sentar. – Ela se levantou e pegou uma tira de couro que estava pendurada ao lado da porta.

Eliza ficou firme, embora seu coração estivesse disparado.

A sra. Swindell se aproximou, depois parou, com um sorriso cruel nos lábios. Sem uma palavra, virou-se para Sammy:

– Você – disse. – Venha até aqui.

– Não – Eliza disse depressa, olhando para Sammy. – Não, me desculpe, sra. Swindell. Fui insolente, a senhora tem razão. Eu... eu vou compensar a senhora por isso. Amanhã vou limpar a loja, esfregar a escada da frente, vou...

– Limpar o banheiro e tirar os ratos do sótão.

– Sim – Eliza balançava a cabeça. – Tudo isso.

A sra. Swindell esticou a tira diante dela, um horizonte de couro. Olhou para Eliza e para Sammy. Finalmente tornou a pendurar a tira de couro ao lado da porta.

Um banho de alívio.

– Obrigada, sra. Swindell.

Com a mão um pouco trêmula, Eliza entregou a tigela de ensopado para Sammy e pegou a concha para se servir.

– Pode parar – a sra. Swindell disse.

Eliza olhou para ela.

– Você – a sra. Swindell disse, apontando para Sammy. – Limpe as garrafas novas e arrume-as na prateleira. Nada de ensopado antes de terminar. – Virou-se para Eliza: – E você, menina, suba e desapareça da minha vista. – Seus lábios tremeram. – Você vai ficar sem comer esta noite. Não tenho a intenção de alimentar uma rebelião.

Quando era menor, Eliza gostava de imaginar que seu pai ia aparecer um dia para salvá-los. Depois de mamãe e o Estripador, papai, o

Valente, era a melhor história de Eliza. Às vezes, quando seus olhos estavam doendo de ficar encostados nos tijolos, ela se deitava de costas na prateleira e imaginava o galante pai. Dizia a si mesma que mamãe estava enganada, que ele não tinha se afogado no mar, que tinha sido enviado numa importante missão e um dia iria voltar para salvá-los dos Swindells.

Embora soubesse que aquilo era uma fantasia, com tanta probabilidade de acontecer quanto o surgimento de fadas e duendes pelos tijolos da lareira, o prazer que sentia ao imaginar a volta dele não diminuía. Ele chegaria à porta da casa dos Swindells – num cavalo, como ela sempre imaginava. Montado no animal, não numa carruagem, num cavalo preto com uma crina brilhante, pernas longas e musculosas. E todo mundo na rua ia parar o que estivesse fazendo para admirar aquele homem, seu pai, elegante na roupa preta de montaria. A sra. Swindell, com seu rosto feio e mesquinho, ia espiar por cima do varal, por cima dos vestidos bonitos roubados naquela manhã, e chamaria a sra. Barker para ver tudo que estava acontecendo. E elas saberiam que aquele era o pai de Eliza e Sammy, que tinha vindo salvá-los. Que os levaria a cavalo até o rio, onde seu navio estaria esperando, e viajaria com eles pelo oceano até lugares distantes, com nomes que ela nunca ouvira falar.

Às vezes, nas raras ocasiões em que conseguia convencer a mãe a contar histórias, mamãe tinha falado do oceano. Porque ela o tinha visto com os próprios olhos, e, portanto, podia enfeitar suas histórias com sons e cheiros que eram mágicos para Eliza – ondas quebrando e ar salgado, e finos grãos de areia, brancos e não escuros como os sedimentos da lama do rio. Mas não era sempre que mamãe concordava em contar histórias. Geralmente desaprovava histórias, especialmente a de papai, o Valente.

– Você precisa aprender a diferença entre fantasia e realidade, minha Liza – dizia. – Contos de fadas têm o hábito de terminar muito cedo. Eles nunca mostram o que acontece depois, quando o príncipe e a princesa saem cavalgando da página.

– Mas como assim, mamãe? – Eliza perguntava.

– O que acontece quando precisam encontrar seu caminho no mundo, ganhar dinheiro e escapar das maldades do mundo.

Eliza nunca entendeu. Aquilo parecia irrelevante, embora não dissesse isso para mamãe. Eles eram príncipes e princesas, não precisavam abrir caminho no mundo, só precisavam ir até seu castelo mágico.

– Você não deve esperar que alguém venha salvá-la – mamãe continuava, com um olhar distante. – Uma moça que espera ser salva nunca aprende a salvar-se. Mesmo que tenha os meios, não terá coragem. Não seja assim, Eliza. Você precisa achar coragem, precisa aprender a se salvar, a não contar nunca com os outros.

Sozinha no quartinho do andar de cima, fervendo de ódio da sra. Swindell e de raiva de sua própria impotência, Eliza engatinhou para dentro da lareira quebrada. Cuidadosamente, vagorosamente, enfiou a mão bem no alto, passou a mão aberta pelo tijolo solto, retirou-o do lugar. Na pequena cavidade embaixo dele, seus dedos tocaram na tampa do pote de mostarda, sentindo sua superfície lisa e suas extremidades arredondadas. Tomando cuidado para não fazer barulho e despertar a atenção da sra. Swindell, Eliza retirou o pote.

O pote tinha sido de mamãe, que o guardara em segredo durante anos. Dias antes de morrer, num raro momento de lucidez, mamãe contara a Eliza sobre o esconderijo. Mandou-a apanhar o pote e Eliza obedeceu: levou o pote de cerâmica até a cama da mãe, com os olhos arregalados de surpresa ante aquele misterioso objeto.

O suspense fez formigarem os seus dedos enquanto esperava que a mãe abrisse o pote. Seus movimentos estavam desajeitados nos últimos dias e a tampa do pote estava grudada na cera. Finalmente ele se partiu na base.

Eliza abriu a boca de susto. Dentro do pote, havia um broche, tão bonito, que a sra. Swindell teria chorado ao vê-lo. Era do tamanho de uma moeda, com a borda cravejada de pedras, vermelhas e verdes e de um branco cintilante.

O primeiro pensamento de Eliza foi que o broche tinha sido roubado. Não podia imaginar a mãe fazendo uma coisa dessas, mas de que outro modo conseguiria um tesouro tão precioso? De onde ele teria vindo?

Tantas perguntas e, entretanto, ela não conseguiu dizer nada. E não teria adiantado falar; mamãe não estava escutando. Apenas contemplava o broche com uma expressão que Eliza nunca tinha visto.

– Este broche é muito precioso para mim – disse. – Muito precioso.
– Mamãe pôs o broche na mão de Eliza, quase como se não pudesse mais tolerar tocar nele.

O pote era liso e frio. Eliza não soube como reagir. O broche, a estranha expressão de mamãe... foi tudo tão súbito.

– Você sabe o que é isso, Eliza?

– Um broche. Eu já vi em damas elegantes.

Mamãe sorriu de leve e Eliza achou que tinha dado a resposta errada.

– Ou talvez um pingente? Que se soltou da corrente?

– Você acertou da primeira vez. Isto é um broche, um tipo especial de broche. – Ela juntou as mãos. – Você sabe o que tem atrás do vidro?

Eliza olhou para o desenho vermelho e dourado.

– Uma tapeçaria?

Mamãe tornou a sorrir.

– De certa forma, sim, mas não do tipo feito de fios.

– Mas eu posso ver os fios, trançados para formar uma corda.

– São fios de cabelo, Eliza, tirados das mulheres da minha família. Da minha avó, da mãe dela, e assim por diante. É uma tradição. Isto se chama um “broche de luto”, porque nos faz lembrar das pessoas que perdemos. Das pessoas que vieram antes de nós e que nos tornaram quem somos.

Eliza balançou a cabeça solenemente, consciente de que tinha ouvido uma confidência muito especial.

– O broche vale muito dinheiro, mas nunca tive coragem de vendê-lo. Fui vítima do meu sentimentalismo, mas isso não deve impedi-la.

– Mãe?

– Eu não estou bem, minha filha. Em breve você vai ter que tomar conta de si mesma e do Sammy. Talvez seja necessário vender o broche.

– Ah, não, mamãe.

– Talvez seja necessário, e você é que terá que decidir. Não se guie pela minha relutância, está ouvindo?

– Sim, mamãe.

– Mas, se você precisar vendê-lo, Eliza, faça isso com muito cuidado. Ele não pode ser vendido oficialmente, não pode haver nenhum registro dessa venda.

– Por que não?

Mamãe olhou para ela e Eliza reconheceu aquele olhar. Ela própria olhara assim para Sammy muitas vezes quando estava decidindo o quanto podia ser franca.

– Porque minha família iria descobrir. – Eliza ficou calada; a família de mamãe, junto com o seu passado, raramente era mencionada. – Eles devem ter dado parte do roubo do broche.

Eliza ergueu as sobrancelhas.

– Erradamente, minha filha, porque ele é meu. Minha mãe me deu quando eu fiz dezesseis anos, ele estava na minha família muito antes disso.

– Mas, se ele é seu, mamãe, por que ninguém pode saber que ele está com você?

– Uma venda dessas indicaria onde estamos, e isso não pode acontecer. – Segurou as mãos de Eliza, os olhos muito abertos, o rosto pálido e fraco do esforço de falar. – Está entendendo?

Eliza assentiu, tinha entendido. Isto é, tinha entendido mais ou menos. Mamãe estava preocupada com o homem mau, aquele sobre o qual os tinha alertado a vida toda. Que podia estar em qualquer lugar, espreitando nas esquinas, esperando para agarrá-los. Eliza sempre amara essas histórias, embora mamãe nunca tivesse dado detalhes suficientes para saciar sua curiosidade. Ficava a cargo de Eliza enfeitar

os avisos de mamãe, dar ao homem um olho de vidro, uma cesta de cobras, um lábio que se entortava quando ele ria maldosamente.

– Quer que eu vá buscar seu remédio, mamãe?

– Você é uma boa menina, Eliza, uma boa menina.

Eliza pôs o pote na cama ao lado de mamãe e foi buscar o frasquinho de láudano. Quando voltou, mamãe estendeu a mão para acariciar a mecha de cabelo que tinha se soltado da trança de Eliza.

– Tome conta de Sammy – ela disse. – E tome conta de você mesma. Lembre-se sempre de que, com força de vontade, até os fracos podem conseguir muita coisa. Você precisa ser corajosa quando eu... Se alguma coisa me acontecer.

– É claro, mamãe, mas não vai acontecer nada com você. – Eliza não acreditava nisso, nem mamãe. Todo mundo sabia o que acontecia com quem tinha tuberculose.

Mamãe conseguiu tomar um gole de remédio, depois se deitou de volta no travesseiro, exausta com o esforço. Seu cabelo vermelho se espalhava em volta dela, revelando o pescoço pálido com uma única cicatriz, a linha fina que nunca desapareceu e que tinha inspirado a história de Eliza sobre o encontro da mãe com o Estripador. Outra história que nunca deixou mamãe escutar.

Com os olhos ainda fechados, mamãe falou baixinho, em frases curtas e rápidas:

– Minha Eliza, só vou dizer isto uma vez. Se ele a achar e você precisar fugir, então, e só então, pegue o pote. Não vá ao Christie's, não vá a nenhum grande leiloeiro. Eles têm registros. Vá até a esquina e pergunte na casa do sr. Baxter. Ele vai dizer onde você poderá encontrar o sr. John Picknick. O sr. Picknick saberá o que fazer. – Suas pálpebras tremeram com o esforço de falar.

– Você entendeu?

– Sim, mamãe. Entendi.

– Até então, esqueça que ele existe. Não toque nele, não o mostre para Sammy, não diga a ninguém. E, Eliza?

– Sim, mamãe?

– Tome muito cuidado com o homem de quem falei.

E Eliza tinha mantido a palavra. Quase sempre. Tinha apanhado o pote apenas duas vezes, só para olhar. Para passar os dedos pelo broche, como mamãe tinha feito, para sentir sua magia e seu poder, antes de fechar rapidamente a tampa e selá-la com cera de vela, guardando-o de volta no lugar.

E, embora o tirasse do esconderijo hoje, não tinha sido para olhar para o broche da mãe. Porque Eliza tinha feito sua contribuição para o pote de barro. Lá dentro estava seu próprio tesouro, algo que estava guardando para o futuro.

Ela tirou lá de dentro a bolsinha de couro e a segurou com força. Tirando forças de sua solidez. Era um objeto que Sammy tinha encontrado na rua e lhe tinha dado. O brinquedo de alguma criança rica, perdido e esquecido, encontrado e ressuscitado. Eliza o escondera desde o começo. Sabia que, se os Swindells o vissem, seus olhos brilhariam e eles o poriam na loja. E Eliza queria aquela bolsa mais do que tudo. Tinha sido um presente e era dela. Não havia muita coisa de que pudesse dizer o mesmo.

Algumas semanas depois, encontrou um uso para a bolsa, como um esconderijo para suas moedas secretas, aquelas que os Swindells desconheciam, pagas a ela por Matthew Rodin, o caçador de ratos. Eliza tinha habilidade para pegar ratos, embora não gostasse de o fazer. Os ratos só estavam tentando sobreviver, afinal, o melhor que podiam numa cidade que não favorecia os fracos e tímidos. Tentava não pensar no que mamãe diria – ela sempre teve um fraco por animais – e dizia a si mesma que não tinha muita escolha. Se ela e Sammy quisessem ter alguma chance, precisavam de dinheiro, um dinheiro que os Swindells não notassem.

Eliza sentou-se na beirada da lareira, com o pote de barro no colo, e limpou as mãos no avesso do vestido. Não podia limpá-las num lugar que a sra. Swindell visse. Era perigoso despertar a curiosidade dela.

Quando ficou satisfeita com a limpeza das mãos, abriu a bolsinha, afrouxou a fita de seda e alargou delicadamente a abertura. Espiou lá dentro.

Salve-se, mamãe tinha dito, e tome conta de Sammy. E era isso que Eliza pretendia fazer. Dentro da bolsa havia quatro moedas. Com mais duas, teria o suficiente para comprar cinquenta laranjas. Era tudo do que precisava para se tornar uma vendedora de laranjas. Com as moedas que ganhasse, compraria mais laranjas e então eles teriam seu próprio dinheiro, seu próprio negócio. Estariam livres para procurar um novo lugar para morar, onde estariam seguros, sem os olhos vigilantes, vingativos, dos Swindells em cima deles. Sem a ameaça sempre presente de ser entregues para os assistentes sociais e mandados para o asilo.

Passos no corredor.

Eliza guardou as moedas de volta na bolsinha, apertou a fita e a colocou dentro do pote. Com o coração disparado, tornou a colocar o pote na chaminé; podia selá-lo mais tarde. Bem na hora, correu para a cama e ficou ali sentada, o retrato da inocência.

A porta se abriu e Sammy apareceu, ainda preto de fuligem. Parado na porta, com uma única vela piscando na mão, parecia tão magro, que Eliza pensou que fosse um truque da luz. Ela sorriu para ele, que se aproximou dela, enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena batata roubada da despensa da sra. Swindell.

– Sammy! – Eliza ralhou, pegando a batata. – Você sabe que ela conta tudo. Vai saber que foi você quem a tirou.

Sammy sacudiu os ombros, começando a lavar o rosto na vasilha de água ao lado da cama.

– Obrigada – ela disse, guardando a batata na cesta de costura quando ele não estava olhando. Ela a devolveria de manhã.

– Está esfriando – ela disse, tirando o avental e ficando só de combinação. – Esfriou cedo este ano. – Subiu na cama, tremendo debaixo do cobertor fino.

Só de short e camiseta, Sammy se deitou ao lado dela. Seus pés estavam gelados e ela tentou esquentá-los com os próprios.

– Quer que eu conte uma história?

Ela sentiu a cabeça dele se movendo, o cabelo dele roçando o seu rosto quando ele assentiu. Então começou a contar sua história favorita: “Era uma vez, quando a noite estava fria e escura e as ruas, vazias, e seus bebês gêmeos se mexiam e chutavam dentro da sua barriga, uma jovem princesa ouviu passos atrás de si e soube imediatamente quem era o homem mau que a estava perseguindo...”

Ela já vinha contando esta história havia anos, embora não quando mamãe estava perto. Mamãe teria dito que Eliza deixava Sammy nervoso com suas histórias fantasiosas. Não entendia que as crianças não têm medo de histórias; que suas vidas estão cheias de coisas muito mais assustadoras do que as que são narradas nos contos de fadas.

A respiração do irmão se normalizou e Eliza percebeu que ele tinha adormecido. Interrompeu a história e pegou a mão dele. Esta estava tão fria, tão magra, que ela sentiu o estômago contrair de medo. Apertou mais a mão dele, prestando atenção em sua respiração.

– Vai ficar tudo bem, Sammy – murmurou, pensando na bolsinha de couro, no dinheiro lá dentro. – Vou me encarregar disso, eu prometo.

A filha de Ben, Ruby, estava esperando por Cassandra quando ela chegou a Heathrow. Uma mulher gorda, de mais de cinquenta anos, com um rosto animado e cabelo cinza-prateado. Tinha uma energia que parecia deixar o ar carregado em volta dela; o tipo de pessoa que todos notavam. Antes que Cassandra pudesse expressar sua surpresa por aquela estranha estar no aeroporto para esperá-la, Ruby já tinha agarrado a mala de Cassandra, posto o braço em volta dos seus ombros e a conduzido pelas portas de vidro que davam no estacionamento enfumaçado.

O carro dela era velho e seu interior cheirava a almíscar e ao equivalente químico de uma flor que Cassandra não conseguiu identificar. Depois que ambas se sentaram e colocaram os cintos de segurança, Ruby pegou um pacote de balas da bolsa e ofereceu a Cassandra, que escolheu uma bala marrom, branca e preta.

– Sou viciada – Ruby disse, enfiando uma bala cor-de-rosa na boca e a abrigando na bochecha. – Seriamente viciada. Às vezes nem acabei de chupar uma e já estou pondo outra na boca. – Mastigou-a ferozmente e depois a engoliu. – Bem. A vida é curta demais para moderação, você não acha?

Embora já fosse tarde, as ruas estavam cheias de automóveis. Eles transitavam velozmente pelo asfalto, que refletia o brilho alaranjado dos postes de luz. Enquanto Ruby dirigia com rapidez, só pisando no freio quando absolutamente necessário, Cassandra olhava pela janela, desenhando mentalmente os círculos concêntricos dos movimentos arquitetônicos de Londres. Gostava de imaginar as cidades assim. Uma corrida da periferia para o centro era como viajar numa cápsula do tempo para o passado. Os modernos hotéis próximos ao aeroporto e as ruas largas estreitavam-se em vielas de casas humildes, depois em

quarteirões de mansões, chegando, finalmente, ao coração de construções vitorianas.

Ao se aproximarem do centro de Londres, Cassandra achou que era melhor dizer a Ruby o nome do hotel que reservara por duas noites antes de partir para a Cornualha. Procurou na bolsa a pasta de plástico onde tinha guardado os documentos de viagem.

– Ruby – disse –, estamos perto de Holborn?

– Holborn? Não. Fica do outro lado da cidade. Por quê?

– Meu hotel é lá. Posso tomar um táxi, claro, não quero que me leve até lá.

Ruby fitou-a por tanto tempo, que Cassandra ficou preocupada por ela não estar com os olhos na estrada. – Hotel? Acho que não. – Ela trocou de marcha, freando a tempo de evitar uma colisão com uma van azul que ia na frente. – Você vai ficar comigo e não adianta protestar.

– Ah, não – disse Cassandra, com o clarão do metal azul ainda reluzindo em sua mente. – Não posso aceitar, é muito trabalho. – Começou a relaxar a mão, que agarrava a maçaneta da porta. – Além disso, não dá mais tempo de cancelar minha reserva.

– Sempre dá tempo. Deixa que eu faço isso. – Ruby tornou a olhar para Cassandra, com o cinto de segurança espremendo seu peito farto de tal maneira, que ele quase pulava para fora da blusa. – E não é nenhum trabalho. Já preparei uma cama para você e estou encantada com sua visita. – Ela sorriu. – Papai me esfolaria viva se soubesse que eu tinha mandado você para um hotel!

Quando chegaram a South Kensington, Ruby estacionou o carro num espaço minúsculo e Cassandra prendeu a respiração, sem fala perante a confiança daquela mulher.

– Aqui estamos. – Ruby tirou a chave da ignição e fez um gesto na direção de um prédio branco do outro lado da rua. – Lar doce lar.

O apartamento era minúsculo. Ficava no fundo do prédio eduardiano, no alto de dois lances de escada e atrás de uma porta amarela. Possuía apenas um quarto, um pequeno banheiro e uma

quitinete anexa à sala de estar. Ruby tinha feito uma cama no sofá para Cassandra.

– Só três estrelas, sinto dizer – comentou. – Vou compensar no café da manhã.

Cassandra olhou meio sem jeito para a pequena quitinete e Ruby deu uma gargalhada que sacudiu sua blusa verde-limão. Ela enxugou os olhos.

– Não, não. Não pretendo cozinhar. Por que se aborrecer com isso quando outra pessoa pode fazer muito melhor? Vou levar você ao café da esquina. – Pôs a chaleira no fogo. – Um chá?

Cassandra sorriu. O que queria mesmo era relaxar seus músculos faciais, que ainda ostentavam aquele sorriso de prazer-em-conhecê-la. Talvez fosse por ter passado tanto tempo acima da superfície da terra, ou por causa das suas tendências antissociais, mas estava despendendo todas as suas energias para manter as aparências. Uma xícara de chá significaria pelo menos mais vinte minutos de sorrisos, acenos e respostas às perguntas incessantes de Ruby. Pensou, com uma certa culpa, no quarto de hotel do outro lado da cidade. Então viu que Ruby já estava pondo os saquinhos nas xícaras.

– Chá é uma ótima ideia.

– Pronto – Ruby disse, entregando uma xícara fumegante a Cassandra. Ela se sentou na outra ponta do sofá e abriu um sorriso radiante, enquanto uma nuvem de ar com perfume de almíscar subia à sua volta. – Não seja tímida – disse, indicando o açucareiro. – E, enquanto isso, você pode me contar tudo a seu respeito. Que coisa fantástica, esta casa na Cornualha.

Depois que Ruby foi finalmente para a cama, Cassandra tentou dormir. Estava cansada. Cores, sons, formas, tudo se misturava à sua volta, mas o sono não vinha. Imagens e conversas passavam rapidamente pelo seu cérebro, uma corrente sem-fim de pensamentos e sensações esparsas: Nell e Ben, a barraca de antiguidades, sua mãe, a viagem de avião, o aeroporto, Ruby, Eliza Makepeace e seus contos de fadas...

Finalmente, desistiu de dormir. Afastou as cobertas e se levantou do sofá. Seus olhos se acostumaram à escuridão e conseguiu ir até a única janela do apartamento. O parapeito largo se projetava sobre o aquecedor e, se Cassandra abrisse as cortinas poderia sentar-se nele, com as costas apoiadas numa parede e os pés tocando a outra. Ela se inclinou para a frente e olhou para fora, para os jardins vitorianos com seus muros de pedra cobertos de hera, para a rua que ficava do outro lado. O luar iluminava silenciosamente o chão lá embaixo.

Embora já fosse quase meia-noite, Londres não estava escura. Cidades como Londres nunca ficavam escuras, pensou. O mundo moderno tinha matado a noite. Antes devia ser muito diferente, uma cidade à mercê da natureza. Uma cidade onde a noite deixava as ruas escuras como breu e o ar enevoado: a Londres de Jack, o Estripador.

Aquela era a Londres de Eliza Makepeace, a Londres que Cassandra conhecera ao ler o caderno de Nell, com ruas cobertas de neblina, cascos de cavalos e lampiões que se materializavam e tornavam a desaparecer no *fog*.

Olhando para o beco estreito atrás do apartamento de Ruby, podia até imaginá-los: cocheiros fantasmagóricos atijando seus cavalos assustados pela ruas movimentadas, empoleirados no alto de suas carruagens. Vendedores de rua e meretrizes, policiais e ladrões...

Londres, 1900

O *fog* estava espesso e amarelado, cor de purê de ervilhas. Surgiu de repente, vindo da superfície do rio e se espalhando pelas ruas, ao redor das casas, por baixo das portas. Eliza olhava pela fenda entre os tijolos. Sob seu manto silencioso, casas, lampiões e paredes se transformavam em sombras monstruosas, balançando para frente e para trás ao sabor da neblina.

A sra. Swindell tinha-lhe deixado uma trouxa de roupa para lavar, mas, na opinião de Eliza, não adiantava lavar nada com aquele *fog* – o que era branco estaria cinzento no final do dia. Dava no mesmo pendurar a roupa molhada, mas sem lavar, e foi o que fez. Isto economizaria sabão, além do tempo de Eliza. Porque Eliza tinha coisas melhores a fazer quando havia *fog*, perfeito para esconder e para espionar.

O Estripador era uma de suas brincadeiras favoritas. No começo, brincava sozinha, mas, com o tempo, tinha ensinado a Sammy as regras e agora eles se revezavam, fazendo os papéis de mamãe e do Estripador. Eliza não conseguia decidir qual dos papeis preferia. O Estripador, ela às vezes pensava, por causa do seu poder. Sua pele ficava arrepiada de um prazer culpado quando se aproximava sorrateiramente de Sammy, abafando um risinho enquanto se preparava para agarrá-lo...

Mas também havia algo de sedutor em fazer o papel de mamãe. Em caminhar depressa, cautelosamente, recusando-se a olhar por cima do ombro, recusando-se a sair correndo, tentando manter distância dos passos atrás dela, enquanto as batidas do seu coração ficavam tão altas, que abafavam os passos e a deixavam indefesa.

Embora os Swindells estivessem ocupados saqueando as ruas (o *fog* era uma dádiva para os moradores do rio que ganhavam a vida com

atividades inescrupulosas), Eliza desceu a escada silenciosamente, evitando o guincho do quarto degrau. Sarah, a garota que tomava conta da filha dos Swindells, Hatty, era do tipo que gostava de puxar o saco dos patrões fazendo queixa de Eliza.

Quando chegou ao último degrau, Eliza examinou os cantos escuros da loja. O *fog* tinha entrado por entre os tijolos e se estendido pelo cômodo, cobrindo os mostradores e formando uma nuvem amarela ao redor do lampião. Sammy estava no fundo, sentado num banquinho, limpando garrafas. Estava pensativo: Eliza reconheceu a máscara de devaneio em seu rosto.

Com um olhar para confirmar que Sarah não estava por perto, Eliza se aproximou silenciosamente dele.

– Sammy! – cochichou.

Nada, ele não tinha ouvido.

– Sammy!

O joelho dele parou de balançar e sua cabeça apareceu por cima do balcão. Seu cabelo liso deslizou para o lado.

– Tem neblina lá fora.

Seu rosto sem expressão refletiu a obviedade desta informação. Ele sacudiu os ombros.

– Neblina espessa como mingau, os lampiões da rua quase desapareceram. Perfeito para o Estripador.

Isso despertou a atenção de Sammy. Ele ficou parado por um momento, pensando, depois sacudiu a cabeça. Apontou para a cadeira do sr. Swindell com sua almofada suja, marcada pelos ossos das costas que pressionavam, noite após noite, quando ele voltava da taverna.

– Ele não vai saber que nós saímos. Eles ainda vão levar horas para voltar.

Ele tornou a sacudir a cabeça, desta vez com menos convicção.

– Eles vão ficar ocupados a tarde inteira, não vão perder a oportunidade de ganhar uns trocados extras. – Eliza sabia que o estava convencendo. Afinal, ele era parte dela, e ela sempre fora capaz de ler os pensamentos dele. – Vamos, nós não vamos demorar. Vamos só até a

beira do rio e depois voltamos. – Quase, quase. – Você pode escolher quem você quer ser.

Isso foi o suficiente, como ela bem sabia. Os olhos escuros de Sammy fitaram os dela.

Ele levantou a mão, fechada, como se estivesse empunhando uma faca.

Enquanto Sammy ficava parado perto da porta, esperando os dez segundos de vantagem que sempre eram dados para quem fizesse o papel de mamãe, Eliza se afastou. Passou por baixo do varal da sra. Swindell, rodeou a carroça do trapeiro e se dirigiu para o rio. Seu coração martelava no peito, de tanta excitação. Era deliciosa esta sensação de perigo. Arrepios de medo percorriam sua pele enquanto avançava, abrindo caminho no meio de pessoas, carroças, cachorros, carrinhos de criança, todos encobertos pelo *fog*. O tempo todo seus ouvidos estavam atentos ao som de passos atrás dela, cada vez mais próximos, alcançando-a.

Ao contrário de Sammy, Eliza amava o rio. Ele a fazia sentir-se perto do pai. Mamãe não gostava de falar do passado, mas tinha lhe contado que o pai dela crescera num pedaço diferente daquele mesmo rio, que aprendera a trabalhar como marinheiro num navio de carvão antes de se juntar a outra tripulação e viajar para o alto-mar. Eliza gostava de pensar em tudo que ele devia ter visto no seu pedaço do rio, perto do Cais da Força. Local onde os piratas eram enforcados, seus corpos, presos nas correntes até ter sido varridos por três marés. Como diziam os antigos, dançando a dança da morte.

Eliza estremeceu, imaginando os corpos sem vida, imaginando como devia ser morrer enforcado, depois ralhou consigo mesma por ter se distraído. Aquele era o tipo de lapso típico de Sammy. Hoje o jogo corria bem para Sammy: Eliza sabia que tinha que tomar mais cuidado.

Mas onde estavam os passos de Sammy? Ela se concentrou, tentou ouvir... Gaivotas no meio do rio, mastros estalando, madeira rangendo,

um bonde passando, o vendedor de mata-mosca gritando: “Apanhe-as vivas”, os passos rápidos de uma mulher, um garoto anunciando o preço dos seus trapos...

De repente, atrás dela, um estrondo. Um cavalo relinchando. Um homem gritando.

O coração de Eliza deu um salto, ela quase se virou. Louca para ver o que tinha acontecido. Parou bem a tempo. Não foi fácil. Era curiosa por natureza, mamãe sempre dizia. Sacudia a cabeça e estalava a língua, dizendo a Eliza que, se não aprendesse a impedir que sua mente corresse na frente, ia acabar batendo na montanha de suas próprias fantasias. Mas, se Sammy estivesse perto e a visse espiando, ela ia ter que se render e já estava quase no rio. O cheiro da lama do Tâmis misturava-se com o cheiro sulfuroso do *fog*. Já tinha quase vencido, só precisava avançar mais um pouco.

Havia uma confusão de vozes agora, atrás dela, e o som de um sino se aproximando. O idiota do cavalo devia ter batido na carroça do amolador de facas, os cavalos ficavam sempre um pouco enlouquecidos no *fog*. Mas que peste! Como ia conseguir ouvir Sammy se ele resolvesse atacá-la agora?

O muro de pedra da margem do rio apareceu, flutuando na neblina.

Eliza sorriu e saiu correndo.

Estritamente falando, correr era contra as regras, mas ela não conseguiu se controlar. Suas mãos tocaram as pedras cobertas de limo e ela gritou de prazer. Ela conseguiu, tinha vencido, tinha derrotado o Estripador mais uma vez.

Eliza subiu no muro e se sentou lá em cima, triunfante, olhando para a rua de onde tinha vindo. Batucou com os calcanhares na pedra e procurou Sammy no meio do nevoeiro. Pobre Sammy. Nunca tinha sido tão bom quanto ela nas brincadeiras. Demorava mais a aprender as regras, tinha menos habilidade para assumir o papel que lhe era atribuído. Sammy não sabia fingir tão bem quanto Eliza.

Enquanto estava ali sentada, ficou sentindo os cheiros e ouvindo os sons da rua. Cada vez que respirava, sentia o gosto oleoso do *fog* e o

sino que ouvira ficava mais alto, mais próximo. As pessoas ao redor pareciam nervosas, todas correndo na mesma direção, como costumavam fazer quando o filho do trapeiro tinha um ataque epilético ou quando o homem do realejo passava.

É claro! O homem do realejo, isso explicava onde Sammy estava.

Eliza deu um pulo do muro, arranhando a bota numa pedra saliente.

Sammy nunca pôde resistir a música. Ele devia estar parado ao lado do homem do realejo, com a boca ligeiramente aberta, olhando para o órgão, sem se lembrar mais da brincadeira nem do Estripador.

Ela se dirigiu para o ajuntamento de gente, passando pela tabacaria, pelo sapateiro, pela loja de penhores. Mas, à medida que a multidão aumentava, o sino parou de tocar e não se ouvia nenhuma música de realejo. Eliza começou a andar mais depressa.

Um medo terrível tinha tomado conta dela. Ela usou os cotovelos para abrir caminho no meio das pessoas – mulheres elegantes, cavalheiros de paletó, garotos de rua, lavadeiras, empregados de escritório – procurando o tempo todo por Sammy.

Informações começavam a chegar do local e Eliza ouviu frases cochichadas sobre sua cabeça: um cavalo preto tinha aparecido de repente; um menino não o tinha visto chegar; o nevoeiro terrível...

O Sammy não, disse a si mesma, não podia ser o Sammy. Ele estava bem atrás dela, ela estava prestando atenção nele...

Agora estava perto, já tinha quase alcançado a clareira. Já podia quase enxergar no meio do nevoeiro. Prendendo a respiração, abriu caminho até a frente da multidão e viu aquela cena terrível.

Viu a cena inteira num segundo e entendeu imediatamente. O cavalo preto, o corpo frágil do menino caído na porta do açougue. Cabelos dourados manchados de vermelho escuro sobre os paralelepípedos da rua. O peito aberto por um casco de cavalo, os olhos azuis vazios.

O açougueiro tinha saído da loja e estava ajoelhado ao lado do corpo.

– Ele está morto. Sem chance, pobrezinho.

Eliza olhou para o cavalo. Ele estava assustado com o nevoeiro, com a multidão, com o barulho. Bufando e soltando um ar quente que agitava o nevoeiro.

– Alguém sabe o nome deste menino?

A multidão se agitou, enquanto as pessoas se viravam umas para as outras, erguiam os ombros, sacudiam as cabeças.

– Acho que já o vi por aqui – disse uma voz.

Eliza fitou os olhos pretos e brilhantes do cavalo. Enquanto o mundo parecia girar em volta dela, o cavalo permanecia imóvel. Eles se olharam por um instante e, naquele momento, ela teve a impressão de que o animal enxergava dentro dela. Via o vazio que tinha sido aberto tão depressa e que ela iria passar o resto da vida tentando preencher.

– Alguém deve conhecê-lo – disse o açougueiro.

A multidão estava calada, o que tornava o ambiente ainda mais estranho e misterioso.

Eliza sabia que devia sentir ódio do cavalo negro, que devia desprezar suas pernas fortes e ancas lisas, mas não. Encarando o cavalo, sentiu uma espécie de empatia, como se ele compreendesse, melhor do que ninguém, o vazio dentro dela.

– Certo – disse o açougueiro. Ele assobiou e um jovem aprendiz apareceu. – Vá buscar o carrinho e tire o menino daqui. – O aprendiz correu e voltou com um carrinho de madeira. Enquanto ele punha no carrinho o corpo do menino, o varredor começava a limpar a rua suja de sangue.

– Acho que ele mora em Battersea Church Road – disse uma voz. Parecia a voz de um dos homens da firma de advocacia onde mamãe tinha trabalhado, não exatamente a voz de um homem culto, mas mais educada do que a dos outros habitantes do rio.

O açougueiro ergueu os olhos para ver de onde ela vinha.

Um homem alto, com um pincenê e um paletó velho, mas limpo, se aproximou, saindo do nevoeiro.

– Eu o vi lá outro dia mesmo.

Houve um murmúrio quando a multidão digeriu esta informação. Olharam com outros olhos para o corpo despedaçado do menino.

– Sabe dizer em que casa, patrão?

– Infelizmente, acho que não.

O açougueiro fez um sinal para o ajudante.

– Leve-o para a Battersea Church Road e pergunte por lá. Alguém deve conhecê-lo.

O cavalo balançou a cabeça na direção de Eliza, três vezes, depois suspirou e desviou os olhos.

Eliza piscou os olhos.

– Espere – disse, quase num sussurro.

O açougueiro olhou para ela.

– Hein?

Todos os olhos se viraram para ela, aquele fiapo de garota com uma longa trança dourada. Eliza olhou para o homem de pincenê. As lentes eram brilhantes e brancas, de modo que não pôde ver os seus olhos.

O açougueiro ergueu a mão para silenciar a multidão.

– E então, menina. Você sabe o nome deste pobre garoto?

– O nome dele é Sammy Makepeace – Eliza disse. – E ele é meu irmão.

Mamãe tinha reservado algum dinheiro para seu enterro, mas não tinha tomado esta providência em relação aos filhos. O que era natural, pois nenhum pai ou mãe irá admitir esta possibilidade.

– Ele vai ser enterrado como indigente em St. Bride's – a sra. Swindell disse, naquela mesma tarde. Ela chupou um pouco de sopa da colher e depois apontou o talher para Eliza, que estava sentada no chão. – Eles vão abrir o buraco de novo na quarta-feira. Até lá, acho que vamos ter que conservá-lo aqui. – Mastigou o lado de dentro da bochecha, esticando o lábio inferior. – Lá em cima, é claro. Não posso deixar que o fedor espante os fregueses.

Eliza já tinha ouvido falar no enterro de indigentes em St. Bride's. O buraco enorme, reaberto todas as semanas, a pilha de corpos, o

clérigo encomendando rapidamente o corpo para poder fugir depressa daquele fedor.

– Não – disse –, em St. Bride's não.

A pequena Hatty parou de chupar seu pão. Ficou com ele encostado no rosto, enquanto os olhos arregalados moviam-se da mãe para Eliza.

– Não? – Os dedos da sra. Swindell apertaram a colher.

– Por favor, sra. Swindell – Eliza disse. – Deixe que ele tenha um enterro decente. Como o de mamãe. – Mordeu a língua para não chorar. – Quero que ele fique com mamãe.

– Ah, você quer, não é? Um cortejo puxado a cavalo, talvez? Duas carpideiras profissionais? E suponho que você acha que o sr. Swindell e eu vamos pagar por esse enterro elegante. – Ela fungou. – Ao contrário do que as pessoas pensam, senhorita, nós não somos uma instituição de caridade, então, a menos que você pague, aquele menino vai passar a vida eterna em St. Bride's. E é o que ele merece, também.

– Sem cortejo, sra. Swindell, sem carpideira. Só um enterro, um túmulo só dele.

– E como você propõe conseguir isso?

Eliza engoliu em seco.

– O irmão da sra. Barker é coveiro, talvez possa fazer isso. Se a *senhora* pedir, sra. Swindell...

– Desperdiçar um favor por você e seu irmão idiota?

– Ele não é um idiota.

– Foi estúpido o bastante para se deixar pisotear por um cavalo.

– Não foi culpa dele, foi o nevoeiro.

A sra. Swindell tomou mais um pouco de sopa.

– Ele nem queria sair – disse Eliza.

– É claro que não – disse a sra. Swindell. – Não era dado a esse tipo de travessura. Você sim.

– Por favor, sra. Swindell, eu posso pagar.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Ah, você pode pagar, é? Com promessas e fantasias?

Eliza pensou na bolsinha de couro.

– Eu... eu tenho algum dinheiro.

A sra. Swindell abriu a boca e deixou escorrer um pouco de sopa. –
Algum dinheiro?

– Só um pouquinho.

– Ora, sua vadiazinha. – Ela apertou os lábios, parecendo o fecho de uma bolsinha de moedas. – Quanto?

– Um shilling.

A sra. Swindell deu uma gargalhada; um som horrendo, tão estranho, tão grosseiro, que a filha dela começou a berrar. – Um shilling? – disse, com desprezo.

– Um shilling não paga nem os pregos para fechar o caixão.

O broche de mamãe, podia vender o broche. Mamãe a tinha feito prometer que não se separaria dele a menos que o homem mau a ameaçasse, mas com certeza, nesta situação...

A sra. Swindell agora estava tossindo, engasgada com aquela gargalhada inesperada. Ela deu um tapa no próprio peito, depois empurrou a pequena Hatty para o chão.

– Pare com essa gritaria, preciso pensar.

Ela ficou ali sentada por um momento, depois olhou para Eliza com os olhos apertados. Balançou a cabeça algumas vezes.

– A sua insistência me fez decidir. Vou providenciar pessoalmente para que o menino tenha o que merece. Ele vai ser enterrado como indigente.

– Por favor...

– E vou ficar com o seu shilling como recompensa pelo meu incômodo.

– Mas, sra. Swindell...

– Nada de sra. Swindell. Isso vai ensinar você a deixar de ser mentirosa, a não esconder dinheiro. Espere só até o sr. Swindell chegar em casa e saber disso, aí é que você vai ver. – Ela entregou o prato para Eliza. – Agora me dê mais um pouco de sopa e leve Hatty para a cama.

As noites eram piores. Os ruídos da rua pareciam mais altos, as sombras se tornavam amedrontadoras e, sozinha no quarto pela primeira vez na vida, Eliza começou a ter pesadelos. Pesadelos muito piores do que qualquer coisa que tivesse imaginado em suas histórias.

Durante o dia, era como se o mundo tivesse virado pelo avesso, como uma roupa no varal. Tudo tinha a mesma forma, tamanho e cor, mas parecia inteiramente diferente. E, embora o corpo de Eliza funcionasse da mesma maneira como antes, sua mente percorria a paisagem dos seus terrores. Imaginava Sammy no fundo da cova de St. Bride's, jogado no meio dos corpos de mortos anônimos. Preso debaixo da terra, abrindo os olhos, tentando gritar que tinha havido um erro, que não estava morto.

Pois a sra. Swindell tinha cumprido sua palavra e Sammy tinha sido enterrado como indigente. Eliza tinha tirado o broche do esconderijo e ido até a casa de John Picknick, mas, no fim, não teve coragem de vendê-lo. Ela ficou parada na frente da casa durante meia hora, tentando se decidir. Sabia que, se vendesse o broche, teria dinheiro para dar um enterro decente a Sammy. Também sabia que o sr. e a sra. Swindell iriam querer saber de onde tinha vindo o dinheiro e que a castigariam impiedosamente por ter guardado um tesouro daqueles.

Mas não foi o medo dos Swindells que a fez decidir. Não foi nem mesmo a voz de mamãe, soando alta em sua memória, fazendo-a prometer que só venderia o broche se o homem mau viesse ameaçá-la.

Foi o medo de que seu próprio futuro viesse a ser pior do que o seu passado. De que chegaria uma hora, que a espreitava nos anos nebulosos à sua frente, em que o broche seria a única chave para a sua sobrevivência.

Deu meia-volta sem pôr os pés na casa do sr. Picknic e correu de volta para a loja de panos e garrafas, com o broche queimando em seu bolso. E disse a si mesma que Sammy iria entender, que ele sabia tão bem quanto ela qual era o preço da vida naquele pedaço do rio.

Então guardou com carinho a lembrança dele, envolta em camadas de emoções – alegria, amor, compromisso – das quais ela não precisava

mais, e trancou tudo bem no fundo do coração. Esvaziar-se dessas lembranças e emoções pareceu ser o certo a fazer. Pois, com a morte de Sammy, Eliza era a metade de uma pessoa. Como um quarto sem luz, sua alma ficou fria, escura e vazia.

Quando foi que teve aquela ideia pela primeira vez? Mais tarde, Eliza nunca teve certeza. Não aconteceu nada naquele dia. Ela abriu os olhos na escuridão do seu quartinho como fazia todas as manhãs e ficou deitada, imóvel, retornando ao corpo depois da noite estressante.

Afastou o cobertor e se sentou na cama, pousando os pés descalços no chão. Sua longa trança caiu sobre um de seus ombros. Estava frio; o outono cedera lugar ao inverno e a manhã estava escura como a noite. Eliza riscou um fósforo e acendeu a vela, depois olhou para o seu avental, pendurado atrás da porta.

O que a fez fazer aquilo? O que a fez pegar a camisa e a calça que estavam penduradas atrás do avental? O que a fez vestir as roupas de Sammy?

Eliza nunca soube, mas aquilo parecia certo, como se fosse a única coisa a fazer. A camisa tinha um cheiro tão familiar, como suas próprias roupas e, entretanto, diferente delas, e, quando ela vestiu a calça, saboreou a estranha sensação dos tornozelos nus, do ar frio na pele acostumada a usar meias. Sentou-se no chão e calçou as botas de Sammy, que couberam perfeitamente em seus pés.

Depois parou diante do pequeno espelho e olhou. Olhou de verdade, enquanto a vela tremulava ao seu lado. Um rosto pálido devolveu o seu olhar. Cabelo comprido, de um vermelho dourado, olhos azuis e sobrancelhas claras. Sem tirar os olhos do espelho, Eliza pegou a tesoura de costura que estava sobre a cesta de roupa para lavar e puxou a trança para o lado. A trança era grossa e ela teve que fazer força para cortá-la. Finalmente, ela caiu em sua mão. Sem nada que o prendesse, seu cabelo deslizou, solto, ao redor do seu rosto. Ela continuou a cortar até que o cabelo ficou do mesmo tamanho do de Sammy, depois enfiou o gorro de pano dele.

Eles eram gêmeos, não era surpresa que fossem tão parecidos, entretanto, Eliza levou um susto. Sorriu, bem de leve, e Sammy sorriu de volta para ela. Estendeu a mão e tocou a superfície fria do espelho, não estava mais sozinha.

Tum... Tum...

A ponta da vassoura da sra. Swindell batendo no teto, sua chamada diária para começar a lavar roupa.

Eliza pegou sua longa trança vermelha do chão, desmanchando-se no alto, onde estivera presa em sua cabeça, e amarrou um pedaço de barbante na ponta. Depois, guardou-a junto com o broche de mamãe. Não precisava mais dela; ela pertencia ao passado.

Londres, 2005

Cassandra sabia que os ônibus seriam vermelhos, é claro, e que teriam dois andares, mas vê-los passando em direção a locais como Kensington High Street e Piccadilly Circus, indicados acima dos parabrisas dianteiros, foi algo surpreendente. Como se tivesse entrado num dos livros de histórias de sua infância, ou num dos muitos filmes em que táxis pretos percorriam ruas de paralelepípedos, prédios eduardianos chamavam atenção em ruas largas, e o vento norte formava nuvens finas no céu.

Ela já estava nesta Londres de milhares de filmes e de milhares de histórias havia quase vinte e quatro horas. Quando finalmente acordou do seu sono defasado pela mudança de fuso horário, viu-se sozinha no apartamento de Ruby, com o sol de meio-dia entrando por entre as cortinas e iluminando o seu rosto.

No banquinho ao lado do sofá, havia um bilhete de Ruby:

Senti sua falta no café da manhã! Não quis acordá-la – coma o que quiser. Tem banana na fruteira, sobras na geladeira, embora eu não tenha checado ultimamente – pode ser que esteja tudo nojento demais! Há toalhas no armário do banheiro se você quiser tomar banho. Estarei no V&A até às seis. Você tem que passar lá para ver a exposição da qual sou curadora. Tenho algo muito excitante para mostrar para você! Rx.

PS: Venha no início da tarde. Tenho reuniões maçantes a manhã inteira.

Então, à uma da tarde, com o estômago roncando, Cassandra estava parada no meio de Cromwell Road, esperando que o fluxo aparentemente interminável de veículos permitisse que ela atravessasse para o outro lado.

O Victoria and Albert Museum erguia-se, grande e imponente, diante dela, com a sombra da tarde deslizando rapidamente pela parede da frente. Um mausoléu gigantesco do passado. Lá dentro, ela sabia, havia salas e mais salas, todas repletas de história. Milhares de itens, fora de tempo e lugar, ecoando com as alegrias e tristezas de vidas esquecidas.

Cassandra encontrou Ruby levando um grupo de turistas alemães para a nova cafeteria do V&A.

– Sou a favor de se ter uma cafeteria no prédio, adoro um bom café, mas nada me irrita mais do que as pessoas que passam correndo pela minha exposição em busca do Santo Graal de bolinhos e refrigerantes!

Cassandra sorriu, sentindo-se um pouco culpada, torcendo para que Ruby não conseguisse ouvir seu estômago roncando por causa dos cheiros deliciosos que vinham da cafeteria. Aliás, era para lá que estava indo.

– Quer dizer, como elas podem deixar passar a oportunidade de contemplar o passado? – Ruby indicou as fileiras de vitrines que continham sua coleção. – Como podem?

Cassandra sacudiu a cabeça e disfarçou o barulho no estômago. – Eu não sei.

– Bem – Ruby suspirou dramaticamente –, você está aqui agora e os filisteus são uma lembrança distante. Como está se sentindo? Sofrendo muito com a mudança de fuso horário?

– Estou bem, obrigada.

– Dormiu bem?

– O sofá-cama é muito confortável.

– Não precisa mentir – Ruby disse, rindo –, embora eu agradeça a intenção. Pelo menos, os caroços impediram que você dormisse o dia inteiro. Senão eu teria ligado para acordá-la. Não ia deixar que você perdesse isto. – Ela sorriu, radiante. – Ainda não posso acreditar que Nathaniel Walker tenha morado na mesma propriedade em que fica o seu chalé! Ele com certeza o viu, se inspirou nele. Pode até ter estado lá dentro. – Com os olhos brilhantes e redondos, Ruby deu o braço a

Cassandra e se dirigiu para um dos corredores. – Venha, você vai adorar isto!

Sem grande animação, Cassandra se preparou para demonstrar o necessário entusiasmo, independentemente do que Ruby lhe mostrasse.

– Aqui estamos – Ruby apontou, triunfalmente, para uma fileira de desenhos na vitrine. – O que você acha?

Cassandra ficou boquiaberta, inclinou-se para a frente para ver melhor. Não ia precisar fingir entusiasmo. Os desenhos expostos deixaram-na ao mesmo tempo chocada e maravilhada.

– Mas onde...? Como você...? – Cassandra olhou para Ruby, que bateu palmas, obviamente encantada. – Eu não fazia ideia da existência deles.

– Ninguém fazia – disse Ruby. – Ninguém, exceto a dona, e eu posso lhe assegurar que ela não pensava neles havia um bom tempo.

– Como você os conseguiu?

– Por puro acaso, querida. Puro acaso. Quando eu tive a ideia de fazer esta exposição, não quis simplesmente reorganizar velhas peças vitorianas que já estão expostas há décadas. Então eu pus um pequeno anúncio em todas as revistas especializadas que conhecia. Um anúncio muito simples, que dizia apenas: ‘Desejamos para empréstimo: objetos artísticos interessantes da virada do século dezenove. Para serem exibidos com o máximo cuidado em museu de Londres.’

“Na mesma hora, comecei a receber telefonemas. A maioria não passava de alarme falso, é claro, pinturas do céu e coisas parecidas feitas pela tia-avó Mavis, mas havia preciosidades no meio de tudo isso. Você ficaria surpresa com o número de itens de valor inestimável que sobreviveram sem nenhum cuidado adequado.”

Acontecia o mesmo com as antiguidades, Cassandra pensou: os melhores achados eram sempre aqueles que tinham ficado esquecidos durante décadas, que tinham escapado das garras de carpinteiros amadores.

Ruby tornou a contemplar os desenhos.

– Estes desenhos estão entre as minhas melhores descobertas. – Sorriu para Cassandra. – Desenhos inacabados de Nathaniel Walker, quem diria? Quer dizer, temos uma pequena coleção de retratos pintados por ele lá em cima, e existem alguns no Tate Britain, mas, até onde sei, até onde alguém sabe, isso foi tudo o que restou. O resto, acredita-se que...

– Foi destruído. Sim, eu sei. – O rosto de Cassandra estava quente. – Nathaniel Walker era famoso por destruir esboços, trabalhos que não o satisfaziam.

– Você pode imaginar o que senti quando a mulher me entregou esses desenhos. Eu tinha dirigido até a Cornualha na véspera indo de casa em casa, recusando educadamente diversos itens que eram inteiramente inadequados. Honestamente – revirou os olhos – as coisas que as pessoas acharam que serviam deixariam você de boca aberta. Basta dizer que, quando cheguei à casa, estava pronta para desistir. Era um desses chalés brancos de beira de praia, com telhados cinzentos, e, eu já ia dar meia-volta, quando Clara abriu a porta. Ela era uma coisinha engraçada, parecia um personagem saído de um dos livros de Beatrix Potter, uma velha galinha usando um avental de dona de casa. Ela me fez entrar na sala menor e mais entulhada de coisas que eu já tinha visto, fazia meu apartamento parecer uma mansão, e insistiu em preparar uma xícara de chá para mim. Eu preferia um uísque naquela altura, depois do dia que eu tivera, mas sentei-me no meio das almofadas e esperei para ver que objeto sem valor ela tinha para me mostrar.

– E ela lhe entregou estes desenhos.

– Eu soube imediatamente do que se tratava. Eles não estão assinados, mas têm o carimbo dele. Veja no canto superior do lado esquerdo. Juro que comecei a tremer quando os vi. Quase derrubei minha xícara de chá em cima deles.

– Mas como ela os conseguiu? – Cassandra perguntou. – Onde ela os conseguiu?

– Ela disse que eles estavam no meio das coisas da mãe dela – disse Ruby. – A mãe dela, Mary, foi morar com Clara depois que ficou viúva e lá ficou até morrer, em meados dos anos sessenta. Ambas eram viúvas e imagino que fizessem companhia uma à outra. Clara estava, sem dúvida, encantada de ter quem ouvisse as histórias a respeito de sua querida mãe. Antes de eu sair, insisti em me fazer subir o lance de escadas mais perigoso que eu já vi para dar uma olhada no quarto de Mary. – Ruby se inclinou para Cassandra. – Que surpresa que tive. Mary podia estar morta há quarenta anos, mas, pela aparência do quarto, parecia que ia chegar a qualquer momento. Era de dar medo, mas o quarto era encantador: uma cama estreita, muito bem-arrumada e um jornal dobrado na mesinha de cabeceira com um quebra-cabeça preenchido pela metade na folha da frente. E sob a janela havia um pequeno baú, trancado – uma tentação! – Passou a mão pelo cabelo grisalho. – Tive que me conter para não atravessar o quarto e arrebentar a fechadura com minhas próprias mãos.

– Ela o abriu? Você viu o que tinha lá dentro?

– Não tive essa sorte. Eu me contive e, logo depois, ela me levou embora. Tive que me contentar com os desenhos de Nathaniel Walker e a afirmação de Clara de que não havia mais nada que servisse no meio das coisas da mãe.

– Mary também era uma artista? – Cassandra perguntou.

– Mary? Não, ela era uma dona de casa. Pelo menos, no início. Durante a Primeira Guerra, ela trabalhara numa fábrica de munições e acho que deve ter parado depois disso. Bem, parado de trabalhar de certa forma. Casou-se com um açougueiro e passou o resto da vida preparando chouriço e limpando as tábuas de cortar carne. Não sei qual das duas coisas me desagrada mais.

– Mas como foi que ela pôs as mãos nesses desenhos? – Cassandra disse, franzindo a testa. – Nathaniel Walker era extremamente discreto em relação ao seu trabalho, e os desenhos são tão raros. Ele não os deu para ninguém, nunca assinou contratos com editoras que quisessem ficar com os direitos autorais dos originais, e isso em relação ao

trabalho acabado. Não posso imaginar o que o tenha feito se separar de desenhos inacabados como esses.

Ruby ergueu os ombros.

– Pegou emprestado? Comprou? Talvez ela os tenha roubado. Não sei e devo admitir que não me importo. Fico feliz em classificá-los como um dos belos mistérios da vida. Só agradeço a Deus por ela ter posto as mãos neles, sem nunca ter percebido o quanto eram valiosos, sem ter achado que valiam a pena ser exibidos, conseguindo assim preservá-los tão bem para nós durante todo o século XX.

Cassandra aproximou mais a cabeça dos desenhos. Embora nunca os tivesse visto antes, ela os reconheceu. Eles eram inconfundíveis: esboços iniciais das ilustrações do livro de contos de fadas. Desenhados mais rapidamente, as linhas rabiscadas apressadamente, de uma maneira exploratória, mostrando o entusiasmo do artista pelo tema. A respiração de Cassandra se acelerou quando ela se lembrou de sentir a mesma sensação quando iniciava um desenho.

– É incrível, ter a chance de ver um trabalho ainda em processo. Às vezes acho que isso diz muito mais sobre o artista, mais do que a obra acabada.

– Como as esculturas de Michelangelo em Florença.

Cassandra olhou para ela, feliz com a perspicácia de Ruby.

– Fiquei toda arrepiada da primeira vez que vi uma imagem daquele joelho saindo do mármore. Como se a figura tivesse estado presa lá dentro o tempo todo, esperando que alguém a libertasse.

Ruby sorriu.

– Ei – ela disse, tendo uma ideia súbita –, esta é a sua única noite em Londres, vamos sair para jantar. Eu ia me encontrar com meu amigo, Grey, mas ele vai entender. Ou então eu o levo junto, vai ser ainda mais divertido, afinal de contas...

– Com licença, senhora – disse alguém com um sotaque americano –, a senhora trabalha aqui?

Um homem alto, de cabelos pretos, parou no meio das duas.

– Trabalho – respondeu Ruby. – Posso ajudá-lo?

– Minha esposa e eu estamos com fome e um dos caras lá em cima disse que havia uma cafeteria aqui embaixo.

Ruby revirou os olhos para Cassandra.

– Há um novo Carluccio's perto da estação. Às sete horas. – Então forçou um sorriso. – Por aqui, senhor. Vou mostrar onde fica.

Quando saiu do V&A, Cassandra foi em busca de um lugar para almoçar. A última refeição que tinha feito devia ter sido o jantar do avião, algumas balas de Ruby e uma xícara de chá: não era de espantar que seu estômago estivesse gritando. O caderno de Nell tinha um mapa do centro de Londres colado na parte interior, e, até onde Cassandra podia ver, não importava que direção tomasse, encontraria alguma coisa para comer e beber. Ao examinar o mapa, notou uma cruzinha feita a caneta, em algum lugar do outro lado do rio, uma rua em Battersea. A excitação a deixou arrepiada. Um X marcava o lugar, mas que lugar exatamente?

Vinte minutos depois, comprou um sanduíche de atum e uma garrafa de água num café em Kings Road, depois prosseguiu pela Flood Street na direção do rio. Do outro lado, erguiam-se as quatro torres da usina elétrica de Battersea. Cassandra sentiu uma estranha excitação ao refazer os passos de Nell.

O sol de outono tinha saído do esconderijo e lançava raios dourados sobre a superfície do rio. O Tâmisa. Quanta coisa aquele rio tinha visto: inúmeras vidas passadas ao longo de suas margens, incontáveis mortes. E era deste rio que um navio tinha partido, tantos anos antes, com a pequena Nell a bordo. Levando-a para longe de tudo o que lhe era familiar, rumo a um futuro incerto. Um futuro que agora era passado, uma vida que tinha terminado. E, no entanto, isso ainda importava, tinha importado para Nell e importava para Cassandra. Este quebra-cabeça era a sua herança. Mais do que isso, era a sua responsabilidade.

Londres, 1975

Nell inclinou a cabeça para ver melhor. Tivera a esperança de que, ao ver a casa em que Eliza tinha morado, conseguisse reconhecê-la, sentisse instintivamente que a casa era importante para o seu passado, mas isso não aconteceu. A casa, em Battersea Church Road número trinta e cinco, era completamente desconhecida. Era uma casa comum, parecida com as outras casas da rua: três andares, janelas envidraçadas, canos estreitos subindo por paredes de tijolos que o tempo e o limo tornavam pretas. A única coisa que se destacava era uma construção esquisita no topo da casa. De fora, parecia que parte do telhado tinha sido emparedado para construir um cômodo extra, embora fosse difícil saber sem ver por dentro.

A rua era paralela ao Tâmis. Esta rua suja, com lixo na sarjeta e crianças com os narizes sujos de catarro brincando na calçada, não parecia o tipo de lugar que pudesse inspirar uma escritora de contos de fadas. Ideias tolas, românticas, é claro, mas, quando Nell imaginava Eliza, pensava no Kensington Gardens de JM Barrie, no charme mágico da Oxford de Lewis Carroll.

Mas este era o endereço citado no livro que ela tinha comprado na loja do sr. Snelgrove. Esta era a casa onde Eliza Makepeace tinha nascido. Onde tinha passado sua infância.

Nell se aproximou. Não parecia haver nenhuma atividade dentro da casa, então ousou debruçar-se na janela da frente. Uma pequena sala, uma lareira de tijolos e uma cozinha estreita. Um lance de escadas colado à parede ao lado da porta.

Nell deu um passo para trás, quase tropeçando num vaso de planta.

Um rosto na janela da casa ao lado a fez dar um pulo, um rosto pálido, emoldurado por uma coroa de cabelos brancos. Nell piscou e, quando tornou a olhar, o rosto tinha desaparecido. Um fantasma? Ela

tornou a piscar os olhos. Não acreditava em fantasmas, não do tipo que arrastava correntes de noite.

A porta do número trinta e sete de Battersea Church Road abriu-se com toda a força. Parada do outro lado, estava uma mulher minúscula, com menos de um metro e meio, pernas de palito e uma bengala. De um sinal do lado esquerdo do seu queixo, saía um longo fio de cabelo branco. – Quem é você, mocinha? – Perguntou com um sotaque cockney.

Já fazia pelo menos quarenta anos que ninguém a chamava de mocinha.

– Nell Andrews – disse, afastando-se da planta murcha. – Estou só visitando o lugar. Só estou olhando. Só estou tentando. – Ela estendeu a mão. – Eu sou australiana.

– Australiana? – A mulher disse, mostrando as gengivas num sorriso. – Por que não disse logo? O marido da minha sobrinha é australiano. Eles moram em Sydney, quem sabe você os conhece? Desmond e Nancy Parker?

– Acho que não os conheço – disse Nell. A velha fez uma cara feia. – Não moro em Sydney.

– Ah, bem – a mulher disse, um tanto cética. – Talvez você os veja se for lá.

– Desmond e Nancy. Não vou esquecer.

– Ele normalmente chega tarde.

Nell franziu a testa. O marido da sobrinha em Sydney?

– O homem que mora aí ao lado. É bem silencioso. – A mulher baixou a voz. – Pode ser preto, mas trabalha muito. – Ela sacudiu a cabeça. – Imagine só! Um africano morando aí no número trinta e cinco. Nunca pensei que isso pudesse acontecer. Minha mãe iria se revirar no túmulo se soubesse que havia negros morando na velha casa.

Nell ficou curiosa.

– Sua mãe também morou aqui?

– Sim – a velha disse orgulhosamente. – Eu nasci aqui, nessa casa em que você está interessada, para falar a verdade.

– Nasceu aqui? – Nell ergueu as sobrancelhas. Não existia muita gente que pudesse dizer que tinha morado a vida inteira na mesma rua.

– Quando foi isso, há sessenta, setenta anos?

– Quase setenta e oito, fique sabendo. – A mulher esticou o queixo, fazendo com que a luz batesse no fio de cabelo branco do queixo. – Nem um dia a menos.

– Setenta e oito anos – Nell disse, devagar. – E a senhora passou todo esse tempo aqui. Desde... – um cálculo rápido – desde 1897?

– Sim, dezembro de 1897. Eu nasci perto do Natal.

– A senhora se lembra de muita coisa? Da sua infância?

Ela riu. – Às vezes acho que essas são as únicas lembranças que tenho.

– Devia ser um lugar bem diferente na época.

– Ah, sim – disse a velha –, quanto a isso não há dúvida.

– A mulher na qual estou interessada também morou nesta rua. Aparentemente, aqui nesta casa. Talvez a senhora se lembre dela. – Nell abriu a bolsa e tirou o retrato que tinha xerocado da folha de rosto do livro de histórias. Notou que seus dedos tremiam. – Ela foi desenhada de forma a parecer uma ilustração de contos de fadas, mas, se a senhora olhar bem para o rosto...

A velha estendeu a mão encarquilhada e pegou o retrato, apertando os olhos para examiná-lo, fazendo com que fileiras de rugas se formassem ao redor de cada olho.

– A senhora a conhece? – Nell perguntou, prendendo a respiração.

– Eu a conheço sim. Vou me lembrar dela até o dia da minha morte. Ela me deixava tremendo de medo quando eu era pequena. Contava-me histórias terríveis quando sabia que minha mãe não estava por perto para lhe dar uma surra. – Olhou para Nell, franzindo a testa. – Elizabeth? Ellen?

– Eliza – Nell disse depressa. – Eliza Makepeace, ela se tornou escritora.

– Isso eu não sei, porque não sou muito de ler. Não vejo o sentido de ler tantas páginas. Só sei que essa garota do seu retrato contava

histórias de arrepiar os cabelos. Deixava todas as crianças da rua com medo do escuro, embora sempre voltássemos para ouvir mais histórias. Não sei onde foi que aprendeu aquelas histórias.

Nell tornou a contemplar a casa, tentando ter uma ideia daquela jovem Eliza. Uma contadora de histórias inveterada, assustando as crianças menores com suas histórias de terror.

– Sentimos falta dela quando a levaram embora. – A velha sacudia a cabeça pesarosamente.

– Achei que a senhora ficaria contente por não lhe meterem mais medo.

– Não – a velha disse, movendo os lábios como se estivesse mastigando as próprias gengivas. – Não existe uma só criança que não goste de levar um bom susto de vez em quando. – Ela pousou a bengala num ponto da escada em que o reboco estava se desmanchando. Olhou para Nell. – Aquela menina sofreu o pior tipo de horror, muito pior do que os de suas histórias. Perdeu o irmão, um dia, no nevoeiro. Nada que pudesse contar para nós era tão terrível quanto o que aconteceu com ele. Foi um cavalo preto, que pisou bem no coração dele. – Sacudiu a cabeça. – A menina nunca mais foi a mesma, depois disso. Ficou meio doida, se quer saber, cortou o cabelo e passou a usar calças, se me lembro bem.

Nell sentiu uma onda de excitação. Isto era novidade.

A velha pigarreou, pegou um lenço de papel e cuspiu nele. Continuou como se nada tivesse acontecido.

– Houve um boato de que ela foi levada para o asilo.

– Não – disse Nell. – Ela foi morar com a família dela, na Cornualha.

– Cornualha. – Uma chaleira apitou dentro de casa. – Isso é bom, não é?

– Imagino que sim.

– Bem – a velha disse, com um aceno na direção da cozinha –, está na hora do chá. – A frase foi dita com tanta naturalidade, que, por um breve instante, Nell achou que talvez fosse convidada para entrar,

tomar chá e ouvir outras histórias a respeito de Eliza Makepeace. Mas, quando a porta começou a ser fechada, deixando Nell do lado de fora, esta fantasia desapareceu.

– Espere – ela disse, estendendo a mão para impedir que a porta se fechasse.

A velha manteve a porta aberta enquanto a chaleira continuava apitando.

Nell tirou um pedaço de papel da bolsa e começou a escrever alguma coisa.

– Se eu deixar o endereço e o telefone do hotel onde estou hospedada, a senhora me procura caso se lembre de mais alguma coisa sobre Eliza? Qualquer coisa?

A velha ergueu uma sobrancelha. Fez uma pequena pausa, como se estivesse avaliando Nell, depois pegou o pedaço de papel. Quando tornou a falar, sua voz estava um tanto alterada.

– Se eu pensar em alguma coisa, falo com você.

– Obrigada, sra...

– Swindell – disse a velha. – *Srta.* Harriet Swindell. Nunca encontrei um homem com quem quisesse me casar.

Nell ergueu a mão para dar adeus, mas a porta da srta. Swindell já estava fechada. Quando a chaleira parou de apitar lá dentro, Nell olhou para o relógio. Se se apressasse, talvez ainda conseguisse pegar a Tate Gallery aberta. Lá ela poderia ver o retrato de Eliza, pintado por Nathaniel Walker, o que ele intitulara *A Autora*. Tirou o mapa de Londres da bolsa e correu o dedo pelo rio até encontrar Millbank. Com um último olhar para Battersea Church Road, enquanto um ônibus vermelho passava em frente às casas vitorianas que tinham abrigado a infância de Eliza, Nell se afastou.

E lá estava ela, *A Autora*, pendurada na parede da galeria. Exatamente como Nell recordava. Uma trança grossa caindo sobre um dos ombros, uma gola branca de pregas fechada até o queixo, cobrindo seu pescoço fino, um chapéu na cabeça. Muito diferente dos chapéus normalmente

usados pela damas do período eduardiano. Suas linhas eram mais masculinas, seu estilo mais vistoso, a dama mais irreverente, embora Nell não soubesse por que sabia disso. Ela fechou os olhos. Se fizesse força, talvez conseguisse recordar uma voz. Às vezes ela lhe vinha à mente, uma voz marcante, cheia de magia e mistério e segredos. Mas ela sempre fugia antes que Nell conseguisse recapturar sua lembrança, torná-la sua para recordar à vontade.

As pessoas movimentavam-se atrás dela, e Nell tornou a abrir os olhos. *A Autora* entrou em foco novamente e Nell se aproximou. O quadro era incomum: em primeiro lugar, era um desenho a carvão, mais um estudo do que um retrato. A pose também era interessante. A mulher não estava de frente para o artista, fora desenhada como se estivesse indo embora, como se tivesse virado a cabeça no último minuto e ali tivesse sido congelada. Havia algo de atraente naqueles olhos grandes, nos lábios entreabertos, como se ela fosse dizer alguma coisa; e algo de perturbador também. Era a ausência total de qualquer esboço de sorriso, como se tivesse sido surpreendida. Observada. Apanhada.

Se ao menos você pudesse falar, Nell pensou. Então, talvez, você pudesse dizer quem sou eu, o que eu estava fazendo com você. Por que nós entramos juntas naquele navio e por que você não voltou para me buscar.

Nell sentiu o peso da decepção, embora não soubesse dizer que revelações imaginara que teria ao fitar o retrato de Eliza. Imaginara não, se corrigiu, esperara. Toda a sua procura tinha por base a esperança. O mundo era um lugar enorme e não era fácil encontrar alguém que tinha desaparecido sessenta anos antes, mesmo que esta pessoa fosse ela mesma.

A sala começava a esvaziar e Nell se viu cercada pelos olhares silenciosos dos mortos. Todos observando-a daquele jeito estranho de pessoas retratadas: olhos eternamente vigilantes, seguindo o observador pela sala. Ela estremeceu e vestiu o casaco.

O outro retrato atraiu sua atenção quando ela já estava quase na porta. Quando fitou a pintura da mulher de cabelos escuros, pele clara e lábios cheios e vermelhos, Nell soube exatamente quem era ela. Mil fragmentos de memória se combinaram num segundo, com certeza emanando de todas as suas células. Não que reconhecesse o nome impresso sob o retrato, *Rose Elizabeth Mountrachet* – aquelas palavras não significavam muita coisa. Era mais e era menos. Os lábios de Nell começaram a tremer e algo se apertou no fundo do seu peito. Ela mal conseguia respirar.

– Mamãe – murmurou, sentindo-se tola, extasiada e vulnerável ao mesmo tempo.

Felizmente a Biblioteca Central ficava aberta até tarde, pois Nell não ia conseguir esperar até a manhã seguinte. Finalmente ela sabia o nome de sua mãe, Rose Elizabeth Mountrachet. Mais tarde, iria considerar aquele momento na Tate Gallery como uma espécie de nascimento. De repente, sem aviso, ela era filha de alguém, sabia o nome da sua mãe. Foi repetindo aquelas palavras enquanto percorria as ruas ao cair da noite.

Não era a primeira vez em que ouvia aquele nome. O livro que tinha comprado na loja do sr. Snelgrove, com sua referência a Eliza, tinha mencionado a família Mountrachet. O tio materno de Eliza, membro da aristocracia, dono da imponente propriedade na Cornualha. Blackhurst, para onde Eliza tinha sido enviada depois da morte da mãe. Era o elo que estava procurando. O fio que ligava a Autora da lembrança de Nell ao rosto que ela agora identificava como sendo o de sua mãe.

A mulher na recepção da biblioteca se lembrava de Nell, da véspera, quando ela tinha ido lá procurando informações sobre Eliza.

– Então a senhora encontrou o sr. Snelgrove? – perguntou, com um sorriso.

– Sim – disse Nell, um tanto ofegante.

– E sobreviveu para contar a história.

– Ele me vendeu um livro que foi muito útil.
– Esse é o nosso sr. Snelgrove, sempre consegue fazer uma venda. –
Sacudiu a cabeça carinhosamente.

– Gostaria de saber se a senhora pode me ajudar outra vez. Preciso de informações sobre uma mulher.

A bibliotecária piscou o olho.

– Vou precisar saber mais um pouco sobre ela.

– É claro. Uma mulher nascida no final do século XIX.

– Ela também foi escritora?

– Não, acho que não. – Nell respirou fundo, organizando as ideias.

– O nome dela era Rose Mountrachet e sua família pertencia à aristocracia. Pensei que talvez pudesse achar alguma coisa num daqueles livros, a senhora conhece o tipo, com detalhes sobre a nobreza.

– Como *Debrett's* ou *Who's Who*.

– Sim, exatamente.

– Vale a pena dar uma olhada – disse a bibliotecária. – Temos as duas publicações aqui, mas o *Who's Who* é mais fácil de ler.

Descendentes de famílias aristocráticas são automaticamente convidados para inclusão. Ela pode não ter uma entrada própria, mas, se você tiver sorte, estará mencionada na referência a outra pessoa, o pai dela, talvez, ou o marido. A senhora não deve saber quando ela morreu.

– Não, por quê?

– Como a senhora não sabe quando ela foi incluída, se é que foi, pouparia tempo procurar primeiro no *Who Was Who*. Mas, para isso, é preciso saber quando ela morreu.

Nell sacudiu a cabeça.

– Não posso nem dar um palpite. Se a senhora me der uma orientação geral, vou procurar no *Who's Who*, começando este ano e indo para trás até encontrar alguma menção a ela.

– Talvez leve algum tempo, e a biblioteca vai fechar em breve.

– Serei rápida.

A mulher ergueu os ombros.

– Vá até o primeiro andar e consulte as fichas na recepção. As listas estão em ordem alfabética.

Finalmente, em 1934, Nell achou o que procurava. Não era Rose Mountrachet, mas era um Mountrachet mesmo assim. Linus, o tio que tinha pedido a guarda de Eliza Makepeace depois da morte de Georgiana. Ela leu a nota:

MOUNTRACHET, Lord, Linus St. John Henry. Nascido a 11 de janeiro de 1860, filho do falecido Lord St. John Luke Mountrachet e da falecida Margaret Elizabeth Mountrachet, casado em 31 de agosto de 1888 com Adeline Langley. Uma filha, falecida, Rose Elizabeth Mountrachet, casada com o falecido Nathaniel Walker.

Rose tinha se casado com Nathaniel Walker. Isso significava que ele era seu pai? Tornou a ler a nota. Os *falecidos* Rose e Nathaniel. Então ambos tinham morrido antes de 1934. Era por isso que ela estava com Eliza? Eliza tinha sido apontada como sua guardiã porque seus pais estavam ambos mortos?

Seu pai – isto é, Hugh – a tinha encontrado no cais de Maryborough no final de 1913. Se Eliza tinha sido nomeada sua guardiã depois que Rose e Nathaniel morreram, isso queria dizer que eles deviam ter morrido antes disso.

E se procurasse Nathaniel Walker no *Who's Who* daquele ano? Ele devia ter uma nota. Melhor ainda, se sua hipótese estivesse correta e ele não estivesse mais vivo em 1913, devia ir direto para o *Who Was Who*. Percorreu as estantes e tirou o *Who Was Who* de 1897-1915. Com as mãos trêmulas, começou a procurar a partir do final, Z, Y, X, W. Lá estava ele.

WALKER, Nathaniel James, nascido a 22 de julho de 1883, morto em 2 de setembro de 1913. Filho de Anthony Sebastian Walker e Mary

Walker, casado com a falecida Rose Elizabeth Mountrachet em 3 de março de 1908. Uma filha, a falecida Ivory Walker.

Nell parou. Uma filha estava certo, mas o que queriam dizer com falecida? Ela não estava morta, estava bem viva.

Nell começou a sentir calor, mal conseguia respirar. Abanou o rosto e tornou a olhar para a nota.

O que queria dizer aquilo? Será que eles tinham se enganado?

– Encontrou?

Nell ergueu os olhos. A mulher da recepção fora quem falara.

– Eles costumam se enganar? – perguntou. – Fornecem alguma informação equivocada?

A mulher pensou um pouco.

– Eles não são a fonte mais confiável, eu acho. As informações foram dadas pelas próprias pessoas.

– E quando a pessoa mencionada está morta?

– Como?

– No *Who Was Who* todas as pessoas mencionadas estão mortas. Então quem fornece a informação?

Ela ergueu os ombros.

– A família, eu acho. Suponho que eles copiem a informação do último questionário preenchido. Acrescentam as datas de morte e pronto. – Ela tirou um pedacinho de poeira do alto da prateleira. – Vamos fechar em dez minutos. Se precisar de alguma coisa, avise.

Tinha havido um erro, só isso. Devia acontecer com frequência; afinal, quem preparava a impressão não conhecia pessoalmente as pessoas mencionadas. Era possível, não era, que a palavra *falecida* fosse inserida por engano? Uma estranha dada como morta para os olhos silenciosos da posteridade?

Era mais que um erro de datilografia. Sabia que era a criança mencionada ali e ela não estava morta. Só precisava encontrar uma biografia de Nathaniel Walker para provar que a nota estava errada. Ela agora tinha um nome; seu nome tinha sido Ivory Walker. E, mesmo

que não soasse familiar, que não coubesse nela como um casaco usado, era esse o seu nome. Não havia como explicar a memória, por que algumas coisas ficavam impressas nela e outras não.

Ela se lembrou, de repente, do livro que tinha comprado a caminho da Tate, sobre as pinturas de Nathaniel. Ele devia conter uma breve biografia. Tirou-o da bolsa e o abriu.

“Nathaniel Walker (1883-1913) nasceu em Nova York, filho de imigrantes poloneses, Antoni e Marya Walker (originalmente Walczuk). Seu pai trabalhava nas docas da cidade e sua mãe lavava roupa para fora e criava os seis filhos, dos quais Nathaniel era o terceiro. Dois de seus irmãos morreram de febre e Nathaniel ia seguir os passos do pai nas docas, quando um desenho que estava fazendo numa rua de Nova York atraiu a atenção de Walter Irving Jr, herdeiro da fortuna do petróleo Irving, que contratou Nathaniel para pintar seu retrato.

“Sob a proteção do seu patrono, Nathaniel tornou-se um membro conhecido da sociedade de Nova York. Foi numa das festas de Irving, em 1907, que Nathaniel conheceu Rose Mountrachet, que estava de visita a Nova York, vinda da Cornualha. Eles se casaram no ano seguinte em Blackhurst, a propriedade dos Mountrachet perto de Tregenna, na Cornualha. A reputação de Nathaniel continuou a crescer depois do seu casamento e transferência para a Inglaterra, e o ponto alto da sua carreira foi seu contrato, no início de 1910, para pintar o último retrato daquele que seria o rei Edward VII.

“Nathaniel e Rose Walker tiveram uma filha, Ivory Walker, nascida em 1909. A esposa e a filha foram temas frequentes das pinturas de Nathaniel, e um de seus quadros mais admirados é o que se chama *Mãe e filha*. O jovem casal morreu tragicamente em 1913, em Ais Gill, quando o trem em que viajavam colidiu com outro e pegou fogo. Ivory Walker morreu de escarlatina dias depois da morte dos pais.”

Aquilo não fazia sentido. Nell *sabia* que era a filha mencionada na biografia. Rose e Nathaniel Walker eram seus pais. Ela *se lembrava* de Rose, tinha se lembrado dela na mesma hora. As datas combinavam: seu nascimento, até mesmo sua viagem para a Austrália, se casavam bem demais com a data da morte de Rose e Nathaniel para ser mera coincidência. Para não falar do fato de que Rose e Eliza eram primas.

Nell foi para o índice e passou o dedo pela lista. Ela parou em *Mãe e filha* e abriu a página indicada, com o coração disparado.

Um tremor em seu lábio inferior. Podia não se lembrar de ser chamada de Ivory, mas não havia mais dúvida. Sabia como era quando menina. Ali estava ela. Sentada no colo da mãe, pintada pelo pai.

Então por que a história a considerava morta? Quem tinha dado aquela informação errada ao *Who Was Who*? Tinha sido uma mentira proposital ou eles tinham acreditado nisso? Sem saber que ela tinha sido embarcada num navio para a Austrália por uma misteriosa autora de contos de fadas.

Você não pode dizer o seu nome. É uma brincadeira que estamos fazendo. Era isso que a Autora tinha dito. Nell podia ouvir a voz dela, aquela voz sussurrante, como a brisa que vinha do oceano. *É o nosso segredo. Você não pode contar.* Nell tinha outra vez quatro anos, sentiu o medo, a insegurança, a excitação. Sentiu o cheiro da lama do rio, tão diferente do vasto mar azul, ouviu o grito zangado das gaivotas do Tâmisa, os marinheiros chamando uns pelos outros. Um par de tonéis, um esconderijo escuro, uma réstia de luz...

A Autora a tinha levado. Ela não tinha sido abandonada. Tinha sido raptada e seus avós não sabiam. Era por isso que não a tinham procurado. Acreditavam que ela tinha morrido.

Mas por que a Autora a tinha raptado? E por que tinha desaparecido, deixando Nell sozinha no navio, sozinha no mundo?

O passado dela era como uma boneca russa, uma pergunta dentro da outra dentro da outra.

E do que precisava para desenrolar este mistério era de uma pessoa. Alguém com quem pudesse falar, que pudesse tê-la conhecido ou que

soubesse de alguém que a conheceria. Alguém que pudesse lançar alguma luz sobre a Autora, sobre os Mountrachets e sobre Nathaniel Walker.

Esse alguém, ela pensou, não ia ser encontrado nos corredores poeirentos de uma biblioteca. Precisava ir ao cerne do mistério, à Cornualha, àquela aldeia, Tregenna. À enorme mansão, Blackhurst, onde sua família tinha vivido e ela tinha brincado quando era pequena.

Londres, 2005

Ruby se atrasou para o jantar, mas Cassandra não se importou. O garçom tinha lhe dado uma mesa ao lado da janela de vidro e ela estava observando as pessoas voltarem para casa do trabalho. Todas essas pessoas, vidas acontecendo fora da esfera em que a vida de Cassandra ocorria. Elas vinham em ondas. Havia um ponto de ônibus bem em frente, e, do outro lado da rua, ficava a estação de metrô de South Kensington, com sua bela fachada de ladrilhos Art Nouveau. De vez em quando, um fluxo de gente entrava pela porta do restaurante, sentando-se nas mesas ou parando no balcão para encomendar comida para levar para casa.

Cassandra passou o dedo pela beirada gasta do caderno e tornou a recordar a frase que tinha lido, imaginando se conseguiria absorvê-la com mais facilidade desta vez. O pai de Nell era Nathaniel Walker. Nathaniel Walker, o pintor da realeza, tinha sido o pai de Nell. Avô de Cassandra.

Não, a verdade ainda se encaixava como se fosse a luva de outra pessoa, exatamente como quando tomara conhecimento dela aquela tarde. Estava sentada na beira do Tâmesia, decifrando a caligrafia de Nell no relato sobre a visita que fizera à casa em Battersea, onde Eliza Makepeace tinha nascido, e à Tate Gallery, onde os quadros de Nathaniel Walker estavam expostos. O vento tinha aumentado, encrespando a superfície do rio e varrendo as margens, e Cassandra já estava para ir embora, quando alguma coisa atraiu seu olhar para aquele trecho particularmente rabiscado da página seguinte, uma frase sublinhada que dizia: *Rose Mountrachet era minha mãe. Eu reconheci o retrato e me lembro dela.* Em seguida, uma flecha, e a atenção de Cassandra foi atraída para o título de um livro, *Who Was Who*, sob o qual havia uma lista escrita apressadamente:

- Rose Mountrachet casou-se com Nathaniel Walker, pintor, em 1908
- Uma filha! Ivory Walker (nascida algum tempo depois – 1909? Verificar escarlatina?)
- Rose e Nathaniel morreram em 1913, num acidente de trem, Ais Gill (mesmo ano em que eu desapareci. Ligação?)

Um papel solto estava dobrado dentro do caderno, uma fotocópia tirada de um livro chamado *Grandes desastres de trem na Era do Vapor*. Cassandra tornou a pegar a folha. O papel estava gasto e o texto, desbotado, mas felizmente não estava manchado pelo mofo que devorava o resto do caderno. O título dizia: “A tragédia da Ferrovia Ais Gill.” Cercada pelos ruídos do restaurante, Cassandra tornou a ler o relato breve, mas bem realista.

“Nas primeiras horas do dia 2 de setembro de 1913, dois trens da Midland Railway saíram da Estação de Carlisle rumo à Estação de St. Pancras, e todos a bordo desconheciam que estavam sendo levados para um cenário de total destruição. Era uma linha íngreme, pois atravessava as montanhas e canais da paisagem do norte, e os trens tinham pouca potência. Dois fatos conspiraram para conduzir os trens à destruição naquela noite: suas máquinas eram menores do que as recomendadas para os trilhos íngremes da linha e cada um tinha sido equipado com carvão de baixa qualidade, cheio de resíduos que o impediam de queimar adequadamente.

“Depois de partir de Carlisle à 1:35 da manhã, o primeiro trem conseguiu, com dificuldade, alcançar o topo do Ais Gill: a pressão do vapor começou a cair e o trem parou. Pode-se imaginar a surpresa dos passageiros com a parada súbita do trem logo depois de sair da estação, mas eles não devem ter ficado muito assustados. Afinal de contas, estavam em boas mãos; o guarda tinha dito que eles só ficariam parados por alguns minutos e depois seguiriam viagem.

“Realmente, a certeza do guarda de que a espera seria breve foi um dos erros fatais cometidos aquela noite. O protocolo convencional da estrada de ferro sugere que, se ele soubesse quanto tempo o maquinista e o foguista iam levar para limpar a fornalha e restabelecer a pressão do vapor, ele teria lançado alguns detonadores ou carregado uma lanterna ao longo dos trilhos para fazer sinal a qualquer trem que estivesse se aproximando. Mas infelizmente ele não fez isso, e o destino dos passageiros foi selado.

“Pois a segunda máquina também trafegava com dificuldade. Ela puxava uma carga mais leve, mas sua máquina pequena e o carvão inferior foram impedimentos suficientes para causar dificuldades ao maquinista. Poucas milhas antes de Mallerstang, o maquinista tomou a decisão fatal de deixar a cabine para inspecionar a máquina. Embora esta prática pareça arriscada pelos padrões de hoje, ela era bastante comum na época. Infelizmente, enquanto o maquinista estava ausente da cabine, o foguista também encontrou problemas: o injetor estava falhando e o nível da caldeira tinha começado a cair. Quando o maquinista retornou à cabine, os dois se concentraram tanto no problema, que nenhum dos dois viu a lanterna vermelha acesa na sinaleira do Mallerstang.

“Quando terminaram e prestaram atenção na linha, o primeiro trem estava parado a poucos metros de distância. O segundo trem não conseguiu parar a tempo. Como se pode imaginar, o dano foi extremo e a tragédia provocou um grande número de mortes. Além do impacto da batida, o teto do bagageiro deslizou sobre a segunda máquina e destruiu o vagão-dormitório da primeira classe. O gás do sistema de iluminação pegou fogo e incendiou os vagões destruídos, matando os infelizes que estavam lá dentro.”

Cassandra estremeceu ao imaginar a cena daquela noite em 1913: a subida íngreme, a paisagem escura, a sensação do trem parando. Imaginou o que Rose e Nathaniel estariam fazendo no momento do impacto, se estariam adormecidos no seu vagão, ou se estariam conversando. Se estariam falando sobre a filha, Ivory, que os esperava

em casa. Como era estranho ela estar tão comovida com o sofrimento dos antepassados de cuja existência só tinha tomado conhecimento agora. Que horror deve ter sido para Nell descobrir os pais para tornar a perdê-los desta maneira terrível.

A porta do Carluccio's se abriu, trazendo uma lufada de ar frio misturada com cheiro de fumaça de carro. Cassandra viu Ruby caminhando em sua direção, acompanhada de perto de um homem magro e careca.

– Que tarde! – Ruby sentou-se em frente a Cassandra. – Um grupo de estudantes já quase no fim. Eu achei que não ia escapar nunca! – Ela indicou o homem magro. – Este é Grey. Ele é bem mais divertido do que aparenta.

– Ruby, querida, que apresentação encantadora. – Ele estendeu a mão por cima da mesa. – Graham Westerman. Ruby me contou tudo a seu respeito.

Cassandra sorriu. Aquela era uma afirmação interessante, uma vez que Ruby a conhecia num total de duas horas. Ainda assim, se alguém era capaz de um milagre desses, Cassandra desconfiava que este alguém era Ruby.

Ele se sentou.

– Que sorte herdar uma casa.

– Sem falar num delicioso mistério familiar. – Ruby chamou o garçom e pediu pão e azeite para todos.

Ao ouvir menção ao mistério, os lábios de Cassandra coçaram de vontade de falar na sua descoberta recente a respeito da identidade dos pais de Nell. Mas o segredo ficou preso em sua garganta.

– Ruby me disse que você gostou da exposição – Grey comentou, com os olhos brilhando.

– É claro que gostou, ela é humana, afinal de contas – disse Ruby. – Além de ser também uma artista.

– Historiadora da arte. – Cassandra enrubesceu.

– Papai disse que você desenha muito bem. Você ilustrou um livro infantil, não foi?

Ela sacudiu negativamente a cabeça.

– Não, eu costumava desenhar, mas era só um hobby.

– Mais do que um hobby, pelo que eu soube. Papai disse.

– Eu costumava andar com um bloco de desenho quando era mais jovem. Mas isso foi há muitos anos.

– Os hobbies têm uma tendência a ser deixados de lado – Grey disse diplomaticamente. – Um exemplo disso foi a paixão, felizmente curta, de Ruby por dança de salão.

– Ora, Grey, só porque você não sabe dançar...

Enquanto os companheiros de mesa discutiam a dedicação de Ruby aos passos de salsa, Cassandra deixou seu pensamento divagar até aquela tarde, muitos anos antes, quando Nell atirou sobre a mesa o pacote de lápis 2B e o bloco de desenho, no qual Cassandra fazia seu dever de álgebra.

Estava morando com a avó havia mais de um ano. Começara o ensino médio e estava tendo tanta dificuldade em fazer amigos quanto em resolver equações.

– Não sei desenhar – tinha dito, surpresa e insegura. Presentes inesperados sempre a deixavam desconfiada.

– Você vai aprender – disse Nell. – Você tem olhos e mão. Desenhe o que vê.

Cassandra suspirou pacientemente. Nell era cheia de ideias fora do comum. Ela não se parecia nada com as mães das outras crianças e, com certeza, não se parecia nada com Lesley, mas era bem-intencionada e Cassandra não queria ferir seus sentimentos.

– Acho que é preciso mais do que isso, Nell.

– Bobagem. É só uma questão de ver aquilo que está na sua frente e não o que você *acha* que está.

Cassandra ergueu as sobrancelhas, na dúvida.

– Tudo é feito de linhas e formas. É como um código, você só precisa aprender a lê-lo e interpretá-lo. – Nell apontou para o outro lado da sala. – Aquele abajur ali, diga-me o que você está vendo.

– Hum... um abajur?

– Esse é o problema – disse Nell. – Se você só vê um abajur, não vai conseguir desenhá-lo. Mas, se o que você vê é um triângulo em cima de um retângulo, com um pequeno tubo ligando um ao outro, bem, isso já é meio caminho andado, não é?

Cassandra sacudiu os ombros, incerta.

– Tente, nem que seja só para me agradar.

Cassandra tornou a suspirar, um suspiro de tolerância.

– Nunca se sabe, talvez você se surpreenda.

E foi o que aconteceu. Não que ela tenha mostrado um talento especial naquela primeira vez. A surpresa tinha sido o prazer que tinha sentido. O tempo parecia desaparecer quando estava com o bloco no colo e o lápis na mão...

O garçom chegou e colocou duas cestas de pão na mesa com elegância continental. Assentiu quando Ruby pediu um prosecco. Quando ele se afastou, Ruby estendeu a mão para uma fatia de focaccia. Ela piscou o olho para Cassandra e indicou a mesa.

– Experimente o azeite e o vinagre balsâmico. São excelentes.

Cassandra molhou o pão no azeite e no vinagre.

– Vamos, Cassandra – disse Grey –, ajude este velho casal não casado a parar de discutir, conte-nos sobre sua tarde.

Ela pegou um pedacinho de pão que tinha caído na mesa.

– Sim, algo excitante? – disse Ruby.

Cassandra se viu dizendo:

– Descobri quem foram os pais biológicos de Nell.

Ruby deu um gritinho.

– O quê? Como? Quem?

Ela mordeu o lábio para evitar um sorriso de prazer.

– Os nomes deles eram Rose e Nathaniel Walker.

– Puxa vida – Ruby riu –, é o mesmo nome do meu pintor, Grey! Que coincidência, e nós estávamos falando dele hoje, e ele morou na mesma propriedade que... – Ela ficou muda e seu rosto rosado ficou branco, ao compreender o que Cassandra estava dizendo. – Você está

falando do meu Nathaniel Walker. – Engoliu em seco. – Seu bisavô era Nathaniel Walker?

Cassandra assentiu e não conseguiu evitar um sorriso. Aquilo tudo parecia um tanto ridículo.

Ruby abriu a boca de espanto.

– E você não tinha ideia? Hoje, quando estivemos juntas na galeria?

Cassandra sacudiu a cabeça, ainda sorrindo como uma boba. Ela falou, apenas para tirar aquele sorriso tolo dos lábios.

– Só soube esta tarde, quando li no caderno de Nell.

– Não posso acreditar que você não tenha dito nada quando chegamos aqui!

– Com toda essa conversa sobre dança de salão, acho que ela não teve oportunidade – disse Grey. – Além do mais, Ruby querida, algumas pessoas gostam de manter sua privacidade.

– Ora, Grey, ninguém gosta de guardar segredos. A única coisa que torna divertido um segredo é saber que você não deveria contá-lo. – Ela sacudiu a cabeça e olhou para Cassandra. – Você é parente de Nathaniel Walker. Tem gente que é mesmo sortuda.

– Parece meio estranho. Foi muito inesperado.

– É mesmo – Ruby disse. – Tanta gente pesquisando a história na esperança de ser parente de Winston Churchill, e a providência atira no seu colo um famoso pintor.

Cassandra não conseguiu conter um sorriso.

O garçom apareceu e serviu prosecco para todos.

– À solução de mistérios – Ruby disse, erguendo o copo.

Eles brindaram e beberam.

– Desculpem minha ignorância – disse Grey –, meu conhecimento de história da arte não é adequado, mas, se Nathaniel Walker teve uma filha que desapareceu, deve ter havido uma enorme investigação, não? Não estou duvidando da pesquisa da sua avó – ele disse para Cassandra –, mas como foi que a filha de um artista famoso desapareceu sem que ninguém soubesse?

Ruby, excepcionalmente, não teve o que dizer. Ela olhou para Cassandra.

– Pelo que entendi, lendo o caderno de Nell, todos os registros dizem que Ivory Walker morreu aos quatro anos. A mesma idade que Nell tinha quando apareceu na Austrália.

Ruby esfregou as mãos.

– Você acha que ela foi raptada e quem a raptou fez parecer que ela tinha morrido? Que coisa fantástica! Mas quem foi? Por que fizeram isso? O que foi que Nell descobriu?

Cassandra sorriu como se pedisse desculpas.

– Parece que ela não conseguiu solucionar esta parte do mistério. Não completamente.

– Como assim? Como você sabe?

– Eu li o final do caderno. Nell não descobriu.

– Mas ela deve ter descoberto *alguma coisa*, deve ter aventado alguma hipótese. – O desespero de Ruby era palpável. – Diga-me que ela tinha uma hipótese! Que deixou algo para que possamos prosseguir?

– Há um nome – disse Cassandra. – Eliza Makepeace. Nell foi deixada com uma maleta contendo um livro de contos de fadas que provocou algumas lembranças. Mas, se Eliza pôs Nell no navio, ela mesma não chegou à Austrália.

– O que aconteceu com ela?

Cassandra ergueu os ombros.

– Não existe nenhuma informação oficial. É como se ela tivesse desaparecido completamente na mesma época em que Nell foi mandada para a Austrália. Quaisquer que tenham sido os planos de Eliza, eles devem ter falhado.

O garçom tornou a encher os copos e perguntou se eles estavam prontos para pedir o prato principal.

– Acho que sim – disse Ruby. – Mas o senhor pode nos dar mais cinco minutos? – Ela abriu o cardápio e suspirou. – É tudo tão

excitante. Imagine só: amanhã você parte para a Cornualha para conhecer seu chalé secreto! Como você consegue suportar o suspense?

– Você vai ficar hospedada no próprio chalé? – disse Grey.

Cassandra sacudiu a cabeça.

– O advogado que ficou encarregado de guardar a chave disse que ele não está habitável. Fiz uma reserva num hotel próximo, o Hotel Blackhurst. É a casa onde morava a família Mountrachet. A família de Nell.

– A sua família – disse Ruby.

– Sim. – Cassandra não tinha pensado nisso. Seus lábios tornaram a se mover, formando um sorriso contra a sua vontade.

Ruby estremeceu dramaticamente.

– Estou com uma inveja danada. Daria tudo para haver um mistério como esse no passado da minha família, alguma coisa excitante para ser descoberta.

– Eu estou bem excitada com tudo isso. Não consigo deixar de pensar naquela garotinha, na pequena Nell, arrancada da família, sentada sozinha no cais. Não consigo tirar isso da cabeça. Adoraria saber o que realmente aconteceu, como ela foi parar do outro lado do mundo, sozinha. – Cassandra ficou encabulada ao perceber que estava falando demais. – Acho que é bobagem minha.

– De jeito nenhum. Acho que é perfeitamente compreensível.

E o tom de simpatia na voz de Ruby deixou Cassandra gelada. Sabia o que estava por vir. Sentiu um aperto no estômago e tentou encontrar palavras para mudar de assunto.

Mas não foi suficientemente rápida.

– Não pode haver nada pior do que perder um filho – Ruby disse com sua voz bondosa, suas palavras quebrando a casca protetora de Cassandra, fazendo com que o rosto de Leo, seu cheiro, seu sorriso de dois anos, escapasse, livre.

Conseguiu concordar com um aceno de cabeça, conseguiu sorrir de leve, refrear as lembranças, enquanto Ruby estendia a mão para tocar na dela.

– Depois do que aconteceu com o seu garotinho, não surpreende que você queira descobrir o passado da sua avó. – Ruby apertou carinhosamente a mão dela. – Faz todo o sentido para mim: você perdeu uma criança e agora quer encontrar outra.

Londres, 1900

Eliza soube quem elas eram assim que dobraram a esquina de Battersea Church Road. Já as tinha visto antes na rua, a velha e a jovem, elegantemente vestidas, executando suas Boas Obras com toda a feroz certeza, como se o próprio Deus tivesse descido do céu para instruí-las.

O sr. Swindell vinha ameaçando chamar os assistentes sociais desde que Sammy tinha morrido, não deixando passar uma oportunidade de ele dizer que, se não achasse um meio de ganhar dinheiro, iria parar no asilo. E, embora Eliza fizesse tudo para pagar o aluguel e ainda guardar um pouco na sua bolsinha de couro, seu dom de caçar ratos parecia tê-la abandonado e, a cada semana, ela ficava devendo mais.

No andar de baixo, uma batida na porta. Eliza ficou gelada. Contemplou o quarto, amaldiçoando a pequena rachadura no reboco, a chaminé bloqueada. Não ter janelas era bom quando a pessoa queria apenas espionar a rua, mas era ruim quando precisava fugir.

Bateram de novo. Uma batida rápida, urgente, e depois uma voz aguda que penetrou pela parede de tijolos.

– É da paróquia.

Eliza ouviu a porta se abrindo, a sineta soando.

– Sou a srta. Rhoda Sturgeon, e esta é minha sobrinha, a srta.

Margaret Sturgeon.

A voz da sra. Swindell:

– Encantada.

– Puxa, quanta coisa engraçada, e não tem lugar nem para um gato.

A sra. Swindell de novo, num tom mais azedo:

– Sigam-me, a menina está lá em cima. E tomem cuidado. Se quebrarem alguma coisa, vão ter que pagar.

Passos se aproximando. O rangido do quarto degrau e, em seguida, mais passos. Eliza esperou, com o coração batendo tão depressa quanto

o dos ratos capturados pelo sr. Rodin. Podia imaginá-lo batendo dentro do peito, como uma chama agitada pelo vento.

Então a porta traidora se abriu e surgiram as duas Benfeitoras.

A mais velha sorriu, os olhos sumindo nas dobras da pele.

– Damas da Paróquia de visita – disse. – Sou a srta. Sturgeon e esta é a minha sobrinha, srta. Sturgeon. – Ela se inclinou para a frente e Eliza teve que recuar. – E você deve ser a pequena Eliza Makepeace.

Eliza não respondeu. Deu um puxão no gorro de Sammy, que ainda estava usando.

A velha olhou para o quarto escuro e abafado.

– Céus – disse, estalando a língua –, seu pedido não foi exagerado. – Ela levantou a mão e abanou o peito. – Não, não foi nada exagerado. – Ela passou por Eliza. – Não é de espantar que a doença floresça aqui. Não tem janela.

A sra. Swindell, ofendida pela escandalosa afronta ao seu quarto, olhou zangada para Eliza.

A srta. Sturgeon mais velha se virou para a mais moça, que não tinha saído da porta:

– Aconselho você a se proteger com o lenço, Margaret, sua saúde é delicada.

A jovem assentiu e tirou um lencinho de renda da manga. Dobrou-o ao meio, formando um triângulo, e o colocou sobre a boca e o nariz enquanto dava um passo para dentro do quarto.

Segura de sua própria retidão, a velha srta. Sturgeon prosseguiu, determinadamente:

– Estou feliz em anunciar que conseguimos alguma coisa para você, Eliza. Assim que soubemos da sua situação, procuramos encontrar um meio de ajudar. Você é um pouco jovem para o serviço doméstico e, desconfio, não tem inclinação para isso, mas conseguimos nos sair muito bem. Com a graça de Deus, encontramos um lugar para você no asilo.

Eliza perdeu o ar.

– Então junte suas coisas e vamos – a srta. Sturgeon disse.

Eliza não se mexeu.

– Vamos, não teime.

– Não! – disse Eliza.

A sra. Swindell deu um tapa na nuca de Eliza e a velha srta.

Sturgeon arregalou os olhos.

– Você tem sorte de conseguir um lugar, Eliza, pode ter certeza, existem coisas piores do que o asilo esperando meninas que ficam sozinhas no mundo. – Ela fungou e levantou o nariz. – Agora venha.

– Eu não vou.

– Talvez ela seja burra – a jovem srta. Sturgeon disse por trás do lenço.

– Ela não é burra – disse a sra. Swindell –, só é ruim.

– Deus acolhe todas as suas ovelhas, até as más – disse a velha srta.

Sturgeon. – Agora trate de encontrar roupas mais apropriadas para a menina, Margaret. E tome cuidado para não respirar este ar viciado.

Eliza sacudiu a cabeça. Ela não ia para o asilo nem ia tirar as roupas de Sammy. Aquilo fazia parte dela agora.

Era agora que ela precisava que seu pai aparecesse, heroico, na porta. Para levá-la com ele pelos mares em busca de aventuras.

– Isto aqui serve – disse a sra. Swindell, erguendo o avental de Eliza.

– Ela não vai precisar de mais do que isto no lugar para onde vai.

Eliza pensou nas palavras da mãe. Na sua insistência de que uma pessoa tem que se salvar, que, com força de vontade, até os fracos conseguem exercer grande poder. De repente, soube o que tinha que fazer. Sem perda de tempo, deu um salto na direção da porta.

A velha srta. Sturgeon, com grande rapidez e presença de espírito, bloqueou a passagem. A sra. Swindell formou uma segunda linha de defesa.

Eliza deu uma cabeçada na robusta Sturgeon. E mordeu-a com toda força. A velha srta. Sturgeon deu um grito e agarrou a coxa.

– Sua gata selvagem!

– Tia! Ela vai passar raiva para a senhora.

– Eu disse que ela era um perigo – disse a sra. Swindell. – Esqueça as roupas. Vamos descer.

Cada uma segurou um braço de Eliza e a jovem srta. Sturgeon foi descendo junto, dando informações inúteis sobre degraus e portas, enquanto Eliza se debatia.

– Fique quieta, menina! – disse a velha srta. Sturgeon.

– Socorro! – gritou Eliza, quase se soltando. – Alguém me ajude.

– Você vai levar uma surra – a sra. Swindell disse quando chegaram ao andar de baixo.

Então, subitamente, um aliado inesperado.

– Um rato! Eu vi um rato!

– Não há ratos na minha casa!

A jovem srta. Sturgeon gritou, trepou numa cadeira e derrubou uma quantidade de garrafas verdes.

– Garota desajeitada! Vai ter que pagar pelo prejuízo.

– Mas a culpa foi sua. Se a senhora não tivesse ratos em casa...

– Eu nunca tive! Não tem nenhum rato aqui!

– Tia, eu vi. Uma coisa horrível, do tamanho de um cachorro, com olhinhos pretos e garras afiadas... – Deixou-se cair sobre o encosto da cadeira. – Estou tonta. Não estou acostumada a esses horrores.

– Calma, Margaret, tenha coragem. Pense nos quarenta dias e quarenta noites de Cristo.

A velha srta. Sturgeon provou sua determinação mantendo o braço de Eliza bem seguro, enquanto sustentava a sobrinha, quase desmaiada, que gritava:

– Aqueles olhinhos redondos, o nariz tremendo – ela engasgou. – Arggghh! Lá está ele!

Todos os olhos se voltaram para onde Margaret estava apontando. Escondido atrás do saco de carvão, um rato trêmulo. Eliza torceu para ele fugir.

– Venha cá, seu safado! – A sra. Swindell agarrou um pedaço de pano e começou a caçar o rato pela sala, agitando o pano em todas as direções.

Margaret estava berrando, a srta. Sturgeon mandando-a calar a boca, a sra. Swindell praguejando, vidro quebrando, e então, uma voz. Alta e grossa.

– Parem imediatamente.

O ruído cessou subitamente quando Eliza, a sra. Swindell e as duas srtas. Sturgeon se viraram para ver de onde vinham aquelas palavras. Parado na porta, estava um homem vestido de preto. Atrás dele, uma carruagem. As crianças estavam reunidas em volta dela, tocando suas rodas e admirando as lanternas da frente. O homem contemplou aquela cena diante dele.

– Srta. Eliza Makepeace?

Eliza assentiu, sem conseguir dizer nada. Desapontada demais, por ter seu local de fuga bloqueado, para pensar na identidade daquele estranho que sabia seu nome.

– Filha de Georgiana Mountrachet? – Ele entregou um retrato a Eliza. Era mamãe, bem mais moça, usando roupas finas, de uma dama. Eliza arregalou os olhos. Assentiu, confusa.

– Eu sou Phineas Newton. Estou aqui representando Lord Linus Mountrachet, da Mansão Blackhurst, e vim buscá-la. Para levá-la para a propriedade da sua família.

Eliza abriu a boca de espanto, embora não tanto quanto as senhoritas Sturgeon. A sra. Swindell caiu sentada numa cadeira, vítima de uma crise de apoplexia. Ela abria e fechava a boca como um peixe e dizia:

– Lord Mountrachet...? Mansão Blackhurst...? Propriedade da família...?

A velha srta. Sturgeon se aprumou.

– Sr. Newton, não vou poder deixá-lo levar esta menina sem ver alguma documentação. Nós, na Paróquia, temos nossas responsabilidades...

– Está tudo aqui. – O homem apresentou um pedaço de papel. – Meu patrão pediu e conseguiu a guarda desta menor. – Ele se virou para Eliza, sem se impressionar com sua roupa. – Vamos, senhorita. Há

uma tempestade se aproximando e temos uma longa viagem pela frente.

Eliza só levou um segundo para se decidir. Não importava que ela nunca tivesse ouvido falar de Linus Mountrachet ou da propriedade de Blackhurst. Não importava que ela não soubesse se esse sr. Newton estava dizendo a verdade. Não importava que mamãe nunca tivesse dito nada a respeito da sua família, que uma sombra cobrisse seu rosto sempre que Eliza fazia alguma pergunta. Qualquer coisa era melhor do que o asilo. E aceitar a história do homem, escapar das garras das senhoritas Sturgeon e dar adeus aos Swindells e ao seu quarto frio e solitário no telhado dava a Eliza a impressão de que estava se salvando, como se tivesse conseguido fugir por aquela porta.

Ela correu para junto do sr. Newton, ficou atrás do braço dele e contemplou seu rosto. Assim de perto, ele não era tão grande quanto tinha parecido quando estava parado na porta. Era robusto e de altura mediana. Sua pele era avermelhada e, por baixo da cartola preta, Eliza pôde ver uma pequena quantidade de cabelo que os anos estavam transformando de castanho em prateado.

Enquanto as senhoritas Sturgeon examinavam o papel, a sra. Swindell finalmente recobrou a compostura. Ela se aproximou, apontando o dedo para o peito do sr. Newton, pontuando cada terceira palavra.

– Isso não *passa* de um *truque* e o *senhor* é um *trapaceiro*. – Sacudiu a cabeça. – Não sei o que o senhor quer com a menina, mas posso imaginar, e o senhor não vai tirá-la de mim com seus esquemas maliciosos.

– Eu lhe asseguro, madame – disse o sr. Newton, com certa repugnância –, de que não há nenhuma trapaça aqui.

– Ah, não? – Ela ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso cheio de saliva. – Ah, não? – Ela se virou, triunfante, para as senhoritas Sturgeon. – É tudo mentira, ele não passa de um mentiroso. Esta menina não tem família, ela é órfã. Ela é uma órfã. E é minha, posso fazer o que quiser com ela. – Ela deu um sorriso vitorioso ao dizer o

que lhe pareceu ser definitivo. – Ela foi deixada aqui quando a mãe morreu porque não tinha para onde ir. – Fez uma pausa triunfante. – É isso mesmo, a própria mãe da menina me disse que ela não tinha família. Sem falar que, nos treze anos em que a conheço, ninguém mencionou família nenhuma. Este homem é um impostor.

Eliza olhou para o sr. Newton, que suspirou e ergueu as sobrancelhas.

– Embora eu não fique surpreso em saber que a mãe da srta. Eliza tenha ocultado a existência de sua família, isto não altera o fato de que ela existe. – Ele fez um sinal para a velha srta. Sturgeon. – Está tudo nesses papéis. – Ele saiu e abriu a porta da carruagem. – Srta. Eliza? – disse, indicando que ela deveria entrar na carruagem.

– Vou chamar meu marido – a sra. Swindell disse.

Eliza hesitou, abrindo e fechando as mãos.

– Srta. Eliza?

– Meu marido vai resolver isso.

Qualquer que fosse a verdade sobre sua família, Eliza compreendeu que a escolha era simples: carruagem ou asilo. Não tinha outra escolha nesse momento. Sua única opção era se colocar a mercê de uma das pessoas ali reunidas. Respirando fundo, deu um passo na direção do sr. Newton.

– Eu não empacotei minhas coisas...

– Alguém vá chamar o sr. Swindell!

O sr. Newton deu um sorriso azedo.

– Acho que nada aqui poderia ter espaço na Mansão Blackhurst.

Uma pequena multidão de vizinhos tinha se juntado. A sra. Barker estava parada, de boca aberta, com uma cesta de roupa lavada na mão; a pequena Hatty encostou o rostinho sujo no vestido de Sarah.

– Tenha a bondade, srta. Eliza. – O sr. Newton se colocou ao lado da porta e fez um gesto na direção da carruagem.

Com um último olhar para a ofegante sra. Swindell e para as duas senhoritas Sturgeon, Eliza subiu a escadinha que tinha sido puxada até o meio-fio e entrou na carruagem.

Só quando a porta se fechou atrás dela, Eliza viu que não estava sozinha. Sentado em frente a ela, no assento escuro, estava um homem que ela reconheceu. Um homem usando pincenê e um terno elegante. Seu estômago se contraiu. Soube na mesma hora que aquele era o homem mau sobre o qual mamãe a tinha alertado e que precisava fugir. Mas, quando se virou para a porta, o homem mau bateu na divisória atrás dele e a carruagem partiu.



A viagem para a Cornualha, 1900

Enquanto percorriam a Battersea Church Road, Eliza estudou a porta da carruagem. Talvez, se girasse uma das maçanetas e empurrasse, um dos encaixes se abriria e ela poderia saltar para a liberdade. A qualidade desta liberdade era duvidosa; se sobrevivesse à queda, teria que achar um meio de evitar o asilo, mas isso, sem dúvida, era melhor do que ser levada pelo homem que tinha aterrorizado mamãe.

Com o coração batendo como um pardal engaiolado dentro do peito, ela estendeu a mão para o pino e...

– Eu não faria isso se fosse você.

Ela ergueu os olhos, assustada.

O homem a observava, com os olhos aumentados por trás das lentes do pincenê.

– Você cairia debaixo da carruagem e as rodas a cortariam ao meio.

– Ele sorriu de leve, revelando um dente de ouro. – E como eu poderia explicar isso ao seu tio? Treze anos de busca para entregar você em pedaços? – Então ele fez um ruído, sons abafados que Eliza achou que eram de riso apenas pelos cantos erguidos de sua boca.

Tão depressa quanto tinha começado, o ruído parou e a boca do homem voltou ao normal. Passou os dedos pelo bigode grosso, que parecia a cauda de dois pequenos esquilos sobre seus lábios. – Meu nome é Mansell. – Ele se recostou no assento e fechou os olhos. Juntou as mãos pálidas sobre o cabo de uma bengala de madeira escura.

– Trabalho para o seu tio e tenho o sono muito leve.

As rodas da carruagem executavam uma dança metálica sobre as pedras das ruas, os prédios de tijolos passavam voando, uma paisagem cinzenta até onde os olhos conseguiam avistar, e Eliza ali sentada, imóvel, com medo de acordar o homem mau. Ela tentou respirar no mesmo ritmo do galope dos cavalos. Esforçou-se para acalmar seus

pensamentos. Concentrou-se no couro frio do assento sob ela. Foi tudo o que pôde fazer para impedir que suas pernas tremessem. Ela se sentiu transportada, como um personagem tirado das páginas de uma história, onde o ritmo e o contexto eram conhecidos, e colado aleatoriamente em outra.

Quando chegaram aos arredores de Londres e saíram, finalmente, da floresta de prédios, Eliza conseguiu enxergar o céu ameaçador. Os cavalos se esforçavam para andar mais depressa do que as nuvens cinzentas, mas que chance tinham contra a ira de Deus? As primeiras gotas de chuva caíram sobre o teto da carruagem e o mundo do lado de fora ficou logo coberto por um manto branco. A chuva batia nas janelas e entrava pelas pequenas aberturas no alto das portas da carruagem.

Eles viajaram assim durante horas e Eliza buscou refúgio em seus pensamentos, até que, subitamente, fizeram uma curva e uma gota gelada caiu em sua cabeça. Piscou os olhos sob os cílios molhados e olhou para a mancha de água em sua blusa. Sentiu uma vontade enorme de chorar. Era estranho que, num dia tão tumultuado, algumas gotas de chuva fizessem uma pessoa chorar. Mas não ia chorar, não ali, com o homem mau sentado bem na sua frente. Engoliu o nó que tinha na garganta.

Sem parecer ter aberto os olhos, o sr. Mansell tirou do bolso um lenço e estendeu para Eliza. Fez sinal para ela aceitá-lo.

Ela enxugou o rosto.

– Tanto trabalho – ele disse, numa voz tão baixa, que seus lábios mal se mexeram. – Tanto trabalho.

A princípio, Eliza pensou que ele estivesse se referindo a ela. Pareceu uma injustiça, porque ela não tinha dito nada, mas não teve coragem para dizer isso.

– Tantos anos procurando – ele continuou –, tão pouca recompensa. – Ele abriu os olhos, frios e calculistas; o corpo dela ficou tenso. – Até onde vai um homem alquebrado.

Eliza imaginou quem seria o homem alquebrado, esperou que o sr. Mansell explicasse melhor. Mas ele não tornou a falar. Apenas olhou para o lenço e o segurou na ponta dos dedos antes de jogá-lo no assento ao seu lado.

A carruagem balançou de repente e Eliza se agarrou no assento para se firmar. Os cavalos tinham mudado de marcha e a carruagem estava parando. Finalmente ela parou.

Tinham chegado? Eliza olhou pela janela, mas não viu nenhuma casa. Apenas um vasto campo, encharcado, e, ao lado dele, uma pequena construção de pedra com uma placa na porta. *Hospedaria MacCleary's, Guildford.*

– Tenho outra coisa para fazer – o sr. Mansell disse, desembarcando. – Newton irá levá-la até lá. – A chuva quase abafou a ordem que ele deu em seguida, mas, quando a porta se fechou, Eliza o ouviu gritar: – Leve a menina para Blackhurst.

Uma curva fechada e Eliza foi jogada contra a porta dura e fria. Despertada subitamente, levou alguns instantes para lembrar onde estava, por que estava sozinha numa carruagem escura, sendo levada para um lugar desconhecido. Aos poucos, foi se lembrando de tudo. A intimação do tio misterioso, a fuga das garras das Benfeitoras da sra. Swindell, o sr. Mansell... Limpou o vidro embaçado da janela e olhou para fora. Desde que entrara na carruagem, eles tinham viajado dia e noite, parando apenas ocasionalmente para trocar os cavalos, e agora já estava quase escuro de novo. Evidentemente tinha passado algum tempo dormindo; mas não sabia dizer quanto tempo.

Já não chovia e as primeiras estrelas estavam visíveis acima das nuvens baixas. As luzes da carruagem não eram páreo para a escuridão do campo e tremiam enquanto o cocheiro navegava pela estrada esburacada. Na luz fraca, Eliza avistou a silhueta de árvores grandes, seus galhos pretos desenhados no horizonte e grandes portões de ferro. Eles entraram num túnel de enormes arbustos e as rodas foram atravessando as poças, respingando lama na janela.

Estava tudo escuro dentro do túnel, os galhos eram tão densos, que não deixavam passar nenhuma luminosidade. Eliza prendeu a respiração, na expectativa de avistar pela primeira vez o que a aguardava do outro lado. Blackhurst. Ela podia ouvir o coração batendo, não mais um pardal, mas um corvo de asas grandes e fortes, se debatendo em seu peito.

De repente, eles saíram do túnel.

Uma construção de pedra, a maior que Eliza já tinha visto. Maior até do que os hotéis de Londres por onde circulavam os figurões. Estava envolta numa neblina escura, com árvores altas e galhos entrelaçados atrás dela. Uma luz piscava, amarela, numa das janelas de baixo. Seria esta a casa?

Um movimento e seu olhar foi atraído para uma janela perto do topo. Um rosto distante, iluminado pela luz de uma vela, estava vigiando. Eliza se aproximou da janela para ver melhor, mas o rosto tinha desaparecido.

Então a carruagem passou pela casa, com suas rodas de metal batendo ruidosamente no chão. Eles passaram por baixo de um arco de pedra e a carruagem parou.

Eliza ficou sentada, alerta, esperando, vigiando, imaginando se devia saltar da carruagem, entrar na casa.

De repente, a porta se abriu e o sr. Newton, encharcado apesar da capa de chuva, estendeu a mão.

– Venha, senhorita, já estamos atrasados. Não há tempo para hesitações.

Eliza aceitou a mão estendida e saltou da carruagem. Eles tinham escapado da chuva enquanto ela estava dormindo, mas o céu prometia que ela ia alcançá-los. Nuvens cinzentas e mal-intencionadas baixavam na direção da terra, e o ar estava pesado de *fog*, um *fog* diferente do de Londres. Mais frio, menos engordurado; cheirava a sal e folhas e água. Também havia um barulho que não conseguiu identificar. Como um trem que passasse sem parar. *Whoosha... whoosha... whoosha...*

– Você está atrasado. A patroa esperava a menina às duas e meia. – Havia um homem parado na porta, vestido como um figurão. Também falava como se fosse um figurão, mas Eliza sabia que ele não era. Sua rigidez o delatou, a veemência da sua superioridade. Nenhuma pessoa bem-nascida precisava se esforçar tanto.

– Não pude fazer nada, sr. Thomas – disse Newton. – Pegamos mau tempo durante toda a viagem. Tivemos sorte de chegar, com o Tamar subindo desse jeito.

O sr. Thomas não se comoveu. Ele fechou o relógio com um gesto brusco.

– A patroa está muito aborrecida. Sem dúvida, vai querer falar com o senhor amanhã.

A voz do cocheiro soou, azeda:

– Sim, sr. Thomas. Sem dúvida, senhor.

O sr. Thomas se virou para examinar Eliza, demonstrando sua irritação.

– O que é isto?

– A menina, senhor. A que me mandaram buscar.

– Isso não é uma menina.

– Sim, senhor, é ela.

– Mas o cabelo... as roupas...

– Eu só faço o que me mandam, sr. Thomas. Se o senhor tiver alguma reclamação, sugiro que fale com o sr. Mansell. Ele estava comigo quando eu a peguei.

Esta notícia pareceu tranquilizar um pouco o sr. Thomas. Ele suspirou por entre os lábios cerrados.

– Bem, se o sr. Mansell ficou satisfeito...

O cocheiro assentiu.

– Se isso for tudo, vou levar os cavalos para o estábulo.

Eliza pensou em sair correndo atrás do sr. Newton e dos seus cavalos, buscando refúgio nos estábulos, escondendo-se numa carruagem e encontrando uma maneira de voltar para Londres, mas, quando viu, ele já tinha desaparecido na neblina.

– Venha – disse o sr. Thomas, e Eliza obedeceu.

Lá dentro, estava frio e úmido, embora mais quente e mais seco do que do lado de fora. Eliza seguiu o sr. Thomas por um pequeno corredor, tentando evitar que seus passos soassem nas pedras cinzentas. O ar estava carregado de cheiro de carne assada e Eliza sentiu o estômago revirar. Quando tinha sido a última vez em que tinha comido alguma coisa? Uma tigela da sopa da sra. Swindell dois dias antes, um pedaço de pão com queijo que o cocheiro tinha dado a ela muitas horas antes... Seus lábios estavam ressecados de fome.

O cheiro ficou mais forte quando atravessaram uma cozinha enorme. Um monte de empregadas e uma cozinheira gorda pararam de conversar para observar. Assim que Eliza e o sr. Thomas passaram, elas começaram a cochichar excitadamente. Eliza teve vontade de chorar quando passou tão perto da comida. Sua boca se encheu de água, como se tivesse engolido um punhado de sal.

No final do corredor, uma mulher magra com um rosto sério e duro apareceu.

– Esta é a sobrinha, sr. Thomas? – Seu olhar direto examinou Eliza de alto a baixo.

– Sim, sra. Hopkins.

– Não houve nenhum engano?

– Infelizmente não, sra. Hopkins.

– Entendo. – Ela respirou fundo. – Ela tem mesmo um ar londrino. Isto, Eliza percebeu, não era um elogio.

– Realmente, sra. Hopkins – disse o sr. Thomas. – Tive vontade de mandá-la tomar um banho antes de apresentá-la.

A sra. Hopkins apertou os lábios. Um suspiro decidido.

– Embora concorde com o senhor, sr. Thomas, acho que não dá tempo. *Ela* já nos informou do seu desprazer por ter tido que esperar.

Ela. Eliza imaginou quem seria *ela*.

Uma certa agitação tomou conta da sra. Hopkins. Ela alisou rapidamente a saia.

– A menina deve ser levada à sala de visitas. *Ela* virá em seguida. Enquanto isso, vou preparar um banho, para que possamos remover um pouco dessa imundície de Londres antes do jantar.

Então ia haver um jantar. E logo. Eliza ficou tonta de alívio.

Uma risadinha atrás de Eliza e ela se virou a tempo de ver uma empregada de cabelos cacheados entrar na cozinha.

– Mary! – disse a sra. Hopkins, indo atrás da empregada. – Um dia desses, você vai acordar e tropeçar nas suas orelhas, se não aprender a parar de bisbilhotar...

No final do corredor, havia um lance de escadas que dava numa porta de madeira. O sr. Thomas subiu rapidamente e Eliza foi atrás, entrando numa ampla sala.

O chão era forrado de pedras retangulares, e havia uma escadaria suntuosa no centro da sala. Um lustre estava pendurado no teto alto, suas velas lançando uma luz suave sobre o ambiente.

O sr. Thomas atravessou o salão de entrada e se dirigiu para uma porta, pintada de vermelho. Ele inclinou a cabeça e Eliza entendeu que a mandava entrar.

Seus lábios pálidos tremeram quando ele olhou para ela. Pequenas rugas se formaram.

– A patroa, sua tia, descera para vê-la daqui a pouco. Cuidado com sua pronúncia e chame-a de “minha senhora” a menos que ela diga o contrário.

Eliza assentiu. *Ela* era a sua tia.

O sr. Thomas ainda a observava. Ele sacudiu de leve a cabeça, sem tirar os olhos dela.

– Sim – ele disse, falando baixo e depressa. – Vejo sua mãe em você. Você é uma garotinha suja e malvestida, mas ela está aí em algum lugar. – Antes que Eliza pudesse apreciar o fato de ser parecida com a mãe, houve um ruído no alto da escadaria. O sr. Thomas parou, endireitou o corpo e deu um empurrão em Eliza, que entrou sozinha no amplo salão com papel de parede cor de vinho e um fogo crepitando na lareira.

Lampiões brilhavam sobre as mesas, mas não conseguiam iluminar o enorme salão. A escuridão sussurrava nos cantos, sombras se agitavam nas paredes. De um lado para outro...

Um ruído e a porta tornou a se abrir. Uma lufada de ar frio fez o fogo crepitar na lareira, sacudiu as sombras nas paredes.

Estremecendo de ansiedade, Eliza se virou.

Uma mulher alta e magra estava parada à porta, seu corpo, uma ampolheta alongada. Seu vestido longo, de seda azul escura como o céu noturno, caía colado ao seu corpo.

Um cachorro enorme – não, um cachorro não, um sabujo – estava parado ao lado dela, suas pernas longas movendo-se rapidamente quando ele se aproximava, esfregando-se em seu vestido. Ele erguia de vez em quando a cabeça para esfregá-la na mão dela.

– Senhorita Eliza – anunciou o sr. Thomas, que tinha entrado rapidamente atrás da mulher e que agora estava em posição de sentido.

A mulher não respondeu, mas examinou o rosto de Eliza. Ficou em silêncio por alguns instantes, antes de dizer numa voz severa: – Preciso falar com Newton amanhã. Ela chegou mais tarde do que o previsto. – Falou tão devagar, com tanta segurança, que Eliza pôde sentir as pontas agudas de suas palavras.

– Sim, minha senhora – disse Thomas, com o rosto ardendo. – Quer que eu traga o chá, minha senhora? A sra. Hopkins...

– Agora não, Thomas. – Sem se virar, acenou com sua mão pálida e fina. – Você devia saber que está muito tarde para servir o chá.

– Sim, minha senhora.

– Se alguém soubesse que se tomou chá na Mansão Blackhurst depois de escurecer. – Uma risada de rachar cristais. – Não, vamos esperar pelo jantar agora.

– Na sala de jantar, minha senhora?

– Onde mais?

– Dois lugares, minha senhora?

– Vou jantar sozinha.

– E a srta. Eliza, madame?

A tia respirou fundo.

– Uma ceia ligeira.

O estômago de Eliza roncou. Pediu a Deus para sua ceia conter um pouco de carne quente.

– Perfeitamente, minha senhora – disse o sr. Thomas, fazendo uma reverência ao sair da sala. A porta se fechou melancolicamente atrás dele.

A tia deu um longo suspiro e olhou para Eliza.

– Aproxime-se, criança, deixe-me olhar para você.

Eliza obedeceu, se aproximou da tia e parou, tentando acalmar a respiração.

De perto, a tia era linda. Tinha o tipo de beleza que se evidenciava em cada feição, mas que não era favorecida pelo todo. O rosto dela parecia uma pintura. Pele branca como a neve, lábios vermelhos como sangue, olhos azuis-claros. Olhar dentro dos olhos dela era como fitar um espelho iluminado por uma luz. Seu cabelo preto era macio e brilhante, puxado para trás e preso no alto da cabeça.

O olhar da tia percorreu o rosto de Eliza e suas pálpebras pareceram estremecer. Dedos frios ergueram o queixo da menina, para observá-la melhor. Sem saber para onde olhar, Eliza piscou os olhos diante daquele olhar impenetrável. O enorme cachorro ficou ao lado da dona, lançando seu hálito quente nos braços de Eliza.

– Sim – a tia disse, o ‘s’ se alongando em seus lábios e um nervo repuxando no canto da boca. Foi como se respondesse a uma pergunta que não tinha sido formulada. – Você é filha dela. Reduzida em todos os aspectos, mas ainda filha dela. – Ela estremeceu de leve enquanto uma pancada de chuva batia nas janelas. A tempestade tinha finalmente chegado. – Vamos torcer para você não ter a mesma natureza dela. Com uma intervenção precoce, podemos evitar qualquer tendência semelhante.

Eliza imaginou que tendências seriam essas.

– Minha mãe...

– Não. – A tia ergueu a mão. – Não. – Ela abriu a mão diante da boca, sorriu de leve. – Sua mãe envergonhou o nome da família. Insultou a todos que vivem nesta casa. Nós não falamos nela aqui. Nunca. Esta é a primeira condição para você viver na Mansão Blackhurst. Está entendendo?

Eliza mordeu o lábio.

– Está entendendo? – A voz da tia tinha adquirido um súbito tremor.

Eliza assentiu com um leve aceno, mais pela surpresa do que por estar concordando.

– Seu tio é um cavalheiro. Ele sabe de suas responsabilidades. – Os olhos da tia voltaram-se na direção de um retrato pendurado ao lado da porta. Um homem de meia-idade, cabelos avermelhados e uma expressão ladina. Exceto pelos cabelos vermelhos, ele não se parecia nada com a mãe de Eliza. – Você deve sempre se lembrar da sorte que teve. Esforce-se bastante para conseguir merecer a generosidade do seu tio.

– Sim, minha senhora – disse Eliza, lembrando-se do que o sr. Thomas tinha dito.

A tia se virou e puxou uma pequena alavanca na parede.

Eliza engoliu em seco. Tomou coragem para falar.

– Perdão, minha senhora – ela disse baixinho. – Vou conhecer o meu tio?

A tia ergueu uma sobrancelha. Pequenas linhas surgiram em sua testa, que, em seguida, ficou lisa de novo, parecendo feita de alabastro.

– Meu marido está na Escócia fotografando a Catedral de Brechin e só estará de volta amanhã. – Ela se aproximou e Eliza percebeu a tensão emanando do seu corpo.

– Embora tenha oferecido um lugar para você morar, seu tio é um homem ocupado, um homem importante, um homem que não gosta de ser incomodado por crianças. – Ela apertou tanto os lábios que estes ficaram sem cor. – Você deve se manter longe dele. Já foi muita

bondade da parte dele trazê-la para cá, não queira mais do que isso. Está entendendo? – Os lábios tremeram. – Está entendendo?

Eliza assentiu depressa.

Então felizmente a porta se abriu e o sr. Thomas tornou a aparecer.

– A senhora tocou?

Os olhos da tia estavam fixos em Eliza.

– A criança precisa lavar-se.

– Sim, minha senhora. A sra. Hopkins já preparou a água.

A tia estremeceu.

– Mande-a pôr um pouco de desinfetante na água. Algo forte.

Suficiente para remover esta sujeira de Londres. – E acrescentou baixinho: – Gostaria que removesse também tudo o mais com que, temo, ela tenha sido contaminada.

Ainda com a pele ardendo de tanto ser esfregada, Eliza seguiu a luz do lampião da sra. Hopkins pela escada de madeira que ia dar em outro corredor. Homens mortos havia muito tempo olhavam maliciosamente de pesadas molduras douradas, e Eliza pensou que devia ser horrível posar para um retrato, ficar sentada, imóvel, por tanto tempo, só para ter uma imagem sua imortalizada numa tela, pendurada numa parede num corredor escuro.

Ela andou mais devagar. Reconheceu o último retrato. Era diferente do que estava no salão: neste, ele era mais jovem. O rosto dele era mais cheio e ainda não tinha o ar astuto que iria exhibir mais tarde. Neste retrato, no rosto deste rapaz jovem, Eliza via a mãe.

– Aquele ali é o seu tio – disse a sra. Hopkins, sem se virar. – Você irá conhecê-lo em carne e osso muito em breve. – A palavra carne fez Eliza reparar nos pedacinhos de tinta rosa e creme que o pincel do artista tinha deixado no retrato. Ela estremeceu, lembrando-se dos dedos pálidos e úmidos do sr. Mansell.

A sra. Hopkins parou na frente de uma porta no final do corredor e Eliza correu atrás dela, ainda apertando a roupa de Sammy contra o

peito. A governanta tirou uma chave de uma dobra do vestido e a enfiou na fechadura. Abriu a porta e entrou, erguendo o lampião.

O quarto estava escuro; o lampião só lançou uma luzinha fraca lá para dentro. No centro, Eliza avistou uma cama de madeira preta, com quatro colunas que pareciam ter figuras entalhadas que subiam na direção do teto.

Na mesinha de cabeceira, havia uma bandeja com um pedaço de pão e uma tigela de sopa de onde já não subia nenhum vapor. Não havia nenhuma carne à vista, mas mendigos não podiam escolher, como mamãe dizia. Eliza correu para a tigela e tomou a sopa tão depressa, que ficou com soluço. Ela passou o pão no fundo do prato para não perder nem uma gota.

A sra. Hopkins, que a observava com um ar espantado, não fez nenhum comentário. Pôs o lampião sobre uma caixa de madeira no pé da cama e puxou a coberta pesada.

– Agora suba na cama. Não tenho a noite inteira.

Eliza obedeceu. Os lençóis estavam frios e úmidos sob suas pernas, sensíveis de tanto serem esfregadas.

A sra. Hopkins levou o lampião e Eliza ouviu a porta sendo fechada. Ficou sozinha no quarto escuro, ouvindo os ossos velhos e cansados da casa estalarem sob sua pele.

A escuridão do quarto tinha um som, Eliza pensou. Um ronco baixo e distante. Sempre presente, sempre ameaçador, nunca se aproximando o suficiente para se revelar como sendo algo inofensivo.

E então começou a chover de novo, uma chuva súbita e pesada. Eliza estremeceu quando um relâmpago rasgou o céu e iluminou o mundo. Naqueles instantes de iluminação, que eram sempre seguidos de um trovão que fazia a casa gigantesca sacudir, ela examinou o quarto, uma parede de cada vez, tentando conhecer o ambiente.

Clarão... trovão... guarda-roupa de madeira escura ao lado da cama.

Clarão... trovão... lareira na parede do outro lado.

Clarão... trovão... cadeira de balanço antiga perto da janela.

Clarão... trovão... um assento sob a janela.

Nas pontas dos pés, Eliza atravessou o chão frio. O vento entrava pelas brechas do assoalho e percorria sua superfície. Ela subiu no assento da janela e olhou para o terreno escuro lá fora. Nuvens ameaçadoras tinham encoberto a lua e o jardim estava coberto por um manto escuro. A chuva caía sobre o terreno encharcado.

Outro relâmpago e o quarto ficou iluminado de novo. Quando o clarão desapareceu, Eliza avistou seu reflexo na janela. O rosto dela, o rosto de Sammy.

Eliza estendeu a mão, mas a imagem já tinha sumido e seus dedos tocaram apenas no vidro gelado. Soube, naquele momento, mais do que em qualquer outro, que estava muito longe de casa.

Ela voltou para a cama e se enfiou debaixo dos lençóis frios, úmidos e desconhecidos. Deitou a cabeça sobre a camisa de Sammy. Fechou os olhos e começou a cochilar.

De repente, sentou-se na cama.

Sentiu um frio no estômago e o coração disparando.

O broche de mamãe. Como podia ter esquecido? Naquela pressa, com todo aquele drama, tinha-o deixado para trás. Enfiado na chaminé, na casa do sr. e da sra. Swindell, o tesouro de mamãe esperava.

Cassandra pôs um saquinho de chá na xícara e a chaleira no fogo. Enquanto a água fervia, ela ficou olhando pela janela. Seu quarto ficava nos fundos do Hotel Blackhurst, virado para o mar, e, embora estivesse escuro, Cassandra ainda conseguia avistar o jardim. Um gramado em forma de rim saía do terraço e ia até uma fileira de árvores altas, azuis sob o luar. Aquela era a face do rochedo, Cassandra sabia, aquelas árvores eram a última linha de defesa naquele pedaço de terra.

Em algum lugar, do outro lado da enseada, ficava a cidade. Cassandra ainda não tinha visto muita coisa dela. A viagem de trem tomara grande parte do dia e, quando o táxi atravessou as colinas que ficavam atrás de Tregenna, a noite já estava caindo. Só quando o carro chegou ao alto de uma colina, foi que Cassandra avistou brevemente um círculo de luzes na enseada lá embaixo, como uma aldeia de conto de fadas se materializando com o cair da noite.

Enquanto esperava a água ferver, Cassandra folheou o caderno de Nell. Tinha-o lido durante grande parte da viagem de trem, imaginando que seu tempo ia ser bem empregado desvendando o estágio seguinte da viagem da avó, mas tinha se enganado. A teoria era sólida, mas a prática não era tão simples. Passara a maior parte da viagem perdida em seus próprios pensamentos, estava assim desde o jantar com Ruby e Grey. Embora Nick e Leo nunca estivessem longe da cabeça de Cassandra, ver a morte deles ser comentada tão abertamente, tão inesperadamente, a tinha feito reviver aquela tragédia.

Tinha sido tão súbito. Essas coisas sempre eram, ela supunha. Num momento, ela era uma esposa e mãe, no outro, estava sozinha. E tudo para que pudesse desenhar por uma hora sem ser interrompida.

Colocara Leo ainda bebê no colo de Nick e os tinha mandado comprar mantimentos desnecessários. Nick tinha sorrido para ela ao ligar o carro, e Leo tinha acenado com sua mão gorducha, ainda agarrado à fronha de seda que levava para toda parte. Cassandra tinha acenado de volta, distraidamente, já com a cabeça no seu estúdio.

O pior era que tinha adorado aquela hora e meia, até ouvir a batida na porta. Nem tinha notado que eles já estavam fora havia muito tempo...

Nell tinha sido a salvadora de Cassandra pela segunda vez. Viera imediatamente, trazendo Ben com ela. Ele conseguiu lhe explicar o que tinha acontecido, as palavras que não fizeram nenhum sentido nos lábios do policial: um acidente, um caminhão desgovernado, uma batida. Uma terrível sequência de eventos tão corriqueiros, tão banais, que era impossível acreditar que estivessem acontecendo com ela.

Nell tinha dito a Cassandra que ficaria tudo bem. Mas ela sabia que isso não era verdade, que nunca mais as coisas ficariam bem. Viera munida de comprimidos para ajudar Cassandra a dormir. Para apagar sua mente e fazer com que tudo aquilo desaparecesse, mesmo que apenas por algumas horas. E depois, levava Cassandra para casa com ela.

Tinha sido melhor na casa de Nell; ali, os fantasmas não estavam tão presentes. A casa de Nell tinha seus próprios fantasmas e os que Cassandra trouxera não tinham a mesma liberdade lá dentro.

Seguiu-se um período enevoado. De dor e horror e pesadelos que não desapareciam quando o dia raiava. Ela não sabia o que era pior, se as noites em que Nick tomava conta de seus pensamentos, seu fantasma perguntando, sem parar: “Por que você nos obrigou a sair? Por que você me fez levar o Leo?” Ou as noites em que ele não aparecia, quando ela ficava sozinha e as horas escuras se estendiam interminavelmente, com a salvação parcial trazida pelo amanhecer parecendo que não ia chegar nunca. E havia o sonho. Aquele campo odioso, com a promessa de que ela iria encontrá-los.

Durante os dias, era Leo que a acompanhava, o barulho dos seus brinquedos, um grito, uma mãozinha agarrando sua saia, pedindo para ser erguido no colo. Ah, o clarão de felicidade em seu coração, momentâneo, fraturado, mas, mesmo assim, real. Aquele átimo de segundo em que ela esquecia. Depois a dura realidade, quando se virava para pegá-lo no colo e ele não estava lá.

Ela tentou começar a sair, achou que poderia fugir deles desse jeito, mas não tinha funcionado. Havia tantas crianças em todos os lugares aonde ia. Os parques, as escolas, as lojas. Será que sempre houvera tantas? Então ficava em casa, passava os dias no jardim de Nell, deitada de costas, observando a mangueira e contemplando as nuvens que passavam no céu. O céu azul por trás das folhas do jasmineiro, a agitação das palmeiras, as sementes em forma de estrelas carregadas pelo vento e caindo sobre o jardim.

Sem pensar em nada. Tentando não pensar em nada. Pensando em tudo.

Foi lá que Nell a encontrou numa tarde de abril. A estação estava apenas começando, o calor do verão tinha diminuído e havia um vestígio de outono no ar. Cassandra estava de olhos fechados.

Percebeu que Nell estava parada perto dela por causa da perda de calor na pele dos seus braços e do ligeiro escurecimento sob suas pálpebras.

Então uma voz:

– Achei que iria encontrá-la aqui.

Cassandra não disse nada.

– Você não acha que já está na hora de começar a fazer alguma coisa, Cass?

– Por favor, Nell. Deixe como está.

Mais devagar, com firmeza.

– Você precisa começar a fazer alguma coisa.

– Por favor... – Só de segurar um lápis ela se sentia mal. Quanto a abrir um dos cadernos de desenho... Como podia se arriscar a avistar

um rostinho redondo, a pontinha de um nariz arrebitado, o arco dos lábios de um bebê...?

– Você precisa fazer alguma coisa.

Nell só estava tentando ajudar, entretanto, havia uma parte de Cassandra que queria gritar e sacudir a avó, castigá-la por não conseguir entender. Em vez disso, suspirou. Suas pálpebras, ainda fechadas, tremeram.

– O dr. Harvey está sempre dizendo isso. Não preciso ouvir de você, também.

– Não estou falando terapeuticamente, Cass. – Uma breve hesitação, e Nell continuou: – Estou dizendo que você precisa começar a contribuir.

Cassandra abriu os olhos, levantou uma das mãos para se proteger da claridade.

– O quê?

– Eu não sou uma galinha de ovos de ouro, meu amor. Eu preciso de ajuda. Na casa, na loja, financeiramente.

As frases ofensivas flutuaram no ar, recusando-se a desaparecer. Como Nell podia ser tão fria? Tão insensível? Cassandra estremeceu.

– Minha família morreu – conseguiu finalmente dizer, a garganta doendo com o esforço.

– Estou de luto.

– Eu sei disso – disse Nell, sentando-se ao lado de Cassandra. Segurou a mão dela. – Eu sei disso, minha querida. Mas já se passaram seis meses. E *você* não está morta.

Cassandra estava chorando. Foi o fato de dizer aquelas palavras em voz alta que tinha provocado o choro.

– Você está aqui – Nell disse baixinho, afagando a mão de Cassandra –, e eu preciso de ajuda.

– Não posso.

– Pode sim.

– Não. – A cabeça dela estava estalando; estava cansada, tão cansada. – Eu simplesmente não posso. Não tenho nada para dar.

– Não preciso que você me dê nada. Só preciso que venha comigo e faça o que eu pedir. Você pode segurar uma flanela, não pode?

Nell afastou o cabelo de Cassandra do rosto molhado de lágrimas. Seu tom de voz era baixo e firme.

– Você vai superar isso. Sei que parece que você não vai conseguir, mas você vai. Você é uma sobrevivente.

– Eu não quero sobreviver.

– Eu também sei disso – Nell tinha dito. – E é justo. Mas às vezes nós não temos escolha...

A chaleira do hotel apagou-se com um clique triunfante e Cassandra despejou água quente sobre o saquinho de chá, com a mão um pouco trêmula. Esperou um pouco para o chá se misturar. Agora sabia que Nell tinha compreendido, que ela conhecia o vazio súbito, assustador, de ter todos os seus laços partidos.

Mexeu o chá e suspirou, enquanto Nick e Leo se retiravam mais uma vez. Ela se obrigou a pensar no presente. Estava no Hotel Blackhurst, em Tregenna, na Cornualha, ouvindo as ondas de um oceano desconhecido batendo na areia de uma praia desconhecida.

Do outro lado do topo das árvores mais altas, um pássaro solitário atravessou o céu escuro e o luar iluminou a superfície do mar. Luzinhas piscavam ao longe. Barcos de pesca, Cassandra pensou. Tregenna era uma aldeia de pesca, afinal. Que estranho, era uma surpresa encontrar, neste mundo moderno, um lugar onde as coisas ainda eram feitas do jeito antigo, em pequena escala, como vinham sendo feitas por gerações.

Cassandra tomou um gole de chá e suspirou. Estava na Cornualha, como Nell tinha estado antes dela. Rose e Nathaniel e Eliza Makepeace, antes disso. Enquanto murmurava o nome deles, sentiu um formigamento estranho na pele. Como fios pequeninos, sendo todos puxados ao mesmo tempo. Tinha um objetivo aqui, e não era chafurdar no próprio passado.

– Aqui estou, Nell – disse baixinho. – Era isso que você queria que eu fizesse?

Mansão Blackhurst, 1900

Quando Eliza acordou na manhã seguinte, levou alguns instantes para se lembrar de onde estava. Parecia estar deitada num imenso trenó de madeira, com um toldo azul escuro pendurado em cima. Sua camisola era do tipo que faria a sra. Swindell esfregar as mãos de cobiça e as roupas sujas de Sammy estavam dobradas, fazendo um travesseiro, debaixo da sua cabeça. Então lembrou-se: as Benfeitoras, o sr. Newton, a viagem de carruagem, o homem mau. Estava na casa do tio e da tia, houve uma tempestade, raios, trovões e chuva. O rosto de Sammy na janela.

Eliza subiu no assento sob a janela e olhou para fora. Foi obrigada a apertar os olhos. A chuva e os trovões da noite anterior tinham desaparecido com a aurora e a luz e o ar estavam límpidos. Folhas e galhos se espalhavam pelo gramado e um banco de jardim diretamente abaixo da janela tinha sido virado pelo vento.

Sua atenção foi atraída para um canto distante do jardim. Alguém, um homem, se movia no meio das plantas. Ele tinha uma barba preta e estava usando um macacão, um esquisito chapéu verde e galochas pretas.

Um ruído atrás dela e Eliza se virou. A porta do seu quarto se abriu e uma empregada jovem, de cabelos enfaticamente encaracolados, estava colocando uma bandeja sobre a mesinha de cabeceira. Era a mesma empregada que tinha recebido uma bronca na noite anterior.

– Bom-dia, senhorita – ela disse. – Meu nome é Mary e eu trouxe o café da manhã. A sra. Hopkins disse que a senhorita podia tomá-lo no seu quarto esta manhã, por causa da longa viagem que fez.

Eliza se apressou em sentar-se à mesa. Seus olhos se arregalaram quando viu o que havia na bandeja: pãozinhos quentes com manteiga, potes brancos cheios até a boca com geleias de frutas, um par de

salmões defumados, uma pilha de ovos mexidos, uma bela salsicha. Seu coração se encheu de alegria.

– A senhorita trouxe uma bela tempestade ontem à noite – Mary disse, abrindo as cortinas. – Eu quase não consegui chegar em casa. Achei que ia ter que passar a noite aqui.

Eliza engoliu um pedaço de pão.

– Você não mora aqui?

Mary riu.

– Nem pensar. As outras podem morar aqui, mas eu não gostaria de morar – olhou para Eliza, com as faces ruborizadas. – Quer dizer, eu moro na aldeia. Com minha mãe, meu pai, meus irmãos e irmã.

– Você tem um irmão? – Quando Eliza pensou em Sammy, sentiu um vazio dentro dela.

– Tenho, sim, três. Dois mais velhos e um mais moço, embora Patrick, o mais velho, não more mais em casa. Mas ele ainda trabalha nos barcos pesqueiros, junto com meu pai. Ele, Will e papai saem todos os dias, não importa o tempo. O mais moço, Roly, só tem três anos, ele fica em casa com minha mãe e com a pequena May. – Ela afofou as almofadas do assento da janela. – Nós, os Martins, sempre trabalhamos no mar. Meu bisavô era um dos piratas de Tregenna.

– Os o quê?

– Os piratas de Tregenna – disse Mary, arregalando os olhos de incredulidade. – A senhorita nunca ouviu falar neles?

Eliza sacudiu a cabeça.

– Os piratas de Tregenna foram o bando mais assustador que existiu. Eles mandavam no mar na época deles, trazendo de volta uísque e pimenta quando o pessoal daqui não conseguia obtê-los de outro jeito. Mas só tiravam dos ricos, fique sabendo. Assim como aquele fulano, mas no oceano e não na floresta. Existem trilhas por estas montanhas que vão até o mar.

– Onde fica o mar, Mary? – disse Eliza. – Fica perto?

Mary olhou para ela com uma expressão estranha, de novo.

– É claro que sim, bobinha! Não consegue ouvi-lo?

Eliza ficou imóvel, prestando atenção. Ela podia ouvir o mar?

– Ouça – disse Mary. – *Whoosha... whoosha... whoosha...* Isso é o mar. Inspirando e expirando, como sempre faz. A senhorita não consegue mesmo ouvir?

– Eu estava ouvindo – disse Eliza. – Só não sabia que era o mar.

– Não sabia que era o mar? – Mary riu. – E o que achava que era?

– Achei que era um trem.

– Um trem! – Mary deu uma gargalhada. – A senhorita é engraçada. A estação fica longe daqui. Achou que o mar fosse um trem, que coisa! Espere só até eu contar para os meus irmãos.

Eliza pensou nas poucas histórias que mamãe tinha contado sobre areia e pedrinhas prateadas e o vento que cheirava a sal.

– Eu posso ir ver o mar, Mary?

– Acho que sim. Desde que esteja de volta quando a cozinheira tocar a sineta do almoço. A patroa saiu para fazer visitas esta manhã, então não vai reparar. – Uma nuvem toldou o rosto alegre de Mary quando mencionou a patroa. – Mas trate de voltar antes dela, está ouvindo? Ela é cheia de regras e ordens e não gosta de ser contrariada.

– Como eu chego lá?

Mary fez sinal para Eliza se aproximar da janela.

– Venha até aqui que eu mostro, benzinho.

O ar era diferente aqui, e o céu, também. Ele parecia mais brilhante e mais distante. Não era como aquela cobertura cinzenta que pairava sobre Londres, sempre ameaçando cair sobre a cidade. Este céu pairava alto, carregado pela brisa do mar, como um enorme lençol branco no varal, soprado pelo vento.

Eliza ficou parada na beira do rochedo, olhando para o mar azul-escuro do outro lado da enseada. O mesmo mar que seu pai tinha navegado, a praia que sua mãe tinha conhecido quando era menina.

A tempestade da noite anterior tinha deixado restos de madeira espalhados pela praia. Galhos brancos e elegantes, retorcidos e polidos

pelo tempo, saíam do meio das pedras como chifres de algum animal enorme.

Eliza podia sentir o gosto de sal no ar, exatamente como mamãe tinha dito. Nos confins daquela casa estranha, sentiu-se, de repente, leve e livre. Respirou fundo e começou a descer os degraus de madeira, cada vez mais depressa, ansiosa para chegar lá embaixo.

Quando chegou à praia, sentou-se numa pedra lisa e desamarrou as botas, os dedos atropelando uns aos outros na pressa de concluir a tarefa. Enrolou a bainha da calça de Sammy até acima dos joelhos, depois foi até a beira do mar. Sentiu as pedras, ao mesmo tempo lisas e pontudas, quentes sob seus pés. Ficou parada por um momento, observando a grande massa azul indo e vindo, indo e vindo.

Então, com um suspiro profundo e salgado, avançou um pouco, molhando os dedos, os tornozelos, os joelhos. Foi andando pela beirada da praia, rindo das bolhas entre seus dedos, catando conchas e ali um pedacinho de algo trazido pelo mar que tinha a forma de uma estrela.

Era uma pequena enseada com uma curva fechada e Eliza não levou muito tempo para percorrer toda a extensão da praia. Quando chegou ao fim, a proximidade lhe deu uma terceira dimensão ao que parecera, à distância, uma mera mancha escura. Um imenso penhasco preto se projetava da ribanceira em direção ao mar. Tinha a forma de uma nuvem de fumaça escura congelada pelo tempo, condenada a uma solidez eterna. E que não fazia parte nem da terra, nem do mar e nem do ar.

A rocha preta era escorregadia, mas Eliza encontrou uma plataforma na ponta, que dava para ela ficar em pé. Procurou saliências na rocha e escalou a encosta, só parando ao chegar ao topo. Era tão alto, que não podia olhar para baixo sem ter a impressão de que sua cabeça estava cheia de bolhas. De gatinhas, ela foi chegando para frente. A plataforma foi ficando cada vez mais estreita e ela finalmente chegou à ponta. Sentou-se no punho erguido da rocha e riu até perder o fôlego.

Era como estar no topo de um imenso navio. Abaixo, via a espuma branca das ondas; à frente, o mar aberto. O sol fazia brilhar milhares de luzes em sua superfície, sacudidas pelo vento, até o horizonte. Bem em frente, ela sabia, ficava a França. Do outro lado da Europa, estava o Oriente – Índia, Egito, Pérsia e outros lugares exóticos que tinha ouvido dos lábios dos barqueiros do Tâmis. Depois disso, ficava o Extremo Oriente, o outro lado da terra. Contemplando o vasto oceano, a luz cintilante do sol, pensando em terras distantes, Eliza foi envolvida por uma sensação que nunca tinha experimentado antes. Uma percepção de possibilidades futuras, uma ausência de cautela...

Inclinou-se para a frente e apertou os olhos. O horizonte não estava mais vazio. Algo tinha aparecido: um grande navio negro com as velas erguidas navegava na linha em que o mar se encontra com o céu, como se estivesse prestes a cair da beirada do mundo. Eliza piscou e, quando tornou a abrir os olhos, o navio tinha desaparecido. Ele tinha sumido; na distância, ela supôs. Como os navios devem andar depressa no mar aberto, como suas velas brancas são grandes e fortes. Era num navio desses que seu pai devia ter viajado, ela pensou.

Eliza olhou para o céu. Uma gaivota voava em círculos, gritando, camuflada pelo branco do céu. Ela seguiu seu voo até que algo no topo do rochedo chamou sua atenção. Havia um chalé, quase escondido pelas árvores. Ela só conseguia avistar seu telhado e uma janelinha engraçada bem no topo. Imaginou como seria viver num lugar desses, na extremidade do mundo. Você teria sempre a sensação de que iria tropeçar e cair no oceano?

Eliza levou um susto quando a água fria bateu no rosto dela. Olhou para baixo, para o mar revolto. A maré estava enchendo, a água estava subindo rapidamente. A plataforma onde ela tinha subido estava agora debaixo d'água.

Ela engatinhou de volta pela rocha e desceu com cuidado, agarrando-se às saliências da rocha.

Quando já estava quase no nível da água, parou. Daquele ângulo, podia ver que a rocha não era sólida. Era como se alguém tivesse

aberto um grande buraco nela.

Uma caverna, era isso. Eliza pensou nos piratas de Tregenna que Mary tinha mencionado, em seus túneis. Era isso aquela caverna, ela tinha certeza. Mary não tinha dito que os piratas costumavam passar seu contrabando por uma série de cavernas que corriam sob os rochedos?

Eliza passou pela frente da rocha e subiu na plataforma. Deu alguns passos para dentro: estava escuro e úmido. – Olá? – Ela disse. Sua voz ecoou agradavelmente, batendo contra as paredes antes de desaparecer.

Ela não conseguia enxergar mais para dentro, mas sentiu um arrepio de excitação. Sua própria caverna. Ia voltar lá um dia, pensou, com uma lanterna para poder ver o que havia lá dentro...

Um som, distante, mas se aproximando. *Ker-thud, ker-thud, ker-thud...*

Eliza primeiro achou que o som vinha de dentro da caverna. O medo a deixou pregada no chão, e ela imaginou que tipo de monstro marinho estava vindo atrás dela.

Po-co-tó, Po-co-tó, Po-co-tó... Mais alto agora.

Ela recuou devagar, esgueirando-se pelo lado da rocha.

Então, na trilha no alto do rochedo, ela viu um par de belos cavalos pretos puxando uma carruagem. Não era um monstro marinho, afinal, mas Newton e sua carruagem na estrada do rochedo, o som aumentado ao ressoar nas paredes de pedra da caverna.

Lembrou-se do aviso de Mary. A tia tinha saído de manhã, mas era esperada para o almoço; Eliza não devia se atrasar.

Desceu pela rocha e pulou nas pedras da praia. Correu pela água rasa e depois voltou pela praia. Eliza amarrou as botas e subiu os degraus. A ponta de sua calça estava molhada e a bainha foi batendo nos seus tornozelos enquanto voltava pelo caminho entre as árvores. O sol tinha mudado de posição desde que ela descera para a enseada, e agora o caminho estava escuro e frio. Era como se ela estivesse num esconderijo, num esconderijo secreto no meio dos arbustos, onde moravam fadas e duendes. Eles estavam escondidos, vendo-a passar

pelo seu mundo. Examinou a vegetação enquanto andava, tentando não piscar, na esperança de apanhá-los desprevenidos. Pois todo mundo sabia que, se você visse uma fada, ela era obrigada a satisfazer seus desejos.

Um barulho e Eliza parou. Prendeu a respiração. Na clareira, diante dela, estava um homem, um homem de verdade. Aquele de barba preta que ela tinha visto da janela do quarto aquela manhã. Ele estava sentado num toco de árvore, desembrulhando um pedaço de pano. Lá dentro, havia uma fatia de torta de carne.

Eliza ficou na beirada do caminho, observando-o. Os ramos dos galhos roçaram as pontas do seu cabelo curto, quando ela subiu cautelosamente num galho baixo, para ver melhor. O homem tinha um carrinho do lado dele, cheio de terra. Ou parecia terra. Eliza sabia que aquilo era um mero artifício, que por baixo da terra ele tinha tesouros guardados. Pois ele era um rei pirata, é claro. Um dos piratas de Tregenna, ou o fantasma de um pirata de Tregenna. Um marinheiro morto-vivo, esperando para vingar a morte dos companheiros. Um fantasma com negócios inacabados, esperando em sua toca para capturar garotinhas para levar para casa e sua esposa assar no forno para fazer tortas. Aquele era o navio que ela vira no mar, o grande navio preto que tinha desaparecido com um piscar de olhos. Era o navio pirata, e ele...

O galho onde ela estava sentada se partiu e Eliza caiu no chão, sobre um monte de folhas úmidas.

O homem barbado não moveu um músculo. Seu olho direito pareceu mover-se ligeiramente na direção de Eliza enquanto ele continuava mastigando sua torta.

Eliza se levantou, esfregou o joelho, tirou uma folha seca do cabelo.

– Você é a nova daminha – ele disse devagar, mastigando a torta que virava uma cola em sua boca. – Ouvi dizer que você ia chegar. Embora, se me permite dizer, você não pareça uma dama. Com essas roupas de menino e o cabelo assim despenteado.

– Cheguei ontem à noite. Trouxe a tempestade comigo.

– É muito poder para alguém tão pequeno.

– Com força de vontade, até os fracos podem conseguir grande poder.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Quem lhe disse isso?

– Minha mãe.

Eliza lembrou-se tarde demais de que não devia falar na mãe. Com o coração batendo, esperou para ver o que homem ia dizer.

Ele ficou olhando para ela, mastigando devagar.

– Acho que ela sabia o que estava dizendo. As mães quase sempre têm razão.

Um suspiro de alívio.

– Minha mãe morreu.

– A minha também.

– Eu estou morando aqui agora.

Ele assentiu.

– Eu diria que está mesmo.

– Meu nome é Eliza.

– E o meu é Davies.

– Você é muito velho.

– Tão velho quanto o meu dedo mindinho e um pouco mais velho do que os meus dentes.

Eliza respirou fundo.

– Você é um pirata?

Ele riu, um som rouco, parecendo fumaça saindo de uma chaminé suja.

– Sinto desapontá-la, menina, eu sou um jardineiro, assim como meu pai antes de mim. Encarregado do labirinto, para ser mais exato.

Eliza franziu o nariz.

– Encarregado do labirinto?

– Eu cuido do labirinto. – Como Eliza pareceu não estar entendendo, Davies apontou para os arbustos atrás dele, separados por

um portão de ferro. – É um quebra-cabeça feito de arbustos. O objetivo é achar o caminho nele sem se perder.

Um quebra-cabeça onde cabe uma pessoa? Eliza nunca tinha ouvido falar numa coisa dessas.

– Onde ele vai dar?

– Ah, ele forma um zigue-zague. Se você tiver sorte de achar o caminho certo, consegue chegar ao outro lado da propriedade. Se não tiver sorte – ele arregalou os olhos ameaçadoramente –, é capaz de morrer de fome antes que alguém perceba que você desapareceu. – Ele se inclinou para ela, baixou a voz. – Eu costumo encontrar os ossos desses infelizes.

A excitação fez Eliza dizer num sussurro:

– E se eu conseguisse atravessá-lo? O que encontraria do outro lado?

– Outro jardim, um jardim especial, e um pequeno chalé. Bem na ponta do rochedo.

– Eu vi o chalé. Da praia.

Ele assentiu.

– Eu diria que sim.

– De quem é a casa? Quem mora lá?

– Agora, ninguém. Lord Archibald Mountrachet – devia ser seu bisavô – mandou construí-la. Algumas pessoas dizem que ela foi construída para ser um mirante, um posto de observação.

– Para os contrabandistas, os piratas de Tregenna?

Ele sorriu.

– Estou vendo que a jovem Mary Martin andou conversando com você.

– Posso ir até lá para vê-la?

– Você nunca irá encontrá-la.

– Vou sim.

Os olhos dele brilharam quando ele insistiu.

– Nunca, você nunca conseguirá atravessar o labirinto. E, se conseguir, nunca saberá como passar pelo portão secreto e entrar no

jardim no chalé.

– Eu vou conseguir! Deixe-me tentar, por favor, Davies.

– Acho que não vai ser possível, srta. Eliza. – Davies disse, ficando sério. – Faz muito tempo que ninguém passa pelo labirinto. Eu cuido dele até um certo ponto, mas só vou até onde me permitem. Ele deve estar coberto pela vegetação depois desse ponto.

– Por que ninguém mais passou por ele?

– Seu tio o mandou fechar faz algum tempo. Ninguém esteve lá depois disso. – Ele se inclinou para ela. – Mas a sua mãe conhecia o labirinto como a palma da mão. Quase tão bem quanto eu.

Uma sineta soou ao longe.

Davies tirou o chapéu e enxugou o suor da testa. – É melhor se apressar, senhorita. Essa foi a sineta do almoço.

– Você também vai almoçar?

Ele riu.

– Os empregados não almoçam, srta. Eliza, isso não é apropriado. Eles jantam neste horário.

– Então você vem jantar?

– Eu não como dentro da casa. Já faz muito tempo.

– Por que não?

– Não é um lugar onde gosto de estar.

Eliza não entendeu.

– Por que não?

Davies coçou a barba.

– Fico mais feliz perto das minhas plantas, srta. Eliza. Algumas pessoas são feitas para o convívio com os homens, outras não. Eu faço parte do segundo grupo: prefiro ficar no meu canto.

– Mas por quê?

Ele suspirou, como um gigante cansado.

– Certos lugares deixam um homem de cabelo em pé, não combinam com a forma de ser de um homem. Entende o que eu estou dizendo?

Eliza pensou na tia, no salão cor de vinho, na noite anterior, no cão e nas sombras e na luz do lustre batendo nas paredes. Ela assentiu.

– A jovem Mary é uma boa moça. Ela vai cuidar de você na casa. – Ele franziu a testa, olhando bem para ela. – Não vale a pena confiar com muita facilidade nas pessoas, srta. Eliza. Não vale a pena mesmo, está ouvindo?

Eliza balançou solenemente a cabeça, porque parecia haver necessidade de ser solene.

– Agora vá depressa, jovem dama. Você vai se atrasar para o almoço e a patroa vai mandar servir seu coração numa travessa. Ela não gosta de que as regras sejam desrespeitadas.

Eliza sorriu, embora Davies não sorrisse. Ela se virou para ir, mas parou quando viu algo na janela de cima, algo que já tinha visto na noite anterior. Um rosto, pequeno e vigilante.

– Quem é aquela? – perguntou.

Davies se virou e olhou na direção da casa. Acenou de leve na direção da janela de cima.

– Acho que é a srta. Rose.

– Srta. Rose?

– Sua prima. A filha dos seus tios.

Eliza arregalou os olhos. Sua prima?

– Ela estava sempre andando por aqui, uma menina muito alegre, mas há alguns anos adoeceu e nunca mais saiu. A patroa passa o tempo todo e gasta um bocado de dinheiro tentando consertar o que quer que esteja errado, e o jovem médico da cidade está sempre indo e vindo.

Eliza ainda estava olhando para a janela. Vagarosamente ela ergueu a mão, com os dedos abertos como a estrela do mar que tinha achado na praia. Acenou e viu o rosto desaparecer rapidamente no escuro.

Um sorriso apareceu no rosto de Eliza.

– Rose – ela disse, saboreando a doçura da palavra. Era como o nome de uma princesa de um conto de fadas.

O chalé do penhasco, 2005

O vento agitava o cabelo de Cassandra, revirando o seu rabo de cavalo como se ele fosse uma biruta presa num mastro. Ela apertou o casaco em volta dos ombros e parou por um momento para recuperar o fôlego, olhando para trás, para a estradinha estreita com a aldeia lá embaixo. Pequenos chalés brancos agarravam-se como cracas nas rochas, e barcos pesqueiros vermelhos e azuis pontilhavam a baía, balançando nas ondas enquanto gaivotas voavam em círculos sobre eles. O ar, mesmo naquela altura, estava carregado de sal.

A estrada era tão estreita e ficava tão perto do precipício, que Cassandra imaginou como alguém tinha coragem de dirigir por ela. Um capim alto crescia de cada lado, balançando com o vento. Quanto mais alto ela subia, mais maresia havia no ar.

Cassandra olhou as horas. Tinha subestimado o tempo que levaria para chegar ao topo, sem falar no cansaço que fazia suas pernas tremerem como geleia. A mudança de fuso horário e a velha insônia.

Tinha dormido muito mal na noite anterior. O quarto e a cama eram bem confortáveis, mas tivera sonhos estranhos, do tipo que fica na cabeça quando você acorda, mas que fogem da memória quando você tenta lembrá-los. Só ficou a sensação de desconforto.

Em algum ponto durante a noite, ela tinha acordado por motivos mais concretos. Um barulho, como o som de uma chave na porta do seu quarto. Estava certa de que tinha sido isso, alguém tentando abrir a porta com uma chave, mas, quando mencionou isso na recepção de manhã, a moça olhou para ela de um jeito estranho e disse, com uma voz gelada, que o hotel usava cartões e não chaves de metal. O que ouvira era apenas o vento batendo nas calhas.

Cassandra voltou a subir a ladeira. Não devia estar muito longe agora, a mulher da mercearia da aldeia tinha dito que era uma

caminhada de vinte minutos e ela já estava andando havia mais de meia hora.

Ela dobrou uma curva e viu um carro vermelho parado ao lado da estrada. Um homem e uma mulher ficaram olhando para ela: ele era alto e magro e ela, baixa e gorda. Por um momento, Cassandra achou que eles eram visitantes apreciando a vista, mas, quando cada um ergueu a mão em uníssono e acenou, viu quem eles eram.

– Olá! – o homem disse, caminhando na direção dela. Era um homem de meia-idade, embora seu cabelo e sua barba, brancos como neve, dessem a impressão de um rosto bem mais velho. – Você deve ser Cassandra. Eu sou Henry Jameson e esta – indicou a mulher sorridente – é minha esposa, Robyn.

– Prazer em conhecê-la – disse Robyn, chegando logo atrás do marido. Seu cabelo grisalho era cortado na altura das bochechas rosadas e redondas como duas maçãs.

Cassandra sorriu.

– Obrigada por me encontrar num sábado. Sou muito grata a vocês por isso.

– Que bobagem. – Henry passou a mão pela cabeça para ajeitar o cabelo despenteado pelo vento. – Não é trabalho nenhum. Só espero que você não se importe que Robyn tenha vindo junto...

– É claro que ela não se importa, por que se importaria? – disse Robyn. – Você não se importa, não é?

Cassandra sacudiu a cabeça.

– O que foi que eu disse? Ela não se importou nem um pouco. – Robyn agarrou o pulso de Cassandra. – Não que ele pudesse ter me impedido de vir. Estaria arriscando um processo de divórcio se tivesse tentado.

– Minha esposa é a secretária da sociedade histórica local – Henry disse, com um traço de desculpas na voz.

– Eu publiquei alguns folhetos sobre esta região. Histórias principalmente sobre famílias locais, monumentos importantes,

grandes mansões. A mais recente é sobre o contrabando. Estamos colocando todos os artigos num website.

– O objetivo dela é tomar chá em todas as grandes propriedades do condado.

– Mas eu morei nesta aldeia a vida toda e nunca pus os pés na velha casa. – Robyn sorriu e seu rosto brilhou. – Não me importo de confessar que estou morrendo de curiosidade.

– Nós nunca teríamos adivinhado, minha querida – disse Henry cansadamente, indicando a montanha. – Temos que seguir a pé daqui, a estrada não vai adiante.

Robyn foi na frente, com passadas decididas na trilha estreita de capim varrido pelo vento. À medida que subiam, Cassandra começou a notar os pássaros. Massas de pequenos pardais marrons chamando uns aos outros enquanto pulavam de galho em galho. Teve a estranha sensação de estar sendo vigiada, como se os pássaros estivessem se acotovelando para ficar de olho nos intrusos humanos. Ela estremeceu, depois ralhou consigo mesma por estar sendo infantil, inventando mistérios onde só havia atmosfera.

– Foi meu pai quem fez a venda para a sua avó – disse Henry, diminuindo as passadas para caminhar ao lado de Cassandra. – Em setenta e cinco. Eu tinha acabado de entrar na firma como estagiário, mas me lembro da venda.

– Todo mundo se lembra da venda – disse Robyn. – Foi a última parte da velha propriedade a ser vendida. Teve gente na aldeia que jurou que o chalé nunca seria vendido.

Cassandra contemplou o mar.

– Por quê? A casa deve ter uma vista linda...

Henry olhou para Robyn, que tinha parado para recuperar o fôlego, com a mão no peito.

– Bem, isso é verdade – ele disse –, mas...

– Falava-se muita coisa ruim na cidade – disse Robyn, ofegante. – Boatos e coisas assim... sobre o passado.

– Que tipo de coisas?

– Boatos tolos – Henry disse, com firmeza –, um monte de bobagens, do tipo que você encontra em qualquer aldeia inglesa.

– Diziam que ela era assombrada – Robyn continuou, *sotto voce*. Henry riu.

– Encontre-me uma casa na Cornualha que não seja.

Robyn revirou os olhos azuis.

– Meu marido é um pragmático.

– E minha mulher é uma romântica – disse Henry. – O chalé do rochedo é feito de pedra e cimento, como todas as outras casas em Tregenna. Não é mais assombrado do que eu.

– E você se diz um cornualhense. – Robyn prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhou para Cassandra. – Você acredita em fantasmas, Cassandra?

– Acho que não. – Cassandra pensou na sensação estranha que os pássaros tinham causado nela. – Não do tipo que faz ‘bum’ de noite.

– Então você é uma moça sensata – disse Henry. – A única coisa que entrou ou saiu do chalé do rochedo nos últimos trinta anos foi um rapaz ou outro que resolveu dar um susto nos amigos. – Henry tirou do bolso da calça um lenço com monograma, dobrou-o ao meio e enxugou a testa. – Vamos, Robyn. Vamos levar o dia inteiro se não nos apressarmos e o sol está muito forte. Parece até que ainda estamos no verão.

A ladeira íngreme e a trilha estreita tornaram a conversa difícil, e eles caminharam os últimos cem metros em silêncio. Talos de capim brilhavam ao sol, agitados pelo vento.

Finalmente, depois de passar por uma moita de arbustos, eles chegaram a um muro de pedra. Ele tinha pelo menos três metros de altura e causou estranheza depois de terem andado tanto tempo sem avistar nenhuma estrutura feita pelo homem. Um arco de ferro emoldurava o portão de entrada e uma trepadeira tinha se enrolado nele, calcificada pelo tempo. Uma placa, que um dia deve ter estado presa ao portão, estava presa só por um dos cantos. O musgo tinha

coberto sua superfície, enchendo as ranhuras das letras. Cassandra inclinou a cabeça para ler as palavras: *Não se arrisque a entrar.*

– O muro é relativamente novo – disse Robyn.

– Por novo, minha esposa quer dizer que ele só tem cem anos. O chalé deve ter três vezes mais. – Henry limpou a garganta. – Agora você entende, não é, que a velha casa está meio em ruínas?

– Eu tenho uma fotografia. – Ela a tirou da bolsa.

Ele ergueu as sobrancelhas ao examiná-la. – Tirada antes da época da venda, eu diria. Ela mudou um pouco desde então. Ficou muito abandonada.

Ele estendeu o braço esquerdo para abrir o portão de ferro e fez um sinal com a cabeça.

– Vamos entrar?

Um caminho de pedras passava por baixo de uma pérgula de velhas roseiras com juntas artríticas. A temperatura baixou quando eles cruzaram o portal do jardim. A impressão era de escuridão e melancolia. E de silêncio, um silêncio estranho, parado. Até o barulho do mar parecia abafado. Era como se o terreno dentro do muro de pedras estivesse adormecido. Esperando que alguma coisa, ou alguém, o despertasse.

– O chalé do rochedo – Henry disse, quando chegaram ao final do caminho.

Cassandra arregalou os olhos. Diante dela, havia um emaranhado de arbustos. Folhas de hera, de um verde escuro, agarravam-se nas paredes de todos os lados, estendendo-se pelos espaços onde deviam estar ocultas as janelas. Teria dificuldade em enxergar o prédio que estava debaixo da trepadeira, se não soubesse que ele estava ali.

Henry tossiu, enrubescendo.

– Sem dúvida, a casa está bem abandonada.

– Nada que uma boa limpeza não possa dar jeito – disse Robyn, com uma animação forçada, capaz de ressuscitar navios naufragados. – Não há motivo para desânimo. Você já viu o que eles fazem nesses

programas de televisão sobre reformas de casas, não viu? Eles passam na Austrália?

Cassandra assentiu distraidamente, tentando ver o telhado.

– Vou deixar que você faça as honras – Henry disse, tirando a chave do bolso.

Esta era surpreendentemente pesada, longa e trabalhada, terminando com um belo desenho em cobre. Quando segurou a chave, Cassandra teve um lampejo de reconhecimento. Já tinha segurado uma chave igual antes. Quando? Ela pensou. Na barraca de antiguidades? A imagem era muito forte, mas a lembrança não veio.

Cassandra subiu na plataforma de pedra ao lado da porta. Podia ver a fechadura, mas a hera tinha tomado o espaço em frente à entrada.

– Isto deve servir – Robyn disse, tirando da bolsa uma tesoura de poda. – Não me olhe assim querido – disse quando Henry ergueu uma sobrancelha. – Sou uma garota do campo, estou sempre prevenida.

Cassandra pegou a tesoura e cortou os galhos, um por um. Quando estavam soltos, ela parou por um momento e passou a mão, de leve, pela madeira manchada de sal da porta. Uma parte dela relutava em prosseguir, contentando-se em ficar no limiar do conhecimento, mas, quando olhou por cima do ombro, tanto Robyn quanto Henry acenaram a cabeça, encorajando-a. Enfiou a chave na fechadura e, usando as duas mãos, girou-a com força.

O cheiro foi a primeira coisa que notou, úmido e forte, fedendo a fezes de animais. Como a floresta tropical, na Austrália, cujas copas das árvores ocultavam um mundo separado, úmido e fértil. Um ecossistema fechado, que desconfia de estranhos.

Ela deu um pequeno passo para dentro. A porta da frente deixava entrar luz suficiente para revelar a poeira suspensa no ar parado, leve demais, cansada demais para cair. O chão era de madeira e, a cada passo, seus sapatos faziam um barulho abafado, arrependido.

Ela entrou no primeiro cômodo e olhou em volta. Estava escuro, as janelas cobertas por décadas de sujeira. Quando seus olhos se ajustaram, Cassandra viu que era uma cozinha. Uma mesa de madeira

clara ficava no centro, com duas cadeiras de junco enfiadas embaixo. Havia um fogão preto numa alcova na parede oposta, com teias de aranha formando uma cortina na frente dele, e, num canto, a roda de fiar ainda tinha um fio de lã escura.

– Parece um museu – murmurou Robyn. – Só que mais empoeirado.

– Acho que não vou poder oferecer uma xícara de chá para vocês nem tão cedo – disse Cassandra.

Henry tinha passado pela roda de fiar e estava apontando para um nicho de pedra.

– Tem uma escada aqui.

Um lance estreito de escada subia reto e depois virava abruptamente, dando numa pequena plataforma. Cassandra pôs o pé no primeiro degrau, testando sua firmeza. Estava bastante firme. Cautelosamente, começou a subir.

– Vá com cuidado – disse Henry, subindo atrás dela, com as mãos estendidas atrás das costas de Cassandra, num gesto vago, gentil, de proteção.

Cassandra chegou à pequena plataforma e parou.

– O que foi? – disse Henry.

– Uma árvore, uma árvore enorme, está bloqueando completamente o caminho. Ela entrou pelo telhado.

Henry espiou por cima do ombro dela.

– Acho que a tesoura de poda de Robyn não vai adiantar muito – ele disse –, não desta vez. Você precisa de um cortador de árvores. – Ele começou a descer a escada. – Alguma ideia, Robyn? Quem você chamaria para tirar um tronco caído?

Cassandra desceu atrás e chegou embaixo quando Robyn estava dizendo:

– O filho de Bobby Blake pode fazer isso.

– Um rapaz daqui. – Henry concordou com um aceno de cabeça. – Tem uma firma de paisagismo. Faz quase todo o trabalho no hotel, também, e você não vai conseguir uma recomendação melhor do que essa.

– Vou ligar para ele, está bem? – disse Robyn. – Vou ver se ele tem hora esta semana. Vou sair e ver se consigo sinal no celular. O meu está morto desde que entramos aqui.

Henry sacudiu a cabeça.

– Faz mais de cem anos que Marconi recebeu o sinal, e agora veja até onde a tecnologia nos levou. Sabe que o sinal foi enviado desta costa, logo ali adiante? De Poldhu Cove?

– Foi mesmo? – Quando percebeu a extensão da ruína do chalé, Cassandra ficou desanimada. Embora estivesse grata por Henry ter ido até lá para se encontrar com ela, não estava interessada numa aula sobre telecomunicações. Ela afastou uma teia de aranha e se encostou na parede, abrindo um sorriso estoico.

Henry pareceu perceber o estado de espírito dela. – Sinto muito que o chalé esteja neste estado – disse. – Eu não posso deixar de me sentir um tanto responsável, já que sou o advogado encarregado da chave.

– Sei que não há nada que você pudesse ter feito. Especialmente se Nell pediu ao seu pai para não fazer nada. – Ela sorriu. – Além disso, você estaria invadindo a propriedade e a placa da entrada é bem clara quanto a isso.

– É verdade, e a sua avó não quis de jeito nenhum que nós contratássemos uma firma. Disse que a casa era muito importante para ela e que queria supervisionar pessoalmente a reforma.

– Acho que ela tinha planos de se mudar para cá – disse Cassandra. – De vez.

– Sim – disse Henry. – Eu dei uma olhada nos arquivos antigos quando soube que ia me encontrar com você hoje. Ela diz em todas as cartas que virá para cá, até uma que foi escrita em 1976. Ela disse que sua situação tinha mudado e que ela não voltaria, pelo menos não por algum tempo. Ela pediu ao meu pai para guardar a chave para saber onde encontrá-la quando chegasse a hora. – Ele olhou em volta. – Mas a hora não chegou nunca.

– Não – disse Cassandra.

– Mas agora você está aqui – Henry disse, com um entusiasmo renovado.

– Sim.

Um barulho na porta e ambos olharam.

– Consegui falar com Michael – disse Robyn, guardando o celular. – Ele disse que vem aqui na quarta-feira de manhã para ver o que é preciso fazer. – Ela se virou para Henry. – Agora vamos, amor, Marcia está nos esperando para o almoço e você sabe como ela fica quando nos atrasamos.

Henry ergueu as sobrancelhas.

– Nossa filha tem muitas virtudes, mas a paciência não é uma delas. Cassandra sorriu.

– Obrigada por tudo.

– Não vá tentar tirar o tronco sozinha – ele disse. – Por mais que você esteja louca para dar uma olhada lá em cima.

– Eu prometo.

Quando estavam na metade do caminho do portão, Robyn se virou para Cassandra:

– Você se parece com ela.

Cassandra não entendeu.

– Com a sua avó. Você tem os olhos dela.

– Você a conheceu?

– Sim, é claro, mesmo antes de ela comprar o chalé. Uma tarde, ela entrou no museu onde eu estava trabalhando. Fez perguntas sobre a história local. Especialmente sobre algumas das velhas famílias.

Henry chamou da beira do penhasco.

– Vamos, Robyn. Marcia nunca nos perdoará se o assado queimar.

– Sobre a família Mountrachet?

Robyn acenou para Henry.

– Eles mesmos. Eles moravam na mansão. Sobre os Walkers também. O pintor e a esposa dele, e sobre a escritora que publicou contos de fadas.

– Robyn!

– Sim, sim, já estou indo. – Ela revirou os olhos para Cassandra. – Ele é tão paciente quanto um foguete, esse meu marido. – Então, correu atrás dele, com instruções para Cassandra ligar para eles, flutuando na brisa do mar.

Tregenna, 1975

O Museu de Pesca e Contrabando de Tregenna ficava num pequeno prédio caiado de branco na extremidade do cais e, embora o aviso escrito à mão na janela da frente fosse claro com relação ao horário de funcionamento, Nell já estava na aldeia havia três dias quando, finalmente, conseguia avistar uma luz lá dentro.

Ela abriu a porta baixa, coberta por uma cortina de renda.

Atrás da mesa, estava sentada uma mulher bem-arrumada, com cabelos castanhos até os ombros. Mais moça que Lesley, pensou Nell, mas parecendo muito mais velha. A mulher se levantou quando viu Nell, e a parte de cima de suas pernas puxou o pano rendado e uma pilha de papéis em sua direção. Tinha o ar de uma criança apanhada numa travessura.

– Eu... eu não estava esperando visitantes – disse, olhando por cima dos óculos grandes.

E não pareceu muito satisfeita em vê-la. Nell estendeu a mão.

– Nell Andrews. – Ela olhou para a placa sobre a mesa. – E você deve ser Robyn Martin?

– Não recebemos muitos visitantes nesta época do ano. Vou procurar a chave. – Ela espalhou os papéis que estavam sobre a mesa, prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Os mostruários estão um pouco empoeirados – ela disse, com um traço de acusação na voz. – Mas é por aqui.

O olhar de Nell acompanhou o movimento do braço de Robyn. Do outro lado da porta de vidro, ficava uma pequena sala, que abrigava diversas redes e anzóis e varas. Fotografias em preto e branco estavam penduradas na parede, barcos, tripulações e enseadas locais.

– Na realidade – Nell disse –, estou buscando uma informação. O homem da agência do correio achou que você poderia me ajudar.

– Meu pai.

– Perdão?

– Meu pai é o responsável pela agência.

– Sim – disse Nell. – Bem, ele achou que você poderia me ajudar. A informação que estou buscando não tem nada a ver com pesca ou contrabando. Trata-se de história local. História de família, para ser mais precisa.

A atitude de Robyn mudou na mesma hora.

– Por que você não disse logo? Eu trabalho aqui no museu de pesca para ajudar a comunidade, mas a história social de Tregenna é a minha vida. Veja aqui. – Ela mexeu nos papéis que estavam sobre sua mesa e entregou um a Nell. – Este é o texto para um folder turístico que estou preparando, e estou terminando um artigo sobre grandes mansões. Tem um editor em Falmouth interessado. – Ela consultou seu bonito relógio de pulso, com pulseira de prata. – Seria um prazer conversar com você, mas tenho um compromisso...

– Por favor – disse Nell. – Eu vim de muito longe e não vou tomar muito do seu tempo. Se você puder dispor de alguns minutos.

Robyn apertou os lábios e olhou para Nell.

– Posso fazer melhor do que isso – ela disse, com um ar decidido. – Posso levar você comigo.

Uma espessa camada de neblina chegara junto com a maré cheia e conspirava com o entardecer para branquear a aldeia. À medida que elas subiam pelas ruas estreitas, tudo ganhava um tom de cinza. A mudança rápida nas condições do tempo tinha deixado Robyn agitada. Ela caminhava depressa, e Nell, apesar de também ter um passo ligeiro, teve dificuldade em acompanhá-la. Nell estava curiosa para saber para onde elas estavam indo tão depressa, mas, naquela velocidade, ficava difícil conversar.

Elas chegaram a uma casinha branca no alto da ladeira com uma placa que dizia *Pilchard Cottage*. Robyn bateu na porta e esperou. Não havia luz lá dentro, e ela ergueu o pulso para ver as horas.

– Ele ainda não chegou. Nós sempre lhe dizemos para chegar cedo em casa quando cai o *fog*.

– Quem?

Robyn olhou para Nell como se tivesse esquecido por um instante que havia outra pessoa com ela.

– Gump, meu avô. Sai todo dia para ver os barcos. Ele foi um pescador. Já está aposentado há vinte anos, mas só fica feliz quando sabe quem saiu para pescar e o que apanhou. Nós dizemos a ele para não ficar fora de casa quando o *fog* cai, mas ele não obedece.

Ela parou e apertou os olhos para enxergar melhor.

Nell acompanhou seu olhar e viu uma figura no meio do nevoeiro.

– Gump! – Robyn exclamou.

– Nada de agitação, menina – surgiu uma voz do meio do nevoeiro. Ele apareceu, subiu os três degraus de concreto e girou a chave na fechadura. – Bem, não fiquem aí paradas, tremendo como um par de passarinhos – disse por cima do ombro. – Entrem.

No pequeno hall de entrada, Robyn ajudou o velho a tirar sua capa cheirando a maresia e suas botas pretas de borracha, colocando-as sobre um banquinho de madeira.

– Você está molhado, Gump – ela disse, passando a mão na camisa xadrez dele. – Vamos vestir uma roupa seca.

– Não precisa – disse o velho, dando um tapinha na mão da neta. – Vou me sentar ao lado do fogo e, quando você trouxer o meu chá, eu já vou estar seco.

Robyn ergueu ligeiramente a sobrancelha na direção de Nell enquanto Gump ia para a sala da frente: “Está vendo como ele dá trabalho?”, dizia o gesto.

– Gump tem quase noventa anos, mas se recusa a sair desta casa – ela disse baixinho. – Um de nós sempre vem cear com ele à noite. Eu venho de segunda a quarta.

– Ele parece muito bem para noventa anos.

– A vista dele está começando a falhar e sua audição não é das melhores, mas ainda insiste em ver se ‘seus rapazes’ chegaram sãos e

salvos ao porto, sem se importar com seus próprios problemas. Deus me livre que aconteça alguma coisa com ele nos meus plantões. – Ela espiou pelo vidro, fazendo uma careta quando o avô tropeçou no tapete a caminho da poltrona. – Não sei... Quer dizer, você poderia lhe fazer companhia enquanto eu acendo o fogo para ferver água. Vou ficar mais tranquila quando ele estiver seco.

Atraída pela promessa de, finalmente, saber alguma coisa sobre sua família, Nell concordaria com qualquer coisa. Ela assentiu e Robyn sorriu aliviada e correu atrás do avô.

Gump tinha se sentado em sua poltrona de couro marrom, com uma manta sobre as pernas. Por um momento, contemplando a manta, Nell pensou em Lil e nas mantas que ela tinha feito para cada uma das filhas. Imaginou o que a mãe iria pensar sobre esta investigação que estava fazendo, se iria entender por que era tão importante para Nell reconstruir os primeiros quatro anos de sua vida. Provavelmente não. Lil sempre acreditara que o dever de uma pessoa era lidar da melhor maneira possível com o que o destino lhe havia reservado. Não adianta ficar imaginando como as coisas poderiam ser, ela costumava dizer, o que importa é o que é. O que estava bem para Lil, que sabia quem era.

Robyn se levantou, com as chamas saltando na lareira.

– Vou buscar o chá agora, Gump, e começar a preparar o jantar. Enquanto eu estiver na cozinha, minha amiga... – ela olhou interrogativamente para Nell. – Desculpe...

– Nell, Nell Andrews.

– ... Nell, vai fazer companhia para você, Gump. Ela está visitando Tregenna e está interessada nas famílias locais. Talvez você possa lhe contar alguma coisa sobre a cidade na minha ausência.

O velho estendeu as palmas abertas, sobre as quais uma vida inteira puxando cordas e prendendo anzóis tinha deixado suas marcas.

– Pode me perguntar qualquer coisa – ele disse –, e eu digo tudo o que sei.

Quando Robyn desapareceu pela porta, Nell procurou um lugar para se sentar. Instalou-se numa cadeira verde ao lado do fogo,

apreciando o calor que vinha da lareira.

Gump ergueu os olhos do cachimbo que estava enchendo de fumo e balançou a cabeça, encorajando-a. Aparentemente, a vez era dela.

Nell pigarreou e agitou os pés no tapete, imaginando por onde começar. Decidiu que não valia a pena rodear o assunto.

– Eu estou interessada na família Mountrachet.

Gump riscou um fósforo e tragou com força para acender o cachimbo.

– Andei perguntando pela aldeia, mas parece que ninguém sabe nada sobre eles.

– Ah, sabem sim – ele disse, soltando a fumaça. – Mas não querem falar no assunto.

Nell ergueu as sobrancelhas. – E por quê?

– O pessoal de Tregenna gosta de uma boa conversa, mas somos um bando de gente supersticiosa. Estamos sempre dispostos a conversar livremente sobre qualquer assunto, mas, se você perguntar sobre as coisas que aconteceram lá no alto do penhasco, ninguém vai dizer nada.

– Eu notei – disse Nell. – Isso é porque os Mountrachet eram considerados aristocratas? De classe alta?

Gump bufou.

– Eles tinham dinheiro, mas não me fale em classe. – Ele se inclinou para a frente. – Aquele foi um título pago com o sangue de inocentes. Foi em 1724. Uma tempestade caiu uma tarde, a mais feroz em muitos anos. O farol perdeu o telhado e o novo lampião a óleo apagou como se fosse a chama de uma vela. A lua estava escondida e a noite estava um breu. – Ele apertou os lábios pálidos em volta do cachimbo. Tragou com força, animando-se com a história que estava contando. – A maioria dos barcos de pesca já tinha voltado, mas havia um ainda no mar, um barco de dois mastros com uma tripulação estrangeira.

“A tripulação daquele barco não teve a menor chance. Dizem que as ondas estavam batendo no meio dos penhascos de Sharpstone e o barco foi atirado contra as pedras, desmanchando-se antes de alcançar

a enseada. Houve artigos em jornais e uma investigação do governo, mas nunca recuperaram mais do que alguns pedaços de madeira do navio. Puseram a culpa nos mercadores independentes, é claro.”

– Mercadores independentes?

– Contrabandistas – disse Robyn, que tinha surgido com uma bandeja de chá.

– Mas não foram eles que roubaram a carga do navio – disse Gump.

– Foi a família que fez isso, a família Mountrachet.

Nell aceitou a xícara que Robyn ofereceu a ela.

– Os Mountrachets eram contrabandistas?

Gump deu uma risada seca e tomou um gole de chá.

– Eles não eram assim tão dignos. Os contrabandistas se apoderaram de algumas mercadorias dos navios que têm problemas, mas ajudam a tripulação a se salvar. O que aconteceu aquela noite na enseada de Blackhurst foi obra de ladrões. Ladrões e assassinos. Eles mataram toda a tripulação, roubaram a carga do navio e, bem cedo na manhã seguinte, antes que alguém soubesse o que tinha acontecido, arrastaram o navio e os corpos para o mar e os afundaram. Ganharam uma fortuna: caixotes de pérolas e marfim, leques da China, joias da Espanha.

– Nos anos seguintes, Blackhurst passou por uma grande reforma. – Robyn continuou a história, sentando-se no banquinho de veludo desbotado do avô descansar os pés. – Eu acabei de escrever sobre isso no meu panfleto sobre “Grandes mansões da Cornualha”. E o sr. Mountrachet recebeu um título de nobreza do rei.

– É incrível o que alguns presentes bem escolhidos podem fazer.

Nell sacudiu a cabeça e se mexeu na cadeira, sem jeito. Agora não era a hora de mencionar que aqueles ladrões e assassinos eram seus antepassados.

– Pensar que eles se deram bem com isso.

Robyn olhou para Gump, que limpou a garganta.

– Bem – ele resmungou. – Eu não diria isso.

Nell olhou para eles, confusa.

– Existem castigos piores do que os determinados pela lei. Preste atenção em minhas palavras, há castigos piores. – Gump suspirou. – Depois do que aconteceu na enseada, a família se tornou amaldiçoada, todos eles.

Nell se encostou no assento da cadeira, desapontada. Uma maldição familiar. Bem na hora em que ela achava que ia conseguir alguma informação.

– Conte a ela sobre o navio, Gump – disse Robyn, parecendo perceber a decepção de Nell. – O navio preto.

Satisfeito com a oportunidade, Gump ergueu um pouco o volume da voz.

– A família pode ter afundado aquele navio, mas não se livrou dele, não por muito tempo. Ele ainda aparece de vez em quando no horizonte. Geralmente, antes ou depois de uma tempestade. Uma grande escuna preta, um navio fantasma, espreitando a enseada. Assombrando os descendentes daqueles criminosos.

– O senhor já viu o navio?

O velho sacudiu negativamente a cabeça.

– Achei que tinha visto uma vez, mas estava enganado, graças a Deus. – Ele se inclinou para a frente. – É um vento mau que faz aparecer aquele navio. Dizem que a pessoa que avista o navio fantasma paga uma penitência pela tragédia. Se você o vir, ele vê você. E tudo o que eu sei é que aqueles que admitem que o viram atraem desgraças terríveis. O nome da escuna era *Jacquard*, mas aqui nós a chamamos de Ataúde Negro (Black Hearse).

– Blackhurst Estate – disse Nell. – Acho que não se trata de uma coincidência?

– Ela é esperta – disse Gump, sorrindo, com o cachimbo pendurado na boca, para Robyn. – Essa aí é esperta. E algumas pessoas concordariam com que foi daí que a propriedade ganhou seu nome.

– O senhor não?

– Eu sempre achei que tinha mais a ver com a grande rocha preta que existe na Enseada de Blackhurst. Tem uma passagem ali, sabe. Ela

ia da enseada até um ponto qualquer da propriedade e, de volta, até a aldeia. Uma bênção para os contrabandistas, mas uma passagem muito temperamental. Alguma coisa nos ângulos e no formato do túnel: se a maré enchesse mais do que o esperado, um homem dentro das cavernas teria pouca chance de escapar. Aquela rocha foi o caixão de muitos homens. Se você olhar para a praia da propriedade, vai vê-la. Uma coisa monstruosa.

Nell sacudiu a cabeça.

– Ainda não vi a enseada. Tentei visitar a casa outro dia, mas o portão estava trancado. Vou voltar amanhã e deixar uma carta de apresentação na caixa do correio. Espero que os donos me deixem dar uma olhada. Sabe como são eles?

– Gente nova – disse Robyn. – Forasteiros, estão falando em transformar aquilo num hotel. – Ela se inclinou para a frente. – Dizem que a moça é escritora de romances. Ela é muito sofisticada e os livros são bem ousados. – Ela olhou para o avô e enrubesceu. – Não que eu os tenha lido.

– Eu vi parte da propriedade anunciada no escritório de venda de imóveis da cidade – disse Nell. – Tem uma casa chamada chalé do penhasco à venda.

Gump riu secamente.

– E vai ficar à venda para sempre. Ninguém vai ser tolo o bastante para comprá-la. É preciso mais do que uma camada de tinta para livrar aquele lugar de toda a desgraça de que ele foi palco.

– Que tipo de desgraça?

Gump, que até aqui tinha contado a história com muita animação, ficou, de repente, silencioso, matutando sobre a pergunta. Um clarão passou pelos olhos dele.

– Aquele lugar devia ter sido queimado há muito tempo. Coisas terríveis aconteceram lá.

– Que tipo de coisas?

– Não queira saber – ele disse, com os lábios tremendo. – Acredite no que estou dizendo. Existem lugares que não melhoram com uma

mão de tinta.

– Eu não tinha a intenção de comprar a casa – Nell disse, surpresa com a veemência dele. – Só pensei que era uma maneira de dar uma olhada na propriedade.

– Você não precisa atravessar a propriedade Blackhurst para ver a enseada. Pode vê-la do alto do penhasco. – Ele ergueu o cachimbo na direção da costa. – Pegue o caminho que sai da aldeia e rodeia a ribanceira e olhe na direção de Sharpstone; fica bem embaixo. É a enseada mais bonita da Cornualha, exceto por aquela rocha enorme. Não há nenhum sinal do sangue que foi espalhado na praia tempos atrás.

O cheiro de carne e temperos estava forte e Robyn foi buscar pratos e colheres na cozinha.

– Você fica para jantar, não é, Nell?

– É claro que ela fica – disse Gump, recostando-se na cadeira. – Ela não pode ir embora numa noite como esta. Escura como breu.

O ensopado estava delicioso e Nell aceitou, sem muita relutância, um segundo prato. Depois Robyn pediu licença para ir lavar a louça e Nell e Gump ficaram sozinhos de novo. A sala estava quente agora, e o rosto dele estava vermelho. Ele percebeu que ela o observava e balançou a cabeça simpaticamente.

A companhia de William Martin era agradável e sua sala de estar era aconchegante. Este era o poder de um contador de histórias, Nell pensou. Uma capacidade de prender a atenção de tal modo, que o resto do ambiente parecia desaparecer. E William Martin era um contador de histórias nato, sem dúvida alguma. Mas até que ponto se podia acreditar nas suas histórias era outra questão. Ele tinha o dom óbvio de transformar palha em ouro, mas, ainda assim, talvez fosse a única pessoa que tinha vivido naqueles anos que lhe interessavam.

– Eu gostaria de saber – ela disse, com o fogo aquecendo agradavelmente um dos lados do seu corpo – se, quando o senhor era

mais jovem, conheceu Eliza Makepeace. Ela era uma escritora, pupila de Linus e Adeline Mountrachet.

Houve uma pausa perceptível. A voz de William soou abafada.

– Todo mundo conhecia Eliza Makepeace.

Nell prendeu a respiração. Finalmente.

– O senhor sabe o que aconteceu com ela? – Ela disse depressa. – Quer dizer, no fim?

Ele sacudiu a cabeça.

– Isso eu não sei.

O homem tinha ficado reticente, tinha assumido uma postura reservada que não apresentara até então. Embora as implicações disso fizessem o coração de Nell encher-se de esperança, soube que teria que ser muito cuidadosa. Não queria que ele se fechasse completamente.

– E antes, quando ela morava em Blackhurst? O senhor pode me contar alguma coisa?

– Disse que a conhecia. Mas não tive oportunidade de conhecê-la bem, eu não era bem-vindo na mansão. As pessoas que cuidavam da casa não iriam gostar disso.

Nell insistiu.

– Pelo que consegui saber, Eliza foi vista pela última vez em Londres, em 1913. Ela estava com uma garotinha, Ivory Walker, que tinha quatro anos de idade. Filha de Rose Mountrachet. O senhor consegue pensar em algum motivo para Eliza estar planejando uma viagem a Austrália com a filha de outra pessoa?

– Não.

– O senhor tem ideia da razão pela qual a família Mountrachet disse às pessoas que a neta estava morta quando ela estava bem viva?

Ele respondeu secamente:

– Não.

– Então o senhor sabe que Ivory estava viva apesar da informação em contrário?

O fogo crepitou.

– Eu não sei porque não é verdade. Aquela criança morreu de escarlatina.

– Sim, sei que disseram isso na época. – O rosto de Nell estava quente, sua cabeça latejava. – Mas também sei que não é verdade.

– Como você pode saber uma coisa dessas?

– Porque eu era aquela criança. – A voz de Nell falseou. – Cheguei à Austrália quando tinha quatro anos. Fui colocada num navio por Eliza Makepeace quando todo mundo pensava que eu estava morta e ninguém consegue me dizer por quê.

A expressão de William era difícil de interpretar. Ele parecia prestes a responder, mas não o fez.

Em vez disso, ele se levantou, espreguiçou os braços, estufando a barriga.

– Estou cansado – disse. – Está na hora de me recolher. – Ele chamou – Robyn? – E mais alto, – Robyn!

– Gump? – Robyn veio da cozinha com um pano de prato na mão. – O que foi?

– Vou me deitar. – Ele se dirigiu para a escada estreita que ficava no fundo da sala.

– Não quer outra xícara de chá? Estamos nos divertindo tanto.

William pôs a mão no ombro de Robyn ao passar por ela.

– Feche bem a porta quando sair, meu bem. Não queremos que o nevoeiro entre na casa.

Robyn arregalou os olhos, surpresa. Nell pegou o casaco.

– Já vou indo.

– Eu sinto muito – disse Robyn. – Não sei o que deu nele. Ele é velho, se cansa com facilidade...

– É claro. – Nell abotoou o casaco. Sabia que devia pedir desculpas, que tinha deixado o velho nervoso, mas não conseguiu. A decepção era como uma rodela de limão em sua garganta. – Obrigada pelo seu tempo – conseguiu dizer, saindo para a noite úmida.

Nell olhou para trás quando chegou ao final da ladeira e viu que Robyn ainda estava olhando para ela. Ergueu o braço para acenar

quando a outra acenou.

William Martin podia ser velho e estar cansado, mas não tinha saído da sala tão repentinamente apenas por isso. Nell sabia, tinha guardado seu doloroso segredo muito tempo e era capaz de identificar um companheiro de infortúnio. William sabia mais do que estava dizendo e a necessidade que Nell tinha de descobrir a verdade era maior do que o seu respeito pela privacidade dele.

Ela apertou os lábios e baixou a cabeça para se proteger do frio. Estava decidida a convencê-lo a contar tudo o que sabia.

Mansão Blackhurst, 1900

Eliza tinha razão: o nome ‘Rose’ servia bem para uma princesa de conto de fadas, e, certamente, Rose Mountrachet desfrutava do privilégio e da beleza adequados ao papel. Infelizmente, para a pequena Rose, os primeiros onze anos de sua vida tinham sido um conto de fadas.

– Abra bem. – O dr. Matthews tirou uma espátula de madeira da valise de couro e abaixou a língua de Rose. Ele espiou para dentro da garganta dela, com o rosto tão próximo, que ela teve a oportunidade indesejada de examinar os pelos do nariz dele. – Hummmm – ele disse, fazendo tremer os pelos.

Rose tossiu de leve quando a espátula arranhou sua garganta.

– E então, doutor? – Mamãe se aproximou, os dedos pálidos contra o azul-escuro do vestido.

O dr. Matthews ergueu o corpo.

– A senhora fez bem em me chamar, Lady Mountrachet. Há mesmo uma inflamação.

Mamãe suspirou.

– Eu achei que havia. O senhor tem um remédio, doutor?

Enquanto o dr. Matthews expunha o tratamento, Rose virou a cabeça e fechou os olhos. Bocejou de leve. Sempre soubera que não iria viver muito.

Às vezes, em momentos de maior fraqueza, Rose se permitia imaginar como seria a vida se não conhecesse seu fim, se o futuro se estendesse diante dela indefinidamente, uma estrada longa, com curvas e desvios que ela não fosse capaz de antecipar. Com momentos marcantes que incluíssem uma apresentação à sociedade, um marido, filhos. Uma casa imponente só sua, para ela impressionar as outras damas. Porque, para ser honesta, queria muito esta vida.

Mas não se permitia sonhar com muita frequência. De que adiantava se lamentar? Em vez disso, esperava, convalescia, trabalhava em seu álbum de recortes. Lia, quando conseguia, a respeito de lugares que jamais veria, fatos que jamais aproveitaria, conversas que nunca teria. Esperando pelo próximo episódio inevitável que a levaria para mais perto do Fim, torcendo para que a próxima doença pudesse ser mais interessante do que a anterior. Algo menos doloroso e mais compensador. Como a ocasião em que engoliu o dedal de mamãe.

Não tinha feito de propósito, é claro. Se ele não fosse tão brilhante, tão bonito, não teria pensado em tocar nele. Mas ele era e ela o fez. Qual a menina de oito anos que não teria feito o mesmo? Estava tentando equilibrá-lo na ponta da língua, como o palhaço no seu livro sobre o Circo Meggendorf, aquele que equilibrava a bola vermelha no nariz arrebitado. Pouco aconselhável, certamente, mas ela era apenas uma criança, e, além disso, já vinha fazendo isso havia alguns meses sem problemas.

O episódio do dedal tinha terminado bastante bem. O médico tinha sido chamado imediatamente, um médico jovem que tinha assumido recentemente o consultório da aldeia. Ele a examinara, do jeito como os médicos costumam fazer, e depois tinha sugerido empregar uma ferramenta nova de diagnóstico que poderia ser útil. Através de uma chapa fotográfica, poderia ver dentro do estômago de Rose sem pegar num bisturi. Todo mundo tinha gostado da sugestão: papai, cuja habilidade com uma câmera fez com que fosse chamado para tirar a chapa; o dr. Matthews, porque pôde publicar as fotos numa revista especial chamada *Lancet*, e mamãe, porque a publicação causou uma certa excitação no seu círculo social.

Quanto a Rose, o dedal foi expelido (de forma muito indecorosa) quarenta e oito horas depois e ela ficou feliz por ter finalmente conseguido deixar papai satisfeito, mesmo que por pouco tempo. Não que ele tivesse dito isso, ele não era assim, mas Rose sabia identificar o estado de espírito dos pais (mesmo que sem adivinhar as causas). E o prazer de papai tinha deixado Rose muito alegre.

– Com sua permissão, Lady Mountrachet, vou terminar o meu exame.

Rose suspirou quando o dr. Matthews levantou sua camisola para expor o estômago. Fechou os olhos quando dedos gelados apertaram sua pele e pensou no seu livro de recortes. Mamãe tinha conseguido uma revista de Londres com fotos da última moda em vestidos de noiva e, usando renda e fitas da sua caixa de costura, Rose estava decorando o livro. Sua noiva estava ficando linda: um véu de renda belga, com pequenas pérolas coladas em volta, flores prensadas para o buquê. O noivo era outra questão: Rose não sabia muita coisa sobre cavalheiros. (E não seria apropriado que uma jovem dama soubesse essas coisas.) Mas Rose achava que os detalhes do noivo não tinham muita importância, desde que a noiva estivesse bonita.

– Está tudo bem – disse o dr. Matthews, baixando a camisola de Rose. – Felizmente, a infecção não se generalizou. Posso sugerir, entretanto, Lady Mountrachet, uma conversa com a senhora a respeito do melhor tratamento?

Rose abriu os olhos a tempo de ver o sorriso bajulador do médico. Como ele era cansativo, sempre tentando ser convidado para o chá, aproveitando a oportunidade de conhecer e tratar mais pessoas da nobreza rural. As fotos do dedal de Rose *in situ* tinham lhe dado uma certa fama entre as pessoas bem-nascidas do condado, e ele soubera aproveitar. Enquanto ele guardava o estetoscópio na valise, ajeitando-o no lugar com seus dedos pequenos e bem cuidados, o tédio de Rose se transformou em irritação.

– Então não é desta vez que eu vou para o céu, doutor? – ela disse, fitando o rosto dele, que enrubesceu. – É que eu estou preparando uma página do meu livro de recortes e seria uma pena deixá-la inacabada.

O dr. Matthews deu uma risadinha tola e olhou para mamãe.

– Ora, menina – ele disse, gaguejando –, não há motivos para preocupação. Um dia, nós todos seremos chamados para junto de Deus...

Rose ficou olhando enquanto ele fazia um sermão desagradável sobre vida e morte, antes de virar a cabeça para disfarçar um sorriso.

A perspectiva de morrer cedo tem um efeito diferente sobre cada pessoa. Em algumas, ela provoca uma maturidade que vai muito além da idade e da experiência: uma calma aceitação que faz brotar uma disposição bondosa e gentil. Em outras, entretanto, provoca a formação de pedacinhos de gelo no coração. Gelo que, embora às vezes oculto, nunca derrete completamente.

Rose, embora tivesse gostado de pertencer ao primeiro grupo, sabia, no fundo, que pertencia ao segundo. Não que fosse má, mas tinha desenvolvido um dom para a indiferença. Uma capacidade de sair de si mesma e observar situações sem experimentar nenhum sentimento.

– Dr. Matthews – a voz de mamãe interrompeu a descrição cada vez mais desesperada dos anjinhos de Deus. – Por que o senhor não desce e espera por mim na sala de almoço? Thomas vai nos servir um chá.

– Sim, Lady Mountrachet – ele disse, aliviado por ser poupado daquela conversa difícil. Ele evitou os olhos de Rose e saiu do quarto.

– Bem, Rose – disse mamãe –, isso não foi nem um pouco educado.

A censura foi diluída pela preocupação e Rose sabia que não ia ser castigada. Nunca era. Quem podia ficar zangado com uma garotinha à espera da morte? Rose suspirou.

– Eu sei, mamãe, desculpe. É só que eu me sinto tonta e ouvir o dr. Matthews piora a minha tonteira.

– Uma constituição frágil é uma cruz terrível de se carregar. – Mamãe segurou as mãos de Rose. – Mas você é uma dama, uma Mountrachet. E saúde frágil não é desculpa para falta de educação.

– Sim, mamãe.

– Tenho que ir conversar com o médico agora – ela disse, acariciando o rosto de Rose. – Volto aqui quando Mary trazer sua bandeja.

Ela se encaminhou para a porta, o vestido sussurrando ao se arrastar pelo tapete e pelas tábuas do assoalho.

– Mamãe? – Rose chamou.

A mãe se virou. – Sim?

– Queria perguntar uma coisa a você. – Rose hesitou, sem saber como prosseguir. Consciente de que era uma pergunta estranha. – Eu vi um menino no jardim.

Mamãe ergueu a sobrancelha esquerda. – Um menino?

– Esta manhã, eu o vi da janela quando Mary me levou para a minha cadeira. Ele estava atrás de um arbusto, falando com Davies; um menino com ar travesso, de cabelo vermelho.

Mamãe pôs a mão no pescoço e soltou o ar devagar, de modo que Rose ficou ainda mais curiosa.

– Você não viu menino nenhum, Rose.

– Mamãe?

– Aquela é sua prima, Eliza.

Rose arregalou os olhos. Isto foi inesperado. Principalmente porque não podia ser. Mamãe não tinha irmãos nem irmãs e, depois da morte de vovó, mamãe, papai e Rose eram os únicos Mountrachets que restavam. – Eu não tenho uma prima.

Mamãe falou com uma pressa incomum.

– Infelizmente você tem. O nome dela é Eliza e ela veio morar em Blackhurst.

– Por quanto tempo?

– Indefinidamente eu acho.

– Mas, mamãe... – Rose sentiu a cabeça mais leve do que nunca. Como um moleque daqueles podia ser *sua prima*? – O cabelo... o jeito dela... suas roupas estavam molhadas e ela estava suja e despenteada... – Rose estremeceu. – E ela estava coberta de folhas...

Mamãe pôs um dedo na frente dos lábios. Ela se virou para a janela e o cacho castanho que tinha na nuca estremeceu.

– Ela não tinha para onde ir. Papai e eu concordamos em ficar com ela. Um ato de caridade cristã que ela jamais apreciará, muito menos merecerá, mas a pessoa tem sempre que fazer o que é correto.

– Mas, mamãe, o que ela vai *fazer* aqui?

– Vai nos causar muita vergonha, não tenho dúvidas. Mas não podíamos abandoná-la. Se não fizéssemos nada, seria horrível, então temos que transformar necessidade em virtude. – As palavras dela tinham o som de sentimentos empurrados à força por uma peneira. Ela própria pareceu perceber que eram palavras vazias e se calou.

– Mamãe? – Rose disse cautelosamente.

– Você perguntou o que ela vai fazer aqui. – Mamãe se virou para Rose, com uma inflexão nova na voz. – Eu a estou dando para você.

– Dando-a para mim?

– Como uma espécie de projeto. Ela será sua protegida. Quando você estiver boa, vai ensiná-la a se comportar. Ela não passa de uma selvagem, sem nenhum charme ou graça. Uma órfã que nunca aprendeu como se comportar em sociedade. – Mamãe suspirou. – É claro que eu não tenho ilusões, nem espero que você faça milagres.

– Sim, mamãe.

– Você pode imaginar, minha filha, as influências a que esta órfã foi exposta. Ela estava vivendo em Londres, no meio de pecado e degradação.

E então Rose soube quem era aquele menina. Eliza era filha da irmã de papai, a misteriosa Georgiana, cujo retrato mamãe banira para o sótão, de quem ninguém ousava falar.

Quer dizer, ninguém a não ser vovó.

Nos últimos meses de vida da velha senhora, quando ela voltou como um urso ferido para Blackhurst e se recolheu ao quarto da torre para morrer, ela tinha momentos de lucidez e falava sobre duas crianças que se chamavam Linus e Georgiana. Rose sabia que Linus era seu pai e imaginou que Georgiana devia ser a irmã dele. A que tinha desaparecido pouco antes de Rose nascer.

Foi numa manhã de verão, e Rose estava descansando na poltrona ao lado da janela da torre, com uma brisa morna arrepiando sua nuca. Rose gostava de se sentar perto de vovó, de observá-la enquanto dormia, cada respiração, possivelmente a última, e olhava para as gotas de suor que se formavam em sua testa.

De repente, vovó abriu os olhos: eles eram grandes e claros, desbotados por uma vida inteira de amargura. Olhou para Rose, mas não a reconheceu e então desviou os olhos. Hipnotizada, aparentemente, pelas cortinas agitadas pelo vento. O primeiro impulso de Rose foi chamar mamãe – já fazia horas que vovó não acordava –, mas, quando estendeu a mão para a sineta, a velha suspirou. Um suspiro longo e cansado, tão profundo, que sua pele encolheu entre os ossos.

Então, de repente, uma mão agarrou o pulso de Rose.

– Uma moça tão linda – ela disse, tão baixinho, que Rose teve que se aproximar para ouvir. – Bonita demais, uma maldição. Todos os rapazes se viraram para admirá-la. Ele não conseguiu resistir, ia atrás dela para toda parte, achava que não sabíamos. Ela fugiu e não voltou, nem uma palavra da minha Georgiana...

Rose Mountrachet era uma boa menina, conhecia as regras. Como ela poderia ser diferente? Presa a vida inteira na cama, doente, sujeita às lições esporádicas da mãe sobre as regras da sociedade e da boa conduta. Rose sabia muito bem que uma dama jamais devia usar pérolas ou diamantes pela manhã; jamais devia ofender uma pessoa; jamais, sob nenhuma circunstância, devia ficar a sós com um cavalheiro. Mas, o mais importante de tudo, Rose sabia que escândalos deviam ser evitados a todo custo, que um escândalo era capaz de destruir uma dama. De destruir, pelo menos, a sua reputação.

Entretanto, esta menção a uma tia desaparecida, o cheiro de um escândalo familiar, teve outro efeito em Rose. Fez com que um arrepio de excitação corresse por sua espinha. Pela primeira vez em anos, ela sentiu as pontas dos dedos vibrarem de excitação. Chegou ainda mais perto, querendo que vovó prosseguisse, ansiosa para acompanhar o fluxo das palavras que conduziam a águas escuras e profundas.

– Quem, vovó? – Rose insistiu. – Quem a seguia? Com quem foi que ela fugiu?

Mas vovó não respondeu. Quaisquer que fossem os cenários que se desenrolavam em sua mente, eles se recusavam a ser manipulados.

Rose insistiu em vão. E, no fim, teve que se contentar em revirar o assunto em sua mente, o nome da tia se tornando um símbolo de tempos difíceis e nebulosos. De tudo que havia de mau e injusto no mundo...

– Rose? – Mamãe estava franzindo as sobrancelhas. – Você está dizendo alguma coisa? Você estava murmurando. – Ela estendeu a mão para medir a temperatura de Rose.

– Eu estou bem, mamãe, só estava um pouco distraída, pensando.

– Você parece um pouco quente.

Rose encostou a mão na própria testa. Ela estava quente? Não sabia.

– Vou mandar o dr. Matthews subir antes de ir embora – disse mamãe. – É melhor ser previdente.

Rose fechou os olhos. Outra visita do dr. Matthews, duas na mesma tarde. Era mais do que podia suportar.

– Você hoje está fraca demais para conhecer nosso novo projeto – disse mamãe. – Vou falar com o médico e, se ele concordar, você poderá conhecer Eliza amanhã. Imagine a filha de um marinheiro carregar o nome da família Mountrachet!

Um marinheiro, isto era novidade. Rose arregalou os olhos.

– Mamãe?

Foi a vez de mamãe ficar corada. Tinha dito mais do que pretendia, uma pequena falha na sua armadura.

– O pai da sua prima era marinheiro. Nós não falamos nele.

– Meu tio era marinheiro?

Mamãe ficou sem fala e cobriu a boca com a mão.

– Ele não era seu tio, Rose, ele não era nada seu ou meu. Nem era casado com sua tia Georgiana.

– Mas, mamãe! – Rose nem podia imaginar um escândalo desses. – O que você quer dizer com isso?

Mamãe baixou o tom de voz.

– Eliza pode ser sua prima, Rose, e não temos escolha a não ser acolhê-la nesta casa. Mas ela é de origem baixa, não tenha dúvidas quanto a isso. Teve sorte de que a morte da mãe a tenha trazido de

volta para Blackhurst. Depois de toda a vergonha que a família sofreu nas mãos da mãe dela. – Ela sacudiu a cabeça. – Seu pai quase morreu quando ela partiu. Não posso imaginar o que teria acontecido se eu não estivesse aqui para ajudá-lo a suportar todo aquele escândalo. – Ela olhou para Rose. Sua voz estava um pouco trêmula. – Um escândalo desses pode manchar para sempre o nome de uma família. Por isso é muito importante que você e eu tenhamos uma vida impecável. Sua prima Eliza vai ser um desafio, não tenho dúvida disso. Ela nunca será uma de nós, mas, com esforço, nós a colocaremos acima da podridão de Londres.

Rose fingiu estar atenta aos babados da manga da sua camisola.

– Uma moça de origem baixa pode aprender a se passar por uma dama, mamãe?

– Não, minha filha.

– Nem se ela for criada por uma família nobre? – Rose olhou para a mãe por baixo dos cílios. – Se ela se casar com um cavalheiro, talvez?

Mamãe fitou Rose com atenção e hesitou antes de falar, devagar e com cuidado.

– É possível, é claro, que uma moça rara, de origem humilde, mas honesta, que trabalhe com afinco para melhorar, possa elevar sua condição. – Ela suspirou. – Mas não, eu sinto dizer, no caso da sua prima. Temos que baixar nossas expectativas, Rose.

– É claro, mamãe.

A verdadeira razão do desconforto da mãe estava ali, presente entre elas, mas, se mamãe desconfiasse de que Rose sabia, teria ficado mortificada. Tratava-se de outro segredo de família que Rose tinha conseguido arrancar da avó moribunda. Um segredo que explicava muita coisa: a animosidade entre as duas matriarcas e, até mais do que isso, a obsessão de mamãe com bons modos. Sua devoção às regras da sociedade, seu compromisso em se apresentar sempre como um exemplo de virtude social.

Lady Adeline Mountrachet pode ter tentado banir qualquer menção à verdade muito tempo atrás – a maioria das pessoas que sabiam a

verdade tinha banido este conhecimento da memória, com medo, e quem ainda se lembrava não ousava dizer nada a respeito das origens de Lady Mountrachet para não perder seus empregos –, mas vovó não tinha nenhum escrúpulo a respeito disso. Ela gostava de se referir à mocinha de Yorkshire cujos pais, que estavam passando por dificuldades financeiras, tinham agarrado a oportunidade de mandá-la para a Mansão Blackhurst, na Cornualha, onde ela serviria de companhia para a gloriosa Georgiana Mountrachet.

Mamãe parou na porta.

– Mais uma coisa, Rose, a mais importante de todas.

– Sim, mamãe?

– Essa menina *tem* que ser mantida longe do seu pai.

Uma tarefa que não seria nada difícil de realizar; Rose podia contar nos dedos o número de vezes que tinha visto o pai no ano anterior.

Mesmo assim, a veemência da mãe era curiosa.

– Mamãe?

Uma breve pausa que Rose notou com interesse crescente, depois a resposta que suscitou ainda mais dúvidas.

– Seu pai é um homem ocupado, um homem importante. Ele não precisa ser constantemente lembrado da mancha no nome da família. – Ela tomou fôlego e completou, baixinho: – Pode acreditar no que estou dizendo, Rose: ninguém nesta casa sairá ganhando se esta menina se aproximar do seu pai.

Adeline apertou a ponta do dedo e viu a gota vermelha de sangue aparecer. Era a terceira vez que espetava o dedo em poucos minutos. Bordar sempre tinha sido uma atividade que acalmava seus nervos, mas estes estavam em farrapos naquele dia. Ela largou o bordado. A conversa com Rose a deixara nervosa, e o chá desagradável com o dr. Matthews, mas, principalmente, é claro, a chegada da filha de Georgiana. Embora, fisicamente, a menina fosse um fiapo de gente, tinha trazido algo com ela. Algo invisível, como a mudança atmosférica que precede uma grande tempestade. E esse algo ameaçava pôr um fim

em tudo aquilo pelo qual Adeline tinha lutado; com efeito, já tinha iniciado seu trabalho insidioso, porque Adeline tinha passado o dia inteiro pensando em sua própria chegada a Blackhurst. Lembranças que tinha se esforçado muito para esquecer e para garantir que os outros também esquecessem...

Quando chegou lá, em 1886, Adeline encontrou uma casa que parecia vazia. E que casa era aquela, a maior que ela já tinha visto. Ficara pelo menos dez minutos parada esperando alguma orientação, alguém que a recebesse, até que, finalmente, um rapaz, com um terno elegante e uma expressão travessa, tinha aparecido no hall. Ele tinha parado, surpreso, e consultara o relógio de algibeira.

– Você está adiantada – disse, num tom que não deixou dúvidas para Adeline de sua opinião sobre quem chegava antes do tempo. – Nós só a esperávamos no hora do chá.

Ela ficou parada, em silêncio, sem saber o que dizer.

O homem disse, impaciente.

– Se você esperar aqui, vou encontrar alguém para levá-la ao seu quarto.

Adeline percebeu que estava incomodando.

– Posso dar uma volta no jardim se o senhor preferir – disse, numa voz humilde, mais consciente do que nunca do seu sotaque do norte, que soava mais grosseiro ainda naquela sala fantástica, de chão de mármore branco.

O homem assentiu, secamente.

– É melhor assim.

Um criado tinha levado suas malas, e Adeline estava livre de bagagens quando desceu a imponente escadaria. Ela parou embaixo, olhando de um lado para o outro, tentando livrar-se da sensação desagradável de ter fracassado antes mesmo de ter começado.

O reverendo Lambert tinha mencionado a riqueza e a importância da família Mountrachet diversas vezes durante as visitas a Adeline e seus pais. Era uma honra para toda a diocese, dizia repetidamente, que um de seus membros tivesse sido escolhido para desempenhar tarefa

tão importante. Seu colega cornualhense tinha procurado muito, sob instruções diretas da dona da casa, a fim de selecionar a candidata mais adequada, e cabia a Adeline provar que era digna de tão grande honra. Sem mencionar a generosa quantia que seria paga aos seus pais por sua ausência. E Adeline estava determinada a ter sucesso. Durante toda a viagem de Yorkshire até lá, tinha repetido para si mesma lições acerca de tópicos do tipo “A aparência de qualidade é tão importante quanto a própria qualidade” e “Uma dama é o que uma dama faz”, mas, chegando a casa, as suas convicções tinham sofrido um baque.

Um barulho acima atraiu sua atenção para o céu, onde uma família de gralhas estava fazendo um desenho complicado. Um dos pássaros deu um mergulho e acompanhou os outros na direção de um conjunto de árvores ao longe. Por não ter um destino certo, Adeline foi atrás deles, instruindo-se o tempo todo sobre novos começos e concentração nos rumos traçados.

Adeline estava tão absorta em sua autoinstrução, que não prestou atenção nos fantásticos jardins de Blackhurst. Antes mesmo de ter começado a discorrer sobre os valores da aristocracia, tinha saído da mata e estava parada na beira do penhasco, com o capim roçando seus pés. Do outro lado do penhasco, parecendo um manto de veludo, estava o profundo mar azul.

Adeline se agarrou num galho próximo. Nunca tinha se dado bem com alturas e seu coração estava disparado.

Algo na água atraiu o seu olhar para a enseada. Um rapaz e uma moça num barquinho, ele sentado e ela em pé, fazendo o barco balançar de um lado para outro. Seu vestido de gaze branca estava molhado dos tornozelos até a cintura e estava grudado em suas pernas de um modo que fez Adeline perder o fôlego.

Ela achou que devia sair dali, mas não conseguiu tirar os olhos deles. A moça tinha cabelos vermelhos, de um vermelho brilhante, solto e comprido, com as pontas molhadas. O homem tinha um chapéu de palha preto pendurado no pescoço. Ele estava rindo, atirando água na moça. Ele se aproximou dela, estendeu os braços para

agarrar suas pernas. O barco balançou com mais força, e, quando Adeline achou que ele ia alcançá-la, a moça deu um mergulho e desapareceu no mar.

Nada na experiência de Adeline a tinha preparado para tal comportamento. O que tinha levado a moça a fazer aquilo? E onde ela estava agora? Adeline esticou a cabeça para olhar. Examinou a superfície do mar até que, finalmente, uma figura vestida de branco ficou visível, deslizando para a superfície perto de uma rocha preta. A moça saiu do mar, com o vestido colado ao corpo, pingando água, e, sem se virar, subiu na rocha e desapareceu numa trilha que ia dar num pequeno chalé no alto do penhasco.

Tentando controlar a respiração, Adeline dirigiu sua atenção para o rapaz, pois ele devia estar igualmente chocado. Ele também tinha visto a moça desaparecer e agora estava remando o barco na direção da enseada. Puxou-o para a praia, apanhou os sapatos e começou a subir os degraus. Ele mancava e tinha uma bengala.

O homem passou bem perto de Adeline, mas não a viu. Ele estava assoviando, uma melodia que ela desconhecia. Uma melodia alegre, cheia de sol e de sal. A antítese do triste Yorkshire do qual ela queria tão desesperadamente fugir. Este rapaz parecia ter o dobro da altura dos rapazes da sua terra e parecia ser duas vezes mais alegre.

Sozinha no alto do penhasco, ela percebeu subitamente o calor e o peso da sua roupa de viagem. A água lá embaixo parecia tão fresca; aquele pensamento vergonhoso passou pela sua cabeça sem que pudesse controlá-lo. Como seria mergulhar na água e sair, toda molhada, como a moça, como Georgiana tinha feito?

Mais tarde, muitos anos depois, quando a mãe de Linus, a velha bruxa, estava morrendo, ela confessou seu motivo para escolher Adeline como dama de companhia para Georgiana.

– Eu procurava a moça mais sem graça possível, bastante carola, na esperança de que pudesse passar um pouco disso para a minha filha. Não suspeitei nem por um momento de que o meu pássaro raro fosse

fugir e o ratinho do campo fosse tomar seu lugar. Acho que devo dar-lhe os parabéns. Você venceu no fim, não foi, Lady Mountrachet?

E tinha mesmo vencido. Tinha vencido a origem humilde, com trabalho e determinação. Adeline tinha subido na vida, mais alto do que seus pais jamais teriam imaginado, quando permitiram que ela fosse para aquela aldeia desconhecida na Cornualha.

E tinha continuado a trabalhar com afinco, mesmo depois do seu casamento e da conquista do título de Lady Mountrachet. Reinara com pulso de ferro para que nenhuma lama atirada pudesse atingir sua família e sua imponente mansão. E isso não ia mudar. A filha de Georgiana agora estava lá, isso era um fato consumado. Cabia a Adeline garantir que a vida na Mansão Blackhurst prosseguisse da mesma forma com que antes.

Só precisava livrar-se do medo de que, abrigando Eliza em Blackhurst, Rose saísse perdendo...

Adeline sacudiu os pensamentos sombrios e se concentrou em recuperar o autocontrole. Sempre fora sensível no que se referia a Rose, era nisso que dava ter uma filha de saúde delicada. Ao lado dela, o cão, Askrigg, gemeu. Ele também tinha passado o dia todo inquieto. Adeline acariciou a cabeça do cão.

– Shhh – ela disse. – Vai ficar tudo bem. – Ela passou a mão nas sobrancelhas erguidas do cachorro. – Vou tratar disso.

Não havia nada a temer, pois que ameaça esta intrometida, esta garota esquelética de cabelo crespo e pele pálida, de uma vida de pobreza em Londres, poderia representar para Adeline e sua família? Bastava olhar para Eliza para ver que ela não era Georgiana, graças a Deus. Ora, talvez aqueles pensamentos inquietantes não fossem medo e, sim, alívio. Alívio por ter encarado seu maior temor e ter se livrado dele. Pois, com a chegada de Eliza, vinha o consolo adicional de saber que Georgiana estava morta, que jamais retornaria. E, em seu lugar, uma garota abandonada, sem o poder da mãe de dobrar a vontade das pessoas sem nenhum esforço.

A porta se abriu, fazendo o fogo crepitar.

– O jantar está servido, madame.

Como Adeline desprezava Thomas, desprezava todos eles. Apesar dos sim, madame, não, madame, o jantar está servido, madame, sabia o que eles realmente achavam, o que sempre achariam dela.

– O patrão? – ela perguntou, com o tom mais frio e autoritário possível.

– Lord Mountrachet está vindo do laboratório, madame.

A maldita câmara escura, era claro que ele estava lá. Tinha ouvido a carruagem chegar enquanto aturava o chá com o dr. Matthews. Ela mantivera o ouvido atento ao hall de entrada, esperando ouvir os passos característicos do marido – pesado, leve; pesado, leve –, mas nada. Devia ter adivinhado que ele iria direto para a infernal câmara escura.

Thomas ainda estava olhando para ela, então Adeline não deixou cair a máscara. Preferia sofrer na mão do diabo em pessoa a dar a Thomas a satisfação de perceber a desarmonia marital.

– Vá – disse, com um gesto –, providencie pessoalmente para que aquela lama imunda da Escócia seja retirada das botas do patrão.

Linus já estava sentado quando Adeline chegou à mesa. Já tinha começado a tomar a sopa e não ergueu os olhos quando ela entrou. Estava ocupado demais, estudando as fotografias em preto e branco espalhadas na sua ponta da mesa: musgo e borboletas e tijolos, os troféus de sua recente viagem.

Ao vê-lo, Adeline sentiu uma lufada de ar quente no cérebro. O que os outros diriam se soubessem que a mesa de jantar de Blackhurst abrigava aquele comportamento? Olhou de viés para Thomas e para o laçao, ambos com os olhos voltados para a parede em frente. Mas Adeline não se deixou enganar, sabia que, por trás daquelas expressões vazias, as mentes estavam trabalhando; julgando, anotando, preparando-se para contar aos colegas de outras casas sobre a decadência dos padrões na Mansão Blackhurst.

Adeline sentou-se empertigada em seu lugar, esperou o lacaio colocar o prato de sopa à sua frente. Tomou uma pequena colherada e queimou a língua. Ficou observando Linus, de cabeça baixa, continuar sua inspeção das fotos. O cabelo estava rareando no alto de sua cabeça. Parecia que um pardal tinha estado ali, ajeitando os poucos fios de cabelo para fazer um ninho.

– A menina está aqui? – ele disse, sem erguer os olhos.

Adeline sentiu a pele ficar arrepiada: a maldita menina.

– Está.

– Você a viu?

– É claro. Ela foi acomodada lá em cima.

Finalmente ele levantou a cabeça, tomou um gole de vinho. Depois outro.

– E ela é... Ela é parecida...?

– Não. – Adeline respondeu com frieza. – Não é. – No colo, suas mãos estavam crispadas.

Linus soltou o ar devagar, partiu um pedaço de pão e começou a comê-lo. Falou de boca cheia, com certeza para irritá-la.

– Mansell disse a mesma coisa.

O culpado pela vinda da menina era Henry Mansell. Linus podia ter desejado o retorno de Georgiana, mas Mansell é quem tinha mantido viva a esperança. O detetive, com seu bigode grosso e seu pincenê, tinha recebido dinheiro de Linus e enviava relatórios frequentes para ele. Toda noite, Adeline rezava para que Mansell fracassasse, para que Georgiana continuasse longe, para que Linus desistisse dela.

– Sua viagem correu bem? – Adeline perguntou.

Nenhuma resposta. Ele estava olhando para as fotos de novo.

O orgulho de Adeline evitou que tornasse a olhar para Thomas. Ela pôs no rosto uma máscara de calma e contentamento e tomou outra colher da sopa, que já tinha esfriado um pouco. A rejeição de Linus por Adeline era uma coisa – ele tinha se afastado dela logo depois do casamento –, mas sua recusa completa de Rose era outra. Ela era sua

filha; seu sangue corria nas veias dela, o sangue de sua nobre família. Como conseguia ignorá-la daquele jeito? Adeline não conseguia entender.

– O dr. Matthews esteve aqui hoje, de novo – ela disse. – Outra infecção.

Linus ergueu os olhos, com o costumeiro véu de desinteresse. Comeu mais um pedaço de pão.

– Nada muito sério, felizmente – Adeline disse, incentivada pelo olhar dele. – Nada de muito preocupante.

Linus engoliu o pedaço de pão.

– Vou para a França amanhã – ele disse. – Tem um portão em Notre Dame... – Ele deixou a frase inacabada. A obrigação de manter Adeline informada só ia até aí.

A sobrancelha esquerda de Adeline subiu involuntariamente e ela se apressou em colocá-la de volta no lugar.

– Ótimo – disse, forçando os lábios a sorrir; abafando a imagem, que surgiu repentinamente, de Linus no barquinho, a câmera apontada para uma figura toda vestida de branco.

Tregenna, 1975

Lá estava ela, a rocha preta da história de William Martin. Do alto do penhasco, Nell observou a espuma branca do mar bater nas pedras antes de entrar na caverna e ser sugada de novo pela correnteza. Não era difícil imaginar a enseada como um local de grandes tempestades, navios naufragados e contrabando chegando no meio da noite.

Ao longo do topo do penhasco, uma fileira de árvores bloqueava a visão de Nell da casa de Blackhurst, a casa da sua mãe.

Enfiou ainda mais as mãos nos bolsos do casaco. O vento era forte ali no alto e ela precisou de toda a sua força para manter o equilíbrio. Seu pescoço estava dormente, o rosto ao mesmo tempo quente do atrito e frio por causa do vento. Virou-se para seguir o caminho de volta. A estrada não ia até ali e o atalho era estreito. Nell caminhou com cuidado: seu joelho estava inchado e roxo depois da sua entrada intempestiva. Blackhurst, na véspera. Tinha ido até lá com a intenção de entregar uma carta dizendo que era uma negociante de antiguidades da Austrália, em visita à Inglaterra, e solicitando autorização para visitar a casa. Mas, ali parada diante do portão de ferro, fora tomada por um impulso tão forte, que mal conseguia respirar. Quando se deu conta, já tinha abandonado toda a dignidade e estava escalando o portão, apoiando os pés nas curvas de ferro batido.

Um comportamento ridículo para uma mulher da idade dela, mas foi o que aconteceu. Estar assim tão perto da casa da sua família, do lugar onde tinha nascido, e não poder dar sequer uma olhada era intolerável. Pena que sua agilidade física não tenha correspondido à sua tenacidade. Ela tinha ficado ao mesmo tempo envergonhada e agradecida quando Julia Bennett apareceu. Felizmente a nova proprietária de Blackhurst aceitou as explicações de Nell e a convidou para entrar.

Foi uma sensação muito estranha ver a casa por dentro. Estranha, mas não do jeito como previra. Nell ficou sem fala de tanta expectativa. Entrou no hall, subiu as escadas, olhando para dentro dos cômodos, dizendo a si mesma: sua mãe sentou-se aqui, sua mãe andou por aqui, sua mãe amava este lugar; e esperou que a enormidade disso a atingisse. Que saísse das paredes uma onda que a atingisse com força, fazendo-a reconhecer que estava em casa. Mas isso não aconteceu. Uma expectativa tola, é claro, e nada parecida com Nell. Entretanto, até a pessoa mais pragmática às vezes é vítima de uma coisa dessas. Pelo menos, agora podia dar concretude às lembranças que estava tentando reconstruir; as conversas imaginadas iriam ocorrer em aposentos reais.

Sobre o capim, Nell avistou um galho do tamanho certo. Havia algo de imensamente agradável em caminhar com uma vara; dava uma sensação de determinação à caminhada. Sem mencionar que aliviava o peso no seu joelho machucado. Ela apanhou o galho e continuou a descer cuidadosamente, ladeando o alto muro de pedra. Havia uma placa no portão da frente, logo abaixo daquela que ameaçava os invasores. À *venda*, estava escrito e, em seguida, um número de telefone.

Então este era o chalé que pertencia à propriedade Blackhurst, o que Julia Bennett tinha mencionado na véspera, e que William Martin queria que tivesse sido queimado, que tinha testemunhado coisas muito erradas, quaisquer que fossem elas. Nell debruçou-se no portão. Não parecia haver nada de muito ameaçador ali. O jardim estava maltratado e a noite que se aproximava espalhava-se pelos cantos. Um caminho estreito levava até o chalé e continuava para a direita, depois da porta da frente, atravessando o jardim. Na extremidade do muro, havia uma estátua solitária coberta de musgo. Um menino nu no meio de um canteiro, com os olhos eternamente voltados para o chalé.

Não, não era um canteiro, o menino estava num laguinho.

A correção veio rápida e precisa, surpreendendo Nell de tal modo, que ela segurou com mais força no portão. Como ela sabia?

Então, diante dos seus olhos, o jardim mudou. Arbustos e ervas daninhas, crescendo ali havia décadas, desapareceram. Folhas ergueram-se do chão, revelando caminhos e canteiros de flores e um banco de jardim. O lugar ficou de novo claro e a luz brincou na superfície do lago. E então ela estava em dois lugares ao mesmo tempo: uma mulher de sessenta e cinco anos com o joelho machucado, agarrada a um portão enferrujado, e uma menina, com uma longa trança caída nas costas, sentada na grama, com os pés enfiados no lago...

O peixe tornou a subir à superfície, a barriga dourada brilhando, e a menina riu quando ele abriu a boca para morder seu dedão. Ela amava o lago, queria ter um em casa, mas mamãe tinha medo de que ela caísse e se afogasse. Mamãe tinha medo de tudo, especialmente quando se tratava da menina. Se mamãe soubesse onde ela estava hoje, ficaria muito zangada. Mas mamãe não sabia, estava num dos seus maus dias, deitada no escuro em seu quarto, com um pano úmido na testa.

Um barulho, e a menina ergueu os olhos. A dama e papai tinham saído da casa. Eles ficaram um instante parados e papai disse algo para a dama, algo que a menina não conseguiu ouvir. Ele tocou no braço dela e a dama começou a se aproximar lentamente. Ela olhava para a menina de um jeito estranho, um jeito que a fez se lembrar da estátua do menino que ficava o dia inteiro no lago, sem piscar. A dama sorriu, um sorriso mágico, e a menina tirou os pés de dentro do lago e esperou, esperou, imaginando o que a dama iria dizer...

Uma gralha voou ali perto e o tempo foi restaurado. A vegetação reapareceu, as folhas caíram, e o jardim se tornou, uma vez mais, um lugar úmido e escuro. A estátua do menino voltou a ficar verde pela ação do tempo, como era de esperar.

Nell sentiu uma dor nas articulações. Solto o portão e contemplou a gralha, com suas asas cortando o ar enquanto ela voava na direção da copa das árvores de Blackhurst. A oeste, um bando de nuvens, iluminadas por trás, brilhavam no céu que escurecia.

Nell olhou para o jardim do chalé. A menina tinha desaparecido. Tinha mesmo?

Ao se afastar em direção à aldeia, apoiando a vara no chão, Nell sentiu uma estranha sensação de dualidade, que não era de todo desagradável.

Mansão Blackhurst, 1900

Na manhã seguinte, enquanto uma fraca luz invernal batia nas vidraças das janelas do quarto, Rose alisou as pontas do seu longo cabelo castanho. A sra. Hopkins o escovara até deixá-lo brilhando, do jeito como Rose gostava, e ele caía impecável sobre a renda do seu vestido mais bonito, o que mamãe tinha mandado vir de Paris. Rose estava se sentindo cansada e um pouco irritada, mas já estava acostumada com isso. Meninas de saúde frágil não podiam estar contentes o tempo todo, e Rose não tinha a menor intenção de fingir o que não era. Honestamente falando, gostava de ter as pessoas pisando em ovos ao seu redor: ela ficava um pouco menos infeliz quando os outros se sentiam igualmente reprimidos. Além disso, Rose tinha bons motivos para estar se sentindo cansada. Passara a noite inteira em claro, virando de um lado para o outro como a princesa com a ervilha, só que não tinha sido um caroço no colchão que a tinha mantido acordada, mas a surpreendente revelação de mamãe.

Depois que mamãe saiu do quarto, Rose ficou refletindo sobre a natureza precisa da mancha no nome de sua família, sobre o tipo de tragédia que ocorrera depois da fuga de tia Georgiana. Pensara durante a noite inteira na tia malvada, e os pensamentos não tinham desaparecido com o raiar do dia. Durante o café da manhã, e mais tarde, quando a sra. Hopkins a vestiu, e, mesmo agora enquanto aguardava no quarto de brinquedos, aquilo não lhe saía da cabeça. Observava o fogo brincar nos tijolos da lareira, imaginando se aquelas sombras alaranjadas se pareciam com a porta do inferno pela qual sua tia devia ter passado, quando, de repente – passos no corredor!

Rose deu um salto na cadeira, alisou a manta de lã que cobria seus joelhos e estampou no rosto a expressão de plácida perfeição que aprendera com mamãe. Apreciou o arrepio de excitação que lhe

percorreu a espinha. Ah, que tarefa importante aquela! Ter uma protegida. Uma órfã para transformar à sua imagem e semelhança. Rose nunca tivera uma amiga antes, tampouco tinham permitido que ela tivesse um bichinho de estimação (mamãe tinha muito medo de raiva). E, apesar das palavras de alerta de mamãe, ela nutria muitas esperanças em relação a essa prima. Ela ia ser transformada numa dama, ia se tornar uma companhia para Rose, alguém para enxugar a sua testa quando estivesse doente, para segurar sua mão quando estivesse triste, para escovar seu cabelo quando estivesse aborrecida. E ela ia ficar tão grata às orientações de Rose, tão feliz de conhecer o comportamento de uma dama, que faria exatamente o que Rose mandasse. Ia ser a amiga perfeita – que nunca discutia, nunca se comportava de forma cansativa, nunca externava uma opinião desagradável.

A porta se abriu, o fogo crepitou zangadamente por ter sido perturbado, e mamãe entrou no quarto, suas saias azuis sussurrando. Havia uma agitação em suas maneiras que despertou o interesse de Rose, alguma coisa em seu rosto que sugeria que a dificuldade do projeto era maior do que ela havia revelado.

– Bom-dia, Rose – ela disse secamente.

– Bom-dia, mamãe.

– Permita-me apresentar-lhe sua prima – uma breve pausa. – Eliza.

E então, de trás da saia de mamãe, saiu a garota esquelética que Rose tinha visto da janela na véspera.

Involuntariamente Rose recuou um pouco para dentro da cadeira. Olhou a menina de alto a baixo, observando o cabelo curto, a roupa horrorosa (calças!), os joelhos ossudos e as botas velhas. A prima não disse nada, ficou parada, olhando para ela com os olhos arregalados, de um jeito que Rose achou extremamente rude. Mamãe tinha razão. Esta menina (não conseguia pensar nela como sua prima!) não tinha a menor educação, nem um pinga de modos.

Rose recuperou a compostura.

– Muito prazer – seu tom de voz estava um pouco fraco, mas um aceno de mamãe a fez ver que se comportara bem. Ela esperou um cumprimento que não veio. Rose olhou para mamãe, que fez sinal para que prosseguisse assim mesmo. – Diga-me, prima Eliza – ela tornou a tentar –, você está gostando da estada conosco?

Eliza fitou-a como se ela fosse um animal estranho, curioso, no zoológico de Londres, depois assentiu.

Passos soaram no corredor e Rose teve uma breve trégua no desafio de dar continuidade à conversa com aquela prima estranha e calada.

– Sinto muito interrompê-la, minha senhora – a sra. Hopkins disse da porta –, mas o dr. Matthews está lá embaixo. Ele diz que trouxe o novo medicamento que a senhora estava aguardando.

– Diga a ele para deixar com a senhora. Estou ocupada com outra coisa.

– É claro, minha senhora, e eu sugeri isso ao dr. Matthews, mas ele insistiu em entregá-lo pessoalmente à senhora.

As pestanas de mamãe tremeram tão ligeiramente, que só alguém que se dedicasse a observar seus humores teria notado.

– Obrigada, sra. Hopkins – ela disse. – Diga ao dr. Matthews que já vou descer.

Enquanto os passos da sra. Hopkins desapareciam no corredor, mamãe virou-se para a prima e disse, numa voz clara e autoritária:

– Sente-se no tapete e ouça cuidadosamente as instruções de Rose. Não se mexa. Não fale. Não toque em nada.

– Mas, mamãe... – Rose não esperava ser deixada sozinha tão cedo.

– Você pode começar suas lições ensinando sua prima a se vestir adequadamente.

– Sim, mamãe.

Então, as saias rodadas desapareceram, a porta foi fechada e o fogo parou de crepitar. Rose olhou para a prima. Elas estavam a sós e o trabalho ia começar.

– Largue isso. Largue isso imediatamente. – As coisas não estavam correndo como Rose imaginara. A menina não prestava atenção, não obedecia, nem ligou quando Rose a ameaçou com a ira de mamãe. Já fazia cinco minutos que Eliza andava pelo quarto de brinquedos, pegando coisas, examinando-as, tornando a largá-las. Sem dúvida, deixando impressões digitais em toda parte. Neste momento, ela estava sacudindo o caleidoscópio que alguma tia-avó tinha mandado de aniversário para Rose algum dia. – Isso é precioso – Rose disse, aborrecida. – Eu insisto em que largue isso. Você não está fazendo certo.

Tarde demais, Rose percebeu que tinha dito a coisa errada. Agora a prima estava se aproximando dela, com o caleidoscópio na mão. Chegou tão perto, que Rose pôde notar a sujeira sob suas unhas, a temida sujeira que mamãe dissera que a deixaria doente.

Rose ficou horrorizada. Encolheu-se na cadeira, com a cabeça girando.

– Não – conseguiu dizer. – Saia daqui.

Eliza parou no braço da poltrona, dando a impressão de que ia sentar-se ali sobre o veludo.

– Saia daqui, eu já disse! – Rose balançou a mão branca e frágil. Será que ela não entendia inglês? – Você não pode se sentar perto de mim.

– Por que não?

Então ia ter que explicar com palavras.

– Você esteve lá fora. Você não está limpa. Posso pegar alguma coisa – Rose deixou o corpo cair nas almofadas. – Eu estou completamente tonta e a culpa é sua.

– A culpa não é minha – retrucou Eliza, sem nenhum sinal de arrependimento. – Eu também estou tonta. É porque este quarto está quente como uma fornalha.

Ela também estava tonta? Rose ficou sem fala. Tonteira era uma arma só dela. E o que a prima estava fazendo agora? Estava em pé de novo, indo na direção da janela do quarto. Rose ficou olhando, os olhos arregalados de medo. Com certeza, ela não pretendia...

– Vou abrir isto aqui – Eliza soltou o primeiro ferrolho. – E aí nós vamos nos sentir bem.

– Não – Rose sentiu o terror crescer dentro dela. – Não!

– Você vai se sentir muito melhor.

– Mas é inverno. Está escuro e nublado lá fora. Eu posso pegar um resfriado!

Eliza sacudiu os ombros.

– Você pode não pegar.

Rose ficou tão chocada com a ousadia da menina, que a indignação superou o medo. Ela adotou a voz de mamãe.

– Eu exijo que você pare.

Eliza franziu o nariz, parecendo estar digerindo a ordem. Enquanto Rose prendia a respiração, Eliza largou o ferrolho da janela. Ela tornou a sacudir os ombros, mas o gesto pareceu menos impertinente desta vez. Enquanto ela voltava para o centro do quarto, Rose ficou satisfeita em perceber um certo desânimo na postura de Eliza. Finalmente a menina parou no meio do tapete e apontou para o cilindro no colo de Rose.

– Você pode me mostrar como isso funciona? O telescópio? Eu não consegui enxergar nada através dele.

Rose suspirou, cansada, aliviada e cada vez mais confusa com aquela estranha criatura. Com efeito, tornar a mencionar aquele brinquedo bobo, assim sem mais nem menos! Mas a prima tinha sido obediente e, sem dúvida, merecia um pequeno incentivo...

– Em primeiro lugar – disse –, não se trata de um telescópio. Isto é um *caleidoscópio*. Você não enxerga através dele. Você olha para dentro e o desenho muda – Ela ergueu o brinquedo e executou a ação antes de colocá-lo no chão e empurrá-lo para junto da prima.

Eliza pegou o brinquedo e o encostou no olho, girando a ponta. À medida que os pedacinhos de vidro colorido se moviam, ela foi abrindo um sorriso que terminou em risadas alegres.

Rose piscou os olhos, surpresa. Ela não estava acostumada a ouvir risadas, só dos empregados, ocasionalmente, quando eles achavam que

ela não estava por perto. O som era bonito. Um som alegre, ligeiro, feminino, que não combinava com a aparência da prima.

– Por que você usa essas roupas? – perguntou Rose.

Eliza continuou a olhar para dentro do caleidoscópio.

– Porque elas são minhas – respondeu finalmente. – Elas me pertencem.

– Elas parecem pertencer a um menino.

– Um dia, elas pertenceram. Agora são minhas.

Isto foi uma surpresa. As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas.

– Que menino?

Ela não respondeu, continuou girando o telescópio.

– Eu disse: que menino? – Um pouco mais alto dessa vez.

Vagarosamente Eliza baixou o brinquedo.

– É falta de educação ignorar as pessoas, sabe?

– Eu não estou ignorando você – Eliza protestou.

– Então por que não responde?

Ela tornou a sacudir os ombros.

– É grosseria sacudir os ombros desse jeito. Quando alguém faz uma pergunta, você deve responder. Agora me diga: por que você estava ignorando a minha pergunta?

Eliza olhou para Rose, que percebeu uma mudança no rosto da prima. Os olhos dela pareciam brilhar com uma luz nova.

– Eu não disse nada porque não queria que *ela* soubesse onde eu estava.

– Ela quem?

Cautelosa e vagarosamente, Eliza chegou um pouco mais perto.

– A outra prima.

– Que outra prima? – Realmente a menina não dizia coisa com coisa. Rose estava começando a achar que ela era imbecil. – Não sei do que você está falando. Não tem nenhuma outra prima.

– Ela é um segredo. Eles a mantêm trancada lá em cima.

– Você está inventando isso. Por que alguém a manteria em segredo?

– Eles me mantiveram em segredo, não foi?

– Mas não a deixaram trancada lá em cima.

– Isso porque eu não era perigosa – Eliza foi na ponta dos pés até a porta do quarto, abriu-a só um pouquinho e espiou para fora. Soltou uma exclamação de susto.

– O que foi? – perguntou Rose.

– Shh! – Eliza pôs um dedo na frente dos lábios. – Não podemos deixar que ela saiba que estamos aqui.

– Por quê? – Rose perguntou, de olhos arregalados.

Eliza voltou na ponta dos pés para perto da cadeira de Rose. A luz que tremulava na lareira lançou um brilho fantasmagórico em seu rosto.

– Nossa outra prima – ela disse – é insana.

– Louca?

– Completamente. – Eliza baixou a voz e Rose teve que chegar perto para ouvir. – Ela está trancada no sótão desde pequena, mas alguém a deixou sair.

– Quem?

– Um dos fantasmas. O fantasma de uma velha, uma velha muito gorda.

– Vovó – murmurou Rose.

– Shh! – disse Eliza. – Ouça! Passos!

Rose sentiu seu coração pulando como um sapo dentro do peito.

Eliza pulou no braço da poltrona de Rose.

– Ela está vindo para cá!

A porta se abriu e Rose gritou. Eliza riu e mamãe levou um susto.

– O que você está fazendo aí, menina má? – Ela disse furiosa, olhando de Eliza para Rose. – Jovens damas não sobem nos móveis. Eu disse para você não se mexer. – Ela estava ofegante. – Você se machucou, minha Rose?

Rose sacudiu a cabeça.

– Não, mamãe.

Por um instante, mamãe pareceu perdida; Rose chegou a temer que ela fosse chorar. Então ela agarrou Eliza pelo braço e marchou com ela para fora do quarto.

– Garota má! Vai ficar sem jantar esta noite! – Sua voz tinha um tom de aço. – E vai ficar sem jantar amanhã também. Vai ficar sem jantar até aprender a obedecer. Eu sou a dona desta casa e você vai me obedecer...

A porta se fechou e Rose ficou sozinha de novo. Refletia sobre o que tinha acontecido. O medo que sentiu ao ouvir a história de Eliza, um medo curiosamente agradável que tinha subido por sua espinha, o espectro terrível e maravilhoso da outra prima louca. Mas o que mais intrigou Rose foi a brecha na compostura de mamãe. Pois, naquele momento, as fronteiras estáveis do mundo de Rose pareceram mudar.

Nada era mais como antes. E esse conhecimento fez o coração de Rose bater com força, com uma alegria inesperada, inexplicável.

O Hotel Blackhurst, 2005

As cores eram diferentes aqui. Cassandra nunca tinha percebido o quanto era forte a luz na Austrália até ver a luminosidade suave da Cornualha. Imaginou como a reproduziria em aquarelas, surpreendendo-se por ter pensado nisso. Deu uma dentada na torrada amanteigada e mastigou-a pensativamente, contemplando a fileira de árvores que ficava na beirada do penhasco. Fechando um dos olhos, ela levantou o dedo indicador para acompanhar o traçado das copas.

Um sombra caiu sobre a mesa e ela ouviu uma voz atrás dela.

– Cassandra? Cassandra Ryan? – Uma mulher de uns sessenta anos estava parada perto da mesa, com os cabelos louro-prateados bem-arrumados, maquiagem pesada nos olhos. – Eu sou Julia Bennett, sou a proprietária do Hotel Blackhurst.

Cassandra limpou um dedo sujo de manteiga no guardanapo e trocou um aperto de mãos com ela.

– Prazer em conhecê-la.

Julia mostrou a cadeira vazia.

– Posso...?

– É claro, por favor.

Julia sentou-se e Cassandra esperou, sem saber o que dizer, imaginando se isto fazia parte do serviço personalizado anunciado no folder.

– Espero que esteja gostando da sua estada conosco.

– É um belo lugar.

Julia olhou para ela e sorriu, mostrando covinhas dos dois lados do rosto.

– Sabe, você se parece com sua avó. Mas aposto que ouve isto o tempo todo.

Por trás do seu sorriso educado, Cassandra estava louca para fazer um monte de perguntas. Como esta estranha sabia quem ela era? Como conheceu Nell? Como foi capaz de ligar as duas?

Julia riu e se inclinou para a frente, conspiratoriamente.

– Um passarinho me contou que a moça australiana que tinha herdado o chalé estava na cidade. Tregenna é um lugar pequeno, você espirra no penhasco de Sharpstone e as pessoas que estão na enseada ficam sabendo.

Cassandra compreendeu quem era o passarinho mencionado.

– Robyn Jameson.

– Ela esteve aqui ontem, tentando me fisgar para o comitê do festival – disse Julia. – Não pôde deixar de contar as novidades. Eu somei dois mais dois e liguei você à dama que veio me visitar trinta anos atrás, que salvou minha pele ao tirar o chalé das minhas mãos. Sempre imaginei quando sua avó iria voltar, fiquei alguns anos de olho nela. Eu gostava dela. Era uma pessoa direta, não era?

A descrição era tão acurada, que Cassandra não pôde deixar de imaginar o que Nell tinha dito ou feito para merecê-la.

– Sabe, a primeira vez em que vi Nell, ela estava pendurada num arbusto perto do portão.

– É mesmo? – Cassandra arregalou os olhos.

– Tinha escalado o muro e estava com dificuldade de descer do outro lado. Por sorte, eu tinha acabado de ter uma discussão com o meu marido Richard, a centésima do dia, e estava andando pelo jardim, para me acalmar. Nem gosto de pensar no tempo que ela teria ficado pendurada ali se não fosse isso.

– Ela estava tentando ver a casa?

Julia assentiu.

– Ela disse que era uma negociante de antiguidades interessada no período vitoriano e perguntou se podia dar uma espiada na casa.

Cassandra sentiu uma onda de afeição por Nell ao imaginá-la escalando muros e dizendo meias-verdades, recusando-se a receber um não como resposta.

– Eu disse que ela era bem-vinda, depois que descesse da árvore! – Julia riu. – A casa estava muito estragada, fazia décadas que estava abandonada, e Rick e eu tínhamos derrubado tanta coisa, que parecia bem pior do que antes, mas ela não pareceu se importar. Percorreu o interior, parando em todos os cômodos. Era como se ela estivesse tentando guardá-los na memória.

Ou recuperar a memória deles. Cassandra imaginou até onde Nell contara a Julia o motivo do seu interesse.

– Você mostrou o chalé a ela, também?

– Não, mas tenho certeza de que o mencionei. Então eu cruzei os dedos e tudo o mais que podia cruzar – Ela riu. – Nós estávamos desesperados para achar um comprador! Estávamos quase na falência. O chalé já estava à venda havia algum tempo. Quase o vendemos duas vezes para londrinos em busca de uma casa de férias, mas acabou não dando certo. Um azar danado. Baixamos o preço, mas ninguém daqui o aceitaria nem de graça. Uma vista espetacular e ninguém interessado por causa de uns boatos idiotas.

– Robyn me contou.

– Até onde posso ver, tem alguma coisa errada com a sua casa na Cornualha, se ela não for assombrada – Julia disse, brincando. – Nós temos nosso próprio fantasma no hotel. Mas você já sabe disso, ouvi dizer que você o viu na noite passada.

O espanto de Cassandra deve ter se espelhado em seu rosto, porque Julia continuou:

– Samantha, a recepcionista, me contou que você ouviu alguém enfiar uma chave na sua porta.

– Ah – Cassandra disse –, sim. Achei que era um outro hóspede, mas deve ter sido o vento. Eu não tive a intenção de causar...

– Foi ela mesma, a nossa fantasma – Julia riu ao ver a expressão de perplexidade de Cassandra. – Ora, não se assuste, ela não vai lhe fazer nenhum mal. Ela não é um fantasma desagradável. Eu não manteria aqui um fantasma desagradável.

Cassandra teve a impressão de que Julia estava fazendo graça com ela. Mas tinha ouvido mais conversas de fantasmas na Cornualha do que quando tinha doze anos e foi à sua primeira festa do pijama.

– Acho que toda casa velha tem que ter um fantasma – ela disse.

– Exatamente – disse Julia. – As pessoas esperam isto. Eu teria que ter inventado um se ele já não estivesse aqui. Um hotel histórico como este... Ora, um fantasma é tão importante para os hóspedes quanto toalhas limpas. – Ela chegou mais para perto. – O nosso tem até nome. Rose Mountrachet: ela e sua família moravam aqui, no início do século XX. Bem antes disso, se você considerar que a família teve origem cem anos antes. O retrato dela está pendurado ao lado da estante do salão, uma jovem de pele clara e cabelo escuro. Você já o viu?

Cassandra sacudiu negativamente a cabeça.

– Ah, você precisa vê-lo – disse Julia. – Foi pintado por John Singer Sargent, poucos anos depois de ele ter pintado as irmãs Wyndham.

– É mesmo? – Cassandra ficou arrepiada. – Um legítimo John Singer Sargent?

Julia riu.

– Incrível, não é? Mais um dos segredos da casa. Eu só percebi o valor dele há poucos anos. Um cara da Christie's esteve aqui para ver outro quadro e o descobriu. Ele é o meu trunfo, mas não teria coragem de me desfazer dele. Nossa Rose era tão linda e teve uma vida tão trágica! Uma criança frágil que recuperou a saúde e foi morrer aos vinte e quatro anos num trágico acidente. – Ela suspirou romanticamente. – Já terminou o café? Venha comigo que eu lhe mostro o quadro.

Rose Mountrachet aos dezoito anos era mesmo bonita: pele branca, cabelos escuros puxados para trás numa trança frouxa, e os seios fartos tão na moda naquela época. Sargent era famoso por sua habilidade em perceber e capturar a personalidade dos seus modelos, e o olhar de Rose era emotivo. Lábios vermelhos em repouso, mas olhos que permaneciam vigilantes, fixos no artista. Uma expressão séria que

combinava com o que Cassandra imaginava de uma menina que passara a infância inteira aprisionada pela saúde frágil.

Ela se aproximou mais. A composição do quadro era interessante. Rose estava sentada num sofá, com um livro no colo. O sofá formava um ângulo com a moldura, de modo que Rose estava em primeiro plano, à direita, e, atrás dela, havia uma parede forrada de verde, sem mais detalhes. O modo como a parede foi pintada dava a impressão de que era clara e aveludada, mais impressionista do que o realismo pelo qual Sargent ficou conhecido. Sargent usou esta técnica algumas vezes, mas este quadro parecia mais leve do que seus outros trabalhos, menos detalhista.

– Ela era uma beleza, não era? – disse Julia, se aproximando, toda prosa.

Cassandra assentiu distraidamente. A data no quadro era 1907, pouco antes de ele parar de pintar retratos. Talvez já estivesse ficando cansado de pintar os rostos dos ricos na época.

– Estou vendo que ela já enfeitiçou você. Agora você sabe por que eu quis tê-la como o nosso fantasma. – Ela riu, depois notou que Cassandra não estava rindo. – Você está bem? Parece um tanto abalada. Quer um copo d’água?

Cassandra sacudiu a cabeça.

– Não, não, eu estou bem, obrigada. É só o quadro... – Ela apertou os lábios e disse – Rose Mountrachet era minha bisavó.

Julia ergueu as sobrancelhas.

– Eu só descobri isso recentemente – Cassandra sorriu para Julia, sem jeito. Apesar de ser verdade, ela se sentia como uma atriz de novela, de novela de segunda classe. – Sinto muito. Esta é a primeira vez que eu vejo um retrato dela. É tudo muito recente.

– Puxa, sinto que seja eu que tenha que lhe dizer isto, mas você deve estar enganada. Rose não pode ser sua bisavó. Ela não pode ser bisavó de ninguém. Sua filha única morreu quando era praticamente um bebê.

– De escarlatina.

– Pobrezinha, só tinha quatro anos – Ela olhou para Cassandra. – Se você sabe sobre a esscarlatina, deve saber que a filha de Rose morreu.

– Eu sei que as pessoas acham isso, mas também sei o que aconteceu de verdade. Não foi isso.

– Eu vi a lápide no cemitério – disse Julia. – Alguns versos de um poema, tão tristes. Posso mostrar-lhe, se você quiser.

Cassandra sentiu o rosto ardendo, como ocorria sempre que surgia algum desentendimento.

– Pode haver uma lápide, mas não tem nenhuma menina enterrada ali. Não Ivory Walker, pelo menos.

A expressão de Julia vacilou entre interesse e preocupação.

– Continue.

– Quando minha avó tinha vinte e um anos, ela descobriu que os pais dela não eram seus pais verdadeiros.

– Ela foi adotada?

– Mais ou menos. Foi encontrada no cais, na Austrália, quando tinha quatro anos, apenas com uma mala. Só quando tinha sessenta e cinco anos, o pai dela finalmente entregou-lhe a mala e ela pôde começar a buscar informações sobre o seu passado. Veio para a Inglaterra, fez pesquisas, falou com pessoas e escreveu um diário durante todo esse tempo.

Julia sorriu.

– E esse diário está com você.

– Exatamente. Foi como eu soube que ela descobriu que a filha de Rose não tinha morrido, tinha sido raptada.

Os olhos azuis de Julia examinaram o rosto de Cassandra. Seu rosto ficou vermelho.

– Mas se foi isso, por que não houve uma busca? Uma notícia dessas não sairia nos jornais? Como quando raptaram o garoto Lindbergh?

– Não se a família manteve segredo.

– Por que fariam isso? Eles iam querer que todo mundo soubesse.

Cassandra estava sacudindo a cabeça.

– Não se quisessem evitar um escândalo. A mulher que levou a criança era sobrinha de Lord e Lady Mountrachet, prima de Rose.

Julia levou um susto.

– *Eliza* levou a filha de Rose?

Foi a vez de Cassandra ficar surpresa.

– Você sabe sobre Eliza?

– É claro, ela é muito famosa por aqui. – Julia engoliu em seco. – Deixe-me entender isso direito. Você acha que Eliza levou a filha de Rose para a Austrália?

– Ela a colocou num navio para a Austrália, mas não embarcou nele. Eliza desapareceu em algum lugar entre Londres e Maryborough. Quando o meu bisavô encontrou Nell, ela estava sozinha no cais. Foi por isso que ele a levou para casa, não podia deixar uma criança daquela idade sozinha.

Julia estava estalando a língua.

– Pensar numa garotinha abandonada desse jeito. Sua pobre avó, que coisa horrível não saber a própria origem. Isto, com certeza, explica a ansiedade dela em visitar esta casa.

– Foi por isso que Nell comprou o chalé – disse Cassandra. – Quando descobriu quem era, quis possuir um pedaço do seu passado.

– É claro – Julia ergueu as mãos e tornou a baixá-las. – Essa parte faz muito sentido, eu só não sei quanto ao resto.

– Como assim?

– Bem, mesmo se o que você está dizendo for verdade, se a filha de Rose sobreviveu, foi raptada, acabou indo parar na Austrália, eu não posso acreditar que Eliza tenha tido alguma coisa a ver com isso. Rose e Eliza eram muito chegadas. Mais como irmãs do que primas, elas eram muito amigas – Ela fez uma pausa, pareceu refletir mais uma vez sobre o problema, depois soltou o ar, com um jeito decidido. – Não, não posso acreditar que Eliza fosse capaz de tal traição.

A fé de Julia na inocência de Eliza não parecia a de uma observadora neutra discutindo uma hipótese histórica.

– O que a faz tão certa disso?

Julia indicou um par de cadeiras de vime sob a janela.

– Vamos nos sentar ali. Vou pedir a Samantha que nos traga um chá.

Cassandra consultou o relógio. A hora do seu encontro com o jardineiro estava se aproximando, mas estava curiosa a respeito daquela certeza de Julia, do modo como ela falava de Eliza e Rose, como se estivesse se referindo a duas amigas queridas. Sentou-se na cadeira indicada enquanto Julia fazia sinal a Samantha para trazer o chá.

Quando Samantha saiu, Julia continuou:

– Quando compramos Blackhurst, a casa estava um horror. Sempre sonhamos em ter um estabelecimento como este, mas a realidade era um pesadelo. Você não faz ideia da quantidade de problemas que pode haver numa casa deste tamanho. Levamos três anos para torná-la habitável. Trabalhamos muito, nosso casamento quase acabou no decorrer do processo. Nada pior do que infiltrações e buracos no telhado para separar um casal.

Cassandra sorriu.

– Posso imaginar.

– É realmente triste. A casa foi habitada e amada por uma mesma família durante tanto tempo, mas, no século XX, especialmente depois da Primeira Guerra, ela foi totalmente abandonada. Cômodos foram lacrados, lareiras desativadas, sem falar no estrago feito pelo exército quando esteve aqui nos anos 40.

“Enterramos todo o nosso dinheiro na casa. Eu era uma escritora na época, escrevi uma série de romances nos anos 60. Não fui nenhuma Jackie Collins, mas me dei bem. Meu marido era do setor bancário e acreditávamos que tínhamos o suficiente para reformar a casa e iniciar o negócio. – Ela riu. – Calculamos muito mal. No terceiro Natal, estávamos quase sem dinheiro e nosso casamento estava por um fio. Já tínhamos vendido parte da propriedade e, na véspera do Natal de 1974, estávamos prontos para jogar a toalha e voltar para Londres com o rabo entre as pernas.”

Samantha chegou com uma bandeja cheia de coisas, colocou-a sobre a mesa e ficou ali parada, hesitante, sem saber se servia o chá.

– Pode deixar que eu sirvo, Sam – Julia disse, rindo. – Eu não sou a Rainha. Pelo menos ainda não. – Ela piscou o olho para Cassandra. – Açúcar?

– Sim, por favor.

Julia entregou uma xícara de chá a Cassandra, deu um gole no dela, depois continuou sua história.

– Estava fazendo um frio terrível naquela véspera de Natal. Uma tempestade tinha chegado do mar e devastava a costa. Estávamos sem luz, nosso peru estava se estragando numa geladeira quente e não sabíamos onde tínhamos guardado o pacote de velas. Estávamos procurando num dos quartos do andar de cima, quando um relâmpago iluminou o quarto e nós dois notamos a parede – Ela fez uma pausa para dar mais suspense à narrativa. – Na parede, havia um buraco.

– Como um buraco de rato?

– Não, um buraco quadrado.

Cassandra franziu a testa.

– Uma pequena cavidade na pedra – disse Julia. – O tipo de coisa com que eu sonhava quando era criança, sempre que meu irmão achava o meu diário. Estava oculta atrás de uma tapeçaria que o pintor tinha retirado naquela semana. – Ela tomou um bom gole de chá antes de prosseguir. – Sei que parece bobagem, mas achar aquele esconderijo foi como achar um amuleto. Era quase como se a casa estivesse dizendo: “Tudo bem, vocês já estão martelando por aqui há muito tempo. Vocês provaram que suas intenções são verdadeiras, então podem ficar.” E fique sabendo, daquela noite em diante, as coisas começaram a melhorar. Começaram a dar certo. Sua avó apareceu, quis comprar o chalé do penhasco, um cara chamado Bobby Blake começou a consertar o jardim e duas companhias de ônibus começaram a trazer turistas para tomar chá.

Ela sorria enquanto recordava, e Cassandra quase se arrependeu de interrompê-la.

– Mas o que foi que você achou? O que havia dentro do esconderijo?

Julia olhou espantada para ela.

– Era algo que pertencia a Rose?

– Sim – respondeu Julia, com um sorriso animado. – Era sim. Era uma coleção de álbuns de recortes amarrados com uma fita. Um para cada ano, de 1900 a 1913.

– Álbuns de recortes?

– Muitas moças costumavam colecioná-los antigamente. Era um hobby aprovado e incentivado pelos mais velhos, um dos poucos! Uma forma de autoexpressão em que uma jovem podia permitir-se certas liberdades sem perder a alma para o demônio. – Ela sorriu. – Ah, os álbuns de Rose não são diferentes do que os que você poderia encontrar em museus ou sótãos por todo o país, estão cheios de pedaços de pano, desenhos, fotos, convites, pequenas histórias; mas, quando os encontrei, eu me identifiquei tanto com esta moça de quase um século antes, com seus sonhos e suas esperanças e suas decepções, que, desde então, tenho um carinho especial por ela. Penso nela como um anjo que vela por nós.

– Os álbuns ainda estão aqui?

Ela assentiu, com um ar meio culpado.

– Eu sei que devia tê-los doado para um museu ou um desses centros históricos locais, mas sou um tanto supersticiosa e não consegui me separar deles. Coloquei-os expostos por algum tempo no salão, numa das vitrines de vidro, mas toda vez que olhava para eles eu sentia uma certa vergonha, como se tivesse tornado público algo muito particular. Agora estão guardados numa caixa no meu quarto, por falta de um lugar melhor.

– Eu adoraria vê-los.

– É claro que sim, meu bem. E você vai vê-los. – Julia sorriu radiante para Cassandra. – Estou esperando um grupo daqui a meia hora e Robyn tomou conta do resto da minha semana com os preparativos para o festival. Podemos marcar para a hora do jantar,

sexta-feira à noite, no meu apartamento? Rick vai estar em Londres, então vamos ter uma noite só de mulheres. Vamos poder nos debruçar sobre os álbuns de Rose e derramar lágrimas abundantes. O que lhe parece?

– Ótimo – respondeu Cassandra, sem muita segurança. Era a primeira vez que a convidavam para chorar.

Mansão Blackhurst, 1907

Tomando cuidado para não alterar sua posição no sofá e despertar a ira do artista, Rose baixou os olhos para ver a página mais recente do seu álbum de recortes. Trabalhara nele a semana toda, sempre que o sr. Sargent permitia que ela tivesse um descanso. Havia um retalho do cetim rosa claro com que tinha sido feito o seu vestido de aniversário, uma fita do seu cabelo e, embaixo, com sua letra mais caprichada, ela havia escrito alguns versos de um poema de Lord Tennyson: *Mas quem a viu acenar? Ou a viu parada na janela? Ou ela é conhecida em toda parte, a Dama de Shalott?*

Como Rose se identificava com a Dama de Shalott! Condenada a passar a eternidade em seus aposentos, sempre obrigada a vivenciar o mundo como observadora. Pois ela, Rose, não tinha passado a maior parte da vida igualmente recolhida?

Mas agora não. Rose tinha tomado uma decisão: não seria mais tolhida pelos prognósticos mórbidos do dr. Matthews, pela preocupação doentia de mamãe. Embora ainda tivesse uma saúde delicada, Rose aprendera que fragilidade provocava mais fragilidade, que nada causava mais vertigens do que dia após dia de confinamento. Ela ia abrir as janelas quando sentisse calor – talvez apanhasse um resfriado, mas talvez não. Ia viver com a expectativa de se casar, de ter filhos, de envelhecer. E finalmente, no seu décimo oitavo aniversário, Rose ia contemplar Camelot. Melhor do que isso: caminharia em Camelot. Pois, após anos de súplicas, mamãe finalmente consentira: hoje, pela primeira vez, Rose ia acompanhar Eliza até a enseada de Blackhurst.

Desde que Eliza chegara, sete anos antes, ela sempre contava histórias da enseada. Quando Rose estava deitada em seu quarto escuro e quente, respirando o ar viciado de sua última doença, Eliza

entrava pela porta e Rose quase podia sentir o mar em sua pele. Deitava-se ao lado de Rose e colocava uma concha, ou um molusco ou uma lasquinha de pedra em sua mão e começava a história. E, em sua imaginação, Rose enxergava o mar azul, sentia a brisa morna nos cabelos, a areia quente sob os pés.

Algumas histórias Eliza inventava, outras ela ouvia em algum lugar. Mary, a empregada, tinha irmãos que eram pescadores, e Rose suspeitava de que ela gostasse de conversar quando devia estar trabalhando. Não com Rose, é claro, mas Eliza era diferente. Todas as criadas tratavam Eliza de um modo diferente. Totalmente impróprio, quase como se pensassem que eram amigas dela.

Ultimamente Rose tinha começado a desconfiar de que Eliza estava se aventurando do lado de fora da propriedade, que tinha até conversado com alguns aldeões, pois suas histórias tinham adquirido uma nova feição. Estavam cheias de detalhes sobre barcos e navegação, sereias e tesouros, aventuras no mar, contadas numa linguagem fantasiosa que Rose secretamente saboreava; e a narradora tinha uma nova luz em seus olhos, como se tivesse experimentado as coisas proibidas de que falava.

Uma coisa era certa: mamãe ficaria furiosa se soubesse que Eliza tinha estado na aldeia, misturada com gente comum. Ficava irritada com o fato de Eliza conversar com os criados – só por isso Rose conseguia tolerar a amizade de Eliza com Mary. Se mamãe perguntasse a Eliza aonde tinha ido, com certeza Eliza não mentiria, embora Rose não soubesse o que mamãe seria capaz de fazer. Apesar de tentar durante todos aqueles anos, mamãe não conseguira encontrar um castigo que detivesse Eliza.

A ameaça de ser considerada sem modos não significava nada para Eliza. Ser mandada para o armário debaixo da escada só lhe dava tempo para inventar novas histórias. Negar-lhe vestidos novos – o que era um verdadeiro castigo para Rose – era totalmente inócuo: Eliza ficava mais do que satisfeita em usar os vestidos velhos de Rose.

Quando se tratava de castigos, ela era como a heroína de suas próprias histórias, protegida por um encanto.

Ver as tentativas malsucedidas de mamãe para disciplinar Eliza provocava um prazer ilícito em Rose. Cada tentativa era recebida com um olhar indiferente, um encolher de ombros e um: “Sim, tia.” Como se Eliza não tivesse mesmo imaginado que o seu comportamento pudesse ser ofensivo. O encolher de ombros, em especial, deixava mamãe furiosa. Já fazia muito tempo que ela havia liberado Rose de transformar Eliza numa dama, satisfazendo-se com o fato de Rose ter convencido Eliza a se vestir adequadamente. (Rose tinha aceitado o elogio de mamãe e silenciado a voz que murmurava que Eliza só tinha largado as calças quando elas não serviram mais nela.) Havia algo quebrado dentro de Eliza, mamãe dizia, como um pedaço de espelho num telescópio que o impedia de funcionar direito. Que a impedia de sentir vergonha.

Como se estivesse lendo os pensamentos de Rose, Eliza se mexeu ao lado dela no sofá. Fazia quase uma hora que elas estavam ali sentadas, e a resistência estava emanando do corpo de Eliza. Diversas vezes o sr. Sargent fora obrigado a dizer a ela para parar de franzir a testa, para ficar parada, enquanto ele retocava a pintura. Rose o ouvira dizer a mamãe na véspera que ele já teria terminado, mas que a moça de cabelos vermelhos se recusava a posar pelo tempo necessário para ele capturar sua expressão.

Mamãe estremeceu de raiva quando ele disse isso. Teria preferido que Rose posasse sozinha, mas Rose tinha teimado. Eliza era sua prima, sua única amiga, é claro que tinha que estar no retrato. E então Rose tinha tossido um pouco, olhando para mamãe por baixo dos cílios, e o assunto fora encerrado.

E, embora o lado frio de Rose se deliciassem com o aborrecimento de mamãe, sua insistência na inclusão de Eliza tinha sido sincera. Rose nunca tivera uma amiga antes de Eliza. Nunca tinha tido esta oportunidade, e, mesmo que tivesse tido, que utilidade teria uma menina que não ia viver muito para suas amigas? Como a maioria das

crianças acostumadas, pelas circunstâncias, com o sofrimento, Rose achava que não tinha nada em comum com outras meninas da sua idade. Não tinha interesse em rolar arcos ou em brincar de bonecas, e se entediava facilmente com conversas cansativas sobre preferências de cor, número ou canção.

Mas Eliza não era como as outras meninas. Rose percebeu isso no dia em que elas se conheceram. Eliza tinha um modo de ver o mundo que era, quase sempre, surpreendente, de fazer coisas inteiramente inesperadas. Coisas que mamãe não tolerava.

Mas o que Eliza tinha de melhor, melhor ainda do que sua capacidade de irritar mamãe, era a sua habilidade de contar histórias. Sabia tantas histórias maravilhosas que Rose nunca ouvira. Histórias assustadoras que deixavam a pele de Rose arrepiada e seus pés suados. Sobre a outra prima, e o rio de Londres, e um homem mau com uma faca enorme. E, é claro, sua história sobre o navio negro que assombrava a enseada de Blackhurst. Embora Rose soubesse que isso era outra das invenções de Eliza, ela adorava ouvir a história. O navio fantasma que surgia no horizonte, o navio que Eliza dizia que tinha visto e que tinha passado muitos dias de verão na enseada torcendo para ver de novo.

Uma coisa que Rose nunca conseguiu convencer Eliza a fazer foi contar histórias sobre o irmão dela, Sammy. Ela deixara escapar o nome dele uma única vez, mas tinha silenciado imediatamente quando Rose começou a fazer perguntas. Foi mamãe quem contou a Rose que Eliza tinha tido um irmão gêmeo, um menino que morrera em circunstâncias trágicas.

Ao longo dos anos, quando ficava deitada sozinha na cama, Rose gostava de imaginar a morte dele, daquele garotinho cuja perda tinha feito o impossível: tinha deixado sem palavras a contadora de histórias, Eliza. “A morte de Sammy” substituíra “A fuga de Georgiana” como o devaneio favorito de Rose. Ela o imaginara se afogando, caindo, definhando, o pobre menino que Eliza tinha amado antes dela.

– Fique parada – disse o sr. Sargent, apontando o pincel na direção de Eliza. – Pare de se mexer. Você é pior do que o cão de Lady Asquith.

Rose piscou os olhos, tomando cuidado para não deixar sua expressão mudar, quando percebeu que o pai tinha entrado na sala. Estava parado atrás do cavalete do sr. Sargent, observando atentamente o trabalho do artista. Franzindo a testa e inclinando a cabeça, para acompanhar melhor o movimento do pincel. Rose ficou surpresa, nunca imaginara que o pai tivesse interesse pelas belas artes. Achava que ele só gostava de fotografia, mas até isso ele conseguia transformar em algo sem graça. Nunca fotografava gente, só insetos, plantas e tijolos. Entretanto, ali estava ele, hipnotizado pelo retrato da filha. Rose ergueu mais o corpo.

Apenas duas vezes na sua infância Rose tivera oportunidade de observar o pai de perto. A primeira vez foi quando ela engoliu o dedal e papai foi chamado para tirar a fotografia para o dr. Matthews. A segunda não tinha sido tão agradável.

Ela estava escondida. O dr. Matthews era aguardado e Rose, com nove anos na época, tinha enfiado na cabeça que não estava com vontade de vê-lo. Tinha ido para o único lugar onde mamãe não iria procurá-la: a câmara escura de papai.

Havia um buraco debaixo da grande escrivaninha e Rose tinha levado um travesseiro para ficar mais confortável. E ficou mesmo: exceto pelo cheiro horrível do quarto, parecido com os produtos de limpeza que as criadas usavam na faxina da primavera.

Estava lá havia quinze minutos, quando abriram a porta. Um pequeno feixe de luz passou por um burquinho no centro de um nó de madeira nas costas da escrivaninha. Rose prendeu a respiração e encostou o olho no buraco, com medo de ver mamãe e o sr. Matthews à sua procura.

Mas não era mamãe nem o médico, era papai, usando sua longa capa preta de viagem.

Rose sentiu um aperto na garganta. Mesmo sem ter sido avisada, sabia que a câmara escura de papai era território proibido.

Papai ficou ali parado por um momento, sua silhueta escura contra a luz do lado de fora. Então ele entrou, tirando o casaco e atirando-o sobre uma cadeira, quando Thomas apareceu, com o rosto pálido de aflição.

– Perdão, senhor, nós só o esperávamos...

– Meus planos mudaram.

– A cozinheira está preparando o almoço, senhor – disse Thomas, acendendo o lampião da parede. – Vou preparar a mesa para dois e dizer a Lady Mountrachet que o senhor voltou.

– Não.

A brusquidão com que aquela ordem foi dada fez Rose prender a respiração.

Thomas se virou depressa para papai e o fósforo que segurava com as mãos enluvadas se apagou, vítima do súbito deslocamento de ar.

– Não – repetiu papai. – A viagem foi longa, Thomas. Eu preciso descansar.

– Uma bandeja, senhor?

– E uma garrafa de xerez.

Thomas assentiu e saiu, seus passos desaparecendo no corredor.

Rose ouviu um barulho. Ela encostou o ouvido na escrivaninha, imaginando se havia algo na gaveta, algum misterioso item pertencente a papai, pulsando lá dentro. Então percebeu que era o seu próprio coração, pulando no peito. Tentando fugir.

Mas não havia como escapar enquanto papai estivesse sentado na poltrona, bloqueando a porta.

Então Rose continuou ali sentada, com os joelhos encolhidos contra o peito, para abafar as batidas do coração que ameaçavam delatá-la.

Foi a única vez que ela ficou a sós com papai. Notou como a presença dele enchia o quarto, de tal modo que um espaço, antes benigno, parecia agora carregado de emoções e sentimentos que Rose não compreendia.

Passos no tapete, depois uma voz masculina que deixou os cabelos e pelos de Rose em pé.

– Onde você está? – perguntou papai baixinho e repetiu com os dentes trincados. – Onde você está?

Rose prendeu a respiração e a manteve presa. Estaria ele se referindo a ela? Seu pai adivinhara que estava escondida onde não devia?

Um suspiro de papai – Tristeza? Amor? Cansaço? – e então ‘*poupée*’. Tão suavemente, tão baixo, uma voz alquebrada. Rose estava aprendendo francês com a srta. Tranton, e sabia o que significava *poupée* – boneca. – *Poupée* – papai repetiu. – Onde você está, minha Georgiana?

Rose soltou o ar. Aliviada por ele não ter percebido sua presença, ofendida por ele não ter dito seu nome com tanto carinho.

E, com o rosto encostado na escrivaninha, Rose prometeu a si mesma que um dia alguém ia dizer o nome dela daquele jeito...

– Abaixar a mão! – O sr. Sargent estava irritado agora. – Se você continuar a mexer com a mão, vou pintá-la com três e você será lembrada assim por toda a posteridade.

Eliza suspirou, pondo as mãos para trás.

Os olhos de Rose estavam embaçados de ficar na mesma posição, e ela piscou algumas vezes. Papai já tinha saído da sala, mas sua presença ainda se fazia sentir, a mesma sensação de infelicidade que sempre carregava.

Rose tornou a olhar para o seu álbum de recortes. O tecido tinha um tom tão bonito de rosa, que ela sabia que combinaria bem com seu cabelo escuro.

Durante todos os anos em que esteve doente, a única coisa que Rose queria era crescer. Ultrapassar as fronteiras da infância e viver, como Milly Theale expressou tão bem no livro favorito de Rose, mesmo que de forma breve e interrompida. Queria se apaixonar, se casar, ter filhos. Deixar Blackhurst e começar uma vida só dela. Longe desta casa, longe deste sofá onde mamãe insistia para que ela se reclinasse

mesmo quando estava se sentindo bem. “O sofá de Rose”, como dizia mamãe. “Ponham uma manta nova sobre o sofá de Rose. Algo que disfarce a palidez do rosto dela, que faça o cabelo dela parecer mais brilhante.”

E o dia da sua fuga estava se aproximando, Rose sabia disso. Finalmente mamãe admitira que Rose estava em condições de encontrar um noivo. Nos últimos meses, tinha organizado almoços com uma procissão de jovens (e não tão jovens!) solteiros. Eram todos uns tolos – Eliza tinha divertido Rose depois de cada visita com suas imitações daqueles rapazes – mas tinha sido uma boa experiência. Pois o cavalheiro perfeito estava em algum lugar, esperando por ela. Ele não seria nada parecido com papai, ele seria um artista, com a sensibilidade e a percepção de um artista, que não ligava para insetos e tijolos. Uma pessoa aberta e fácil de entender, cujas paixões e sonhos iluminariam seus olhos. E ele iria amá-la, e só a ela.

Ao lado dela, Eliza bufou, impaciente:

– Francamente, sr. Sargent – ela disse. – Eu pintaria a mim mesma mais depressa.

Seu marido seria igual a Eliza, Rose pensou, com um sorriso no rosto plácido. O cavalheiro que estava procurando seria a encarnação masculina da sua prima.

E, finalmente, o carrasco as libertou. Tennyson tinha razão, ficar mofando por falta de uso era muito chato. Eliza tirou depressa o vestido ridículo que tia Adeline insistira que ela usasse para o retrato. Era um vestido antigo de Rose – a renda pinicava, o cetim grudava – e ele era de um tom de vermelho que fazia Eliza sentir-se como polpa de morango. Que perda de tempo, perder a manhã inteira diante de um velho ranzinza que tentava capturar as imagens delas para que pudessem ser penduradas, solitárias e imóveis, em alguma parede gelada.

Eliza ficou de quatro e espiou debaixo da cama. Levantou a ponta do taco que tinha soltado muito tempo antes. Enfiou a mão lá dentro e

tirou a história *A criança trocada*. Passou a mão pela capa preta e branca, sentiu as marcas de sua caligrafia sob os dedos.

Foi Davies quem sugeriu que ela pusesse suas histórias no papel. Ela o ajudava a plantar novas roseiras quando um pássaro cinza e branco, com um rabo listrado, voou para um arbusto próximo.

– Cuco – disse Davies. – Passa os invernos na África, mas volta para cá na primavera.

– Eu queria ser um pássaro – disse Eliza. – Então eu simplesmente correria até o alto do penhasco e sairia voando. Até a África ou a Índia. Ou a Austrália.

– Austrália?

Aquele era o lugar que atualmente atraía a sua imaginação. O irmão mais velho de Mary, Patrick, tinha emigrado recentemente, com sua família, para um lugar chamado Maryborough, onde sua tia Eleanor se estabelecera alguns anos antes. Apesar desta ligação familiar, Mary gostava de pensar que o nome também influíra na escolha dele e se dispunha a contar detalhes a respeito daquela terra exótica, que ficava do outro lado do globo, flutuando num oceano longínquo. Eliza tinha encontrado a Austrália no mapa da sala de estudos, um continente estranho, enorme, no Oceano Antártico, com duas orelhas, uma pontuda e a outra partida.

– Eu conheço um cara que foi para a Austrália – disse Davies, fazendo uma pausa no trabalho. – Comprou uma fazenda de mil acres e não conseguiu cultivar nada.

Eliza se agitou. Este extremismo combinava com a impressão que ela tinha do lugar. – Eles têm um coelho gigantesco por lá, segundo Mary. Chamam de canguru. Os pés dele são do tamanho das pernas de um homem!

– Não sei o que a senhorita faria num lugar desses, srta. Eliza. Nem na África ou na Índia.

Eliza sabia exatamente o que faria.

– Eu vou colecionar histórias. Histórias antigas que ninguém daqui jamais ouviu. Vou ser como os Irmãos Grimm que eu estava falando

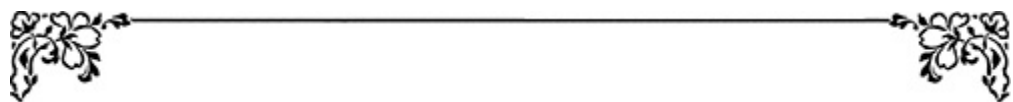
para você.

Davies franziu a testa.

– Não entendo por que você quer ser igual a esses dois alemães. Você devia escrever suas próprias histórias e não histórias de outras pessoas.

Então ela havia feito isso. Começara a escrever uma história para Rose, um presente de aniversário, um conto de fadas sobre uma princesa que fora transformada em pássaro. Aquela foi a primeira história que ela pôs no papel, e ver suas ideias e pensamentos se tornarem algo concreto lhe propiciou uma estranha sensação. Sua pele ficou mais sensível, estranhamente exposta e vulnerável. A brisa ficou mais fria, o sol, mais quente. Ela não sabia se gostava daquela sensação ou a detestava.

Rose, no entanto, sempre amara as histórias de Eliza, que, por sua vez, não tinha presente melhor para dar a ela, então a escolha foi perfeita. Porque, depois que Eliza foi tirada da sua vida solitária em Londres e transplantada para a imponente e misteriosa Blackhurst, Rose se tornou sua alma gêmea. Ria e sonhava junto com Eliza e aos poucos preencheu o vazio deixado por Sammy, aquele buraco negro que havia nos gêmeos que ficavam sozinhos. Em troca, Eliza faria ou escreveria qualquer coisa para Rose.



A CRIANÇA TROCADA

Eliza Makepeace

Antigamente, quando existia a magia, havia uma rainha que desejava muito ter um filho. Ela era uma rainha triste, pois o rei estava sempre viajando, deixando-a sem outra coisa a fazer a não ser lidar com sua solidão e imaginar como o marido, a quem ela tanto amava, conseguia suportar passar tanto tempo longe dela.

Acontece que, muitos anos antes, o rei tinha roubado o trono de sua herdeira legítima, a Rainha das Fadas, e a terra linda e pacífica das fadas tinha se tornado um lugar desolado em que a magia não florescia mais e o riso tinha sido banido. O rei era tão cruel, que deu ordem para prenderem a Rainha das Fadas e a trazerem de volta para o reino. Uma gaiola de ouro foi preparada especialmente para aprisionar a Rainha das Fadas e obrigá-la a fazer mágicas para diverti-lo.

Num dia de inverno, enquanto o rei estava viajando, a rainha sentou-se em frente à janela aberta, contemplando a terra coberta de neve. Ela estava chorando, pois a desolação dos meses de inverno fazia com que se lembrasse da própria solidão. Enquanto contemplava a paisagem deserta, pensou no seu próprio útero vazio, como sempre, apesar do seu desejo de ser mãe.

– Ah, como eu desejo ter um filho! – Ela exclamou. – Uma bela filha, com o coração puro e olhos que jamais se encherão de lágrimas. Assim, eu nunca mais ficarei sozinha.

O inverno passou e o mundo começou a despertar. Os pássaros voltaram ao reino e começaram a fazer seus ninhos, as gazelas podiam ser vistas pastando na floresta, e brotos nasceram nos galhos das árvores do reino. Enquanto as cotovias esvoaçavam pelo jardim, a saia da rainha começou a ficar apertada na cintura e ela

compreendeu que estava grávida. O rei não tinha retornado ao castelo e a rainha soube que uma fada travessa, longe de casa e escondida no jardim, devia tê-la ouvido chorar e concedido o seu desejo.

A barriga da rainha foi crescendo e o inverno tornou a chegar, e, na véspera do Natal, quando uma nevasca caía sobre a terra, a rainha começou a sentir dores. A noite inteira ela gemeu e, ao soar a última badalada da meia-noite, sua filha nasceu e a rainha pôde, finalmente, contemplar o rosto do seu bebê. Pensar que esta linda criança, de pele clara, cabelo escuro e lábios vermelhos como um botão de rosa era toda sua!

– Rosalinda – disse a rainha. – Vou chamá-la de Rosalinda.

A rainha se apaixonou instantaneamente e não deixava que a princesa Rosalinda saísse de perto dela. A solidão tornara a rainha amarga e a amargura a tinha deixado egoísta e o egoísmo a tornara desconfiada. A todo momento, a rainha achava que alguém estava esperando para roubar sua criança. Ela é minha, pensava a rainha, minha salvação, então eu tenho que guardá-la só para mim.

Na manhã do batizado da princesa Rosalinda, as mulheres mais sábias da terra foram convidadas a trazer suas bênçãos. O dia todo, a rainha ouviu os votos de graça e prudência e sabedoria dados à sua filha. Finalmente, quando a noite começou a cair no reino, a rainha se despediu das sábias mulheres. Ela se virou apenas por um momento, mas, quando tornou a olhar para a filha, viu que uma convidada ainda estava lá. Uma viajante usando uma longa capa estava parada ao lado do berço, olhando para a criança.

– Já é tarde, sábia mulher – disse a rainha. – A princesa foi abençoada e agora precisa dormir.

A viajante tirou a capa e a rainha levou um susto, pois o rosto dela não era o de uma donzela sábia, mas de uma velha com um sorriso desdentado.

– Eu trago uma mensagem da Rainha das Fadas – disse a velha. – Esta menina é uma das nossas e, portanto, deve ir comigo.

– Não – gritou a rainha, correndo para perto do berço. – Ela é *minha* filha, *minha filhinha preciosa*.

– Sua? Esta criança gloriosa? – E ela começou a rir, um riso cruel que fez a rainha recuar, horrorizada. – Ela só foi sua enquanto nós permitimos. No fundo do coração, você sempre soube que ela nasceu da poeira das fadas e agora você tem que entregá-la.

Então a rainha chorou, pois o que a velha tinha dito era o que ela sempre temera.

– Eu não posso perdê-la – ela disse. – Tenha piedade, velha, e permita que eu a conserve por mais tempo.

Acontece que a velha era astuta e, ao ouvir as palavras da rainha, um sorriso surgiu em seu rosto.

– Eu lhe ofereço uma escolha – ela disse. – Entregue a criança agora e a vida dela será longa e feliz, junto da Rainha das Fadas.

– Ou? – perguntou a rainha.

– Ou você pode mantê-la aqui até a manhã do seu décimo oitavo aniversário, quando ela irá embora para sempre, para cumprir seu destino. Pense com cuidado, pois mantê-la por mais tempo significa amá-la cada vez mais.

– Eu não preciso pensar. Escolho a segunda opção.

A velha sorriu, mostrando as falhas escuras na boca.

– Então ela é sua, mas só até a manhã do seu décimo oitavo aniversário.

Naquele momento, a princesinha começou a chorar pela primeira vez na vida. A rainha se virou para pegar a criança e, quando tornou a olhar, a velha tinha desaparecido.

A princesa se tornou uma linda menina, cheia de luz e alegria. Enfeitiçava o oceano com o seu canto e trazia sorrisos a todos os rostos. Todos, exceto o da rainha, que estava amedrontada demais para desfrutar da presença da filha. Quando a filha cantava, a rainha não ouvia, quando a filha dançava, a rainha não via, quando a filha a tocava, a rainha não sentia, porque estava ocupada demais

calculando quanto tempo restava antes que a criança lhe fosse tomada.

Com o passar dos anos, a rainha foi ficando com um medo cada vez maior do acontecimento terrível que espreitava logo adiante. Sua boca desaprendeu a sorrir, e as linhas em sua testa se acentuaram. Então, uma noite, ela teve um sonho em que a velha apareceu.

– Sua filha tem quase dez anos – disse a velha. – Não se esqueça de que o destino irá encontrá-la quando ela fizer dezoito anos.

– Eu mudei de ideia – disse a rainha. – Não posso permitir que ela vá embora, eu não vou deixá-la ir.

– Você deu sua palavra – disse a velha –, e ela terá que ser honrada.

Na manhã seguinte, depois de se certificar de que a princesa estava bem guardada, a rainha vestiu sua roupa de montaria e mandou buscar seu cavalo. Embora a magia tivesse sido banida do castelo, havia um lugar onde feitiços e encantamentos ainda podiam ser encontrados. Numa caverna escura na beira do mar encantado, morava uma fada que não era nem boa nem má. Fora castigada pela Rainha das Fadas por ter usado a magia impensadamente e, por isso, vivia escondida enquanto o resto do pessoal da magia tinha fugido da região. E, embora a rainha soubesse que era perigoso buscar a ajuda da fada, aquela era a sua última esperança.

A rainha cavalgou por três dias e três noites e, quando finalmente chegou à caverna, a fada estava esperando por ela.

– Entre – ela disse –, e diga-me o que quer.

A rainha falou sobre a velha e sua promessa de voltar no dia do décimo oitavo aniversário da princesa, e a fada escutou. Então, quando a rainha terminou, a fada disse:

– Eu não posso desfazer a maldição da velha, mas posso ajudá-la.

– Eu ordeno que você o faça – disse a rainha.

– Devo alertá-la, minha rainha, de que, quando você ouvir minha proposta, talvez não me agradeça pela ajuda. – Então a fada

se aproximou e cochichou no ouvido da rainha.

A rainha não hesitou, pois qualquer coisa era melhor do que perder a filha para a velha.

– Isso será feito.

Então a fada entregou à rainha uma poção e instruiu-a a dar à princesa três gotas durante três noites.

– E então tudo será como eu prometi – ela disse. – A velha não a perturbará mais, pois a princesa terá seu verdadeiro destino.

A rainha voltou para casa, com a mente tranquila pela primeira vez desde o batizado da filha, e, nas três noites seguintes, ela pingou três gotas da poção no leite da menina. Na terceira noite, quando a princesa tomou o leite, começou a sufocar e, caindo da cadeira, transformou-se num belo pássaro, exatamente como a fada tinha dito. O pássaro voou pelo quarto e a rainha mandou a criada pegar a gaiola de ouro nos aposentos do rei. O pássaro foi preso lá dentro, a porta da gaiola foi fechada e a rainha deu um suspiro de alívio. Pois o rei tinha sido esperto e sua gaiola, uma vez fechada, não podia ser aberta.

– Pronto, minha linda – disse a rainha. – Você está segura e ninguém jamais a tirará de mim. – E então a rainha pendurou a gaiola num gancho, na torre mais alta do castelo.

Com a princesa presa na gaiola, toda a luz desapareceu do reino, e os súditos da Terra Encantada ficaram presos num inverno eterno em que as terras deixaram de ser férteis e as plantações morreram. A única coisa que aliviava o desespero do povo era o canto da princesa – triste e lindo –, que saía pela janela da torre e se espalhava pela terra seca.

O tempo passou, como sempre passa, e príncipes encorajados pela cobiça vieram de longe para libertar a princesa. Pois diziam que, no árido reino da Terra Encantada, havia uma gaiola de ouro tão preciosa, que fazia a fortuna deles parecer humilde, e um pássaro preso cujo canto era tão lindo, que moedas de ouro caíam do céu quando ele cantava. Mas todos os que tentavam abrir a

gaiola caíam mortos assim que nela tocavam. A rainha, que passava noite e dia sentada na sua cadeira de balanço, tomando conta da gaiola para que ninguém roubasse o seu tesouro, ria quando via os príncipes mortos, pois o medo e a desconfiança tinham finalmente conspirado para enlouquecê-la.

Alguns anos depois, o filho mais moço de um lenhador veio de uma terra distante para a floresta. Enquanto estava trabalhando, o vento trouxe uma melodia tão maravilhosa, que ele parou e ficou imóvel como se tivesse sido transformado em pedra, escutando cada nota. Sem poder se controlar, largou o machado e foi em busca do pássaro que cantava de modo tão triste e maravilhoso. Ao atravessar a floresta densa, pássaros e animais selvagens apareceram para ajudá-lo, e o filho do lenhador agradeceu a cada um deles, pois ele era uma pessoa amável que se comunicava com todos os seres da natureza. Ele passou por moitas de espinhos, correu pelo campo, escalou montanhas, dormia à noite em árvores ocas, só comia frutas e nozes, até, finalmente, chegar aos muros do castelo.

– Como você chegou a esta terra distante? – disse o guarda.

– Eu segui o canto do seu belo pássaro.

– Vá embora se dá valor à sua vida – disse o guarda. – Pois tudo neste reino é amaldiçoado, e quem toca na gaiola do pobre pássaro está perdido.

– Eu não tenho nada a perder – disse o filho do lenhador. – E tenho que ver por mim mesmo de onde vem este canto glorioso.

Acontece que, naquele instante, a princesa-pássaro completou o seu décimo oitavo ano de vida e começou a cantar a melodia mais linda e mais triste de todas, lamentando a perda da sua juventude e da sua liberdade.

O guarda se afastou e o rapaz entrou no castelo e subiu as escadas até a torre mais alta.

Quando o filho do lenhador viu o pássaro preso, seu coração ficou triste, porque ele não gostava de ver nem pássaro nem animal selvagem prisioneiro. Olhou para dentro da gaiola de ouro e viu o

pássaro lá dentro. Estendeu a mão para a porta da gaiola e, ao seu toque, esta se abriu e o pássaro foi libertado.

Naquele momento, o pássaro se transformou numa bela mulher, de cabelos compridos que giravam em volta dela e com uma coroa de conchas na cabeça. Pássaros vieram de árvores distantes e, com seus bicos, fizeram chover sobre ela pedacinhos brilhantes de pedras que nela se agarraram, cobrindo-a de prateado. Animais voltaram ao reino, e grãos e flores começaram na mesma hora a crescer no solo árido.

No dia seguinte, quando o sol se ergueu, brilhando, sobre o oceano, ouviu-se um som trovejante e seis cavalos encantados apareceram nos portões do castelo, puxando uma carruagem dourada. A Rainha das Fadas saltou da carruagem e seus súditos se inclinaram diante dela. Acompanhando-a, vinha a fada da caverna, que tinha provado ser bondosa, mostrando-se fiel à sua verdadeira rainha e garantindo que a princesa Rosalinda estivesse pronta quando o destino viesse ao seu encontro.

Sob o olhar vigilante da Rainha das Fadas, a princesa Rosalinda e o filho do lenhador se casaram, e a alegria do jovem casal foi tão grande, que a magia voltou à terra e todos na Terra Encantada viveram livres e felizes para sempre.

Exceto, é claro, a rainha, que não foi encontrada em parte alguma. Em seu lugar, havia um pássaro grande e feio, com um grito tão horroroso, que fazia gelar o sangue de quem o escutava. Ele foi expulso do reino e voou para uma floresta distante, onde foi morto e comido pelo rei, que tinha enlouquecido de desespero com sua busca infrutífera pela Rainha das Fadas.

Mansão Blackhurst, 1907

Alguém bateu à porta e Eliza escondeu ‘A criança trocada’ atrás das costas. Seu rosto ficou vermelho de excitação.

Mary entrou apressada, com os cachos mais despenteados do que nunca. Seu cabelo sempre dava uma boa indicação do seu estado de espírito, e Eliza não teve dúvidas de que a cozinha estava um caos com os preparativos do aniversário.

– Mary! Eu estava esperando Rose.

– Srta. Eliza. – Mary apertou os lábios. Um gesto inusitado que fez Eliza rir. – O patrão deseja vê-la, senhorita.

– Meu tio quer me ver? – Embora sempre tivesse andado livremente pela propriedade, durante todos aqueles anos em que estava morando em Blackhurst, Eliza raramente encontrava o tio. Ele era uma figura taciturna, que passava a maior parte do tempo viajando pelo continente à procura de insetos, cujas imagens costumava roubar para levar para sua câmara escura.

– Vamos, srta. Eliza – disse Mary. – Apresse-se.

Eliza nunca tinha visto Mary tão séria. Ela atravessou rapidamente o corredor e desceu a estreita escada dos fundos, e Eliza teve que correr para conseguir acompanhá-la. No final da escada, em vez de virar à esquerda, na direção da parte principal da casa, Mary virou à direita e percorreu um corredor silencioso, escuro porque tinha menos lâmpadas do que o resto da casa. Também não havia nenhum quadro, Eliza notou; realmente, nenhuma tentativa de decoração tinha sido feita naquelas paredes escuras.

Quando chegaram à porta do fundo, Mary parou. Prestes a abri-la, ela olhou por cima do ombro e deu um apertão na mão de Eliza, algo inteiramente inesperado.

Antes que Eliza pudesse perguntar qual era o problema, a porta foi aberta e Mary anunciou a presença dela.

– Srta. Eliza, meu senhor.

E então ela saiu e Eliza ficou sozinha na porta da toca do tio, que tinha um cheiro muito estranho.

Ele estava sentado atrás de uma ampla escrivaninha, no fundo da sala.

– O senhor queria falar comigo, tio? – a porta se fechou atrás dela.

Tio Linus olhou por cima dos óculos. Mais uma vez, Eliza se viu pensando como aquele velho com a pele toda manchada podia ser parente da sua linda mãe. A ponta de sua língua apareceu entre os lábios.

– Ouvi dizer que você se saiu bem nos estudos durante os anos em que morou em Blackhurst.

– Sim, senhor – confirmou Eliza.

– E, segundo meu criado, Davies, você gosta de jardins.

– Sim, tio. – Desde o primeiro dia em Blackhurst, Eliza tinha se apaixonado pela propriedade. Conhecia as passagens sob os penhascos, a parte tratada do labirinto e os jardins tão bem quanto, antes, conhecera as ruas cobertas de cerração de Londres. E, por mais que ela explorasse o jardim, ele mudava a cada estação.

– Isso está no nosso sangue. Sua mãe... – A voz dele ficou embargada. – Quando sua mãe era menina, gostava muito do jardim.

Eliza tentou harmonizar esta informação com suas lembranças de mamãe. Do túnel do tempo, vieram imagens fragmentadas: mamãe no quarto sem janelas em cima da loja da sra. Swindell; um vasinho com uma erva de cheiro. Ela não tinha durado muito, pouca coisa conseguia sobreviver naquelas condições precárias.

– Chegue mais perto, menina – o tio disse, com um gesto. – Venha para a luz para eu poder vê-la.

Eliza foi para o outro lado da escrivaninha, parando perto dos joelhos dele. O cheiro da sala era mais forte agora, como se viesse do seu tio.

Ele estendeu a mão, tremendo um pouco, e acariciou as pontas dos longos cabelos vermelhos de Eliza. Muito de leve. Retirou a mão, como se estivesse queimada.

Ele estremeceu.

– O senhor está passando mal, tio? Quer que eu chame alguém?

– Não – ele respondeu depressa. – Não. – Ele lhe acariciou de novo o cabelo, fechou os olhos. Eliza estava tão perto, que podia ver os olhos dele se movendo sob as pálpebras, podia ouvir os murmúrios em sua garganta. – Nós procuramos tanto sua mãe... Tentamos tanto trazer nossa Georgiana para casa.

– Sim, senhor. – Mary tinha contado isso a Eliza. Como o tio Linus era apegado à irmã mais moça, como ficara arrasado quando ela partiu, suas frequentes viagens a Londres. A busca que consumira sua juventude e o pouco de alegria que tinha, a ansiedade com que ele partia de Blackhurst a cada vez, a decepção ao voltar. Como ele ficava sentado sozinho em sua câmara escura, tomando xerez, recusando qualquer companhia, mesmo a de tia Adeline, até o sr. Mansell tornar a aparecer com uma nova pista.

– Nós chegamos tarde demais. – Ele lhe acariciava os cabelos com mais força agora, enrolando-os nos dedos, como uma fita. Estava puxando seus cabelos, e Eliza precisou se segurar na beirada da escrivaninha para não cair. Estava hipnotizada por aquele rosto, parecido com o do rei do conto de fadas cujos súditos o haviam abandonado. – Eu cheguei tarde demais. Mas você está aqui agora. Deus me concedeu outra chance.

– Tio?

O tio baixou a mão e abriu os olhos. Apontou para um banquinho na parede oposta, coberto por um pano branco.

– Sente-se – disse ele.

Eliza olhou para ele, sem entender.

– Sente-se. – Ele foi mancando até um tripé preto próximo à parede. – Quero tirar o seu retrato.

Eliza nunca tinha tirado um retrato, não tinha nenhum interesse em tirar um agora. Quando estava prestes a dizer isso a ele, a porta se abriu.

– O almoço de aniversário. – As palavras de tia Adelina terminaram com um som agudo. Ela pôs a mão no peito. – Eliza! – Ela exclamou, num tom de desespero. – Onde você está com a cabeça, menina? Suba imediatamente. Rose está chamando.

Eliza correu para a porta.

– E pare de incomodar o seu tio – tia Adeline sussurrou, furiosa, quando Eliza passou por ela. – Você não está vendo que ele está exausto de tanto viajar?

Chegara finalmente o dia. Adeline não sabia que forma aquilo tomaria, mas a ameaça sempre estivera ali, à espreita, e ela nunca sentira-se inteiramente à vontade. Rangeu os dentes, direcionou sua raiva para os ossos atrás do pescoço. Obrigou-se a tirar aquela imagem da cabeça. A filha de Georgiana, com os cabelos soltos, parecendo um fantasma do passado, e a expressão no rosto de Linus, seu rosto velho abobalhado de desejo. Pensar que ele ia tirar uma fotografia da menina! Fazer o que nunca tinha feito com Rose. Nem com Adeline.

– Feche os olhos, Lady Mountrachet – disse a criada, e Adeline obedeceu. O hálito da outra mulher estava quente ao escovar o cabelo de Adeline, e ela pensou, ah, como seria bom ficar aqui sentada para sempre, sentindo o hálito doce e quente desta garota tola no meu rosto, sem pensar em nada. – Agora abra os olhos, madame, enquanto eu arrumo as pérolas.

A empregada saiu e Adeline ficou sozinha com seus pensamentos. Inclinou-se para a frente. Sua testa estava lisa, o cabelo arrumado. Beliscou as faces, talvez com mais força do que seria necessário, e examinou o conjunto. Ah, como a idade era cruel! Pequenas mudanças que passavam despercebidas, que não podiam ser impedidas. O néctar da juventude se esvaindo por uma peneira cujos furos iam ficando cada vez maiores.

– E assim o amigo se transforma em inimigo – Adeline murmurou para o espelho impiedoso.

– Aqui está, madame – disse a criada. – Eu trouxe o conjunto de rubis. Bonito e alegre para uma ocasião tão festiva. Dezoito anos! Logo virá um casamento, escute o que estou dizendo...

Enquanto a criada tagarelava, Adeline desviou o olhar, recusando-se a contemplar a própria decadência.

O retrato estava pendurado onde sempre estivera, ao lado da penteadeira. Como ela estava elegante no seu vestido de noiva, tão correta. Ninguém adivinharia por esta fotografia o exercício de autocontrole que ela fizera para conseguir este modelo de calma. Linus, por sua vez, tinha a perfeita aparência de um cavalheiro. Mal-humorado, talvez, mas este era o costume.

Eles se casaram um ano depois do desaparecimento de Georgiana. Desde o momento em que ficaram noivos, Adeline Langley tinha trabalhado arduamente para reinventar-se. Decidiu tornar-se uma mulher merecedora do nome antigo e importante de Mountrachet: abandonou seu sotaque e seus gostos de cidade pequena, devorou os textos de *Debrett's* e se dedicou a aprender as artes da vaidade e da nobreza. Adeline sabia que precisava se esforçar muito mais do que qualquer outra para apagar da memória das pessoas as suas verdadeiras origens.

– Quer usar o seu chapéu verde, Lady Mountrachet? – quis saber a criada. – Ele combina tão bem com este vestido, e a senhora vai precisar de um chapéu se for até a enseada. Vou deixá-lo em cima da cama.

A noite de núpcias não tinha sido nada do que ela havia esperado. Ela não sabia ao certo, e, evidentemente, não podia perguntar, mas desconfiava de que fora decepcionante também para Linus. Eles só dividiram o leito poucas vezes depois disso, e menos ainda depois que Linus começou a viajar. Para tirar fotografias, segundo ele, mas Adeline sabia a verdade.

Como ela se sentia inútil. Como se sentia fracassada como esposa e como mulher. Pior ainda, fracassada como dama da sociedade. Pois, apesar dos seus esforços, eles raramente eram convidados para alguma coisa. Linus, quando estava em Blackhurst, não lhe fazia companhia, ficava a maior parte do tempo sozinho e só respondia a perguntas quando necessário, com observações agressivas. Quando Adeline ficou adoentada, pálida e cansada, ela achou que era infelicidade. Só quando sua barriga começou a crescer foi que compreendeu que estava grávida.

– Pronto, Lady Mountrachet. Seu chapéu está em cima da cama, e a senhora está pronta para a festa.

– Obrigada, Poppy. – Ela conseguiu sorrir de leve. – Isso é tudo.

Quando a porta se fechou, Adeline desmanchou o sorriso e tornou a olhar para o espelho.

Rose era a legítima herdeira da glória dos Mountrachet. Esta menina, a filha de Georgiana, era pouco mais do que um passarinho, que tinha voltado para roubar o lugar da filha de Adeline. Para empurrá-la para fora de um ninho que Adeline lutara para ser dela.

Por algum tempo, a ordem fora mantida. Adeline garantiu que Rose tivesse belos vestidos, um bonito sofá para se sentar, enquanto Eliza se vestia com roupas do ano anterior. Os modos de Rose, sua natureza feminina, eram perfeitos, coisa que Eliza não tinha conseguido aprender. Adeline ficou tranquila.

Mas, à medida que as meninas cresciam, que se tornavam mulheres, as coisas iam mudando, escapando do controle de Adeline. As proezas de Eliza nos estudos eram uma coisa – ninguém gostava de uma mulher inteligente –, mas agora, com o tempo que ela passava ao ar livre, sua pele tinha adquirido um brilho saudável, seu cabelo, aquele maldito cabelo vermelho, tinha crescido, e ela estava encorpando.

Certo dia, Adeline tinha ouvido uma das criadas comentar como a srta. Eliza estava linda, mais linda até do que a mãe, srta. Georgiana. À menção daquele nome, Adeline tinha ficado gelada de susto. Depois de tantos anos de silêncio, ele agora a espreitava em cada canto. Rindo

dela, fazendo-a lembrar-se de sua inferioridade, do seu fracasso em se destacar, mesmo se esforçando muito mais do que Georgiana.

Adeline sentiu uma pontada na têmpora. Ergueu a mão e pressionou-a de leve. Havia alguma coisa errada com Rose. Este local em sua têmpora era o sexto sentido de Adeline. Desde que Rose era um bebê, Adeline sempre previa as doenças da filha. Era um elo que não podia ser quebrado entre mãe e filha.

E agora sua têmpora voltava a latejar. Adeline apertou os lábios, decidida. Observou o rosto severo como se ele pertencesse a uma estranha, à senhora de uma nobre mansão, uma mulher cujo controle era inquebrantável. Ela encheu os pulmões de ar, criando forças. Rose tinha que ser protegida, a pobre Rose que não percebia Eliza como sendo uma ameaça.

Uma ideia começou a se formar na mente de Adeline. Ela não podia mandar Eliza embora, Linus jamais permitiria e a tristeza de Rose seria muito grande. Além disso, era melhor manter os inimigos por perto, mas talvez Adeline pudesse levar Rose para o estrangeiro por algum tempo. Para Paris ou Nova York? Para dar a ela a oportunidade de brilhar sem Eliza por perto, atraindo todas as atenções, arruinando as chances de Rose...

Adeline alisou a saia e se encaminhou para a porta. Uma coisa era certa, não haveria visita à enseada hoje. Aquela tinha sido uma promessa tola, um momento de fraqueza de Adeline. Graças a Deus, estava em tempo de corrigir o seu erro de julgamento. A maldade de Eliza não podia manchar Rose.

Ela fechou a porta e atravessou o corredor, com as saias rugindo. Quanto a Linus, ela o manteria ocupado. Ela era sua esposa, era seu dever garantir que ele não tivesse oportunidade de sofrer por causa dos seus impulsos. Ele seria despachado para Londres. Ela ia implorar às esposas dos ministros do governo para requisitar os serviços dele, ia sugerir locais exóticos para ele fotografar, ia mandá-lo embora. Suas mãos não ficariam ociosas para ser tentadas por Satã.

Linus reclinou-se no banco do jardim e enganchou a bengala no braço do banco. O sol estava se pondo, colorindo de rosa e laranja a extremidade oeste da propriedade. Tinha chovido muito o mês inteiro e o jardim resplandecia. Não que Linus ligasse para isso.

Durante séculos, os Mountrachets tinham sido grandes cultivadores. Seus antepassados tinham viajado muito, percorrendo o globo em busca de espécimes exóticos para plantar em seus jardins. Linus, entretanto, não tinha herdado este traço. Ele tinha ido para sua irmãzinha.

Bem, isso não era inteiramente verdade.

Houve um tempo em que ele se interessava pelo jardim. Quando era menino, ele acompanhava Davies em seu trabalho, admirando as flores exóticas, os abacaxis na estufa, as plantas que brotavam das sementes que ele ajudara a plantar.

O que era mais milagroso, no jardim a vergonha de Linus desaparecia. As plantas, as flores, não se importavam com o fato de sua perna esquerda ser mais curta do que a direita. De que seu pé esquerdo fosse um apêndice inútil, torto e fraco. Havia um lugar para tudo e para todos no jardim de Blackhurst.

Então, quando Linus tinha sete anos, ele se perdeu no labirinto. Davies tinha lhe avisado que não entrasse lá sozinho, que o caminho era longo e escuro, cheio de obstáculos, mas Linus estava excitado com o fato de ter sete anos. O labirinto, com suas paredes exuberantes, sua promessa de aventura, o atraía. Ele era um cavaleiro, estava indo lutar contra o dragão mais feroz do mundo e ia triunfar. Encontraria o caminho até o outro lado.

Escurece cedo no labirinto. Linus não previra a rapidez e a intensidade da escuridão lá dentro. No escuro, as esculturas ganhavam vida, fitando-o ameaçadoramente de seus esconderijos, os arbustos mais altos se transformavam em monstros, os mais baixos faziam brincadeiras maldosas: faziam-no pensar que estava indo na direção certa, quando, de fato, estava andando em círculos.

Chegara ao centro do labirinto, quando se desesperou. Então, para culminar, uma argola de metal presa a uma plataforma no chão tinha surgido de repente, fazendo-o tropeçar e cair no chão, torcendo seu tornozelo bom. Linus tinha sido obrigado a ficar ali sentado, com o tornozelo doendo, lágrimas de raiva escorrendo pelo rosto.

Linus esperou um tempo enorme. Escureceu, esfriou, e suas lágrimas secaram. Ele soube depois que papai tinha se recusado a mandar procurá-lo. Ele era um menino, o pai tinha dito e, aleijado ou não, qualquer menino que merecesse este nome encontraria o caminho para fora do labirinto. Ora, ele mesmo – St. John Luke – tinha atravessado o labirinto com apenas quatro anos de idade. O menino precisava ficar mais corajoso.

Linus tremeu de frio no labirinto a noite inteira, até que, finalmente, mamãe convenceu papai a mandar Davies atrás dele.

O tornozelo de Linus levou uma semana para ficar bom, mas, depois disso, durante quinze dias, o pai o levou de volta ao labirinto, mandando que ele o atravessasse e ralhando com ele por seu fracasso. Linus começou a sonhar com o labirinto e, quando estava acordado, desenhava mapas de memória. Lidava com isso como se fosse um problema matemático, porque sabia que tinha que haver uma solução. Se ele tivesse algum valor, encontraria a solução.

Depois de duas semanas, papai desistiu. Na décima quinta manhã, quando Linus apareceu para o seu teste diário, ele nem levantou os olhos do jornal.

– Você é uma grande decepção – disse. – Um menino tolo que jamais será ninguém. – Ele virou uma página, sacudiu o jornal e examinou as manchetes. – Saia do meu quarto.

Linus nunca mais se aproximou do labirinto. Não conseguiu culpar papai e mamãe por seu fracasso vergonhoso – eles tinham razão; afinal de contas, que tipo de menino era incapaz de achar o caminho num labirinto? – então culpou o jardim. Passou a destruir as plantas, arrancar as flores, pisar nos brotos.

Todas as pessoas são moldadas por coisas que estão fora do seu controle, traços herdados, traços adquiridos. Quando Linus era criança, o aleijão provocou timidez, a timidez provocou uma gagueira, e ele se tornou um menino desagradável, que descobriu que só conseguia atenção quando se comportava mal. Recusava-se a sair de casa, então sua pele ficou pálida e sua perna boa ficou fina. Ele punha insetos dentro do chá da mãe, espinhos no chinelo do pai e aceitava de bom grado qualquer castigo. Assim, desta forma previsível, Linus ia vivendo.

Então, quando tinha dez anos, sua irmãzinha nasceu.

Linus desprezou-a imediatamente. Tão macia, rosada e embonecada. E, como Linus descobriu ao olhar por baixo de sua camisola de renda, perfeitamente formada. As duas pernas do mesmo tamanho. Dois pezinhos perfeitos, nenhum deles um pedaço de carne inútil.

Pior do que sua perfeição física, entretanto, era sua alegria. Seu sorriso, sua risada musical. Como tinha coragem de ser tão alegre, quando ele, Linus, era tão infeliz?

Linus resolveu tomar alguma providência. Sempre que conseguia escapar da sua preceptora, ele entrava no quarto da irmã e se ajoelhava ao lado do berço. Se o bebê estivesse dormindo, ele fazia um ruído súbito para despertá-lo. Se ela estendesse a mão para um brinquedo, ele o afastava. Se estendesse os braços, ele cruzava os dele. Se ela sorrisse, ele fazia uma careta horrorosa.

Entretanto, ela não parecia ligar. Nada que Linus fizesse a fazia chorar, nada perturbava a sua alegria natural. Isto o deixava perplexo, e ele se concentrava em inventar castigos astutos e singulares para a irmãzinha.

Quando Linus entrou na adolescência e se tornou ainda mais desajeitado, com braços compridos e pelos vermelhos brotando no queixo, Georgiana se transformou numa linda criança, amada por todos na região. Ela provocava um sorriso no rosto dos camponeses mais sisudos; fazendeiros que não tinham tido nada de bom a dizer

sobre a família Mountrachet em muitos anos mandavam cestas de maçãs para a srta. Georgiana.

Então, um dia, Linus estava sentado no parapeito da janela da biblioteca, usando sua nova lente de aumento para fritar formigas, quando escorregou e caiu. Não se machucou, mas sua preciosa lente de aumento quebrou. Ele gostava tanto do brinquedo, estava tão acostumado a desapontar a si mesmo, que, apesar de já ter treze anos, começou a chorar de raiva. Culpava-se por ter caído, por não ser inteligente, por não ter amigos, por não ser amado, por ter nascido com um defeito.

Estava tão cego pelas lágrimas, que não percebeu que viram sua queda. Então sentiu alguém bater em seu braço. Ele ergueu os olhos e viu sua irmãzinha ali parada, estendendo alguma coisa para ele. Era Claudine, sua boneca favorita.

– Linus triste – disse ela. – Pobre Linus. Claudine faz Linus contente.

Linus ficou perplexo, pegou a boneca, com os olhos fixos na irmã, que se sentou ao lado dele.

Com um riso malvado, ele enfiou um dos olhos de Claudine para dentro. Olhou para ver o efeito que o seu vandalismo teria na irmã.

Ela estava chupando o polegar, observando-o com os olhos azuis cheios de compaixão. Passado um instante, ela empurrou para dentro o outro olho de Claudine.

Desse dia em diante, eles se tornaram amigos. Sem queixas, sem um franzir de sobrancelhas, ela suportava as crises de raiva do irmão, sua crueldade, todas as coisas que a rejeição tinha provocado nele. Ela o deixava brigar com ela, repreendê-la e, depois, abraçá-la.

Se os tivessem deixado em paz, tudo teria dado certo, mas mamãe e papai não toleravam que alguém pudesse amá-lo. Ele os ouvia falando em voz baixa – eles passam muito tempo juntos, isso não é correto, não é saudável – e, poucos meses depois, foi mandado para o colégio interno.

Suas notas eram horríveis, Linus se encarregou disso, mas papai tinha sido companheiro de caçadas do diretor do Balliol College e conseguiu um lugar para ele em Oxford. A única coisa positiva dos anos passados na universidade foi sua descoberta da fotografia. Um professor de inglês, que era uma pessoa sensível, permitiu que ele usasse sua câmera e depois o auxiliou na compra de uma.

E, finalmente, aos vinte e três anos, Linus voltou a Blackhurst. Como a sua *poupée* tinha crescido! Só tinha treze anos e estava tão alta. Tinha o cabelo mais vermelho e comprido que ele já tinha visto. Durante algum tempo, ele se sentiu tímido diante dela: estava tão mudada, ele precisava tornar a conhecê-la. Mas um dia, quando ele estava tirando fotografias perto da enseada, ela apareceu no visor da câmera, sentada no alto da rocha negra, olhando para o mar. O vento agitava seus cabelos, ela abraçava os joelhos, e suas pernas estavam nuas.

Linus ficou sem ar. Continuou a observá-la e ela se virou lentamente e olhou diretamente para ele. Enquanto alguns não conseguiam disfarçar o fato de saberem que estavam sendo focados por uma câmera, Georgiana permaneceu completamente indiferente. Parecia estar olhando diretamente para ele, como os mesmos olhos com que o olhara tantos anos antes, quando ele estava chorando. Sem pensar, ele apertou o botão da câmera. Capturando o rosto dela, um rosto tão perfeito.

Cuidadosamente Linus tirou do bolso a fotografia. Ele a segurou com delicadeza porque o papel estava velho, com as extremidades gastas. A luz do sol já tinha desaparecido quase por completo, mas se ele segurasse no ângulo certo...

Quantas vezes tinha se sentado ali, contemplando a foto, depois do desaparecimento dela? Aquela era a única cópia que possuía, pois, quando Georgiana partiu – Mamãe? Adeline? Alguém a mando delas? –, alguém entrou no seu laboratório e retirou os negativos. Sobrara apenas esta cópia, porque Linus a tinha sempre com ele.

Mas agora, uma segunda chance, e esta Linus não ia perder. Ele não era mais uma criança, era o senhor de Blackhurst. Mamãe e papai estavam mortos e enterrados. Só restavam aquela sua esposa desagradável e a filha enfermiça, e quem eram elas para impedir a vontade de Linus? Ele cortejara Adeline para castigar os pais pela fuga de Georgiana, e o noivado tinha sido um golpe tão brutal, que a permanência da mulher na sua casa representara um preço pequeno a pagar por isso. E tinha sido mesmo. E ia continuar a ser. Era fácil ignorá-la. Ele era o patrão e faria o que quisesse.

Eliza. Ele permitiu que o nome dela escapasse dos seus lábios trêmulos.

Ele lhe daria um presente. Algo que provocasse sua gratidão. Algo que sabia de que ela iria gostar, porque sua mãe gostava tanto.

Chalé do penhasco, 2005

Cassandra atravessou o portão e sentiu, mais uma vez, o impacto do silêncio, estranho e pesado, que havia ao redor do chalé. Havia uma outra coisa também que ela não sabia precisar. Uma estranha sensação de conspiração. Como se, ao entrar por aquele portão, ela estivesse firmando um pacto cujos termos ainda ignorava.

Era mais cedo do que quando estivera lá antes, e o sol iluminava o jardim. O paisagista só era esperado uns quinze minutos mais tarde, então Cassandra guardou a chave no bolso e resolveu explorar um pouco a propriedade.

Um estreito caminho de pedra, quase oculto pelo musgo, rodeava a entrada. A vegetação que ladeava a casa era alta e densa e ela precisou afastá-la da parede para poder passar.

Havia algo no jardim que a fazia lembrar-se do quintal de Nell em Brisbane. Não tanto as plantas, mas a atmosfera. Até onde Cassandra conseguia lembrar, o quintal de Nell era um emaranhado de arbustos, ervas e flores. Com pequenas trilhas de cimento entre as plantas. Tão diferente dos outros quintais, com seus gramados queimados de sol e uma ou outra roseira dentro de pneus de automóvel pintados de branco.

Cassandra chegou aos fundos do chalé e parou. Um espinheiro de pelo menos três metros de altura tinha crescido no meio do caminho. Ela se aproximou e olhou para cima. O formato era uniforme, linear, quase como se as plantas tivessem formado um muro natural.

Ela caminhou ao longo daquela cerca viva, passando de leve os dedos por suas folhas. Andava devagar, a vegetação quase alcançava seus joelhos e ameaçava derrubá-la a cada passo. No meio do caminho, notou uma brecha entre os galhos, uma abertura pequena, mas suficiente para ela ver que não havia nenhuma luz do outro lado, que

havia algo sólido ali atrás. Com cuidado para não se espetar nos espinhos, Cassandra enfiou a mão na abertura e se inclinou para a frente, enfiando o braço até o ombro. Seus dedos roçaram algo duro e frio.

Um muro, um muro de pedra, coberto de musgo, considerando as manchas verdes nas pontas dos seus dedos. Cassandra limpou a mão no jeans e tirou a escritura do bolso, para examinar o mapa da propriedade. O chalé estava claramente marcado, um pequeno quadrado na frente do terreno. Segundo o mapa, entretanto, a linha que delimitava o fundo ficava bem mais longe. Cassandra tornou a dobrar o mapa e o guardou no bolso. Se o mapa estivesse correto, este muro fazia parte da propriedade de Nell, não marcava o seu limite. Ele pertencia ao chalé do penhasco, bem como qualquer coisa que houvesse do outro lado dele.

Cassandra continuou sua corrida de obstáculos ao longo do muro, torcendo para encontrar um portão ou uma porta, qualquer coisa que a deixasse entrar. O sol estava subindo no céu e os pássaros tinham parado de cantar. O ar estava pesado com o perfume doce e inebriante de uma trepadeira de rosas. Embora fosse outono, Cassandra estava ficando com calor. Pensar que imaginara que a Inglaterra fosse um país frio, quase sem sol. Ela parou para enxugar o suor da testa e bateu com a cabeça em alguma coisa.

O galho retorcido de uma árvore vinha de cima do muro, como se fosse um braço. Uma macieira, Cassandra percebeu quando viu que o galho tinha frutos. As maçãs estavam tão maduras, tão cheirosas, que Cassandra não resistiu e colheu uma.

Consultou o relógio e, a contragosto, começou a voltar pelo mesmo caminho. Continuar a procurar uma porta depois, não queria se arriscar a se desencontrar do jardineiro. A sensação de isolamento ao redor do chalé era tão grande, que Cassandra tinha a sensação de que não o ouviria dali, mesmo que ele a chamasse.

Ela abriu a porta da frente e entrou.

A casa parecia estar atenta, esperando para ver o que ela ia fazer. De leve, ela passou a mão pela parede.

– Minha casa – disse baixinho. – Esta é a minha casa.

Aquelas palavras ecoaram nas paredes. Como era estranho e inesperado tudo aquilo. Ela percorreu a cozinha, passou pela roda de fiar e foi para a pequena sala de visitas na parte da frente. A casa tinha uma atmosfera diferente, agora que ela estava sozinha. De certo modo familiar, como um lugar que tivesse visitado muito tempo antes.

Cassandra se sentou numa cadeira de balanço. Conhecia bem móveis antigos e sabia que a cadeira não estava prestes a quebrar, mas, mesmo assim, não se sentiu muito à vontade. Era como se o seu dono estivesse por perto e fosse voltar a qualquer momento e encontrar uma intrusa em seu lugar.

Enquanto limpava a maçã na blusa, Cassandra virou a cabeça para olhar pela janela empoeirada. Havia uma trepadeira subindo pela vidraça, mas ela ainda conseguia avistar o jardim. Havia uma pequena estátua que não tinha notado antes, uma criança, um menino trepado numa pedra, olhando para a casa com os olhos bem abertos.

Cassandra mordeu a maçã perfumada. Uma maçã, de uma árvore do seu próprio jardim, uma árvore plantada muitos anos antes e que ainda dava frutos. Todo ano. Era doce, será que as maçãs eram sempre tão doces?

Ela bocejou. O sol a deixara muito sonolenta. Ficaria ali sentada mais um pouco, até o jardineiro chegar. Deu mais uma mordida na maçã. A sala parecia mais quente do que antes. Como se o fogão tivesse sido aceso, como se alguém tivesse entrado no chalé e começado a preparar o almoço. Suas pálpebras estavam pesadas e ela fechou os olhos. Um pássaro cantou, uma linda melodia; folhas agitadas pelo vento bateram na janela, e, ao longe, o oceano batia na praia com um ritmo constante, ia e vinha, ia e vinha...

... ia e vinha na sua cabeça o dia todo. Ela tornou a atravessar a cozinha e parou na janela, mas não se permitiu olhar para fora. Em vez

disso, olhou para o pequeno relógio de mesa. Ele estava atrasado. Já tinha passado da hora marcada. Ela imaginou se aquele atraso significava algo de importante, se ele tinha ficado preso, se tinha se arrependido. Se ainda viria.

Seu rosto estava quente. Estava muito quente lá dentro. Ela aproximou-se do fogão e diminuiu o fogo. Imaginou se deveria ter preparado alguma coisa para comer.

Um barulho lá fora.

Ficou agitada. Ele estava lá.

Ela abriu a porta e ele entrou, sem dizer uma palavra.

Ele parecia tão grande naquele pequeno hall, e, embora agora o conhecesse bem, estava tímida, não conseguia encará-lo.

Ele também estava nervoso; ela podia perceber isso, embora ele fizesse o possível para disfarçar.

Sentaram-se um em frente ao outro na mesa da cozinha e o lampião tremulava entre os dois. Um lugar estranho para se sentar numa noite dessas, mas foi o que fizeram. Ela contemplou as próprias mãos, imaginou como proceder. Tudo parecera tão simples no início. Mas agora o caminho parecia cheio de armadilhas. Talvez esses encontros fossem sempre assim.

Ele estendeu a mão.

Ela prendeu a respiração quando ele segurou uma mecha do seu cabelo entre os dedos. Contemplou-a por um tempo que pareceu um século. Não olhava tanto para o cabelo, mas para o estranho fato de ser o cabelo *dela* entre os dedos *dele*.

Finalmente seus olhares se encontraram. Ele encostou a mão no rosto dela. Então ele sorriu, e ela também. Suspirou de alívio e de mais alguma coisa. Ele abriu a boca e disse...

– Olá? – Uma batida na porta. – Olá? Tem alguém aí?

Cassandra abriu os olhos. A maçã que estava segurando caiu no chão.

Passos pesados e então um homem apareceu na porta, um homem alto e forte, de quarenta e poucos anos. Cabelo escuro, olhos escuros, um sorriso largo.

– Olá – disse ele, com as mãos erguidas, numa atitude de rendição.

– Você está com cara de quem viu um fantasma.

– Você me assustou – disse Cassandra, defensivamente, erguendo-se da cadeira.

– Desculpe. – Ele se aproximou. – A porta estava aberta. Não imaginei que você estivesse tirando uma soneca.

– Eu não estava. Quer dizer, estava, mas não tinha esta intenção. Eu só quis me sentar um pouco, mas... – A explicação de Cassandra foi interrompida pela lembrança do sonho. Já fazia muito tempo que não sonhava com nada remotamente erótico, muito tempo que não *fazia* algo remotamente erótico. Desde Nick. E não queria pensar nisso. De onde tinha vindo aquele sonho?

O homem sorriu e estendeu a mão.

– Eu sou Michael Blake, paisagista. Você deve ser Cassandra.

– Isso mesmo. – Ela ficou vermelha quando apertou a mão dele.

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo.

– Meu amigo me disse que as moças australianas eram lindas, mas eu não acreditei. Agora sei que ele estava dizendo a verdade.

Cassandra não sabia para onde olhar e acabou olhando para um ponto logo acima do ombro esquerdo dele. Um flerte assim tão escancarado sempre a deixava sem jeito, mas o sonho a tinha deixado duplamente nervosa. Ainda podia sentir seus efeitos.

– Ouvi dizer que você está tendo problemas com uma árvore?

– É verdade – Cassandra balançou a cabeça e afastou o sonho da mente. – Estou tendo, sim. Obrigada por ter vindo.

– Nunca pude resistir a uma dama em perigo. – Ele tornou a sorrir, um sorriso largo e franco.

Ela apertou mais o casaco em volta da cintura. Tentou retribuir o sorriso, mas não se sentiu à vontade.

– É por aqui. Na escada.

Michael seguiu-a pelo corredor, inclinou-se para olhar para cima. Ele assobiou.

– Um dos velhos pinheiros. Parece que já está aí há um bom tempo. Deve ter caído durante a grande tempestade de noventa e cinco.

– Você pode removê-lo?

– É claro que sim. – Michael olhou por cima do ombro. – Você pode pegar a serra elétrica, Chris?

Cassandra se virou; ela não tinha percebido que havia outra pessoa na sala com eles. Havia outro homem parado atrás dela, mais magro e mais jovem do que Michael. De cabelo castanho claro, encaracolado. Pele morena, olhos castanhos.

– Christian – disse Michael, apresentando-o. Ele estendeu a mão, hesitou, limpou-a no jeans. Tornou a estendê-la.

Cassandra apertou a mão dele.

– Serra elétrica, Chris – repetiu Michael. – Rápido, vamos.

Michael ergueu as sobancelhas para Cassandra quando Chris saiu.

– Tenho que estar de volta ao hotel dentro de meia hora, mas não se preocupe, vou iniciar o trabalho e deixar o resto com o meu fiel escudeiro. – Ele sorriu para Cassandra, olhando-a diretamente nos olhos. – Então esta casa é sua. Eu morei a vida inteira na aldeia e nunca soube que tinha dono.

– Eu mesma ainda estou me acostumando com a ideia.

Michael deu uma olhada em volta, na casa em ruínas.

– O que uma simpática moça australiana está fazendo numa casa como esta?

– Eu a herdei. Minha avó a deixou para mim.

– Sua avó era inglesa?

– Australiana. Ela a comprou nos anos setenta, quando veio aqui de férias.

– Um souvenir e tanto. Ela não achou nenhum pano de prato que a agradasse?

Um barulho na porta e Christian estava de volta, carregando uma serra elétrica.

– É esta que você quer?

– É uma serra com uma corrente – disse Michael, piscando o olho para Cassandra. – Eu diria que é essa mesmo.

O corredor era estreito e Cassandra se virou de lado para Christian passar. Ela não o encarou, fingindo estar interessada numa tábua solta no assoalho. O modo de Michael falar com Chris a deixara embaraçada.

– Chris é novo no ramo – disse Michael, sem se dar conta do desconforto de Cassandra. – Ainda não sabe a diferença entre uma serra de corrente e uma serra tico-tico. Ele ainda está um pouco verde, mas vamos transformá-lo num lenhador. – Ele sorriu. – Ele é um Blake, está no sangue. – Ele deu um tapa de brincadeira no irmão e os dois homens se concentraram no trabalho a sua frente.

Cassandra ficou aliviada quando a serra começou a trabalhar e ela ficou livre para fugir para o jardim. Embora soubesse que empregaria melhor seu tempo tirando galhos de dentro de casa, sua curiosidade tinha sido despertada. Queria encontrar uma passagem naquele muro nem que levasse o dia inteiro.

O sol estava alto e quase não havia sombras. Cassandra tirou o casaco e o deixou numa pedra próxima. O sol batia nos seus braços e o alto da sua cabeça logo ficou quente. Arrependeu-se de não ter trazido um chapéu.

Enquanto examinava os galhos, enfiando a mão numa ou noutra abertura, evitando os espinhos, tornou a pensar no sonho. Fora particularmente nítido, e ela conseguia se lembrar de cada detalhe – imagens, cheiros, até da atmosfera do sonho. Inegavelmente erótica, carregada de desejo proibido.

Cassandra sacudiu de leve a cabeça, para afastar emoções confusas e indesejadas. Dirigiu seu pensamento para o mistério de Nell. Na noite anterior, ficara acordada até tarde, lendo o caderno. Uma tarefa não muito fácil. Quando o mofo não dificultava a leitura, era a letra de Nell, que já era péssima, e tinha piorado ainda mais depois da chegada

dela à Cornualha. Transformara-se num verdadeiro garrancho. Cassandra apostava que ela passara a escrever mais depressa, com mais excitação.

Mesmo assim, Cassandra estava conseguindo. Tinha ficado enfeitiçada com as lembranças de Nell, com sua certeza de ter visitado o chalé quando era menina. Cassandra mal podia esperar para ver os álbuns de recortes que Julia encontrara, os diários onde a mãe de Nell anotara seus pensamentos. Pois, com certeza, eles iriam lançar mais luz na infância de Nell, talvez até fornecer pistas importantes para o desaparecimento dela junto com Eliza Makepeace.

Um assobio, alto e agudo. Cassandra ergueu os olhos, esperando algum tipo de pássaro.

Michael estava parado no canto da casa, vendo-a trabalhar. Ele indicou o espinheiro.

– Você tem uma planta impressionante aí.

– Nada que uma boa limpeza não possa resolver – ela disse, sem jeito. Ela ficou imaginando por quanto tempo ele a estivera observando.

– Um ano de limpeza e uma serra elétrica. – Ele riu. – Estou indo para o hotel agora. – Ele fez um gesto de cabeça na direção do chalé. – Conseguimos avançar bastante. Vou deixar para o Chris terminar. Ele vai conseguir, mas é bom que você o oriente. – Ele tornou a sorrir daquele jeito franco. – Você tem meu telefone, certo? Ligue para mim. Posso mostrar-lhe alguns lugares pitorescos enquanto você estiver na cidade.

Não foi uma pergunta. Cassandra sorriu e se arrependeu imediatamente. Ela desconfiou de que Michael fosse o tipo de pessoa que considerava qualquer reação como sendo um sim. Ela tinha razão, ele piscou o olho para ela e voltou para a frente da casa.

Com um suspiro, Cassandra tornou a olhar para o muro. Christian tinha subido pelo buraco feito pela árvore e estava trepado no telhado, usando um serrote para cortar os galhos. Enquanto Michael era tranquilo, havia uma intensidade em Christian que parecia refletir-se

em tudo o que fazia. Ele mudou de posição e Cassandra virou depressa a cabeça, fingindo estar interessada no muro.

Eles continuaram trabalhando, e o silêncio entre eles amplificava todos os outros sons: o serrote de Christian indo para frente e para trás; o burburinho dos pássaros sobre as telhas; o som distante de água correndo em algum lugar. Normalmente Cassandra gostava de trabalhar calada, estava acostumada a ficar sozinha e preferia mesmo ficar sozinha. Só que não estava sozinha e, quanto mais fingisse que estava, mais o silêncio se tornava pesado.

Finalmente ela não aguentou mais.

– Tem um muro aqui atrás – disse, com uma voz mais alta e mais estridente do que pretendia. – Eu o encontrei mais cedo.

Christian levantou os olhos da madeira. Olhou para ela como se ela tivesse começado a recitar a tabuada.

– Mas não sei o que tem do outro lado – ela disse. – Não consigo encontrar um portão e a planta que minha avó recebeu quando comprou a casa não traz nenhuma indicação. Sei que tem um monte de galhos e espinhos, mas talvez você consiga enxergar melhor aí de cima.

Christian contemplou as próprias mãos, deu a impressão de que ia dizer alguma coisa.

Cassandra pensou: ele tem mãos bonitas e descartou imediatamente este pensamento.

– Você consegue ver o que tem do outro lado do muro?

Ele apertou os lábios, limpou as mãos no jeans e balançou a cabeça.

– Você consegue? – Ela não estava contando com isso. – O que é? Você pode me dizer?

– Posso fazer melhor – ele disse, segurando-se na beirada do telhado e saltando para o chão. – Venha, vou lhe mostrar.

O buraco era bem pequeno, ficava na parte de baixo do muro e estava tão escondido que Cassandra poderia tê-lo procurado por um ano sem encontrar. Christian estava de quatro no chão, afastando a vegetação.

– Primeiro as damas – ele disse.

Cassandra olhou para ele.

– Achei que tinha um portão.

– Se você o encontrar, eu passo por ele com você.

– Você quer que eu... – Ela olhou para o buraco. – Não sei se eu consigo. Nem sei como...

– De barriga no chão. O buraco não é tão apertado quanto parece.

Cassandra tinha dúvidas quanto a isso. Parecia muito apertado.

Entretanto, aquela busca infrutífera só tinha aumentado a sua determinação: ela *precisava* saber o que havia do outro lado. Deitou-se no chão e olhou de viés para Christian.

– Tem certeza de que é seguro? Você já fez isso antes?

– Pelo menos umas cem vezes. – Ele coçou o pescoço. – Claro, eu era mais jovem e menor, mas... – Ele riu. – Estou brincando. Vai dar tudo certo.

Ela sentiu um certo alívio quando sua cabeça passou e ela percebeu que não ia ficar com o pescoço preso debaixo de um muro de pedra. Conseguiu passar o resto do corpo, o mais depressa que pôde, e se levantou. Limpou a terra das mãos e olhou em volta, encantada.

Era um jardim, um jardim murado. Cheio de mato, mas ainda com belos traços. Alguém tinha cuidado daquele jardim um dia. Os restos de dois caminhos se interligavam como o caderço de uma sapatilha de dança. Árvores frutíferas tinham sido plantadas ao redor do jardim, e arames ziguezagueavam do topo de um muro para o topo de outro. Ramos de glicínia tinham se entrelaçado, formando uma espécie de cobertura.

Encostada em um dos lados do muro, havia uma árvore velha e nodosa. Cassandra se aproximou dela. Viu que era a macieira, aquela cujo galho tinha passado por cima do muro. Ela ergueu a mão para tocar num dos frutos dourados. A árvore tinha uns cinco metros de altura e a forma do bonsai japonês que Nell tinha dado a Cassandra no seu aniversário de doze anos. Ao longo das décadas, o tronco curto tinha entortado e alguém tivera o trabalho de colocar um apoio sob um galho grande para absorver parte do seu peso. Uma marca de

queimadura no meio do tronco sugeria que ele fora atingido por um raio muitos anos antes. Cassandra passou os dedos pela queimadura.

– Este lugar é mágico, não é? – Christian estava parado no meio do jardim, perto de um banco de ferro. – Mesmo quando era criança, eu conseguia sentir isso.

– Você costumava vir aqui?

– O tempo todo. Era o meu lugar secreto. Ninguém mais sabia a respeito dele. – Ele sacudiu os ombros. – Bem, quase ninguém.

Do outro lado do jardim, Cassandra viu alguma coisa brilhando contra o muro. Ela se aproximou. Era metal, brilhando ao sol. Uma porta. Coberta de galhos de trepadeira, uma imensa teia bloqueando a entrada da toca da aranha. Ou a saída, como podia ser o caso.

Christian juntou-se a ela e, juntos, eles puxaram a planta. Havia uma maçaneta de metal, escurecida pelo tempo. Cassandra tentou abri-la. A porta estava trancada.

– Onde será que ela vai dar?

– Tem um labirinto do outro lado que atravessa toda a propriedade – disse Christian. – Termina perto do hotel. Michael está trabalhando para restaurá-lo.

O labirinto, é claro. Ela sabia disso. Onde tinha lido sobre o labirinto? No caderno de Nell? Num folheto turístico no hotel?

Uma libélula passou voando e eles voltaram para o centro do jardim.

– Por que sua avó comprou o chalé? – quis saber Christian, tirando uma folha que ficara presa em seu ombro.

– Ela nasceu nesta região.

– Na aldeia?

Cassandra hesitou, imaginando quanto devia contar.

– Na propriedade, para falar a verdade. Em Blackhurst. Ela só soube disso com mais de sessenta anos, quando seu pai adotivo morreu. Descobriu que seus pais eram Rose e Nathaniel Walker. Ele era...

– Um artista. Eu sei. – Christian pegou um galhinho do chão. – Eu tenho um livro ilustrado por ele, um livro de contos de fadas.

– *Histórias mágicas para meninas e meninos?*

– É. – Ele olhou espantado para ela.

– Eu também tenho um exemplar.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não foram impressos muitos, ao menos pelos padrões de hoje.

Você sabe que Eliza Makepeace morava neste chalé?

Cassandra sacudiu a cabeça.

– Não, eu sabia que ela tinha crescido na propriedade...

– A maioria das histórias dela foi escrita aqui neste jardim.

– Você sabe um bocado sobre ela.

– Eu estive relendo as histórias há pouco tempo. Eu as adorava quando era criança, desde que encontrei um velho exemplar no bazar de caridade da aldeia. Havia algo mágico nelas, mais do que parecia à primeira vista. – Ele arrastou o pé na terra. – É um pouco triste, eu acho... Um homem adulto lendo histórias infantis.

– Eu não acho. – Cassandra notou que ele estava levantando e abaixando os ombros, com as mãos nos bolsos. Quase como se estivesse nervoso. – Qual delas você gosta mais?

Ele inclinou a cabeça, apertando os olhos por causa do sol.

– “Os olhos da velha.”

– É mesmo? Por quê?

– Ela sempre pareceu diferente das outras. Mais significativa, de certa forma. Além disso, eu tinha oito anos e me apaixonei pela princesa. – Ele sorriu envergonhado. – Como não gostar de uma garota cujo castelo é destruído, seus súditos derrotados, e que, mesmo assim, tem a coragem de embarcar numa missão para recuperar os olhos da velha?

Cassandra também sorriu. A história da princesa corajosa que não sabia que era uma princesa foi a primeira história de Eliza que ela leu. Naquele dia quente em Brisbane, quando tinha dez anos e desobedeceu à avó e descobriu a mala debaixo da cama.

Christian quebrou o galhinho ao meio e jogou fora os pedaços.

– Imagino que você vá tentar vender o chalé, não?

– Por quê? Você está interessado em comprá-lo?

– Com o salário que Mike me paga? – Os olhos deles se encontraram. – Não conte com isso.

– Eu não sei como vou reformá-lo – ela disse. – Não imaginei que havia tanta coisa a ser feita. O jardim, a casa. – Ela fez um gesto na direção do muro. – Tem um buraco no maldito telhado.

– Quanto tempo você vai ficar aqui?

– Tenho reserva no hotel para três semanas.

Ele assentiu.

– Deve ser tempo suficiente.

– Você acha?

– Claro.

– Que confiança. E você ainda nem me viu com um martelo na mão.

Ele estendeu o braço para prender um ramo solto de glicínia.

– Eu posso ajudá-la.

Cassandra ficou sem jeito: ele achou que ela havia dado uma indireta.

– Eu não tive a intenção... Não tenho... Não tenho verba para restauração.

Ele sorriu, o primeiro sorriso de verdade que ela o via dar.

– Eu já estou ganhando tão pouco mesmo. Posso não ganhar nada para trabalhar num lugar que eu amo.

Tregenna, 1975

Nell contemplou o mar agitado. Era o primeiro dia nublado desde sua chegada à Cornualha, e toda a paisagem tremia. Os chalés brancos pendurados nos penhascos, as gaivotas prateadas, o céu cinzento refletindo o mar revolto.

– Esta é a vista mais bonita de toda a Cornualha – disse a corretora.

Nell não se dignou a responder. Continuou a observar as ondas da pequena janela do quarto.

– Tem outro quarto aqui ao lado. Só que menor do que este.

– Eu preciso de mais tempo para examinar a casa – disse Nell. – Encontro você lá embaixo quando terminar.

A corretora pareceu contente em ser dispensada e, um minuto depois, Nell a viu aparecer no portão da frente, enfiada num casaco.

Nell viu a mulher lutar contra o vento para acender um cigarro, depois contemplou o jardim. Não dava para ver muita coisa ali de cima, havia um muro de trepadeiras bloqueando sua visão, mas conseguia enxergar a cabeça de pedra da estátua do menino.

Nell se debruçou no parapeito da janela, sentiu a madeira curtida pelo sal sob as palmas das mãos. Já estivera no chalé antes, quando era pequena, ela sabia disso agora. Tinha estado naquele mesmo lugar, naquele quarto, contemplando o mesmo mar. Fechou os olhos e tentou lembrar.

Havia uma cama onde estava agora, uma cama de solteiro, simples, com pontas de metal que precisavam de polimento. Do teto, caía um cone invertido de tela, como a névoa branca que paira no horizonte quando o mar é castigado pela tempestade. Uma colcha de retalhos, fria sob seus joelhos; barcos de pesca balançando ao sabor da maré, pétalas de flores flutuando no lago do jardim.

Ficar sentada nesta janela que se projetava do resto do chalé era como estar pendurada no alto do penhasco, como a princesa de um de seus contos de fadas favoritos, transformada num pássaro e presa a uma gaiola de ouro...

Vozes alteradas lá embaixo, seu pai e a Autora.

O nome dela, Ivory, cortante e cheio de pontas como uma estrela recortada em papelão com uma tesoura pontuda. Seu nome como uma arma.

Havia outras palavras zangadas sendo ditas. Por que papai estava gritando com a Autora? Papai que nunca erguia a voz.

A menina ficou assustada, ela não queria ouvir.

Nell fechou mais os olhos, tentando escutar.

A menina prendeu o choro, cantou canções em sua mente, contou histórias, pensou naquela gaiola dourada, na princesa-pássaro se balançando e esperando.

Nell tentou afastar a canção, a imagem da gaiola dourada. Nas profundezas geladas da sua mente, a verdade estava espreitando, esperando que Nell a arrastasse de volta à superfície...

Mas não hoje. Ela abriu os olhos. Os rebentos estavam muito escorregadios hoje, a água em volta deles, muito lamacenta.

Nell desceu a escada estreita.

A corretora trancou o portão e, juntas, elas caminharam em silêncio até o carro.

– Então, o que você achou? – A corretora perguntou, no tom superficial de quem acha que sabe a resposta.

– Eu gostaria de comprá-la.

– Talvez eu possa mostrar-lhe. – A corretora olhou para ela. – Você quer comprar a casa?

Nell tornou a olhar para o mar agitado, o horizonte enevoadado. Gostava de uma certa inclemência no tempo. Quando as nuvens baixavam e a chuva ameaçava cair, sentia-se restaurada. Respirava mais profundamente, pensava com mais clareza.

Ela não sabia como ia pagar pelo chalé, o que teria que vender para isso. Mas tão certo quanto preto e branco faziam cinza, Nell sabia que tinha que possuí-lo. Desde o momento em que tinha se lembrado daquela menina perto do laguinho, da menina que era Nell numa outra vida, ela soubera.

A corretora foi dirigindo de volta até a Hospedaria de Tregenna com promessas de levar os contratos assim que estivessem redigidos. Também tinha o nome de um bom advogado que Nell podia usar. Nell fechou a porta do carro e subiu os degraus até o salão. Ela estava tão focada em calcular a diferença de horário – precisava acrescentar três horas e mudar de am para pm? – para poder ligar para o gerente do seu banco e tentar explicar a súbita aquisição de um chalé na Cornualha, que não viu a pessoa que se dirigia para ela até quase darem um encontrão uma na outra.

– Desculpe – disse Nell, parando de repente.

Robyn Martin piscava rapidamente por trás dos óculos.

– Você estava esperando por mim? – quis saber Nell.

– Eu trouxe uma coisa para você – Robyn entregou a Nell uma pilha de papéis presos com um clipe. – É a pesquisa para o artigo que estou escrevendo sobre a família Mountrachet. – Ela estava um pouco sem jeito. – Eu a ouvi perguntar a Gump sobre eles, e eu sei que ele não... não ajudou muito. – Ela passou a mão no cabelo. – Está muito desorganizada, mas eu achei que poderia interessá-la.

– Obrigada – disse Nell, com sinceridade. – E sinto muito se eu....

Robyn balançou a cabeça.

– E o seu avô...?

– Está bem melhor. De fato, eu estava pensando se você poderia vir jantar de novo, na semana que vem. Na casa de Gump.

– Agradeço o convite – disse Nell –, mas acho que seu avô não vai gostar.

Robyn sacudiu a cabeça.

– Não, você entendeu mal.

Nell ergueu as sobrancelhas.

– A ideia foi dele – disse Robyn. – Ele disse que tem uma coisa para contar para você. Sobre o chalé e sobre Eliza Makepeace.

Nova York e Tregenna, 1907

*SRTA. ROSE MOUNTRACHET,
CUNARD LINE, LUSITANIA*

9 de setembro de 1907
Srta. Eliza Mountrachet,
Mansão Blackhurst,
Cornualha, Inglaterra

Minha querida Eliza,
Ah! Que maravilha o Lusitania! Estou escrevendo esta carta, priminha, sentada no convés superior – numa mesinha deliciosa no Café Varanda –, contemplando o azul do Atlântico, enquanto o nosso imenso “hotel flutuante” nos leva para Nova York.

Existe uma atmosfera de grande animação a bordo, com as pessoas exultando com a possibilidade de o Lusitania recuperar a Faixa Azul da Alemanha. No embarque em Liverpool, enquanto o navio saía lentamente do porto e dava início à viagem, a multidão no cais estava cantando ‘Os ingleses jamais, jamais serão escravos’ e agitando bandeiras, tantas e tão depressa, que mesmo quando nos afastamos e as pessoas viraram pontinhos no cais, eu conseguia ver as bandeiras balançando. Quando os barcos se despediram de nós tocando suas buzinas, confesso que meus braços ficaram arrepiados e meu coração se encheu de orgulho. Que felicidade participar de um evento tão importante! Será que a história vai se lembrar de nós? Espero que sim – imaginar que se pode fazer alguma coisa, influenciar num acontecimento de alguma forma e, assim, ultrapassar os limites do tempo de vida humana!

Eu sei o que você vai dizer a respeito da Faixa Azul – que é uma corrida boba inventada por homens tolos tentando provar que seu barco pode correr mais do que outro pertencente a homens ainda mais tolos! Mas, Eliza querida, sentir esta sensação de excitação e conquista – bem, só posso dizer que é revigorante. Eu me sinto mais viva do que nunca, e, embora saiba que você deve estar revirando os olhos, permita-me desejar que consigamos fazer a viagem em tempo recorde e reconquistar o lugar que é nosso por direito.

O navio é feito de tal maneira, que às vezes é difícil a pessoa lembrar que está no mar. Mamãe e eu estamos numa das duas Suítes Reais a bordo – ela tem dois quartos, sala de estar, sala de jantar, banheiro, lavatório e copa e é lindamente decorada, fazendo-me lembrar um pouco das fotos de Versalhes do livro da srta. Trenton, o que ela mostrou na aula naquele verão, muito tempo atrás.

Eu ouvi uma dama muito bem-vestida comentar que este navio é mais parecido com um hotel do que qualquer outro navio em que ela já tinha viajado. Eu não sei quem era a dama, mas tenho certeza de que ela era muito importante, porque mamãe ficou sem fala quando nos aproximamos dela. Mas não se impressione, isso não durou muito – mamãe não consegue se controlar por muito tempo. Ela achou logo a língua e está recuperando o tempo perdido desde então. Nossos companheiros de viagem são um verdadeiro *quem é quem* da sociedade londrina, segundo mamãe, e portanto precisam ser ‘conquistados’. Eu tenho ordens de usar sempre o que tenho de melhor – graças a Deus, tenho dois guarda-roupas cheios de roupas e estou sempre pronta para a guerra! Pois embora mamãe e eu tenhamos o mesmo objetivo, não temos o mesmo gosto! – Ela está sempre mostrando um cavalheiro que considera um ótimo partido e eu geralmente fico desanimada. Mas chega – acho que vou perder a audiência da minha querida prima se me alongar muito neste assunto.

De volta, então, ao navio – tenho me aventurado um pouco, sem dúvida você ficaria orgulhosa. Ontem de manhã, consegui fugir de mamãe e passei uma hora muito agradável no jardim da cobertura.

Pensei em você, minha querida, no quanto você ficaria espantada ao ver que esta vegetação toda podia ser cultivada a bordo de um navio. Há banheiras por toda parte cheias de plantas e flores. Eu me senti tão contente sentada no meio delas (ninguém conhece melhor do que eu o poder curativo de um jardim) e mergulhei nos devaneios mais tolos. (Você será capaz de imaginar muito bem para onde me levou a minha fantasia...)

Ah! Como eu gostaria que você tivesse concordado em vir conosco, Eliza. Vou me permitir ralhar com você, pois não consigo entender. Afinal de contas, foi você quem levantou pela primeira vez a possibilidade de um dia viajarmos juntas para a América, para ver os arranha-céus de Nova York e a grande Estátua da Liberdade. Não sei o que a fez deixar passar esta oportunidade e ficar em Blackhurst, tendo apenas papai como companhia. Você é, como sempre, um mistério para mim, minha querida, mas sei que não adianta discutir com você depois que você toma uma decisão, minha teimosa Eliza. Só vou dizer que sinto a sua falta e estou sempre imaginando quantas travessuras faríamos se você estivesse aqui. (Como acabaríamos com os nervos da pobre mamãe!) É estranho pensar no tempo em que você era uma desconhecida para mim, parece que sempre formamos um par e os anos em Blackhurst, antes da sua chegada, foram apenas um período terrível de espera.

Ah – mamãe está chamando. Parece que somos esperadas, de novo, no salão de jantar. (As refeições, Eliza! Eu tenho que caminhar pelo convés entre uma e outra para poder aceitar alguma coisa). Mamãe deve ter fiscado o conde fulano de tal, ou o filho de algum industrial rico para a nossa mesa. O trabalho que uma filha dá, e ela tem razão nisto: eu nunca vou conhecer o Meu Destino se ficar trancada no quarto.

Então me despeço de você, minha querida Eliza, e termino dizendo que, embora você não esteja comigo em pessoa, está em espírito. Eu sei que, quando avistar a famosa dama da Liberdade, vigiando o seu

porto, será a voz da minha prima Eliza que eu ouvirei, dizendo: ‘Olhe para ela e pense em tudo o que ela já viu.’

A prima que te ama muito, Rose.

Eliza apertou o embrulho de papel pardo. Parada na porta da mercearia de Tregenna, viu um cobertor cinzento de nuvens no céu. Névoa no horizonte anunciava tormentas no mar, e o ar na aldeia estava carregado de umidade. Eliza não tinha levado bolsa, porque, ao sair de casa, não tinha tido a intenção de ir até a aldeia. Foi em algum momento, durante a manhã, que a história lhe veio à cabeça e exigiu que ela escrevesse imediatamente. As cinco páginas que restavam em seu caderno não tinham sido suficientes, então ela tinha ido comprar outro.

Eliza tornou a olhar para o céu ameaçador e caminhou apressadamente pelo cais. Quando chegou ao cruzamento, ignorou a estrada principal e começou a subir a trilha estreita que ia dar no penhasco. Ela nunca a tinha subido antes, mas Davies tinha lhe dito uma vez que havia um atalho entre a propriedade e a aldeia pela encosta do penhasco.

O caminho era íngreme e o capim alto, mas Eliza seguiu adiante. Ela só parou uma vez para contemplar o mar cor de granito, no qual uma frota de pequenos barcos pesqueiros navegava de volta para casa. Eliza sorriu ao vê-los, como passarinhos voltando para o ninho, depois de passar o dia explorando o vasto mundo.

Um dia ela ia cruzar o mar, até o outro lado, como seu pai tinha feito. Havia tantos mundos esperando além do horizonte. África, Índia, Arábia, as Antípodas, e, nesses lugares distantes, ela ia descobrir novas histórias, lendas mágicas de outrora.

Davies tinha sugerido que ela escrevesse suas histórias, e Eliza o tinha feito. Ela enchera doze cadernos e ainda não tinha parado. Quanto mais escrevia, mais histórias surgiam, rodopiando em sua mente, pressionando sua cabeça, ansiosas para ser libertadas. Não sabia se eram boas, mas, na realidade, isso não a preocupava. Eram suas, e o

fato de escrevê-las as tinham tornado, de algum modo, reais.

Personagens que tinham girado em sua mente ficavam mais ousados no papel. Adquiriam novos maneirismos que ela não tinha imaginado, diziam coisas que ela não sabia que eles pensavam, começavam a se comportar de forma imprevisível.

Suas histórias tinham uma plateia pequena, mas receptiva. Toda noite, depois do jantar, Eliza subia na cama, ao lado de Rose, como fazia quando elas eram menores, e começava a contar sua mais recente história de fadas. Rose ouvia, de olhos arregalados, soltando suspiros e exclamações na hora certa, rindo nos trechos mais divertidos.

Foi Rose quem convenceu Eliza a mandar uma de suas histórias para o escritório de Londres da revista *Children's Storytime*.

– Você não quer ver suas histórias publicadas? Elas serão histórias de verdade, então, e você, uma escritora de verdade.

– Elas já são histórias de verdade.

Rose, então, tinha olhado para ela com um ar astuto.

– Mas, se elas forem publicadas, você vai ter um pequeno rendimento.

Um rendimento. Isso interessava a Eliza, e Rose sabia disso. Até então, Eliza dependia inteiramente da tia e do tio, mas ultimamente vinha pensando em como iria pagar pelas viagens e aventuras que sabia que o futuro lhe reservava.

– E mamãe ia ficar muito contente – Rose disse, cruzando as mãos sob o queixo, mordendo o lábio para não rir. – Uma Mountrachet trabalhando para se sustentar!

A reação de tia Adelina, como sempre, não significava nada para Eliza, mas a ideia de outras pessoas lerem suas histórias... Desde que Eliza tinha descoberto o livro de contos de fadas na loja da sra. Swindell, que mergulhara em suas páginas amareladas, tinha entendido o poder das histórias. Sua habilidade mágica em curar as feridas das pessoas.

O chuvisco tinha se transformado em chuva e Eliza começou a correr, apertando o caderno contra o peito enquanto a grama molhada

batia em sua saia. O que Rose ia dizer quando Eliza lhe contasse que a revista infantil ia publicar “A criança trocada”, e que tinham lhe pedido para ver mais histórias? Sorriu para si mesma enquanto corria.

Faltava uma semana para Rose chegar, e Eliza mal podia esperar. Estava louca para ver a prima! Rose tinha sido muito negligente com sua correspondência – tinha escrito uma carta a caminho da América, e nada mais, e Eliza esperava ansiosamente por notícias da grande cidade. Teria adorado visitá-la, mas tia Adeline tinha sido muito clara.

– Você pode arruinar suas chances – ela disse uma noite, depois que Rose tinha ido dormir. – Mas não vou permitir que você estrague o futuro de Rose com seus modos selvagens. Ela jamais encontrará o destino dela se não tiver a oportunidade de brilhar. – Tia Adeline tinha erguido bem o corpo. – Eu reservei duas passagens para Nova York. Uma para Rose e uma para mim. Quero evitar uma situação desagradável, então é melhor que ela pense que a decisão foi sua.

– Por que eu mentiria para Rose?

Tia Adeline respirou fundo, encolhendo as bochechas.

– Para deixá-la feliz, é claro. Você não quer que ela fique feliz?

Uma trovoadas ecoou no penhasco quando Eliza chegou ao topo. O céu estava escuro e a chuva, aumentando. Na clareira, havia um chalé. O mesmo chalezinho, Eliza percebeu, que ficava do outro lado do jardim murado que tio Linus tinha dado para ela plantar. Correu para se abrigar sob o pórtico de entrada, encolhendo-se contra a porta enquanto a chuva caía, torrencial, sobre o telhado.

Fazia dois meses que tia Adeline e Rose tinham partido para Nova York, e, embora o tempo agora estivesse se arrastando, o primeiro mês tinha passado depressa num redemoinho de bom tempo e ótimas ideias para histórias. Eliza tinha dividido o seu dia entre seus dois lugares favoritos na propriedade: a rocha negra na enseada, no topo da qual milênios de marés tinham formado uma plataforma lisa, e o jardim secreto, o seu jardim, na ponta do labirinto. Que delícia ter um lugar só dela, um jardim inteiro para ficar. Às vezes Eliza gostava de se sentar no banco de ferro, imóvel, e simplesmente ouvir. As folhas agitadas

pelo vento, roçando nos muros, o oceano batendo na praia e os pássaros cantando suas histórias. Às vezes, se ela ficasse inteiramente imóvel, quase podia ouvir as flores suspirando de gratidão para o sol.

Mas não hoje. O sol tinha desaparecido e o céu e o mar se misturavam numa agitação cinzenta. A chuva continuava a cair e Eliza suspirou. Não valia a pena tentar ir até o jardim e atravessar o labirinto, a menos que quisesse encharcar-se e ao seu caderno novo. Se ao menos ela encontrasse uma árvore oca para se abrigar! Uma ideia para uma história começou a se formar na imaginação de Eliza; ela a agarrou, não a deixou ir embora, prendeu-a até ela formar braços, pernas e um enredo claro.

Tirou de dentro do vestido o lápis que sempre trazia enfiado no corpete. Apoiou o caderno no joelho e começou a escrever.

O vento soprava com mais força ali, no reino dos pássaros, e a chuva começou a entrar no seu abrigo, manchando as páginas do caderno. Eliza se virou de frente para a porta, mas ainda assim a chuva a encontrou.

Isto não era nada bom! Onde ia escrever quando a temporada de chuvas se instalasse? A enseada e o jardim não seriam um abrigo seguro. Havia a casa do tio, é claro, com suas centenas de cômodos, mas Eliza tinha dificuldade em escrever quando havia alguém por perto. Pensava que estava sozinha e descobria uma criada ajoelhada perto da lareira, espalhando carvão. Ou o tio, sentado em silêncio num canto escuro.

Uma pancada de chuva caiu aos pés de Eliza, inundando o pórtico. Ela fechou o caderno e bateu impacientemente com o pé no chão de pedra. Precisava de um abrigo melhor. Eliza olhou para a porta vermelha atrás dela. Como não tinha notado isso antes? Uma chave saía da fechadura. Sem nenhuma hesitação, Eliza virou-a para a esquerda. O mecanismo funcionou. Ela pôs a mão na maçaneta, lisa e inesperadamente quente, e girou-a. Um clique e a porta se abriu, como que por um passe de mágica.

Eliza atravessou a soleira e entrou naquele útero escuro e seco.

Debaixo do guarda-chuva preto, Linus esperava. Não tinha visto Eliza o dia inteiro e estava agitado. Mas sabia que ela viria, Davies tinha dito que ela iria visitar o jardim e só havia uma maneira de voltar de lá. Linus fechou os olhos e recordou o tempo em que Georgiana ia todos os dias para o jardim. Ela o convidara diversas vezes para ir até lá, para ver as coisas que tinha plantado, mas Linus sempre recusava o convite. Mas esperava por ela, ficava de prontidão até sua *poupée* aparecer no meio dos arbustos. Às vezes recordava o dia em que ficara preso no labirinto, tantos anos antes. Era uma sensação estranha, uma mistura de vergonha e alegria pela visão da irmã.

Ele abriu os olhos e prendeu a respiração. Pensou, a princípio, que estava sendo vítima de uma fantasia, mas não, era Eliza, chegando, pensativa. Ela ainda não o vira. Ele moveu os lábios secos.

– Criança – ele chamou.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

– Tio – respondeu, sorrindo. Estava com os braços caídos ao longo do corpo; numa das mãos, havia um embrulho marrom. – Que chuva inesperada!

A saia dela estava molhada, a beirada transparente colada em suas pernas. Linus não conseguiu desviar os olhos.

– Eu... eu fiquei com medo de que você fosse surpreendida pelo temporal.

– E quase fui mesmo. Mas me abriguei no chalé, no pequeno chalé do outro lado do labirinto.

Cabelo molhado, saia molhada, tornozelos molhados. Linus engoliu em seco, apoiou a bengala na terra molhada e se levantou.

– O chalé é usado por alguém, tio? – Eliza se aproximou. – Ele pareceu deserto.

O cheiro dela – chuva, sal, terra. Ele se apoiou na bengala e quase caiu. Ela estendeu a mão para ampará-lo.

– O jardim, criança, conte-me sobre o jardim.

– Ah, tio, como ele está crescendo! O senhor precisa vir um dia e sentar-se no meio das flores. Para ver pelo senhor mesmo as coisas que

plantei.

As mãos dela em seu braço eram quentes e firmes. Ele daria todos os anos que lhe restavam de vida para parar o tempo e permanecer para sempre naquele momento, ele e sua Georgiana...

– Lord Mountrachet! – Thomas se aproximou, preocupado. – Meu senhor, o senhor devia ter dito que precisava de ajuda.

E então Eliza não o estava mais segurando, Thomas tinha tomado o lugar dela. E Linus a viu subir a escada e entrar no hall, parando um momento para recolher a correspondência, antes de ser engolida pela casa.

SRTA. ROSE MOUNTRACHET
CUNARD LINER, LUSITANIA

7 de novembro de 1907

Srta. Eliza Mountrachet

Mansão Blackhurst,

Cornualha, Inglaterra

Querida Eliza,

Quanto tempo! Tanta coisa aconteceu desde que nos vimos pela última vez, que eu nem sei por onde começar. Primeiro, tenho que me desculpar pela falta de cartas nas últimas semanas. Nosso último mês em Nova York foi uma loucura, e, quando eu me sentei para escrever para você, na saída do grande porto americano, fomos vítimas de uma tempestade tão forte, que parecia que eu estava de novo na Cornualha. Os trovões e a ventania! Fiquei presa na minha cabine por dois dias e a pobre mamãe ficou verde. Ela precisou de cuidados constantes – que mudança, mamãe doente e a enfermeira Rose cuidando dela!

Depois que a tempestade passou, o navio permaneceu por vários dias, flutuando ao redor do navio como se fosse um monstro marinho. Ele me fez me lembrar de você, querida Eliza, e das histórias que você costumava inventar quando éramos meninas, sobre as sereias e os navios perdidos no mar.

O céu clareou agora que estamos nos aproximando da Inglaterra.

Mas, espere. Por que estou fazendo este relatório do tempo quando tenho outra coisa para contar? Eu sei por quê: estou evitando o assunto porque não sei como começar...

Você deve lembrar, Eliza querida, que eu disse na minha última carta que mamãe e eu tínhamos conhecido pessoas importantes? Uma delas, Lady Dudmore, era mesmo uma pessoa de certa influência; e mais, parece que ela gostou de mim, porque mamãe e eu recebemos várias cartas de apresentação e, assim, fomos introduzidas na melhor sociedade de Nova York. Parecíamos duas borboletas, esvoaçando de festa em festa.

Mas continuo fugindo do assunto – porque você não precisa ouvir falar de cada soirée, de cada partida de bridge! Eliza querida, sem mais delongas, vou prender a respiração e escrever de uma vez – eu estou noiva! Vou me casar, e, minha querida Eliza, estou tão feliz, que mal ousou falar no assunto com medo de não conseguir dizer nada, exceto que estou amando. E isso eu não vou fazer – não aqui. Eu me recuso a minimizar este sentimento maravilhoso, tentando capturá-lo em palavras. Vou esperar até nos reencontrarmos para lhe contar tudo pessoalmente. Basta dizer, prima, que estou flutuando numa nuvem de felicidade.

Nunca me senti tão bem, e devo isso a você, minha querida Eliza – daí da Cornualha, você sacudiu sua varinha mágica e me concedeu o meu desejo mais caro! Pois o meu noivo (que emoção escrever estas duas palavras – meu noivo!) talvez não seja como você imagina. Embora maravilhoso – bonito, inteligente e bom –, ele é um homem pobre! (E agora você vai começar a perceber por que eu desconfio de que você tenha o dom da profecia.) Ele é exatamente o par que você inventou para mim em ‘A criança trocada’! Como você soube, minha querida, que eu me apaixonaria por ele!

A pobre mamãe está em estado de choque (embora tenha melhorado um pouco, agora), ela ficou quase sem falar comigo durante alguns dias depois que eu lhe comuniquei o meu noivado. Ela,

é claro, queria que eu arranjassem um bom partido e não vê que eu não ligo para dinheiro ou título. Esses são os desejos dela para mim e, embora eu confesse que um dia tive os mesmos desejos, já não tenho mais – como poderia, quando meu príncipe apareceu e abriu a porta da minha gaiola de ouro?

Estou louca para tornar a vê-la, Eliza, e para dividir com você minha felicidade. Senti muitas saudades suas e mal posso pensar que, quando chegar à Inglaterra, ainda terei que esperar uma semana até nos vermos de novo. Vou mandar esta carta assim que atracarmos em Liverpool: eu gostaria de a estar levando para Blackhurst em vez de ter que suportar a companhia desagradável da família de mamãe!

Com todo o amor da sua prima,
Rose

Se fosse honesta, Adeline se culparia. Não tinha estado presente, junto com Rose, a todos os eventos durante a visita delas a Nova York? Não a tinha acompanhado ao baile promovido pelo sr. e pela sra. Irving em sua imponente casa na Quinta Avenida? Pior ainda, não tinha feito um sinal positivo para Rose quando o belo rapaz de cabelos escuros e lábios grossos se aproximou dela para convidá-la para dançar?

– Sua filha é uma beleza – a sra. Frank Hastings tinha dito, inclinando-se para cochichar no ouvido de Adeline quando o belo casal foi para a pista de dança. – É a moça mais bonita da festa.

Adeline tinha se agitado na cadeira – sim, cheia de orgulho. (Foi esse o momento em que errou? O senhor tinha percebido o seu excesso de confiança?)

– Beleza que se compara à pureza do seu coração.

– E Nathaniel Walker é um homem muito bonito.

Nathaniel Walker. Era a primeira vez que ouvia aquele nome.

– Walker – disse, pensativa: o nome tinha uma certa solidez, ela não tinha ouvido falar numa família chamada Walker que tinha feito fortuna com petróleo? Dinheiro novo, mas os tempos estavam

mudando, não era mais vergonha juntar título e riqueza. – Quem são os pais dele?

Será que Adeline imaginou o ar de ironia que animou por alguns instantes as feições calmas da sra. Hastings?

– Ah, ninguém importante. – Ela ergueu uma sobrancelha. – Ele é um artista, você sabe, com o qual, estranhamente, um dos rapazes Irving fez amizade.

O sorriso de Adeline ficou congelado nos lábios. Nem tudo estava perdido, afinal de contas, a pintura era um hobby muito nobre.

– Dizem – a sra. Hastings continuou, dando o golpe final – que o rapaz dos Irving o conheceu na rua! Filho de imigrantes, e, ainda por cima, poloneses. Ele pode chamar a si mesmo de Walker, mas eu duvido de que este seja o nome que consta dos seus papéis de imigração. Ouvi dizer que ele faz desenhos para viver!

– Retratos a óleo?

– Não, nada tão imponente. Desenhos a carvão pelo que entendi. – Ela disfarçou a satisfação com uma careta. – Uma melhoria e tanto. Os pais são católicos, o pai trabalhava como estivador.

Adeline teve vontade de gritar enquanto a sra. Hastings se recostava na cadeira, com um sorriso falso.

– Mas não há mal nenhum em uma moça dançar com um belo rapaz, não é?

Um sorriso sereno para disfarçar seu pânico.

– Não há mal nenhum – disse Adeline.

Mas como podia acreditar nisso, quando sua mente já tinha revisto a imagem de uma jovem no topo de um penhasco na Cornualha, com os olhos e o coração abertos, contemplando um belo homem que parecia tão promissor? Ah, era muito perigoso para uma jovem sentir-se envaidecida com as atenções de um belo homem.

A semana passou, e não havia mais nada a dizer a respeito. Noite após noite, Adeline exibiu Rose diante de uma plateia de rapazes de boa família. Esperou e torceu por um brilho de interesse no rosto da filha. Mas só se decepcionou. Rose só tinha olhos para Nathaniel, e

ele, ao que parecia, para ela. Como alguém que fosse vítima de uma perigosa histeria, Rose estava enfeitiçada e inalcançável. Adeline teve que resistir ao impulso de dar um tapa no rosto dela, rosto que brilhava mais do que seria apropriado para uma jovem delicada.

Adeline também estava enfeitiçada pelo rosto de Nathaniel Walker. Em cada festa, jantar ou leitura a que fossem, examinava a sala, procurando por ele. O medo tinha criado um modelo em sua mente e todos os outros rostos ficavam borrados, só o dele era nítido. Começou a vê-lo, mesmo quando ele não estava. Ela sonhava com docas e barcos e famílias pobres. Às vezes o sonho acontecia em Yorkshire, e seu pai representavam o papel da família de Nathaniel. Ah, seu pobre cérebro; pensar que iria passar por isso.

Então, uma noite, o pior finalmente aconteceu. Elas tinham ido a um baile e, na volta, na carruagem, Rose estava estranhamente calada. O tipo de silêncio que anuncia uma firmeza de vontade, uma clareza de visão. Como alguém que tem um segredo, que o mantém oculto por um tempo antes de libertá-lo.

O momento terrível chegou quando Rose estava se vestindo para dormir.

– Mamãe – ela disse, enquanto escovava o cabelo –, quero contar uma coisa para você. – Então as palavras, as terríveis palavras. – Afeição... destino... para sempre...

– Você é jovem – Adeline disse depressa, interrompendo Rose. – É compreensível que confunda amizade com outro tipo de afeição.

– Não é só amizade o que sinto, mamãe.

Adeline sentiu um calor repentino.

– Isto seria um desastre. Ele não traz nada...

– Ele traz a si mesmo e é tudo do que eu preciso.

A insistência dela, sua irritante confiança.

– Isso mostra a sua ingenuidade, Rose, a sua juventude.

– Eu não sou assim tão jovem para saber o que quero, mamãe. Já tenho dezoito anos. Você não me trouxe a Nova York para eu encontrar o meu destino?

Adeline disse com um fio de voz:

– Este homem não é o seu destino.

– Como você sabe disso?

– Eu sou sua mãe. – Como isso soou fraco. – Você é linda, pertence a uma família importante e quer se contentar com tão pouco?

Rose suspirou, de um jeito que deu a entender que a conversa estava encerrada.

– Eu o amo, mamãe.

Adeline fechou os olhos. Juventude! Que chance tinham os argumentos mais racionais contra o poder arrogante destas três palavras? Como a sua filha, seu tesouro mais precioso, podia pronunciá-las com tanta facilidade, e a respeito de alguém como ele!

– E ele me ama, mamãe, ele me disse.

Adeline sentiu o coração contrair-se de medo. Pobre menina, cega com ideias tolas sobre o amor. Como dizer a ela que os corações dos homens não eram facilmente conquistados? E, quando o eram, raramente eram mantidos.

– Você vai ver – Rose disse. – Eu vou ser feliz para sempre, como na história de Eliza. Ela escreveu isto, sabe, quase como se soubesse o que ia acontecer.

Eliza! Adeline ferveu de ódio. Até aqui, tão longe, a moça continuava a ser uma ameaça. Sua influência se estendia através dos oceanos, suas palavras insidiosas sabotavam o futuro de Rose, levando-a a cometer o maior erro de sua vida.

Adeline apertou os lábios. Não tinha administrado a recuperação de Rose de tantas doenças só para vê-la desperdiçar a vida num casamento equivocado.

– Você tem que romper com ele. Ele vai entender. Ele devia saber que jamais obteria consentimento para isso.

– Nós estamos noivos, mamãe. Ele me pediu em casamento e eu aceitei.

– Desmanche esse noivado.

– Não.

Adeline se sentiu encostada na parede.

– Você vai ser banida da sociedade, mal recebida na casa do seu pai.

– Então eu vou ficar aqui, onde sou bem recebida. Na casa de Nathaniel.

Como as coisas tinham chegado a esse ponto? A sua Rose, dizendo essas coisas. Coisas que ela devia saber que iriam partir o coração de sua mãe. A cabeça de Adeline começou a latejar, precisava se deitar.

– Sinto muito, mamãe – Rose disse calmamente –, mas não vou mudar de ideia. Não posso. Não me peça isso.

Elas ficaram vários dias sem se falar, exceto, é claro, banalidades. Rose achou que Adeline estava de mau humor, mas não era isso. Ela estava refletindo. Adeline sempre fora capaz de substituir a paixão pela lógica.

A equação em pauta era impossível, então algum fator precisava ser mudado. Se não ia ser a decisão de Rose, então tinha que ser o próprio noivo. Ele tinha que se tornar um homem merecedor da mão da filha, o tipo de homem de quem as pessoas falavam com admiração e, sim, com inveja. E Adeline tinha a impressão de saber exatamente como esta mudança poderia ser efetuada.

No coração de todo homem tem um buraco. Um abismo negro, uma carência que precisa ser preenchida. Adeline suspeitava de que o buraco de Nathaniel Walker era o orgulho, o orgulho do tipo mais perigoso, o de um homem pobre. Um desejo de se afirmar, de ascender socialmente e de se tornar melhor do que o pai. Mesmo sem a biografia tão maliciosamente fornecida pela sra. Hastings, quanto mais Adeline observava Nathaniel Walker, mais convencida ficava de que isto era verdade. Podia perceber isso no modo como ele andava, no brilho cuidadoso dos seus sapatos, no entusiasmo do seu sorriso, no volume da sua risada. Estes eram traços de um homem que tinha vindo de baixo e avistado o mundo cintilante distante do dele. Um homem cujo refinamento disfarçava a pobreza.

Adeline conhecia bem a fraqueza dele, porque era a mesma que a dela. Ela também sabia o que tinha que fazer. Precisava garantir que ele

tivesse todas as oportunidades; precisava tornar-se sua maior patrocinadora, promover a arte dele na sociedade, garantir que se tornasse o grande pintor de retratos da elite. Com a ajuda dela, com a beleza e o charme dele, sem falar de uma esposa como Rose, ele não deixaria de impressionar.

E Adeline não deixaria que ele esquecesse nunca quem tinha sido responsável pelo sucesso dele.

Eliza pôs a carta do lado dela, na cama. Rose estava noiva, ia se casar. A notícia não deveria tê-la surpreendido. Rose tinha falado muitas vezes de suas esperanças para o futuro, do seu desejo de se casar e ter filhos, uma casa imponente e uma carruagem só dela. Entretanto, Eliza sentiu uma sensação estranha.

Abriu o caderno novo e passou os dedos, de leve, pela primeira página, manchada de chuva. Desenhou uma linha com o lápis, observou distraidamente a linha escurecer e clarear de acordo com o estado do papel – seco ou molhado. Começou a escrever uma história, escreveu e riscou várias vezes até largar o caderno.

Finalmente, Eliza se recostou no travesseiro. Não tinha como negar, estava com uma sensação estranha: um nó no estômago. Imaginou se estaria doente. Quem sabe tinha sido a chuva? Mary sempre dizia que ela não ficasse tanto tempo do lado de fora.

Eliza virou a cabeça e contemplou a parede, o vazio. Rose, sua prima, sua amiga, sua cúmplice, ia se casar. Com quem Eliza iria dividir o jardim secreto? Suas histórias? Sua vida? Como era possível que um futuro tão nitidamente imaginado – anos a fio, cheios de viagens e aventuras e livros – podia de repente se transformar numa quimera?

Ela desviou o olhar até pousá-lo no vidro frio do espelho. Eliza não costumava olhar-se no espelho e, desde a última vez em que tinha olhado para o seu reflexo, algo tinha desaparecido. Ela se aproximou mais do espelho. Avaliou-se.

E então compreendeu. Ela viu o que tinha perdido. Este reflexo pertencia a uma adulta, não havia lugar em suas feições para o rosto de Sammy se esconder. Ele tinha desaparecido.

E agora Rose também ia embora. Quem era esse homem que tinha roubado sua amiga mais querida num piscar de olhos?

Eliza não se sentiria tão mal se tivesse engolido um dos enfeites de Natal feitos por Mary, uma das laranjas espetada de cravos.

Inveja, era isso que ela estava sentindo. Ela invejava o homem que tinha curado Rose, que tinha feito com tanta facilidade o que Eliza tentava fazer, que tinha se apoderado tão completamente da afeição da prima. *Inveja*. Eliza pronunciou a palavra dura e sentiu seus espinhos venenosos espetando sua língua.

Ela se afastou do espelho e fechou os olhos, tentando esquecer a carta e a notícia terrível. Não queria sentir inveja, não queria abrigar aquele sentimento doloroso. Porque Eliza sabia, através dos contos de fadas, qual era o destino das irmãs malvadas dominadas pela inveja.

Hotel Blackhurst, 2005

O apartamento de Julia ficava no último andar da casa, e seu acesso era por meio de uma escada incrivelmente estreita no fundo do corredor do segundo andar. Quando Cassandra saiu do quarto, o sol já estava se pondo no horizonte e o hall estava escuro. Ela bateu e esperou, apertando a garrafa de vinho que tinha levado com ela. Uma decisão de última hora a caminho de casa com Christian.

A porta abriu-se e Julia apareceu, usando um quimono de um tom forte de cor-de-rosa.

– Entre, entre – ela disse, fazendo sinal para Cassandra segui-la. – Estou só melhorando nosso jantar. Espero que você goste de comida italiana.

– Adoro – Cassandra disse, seguindo-a.

O que antes tinha sido um correr de quatinhos que abrigavam um exército de criadas, foi transformado num amplo loft. Janelas envidraçadas cobriam as paredes dos dois lados e deviam fornecer uma vista incrível da propriedade durante o dia.

Cassandra parou na porta da cozinha. Todas as superfícies estavam cobertas de vasilhas e potes, latas de tomate com as tampas penduradas, manchas de azeite e suco de limão e outros ingredientes misteriosos. Na falta de um lugar para pôr o presente, ela entregou na mão de Julia.

– Você não é um amor? – Julia tirou a rolha, depois pegou uma taça e despejou o vinho de uma altura teatral. Ela lambeu uma gota de vinho do dedo. – Pessoalmente nunca bebo nada a não ser gim – disse, piscando o olho. – Ele mantém você jovem; é puro. – Ela entregou a taça com o líquido vermelho e pecaminoso para Cassandra e saiu da cozinha. – Agora venha sentar-se.

Ela indicou uma poltrona no meio da sala e Cassandra sentou-se. Diante dela, havia um baú de madeira, fazendo o papel de mesinha de centro, e, no meio do baú, havia uma pilha de álbuns de recortes, com uma capa desbotada de couro marrom.

Cassandra sentiu um arrepio de excitação e seus dedos formigaram de desejo.

– Dê uma olhada neles enquanto eu dou os últimos toques no nosso jantar.

Ela não precisou falar duas vezes. Cassandra pegou o álbum que estava no alto da pilha e passou a palma da mão de leve sobre sua superfície. O couro tinha perdido a aspereza e estava liso e macio como veludo.

Cheia de expectativa, abriu o álbum e leu, escrito numa caligrafia bonita e clara: *Rose Elizabeth Mountrachet Walker, 1909*. Passou a ponta do dedo sobre as palavras e sentiu as marcas no papel. Imaginou a pena com que tinham sido escritas. Cuidadosamente, virou as páginas até chegar à primeira entrada.

“Um novo ano. E um ano em que ocorrerão acontecimentos extraordinários. Mal consegui me concentrar depois que o dr. Matthews veio e me deu o veredicto. Confesso, as tonteiras que venho tendo ultimamente tinham me deixado muito preocupada, e não só a mim. Bastava olhar para mamãe para ver a ansiedade estampada em seu rosto. Enquanto o dr. Matthews me examinava, eu fiquei imóvel, com os olhos fixos no teto, afastando o temor da minha mente, com o pensamento voltado para os momentos mais felizes da minha vida até agora. O dia do meu casamento, é claro; minha viagem a Nova York; o verão depois da chegada de Eliza a Blackhurst... Como essas lembranças parecem alegres quando a vida que elas marcam está ameaçada!

“Depois, quando mamãe e eu nos sentamos no sofá aguardando o diagnóstico do dr. Matthews, ela segurou minha mão. A mão dela estava fria. Olhei para ela, mas ela evitou meus olhos. Foi quando eu

me preocupei de verdade. Durante todo o período de enfermidades que tive na infância, mamãe sempre manteve o otimismo. Fiquei imaginando por que sua confiança a teria abandonado, o que ela teria intuído para estar tão preocupada. Quando o dr. Matthews pigarreou, apertei a mão de mamãe e esperei. Mas o que ele disse foi mais surpreendente do que eu teria sonhado.

“– Você está grávida. De dois meses, eu diria. Se Deus quiser, o bebê nascerá em agosto.

“Ah, não há palavras que possam exprimir a alegria que estas palavras provocaram. Um bebê para amar. Um herdeiro para Nathaniel, um neto para mamãe, um afilhado para Eliza.”

Os olhos de Cassandra arderam. Pensar que este bebê cuja concepção Rose comemorou era Nell, este bebê tão desejado era a avó querida de Cassandra. Os sentimentos de Rose eram especialmente comoventes, por terem sido escritos na ignorância do que estava por vir.

Ela folheou rapidamente as folhas do diário, passando por retalhos de renda e fita, breves notas sobre as visitas do médico, convites para diversos jantares e bailes no condado, até que finalmente, em dezembro de 1909, encontrou o que estava procurando.

“Ela chegou – registro isto um pouco mais tarde do que esperava. Os últimos meses têm sido mais difíceis do que havíamos previsto, e tenho muito pouco tempo e energia para escrever, mas tudo isso valeu a pena. Depois de tantos meses de expectativa, longos períodos de doença, preocupação e confinamento, seguro em meus braços minha linda filha. O resto não conta. Ela é perfeita. Tem a pele clara e macia, os lábios cheios e rosados. Seus olhos são de um azul profundo, mas o médico diz que é sempre assim e que eles podem escurecer com o tempo. Secretamente, espero que ele esteja errado. Desejo para ela o colorido dos Mountrachet, como papai e Eliza: olhos azuis e cabelos

vermelhos. Decidimos dar a ela o nome de Ivory. É a cor da sua pele e, como o tempo sem dúvida irá provar, da sua alma.”

– Pronto. – Julia trouxe duas tigelas fumegantes de massa e um enorme recipiente de pimenta enfiado debaixo do braço. – Raviole com nozes e gorgonzola. – Ela entregou uma para Cassandra. – Cuidado, o prato está um pouco quente.

Cassandra pegou a tigela e largou o álbum.

– O cheiro está delicioso.

– Se eu não tivesse me tornado uma escritora, depois uma decoradora, depois uma hoteleira, teria sido uma chef. Saúde. – Julia ergueu o copo de gim, tomou um gole e então suspirou. – Às vezes tenho a impressão de que minha vida é feita de uma série de incidentes e acasos, não que eu esteja me queixando. É possível ser muito feliz abrindo mão de toda espécie de controle. – Ela espetou um raviole. – Mas chega de falar a meu respeito. Como vão indo as coisas no chalé?

– Muito bem – disse Cassandra. – Só que, quanto mais eu faço, mais tenho que fazer. O jardim está abandonado e a casa, uma bagunça. Nem sei ao certo se ela está com a estrutura em bom estado. Acho que vou ter que chamar um construtor para examiná-la, mas ainda não tive tempo, tem tanta coisa me ocupando ao mesmo tempo, é muito...

– Exhaustivo?

– Sim, é exaustivo, sem dúvida, mas mais do que isso. É... – Cassandra fez uma pausa, procurando pela palavra certa, surpreendendo-se ao encontrá-la – excitante. Encontrei uma coisa no chalé, Julia.

– Encontrou uma coisa? – Ela ergueu as sobrancelhas. – Um tesouro escondido ou algo assim?

– Se você considerar um tesouro algo verde e fértil. – Cassandra mordeu o lábio inferior. – É um jardim secreto, um jardim murado nos fundos do chalé. Acho que ninguém entrou ali durante várias décadas, e não é de espantar, o muro é muito alto e está inteiramente coberto

por trepadeiras cheias de espinhos. Você não adivinharia que ali existe um muro.

– Como você o encontrou?

– Por acaso.

Julia sacudiu a cabeça.

– Não existe isso de acaso.

– Eu juro que não sabia da existência dele.

– Não estou sugerindo que soubesse. Só estou dizendo que, talvez, o jardim só estivesse se escondendo das pessoas que ele não queria ver.

– Bem, estou feliz por ele ter aparecido para mim. O jardim é incrível. Está cheio de mato, mas, por baixo, várias plantas sobreviveram. Há caminhos, bancos, comedores de pássaros.

– Como a Bela Adormecida antes do encantamento ser quebrado.

– Mas a questão é essa; ele não estava adormecido. As árvores continuaram a crescer, a dar frutos, embora não houvesse ninguém para aproveitar. Você devia ver a macieira, ela parece ter cem anos.

– Ela tem – disse Julia de repente, sentando-se na ponta da cadeira e largando o prato. – Ou quase isso. – Ela folheou os álbuns, passando o dedo ao longo das páginas, procurando. – A-há – disse, apontando para uma anotação. – Aqui está. Logo depois do décimo oitavo aniversário de Rose, antes de ela ir para Nova York e conhecer Nathaniel. – Julia pôs um par de óculos de turquesa e madrepérola na ponta do nariz e começou a ler.

“Vinte e um de maio de 1907. Que dia foi este! E pensar que, quando ele começou, achei que ia passar mais um dia interminável dentro de casa. (Depois que o dr. Matthews mencionou alguns casos de resfriado na aldeia, mamãe ficou apavorada com que eu adoecesse e pusesse em risco o fim de semana no campo que vamos passar no mês que vem.) Eliza, como sempre, tinha outras ideias. Assim que mamãe saiu de carruagem para almoçar na casa de Lady Phillimore, ela apareceu à minha porta, com o rosto brilhando (como eu invejo o tempo que ela passa ao ar livre!), e insistiu para eu largar meu álbum de recortes (pois

eu estava trabalhando em você, meu querido diário!) e ir com ela até o labirinto: ela precisava me mostrar uma coisa.

“Meu primeiro instinto foi recusar – temia que uma das criadas contasse à mamãe e eu não gosto de brigas, principalmente quando está em jogo uma viagem a Nova York – mas então percebi que Eliza estava com aquele ‘olhar’, o que ela tem quando planejou alguma coisa e não hesita diante de nada, o ‘olhar’ que já me deixou encrencada inúmeras vezes nos últimos sete anos.

“Minha prima estava tão excitada, que era impossível não ser contagiada por seu entusiasmo. Às vezes eu acho que ela tem energia suficiente para nós duas, o que é muito bom, porque eu estou quase sempre desanimada. Quando eu vi, já estava indo com ela, de braços dados, rindo. Davies estava esperando por nós no portão do labirinto, carregando um enorme vaso de plantas, e o tempo todo Eliza ficou correndo até ele para se oferecer para ajudar (o que ele recusou todas as vezes) e correndo de volta, me dando a mão e me puxando. Nós continuamos assim pelo labirinto (com o qual Eliza parece extremamente familiarizada), atravessando a área central, passando pela alça de ferro que Eliza diz que leva a uma passagem subterrânea, até chegar finalmente a uma porta de metal com um grande ferrolho. Com um floreio, Eliza tirou uma chave do bolso da saia e, antes que eu tivesse tempo de perguntar onde ela tinha encontrado aquilo, ela a enfiou na fechadura e abriu a porta.

“Lá dentro, havia um jardim. Igual e ao mesmo tempo diferente dos outros jardins da propriedade. Para começar, ele é completamente murado. Altos muros de pedra de todos os lados, quebrados apenas por duas portas de metal, uma em frente à outra.”

– Então existe outra porta – Cassandra disse. – Eu não consegui encontrá-la.

Julia olhou por cima dos óculos.

– Foram feitas reformas por volta de 1912, 1913... O muro de tijolos da frente foi uma delas, talvez eles tenham removido a porta nessa época. Mas espere. Escute só isso.

“O jardim estava limpo e tinha poucas plantas. Parecia uma terra arada, esperando para ser semeada depois do inverno. No meio, havia um banco de jardim de metal ao lado de uma banheira de pedra para passarinhos e, no chão, havia diversos caixotes de madeira cheios de mudas de plantas.

“Eliza correu para dentro, parecendo uma colegial.

“– Que lugar é este? – perguntei, espantada.

“– É um jardim, eu estou cuidando dele. Você devia ter visto o mato que tinha aqui. Temos estado bem ocupados, não é, Davies?

“– Com certeza, srta. Eliza – ele respondeu, depositando o vaso de plantas perto do muro.

“– Ele vai ser nosso, Rose, seu e meu. Um lugar secreto onde podemos ficar juntas, só nós duas, exatamente como imaginamos quando éramos menores. Quatro paredes, portas fechadas, nosso paraíso particular. Mesmo quando você estiver adoentada, vai poder vir para cá, Rose. Os muros o protegem do vento do mar, e você vai poder ouvir os passarinhos, sentir o perfume das flores, sentir o sol no seu rosto.

“O entusiasmo dela, a intensidade do seu sentimento, era tal, que eu não pude deixar de desejar um jardim como aquele. Contemplei os canteiros bem tratados, as flores que estavam começando a florir, e consegui imaginar o paraíso que ela descrevia.

“– Ouvi falar, quando era bem pequena, de um jardim murado escondido na propriedade, mas achei que devia ser invenção.

“– Não é – afirmou Eliza, com os olhos brilhando. – Era tudo verdade, e agora nós o estamos revivendo.

“Eles tinham mesmo trabalhado muito. Se o jardim tinha passado tanto tempo abandonado, desde... Franzi a testa, estava começando a me lembrar da história que tinha ouvido quando pequena. Então compreendia tudo: soube exatamente de quem tinha sido aquele jardim.

“– Ah, Liza – eu disse depressa. – Você tem que tomar cuidado, muito cuidado. Precisamos ir embora daqui e nunca mais voltar. Se

papai descobrisse...

“– Ele já sabe.

“Eu olhei espantada para ela.

“– Como assim?

“– Foi o tio Linus quem disse a Davies que eu podia ficar com o jardim. Ele mandou Davies limpar o trecho final do labirinto e lhe disse que nós faríamos o jardim reviver.

“– Mas papai proibiu todo mundo de entrar no jardim murado.

“Eliza sacudiu os ombros, aquele gesto que ela tem o hábito de fazer e que mamãe detesta tanto.

“– Ele deve ter mudado de ideia.

“Mudado de ideia. Como isso estava em desacordo com a imagem do meu pai. Aquele homem não tinha coração. A única vez em que eu o vi agir como se tivesse um foi quando eu me escondi embaixo da sua escrivaninha e o vi chorar pela irmã, a sua *poupée*. De repente, eu entendi e senti um peso no estômago.

“– É porque você é filha dela.

“Mas Eliza não ouviu. Ela arrastava o vaso na direção de um buraco perto do muro.

“– Esta é a nossa primeira árvore nova – disse. – Vamos cumprir um ritual. Por isso é que é tão importante que você esteja aqui hoje. Esta árvore vai continuar a crescer, não importa para onde a vida nos leve, e ela vai se lembrar sempre de nós: Rose e Eliza.

“Davies estava do meu lado, segurando uma pequena pá. – A srta. Eliza deseja que a senhorita seja a primeira a jogar terra nas raízes da árvore, srta. Rose.

“A srta. Eliza deseja. Quem sou eu para discutir com uma força daquelas?

“– Que tipo de árvore é essa? – eu perguntei.

“– Uma macieira.

“– Eu devia ter adivinhado. Eliza sempre gostou de simbolismos e as maçãs, afinal, foram o primeiro fruto.”

Julia ergueu os olhos do álbum e uma lágrima escorreu dos seus olhos. Ela fungou e sorriu. – Eu adoro Rose. Você não consegue sentir a presença dela aqui conosco?

Cassandra sorriu de volta. Ela tinha comido uma maçã de uma árvore que sua bisavó tinha ajudado a plantar, quase cem anos antes. Enrubescou ligeiramente, quando a lembrança da maçã evocou o sonho estranho que tivera. A semana inteira, enquanto trabalhava ao lado de Christian, tinha conseguido bloqueá-lo. Achava que estava livre dele.

– E agora você está limpando o mesmo jardim. Que bela simetria. O que Rose diria se soubesse? – Julia tirou um lenço de papel de uma caixa ali perto e assoou o nariz. – Desculpe – ela disse, limpando o rímel sob cada um dos olhos. – É tão romântico. – Ela riu. – É uma pena que você não tenha um Davies para ajudá-la.

– Ele não é um Davies, mas tenho uma pessoa me ajudando – disse Cassandra. – Ele esteve lá todas as tardes, esta semana. Conheci-o quando ele e o irmão, Michael, foram tirar uma árvore que tinha caído sobre o chalé. Acho que você os conhece. Robyn Jameson disse que eles também cuidam do seu jardim.

– Os rapazes Blake. Eles cuidam mesmo do jardim, e eu gosto de vê-los trabalhar. Michael é bem bonito, não acha? E é encantador. Se eu ainda estivesse escrevendo, imaginaria Michael Blake quando estivesse descrevendo o meu galã.

– E Christian? – Apesar de se esforçar para parecer indiferente, Cassandra sentiu uma quentura no rosto.

– Ah, ele seria, sem dúvida, o irmão mais moço, mais inteligente, mais calado, que surpreende a todos salvando a situação e conquistando o coração da heroína.

Cassandra sorriu.

– Eu não vou nem perguntar quem eu seria.

– E eu sei muito bem quem eu seria – Julia disse, suspirando. – A beldade envelhecida que não tem nenhuma chance de conquistar o herói e que canaliza sua energia para ajudar a heroína a cumprir o seu destino.

– A vida seria muito mais fácil se fosse como um conto de fadas – disse Cassandra –, se as pessoas fossem personagens típicos.

– Ah, mas elas são, só que *pensam* que não são. Até a pessoa que insiste em que essas coisas não existem é um clichê: um pedante que tenta afirmar que é uma pessoa única!

Cassandra tomou um gole de vinho.

– Você não acredita que possa existir originalidade?

– Nós somos todos pessoas únicas, mas nunca da forma como imaginamos. – Julia sorriu, depois fez um gesto com a mão, fazendo tilintar suas pulseiras. – Ouça só o que eu estou dizendo. Eu sou uma extremista horrível. É claro que existem variações de caráter. O seu Christian Blake, por exemplo, não é jardineiro de profissão, você sabe. Ele trabalha num hospital em Oxford. Quer dizer, trabalhou. Uma especialidade médica qualquer, eu esqueço o nome, eles são tão compridos e confusos, não são?

Cassandra ficou atenta.

– O que um médico está fazendo cortando árvores?

– O que um médico está fazendo cortando árvores? – Julia repetiu. – É exatamente isso que eu estou dizendo. Quando Michael me disse que o irmão ia começar a trabalhar com ele, eu não fiz nenhuma pergunta, mas fiquei curiosa. O que faz um jovem trocar de profissão, assim, sem mais nem menos?

Cassandra sacudiu a cabeça.

– Ele mudou de ideia?

– Uma mudança e tanto, eu diria.

– Talvez tenha percebido que não gostava do que fazia.

– É possível, mas você não acha que ele teria percebido isso durante os anos intermináveis de estudo? – Julia sorriu enigmaticamente. – Eu acho que deve ser algo bem mais interessante do que isso, mas eu sou uma escritora e é difícil abandonar velhos hábitos. Acabo me deixando levar pela minha imaginação. – Ela apontou o dedo para Cassandra. – É isso, meu bem, que torna interessante um personagem; seus segredos.

Cassandra pensou em Nell e nos segredos que ela guardava. Como tinha conseguido descobrir quem era e não contar a ninguém?

– Gostaria que minha avó tivesse visto os álbuns de recortes antes de morrer. Eles teriam significado tanto para ela, seria quase como escutar a voz da própria mãe.

– Eu tenho pensado na sua avó a semana inteira – disse Julia. – Desde que você me contou o que aconteceu, fico imaginando o que fez Eliza levá-la.

– E o que você pensou?

– Inveja – disse Julia. – Isso está sempre voltando. É um motivo muito poderoso, e Deus sabe que havia muito o que invejar em Rose: sua beleza, seu marido talentoso, sua origem. Durante toda a infância delas, Eliza deve ter visto Rose como sendo a menina que tinha tudo, especialmente as coisas que ela não tinha. Pais ricos, uma bela casa, uma natureza bondosa que todos admiravam. Então, na idade adulta, ver Rose se casar tão depressa, e com um homem que devia ser um ótimo partido, depois engravidar, ter uma linda filha... Que diabo, até *eu* tenho inveja de Rose! Imagine o que isso significou para Eliza, que era, até certo ponto, uma estranha no ninho. – Ela esvaziou o copo e o depositou enfaticamente na mesa. – Não estou desculando o que ela fez, de jeito nenhum, só estou dizendo que não me surpreende.

– É a explicação mais óbvia, não é?

– E geralmente a explicação mais óbvia é a correta. Está tudo aí nos álbuns; bem, está tudo aí se você souber o que está procurando. Depois que Rose descobriu que estava grávida, Eliza começou a se afastar. Há pouca referência a Eliza depois do nascimento de Ivory. Rose deve ter ficado triste. Eliza era quase uma irmã e, de repente, num momento tão especial, ela se afastou. Fez as malas e foi embora de Blackhurst.

– Para onde ela foi? – Cassandra disse, surpresa.

– Viajou para o exterior, eu acho. – Julia franziu a testa. – Mas, agora que você mencionou isso, não sei ao certo o que Rose diz a respeito – ela fez um gesto com a mão – e, na verdade, isso não vem ao

caso. O fato é que ela partiu quando Rose estava grávida e só voltou depois do nascimento de Ivory. A amizade delas nunca mais foi a mesma.

Cassandra bocejou e ajustou o travesseiro. Seus olhos estavam cansados, mas ela estava quase no fim de 1907 e não queria largar o álbum com poucas páginas faltando até o final. Além disso, quanto mais cedo os lesse, melhor: embora Julia tivesse tido a gentileza de lhe emprestar os álbuns, Cassandra sabia que ela não ia querer ficar sem eles por muito tempo. Felizmente, ao contrário de Nell, que tinha uma letra horrível, a letra de Rose era firme e clara. Cassandra deu um gole no seu chá, que já estava morno, e passou diversas páginas cheias de pedaços de tecido, fitas, tule de noiva e assinaturas floreadas: sra. Rose Mountrachet Walker, sra. Walker, sra. Rose Walker. Ela sorriu – certas coisas não mudavam nunca – e chegou à última página.

“Acabei de reler *Tess de D’Urbevilles*. É um romance intrigante, do qual não posso dizer que tenha gostado. Há muita coisa brutal na ficção de Hardy. É violenta demais para o meu gosto: afinal de contas, sou filha da minha mãe. A conversão de Angel ao cristianismo, seu casamento com Liza-lu, a morte do pobre bebê Tristeza: esses acontecimentos me perturbam, todos eles. Por que Tristeza foi privada de um enterro cristão – os bebês não podem ser culpados pelos pecados dos seus pais, seguramente. Será que Hardy aprova a conversão de Angel ou ele é um cético? E como Angel pôde transferir sua afeição com tanta facilidade de Tess para a irmã dela?

“Bem, essas questões intrigaram mentes mais capazes do que a minha, e meu objetivo ao reler a história trágica da pobre e infeliz Tess não foi fazer crítica literária. Confesso que consultei o sr. Thomas Hardy na esperança de que ele pudesse oferecer algum *insight* do que eu devo esperar quando me casar com Nathaniel. Mais especialmente, do que é esperado de mim. Ah! Fico vermelha só em pensar nessas

coisas! Nunca vou ter coragem de falar sobre elas. (Imagine a cara de mamãe!)

“Infelizmente o sr. Hardy não forneceu as respostas que eu estava buscando. Eu não lembrava direito, o desvirginamento de Tess não é contado em detalhes. Então é isso. A menos que eu encontre outra pessoa a quem recorrer (não o sr. James, eu acho, nem o sr. Dickens), vou ser obrigada a mergulhar de olhos vendados no abismo. Meu maior temor é que Nathaniel tenha que ver a minha barriga. Espero que não. A vaidade é um grande pecado, mas infelizmente não consigo evitá-la. Minhas marcas são tão feias, e ele gosta tanto da minha pele clara.”

Cassandra releu as últimas linhas. Que marcas eram essas a que Rose se referia? Marcas de nascença, talvez? Cicatrizes? Tinha lido alguma outra coisa nos álbuns que pudesse esclarecer aquela anotação? Por mais que tentasse, Cassandra não conseguiu lembrar. Estava muito tarde e ela estava cansada, seus pensamentos tão fora de foco quanto sua visão.

Ela tornou a bocejar, esfregou os olhos e fechou o álbum. Provavelmente jamais saberia, e possivelmente não faria diferença. Cassandra passou os dedos mais uma vez pela capa desbotada, como Rose devia ter feito tantas vezes antes dela. Pôs o livro sobre a mesinha de cabeceira e apagou a luz. Fechou os olhos e mergulhou num sonho familiar sobre grama alta, um campo sem fim e, de repente, inesperadamente, um chalé na beira de um penhasco dando para o mar.

Chalé Pilchard, 1975

Nell esperou à porta, imaginando se deveria bater de novo. Estava ali parada havia cinco minutos e começava a desconfiar de que William Martin não soubesse que ela ia jantar com ele, que o convite devia ter sido um plano de Robyn para acalmar os ânimos depois do último encontro deles. Robyn parecia o tipo de pessoa que detestava qualquer mal-entendido, qualquer que fosse sua causa ou consequência.

Ela tornou a bater. Assumiu uma expressão de calma dignidade para alívio de qualquer vizinho de William que pudesse estar imaginando que aquela mulher desconhecida ia bater na porta dele a noite inteira.

Foi o próprio William quem finalmente abriu a porta. Com um pano de prato no ombro, uma colher de pau na mão, ele disse:

– Ouvi dizer que você comprou aquele chalé.

– Boas notícias se espalham depressa.

Ele apertou os lábios, olhando para ela.

– Você é uma moça teimosa, logo percebi isso.

– Sou como Deus me fez, acho.

Ele balançou a cabeça, resmungando.

– Entre. Você vai morrer de frio aí fora.

Nell tirou a jaqueta à prova d'água e procurou um lugar para pendurá-la. Ela entrou na sala atrás de William.

O ar estava pesado, úmido de vapor, o cheiro era ao mesmo tempo enjoativo e delicioso. Peixe e sal e alguma outra coisa.

– Estou com uma panela de ensopado no fogo – William disse, desaparecendo na cozinha. – Não ouvi você bater por causa do chiado do fogo. – Um barulho de panelas e um xingamento. – Robyn já vai chegar. – Outro ruído de panelas. – Ficou presa com aquele namorado dela.

Ele disse isso com uma certa má vontade. Nell foi para a cozinha atrás dele e observou-o mexendo o ensopado.

– O senhor não gosta do noivo de Robyn?

Ele pôs a concha na bancada, tampou a panela e pegou o cachimbo. Tirou um fiapo de fumo da beirada.

– Não há nada errado com o rapaz. A não ser o fato de ele não ser perfeito. – Com a mão nas costas curvadas, ele foi para a sala. – Você tem filhos? Netos? – Perguntou, ao passar por Nell.

– Uma de cada.

– Então você entende o que estou dizendo.

Nell sorriu com amargura. Doze dias tinham se passado desde que ela saíra da Austrália; imaginou se Lesley tinha notado sua ausência. Era improvável – mas, mesmo assim, Nell pensou em mandar um cartão-postal. A menina ia gostar, Cassandra. Crianças gostavam dessas coisas, não gostavam?

– Venha para cá. – William chamou da sala. – Venha fazer companhia a um velho.

Nell escolheu a mesma cadeira de veludo onde tinha se sentado da outra vez.

Eles ficaram alguns instantes ali sentados, num silêncio cúmplice. O vento tinha aumentado do lado de fora e as vidraças batiam de vez em quando, acentuando o silêncio lá dentro.

Nell indicou o quadro sobre a lareira, um barco de pesca pintado com listras vermelhas e brancas e o nome impresso em preto.

– Ele é seu? O *Priskie Queen*?

– É, sim – respondeu William. – É o amor da minha vida, eu penso às vezes. Ele e eu já passamos por muitas tempestades juntos.

– O senhor ainda o tem?

– Não, já faz alguns anos.

Outro silêncio. William deu um tapinha no bolso da camisa, depois tirou uma bolsinha de fumo e começou a encher o cachimbo.

– Meu pai foi controlador de porto – disse Nell. – Cresci no meio de navios. – Ela teve uma visão súbita de Hugh, parado no cais de

Brisbane logo depois da guerra, com o sol atrás dele e a sua silhueta em eclipse, suas longas pernas irlandesas e suas mãos grandes e fortes. – Isso entra no sangue, não é?

– Se entra.

As vidraças tornaram a chacoalhar e Nell suspirou. Era agora ou nunca: era preciso desanuviar a atmosfera, e Nell teria que fazê-lo.

– William – ela disse, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos nos joelhos –, a respeito da outra noite, do que eu disse. Eu não tive a intenção de...

Ele levantou a mão, ligeiramente trêmula.

– Não faz mal.

– Mas eu não devia...

– Não foi nada. – Ele enfiou o cachimbo entre os dentes escurecidos e encerrou o assunto. Riscou um fósforo.

Nell tornou a se encostar na cadeira: se era assim que ele queria, tudo bem, mas, desta vez, ela estava determinada a não sair dali sem outra peça do quebra-cabeças.

– Robyn disse que o senhor queria me dizer uma coisa.

O cheiro doce do tabaco fresco quando William tragou algumas vezes e depois soltou uma baforada de fumaça. Ele assentiu.

– Eu devia ter dito na outra noite, mas... – ele olhava para um ponto além dela e Nell teve vontade de se virar para ver o que era –, mas você me pegou de surpresa. Já fazia muito tempo que eu não ouvia o nome dela.

Eliza Makepeace. O nome não pronunciado tremulou suas asas prateadas no espaço entre eles.

– Faz mais de sessenta anos desde a última vez em que a vi, mas posso vê-la neste instante, descendo a estrada do chalé, caminhando na direção da aldeia, com o cabelo solto nas costas. – Ele tinha fechado os olhos ao falar, então tornou a abri-los e olhou para Nell. – Acho que isso não significa muito para você, mas naquela época... Bem, não era comum que uma pessoa da mansão se misturasse com os aldeões. Mas Eliza – pigarreou, repetiu o nome – Eliza se comportava como se

aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Ela não era como o resto deles.

– O senhor a conheceu?

– Eu a conheci bem, tão bem quanto alguém poderia conhecê-la. Eu a conheci quando ela estava com dezoito anos. Minha irmã caçula, Mary, trabalhava na casa e trouxe Eliza numa de suas tardes de folga.

Nell tentou disfarçar a excitação. Finalmente estar falando com alguém que tinha conhecido Eliza. Melhor ainda, ver a descrição dele confirmar a sensação ilícita que rondava seus remendos de lembranças.

– Como ela era, William?

Ele comprimiu os lábios e coçou o queixo: o som áspero pegou Nell de surpresa. Por um segundo, ela se sentiu com cinco anos, sentada no colo de Hugh, a cabeça encostada em seu rosto barbado. William abriu um sorriso, seus dentes grandes manchados de fumo.

– Ela era diferente de qualquer outra pessoa, era original. Todos nós por aqui gostamos de contar histórias, mas as dela eram especiais. Ela era engraçada, corajosa, imprevisível.

– Bonita?

– Sim, linda. – Seus olhos se encontraram. – Tinha o cabelo vermelho. Comprido até a cintura. Com mechas que ficavam douradas ao sol. – Ele apontou com o cachimbo. – Gostava de se sentar naquela rocha negra na enseada, contemplando o mar. Quando o dia estava claro, nós a avistávamos quando voltávamos para o cais. Ela erguia a mão e acenava, parecendo a rainha dos Piskies.

Nell sorriu. *Piskie Queen*.

– Como o seu barco.

William fingiu estar fascinado pelas ranhuras do veludo de suas calças e emitiu uns grunhidos.

A verdade prevaleceu: aquilo não era coincidência.

– Robyn deve estar chegando. – Ele não olhou para a porta. – Vamos tomar um chá.

– Você batizou o seu barco em homenagem a ela?

William abriu a boca, tornou a fechar. Ele suspirou, o suspiro de um jovem.

– Você era apaixonado por ela.

Ele arriou os ombros.

– É claro que sim. Assim como todos os homens que punham os olhos nela. Eu disse a você, ela era diferente de qualquer outra pessoa. As coisas que governam o resto de nós não importavam nada para ela. Agia segundo seus sentimentos e sentia um bocado.

– E o senhor e ela, algum dia...

– Eu estava comprometido com outra pessoa. – Ele olhou para um retrato na parede, um jovem casal vestido para se casar, ela sentada, ele em pé, atrás. – Cecily e eu já namorávamos firme havia dois anos nessa época. Numa aldeia como esta, é assim que as coisas acontecem. Você cresce na casa vizinha à de uma garota e, um dia, vocês são duas crianças atirando pedras de cima do penhasco; no outro, vocês já são casados há três anos com outro bebê a caminho. – Ele suspirou, encolhendo os ombros e fazendo seu suéter de lã parecer grande demais. – Quando eu conheci Eliza, o mundo virou de cabeça para baixo. Não posso descrever de outro modo. Foi como um feitiço, ela não me saía da cabeça. – Ele sacudiu a cabeça. – Eu gostava de Cec, a amava de verdade, mas a teria abandonado num piscar de olhos. – Ele olhou para Nell e desviou logo o olhar. – Não me orgulho nem um pouco disto, parece extremamente desleal. Mas é verdade. – Tornou a fitar Nell. – Mas não se pode culpar um rapaz por seus sentimentos, não é?

Encarou Nell e, de repente, ela entendeu. Ele estava buscando absolvição havia muito tempo.

– Não – ela disse. – Não se pode.

Ele suspirou e falou tão baixo, que Nell precisou inclinar a cabeça para ouvir.

– Às vezes o corpo deseja coisas que a mente não consegue explicar, não consegue nem mesmo aceitar. Eu só conseguia pensar em Eliza, não conseguia me controlar. Era como, como...

– Um vício?

– Isso mesmo. Eu achava que só poderia ser feliz se fosse com ela.

– Ela sentia a mesma coisa?

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu com certa melancolia.

– Sabe, por um tempo eu achei que sim. Ela tinha um jeito, uma intensidade. Um hábito de fazer você sentir que ela não queria estar em outro lugar nem com outra pessoa, exceto com você. – Ele riu. – Logo percebi o meu erro.

– O que aconteceu?

Ele comprimiu os lábios e, por um segundo, Nell achou que a história estivesse encerrada. Ela deu um suspiro de alívio quando ele prosseguiu.

– Foi numa noite de primavera. Deve ter sido em 1908 ou 1909. Fora um ótimo dia no mar, eu tinha apanhado muitos peixes e estava comemorando com os outros rapazes. A bebida me deu coragem e, no caminho de volta para casa, eu me vi subindo o penhasco. Um risco idiota, só havia aquele atalho estreito na época, que mal servia para uma cabra passar, mas eu não me importei. Já tinha enfiado na cabeça que ia pedi-la em casamento. – A voz dele tremeu. – Mas, quando cheguei perto do chalé, olhei pela janela...

Nell se inclinou para a frente.

Ele se encostou na cadeira.

– Bem, você já ouviu esta história antes.

– Ela estava com outra pessoa?

– Não apenas estava com outra pessoa. – Os lábios dele tremeram. – Estava com uma pessoa que era da família. – William esfregou o olho, depois examinou o dedo. – Eles estavam... – Ele olhou para Nell. – Bem, você pode imaginar.

Um ruído do lado de fora e uma lufada de ar frio. A voz de Robyn veio do hall.

– Está muito frio lá fora. – Ela entrou na sala. – Desculpem o atraso. – Ela olhou esperançosa para eles, passando a mão no cabelo úmido de neblina. – Está tudo bem aqui?

– Não podia estar melhor, mocinha – disse William, com um olhar rápido para Nell.

Nell assentiu. Não tinha intenção de revelar o segredo de um velho.

– Eu já ia servir o ensopado – disse William. – Deixe o seu velho Gump olhar para você.

– Gump! Eu disse que ia cuidar do chá. Trouxe tudo comigo.

– Ora – ele resmungou, levantando-se da cadeira e firmando os pés no chão. – Quando você e aquele rapaz estão juntos, nunca se sabe quando você vai se lembrar do seu velho Gump. Achei que, se não tomasse minhas providências, correria um sério risco de passar fome.

– Ah, Gump – ela ralhara, levando a sacola de compras para a cozinha. – Você não existe. Quando foi que me esqueci de você?

– Não é você, meu bem. – Ele foi arrastando os pés atrás dela. – É aquele seu namorado. Como todos os advogados, ele é um falastrão.

Enquanto os dois discutiam se William estava ou não fisicamente capacitado para cozinhar, Nell repassou mentalmente o que William lhe contara. Agora ela entendia por que ele insistia em que o chalé era um lugar marcado, triste; e era, sem dúvida, para ele. Mas William tinha se desviado do assunto com sua confissão, e cabia a Nell fazê-lo retomar a direção que interessava a ela. E, por mais curiosa que estivesse em relação à pessoa com quem Eliza estava naquela noite, isso não vinha ao caso e, se insistisse com William, ele se retrairia. Não podia correr este risco antes de descobrir por que Eliza a tinha roubado de Rose e Nathaniel Walker, por que tinha sido mandada para Austrália, para uma vida completamente diferente.

– Aqui estamos. – Robyn surgiu, carregando uma bandeja com três tigelas fumegantes.

William veio atrás, meio ressabiado, e se sentou.

– Eu ainda faço o melhor ensopado de peixe deste lado de Polperro.

Robyn ergueu a sobrancelha para Nell.

– Ninguém está negando isso, Gump – disse, lhe entregando uma tigela.

– Só a minha capacidade de carregar a bandeja da cozinha até a mesa.

Robyn deu uma risada teatral.

– Deixe-nos ajudá-lo, Gump, isso é tudo que eu peço.

Nell rangeu os dentes; ela precisava acabar com esta discussão, não podia pôr em risco sua conversa com Gump.

– Delicioso – disse alto, provando o ensopado. – Tem a quantidade perfeita de molho Worcestershire.

William e Robyn olharam para ela, com as colheres paradas no ar.

– O que foi? – Nell perguntou, olhando de um para o outro. – O que foi?

Robyn abriu a boca e tornou a fechá-la.

– O molho Worcestershire.

– É o nosso ingrediente secreto – disse William. – Está na família há várias gerações.

Nell ergueu os ombros, num gesto de desculpas.

– Minha mãe costumava fazer ensopado de peixe, e a mãe dela também. Elas sempre usavam molho Worcestershire. Acho que era o nosso ingrediente secreto também.

William puxou o ar devagar pelas narinas e Robyn mordeu o lábio.

– Está delicioso – disse Nell, tornando a provar o ensopado. – O segredo é colocar a quantidade certa.

– Diga-me, Nell – Robyn disse, evitando o olhar de William. – Tinha alguma coisa de útil naqueles papéis que eu lhe dei?

Nell sorriu agradecida. Robyn salvando a cena.

– Eles eram muito interessantes. Gostei muito do artigo de jornal sobre o lançamento do *Lusitania*.

Robyn se animou.

– Deve ter sido excitante, um lançamento importante como esse. É horrível pensar no que aconteceu com aquele lindo navio.

– Alemães – disse Gump, com a boca cheia de ensopado. – Foi um sacrilégio, um ato de barbárie.

Nell pensou que os alemães deviam sentir o mesmo em relação ao bombardeio de Dresden, mas ali não era hora nem lugar, e William não era a pessoa certa para se ter esse tipo de discussão. Então ela mordeu a língua e entabulou uma conversa amena com Robyn sobre a história da aldeia e a casa em Blackhurst até que, finalmente, Robyn pediu licença para tirar os pratos e buscar a sobremesa.

Nell a viu sair da sala e, consciente de que aquela poderia ser sua última chance de conversar com William sozinha, aproveitou a oportunidade.

– William, preciso perguntar uma coisa a você.

– Pode perguntar.

– Você conheceu Eliza...

Ele trouxe o cachimbo e assentiu.

– Então por que, na sua opinião, ela me roubou? Você acha que ela queria uma filha?

William soltou a fumaça. Apertou o cachimbo entre os dentes e falou:

– Não me parece. Ela era um espírito livre. Não era o tipo de pessoa que quisesse assumir responsabilidades domésticas, muito menos roubá-las.

– Houve algum comentário na aldeia? Alguém tinha alguma teoria a respeito?

– Nós todos acreditamos em que a criança, que você, tinha morrido de escarlatina. Ninguém questionou o fato. – Ele sacudiu os ombros. – Quanto ao desaparecimento de Eliza, ninguém ligou muito para isso. Não era a primeira vez.

– Não?

– Ela já tinha feito o mesmo alguns anos antes. – Ele olhou rapidamente na direção da cozinha e baixou a voz, evitando os olhos de Nell. – Eu sempre me culpei por isso. Foi logo depois que... logo depois da outra coisa que eu mencionei. Eu a confrontei, contei o que tinha visto; chamei-a de tudo. Ela me fez prometer que eu não ia contar para ninguém, disse-me que eu não tinha entendido, que não

era o que parecia. – Ele riu amargamente. – Todas as coisas que uma mulher diz quando é apanhada numa situação dessas.

Nell balançou a cabeça.

– Eu fiz o que ela pediu, guardei o seu segredo. Logo depois disso, soube, na aldeia, que tinha partido.

– Para onde ela foi?

Ele sacudiu a cabeça.

– Quando ela voltou, um ano depois, mais ou menos, eu lhe perguntei várias vezes, mas ela nunca disse.

– A sobremesa está pronta – Robyn disse da cozinha.

William se inclinou para a frente, tirou o cachimbo da boca e o apontou para Nell.

– Foi por isso que pedi a Robyn para convidar você para vir aqui esta noite, era isso que eu queria dizer para você: descubra para onde Eliza foi e acho que você resolverá seu quebra-cabeça. Porque posso dizer uma coisa: não importa para onde tenha ido, ela estava muito diferente quando voltou.

– Diferente como?

Ele sacudiu a cabeça, recordando.

– Mudada, menos ela mesma. – Ele apertou o cachimbo com os dentes. – Faltava alguma coisa nela, e nunca mais foi a mesma.



Parte três

Mansão Blackhurst, 1907

Na manhã em que Rose deveria voltar de Nova York, Eliza foi cedo para o jardim secreto. O sol de novembro ainda estava despertando do seu sono e o caminho estava escuro, só dava para ver a grama, molhada de orvalho. Ela caminhava rapidamente, com os braços cruzados na frente do corpo por causa do frio. Tinha chovido na noite anterior e havia poças por toda parte; ela as evitou o melhor que pôde, depois abriu o portão do labirinto e começou a atravessá-lo. Estava ainda mais escuro dentro dos muros de cerca viva, mas Eliza era capaz de atravessar o labirinto de olhos fechados.

Normalmente ela adorava o breve momento de crepúsculo em que a noite anunciava o amanhecer, mas hoje estava distraída demais para prestar atenção a isso. Desde que recebera a carta de Rose anunciando seu noivado, Eliza tinha combatido suas emoções. O espinho da inveja se alojara em seu estômago e se recusava a lhe dar descanso. Todo dia, quando pensava em Rose, quando relia sua carta, quando imaginava o futuro, o medo machucava suas entranhas, enchendo-a com seu perigoso veneno.

Pois com a carta de Rose, a cor do mundo de Eliza tinha mudado. Como o caleidoscópio do quarto de brinquedos que a encantara tanto quando ela foi para Blackhurst, um giro e as mesmas peças tinham se reorganizado para criar uma imagem completamente diferente. Quando, uma semana antes, ela sentira-se segura, com a certeza de que ela e Rose estavam ligadas para sempre uma à outra, agora temia ficar sozinha de novo.

Quando entrou no jardim secreto, a luz da manhã já estava lançando seus primeiros raios. Eliza respirou fundo. Tinha ido para o jardim porque aquele era o lugar onde sempre se sentia segura, e hoje, mais do nunca, precisava que ele fizesse sua magia.

Passou a mão sobre o banco de ferro, molhado de chuva, e se sentou na beirada úmida. A macieira estava dando frutos, pequenos globos cor-de-rosa e alaranjados. Podia colher algumas para a cozinha, ou talvez devesse arrumar os canteiros, ou podar as trepadeiras. Fazer alguma coisa que distraísse sua mente da chegada de Rose, do medo de que a prima fosse estar mudada ao voltar.

Pois, desde que recebera a carta de Rose, Eliza tinha analisado sua inveja e percebido que não era o homem, Nathaniel Walker, que ela temia; era o amor de Rose por ele. O casamento, ela podia tolerar, mas não uma mudança no afeto de Rose. A maior preocupação de Eliza era que Rose, que sempre gostara mais dela, tivesse achado um substituto e não precisasse mais da prima.

Ela se obrigou a caminhar e estudar as plantas. As glicínias estavam soltando as últimas folhas, o jasmim tinha perdido as flores, mas o outono tinha sido ameno e as rosas cor-de-rosa ainda estavam em flor. Eliza chegou mais perto, segurou entre os dedos um botão e sorriu ao ver uma gota de chuva dentro de suas pétalas.

A ideia foi súbita e completa. Precisava preparar um buquê para dar boas-vindas a Rose. Sua prima gostava de flores, porém, mais do que isso, Eliza ia escolher plantas que fossem um símbolo da amizade delas. O buquê teria hera para simbolizar a amizade, rosas cor-de-rosa para simbolizar a felicidade e gerânios para simbolizar as lembranças...

Eliza escolheu cada galhinho cuidadosamente, colhendo apenas os mais bonitos, os mais perfeitos, depois amarrou o buquê com uma fita de cetim cor-de-rosa, arrancada da bainha do seu vestido. Estava dando o laço quando ouviu o som de rodas sobre as pedras do caminho.

Elas estavam de volta. Rose estava em casa.

Com o coração na garganta, Eliza ergueu a saia com a barra molhada, agarrou o buquê e começou a correr. Ziguezagueava pelo labirinto. Foi pisando nas poças, seu coração batendo no compasso das patas dos cavalos.

Atravessou o portão bem a tempo de ver a carruagem chegar. Parou um momento para tomar fôlego. Tio Linus estava sentado, como sempre, no banco de jardim ao lado do portão do labirinto, com sua pequena câmera ao lado. Mas, quando ele chamou por ela, Eliza fingiu que não tinha ouvido.

Ela chegou à frente da casa quando Newton estava abrindo a porta da carruagem. Ele piscou o olho e Eliza acenou de volta. Comprimiu os lábios enquanto esperava.

Desde que recebera a carta de Rose, os dias tinham ficado longos e as noites, mais longas ainda, e agora o momento finalmente tinha chegado. O tempo pareceu ficar mais lento: ela ouviu sua respiração acelerada, seu coração batendo nos ouvidos.

Será que imaginou a mudança na expressão de Rose, a alteração na sua postura?

O buquê caiu das mãos de Eliza e ela o ergueu da grama molhada.

O movimento deve ter chamado a atenção, porque tanto Rose quanto tia Adeline se viraram; uma sorriu, a outra, não.

Eliza ergueu a mão devagar e acenou. Tornou a baixá-la.

Rose ergueu as sobrancelhas, achando graça.

– Ora, você não vai me dar as boas-vindas, prima?

Eliza sentiu imediatamente uma onda de alívio. Sua Rose estava de volta e tudo ia ficar bem, com certeza. Ela correu, com os braços estendidos e abraçou Rose.

– Afaste-se, menina – disse tia Adeline. – Você está coberta de lama. Vai sujar o vestido de Rose.

Rose sorriu e Eliza sentiu a preocupação desaparecer. É claro que Rose não tinha mudado. Ela só tinha estado fora dois meses e meio. Eliza tinha permitido que o medo conspirasse com a ausência e desse uma falsa impressão de mudança.

– Prima Eliza, como é bom vê-la!

– Igualmente, Rose. – Eliza ofereceu-lhe o buquê.

– Que lindo! – Rose o aproximou o nariz. – Do seu jardim?

– É, hera para amizade, gerânios para lembranças...

– Sim, sim, e rosa, estou vendo. Que lembrança carinhosa, Eliza. – Rose estendeu o buquê para Newton. – Peça à sra. Hopkins para colocar num vaso, sim, Newton?

– Tenho tanta coisa para contar para você, Rose – disse Eliza. – Você nunca vai adivinhar o que aconteceu. Uma das minhas histórias...

– Minha nossa! – Rose riu. – Eu ainda nem entrei e Eliza já está me contando histórias de fadas.

– Não canse a sua prima – disse tia Adeline, com estupidez. – Rose precisa descansar. – Ela olhou para a filha e disse, com certa hesitação: – Você devia se deitar.

– É claro, mamãe, eu pretendo subir imediatamente.

A mudança era sutil, mas Eliza notou imediatamente. Havia mais hesitação na sugestão de tia Adeline e menos obediência na voz de Rose.

Eliza ainda estava refletindo sobre esta mudança sutil, quando tia Adeline entrou e Rose se aproximou e cochichou no ouvido de Eliza:

– Vamos lá para cima, querida. Eu tenho tanta coisa para contar a você.

E tinha mesmo. Ela contou cada momento que passou na companhia de Nathaniel Walker e, o mais cansativo, a angústia de cada momento passado longe dele. O relato épico começou aquela tarde e continuou pela noite e no dia seguinte. No início, Eliza conseguiu fingir que estava interessada – na realidade, logo no começo ela estava mesmo interessada, pois os sentimentos que Rose descrevia não se pareciam com nada que ela jamais tivesse sentido –, mas, à medida que os dias foram passando, agrupando-se em semanas, Eliza começou a desanimar. Tentou fazer Rose se interessar por outras coisas – uma visita ao jardim, a mais recente história que ela tinha escrito, até mesmo um passeio à enseada –, mas Rose só tinha ouvidos para histórias de amor e resignação. Especificamente dela própria...

Dessa forma, à medida que o inverno se aproximava, Eliza passou a frequentar mais a enseada, o jardim secreto, o chalé. Lugares onde ela

podia desaparecer, onde os criados pensariam duas vezes antes de incomodá-la com suas mensagens, sempre as mesmas: a srta. Rose solicita a presença imediata da srta. Eliza para tratar de assunto da maior importância. Pois, apesar de Eliza não compreender as virtudes de um vestido de noiva comparado a outro, Rose nunca se cansava de atormentá-la.

Eliza disse a si mesma que tudo voltaria ao normal, que Rose estava apenas excitada: ela sempre gostara de moda e decoração, e estava tendo a oportunidade de brincar de princesa encantada. Eliza só precisava ser paciente e tudo voltaria a ser como antes entre elas.

Então a primavera tornou a chegar. Os pássaros voltaram, Nathaniel chegou de Nova York, o casamento estava próximo e, quando Eliza se deu conta, ela estava acenando para a carruagem de Newton, que levava o feliz casal para Londres e para a viagem que fariam de navio para o continente.

Mais tarde, naquela noite, deitada em sua própria cama na casa vazia, Eliza sentiu agudamente a ausência de Rose. Compreendeu com toda a clareza que Rose nunca mais iria ao seu quarto à noite, nem ela iria ao de Rose. Elas não se deitariam mais uma ao lado da outra, rindo e contando histórias enquanto o resto da casa dormia. Um quarto especial estava sendo preparado para os recém-casados, numa ala distante da casa. Um quarto maior, com vista para a enseada, mais apropriado para um casal. Eliza se virou de lado. No escuro, finalmente compreendeu o quanto seria intolerável viver sob o mesmo teto que Rose e não poder estar com ela.

No dia seguinte, Eliza procurou a tia. Encontrou-a na saleta, escrevendo na escrivania. Tia Adeline não demonstrou notar a presença de Eliza, mas Eliza se dirigiu a ela mesmo assim.

- Tia, eu gostaria de saber se posso pegar algumas coisas no sótão.
- Que coisas? – quis saber tia Adeline, sem desviar a atenção da carta que estava escrevendo.
- É só uma mesa e uma cadeira que eu preciso, e uma cama...

– Uma cama? – Ela olhou para Eliza com a testa franzida.

No silêncio da noite, Eliza tinha compreendido que era melhor efetuar mudanças por iniciativa própria do que tentar tapar buracos produzidos pelas decisões dos outros.

– Agora que Rose está casada, ocorreu-me que minha presença talvez não seja tão necessária na casa. Que eu poderia morar no chalé.

Eliza não alimentava muitas esperanças: tia Adeline tinha um prazer especial em lhe dizer não. Viu a tia assinar a carta com todo o cuidado, depois coçar a cabeça do seu cão com as unhas afiadas. Ela esboçou um leve sorriso, depois se levantou e tocou a campainha.

Na primeira noite em que Eliza passou em sua nova casa, ela ficou sentada na janela do andar de cima, vendo o oceano aumentar e diminuir como uma grande gota de mercúrio sob o luar. Rose estava do outro lado daquele mar. Mais uma vez, sua prima tinha viajado de navio e Eliza tinha ficado para trás. Mas, algum dia, Eliza iria fazer sua viagem. A revista não pagava muito por suas histórias de fadas, mas, se ela continuasse escrevendo e economizasse durante um ano, poderia pagar a viagem. E havia o broche, é claro, com suas pedras coloridas. Eliza nunca se esquecera do broche da mãe, enfiado dentro da lareira dos Swindells. Um dia, de alguma forma, pretendia recuperá-lo.

Pensou no anúncio que tinha visto no jornal na semana anterior. *Precisa-se de gente para viajar para Queensland*, ele dizia. *Venha começar uma nova vida*. Mary sempre contava a respeito das aventuras do irmão na cidade de Maryborough. Pelo que ela contava, a Austrália era uma terra de amplos espaços e sol ofuscante, onde as regras da sociedade eram desprezadas pela maioria e havia oportunidades para todos que quisessem iniciar uma vida nova. Eliza sempre imaginara que ela e Rose iriam viajar juntas, elas tinham conversado sobre isso muitas vezes. Será que tinham mesmo? Olhando para trás, percebeu que Rose ficava calada quando a conversa girava em torno dessas aventuras sonhadas.

Eliza ficava toda a noite no chalé. Comprava seus próprios mantimentos no mercado da aldeia; seu jovem amigo pescador, William, providenciava para que ela sempre tivesse peixe fresco; e Mary passava por lá quase todas as tardes, a caminho de casa, sempre levando uma tigela de sopa, sobras de carne e notícias da casa.

Fora essas visitas, pela primeira vez na vida Eliza estava realmente sozinha. No início, sons estranhos, sons noturnos, a perturbavam, mas, à medida que os dias foram passando, ela começou a identificá-los: animais caminhando sobre o telhado, o ruído do aquecedor, as tábuas do assoalho estalando com o frio da noite. E havia os benefícios inesperados de sua vida solitária: sozinha no chalé, Eliza descobriu que os personagens de suas histórias se tornaram mais atrevidos. Ela encontrava fadas brincando nas teias de aranha, insetos murmurando encantamentos nos parapeitos das janelas, gênios do fogo sussurrando no fogão. Às vezes, durante as tardes, Eliza se sentava na cadeira de balanço e ficava prestando atenção neles. E, tarde da noite, quando eles estavam todos dormindo, ela inseria as histórias deles em suas próprias histórias.

Uma manhã, na quarta semana, Eliza levou o bloco para o jardim e se sentou no seu local favorito, na grama macia sob a macieira. Tivera uma ideia para uma história e começou a escrevê-la: uma princesa corajosa que abriu mão dos seus direitos de herança e acompanhou sua criada numa longa viagem cheia de perigos. Eliza estava prestes a fazer sua heroína entrar na caverna de um duende especialmente malvado, quando um pássaro pousou num galho acima dela e começou a cantar.

– É mesmo? – Eliza disse, largando a pena.

O pássaro tornou a cantar.

– Eu concordo, também estou com vontade de beliscar alguma coisa. – Colheu uma das últimas maçãs num galho baixo, limpou-a no vestido e deu uma dentada. – Está mesmo deliciosa – disse, quando o pássaro saiu voando. – Você pode experimentar uma, se quiser.

– Eu sou capaz de aceitar.

Eliza parou e ficou imóvel, olhando para o lugar onde o pássaro tinha estado.

– Eu devia ter trazido alguma coisa, mas não sabia que ia ficar aqui por tanto tempo.

Ela examinou o jardim e levou um susto quando viu um homem sentado no banco de ferro. Ele estava tão fora de contexto, que, embora eles já tivessem se encontrado antes, ela levou alguns segundos para identificá-lo. Cabelo e olhos escuros, sorriso amável... Eliza levou um choque. Era Nathaniel Walker, que tinha se casado com Rose. Sentado no *seu* jardim.

– Você parece estar gostando da maçã – ele disse. – Ver você comê-la é quase tão satisfatório quanto comer uma.

– Não gosto de ser observada.

Ele sorriu.

– Então eu vou desviar os olhos.

– O que você está fazendo aqui?

Nathaniel ergueu um livro.

– *O pequeno Lorde*. Você já leu?

Ela fez que não com a cabeça.

– Nem eu, apesar de passar horas tentando. E a culpa, em parte, é sua, prima Eliza. Seu jardim é muito absorvente. Eu passei a manhã toda aqui sentado e ainda não terminei o primeiro capítulo.

– Achei que vocês estavam na Itália.

– E estávamos. Mas voltamos uma semana mais cedo.

Eliza sentiu um frio na espinha.

– Rose está em casa?

– É claro. – Ele sorriu. – Espero que você não esteja sugerindo que eu possa ter perdido minha esposa para os italianos!

– Mas quando foi que ela... – Eliza afastou uma mecha de cabelo da testa, tentando entender. – Quando foi que vocês chegaram?

– Na segunda-feira à tarde. Foi uma viagem cansativa, o mar estava jogando muito.

Três dias. Eles tinham voltado havia três dias e Rose não tinha se manifestado. Eliza sentiu um aperto no estômago.

– Rose está bem?

– Nunca esteve melhor. O clima do Mediterrâneo fez bem a ela. Nós teríamos ficado a semana toda, mas ela queria organizar a festa. – Ele ergueu as sobrancelhas de forma teatral. – Pelo que Rose e a mãe dizem, acho que vai ser uma festança.

Eliza disfarçou sua confusão dando outra mordida na maçã, depois jogou fora o resto. Tinha ouvido mencionarem uma festa ao ar livre, mas achara que se tratava de um dos eventos sociais de Adeline: que não tinha nada a ver com Rose.

Nathaniel tornou a erguer o livro.

– Daí a minha escolha de leitura. A sra. Hodgson Burnett virá. – Ele arregalou os olhos. – Ora, você deve estar louca para conhecê-la. Imagino que será um prazer conversar com outra autora.

Eliza esfregou a ponta do papel entre o polegar e o indicador, sem olhar para ele.

– Sim... Acho que sim.

Ele disse, com um ligeiro tom de apreensão.

– Você vem, é claro? Tenho certeza de que Rose falou que ia convidar você. A festa vai ser no gramado oval, sábado, às duas horas.

Eliza desenhou uma trepadeira na margem do papel. Rose sabia que ela não gostava de festas, era só isso. Bondosa Rose, poupando Eliza da agonia de conviver com os amigos de tia Adeline.

Nathaniel disse, com um tom afetuoso:

– Rose sempre fala de você, prima Eliza. Tenho a impressão de conhecê-la. – Ele fez um gesto com a mão. – Ela me falou do jardim, foi por isso que vim até aqui hoje. Tinha que ver por mim mesmo se ele era mesmo tão bonito quanto ela dizia.

Eliza olhou para ele.

– E então?

– Ele é tudo o que ela disse e mais. Como eu disse, eu culpo o jardim por não ter conseguido ler. A luz bate nele de um jeito que me

dá vontade de colocar no papel. Eu desenhei toda a capa do meu livro.
– Ele sorriu. – Não vá contar à sra. Hodgson Burnett.

– Eu plantei o jardim para Rose e para mim mesma. – A voz de Eliza soou estranha aos seus próprios ouvidos, tinha se acostumado a ficar sozinha. Também ficou envergonhada de estar expressando seus sentimentos, mas não conseguiu deixar de falar deles. – Para que pudéssemos ter um lugar secreto, um lugar onde ninguém pudesse nos achar. Onde Rose pudesse ficar sentada ao ar livre, mesmo quando estivesse adoentada.

– Rose tem sorte em ter uma prima que gosta tanto dela. Sou eternamente grato a você por tê-la conservado tão bem para mim. Nós dois somos uma espécie de time, não é?

Não, Eliza pensou, não somos não. Rose e eu somos um par, um time. Você é um apêndice. Temporário.

Ele se levantou, limpou a calça e segurou o livro contra o peito.

– E agora devo me despedir. A mãe de Rose adora regras e acho que ela não iria gostar que eu chegasse atrasado para o jantar.

Eliza, que o acompanhara até o portão, o viu partir. Fechou o portão atrás dele, depois sentou-se na beirada do banco. Evitou se sentar onde ele tinha deixado o metal quente. Não havia nada para não se gostar em Nathaniel, e ela não gostava dele por isso. O encontro deles deixou um peso em seu peito. Foi a menção à festa ao ar livre e a Rose, a confiança dele no afeto dela. A gratidão que ele tinha estendido a Eliza, embora expressa de maneira perfeitamente gentil, a deixou com a certeza de que ele a considerava um acessório. E agora, ter entrado em seu jardim, ter achado o caminho com tanta facilidade pelo labirinto...

Eliza afastou da mente esses pensamentos. Ela ia voltar ao seu conto de fadas. A princesa estava prestes a entrar com a criada na caverna do duende. Assim, esqueceria aquele encontro inquietante.

Mas, por mais que tentasse, o entusiasmo de Eliza tinha desaparecido e levado sua inspiração com ele. Um enredo que a tinha enchido de satisfação no início parecia, agora, frágil e transparente.

Eliza riscou o que tinha escrito. Não servia. Entretanto, por mais que revirasse o enredo na cabeça, não conseguiu fazê-lo funcionar, pois qual era a princesa de conto de fadas que trocaria o príncipe pela criada?

O sol brilhava e parecia até que Adeline tinha feito um acordo com Deus. Os lírios extras chegaram a tempo e Davies percorreu o jardim em busca de mais espécies exóticas para fazer os arranjos. A chuvarada noturna que deixara Adeline acordada e nervosa servira para aumentar o brilho do jardim, de modo que cada folha parecia ter sido especialmente lavada para a festa, e o gramado estava coberto de cadeiras arrumadas harmoniosamente. Garçons contratados estavam em fila ao lado das escadas, modelos de calma e controle, enquanto que, na cozinha, longe da vista dos convidados, a cozinheira e sua equipe trabalhavam sem parar.

Os convidados tinham começado a chegar nos últimos quinze minutos e Adeline os recebia e os encaminhava para o gramado. Como eles pareciam imponentes com seus belos chapéus – embora nenhum tão bonito quanto o de Rose, comprado em Milão, especialmente para a ocasião.

De onde estava, escondida pela enorme azaleia, Adeline observava os convidados. Lord e Lady Ashfield sentados ao lado de Lord Irving-Brown; Sir Arthur Mornington tomando chá perto do lugar em que os jovens Churchills riam e jogavam bola; Lady Susan Heuser mergulhada numa conversa com Lady Caroline Aspley.

Adeline sorriu consigo mesma. Fizera um bom trabalho. Uma festa ao ar livre era um modo adequado de dar boas-vindas aos recém-casados e, além disso, a escolha cuidadosa feita por Adeline de especialistas, fofoqueiros e alpinistas sociais era uma boa oportunidade de divulgar o trabalho de Nathaniel como pintor retratista. Ao longo das paredes do hall de entrada, mandara Thomas pendurar os melhores quadros dele e, mais tarde, depois que o chá fosse servido, planejava levar alguns convidados seletos para vê-los. Assim, seu genro

se tornaria assunto para os críticos de arte e para os formadores de opinião da sociedade.

Tudo o que Nathaniel precisava fazer era encantar os convidados do mesmo modo como tinha encantado Rose. Adeline examinou o grupo e localizou a filha sentada junto de Nathaniel e da americana, sra. Hodgson Burnett. Adeline tinha relutado em convidar a sra. Hodgson Burnett, pois, se um divórcio já era uma infelicidade, dois eram quase uma calamidade. Mas a escritora era, sem dúvida, muito bem relacionada no continente, e, portanto, Adeline tinha concluído que sua potencial ajuda falava mais alto que sua má fama.

Rose riu de alguma coisa que a mulher disse e Adeline sentiu uma onda de satisfação por dentro. Rose estava maravilhosa, tão radiante quando as cascatas de rosas atrás dela. Ela parecia feliz, Adeline pensou, como costumava acontecer com uma jovem recém-casada, que tinha acabado de jurar amor eterno.

Sua filha tornou a rir e Nathaniel apontou na direção do labirinto. Adeline torceu para que eles não estivessem perdendo um tempo precioso discutindo o jardim murado ou alguma outra bobagem de Eliza quando deveriam estar falando das pinturas de Nathaniel. A saída de Eliza da casa tinha sido um presente inesperado do destino.

Durante as semanas de preparação da festa, Adeline tinha ficado acordada, noite após noite, pensando em como evitar que a moça estragasse o dia. Que surpresa abençoada a manhã que ela tinha aparecido na sala e pedido para ir morar no chalé distante. Adeline tinha conseguido disfarçar seu contentamento. Eliza morando afastada no chalé era o melhor arranjo possível, melhor do que qualquer coisa que Adeline pudesse pensar, e a remoção tinha sido completa. Adeline não tinha visto nem sombra da moça desde sua partida; a casa inteira estava mais leve e mais espaçosa. Finalmente, depois de oito longos anos, estava livre da presença pesada da moça.

A maior dificuldade tinha sido decidir como convencer Rose de que a saída dela era a melhor solução. A pobre Rose fora sempre cega no que se referia a Eliza, nunca tinha visto nela a ameaça que Adeline

sabia estar lá. Realmente, uma das primeiras coisas que Rose fez ao chegar da lua de mel foi perguntar pela prima. Quando Adeline explicou por que Eliza estava morando no chalé, Rose tinha franzido a testa – parecia tão súbito, ela disse – e tinha resolvido visitar Eliza logo no dia seguinte.

Uma visita dessas era impensável, é claro, para que a mentira de Adeline funcionasse. Então, logo depois do café da manhã, Adeline foi procurar Rose no seu novo quarto, onde ela estava fazendo um delicado arranjo de flores. Enquanto Rose arrumava as flores, Adeline perguntou, com uma voz calma e casual:

– Você acha que Eliza devia ser convidada para a festa?

Rose virou-se para ela, com a flor escorrendo água pelo caule.

– É claro que sim, mamãe. Eliza é minha amiga mais querida.

Adeline comprimiu os lábios: esta era a resposta para a qual ela tinha se preparado. Fingir aceitação é um risco calculado, e Adeline empregou-o sabiamente. Uma sequência de frases que ela tinha preparado e ensaiado várias vezes fluiu de seus lábios com naturalidade.

– É claro, minha querida. Se você quer a presença dela, que seja. Não vamos mais tocar nesse assunto. – Só depois dessa aquiescência foi que Adeline se permitiu um pequeno suspiro.

Rose estava de costas para ela, com um galho de gardênia na mão.

– O que foi, mamãe?

– Nada, meu bem.

– Mamãe?

Cuidado, cuidado.

– Eu só estava pensando em Nathaniel.

Isto atraiu a atenção de Rose, fazendo-a enrubescer.

– Nathaniel, mamãe?

Adeline ficou parada, alisando a frente do vestido. Ela sorriu para Rose.

– Não faz mal. Tenho certeza de que tudo vai correr bem para ele, mesmo com a presença de Eliza.

– É claro que sim. – Rose hesitou antes de recolocar a gardênia no arranjo. Ela não tornou a olhar para Adeline, mas não precisava. Adeline podia visualizar a incerteza estampada no rosto dela. E ela perguntou:

– Por que Nathaniel se beneficiaria com a ausência de Eliza?

– É que eu tinha esperado atrair atenção para Nathaniel e sua arte. Eliza tem uma tendência a ser o foco das atenções. Queria que esse dia fosse seu e de Nathaniel, minha querida. Mas é claro que você deve convidar Eliza se achar melhor. – Então ela riu, uma risada alegre, ligeira, ensaiada à perfeição. – Além disso, ou me atrevo a dizer que se Eliza souber que você voltou antes, ela vai se enfiar tanto aqui, que um dos criados vai acabar deixando escapar alguma coisa sobre a festa. E, apesar da aversão dela por reuniões sociais, sua devoção por você, minha querida, é tamanha, que ela vai insistir em vir.

Então Adeline tinha saído, sorrindo consigo mesma ao notar a tensão nos ombros da filha. Um sinal claro de que o tiro tinha acertado o alvo.

E, como ela esperava, Rose apareceu no quarto de vestir de Adeline um pouco mais tarde e sugeriu que, já que Eliza não gostava de festas, talvez fosse melhor poupá-la. Disse ainda que tinha pensado melhor e que não iria visitar a prima naquele dia. Ia esperar até depois da festa, quando as coisas estivessem mais calmas e as duas pudessem conversar com tranquilidade.

Aplausos vindos do jogo de bola atraíram a atenção de Adeline. Ela bateu palmas com as mãos enluvadas e, com um sorriso amável, atravessou o gramado. Ao se aproximar do sofá, a sra. Hodgson se levantou e abriu um guarda-sol branco. Ela se despediu de Rose e Nathaniel e caminhou na direção do labirinto. Adeline achou que ela não ia entrar nele; o portão do labirinto tinha sido fechado mais cedo para desencorajar visitantes, mas era típico de uma americana fazer o que lhe desse na cabeça. Adeline andou um pouco mais depressa – procurar uma convidada perdida não estava nos seus planos para o dia

– e interceptou a sra. Hodgson Burnett antes que ela se afastasse muito. Ela brindou a convidada com o mais amável dos sorrisos.

– Boa-tarde, sra. Hodgson Burnett.

– Ora, boa-tarde, Lady Mountrachet. E que dia lindo hoje.

Aquele sotaque! Adeline sorriu, concordando.

– Não podíamos desejar melhor. E vejo que a senhora conheceu o feliz casal.

– Monopolizei-os, melhor dizendo. Sua filha é uma criatura maravilhosa.

– Obrigada. Eu sou suspeita para falar.

Risos polidos de ambas as partes.

– E o marido está obviamente apaixonado – disse a sra. Hodgson Burnett. – O amor dos jovens não é fantástico?

– Fiquei *encantada* com o casamento. Um rapaz tão talentoso – uma pequena pausa. – Nathaniel mencionou os retratos, não?

– Não. Mas eu não dei chance nenhuma a ele. Estava interessada em saber sobre o jardim secreto que dizem que existe nesta imponente propriedade.

– Uma coisa à toa. – Adeline sorriu sem graça. – Um canteiro de flores com um muro em volta. Toda propriedade da Inglaterra tem um.

– Não com tantas histórias românticas relacionadas a ele, estou certa. Um jardim erguido das ruínas para ajudar uma jovem delicada a recuperar a saúde!

Adeline riu com uma alegria forçada.

– Minha nossa! Parece que minha filha e o marido lhe contaram uma história de fadas. Rose deve sua saúde aos esforços de um ótimo médico e eu posso garantir à senhora que o jardim é bastante comum. Por outro lado, os retratos de Nathaniel...

– Mesmo assim, eu adoraria vê-lo. Isto é, o jardim. Meu interesse foi despertado.

Adeline não podia recusar. Ela assentiu a contragosto e praguejou baixinho, disfarçando com um sorriso.

Adeline estava decidida a ter uma boa conversa com Nathaniel e Rose, quando, em sua visão periférica, avistou um tecido branco pelo portão do labirinto. Virou-se bem a tempo de ver Eliza abrir o portão em cima da sra. Hodgson Burnett.

Ela levou a mão à boca, evitando um grito. Tinha que ser no pior dia e na pior hora. Aquela moça: sempre apressada, malvestida, inoportuna. Com sua saúde de ferro, seu rosto rosado, seu cabelo despenteado, seu chapéu deselegante, e – Adeline notou, horrorizada – sem luvas. Pelo menos, ela estava usando sapatos.

Contraindo os cantos da boca como uma marionete de madeira, Adeline olhou em volta, tentando avaliar a extensão do desastre. Uma criada ajudava a sra. Hodgson Burnett a se sentar numa cadeira. Todo o resto parecia calmo, o dia ainda não estava perdido. Na realidade, apenas Linus, sentado sob uma araucária, ignorando a conversa de Lord Appleby, notara a chegada dela, erguendo sua câmera fotográfica, apontando-a para Eliza. Eliza, por seu lado, olhava na direção de Rose, com uma expressão consternada. Surpresa, sem dúvida, de ver a prima de volta do continente tão cedo.

Adeline se virou rapidamente, decidida a evitar constrangimentos para a filha. Mas Rose e Nathaniel não tinham percebido nada, estavam absorvidos demais um com o outro. Nathaniel tinha virado a cadeira e estava sentado com os joelhos quase tocando (ou de fato tocando?) os de Rose. Entre os dedos, ele segurava um dos morangos da estufa de Davies, girando o fruto e aproximando-o dos lábios de Rose, para depois tornar a afastá-lo. Rose ria, com o queixo levantado e o sol batendo em sua garganta.

Com o rosto vermelho, Adeline ergueu o leque para bloquear aquela visão. Que comportamento inadequado! O que as pessoas iriam pensar? Podia imaginar o que Caroline Aspley iria escrever assim que chegasse em casa.

Adeline sabia que era seu dever impedir aquele comportamento impróprio, entretanto... Ela tornou a baixar o leque, olhando por cima dele. Por mais que tentasse, não conseguia desviar os olhos. A frescura

da imagem era magnética. Mesmo sabendo que Eliza estava causando uma confusão atrás dela, que o marido estava se comportando de forma inadequada, era como se o mundo estivesse girando em câmera lenta e Adeline estivesse sozinha no centro dele, ouvindo apenas as batidas do seu coração. Ela sentiu um formigamento na pele, uma fraqueza nas pernas, a respiração ofegante. Não conseguiu evitar o pensamento: como seria a sensação de ser tão amada?

O cheiro do vapor de mercúrio encheu suas narinas e Linus respirou profundamente. Prendeu a fumaça, sentiu sua mente se expandir, seus tímpanos arderem, antes de exalar. Sozinho na câmara escura, Linus tinha um metro e noventa, as duas pernas retas e fortes. Usando a pinça de prata, deslizou o papel para frente e para trás, observando atentamente a imagem que começava a se materializar.

Ela jamais concordaria em posar. No início, ele tinha insistido, depois implorado, depois tinha entendido o jogo dela. Ela gostava da perseguição, e Linus tivera que repensar sua estratégia.

E tinha repensado. Mansell tinha sido despachado para Londres para comprar uma Kodak-Eastman Brownie – uma coisinha feia, própria para amadores, sem a qualidade fotográfica da sua Tourograph, mas leve e portátil e o importante era isso. Enquanto Eliza continuasse se esquivando, Linus sabia que era o único jeito de capturá-la.

Sua mudança para o chalé tinha sido um passo corajoso, e Linus a admirou por isto. Ele tinha lhe dado o jardim para que ela viesse a amá-lo como sua mãe o amara – nada deixava a sua *poupée* mais feliz do que o jardim –, mas Linus não tinha previsto este recente repatriamento. Eliza não se aproximava da casa havia várias semanas. Todo dia ele a esperava perto do portão do labirinto, mas ela continuava a atormentá-lo com sua ausência.

E agora, para complicar ainda mais as coisas, Linus descobriu que tinha um adversário. Três dias atrás, enquanto mantinha sua vigília, vira algo muito desagradável. Enquanto aguardava Eliza, viu sair do

portão do labirinto o pintor, o novo marido. Linus ficara chocado, pois o que aquele homem estava fazendo ali? Percorrendo atrevidamente um lugar que Linus nunca se atreveu a percorrer. Linus estava cheio de indagações: ele a teria visto? Teria falado com ela? Teria olhado dentro dos olhos dela? Era insuportável aquele pintor se intrometendo com o que era dele.

Linus, no entanto, tinha triunfado no fim. Sua paciência fora recompensada.

Ele respirou fundo. A imagem estava surgindo. Apenas com uma luzinha vermelha para enxergar, Linus se inclinou mais para perto. A paisagem estava escura – os arbustos do labirinto –, mas no centro, a figura dela, mais clara. Ela o havia notado imediatamente, e Linus tinha sentido um calor de prazer no pescoço. Seus olhos grandes, seus lábios entreabertos, como um animal encurralado.

Linus olhou para o tabuleiro com líquido de revelação. Lá estava ela. O branco do vestido, a cintura fina – ah, como ele desejava pôr as mãos em volta dela, sentir sua respiração por baixo das costelas. E aquele pescoço tão pálido, pulsando como o de sua mãe. Linus fechou os olhos e imaginou o pescoço de sua *poupée* com aquele talho vermelho. Ela também tentara deixá-lo.

Ele estava na câmara escura quando ela o procurou pela última vez. Estava cortando papelão para montar sua nova seleção de fotos: gafanhotos do Ocidente. Ficara excitado com as fotos, tinha até pensado em perguntar ao pai se ele permitiria uma pequena exposição, e não teria tolerado interrupções. Mas Georgiana era uma exceção a quase todas as regras.

Como ela estava etérea, perfeita, emoldurada pelo portal, a lâmpada vermelha ressaltando suas feições. Ela encostou um dedo nos lábios, impedindo-o de falar, e fechou a porta atrás dela. Ele a viu aproximar-se lentamente, com um sorriso nos lábios. Uma das coisas que mais o excitava era o mistério dela, estar a sós com sua *poupée* provocava em Linus uma rara sensação de conspiração, ele que tinha

pouco tempo para os outros. E para quem os outros não tinham tempo.

– Você vai me ajudar, não é, Linus? – ela disse, com os olhos bem abertos. E então começou a falar num homem que tinha conhecido, um marinheiro. Eles estavam apaixonados, iam ficar juntos, era um segredo, mamãe e papai não podiam saber, ele ia ajudá-los, não ia? Aqueles olhos, implorando, ignorando sua dor. O tempo tinha parado, as palavras dela giravam em sua mente, aumentando e diminuindo de volume. Uma vida inteira de solidão percebida num instante.

Sem pensar duas vezes, ele levantou a mão, ainda segurando o canivete, e golpeando sua pele leitosa, transferindo para ela a sua dor...

Linus usou pinças para aproximar a fotografia da luz. Apertou os olhos. Maldição! Onde devia estar o rosto de Eliza só havia uma luz branca, pontilhada de cinzento. Ela tinha se mexido no momento exato em que ele apertou o botão. Ele não tinha sido ligeiro o bastante e ela tinha escapado por entre seus dedos. Linus cerrou os punhos. Recordou, como sempre fazia quando ficava nervoso, aquela garotinha que tinha se sentado ao lado dele no chão da biblioteca, oferecendo-lhe a boneca e, com ela, a promessa de si mesma. Antes de tê-lo desapontado.

Não tinha importância. Era só um revés, um atalho temporário no jogo que eles estavam jogando, o jogo que ele tinha jogado com a mãe dela. Daquela vez, ele tinha perdido: depois do incidente com o canivete, a sua Georgiana tinha desaparecido para sempre. Mas, desta, ele tomaria mais cuidado.

Não importava como, por mais que tivesse que esperar, ele ia vencer.

Rose arrancou as pétalas da margarida branca até não restar nenhuma: menino, menina, menino, menina. Ela sorriu e fechou os dedos em volta do miolo amarelo da margarida. Uma filhinha para ela e

Nathaniel, e depois, quem sabe, um filho, e, em seguida, mais um de cada.

Rose sempre desejara uma família. Uma família bem diferente daquele arranjo familiar frio e solitário que conhecera na infância, antes da chegada de Eliza. Haveria intimidade e amor entre os pais, e muitos filhos, irmãos e irmãs que sempre cuidariam uns dos outros.

Embora esses fossem os seus desejos, Rose tinha ouvido conversas suficientes entre senhoras para saber que, embora os filhos fossem uma bênção, o ato de concebê-los era uma provação. Consequentemente, na noite do seu casamento, ela esperava o pior. Quando Nathaniel tirou o seu vestido, removeu a renda que mamãe encomendara especialmente para a roupa, Rose prendeu a respiração, observando cuidadosamente o rosto dele. Ela estava muito nervosa. Medo do desconhecido combinado com preocupação pelas marcas que tinha no corpo a deixaram com a respiração suspensa. Esperando que ele falasse, mas, ao mesmo tempo, com medo do que ele ia dizer. Ele largou o vestido e se virou, ainda em silêncio. Não a encarou. Examinou-a devagar e cuidadosamente, como se estivesse admirando uma obra de arte que havia muito tinha vontade de ver. Seus olhos escuros estavam focados, seus lábios entreabertos. Ele ergueu a mão e Rose estremeceu; ele passou a ponta do dedo, de leve, sobre sua maior cicatriz. O toque causou um arrepio que percorreu o estômago e as coxas de Rose.

Mais tarde, eles fizeram amor, e Rose descobriu que as senhoras tinham razão, era doloroso. Mas Rose conhecia a dor, era capaz de sair do próprio corpo e observar a experiência em vez de senti-la. Concentrou-se no rosto dele, tão perto do dela – olhos fechados, pálpebras escuras e lisas; lábios grossos agindo de uma forma que nunca tinha visto antes; respiração rápida e pesada – e Rose percebeu que era poderosa. Durante todos os anos de saúde precária, ela nunca tinha achado que possuía força. Ela era a pobre Rose, a delicada Rose, a frágil Rose. Mas, no rosto de Nathaniel, Rose leu desejo, e isso a tornou forte.

Durante a lua de mel, o tempo passou voando. Onde antes havia horas e minutos, agora só havia dias e noites, sol e lua. Foi um choque quando eles voltaram para a Inglaterra e encontraram o tempo esperando por eles. Um choque, também, retomar a vida em Blackhurst. Rose se acostumara a ter privacidade na Itália e viu que agora se ressentia da presença de outras pessoas. Criados, mamãe, até Eliza, tinha sempre alguém espreitando nos cantos, querendo desviar sua atenção de Nathaniel. Rose gostaria de ter uma casa só dela, onde ninguém os incomodasse, mas sabia que haveria tempo para isso. E compreendia que mamãe tinha razão: Nathaniel teria mais chance de conhecer as pessoas certas em Blackhurst, e a casa era suficientemente grande para abrigar confortavelmente vinte homens.

Melhor assim. Rose pôs a mão delicadamente sobre o estômago. Achava que iria precisar de um quarto de bebê muito em breve. A manhã toda ela tinha se sentido estranha, como alguém que guarda um segredo precioso. Tinha certeza de que um evento tão importante como este devia ser assim, uma mulher reconhecendo instantaneamente o milagre de uma nova vida dentro do seu corpo. Segurando o miolo da margarida, Rose se dirigiu para a casa, com o sol batendo em suas costas. Imaginou quando deveria compartilhar o segredo com Nathaniel. Sorriu ao pensar nisso. Como ele ficaria feliz! Pois, quando tivessem um filho, estariam completos.

Chalé do penhasco, 2005

E finalmente parecia que o outono tinha entendido que estávamos em setembro. Os últimos dias do verão tinham saído de cena e, no jardim secreto, o inverno se aproximava. O chão estava coberto de folhas, alaranjadas e verdes, e as castanhas cobriam orgulhosamente os galhos das árvores.

Cassandra e Christian tinham trabalhado a semana toda no chalé – tirando trepadeiras, esfregando paredes cobertas de mofo, consertando tábuas podres do assoalho. Mas, como era sexta-feira e os dois estavam loucos para isso, eles tinham combinado dar alguma atenção ao jardim.

Christian estava cavando um buraco onde antes havia um portão, tentando chegar ao fim das fundações excepcionalmente grandes, e Cassandra estava agachada do outro lado do muro havia duas horas, removendo samambaias do que antes era um canteiro de flores. A tarefa a fazia se lembrar dos fins de semana da sua infância, quando ajudava Nell a limpar o mato do seu jardim em Paddington, e Cassandra foi tomada de uma reconfortante sensação de familiaridade. Juntara uma pilha decente de folhas e raízes atrás dela, mas seu ritmo estava diminuindo. Era difícil não se distrair no jardim secreto. Era como estar num espaço fora do tempo. Os muros causavam isso, ela supunha, embora a sensação de enclausuramento ultrapassasse o plano físico. As coisas soavam diferentes ali: os pássaros cantavam mais alto e as folhas sussurravam ao vento. Os cheiros eram mais fortes – terra molhada, maçãs doces – e o ar era mais puro. Quanto mais tempo passava no jardim, mais Cassandra tinha certeza de que tinha razão. Este jardim não estava adormecido, estava bem acordado.

O sol se moveu ligeiramente, enviando raios através das trepadeiras, e uma chuva de folhas amarelas caiu de uma árvore próxima. Vendo-as flutuar, douradas nos raios de luz, Cassandra sentiu um enorme desejo

de desenhar, de capturar no papel aquele contraste mágico entre luz e sombra. Seus dedos coçaram, imaginando os traços necessários para deixar os raios retos, o sombreado necessário para dar a impressão de transparência. O desejo de desenhar a pegou desprevenida.

– Intervalo para o chá? – Do outro lado do jardim, Christian encostou a pá no muro. Levantou a ponta da camiseta desbotada e enxugou o suor da testa.

– É uma boa ideia. – Ela bateu com as mãos enluvadas no jeans para sacudir a terra e as folhas de samambaia, tentando não olhar para o estômago nu dele. – Você prepara ou eu preparo?

– Eu. – Ele se ajoelhou no pedaço que tinha limpado no meio do jardim e encheu uma panela com o resto da água da garrafa que tinha levado.

Cassandra se sentou com cuidado. Uma semana de faxina tinha deixado suas batatas da perna duras e suas coxas, doloridas. Não que ela se importasse. Cassandra sentia um prazer masoquista com as dores do seu corpo. Elas eram uma prova irrefutável de sua própria existência física. Ela não se sentia mais invisível ou frágil; estava mais pesada, menos propensa a ser levada pelo vento. E, à noite, adormecia logo e dormia um sono pesado até de manhã.

– Como vai indo o labirinto? – perguntou enquanto Christian colocava a panela para ferver no pequeno fogão que tinha trazido. – Lá do lado do hotel?

– Vai indo. Mike calcula que estará limpo quando chegar o inverno.

– Mesmo com você passando tanto tempo aqui?

Christian sorriu.

– Como era de esperar, Mike tem reclamado bastante disso. – Ele tirou os resíduos do chá da manhã de dentro das canecas e pendurou um saquinho novo em cada uma.

– Espero que você não esteja encenado por me ajudar.

– Nada que eu não possa resolver.

– Estou muito agradecida pela sua ajuda, Christian.

– Não é nada. Eu prometi ajudar e vou cumprir a promessa.

– Eu sei, e estou muito contente. – Ela tirou as luvas vagarosamente.
– Mesmo assim, vou compreender se você estiver ocupado demais com outras coisas.

– Com o meu trabalho? – Ele riu. – Não se preocupe, Mike vai ter o seu quinhão.

Seu trabalho. Aquele era um assunto que Cassandra ainda não tinha conseguido abordar. Mas o fato de estar ali, no jardim, pareceu facilitar as coisas, deixá-las mais naturais, como ocorria com Nell. Ela desenhrou um arco na terra com o salto do sapato.

– Christian?

– Cassandra?

– Eu só estava pensando – ela desenhrou outro arco por baixo do anterior – tem uma coisa que eu queria perguntar, uma coisa que Julia Bennett mencionou. – Ela olhou para ele, mas desviou logo o olhar. – Por que você está aqui em Tregenna trabalhando com Michael em vez de ser um médico em Oxford?

Como Christian não respondeu, ela tornou a olhar para ele. A expressão dele era difícil de interpretar. Ele sacudiu os ombros, sorriu um pouco.

– Por que você está aqui em Tregenna reformando uma casa sem seu marido?

Cassandra levou um susto. Sem pensar, começou a girar sua aliança.

– Eu... eu... – Diversas respostas evasivas pipocaram na ponta da sua língua, então ela ouviu uma voz, que não era bem a dela: – Eu não tenho um marido. Eu tive... mas houve um acidente, Nick...

– Desculpe. Você não precisa, não tive a intenção...

– Está tudo bem, eu...

– Não. Não está. – Christian passou a mão no cabelo. – Eu não devia ter perguntado.

– Está tudo bem. Eu perguntei primeiro. – E, de uma forma estranha que Cassandra não conseguiu articular, nem para si mesma, uma parte dela ficou contente por ter dito aquelas palavras. Foi um

alívio ter dito o nome de Nick, isso a fez sentir-se menos culpada por ainda estar aqui e ele não. Por ela estar aqui, agora, com Christian.

A panela estava balançando no fogão, a água estava derramando. Christian inclinou-a para encher as canecas, depois jogou uma colher de açúcar em cada uma e mexeu rapidamente. Entregou uma para Cassandra.

– Obrigada. – Ela segurou a caneca e soprou delicadamente o chá. Christian tomou um gole, encolhendo-se ao queimar a língua.

Um silêncio ruidoso estabeleceu-se entre eles e Cassandra buscou algum assunto trivial para retomar a conversa. Nenhum pareceu servir.

Finalmente Christian falou:

– Eu acho que sua avó teve sorte em não conhecer seu passado.

Cassandra usou a ponta do dedo mínimo para tirar um pedacinho de folha de dentro do chá.

– Você não acha que é uma dádiva poder olhar para a frente e não para trás?

Ela fingiu interesse na folhinha retirada.

– De certa forma.

– Quase sempre.

– Mas é horrível esquecer inteiramente o passado.

– Por quê?

Ela olhou para ele, para ver se ele estava falando sério. A expressão dele era inteiramente séria.

– Porque seria como se ele nunca tivesse acontecido.

– Mas ele aconteceu, nada pode mudar isso.

– É, mas você não se lembraria.

– E daí?

– Daí... – Ela largou a folhinha e ergueu de leve os ombros. – Você precisa das lembranças para manter o passado vivo.

– É isso que estou dizendo. Sem lembranças, todo mundo poderia simplesmente ir em frente. Seguir adiante.

Cassandra ficou vermelha e disfarçou, tomando um gole de chá. Depois outro. Christian a estava instruindo sobre a importância de

relegar o passado à história. Esperava isso de Nell e de Ben, aprendera a balançar gravemente a cabeça quando uma das tias expressava sentimentos semelhantes, mas isto era diferente. Vinha se sentindo tão positiva, tão mais leve do que normalmente, vendo as coisas com mais clareza. Estava se divertindo. Pensou quando precisamente ele a tinha visto como uma causa perdida que precisava de ajuda. Sentiu-se envergonhada e, mais do que isso, desapontada.

Ela tomou mais um gole de chá e olhou para Christian. Ele estava ocupado enrolando folhas secas num pedacinho de pau e sua expressão era difícil de ler. Preocupado, com certeza, mas mais do que isso: distraído, distante, sozinho.

– Christian...

– Eu conheci Nell, sabe.

Ela foi apanhada de surpresa.

– Minha avó, Nell?

– Acho que era ela. Não imagino que pudesse ser outra pessoa, e as datas coincidem. Eu tinha onze anos, então deve ter sido em 1975. Eu tinha vindo aqui para fugir, e estava passando por baixo do muro quando alguém agarrou o meu pé. Não percebi que era uma pessoa, no início, achei, por um momento, que meus irmãos estavam dizendo a verdade quando declararam que o chalé era mal-assombrado, que um fantasma ou uma bruxa iria me transformar em sapo. – Deu um meio sorriso, e esmagou uma folha entre os dedos, derramando os pedacinhos no chão. – Mas não era um fantasma, era uma velha com um sotaque estranho e um rosto triste.

Cassandra visualizou o rosto de Nell. Ele era triste? Formidável, sim, pouco inclinado a demonstrações desnecessárias de cordialidade, mas triste? Não sabia; sua familiaridade tornava esta análise impossível.

– Ela tinha cabelo prateado – ele disse – preso no alto da cabeça.

– Num nó.

Ele assentiu, sorriu de leve e virou a caneca para despejar os restos de chá. Jogou fora o pauzinho.

– Você está perto de solucionar o mistério para ela?

Cassandra soltou o ar lentamente; havia algo de perturbador em Christian naquela tarde. O humor dele a fez se lembrar dos raios de luz penetrando nas trepadeiras. Algo fugidio, mutável.

– Não muito. Os álbuns de recortes de Rose não continham as revelações que eu esperava.

– Não havia nenhuma anotação do tipo: “Por que Eliza um dia poderá roubar a minha filha?” – Ele sorriu.

– Infelizmente não.

– Pelo menos, você tem algo interessante para ler na cama.

– Se eu não caísse dormindo assim que minha cabeça bate no travesseiro.

– É o ar do mar – disse Christian, se levantando e pegando a pá. – Faz bem à alma.

Isso soou verdadeiro. Cassandra também se levantou.

– Christian – ela disse, sacudindo as luvas –, a respeito dos álbuns de recortes.

– Sim?

– Tem uma coisa que eu achei que talvez você pudesse me ajudar. Uma espécie de mistério.

– Ah, é?

Ela olhou para ele, um tanto apreensiva porque ele tinha evitado o assunto antes.

– É uma questão médica.

– Tudo bem.

– Rose menciona algumas marcas em seu estômago. Do que pude depreender, eram bem grandes, a ponto de envergonhá-la, e, mais cedo, ela teve duas consultas com seu médico, o dr. Ebenezer Matthews, a respeito delas.

Ele fez um gesto, se desculpando.

– Pele não era a minha especialidade.

– E qual era?

– Oncologia. Rose diz mais alguma coisa a respeito delas? Cor, tamanho, tipo, quantidade?

Cassandra sacudiu a cabeça.

– Ela fala quase sempre por eufemismos.

– Típica modéstia vitoriana. – Ele arrastou o pé no chão enquanto refletia. – Podia ser qualquer coisa. Cicatrizes, manchas de pigmentação; ela menciona alguma cirurgia?

– Não que eu me lembre. Que tipo de cirurgia?

Ele pôs uma das mãos do lado do corpo.

– Bem, o que eu posso pensar é em apendicite, ou então ela pode ter precisado operar os rins ou os pulmões. – Ele ergueu as sobrancelhas. – Equinococose, talvez. É possível que ela tenha estado perto de alguma fazenda?

– Havia fazendas na propriedade.

– Esta é, sem dúvida, a razão mais comum para que uma criança da época vitoriana sofresse uma cirurgia abdominal.

– O que é isso, exatamente?

– Uma doença causada por um parasito, uma larva. Ele vive em cães, mas uma parte do seu ciclo acontece em seres humanos ou ovelhas. Normalmente ele se aloja no rim ou no fígado, mas às vezes vai para os pulmões. – Ele olhou para ela. – Isso se encaixa, mas acho que, não podendo perguntar diretamente a ela e não encontrando mais informações nos álbuns, nunca iremos ter certeza.

– Vou dar mais uma olhada esta tarde, para ver se deixei passar alguma coisa.

– E eu vou continuar pensando a respeito.

– Obrigada. Mas não se preocupe com isso, é só mesmo curiosidade. – Ela vestiu as luvas, ajustando-as entre os dedos.

Christian enfiou a pá na terra algumas vezes.

– Havia morte demais.

Cassandra olhou para ele.

– Meu trabalho, oncologia; era muito cruel. Os pacientes, as famílias, as perdas. Eu achei que ia conseguir lidar com isso, mas, com

o tempo, pesa muito.

Cassandra pensou nos últimos dias de Nell, no cheiro do hospital, no brilho frio das paredes.

– Nunca fui talhado para isso, na realidade. Entendi isso enquanto ainda estava na universidade.

– Você não pensou em mudar de curso?

– Eu não queria desapontar a minha mãe.

– Ela queria que você fosse médico?

– Não sei. – Seus olhos se encontraram. – Ela morreu quando eu era garoto.

Então Cassandra entendeu.

– Câncer. – Entendeu, também, por que ele queria tanto esquecer o passado. – Eu sinto tanto, Christian.

Ele balançou a cabeça, observou o pássaro preto voando baixo no céu.

– Parece que vai chover. Quando as gralhas voam assim tão baixo, é a chuva chegando. – Sorriu timidamente, como que para se desculpar pela mudança rápida de assunto. – Meteorologia não tem nada a ver com folclore cornualhense.

Cassandra pegou seu garfo de jardim. – Então vamos trabalhar mais meia hora e encerrar por hoje.

Christian olhou para o chão e esfregou a bota na terra.

– Sabe, eu ia tomar um drinque no pub a caminho de casa. – Ele olhou para ela. – Você gostaria de me acompanhar?

– Claro – respondeu. – Por que não?

Christian sorriu e seu rosto pareceu relaxar.

– Ótimo. Que ótimo.

Uma lufada de vento carregado de maresia fez uma folha de olmo cair na cabeça de Cassandra. Ela a retirou e voltou sua atenção para a terra, enfiando o garfo sob uma raiz fina e tentando retirá-la do chão. E sorriu para si mesma, sem saber bem por quê.

Uma banda tocava no pub, então eles ficaram e pediram tortas e batatas fritas. Christian contou histórias divertidas sobre a volta dele para morar com o pai e a madrasta, e Cassandra relatou algumas das excentricidades de Nell: sua recusa em usar um descascador de batatas porque ele desperdiçava mais batata do que uma faca; seu hábito de adotar gatos de outras pessoas; o fato de ela ter feito uma armação de prata para os dentes sisos de Cassandra e usá-los como um colar. Christian tinha rido e Cassandra também.

Estava escuro quando ele finalmente a deixou de volta no hotel, o ar espesso de neblina, dando um brilho amarelo aos faróis do carro.

– Obrigada – Cassandra disse ao saltar. – Foi muito divertido. – E ela se divertira mesmo. Surpreendentemente. Seus fantasmas continuavam com ela, como sempre, mas tinham se mantido mais longe.

– Gostei muito de você ter vindo.

– É. Eu também. – Cassandra tornou a sorrir, esperou um instante, depois fechou a porta. Acenou quando o carro desapareceu no nevoeiro.

– Um recado telefônico para você – Samantha disse, sacudindo um pedacinho de papel quando Cassandra entrou no salão. – Você saiu?

– Sim, fui até o pub. – Cassandra pegou o papel, ignorando as sobrancelhas erguidas de Samantha.

Telefonema de Ruby Davis. Ela chegará à Cornualha na segunda-feira. Reservou apartamento no Hotel Blackhurst. Aguarda boas notícias!

Cassandra ficou contente. Poderia mostrar a Ruby o chalé e os álbuns de recortes e o jardim secreto. Ruby, ela sabia, iria entender como tudo aquilo era especial. Também ia gostar de Christian.

– Alguém a trouxe de volta? Parecia o carro de Christian Blake.

– Obrigada pela mensagem – Cassandra disse, com um sorriso.

– Não que eu tenha visto bem – Samantha disse, enquanto Cassandra subia as escadas. – Eu não estava espionando nem nada disso.

De volta a seu quarto, Cassandra preparou um banho quente e usou sais de lavanda que Julia tinha lhe dado para acalmar seus músculos cansados. Levou os álbuns e os colocou sobre uma toalha estendida nos ladrilhos do chão. Mantendo a mão esquerda seca para virar as páginas, ela entrou na banheira, suspirando de prazer quando a água envolveu seu corpo, apoiando a cabeça na banheira e abrindo o primeiro álbum, na esperança de encontrar algum detalhe que tivesse deixado passar.

Quando a água já estava morna e seus pés, enrugados, percebeu que não havia nada de novo. Apenas as menções veladas de Rose às “marcas” que a deixavam envergonhada.

Mas encontrara outra coisa interessante. Sem relação nenhuma com as marcas, mas curiosa, assim mesmo. Não foram exatamente as palavras, mas foi o tom da anotação que despertou o interesse de Cassandra. Teve a sensação de que aquilo significava muito mais do que parecia à primeira vista.

“Abril de 1909. Foi iniciada a construção do muro do chalé. Mamãe achou, com razão, que era melhor fazer isso na ausência de Eliza. O chalé é por demais vulnerável. Antigamente não fazia mal que ele ficasse exposto, quando seu uso era mais desprezível, mas ele não precisa mais enviar sinais para o mar. Pelo contrário: nenhum de nós deseja se expor. E todo cuidado é pouco, pois quando há muito a ganhar, também há muito a perder.”

Mansão Blackhurst, 1909

Rose estava chorando. Seu rosto estava quente e o travesseiro, molhado, e ela continuava a chorar. Protegeu os olhos da luz e chorou como não chorava desde criança. Que manhã malvada! Como o sol ousava brilhar daquele jeito, fazendo pouco de sua tristeza? Como as outras pessoas ousavam agir como se Deus estivesse no céu, quando Rose tinha acordado para ver o fim de suas esperanças escrito em sangue? Por quanto tempo mais, pensou, quantas vezes mais ela iria tolerar aquele martírio mensal?

De certa forma, era melhor saber, pois os piores dias eram os de espera. Os longos dias em que Rose se permitia imaginar, sonhar, ter esperanças. Esperança, passara a odiar esta palavra. Era uma semente insidiosa plantada dentro da alma de uma pessoa, sobrevivendo com pouco trato, depois florescendo tão espetacularmente, que ninguém podia deixar de adorá-la. Também era a esperança que impedia que uma pessoa aprendesse com a experiência. Pois, a cada mês, depois do seu período menstrual, Rose sentia a esperança crescer de novo, e a experiência anterior era esquecida. Por mais que promettesse a si mesma que desta vez não iria fraquejar, que não iria sucumbir aos sussurros cruéis da esperança, sempre sucumbia. Porque as pessoas desesperadas se agarram à esperança como marinheiros aos destroços do seu navio.

No decorrer de um ano, tinha havido apenas um pequeno intervalo naquele ciclo terrível. Um mês em que a menstruação não veio. O dr. Matthews tinha sido logo chamado, tinha feito um exame e pronunciado as palavras benditas: ela estava grávida. Que felicidade ouvir seu desejo mais caro ser confirmado com tanta calma, com tão pouca preocupação com os meses de decepção que vieram antes, com firmeza e confiança de que tudo ia dar certo. Sua barriga ia crescer e

um bebê ia nascer. Embalara aquela notícia preciosa por oito dias, murmurara palavras de amor para a sua barriga, tinha andado e falado e sonhado de um modo diferente. E então, no nono dia...

Uma batida na porta, mas Rose não se mexeu. Vá embora, pensou, vá embora e me deixe em paz.

A porta rangeu e alguém entrou, tentando não fazer barulho. Um ruído – algo sendo colocado na mesinha de cabeceira – e depois uma voz falando baixo em seu ouvido.

– Trouxe o café da manhã.

Mary de novo. Como se não fosse suficiente que Mary visse os lençóis marcados, com sua escura reprovação.

– A senhora tem que manter o ânimo, sra. Walker.

Sra. Walker. Aquelas palavras causaram um aperto no estômago de Rose. Como tinha desejado ser a sra. Walker. Depois de conhecer Nathaniel em Nova York, chegava a cada baile com o coração disparado, examinava o salão até avistá-lo, prendia o fôlego até seus olhos se encontrarem e ele abrir um sorriso, só para ela.

E agora o nome era dela, mas ela não o merecia. Uma esposa que não era capaz de cumprir a mais básica das funções de uma mulher casada. Que não conseguia dar ao marido o que toda boa esposa tinha a obrigação de dar. Filhos. Filhos saudáveis, felizes, para correr pela casa, para empurrar carrinhos na areia, para se esconder da governante.

– A senhora não deve chorar, sra. Walker. Isso vai acontecer na hora certa.

Cada palavra bem-intencionada era um punhal.

– Vai mesmo, Mary?

– É claro, madame.

– O que lhe dá tanta certeza?

– Tem que acontecer, não é? Uma mulher não pode evitar que isso aconteça. Muitas que eu conheço gostariam de escapar disso se houvesse jeito.

– Mulheres ingratas – Rose disse, com o rosto quente e molhado. – Essas mulheres não merecem a bênção de ter filhos.

Os olhos de Mary expressaram sua piedade e, em vez de dar um tapa no rosto redondo e saudável da criada, Rose se virou e se aninhou debaixo das cobertas. Abrigou sua dor no fundo de suas entranhas. Mergulhou na nuvem escura e vazia da perda.

Nathaniel seria capaz de desenhá-lo dormindo. O rosto da esposa era tão familiar, que ele às vezes achava que o conhecia melhor do que o dele. Terminou a linha que estava desenhando e a esfregou de leve com o polegar. Apertou os olhos e inclinou a cabeça. Ela era linda, ele tinha acertado nisso. O cabelo escuro e a pele clara, a bela boca. Entretanto, não sentiu prazer no retrato.

Guardou na pasta o desenho. Ela ia gostar de recebê-lo, como sempre. Seus pedidos de novos retratos eram tão desesperados, que ele nunca conseguia dizer não. Se não lhe desse um novo retrato com intervalos de poucos dias, ela chorava e perguntava se ele a amava. Ele agora já a desenhava de memória. Desenhá-la ao vivo era muito doloroso. A sua Rose tinha desaparecido dentro da própria dor. A jovem que ele conhecera em Nova York tinha se consumido, revelando esta sombra de Rose, com olheiras causadas pela insônia, a pele sem viço, os movimentos nervosos. Algum poeta tinha descrito adequadamente esta tristeza causada pela visão de uma pessoa amada desfigurada pela infelicidade?

Noite após noite, ela o procurava e ele a atendia. Mas o desejo de Nathaniel tinha desaparecido. O que antes o havia excitado, agora o enchia de horror e, pior ainda, de culpa. Culpa pelo fato de não conseguir olhar para ela quando faziam amor. Culpa por não conseguir lhe dar o que ela queria. Culpa por não desejar o bebê tanto quanto ela. Não que Rose fosse capaz de acreditar nisso. Por mais que Nathaniel dissesse que ela era suficiente para ele, Rose não se convencia.

E agora, o que era mais embaraçoso, a mãe dela o tinha procurado em seu estúdio. Examinara seus quadros com um ar duro, antes de se sentar na cadeira ao lado do cavalete e iniciar seu sermão. Rose era delicada, ela começou, sempre fora. Os impulsos animais de um marido poderiam causar-lhe um grande mal, e seria melhor para todos se ele desistisse por algum tempo. Esta conversa com a sogra foi tão desconfortável, que ele não conseguiu explicar sua posição.

Em vez disso, ele concordou e passou a buscar refúgio no jardim, em vez de no estúdio. O caramanchão se tornou seu ateliê. Ainda fazia frio em março, mas Nathaniel não se importou. O clima lhe garantia uma certa privacidade. Finalmente podia ficar à vontade. Passar o inverno dentro de casa, com os pais de Rose e as necessidades sufocantes dela, tinha sido opressivo. A tristeza e a decepção da esposa tinham se infiltrado nas paredes, nas cortinas, nos tapetes. Era a casa dos mortos: Linus trancado na sua câmara escura; Rose, no quarto; Adeline, espreitando nos corredores.

Nathaniel inclinou-se para a frente, sua atenção atraída pelos raios de sol que entravam pelos galhos da acácia. Seus dedos se agitaram, querendo capturar a luz e a sombra. Mas não havia tempo. A tela de Lord Mackelby estava no cavalete, com sua barba, suas bochechas vermelhas, sua testa enrugada. Só faltavam os olhos. Eram sempre os olhos que dificultavam a pintura a óleo de Nathaniel.

Ele escolheu um pincel e removeu um pelo solto. Já ia passar tinta na tela, quando sentiu um formigamento nos braços, o estranho sexto sentido que dizia que ele não estava mais sozinho. Olhou por cima do ombro. Havia um criado atrás dele. Ele ficou nervoso.

– Pelo amor de Deus, homem – disse Nathaniel. – Não apareça assim, sorrateiramente. Se tiver algo a dizer, venha logo, pare na minha frente e diga. Não há necessidade de andar na ponta dos pés.

– Lady Mountrachet manda dizer que o almoço vai ser servido mais cedo, senhor. A carruagem vai partir para Tremayne Hall às duas horas da tarde.

Nathaniel praguejou baixinho. Esquecera-se de Tremayne Hall. Mais uma das amigas ricas de Adeline querendo pendurar a própria imagem na parede. Talvez, se tivesse muita sorte, a cliente ia querer que ele pintasse também seus três cachorrinhos!

Pensar que um dia ele ficara animado com essas apresentações, que sentira o seu status subir como a vela de um barco. Ele tinha sido um idiota ao ignorar o preço deste sucesso. Suas encomendas tinham aumentado, mas sua criatividade fora imensamente reduzida. Ele estava produzindo retratos como se fosse uma daquelas novas indústrias de produção em massa das quais os homens de negócios estavam sempre falando, esfregando as mãos de cobiça. Não tinha tempo para parar, para melhorar, para variar o seu método. Seu trabalho não era o de um artista, não havia mais dignidade nem humanidade em suas pinceladas.

O pior de tudo, enquanto ele estava ocupado produzindo retratos a óleo, não tinha tempo para os desenhos, a sua verdadeira paixão. Desde que chegara a Blackhurst, só conseguira fazer um painel e alguns estudos da casa e seus habitantes. Suas mãos, sua habilidade, seu ânimo tinham sido atrofiados.

Ele tinha feito a escolha errada, agora compreendia. Se ao menos tivesse atendido ao pedido de Rose e procurado uma casa para eles depois do casamento, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Talvez estivessem felizes, ela com filhos e ele com a criatividade satisfeita.

Mas talvez não. Talvez eles fossem forçados a suportar aquela tortura em piores circunstâncias. Como um menino que tinha vivido na pobreza poderia escolher a estrada mais pobre?

E, agora, Adeline, como a própria Eva, tinha começado a falar de uma possível sessão com o rei. E, embora estivesse cansado de pintar retratos, embora se odiasse por ter abandonado completamente a sua paixão, sentia um arrepio de excitação ao pensar nisso.

Largou o pincel e limpou uma mancha de tinta do polegar. Já estava saindo para almoçar, quando sua pasta atraiu sua atenção. Dando uma olhada na direção da casa, tirou os desenhos secretos lá de dentro.

Vinha trabalhando neles fazia quinze dias, desde que encontrara os contos de fadas da prima Eliza no meio das coisas de Rose. Embora fossem escritos para crianças, histórias mágicas de bravura e correção, eles o cativaram. Os personagens adquiriram vida em sua imaginação, sua sabedoria simples era um bálsamo para sua mente agitada, para seus problemas complicados de adulto. Começara a desenhar, sem querer, linhas que se transformaram numa velha trabalhando na roda de fiar, na Rainha das Fadas com sua longa trança, na princesa pássaro presa na sua gaiola dourada.

E o que começou como uma série de rabiscos agora estava se transformando em desenhos. Escurecendo com sombreado, firmando as linhas, acentuando as feições. Ele os examinou, tentou não prestar atenção no bloco que Rose lhe tinha comprado quando eram recém-casados, tentando não pensar em tempos mais felizes.

Os desenhos ainda não estavam terminados, mas ele estava satisfeito com eles. Na verdade, aquele era o único projeto que parecia lhe dar algum prazer, uma fuga da provação que sua vida tinha se tornado. Com o coração batendo mais depressa, Nathaniel prendeu o papel no cavalete. Depois do almoço, ia desenhar, com o mesmo entusiasmo com que costumava desenhar quando era menino. Os olhos sombrios de Lord Mackelby podiam esperar.

Finalmente, com a ajuda de Mary, Rose se vestiu. Passara a manhã inteira sentada na sua poltrona, mas tinha decidido sair do quarto. Quando tinha deixado aquelas quatro paredes pela última vez? Dois dias atrás? Três? Quando ficou em pé, quase caiu. Sentiu a cabeça vazia e o estômago fraco, sensações familiares da sua infância. Da época em que Eliza era capaz de levantar seu ânimo com histórias de fadas e relatos trazidos da enseada. Se ao menos o remédio para as aflições da idade adulta fosse tão simples.

Já fazia algum tempo que Rose não via Eliza. Ela a avistava ocasionalmente da janela, atravessando o jardim ou parada na beira do penhasco, um pontinho distante com longos cabelos vermelhos

balançando atrás dela. Uma ou duas vezes, Mary tinha chegado à porta com o recado de que a srta. Eliza estava lá embaixo e gostaria de ver a prima, mas Rose sempre se recusou. Amava a prima, mas a batalha que estava travando contra o sofrimento e a esperança exigia toda a sua energia. E Eliza era tão animada, tão cheia de vitalidade, de capacidade, de saúde. Era mais do que Rose podia suportar.

Leve como um fantasma, Rose deslizou pelo corredor acarpetado, com a mão no corrimão para manter o equilíbrio. Esta tarde, quando Nathaniel voltasse do seu encontro em Tremayne Hall, ela se juntaria a ele no caramanchão. Estaria frio, é claro, mas pediria a Mary para agasalhá-la bem, Thomas podia levar o divã e um cobertor para ficar mais confortável. Nathaniel devia estar solitário lá, ficaria feliz de tê-la ao seu lado de novo. Poderia desenhá-la reclinada no divã. Nathaniel gostava tanto de desenhá-la, e era seu dever de esposa agradar ao marido.

Rose estava quase chegando à escada quando ouviu vozes no corredor.

– Ela diz que não vai dizer nada, que não é da conta de ninguém. – As palavras foram pontuadas por batidas da vassoura contra o assoalho.

– A patroa não vai ficar satisfeita quando descobrir.

– A patroa não vai descobrir.

– Se tiver olhos, vai. É difícil não ver quando a barriga de uma garota começa a crescer.

Rose tapou a boca com a mão, caminhou na ponta dos pés pelo corredor, tentando ouvir mais.

– Ela diz que todas as mulheres da família dela têm pouca barriga. Que vai poder disfarçar com o uniforme.

– Tomara que tenha razão, senão vai ser enxotada daqui.

Rose chegou ao alto da escada a tempo de ver Daisy desaparecendo na sala dos empregados. Sally não conseguiu escapar.

A criada levou um susto e ficou vermelha.

– Desculpe, madame. – Uma reverência apressada, o cabo da vassoura preso à saia. – Não vi a senhora.
– De quem vocês estavam falando, Sally?
O rubor se espalhou até as orelhas da moça.
– Sally – disse Rose –, exijo que você responda. Quem é que está esperando bebê?
– Mary, madame. – Pouco mais que um sussurro.
– Mary?
– Sim, madame.
– Mary está grávida?

A moça assentiu apressadamente, louca para sumir dali.

– Entendo. – Um buraco tinha surgido no estômago de Rose e ameaçava virá-la do avesso. Aquela garota estúpida com sua fertilidade barata. Exibindo-a para quem quisesse ver, consolando Rose, dizendo-lhe que ia dar tudo certo e depois rindo dela por trás. E solteira, ainda por cima! Bem, nesta casa não. A Mansão Blackhurst era uma casa de altos padrões morais. Rose ia providenciar para que estes padrões fossem observados.

Adeline passou a escova no cabelo diversas vezes. Mary tinha ido embora e, apesar de isto ser um problema para organizar a festa do fim de semana, a ausência da moça teria que ser enfrentada. Embora normalmente Adeline não encorajasse Rose a tomar decisões a respeito da criadagem sem consultá-la, aquelas eram circunstâncias extraordinárias, e Mary, uma fingida. Fingida e solteira, o que piorava ainda mais as coisas. Não, Rose tinha tido razão em seus instintos, embora não em seu método.

Pobre Rose. O dr. Matthews tinha procurado Adeline aquela semana, tinha se sentado em frente a ela na saleta e adotado seu tom de voz baixo, o que sempre usava quando estava preocupado. Rose não estava bem, ele disse (como se Adeline não fosse capaz de perceber isso sozinha), e ele estava muito preocupado.

– Infelizmente, Lady Mountrachet, meus temores não se limitam ao seu declínio físico. Existem... – ele tossiu discretamente – ... outras coisas.

– Outras coisas, dr. Matthews? – Adeline entregou-lhe uma xícara de chá.

– Questões emocionais, Lady Mountrachet. – Ele sorriu recatadamente e tomou um gole de chá. – Quando questionada acerca dos aspectos físicos do seu casamento, a sra. Walker confessou o que seria considerado, na minha opinião, uma tendência pouco saudável para o excesso.

Adeline sentiu seus pulmões se expandirem, prendeu a respiração e se obrigou a soltar o ar calmamente. Na falta do que dizer ou fazer, pôs mais um torrão de açúcar no chá. Sem encarar o dr. Matthews, fez sinal para ele prosseguir.

– Console-se, Lady Mountrachet. Embora seja certamente uma coisa séria, sua filha não é a única. Posso relatar uma alta incidência de excessivo ardor físico entre jovens senhoras atualmente, e estou certo de que ela vai superar isso. Mais preocupante é a minha suspeita de que sua tendência física esteja contribuindo para seus repetidos fracassos.

Adeline pigarreou.

– Continue, dr. Matthews.

– Minha opinião médica é que sua filha deve interromper o relacionamento físico até seu pobre corpo ter tempo de se recuperar. Porque está tudo relacionado, Lady Mountrachet, está tudo relacionado.

Adeline ergueu a xícara aos lábios e sentiu o gosto amargo da porcelana fina. Ela assentiu quase imperceptivelmente.

– O Senhor age de forma misteriosa. Da mesma forma, pela vontade Dele, o corpo humano. É razoável supor que uma jovem senhora com... apetites exacerbados – ele sorriu, reservadamente –, seja um modelo maternal pouco adequado. O corpo tem conhecimento dessas coisas, Lady Mountrachet.

– O senhor está sugerindo, dr. Matthews, que, com menos tentativas, a minha filha possa ter mais sucesso?

– Vale a pena pensar nisso, Lady Mountrachet. Sem mencionar os benefícios que esta moderação trará para a sua saúde e bem-estar. Imagine, por favor, Lady Mountrachet, uma biruta.

Adeline ergueu as sobrancelhas, imaginou – não pela primeira vez – por que tinha permanecido leal ao dr. Matthews por todo este tempo.

– Se uma biruta fica suspensa por anos a fio, sem oportunidade de descanso ou conserto, o vento vai abrir buracos em seu tecido. Da mesma forma, Lady Mountrachet, sua filha precisa de tempo para se recuperar. Precisa ser protegida dos ventos fortes que ameaçam rasgá-la.

Deixando as birutas de lado, havia um certo sentido nas palavras do dr. Matthews. Rose estava doente e fraca e, se não tivesse um tempo para sarar, talvez não se recuperasse inteiramente. Entretanto, o desejo de ter um filho a consumia. Adeline tinha tentado convencer a filha de colocar sua saúde em primeiro lugar, e, finalmente, percebera que era preciso conseguir a aliança de Nathaniel para isso. Por mais difícil que esta conversa promettesse ser, já tinha assegurado a obediência dele. Nos últimos doze meses, Nathaniel tinha aprendido a se alinhar com Adeline, e agora, com um retrato da realeza em vista, sem dúvida iria concordar com ela.

Embora Adeline conseguisse manter uma aparência calma, que ódio sentia por dentro. Por que outras mulheres conseguiam ter filhos e Rose não? Por que tinha que enfraquecer quando as outras ficavam mais fortes? Quanto mais o corpo frágil de Rose teria de suportar? Nos seus momentos mais sombrios, Adeline imaginava se seria algo que *ela* própria tivesse feito. Se Deus a estava castigando. Tinha sido orgulhosa demais, tinha se gabado muitas vezes da beleza de Rose, de seus belos modos, de sua natureza doce. Pois existia castigo maior do que ver uma filha amada sofrendo?

E agora a ideia de Mary, aquela garota saudável, com seu rosto alegre, seu cabelo revoltado, esperando um bebê. Um bebê indesejado

quando outras que desejavam tanto fracassavam sempre. Não havia justiça. Não era de espantar que Rose tivesse enlouquecido: era mesmo a vez dela. A boa notícia, o filho, devia pertencer a Rose e não a Mary.

Se ao menos houvesse um meio de dar um filho a Rose sem o esforço físico. É claro que isso era impossível. Se houvesse um método desses, as mulheres fariam fila...

Adeline parou no meio de uma escovadela. Olhou para o seu reflexo, mas não viu nada. Sua mente estava em outro lugar, contemplando a imagem de uma moça saudável, sem nenhum instinto maternal, ao lado de uma mulher delicada cujo corpo não era capaz de realizar o desejo do seu coração...

Ela largou a escova. Apertou as mãos frias no colo.

Seria possível consertar este erro?

Não seria fácil. Primeiro, Rose precisaria ser convencida de que era a melhor solução. E havia a moça. Ela ia precisar entender que tinha esta obrigação. Que devia muito à família Mountrachet, depois de tantos anos.

Difícil, com certeza. Mas não impossível.

Vagarosamente, Adeline se levantou. Largou a escova na penteadeira. Ainda refletindo sobre o assunto, dirigiu-se ao quarto de Rose.

O segredo para enxertar rosas estava na faca. Precisava ser afiada, disse Davies, afiada o bastante para raspar os pelos do seu braço. Eliza o encontrara na estufa, e ele ficara contente em ajudá-la com o enxerto que esta planejava para o seu jardim. Ele lhe mostrara como fazer o corte, como certificar-se de que não havia farpas ou caroços ou imperfeições que pudessem impedir que o enxerto pegasse. No fim, ela ficou a manhã inteira e ajudou com o replantio dos vasos para a primavera. Era tão bom enfiar a mão na terra quente, sentir nas pontas dos dedos todas as possibilidades de uma nova estação.

Quando saiu, Eliza percorreu a pé o longo caminho de volta. Estava um dia frio, com nuvens finas passando ligeiras no céu, e ela apreciou

o vento frio em seu rosto depois do abafamento da estufa. Estando tão perto, seus pensamentos se voltaram, como sempre, para a prima. Mary tinha dito que Rose andava deprimida e, embora Eliza suspeitasse de que não a deixariam entrar, não podia estar tão perto e não tentar. Bateu à porta lateral e esperou até abrirem.

– Bom-dia, Sally. Eu vim visitar Rose.

– Não é possível, srta. Eliza – Sally disse, com uma expressão mal-humorada. – A sra. Walker está ocupada e não pode receber visitas. – Os versos de uma melodia que ela já sabia de cor.

– Vamos, Sally – Eliza disse, sorrindo. – Eu não sou visita. Tenho certeza de que, se você disser a Rose que eu estou aqui...

Das sombras, veio a voz de tia Adeline.

– Sally tem razão. A sra. Walker está ocupada. – A ampolheta escura se aproximou. – Vamos começar a almoçar. Se você deixar um cartão, Sally vai informar à sra. Walker que você solicitou uma audiência.

Sally estava de cabeça baixa e seu rosto ficou vermelho. Sem dúvida houve alguma confusão com a criadagem e Eliza saberia através de Mary, mais tarde. Sem Mary e seus relatórios regulares, Eliza não faria ideia do que se passava na casa.

– Eu não tenho cartão – Eliza disse. – Diga a Rose que eu estive aqui, está bem, Sally? Ela sabe onde me encontrar.

Com um aceno na direção da tia, Eliza atravessou o gramado, só parando para olhar para a janela do quarto novo de Rose, onde a luminosidade da primavera pintava a superfície de branco. Com um arrepio, pensou na faca de poda de Davies: a facilidade com que uma lâmina afiada conseguia separar uma planta, sem deixar nenhum vestígio do elo anterior.

Passando pelo relógio de sol, Eliza chegou ao caramanchão. O equipamento de pintura de Nathaniel estava arrumado lá dentro, como sempre nos últimos tempos. Ele não estava à vista, provavelmente tinha entrado para almoçar, mas deixara o trabalho preso no cavalete.

Eliza se surpreendeu.

Os desenhos eram inconfundíveis.

Ela teve um impacto ao ver o produto da sua imaginação ali concretizado. Personagens, que até então só existiam em sua cabeça, transformados, como que por um passe de mágica, em imagens. Sentiu um arrepio percorrer o seu corpo.

Eliza se aproximou. Subiu a escada do caramanchão e examinou os desenhos. Sorriu sem querer. Era como descobrir que um amigo imaginário tinha adquirido vida. Eles eram suficientemente parecidos com os personagens que havia imaginado para que os reconhecesse instantaneamente, entretanto, eram, de alguma forma, diferentes. A mão dele era mais sombria do que sua mente, ela percebeu, e gostou disso. Sem pensar, ela os retirou do cavalete.

Eliza percorreu rapidamente o labirinto, seu jardim, entrou no chalé, o tempo todo pensando nos desenhos. Imaginando quando ele os teria feito, por quê, o que pretendia fazer com eles. Foi só quando estava pendurando o casaco e o chapéu no hall do chalé, que seus pensamentos se voltaram para a carta que recentemente recebera da editora de Londres. O sr. Hobbins tinha iniciado a carta cumprimentando Eliza por suas histórias. Dizia que tinha uma filha que aguardava cada história de fadas de Eliza Makepeace com ansiedade. Depois sugeriu que Eliza publicasse uma coleção ilustrada e se lembrasse dele, se resolvesse fazê-lo.

Eliza ficara envaidecida, mas não muito convencida. Por alguma razão, a ideia não tinha progredido em sua mente. Agora, entretanto, tendo visto os desenhos de Nathaniel, conseguia visualizar o livro, quase podia sentir o seu peso nas mãos. Uma edição contendo suas histórias favoritas, um volume que agradaria às crianças. Como o livro que ela tinha descoberto na loja da sra. Swindell, tantos anos antes.

E, embora a carta do sr. Hobbins não fosse clara a respeito de remuneração, sem dúvida Eliza poderia esperar um pagamento melhor do que os que tinha recebido até então. Pois um livro inteiro devia valer muito mais do que uma única história. Talvez ela finalmente conseguisse o dinheiro necessário para viajar para o outro lado do oceano...

Uma batida na porta chamou sua atenção.

Eliza descartou a ideia irracional de que Nathaniel estaria esperando por ela na porta, que ele tinha vindo buscar seus desenhos. É claro que não era ele. Ele nunca ia ao chalé e, além disso, só daria falta dos desenhos horas depois.

Mesmo assim, Eliza enrolou-os e enfiou-os no bolso do casaco.

Ela abriu a porta. Mary estava lá, com o rosto molhado de lágrimas.

– Por favor, srta. Eliza, ajude-me.

– Mary, o que aconteceu? – Eliza fez a moça entrar, olhando por cima do ombro dela antes de fechar a porta. – Você se machucou?

– Não, srta. Eliza. – Ela engoliu um soluço. – Não é isso.

– Então me diga o que houve.

– É a sra. Walker.

– Rose? – Eliza sentiu o coração disparar.

– Ela me mandou embora – Mary disse, chorando –, disse para eu sair imediatamente.

Eliza sentiu ao mesmo tempo alívio, por não ter acontecido nada com Rose, e surpresa.

– Mas, Mary, por quê?

Mary se deixou cair numa cadeira e enxugou os olhos com as mãos.

– Eu não sei como dizer, srta. Eliza.

– Então explique com calma, Mary, por favor, conte-me o que aconteceu.

Ela recomeçou a chorar.

– Estou grávida, srta. Eliza. Vou ter um bebê e achei que podia guardar segredo disso, mas a sra. Walker descobriu e disse que não me quer mais na casa.

– Ah, Mary – Eliza disse, sentando-se noutra cadeira e segurando as mãos de Mary. – Você tem certeza sobre o bebê?

– Não tenho nenhuma dúvida, srta. Eliza. Não queria que acontecesse, mas aconteceu.

– E quem é o pai?

– Um rapaz que mora perto da nossa casa. Por favor, srta. Eliza, ele não é um mau rapaz e diz que quer se casar comigo, mas preciso ganhar algum dinheiro antes, senão não vou ter com que alimentar e vestir o bebê. Não posso perder o meu emprego agora, srta. Eliza, e sei que ainda posso trabalhar direito.

O rosto de Mary estava tão desesperado, que Eliza não pôde responder de outro jeito.

– Vou ver o que posso fazer.

– A senhorita vai falar com a sra. Walker?

Eliza foi buscar um copo d’água e o entregou a Mary.

– Vou tentar falar com ela. Embora você saiba muito bem que não é fácil conseguir uma audiência com Rose.

– Por favor, srta. Eliza, a senhorita é a minha única esperança.

Eliza sorriu com uma confiança que não sentia.

– Vou deixar passar uns dias, para dar tempo a Rose para se acalmar, e então vou falar com ela. Tenho certeza de que vou conseguir com que ela reconsidere.

– Ah, obrigada, srta. Eliza. Não queria que isto acontecesse, estraguei tudo. Queria tanto poder voltar no tempo e desfazer tudo isso.

– Todos nós temos este desejo de vez em quando – disse Eliza. – Agora vá para casa, Mary querida, e tente não se preocupar. Vai dar tudo certo, tenho certeza. Depois que eu falar com Rose, mando um recado para você.

Adeline bateu de leve na porta do quarto, depois abriu-a. Rose estava sentada à janela, olhando para baixo. Seus braços estavam tão magros, seu perfil muito encovado. O quarto ficara sem vida, em solidariedade à dona, as almofadas jogadas, as cortinas caídas. Até o ar parecia viciado sob a luz fraca.

Rose não deu nenhuma indicação de ter notado a sua entrada, então Adeline se aproximou e parou atrás dela. Olhou pela janela para ver o que estava atraindo a atenção da filha.

Nathaniel estava sentado em frente ao cavalete, no caramanchão, virando as páginas do seu portfólio de couro. Estava agitado, como se tivesse perdido alguma coisa importante.

– Ele vai me abandonar, mamãe. – A voz de Rose estava pálida como a luz do sol. – Por que ele ficaria comigo?

Então Rose se virou e Adeline tentou não permitir que seu rosto refletisse o estado terrível em que a filha se encontrava. Ela pôs a mão no ombro ossudo de Rose.

– Vai ficar tudo bem, minha Rose.

– Vai mesmo?

Seu tom foi tão amargo, que Adeline estremeceu.

– É claro que sim.

– Não sei como, pois parece que sou incapaz de fazer dele um homem. Não consigo lhe dar um herdeiro, um filho. – Rose tornou a se virar para a janela. – É claro que ele vai embora. E, sem ele, vou desaparecer.

– Eu falei com Nathaniel, Rose.

– Ah, mamãe...

Adeline pôs um dedo nos lábios de Rose.

– Eu falei com Nathaniel e sei que ele, assim como eu, só quer que você fique bem de novo. Os filhos virão quando você estiver bem, e, para isso, é preciso que você tenha paciência. Você precisa de um tempo para se recuperar.

Rose estava sacudindo a cabeça, o pescoço tão fino, que Adeline teve medo que este simples gesto pudesse quebrá-lo.

– Não posso esperar, mamãe. Sem um filho, não posso viver. Faria qualquer coisa para ter um bebê, mesmo que isto me custasse a vida. Prefiro morrer a esperar.

Adeline sentou-se ao lado da filha, segurando suas mãos pálidas entre as dela.

– Não é preciso que seja assim.

Rose olhou para Adeline com uma chama de esperança nos olhos. A esperança que um filho nunca perde, a fé de que os pais possam dar

um jeito nas coisas.

– Eu sou sua mãe e tenho que cuidar da sua saúde, mesmo que você não queira, então pensei muito no assunto. Acho que encontrei uma maneira de você ter um filho sem colocar em perigo a sua vida.

– Mamãe?

– Você talvez vá relutar no início, mas, eu imploro, deixe de lado suas dúvidas. – Adeline baixou a voz. – Ouça atentamente, Rose, o que eu tenho a dizer.

No fim, foi Rose quem fez contato com Eliza. Cinco dias depois da visita de Mary, Eliza soube que Rose queria falar com ela. E, o mais surpreendente, a carta de Rose sugeria que as duas se encontrassem no jardim secreto de Eliza.

Quando viu a prima, Eliza ficou contente de ter levado almofadas para colocar no banco do jardim. Pois a querida Rose estava um fiapo de gente. Mary tinha dito que ela não estava bem, mas Eliza nunca imaginou uma magreza igual. Embora tentasse disfarçar o choque, Eliza soube que a prima devia ter notado.

– Você está surpresa com minha aparência, prima – Rose disse, sorrindo e fazendo saltar os ossos do rosto.

– De jeito nenhum. É claro que não, eu apenas, o meu rosto...

– Eu conheço você muito bem, minha Eliza. Posso ler seus pensamentos como se fossem meus. Eu não tenho passado bem. Estou enfraquecida. Mas vou me recuperar, como sempre acontece.

Eliza assentiu, sentindo os olhos marejados.

Rose sorriu, um sorriso ainda mais triste pela tentativa de demonstrar certeza.

– Venha – fez um gesto –, sente-se aqui ao meu lado, Eliza. Você se lembra do dia em que me trouxe pela primeira vez para o jardim secreto, e, juntas, nós plantamos a macieira?

Eliza segurou as mãos finas e frias de Rose.

– É claro que sim. E veja como está a nossa árvore agora, Rose.

O arbusto tinha crescido e a árvore já alcançava o alto do muro. Os galhos se estendiam graciosamente, os botões apontavam para o céu.

– Ela está linda – Rose disse, sonhadoramente. – Pensar que nós só precisamos plantá-la na terra e ela soube exatamente o que fazer.

Eliza sorriu carinhosamente.

– Ela fez o que a natureza a criou para fazer.

Rose mordeu o lábio, deixando uma marca vermelha.

– Sentada aqui, eu quase acredito que tenho outra vez dezoito anos, que estou prestes a viajar para Nova York. Cheia de ansiedade e animação. – Ela sorriu para Eliza. – Parece que se passou um século desde a última vez em que estivemos juntas, como costumávamos fazer quando éramos meninas.

Uma onda de nostalgia apagou o ano de inveja e decepção. Eliza apertou a mão de Rose com força.

– É mesmo, prima.

Rose tossiu um pouco e seu frágil corpo se sacudiu com o esforço. Eliza já ia oferecer um xale para ela colocar nos ombros, quando Rose tornou a falar:

– Você tem tido notícias da casa ultimamente?

Eliza respondeu cautelosamente, imaginando o motivo desta mudança de assunto.

– Eu estive com Mary.

– Então você sabe. – Rose olhou para Eliza, depois sacudiu a cabeça, tristemente. – Ela não me deixou nenhuma escolha, prima. Sei que vocês gostam uma da outra, mas era impensável deixá-la continuar em Blackhurst naquele estado. Você deve entender.

– Ela é uma moça boa e leal, Rose – Eliza disse meigamente. – Comportou-se de forma imprudente, não nego. Mas você não pode perdôá-la? Ela está sem salário e o bebê que está esperando vai ter necessidades que ela precisa suprir. Por favor, pense nisso, Rose. Imagine o sofrimento dela.

– Eu garanto que não penso em outra coisa.

– Então, quem sabe, você...

– Alguma vez você desejou tanto alguma coisa, Eliza, que, sem ela, você não pudesse mais viver?

Eliza pensou na sua sonhada viagem por mar. No seu amor por Sammy. Na sua amizade por Rose.

– Eu desejo um filho mais do que tudo na vida. Meu coração dói, assim como meus braços. Às vezes eu sinto o peso da criança que desejo embalar. O calor de sua cabeça na curva do meu braço.

– E, com certeza, um dia...

– Sim, sim. – O sorriso de Rose desmentia aquelas palavras otimistas. – Mas eu já tentei tanto. Doze meses, Eliza. Doze meses, e só me decepcionei. Agora o dr. Matthews diz que minha saúde pode impedir que meu sonho se realize. Você deve imaginar, Eliza, o que o segredo de Mary me fez sentir. Que ela, por um mero acidente, vai conseguir o que eu tanto desejo. Que ela, que não tem nada para oferecer, vai ter o que eu, que tenho tudo, não consegui. Você não percebe que isto não está certo? Que Deus não pode aprovar uma injustiça dessas?

O desespero de Rose era tanto, sua aparência frágil fazia um contraste tão grande com seu desejo feroz, que, de repente, o bem-estar de Mary passou a ser a menor das preocupações de Eliza.

– Como posso ajudá-la, Rose? Diga-me, o que eu posso fazer?

– Tem uma coisa, prima Eliza. Eu preciso que você faça uma coisa por mim, uma coisa que também ajudará a Mary.

Finalmente. Rose tinha compreendido que precisava de Eliza, como ela sempre soubera. Que só Eliza poderia ajudá-la.

– É claro, Rose – ela disse. – Qualquer coisa. Diga-me o que você precisa e eu farei.

Tregenna, 2005

O tempo mudou na sexta-feira à noite e o nevoeiro cobriu a aldeia durante todo o fim de semana. Devido a esta inclemência do tempo, Cassandra resolveu dar um descanso às suas pernas cansadas e tirou merecidas férias do chalé. Ela passou o sábado recolhida no quarto, com xícaras de chá e o caderno de Nell, intrigada pelo relato da avó sobre a consulta feita a um detetive em Truro. Um homem chamado Ned Morrish, cujo nome ela tinha tirado do catálogo de telefones depois que William Martin insinuou que ela desvendaria o mistério se descobrisse para onde Eliza tinha ido em 1909.

No domingo, Cassandra se encontrou com Julia para o chá da tarde. A chuva tinha caído a manhã inteira, mas, no meio da tarde, o dilúvio se reduziu a um chuvisco, e o nevoeiro desceu. Olhando pelas janelas, Cassandra só conseguia avistar o verde do gramado encharcado; o resto era neblina, com galhos nus avistados ocasionalmente, como pequenas rachaduras numa parede branca. Era o tipo de dia que Nell amava. Cassandra sorriu, recordando o entusiasmo com que a avó vestia capa de chuva e galochas. Talvez, bem no fundo, aquela herança de Nell a estivesse chamando.

Cassandra recostou-se nas almofadas da poltrona e ficou observando as chamas crepitando na lareira. Havia pessoas reunidas em todos os cantos do salão do hotel – algumas jogando, outras lendo ou comendo – e o salão ressoava com as vozes reconfortantes de pessoas secas e aquecidas.

Julia pôs uma colher de creme no seu bolinho recheado de geleia.

– Por que o súbito interesse pelo muro do chalé?

Cassandra segurou a caneca quente entre os dedos.

– Nell acreditava que, se descobrisse para onde Eliza foi em 1909, encontraria a resposta para o seu mistério.

– Mas o que isso tem a ver com o muro?

– Não sei, talvez nada. Mas alguma coisa no álbum de Rose me fez pensar.

– O quê?

– Ela faz uma anotação em abril de 1909 que parece ligar a viagem de Eliza à construção do muro.

Julia lambeu o creme dos dedos.

– Eu me lembro – disse. – Ela escreve que é preciso tomar cuidado, porque quando há muito a ganhar também há muito a perder.

– Exatamente. Queria saber o que ela quis dizer com isso.

Julia mordeu o lábio.

– Que grosseria dela não ter explicado melhor para aqueles que iriam ler o que ela escreveu noventa anos depois!

Cassandra sorriu, puxou um fiapo solto no braço da poltrona.

– Por que ela teria dito isso? O que havia a ganhar, o que ela estava tão preocupada em perder? E o que a segurança do chalé tem a ver com isso?

Julia deu uma dentada no bolinho e o mastigou devagar, pensativamente. Limpou os lábios no guardanapo.

– Rose estava grávida na época, certo?

– Segundo aquela anotação no álbum.

– Então talvez fossem os hormônios. Isso pode acontecer, não pode? As mulheres não ficam emotivas? Talvez ela estivesse com saudades de Eliza e com medo de que o chalé pudesse ser roubado ou invadido. Talvez se sentisse responsável. As duas moças ainda eram muito chegadas nessa época.

Cassandra pensou um pouco. Gravidez podia ser a resposta para mudanças repentinas de humor, mas aquela seria uma resposta suficiente? Mesmo admitindo uma narradora com excesso de hormônios, havia algo estranho naquela anotação. O que estava acontecendo no chalé que fez Rose se sentir tão vulnerável?

– Dizem que amanhã o tempo vai melhorar – Julia disse, pousando o garfo no prato cheio de migalhas de bolo. Ela se encostou na

poltrona, abriu a cortina e olhou para o nevoeiro do lado de fora. –
Suponho que você vai voltar a trabalhar no chalé?

– Na verdade, não. Uma amiga minha vai chegar.

– Aqui ao hotel?

Cassandra assentiu.

– Que bom! Você me avisa se eu puder ajudar em alguma coisa.

Julia estava certa: segunda-feira à tarde, o nevoeiro tinha começado a diminuir e um sol trêmulo prometia aparecer entre as nuvens.

Cassandra estava esperando no salão quando o carro de Ruby parou no estacionamento. Ela sorriu ao ver o carrinho branco, recolheu os álbuns e correu para o saguão.

– Ufa! – Ruby disse, entrando e largando as malas. Depois tirou o chapéu de chuva e sacudiu a cabeça. – Uma típica demonstração local de boas-vindas! Nem uma gota de chuva e, mesmo assim, estou encharcada. – Ela parou e olhou para Cassandra. – Olhe só para você!

– O quê? – Cassandra passou a mão no cabelo. – O que há comigo?
Ruby sorriu, enrugando os cantos dos olhos.

– Nada, foi isso que eu quis dizer. Você está fabulosa.

– Ora. Obrigada.

– O ar da Cornualha lhe faz bem, pois você nem parece a mesma pessoa que eu fui buscar em Heathrow.

Cassandra começou a rir, surpreendendo Samantha, que estava ouvindo de trás da mesa da recepção.

– É mesmo um prazer ver você, Ruby – disse, pegando uma das malas. – Vamos nos livrar destas malas e sair para dar um passeio, ver a enseada depois de toda esta chuva.

Cassandra fechou os olhos, ergueu o rosto para o céu e deixou a brisa do mar bater em suas pálpebras. Gaivotas conversavam entre si na praia, um inseto voou perto do seu ouvido, ondas batiam suavemente na praia. Uma enorme sensação de calma a invadiu enquanto ela sincronizava a sua respiração com a do mar: inspirar, expirar, inspirar,

expirar. A chuva recente caindo sobre o oceano deixara um cheiro forte de sal no ar. Ela abriu os olhos e fitou a enseada. A fileira de árvores ao longo do penhasco, a rocha negra na ponta da enseada, as montanhas que ocultavam seu chalé. Ela soltou o ar, sentindo um profundo prazer.

– Eu sinto como se tivesse entrado no *Os cinco vão para o Pico dos Contrabandistas* – Ruby gritou da praia. – Estou sempre com a impressão de que Timmy, o cachorro, vai correr pela areia com uma garrafa com uma mensagem dentro da boca – ela arregalou os olhos – ou com um osso humano; alguma coisa nefasta que ele desenterrou!

Cassandra sorriu.

– Eu adorava esse livro. – Ela começou a andar pelas pedras na direção de Ruby e da rocha negra. – Quando eu era criança e costumava ler este livro nos dias quentes de Brisbane, daria tudo para estar vivendo numa cidade costeira, cheia de *fog*, com cavernas de contrabandistas.

Quando chegaram à ponta da praia, onde as pedras se encontravam com a grama, surgiu diante delas a colina íngreme que fazia limite com a enseada.

– Minha nossa – Ruby disse, entortando o pescoço para ver o topo.
– Você está mesmo pretendendo que a gente escale isso, não está?

– Não é tão íngreme quanto parece, juro.

O tempo e o tráfego tinham aberto uma pequena trilha, quase invisível, no meio do capim e das flores amarelas, e elas caminharam vagorosamente, parando de vez em quando para Ruby recuperar o fôlego.

Cassandra apreciou o ar puro que a chuva tinha deixado. Quanto mais subiam, mais frio ele se tornava. Cada lufada de vento trazia a umidade do mar para salpicar seus rostos. Ao se aproximar do topo, Cassandra estendeu a mão para agarrar os longos talos de capim, sentindo-os deslizar por entre seus dedos.

– Estamos quase lá – disse para Ruby, que vinha atrás. – Fica logo depois desta subida.

– Eu me sinto uma von Trapp – Ruby disse, sem fôlego. – Só que mais gorda, mais velha e sem nenhuma energia para cantar.

Cassandra chegou ao topo. Acima dela, nuvens finas deslizavam no céu, empurradas pelos fortes ventos do outono. Ela foi até a beirada do penhasco e contemplou o mar vasto e bravio.

A voz de Ruby atrás dela.

– Graças a Deus. Estou viva. – Estava parada com as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego. – Vou contar um segredo para você. Achei que não ia conseguir.

Ela se endireitou, pôs as mãos nas costas e foi para junto de Cassandra. A expressão dela se iluminou quando seus olhos percorreram o horizonte.

– É lindo, não é? – disse Cassandra.

Ruby estava sacudindo a cabeça.

– É fantástico. É isto que os pássaros sentem quando estão pousados em seus ninhos. – Ela deu um passo para trás. – Só que mais seguros, talvez, uma vez que têm asas para voar, no caso de uma queda.

– O chalé costumava ser um ponto de observação. No tempo dos contrabandistas.

Ruby assentiu.

– Dá para acreditar. Não há muita coisa que você não consiga ver daqui de cima. – Ela virou-se, esperando avistar o chalé. Franziu a testa. – Uma pena esse muro alto. Ele deve bloquear grande parte da vista.

– É, do andar de baixo. Mas ele nem sempre esteve aí, foi construído em 1909.

Ruby caminhou na direção do portão.

– Por que alguém ergueria um muro desses?

– Segurança.

– Segurança contra o quê?

Cassandra seguiu Ruby.

– Acredite-me, eu adoraria saber. – Ela abriu o portão de ferro.

– Simpático. – Ruby apontou para a placa que ameaçava os invasores.

Cassandra sorriu, pensativa. *Não entre, o risco é seu.* Passara tantas vezes pela placa nas últimas semanas, que nem a enxergava mais. Agora, por causa da anotação no álbum de Rose, as palavras ganharam um novo significado.

– Vamos, Cass. – Ruby estava parada do outro lado, perto da porta do chalé, batendo com os pés no chão. – Suportei a caminhada sem me queixar, mas você não espera que eu escale as paredes e entre pela janela, não é?

Cassandra sorriu e pegou a chave.

– Não há perigo. Chega de exercício por hoje. Vamos deixar o jardim secreto para amanhã. – Ela enfiou a chave na fechadura, girando-a para a esquerda, depois abriu a porta.

Ruby entrou e atravessou o corredor na direção da cozinha. Agora que Cassandra e Christian já tinham tirado as trepadeiras que cobriam as janelas e lavado as vidraças, estava bem mais claro.

– Puxa – Ruby murmurou, arregalando os olhos –, ela está perfeitamente conservada!

– Por assim dizer.

– Ninguém a destruiu com a desculpa de modernizá-la. Coisa rara de se ver. – Ela se virou para Cassandra. – Tem uma atmosfera maravilhosa, não é? Envolvente, acolhedora. Quase posso sentir os fantasmas do passado andando por aqui.

Cassandra sorriu. Sabia que Ruby também sentiria isso.

– Estou tão contente que você tenha vindo, Ruby.

– Eu não perderia isto por nada – disse, atravessando o cômodo. – Grey quase passou a usar protetores de ouvido depois que nos conhecemos, ele não aguenta mais me ouvir falar sobre o seu chalé na Cornualha. Além disso, eu tinha um trabalho para fazer em Polperro, então deu tudo certo. – Ruby se apoiou na cadeira de balanço para espiar pela janela da frente. – Aquilo ali é um lago?

– É, um laguinho.

– Estátua bonita, imagino que esteja com frio. – Ela largou a cadeira, que ficou balançando suavemente. Os pés rangendo baixinho no assoalho. Ruby continuou a examinar o cômodo, passando os dedos de leve sobre a beirada do fogão.

– O que você foi fazer em Polperro? – Cassandra sentou-se de pernas cruzadas sobre a mesa da cozinha.

– Minha exposição terminou na semana passada e fui devolver os desenhos de Nathaniel Walker para a dona deles. Meu coração quase partiu quando me separei deles, pode acreditar.

– Ela não pensaria em deixá-los permanentemente no museu?

– Isso seria ótimo. – A cabeça de Ruby tinha desaparecido dentro do nicho de tijolos do fogão e sua voz soou abafada. – Talvez você consiga convencê-la para mim.

– Eu? Eu nem a conheço.

– Bem, ainda não. Mas falei de você para ela quando estive lá. Conteí que a sua avó era parente dos Mountrachet, que tinha nascido aqui em Blackhurst e que tinha voltado e comprado o chalé. Clara ficou muito interessada.

– É mesmo? Por quê?

Ruby se levantou, batendo com a cabeça na prateleira do fogão.

– Que droga – esfregou o lugar com força. – Sempre a maldita cabeça.

– Você está bem?

– Sim, sim, estou bem. Tenho muita resistência à dor. – Ela parou de esfregar, piscou os olhos. – A mãe de Clara trabalhou em Blackhurst, se lembra, como criada? Mary, a que acabou fabricando chouriço com o marido açougueiro?

– Sim, agora eu me lembro. E como você soube que Clara estava interessada em Nell? O que foi que ela disse?

Ruby voltou a examinar o fogão, abrindo a porta do forno.

– Ela disse que queria conversar com você sobre alguma coisa. Algo que a mãe tinha lhe contado antes de morrer.

Cassandra ficou com a nuca arrepiada.

– O quê? Ela disse mais alguma coisa?

– Não para mim, e não se anime demais. Conhecendo o respeito que ela tinha pela mãe, pode muito bem ser que ela ache que você vai ficar feliz em saber que Mary passou os melhores anos de sua vida trabalhando naquela casa imponente. Ou que Rose uma vez a cumprimentou pelo polimento da prata. – Ruby fechou a porta do forno, virou-se para Cassandra. – Será que este fogão ainda funciona?

– Funciona sim. Nós mal conseguimos acreditar.

– Nós?

– Christian e eu.

– Quem é Christian?

Cassandra passou os dedos pela beirada da mesa.

– Ah, um amigo. Alguém que tem me ajudado com a limpeza.

Ruby ergueu as sobrancelhas.

– Um amigo, hein?

– É. – Cassandra sacudiu os ombros. Tentou parecer indiferente.

Ruby deu um sorriso significativo.

– É bom ter amigos. – Ela foi até o fundo da cozinha, depois da janela com a vidraça quebrada, onde estava a roda de fiar antiga. – Será que eu vou conhecê-lo? – Ela girou a roda.

– Cuidado – disse Cassandra. – Não vá espetar o dedo.

– Não mesmo. – Ruby passou de leve os dedos pela roda. – Não quero ser responsável por um sono de cem anos para nós duas. – Ela mordeu o lábio inferior, com os olhos brilhando. – Embora isto desse ao seu amigo a oportunidade de nos salvar.

Cassandra ficou vermelha. Fingiu indiferença enquanto Ruby contemplava as vigas do teto, os ladrilhos azuis e brancos em volta do fogão, as tábuas largas do assoalho.

– Então – disse finalmente –, o que você acha?

Ruby revirou os olhos.

– Você sabe o que eu acho, Cass. Estou morrendo de inveja! Isto aqui é fabuloso! – Ela se encostou na mesa. – Ainda está pensando em vendê-la?

– Sim, acho que sim.

– Você é mais forte do que eu. – Ruby sacudiu a cabeça. – Não conseguiria me desfazer dela.

De repente, uma onda de orgulho possessivo. Cassandra afastou-a.

– Eu preciso. Não posso simplesmente ficar com ela. A manutenção seria muito cara, ainda mais que eu moro do outro lado do mundo.

– Você poderia mantê-la como casa de veraneio, alugá-la quando não estiver usando. Então sempre teremos um lugar para ficar quando quisermos passar um tempo perto do mar. – Ela riu. – Isto é, *você* terá um lugar para ficar. – Deu um empurrão de leve em Cassandra com o ombro. – Vamos, mostre-me o que tem lá em cima. Aposto que a vista é maravilhosa.

Cassandra subiu na frente a escada estreita e, quando chegaram ao quarto, Ruby se debruçou na janela.

– Cass – disse, enquanto o vento formava pequenas ondas brancas na superfície do mar –, você teria gente fazendo fila para passar as férias aqui. É um lugar preservado, perto o suficiente da aldeia para fazer compras, longe o suficiente para garantir privacidade. O pôr do sol aqui deve ser maravilhoso, e também as noites, quando as luzes dos barcos brilham como estrelas.

Os comentários de Ruby ao mesmo tempo excitaram e assustaram Cassandra, porque deram voz a uma desejo secreto de Cassandra, um sentimento que ainda nem tinha percebido até ouvi-lo ser expressado por outra pessoa. Ela *queria* ficar com o chalé, por mais que soubesse que o mais sensato era vendê-lo. A atmosfera do lugar a tinha cativado. Havia sua ligação com Nell, mas havia mais do que isso. Uma sensação de que tudo estava bem quando ela estava no chalé e no seu jardim. Bem com o mundo e bem consigo mesma. Sentia-se inteira e sólida pela primeira vez em dez anos. Como se tivesse completado um ciclo.

– Meu Deus! – Ruby se virou e agarrou o pulso de Cassandra.

– O que foi? – Cassandra sentiu um aperto no estômago. – O que foi?

– Acabei de ter uma ideia brilhante. – Ela se abanou, sem fôlego. – Vamos dormir aqui esta noite, eu e você, no chalé.

Cassandra já tinha ido ao mercado e estava saindo da mercearia com uma caixa de papelão cheia de velas e fósforos, quando deu de cara com Christian. Fazia três dias que eles tinham ido jantar no pub – tinha chovido demais para pensar em voltar ao jardim durante o fim de semana – e ela não falava com ele desde então. Ela ficou estranhamente nervosa, seu rosto ficou vermelho.

– Vai acampar?

– Mais ou menos. Uma amiga veio me visitar e quer passar a noite no chalé.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não deixe os fantasmas morderem vocês.

– Vou tentar.

– Nem os ratos. – Ele deu um sorriso brincalhão.

Ela também sorriu, depois comprimiu os lábios. O silêncio se estendeu, incômodo. Ela disse, timidamente:

– Ei, quem sabe você podia vir jantar conosco? Um jantar simples, mas seria divertido; se você estiver livre, claro. Eu sei que Ruby adoraria conhecer você. – Cassandra ficou vermelha e odiou-se pela forma hesitante do convite. – Vai ser divertido – ela repetiu.

Ele balançou a cabeça, pensando.

– Sim – ele disse. – Claro. Parece uma boa ideia.

– Ótimo. – Cassandra sentiu um arrepio de satisfação. – Sete horas? E não precisa levar nada; como você pode ver, estou com um bom estoque.

– Ah, me dá isso. – Christian tirou a caixa das mãos de Cassandra. Ela tirou do braço a sacola de plástico e esfregou as marcas vermelhas que as alças tinham deixado em seu pulso. – Eu lhe dou uma carona até a trilha do penhasco – disse.

– Eu não quero atrapalhá-lo.

– Você não está atrapalhando. Eu estava indo mesmo ver você, para falar de Rose e suas marcas.

– Ah, não encontrei mais nada no álbum.

– Não faz mal, sei o que era e sei como ela as conseguiu. – Ele fez um gesto na direção do carro. – Venha, podemos conversar enquanto eu dirijo.

Christian manobrou o carro para sair do lugar apertado onde tinha estacionado e desceu a rua principal.

– E então? – Cassandra disse. – O que foi que você descobriu?

Os vidros estavam embaçados e Christian limpou o para-brisas com a palma da mão.

– Quando você estava me falando sobre Rose outro dia, alguma coisa me soou familiar. Foi o nome do médico, Ebenezer Matthews. Não consegui me lembrar onde tinha ouvido esse nome antes, então, no sábado de manhã, lembrei-me. Na universidade, fiz um curso sobre ética médica, e um dos trabalhos que tivemos que fazer foi sobre os usos históricos das novas tecnologias.

Ele diminuiu a velocidade do carro num cruzamento e mexeu no aquecimento.

– Desculpe, ele às vezes falha. Vai esquentar logo. – Ele girou o botão do azul para o vermelho, ligou a seta para a esquerda e começou a subir a estrada do penhasco. – Um dos benefícios de morar em casa é que tenho acesso às caixas onde a minha vida foi guardada quando minha madrastra transformou o meu quarto numa academia de ginástica.

Cassandra sorriu, lembrando as caixas com recordações embaraçosas do tempo de escola que tinha descoberto quando foi morar com Nell depois do acidente.

– Levei algum tempo, mas finalmente achei o trabalho e lá estava o nome dele, Ebenezer Matthews. Eu o incluí porque ele era da mesma aldeia onde eu tinha sido criado.

– E havia alguma coisa no seu trabalho sobre o caso de Rose?

– Não, mas, depois que eu entendi quem era o dr. Matthews de Rose, mandei um e-mail para uma amiga em Oxford que trabalha na biblioteca médica. Ela me deve um favor e concordou em mandar tudo o que conseguisse sobre os pacientes do médico entre 1889 e 1913. O período de vida de Rose.

Uma amiga. Ela. Cassandra sentiu uma onda de ciúme.

– E?

– O dr. Matthews era um cara muito ocupado. Não no início: para alguém que alcançou tanta projeção, teve um começo bem humilde. Médico numa cidadezinha da Cornualha, fazendo tudo o que jovens médicos de cidades pequenas fazem. Sua grande oportunidade, pelo que pude depreender, foi conhecer Adeline Mountrachet, da Mansão Blackhurst. Não sei por que ela escolheu um médico jovem como ele para tratar da filha, aristocratas costumavam consultar médicos antigos que tinham tratado do tio-avô quando ele era pequeno, mas o fato é que Ebenezer Matthews foi chamado. Ele e Adeline devem ter simpatizado um com o outro, porque, depois dessa primeira consulta, ele se tornou o médico de Rose. Tratou dela durante toda a sua infância e mesmo depois que ela se casou.

– Mas como você sabe disso? Como a sua amiga obteve esse tipo de informação?

– Muitos médicos, naquela época, mantinham arquivos em seus consultórios. Registros dos pacientes que atendiam, quem lhes devia dinheiro, tratamentos prescritos, artigos publicados, esse tipo de coisa. Muitos desses arquivos foram parar em bibliotecas. Foram doados, ou vendidos, normalmente pela família dos médicos.

Chegaram ao fim da estrada, que daí em diante era uma trilha de terra, e Christian parou o carro no pequeno trecho perto do mirante. Do lado de fora, o vento açoitava o penhasco e os pequenos pássaros se aglomeravam melancolicamente. Ele desligou o motor e se virou no assento para olhar para Cassandra.

– Na última década do século XIX, o dr. Matthews começou a ficar conhecido. Parece que ele não estava satisfeito em ser apenas um

médico de cidade pequena, embora a sua lista de pacientes fosse um quem é quem da sociedade local. Ele começou a publicar artigos sobre diversos assuntos médicos. Não foi muito difícil cruzar suas publicações com seu arquivo médico e descobrir que Rose é citada como *srta. RM*. Ela aparece bastante a partir de 1897.

– Por quê? O que foi que aconteceu nessa época? – Cassandra viu que estava com a garganta apertada de ansiedade.

– Quando Rose tinha oito anos, ela engoliu um dedal.

– Por quê?

– Bem, não sei, acho que foi um acidente, e isso não vem ao caso. Não era nada de extraordinário, metade das moedas inglesas passou pelo estômago de uma criança ou outra. Elas passam sem muita dificuldade, se você tiver paciência e esperar.

Cassandra suspirou.

– Mas eles não esperaram. O dr. Matthews fez uma operação.

Christian sacudiu a cabeça.

– Pior do que isso.

Ela sentiu um aperto no estômago.

– O que foi que ele fez?

– Ele pediu um raio X e depois publicou as imagens no *Lancet*. – Christian pegou no banco traseiro uma cópia xerox e entregou a ela.

Ela examinou o artigo, sacudiu os ombros.

– Não estou entendendo. Qual é o problema?

– Não é o raio X em si, é a exposição. – Ele apontou para uma linha no topo da página. – O dr. Matthews mandou o fotógrafo fazer uma exposição de sessenta minutos. Acho que ele quis ter certeza de que ia ter sua imagem.

Cassandra podia sentir o frio do lado de fora do vidro da janela, tremulando contra o seu rosto.

– Mas o que isso significa? Uma exposição de sessenta minutos?

– Raio X é radiação. Você nunca percebeu que o seu dentista sai da sala antes de apertar o botão de raio X? Uma exposição de sessenta

minutos significa que o dr. Matthew e o fotógrafo fritaram os ovários dela e tudo o que havia dentro.

– Os ovários? – Cassandra olhou para ele. – Então como foi que ela engravidou?

– É isso que eu estou dizendo. Ela não engravidou, não podia engravidar. Quer dizer, ela não poderia conceber um bebê saudável. Em 1897, Rose Mountrachet se tornou, para todos os efeitos, estéril.

Chalé do penhasco, 1975

Apesar da demora de dez dias para a troca de contratos, a jovem Julia Bennett tinha sido muito amável. Quando Nell pediu para ter acesso ao chalé antes disso, ela entregou a chave, balançando o pulso cheio de pulseiras.

– Isso não me preocupa nem um pouco – disse, com as pulseiras batendo umas nas outras. – Sinta-se como se estivesse em casa. Esta chave é tão pesada, que estou feliz em me livrar dela!

A chave era mesmo pesada. Era grande, com uma ponta trabalhada e grossos dentes na outra. Nell contemplou a chave, que era quase do tamanho da palma da sua mão. Colocou-a sobre a mesa da cozinha. A cozinha do seu chalé. Bem, quase seu. Só faltavam dez dias para isso.

Nell não estaria em Tregenna nessa data. Seu voo para Londres estava marcado para dali a quatro dias e, quando tentou mudar a data, foi informada de que esta alteração teria um custo exorbitante. Então decidiu partir para a Austrália no dia planejado. Os advogados locais, que estavam tratando da compra do chalé do penhasco, disseram que ficariam com a chave até ela voltar. Dissera-lhes que não demoraria muito, que só precisava de tempo para tomar algumas providências e depois se mudaria para lá, de vez.

Pois Nell tinha decidido que iria para Brisbane pela última vez. O que havia lá que a segurasse? Uns poucos amigos, uma filha que não precisava dela, irmãs que não a entendiam. Sentiria falta da sua loja de antiguidades, mas talvez pudesse montar outra na Cornualha. E, quando estivesse instalada, com mais tempo livre, chegaria ao fundo do mistério. Saberá por que Eliza a tinha roubado e colocado no navio para a Austrália. Todas as vidas precisavam ter um propósito, e este seria o de Nell. Pois, de outra forma, como se autoconheceria?

Nell caminhou vagarosamente pela cozinha, fazendo um inventário mental. A primeira coisa que pretendia fazer quando voltasse era uma faxina completa no chalé. Havia poeira por toda parte. Também havia alguns consertos que seriam necessários: pedaços do assoalho precisavam ser substituídos, devia haver muita madeira podre, a cozinha teria que ser posta em condições de uso...

É claro que uma aldeia como Tregenna devia ter operários para fazer isso, mas Nell não gostava da ideia de empregar estranhos para trabalhar em seu chalé. Embora feito de pedra e madeira, era mais do que uma casa para Nell. E, assim como ela tinha cuidado de Lil quando estava morrendo, recusando-se a repassar esta responsabilidade para uma pessoa estranha, Nell sabia que tinha que cuidar do chalé, ela mesma. Usar os conhecimentos que Hugh tinha lhe ensinado tantos anos antes, quando era uma garotinha, apaixonada pelo pai.

Nell parou ao lado da cadeira de balanço. Alguma coisa no canto atraindo sua atenção. Ela se aproximou. Uma garrafa de água pela metade, um pacote de biscoitos, uma revista em quadrinhos chamada *Whizzer and Chips*. Nada disso estava ali quando Nell visitou o chalé pela primeira vez, então a pessoa só poderia ter estado lá depois disso. Nell folheou a revista: uma pessoa jovem, pelo visto.

Uma brisa úmida soprou no rosto de Nell e ela olhou para o fundo da cozinha. Faltava uma vidraça na janela. Fazendo uma anotação mental para trazer plástico e fita colante para cobri-la antes de deixar Tregenna, Nell olhou pela janela. Uma enorme cerca viva corria paralela à casa e Nell achou ter visto um movimento com o canto do olho. Quando tornou a olhar, não viu nada. Um pássaro, possivelmente, ou um esquilo.

Nell notara no mapa, enviado a ela pelo advogado, que a propriedade se estendia bastante além da casa. Isso significava, provavelmente, que o que quer que houvesse do outro lado da cerca viva também era dela. Decidiu dar uma olhada.

O caminho que passava pelo lado da casa era estreito e escuro pela falta de sol. Nell caminhou com cuidado, afastando o mato ao

caminhar. No fundo do chalé, trepadeiras tinham crescido entre a casa e a cerca viva e Nell teve que abrir caminho no meio delas.

No meio do caminho, tornou a perceber movimento, bem ao lado dela. Nell olhou para o chão. Um par de pernas magras saía de baixo do muro. Ou o muro tinha caído do céu, à la *Mágico de Oz*, e esmagado um pobre anão cornualhense, ou encontrara a pessoa que estava invadindo o seu chalé.

Nell agarrou o calcanhar magro. As pernas ficaram imóveis.

– Venha – ela disse. – Saia daí.

Outro momento de imobilidade, depois as pernas começaram a recuar. O dono das pernas parecia ter uns dez anos, embora Nell nunca tivesse sido muito boa em calcular a idade de uma criança. Ele era um garoto magro, de cabelos castanhos e joelhos ossudos. Tinha manchas roxas nas duas canelas.

– Você deve ser o macaquinho que tem entrado no meu chalé.

O menino piscou os olhos castanhos antes de olhar para o chão.

– Como é o seu nome?

– Christian.

Ele falou tão baixo, que ela mal conseguiu entender.

– Christian de quê?

– Christian Blake. Eu não estava estragando nada. Meu pai trabalha na casa grande e às vezes eu gosto de vir visitar... o *seu* jardim murado.

Nell olhou para o muro coberto de hera.

– Então tem um jardim aí atrás? Eu tinha imaginado. – Ela olhou de volta para o menino. – E me diga uma coisa, Christian, sua mãe sabe onde você está?

O menino curvou os ombros.

– Não tenho mãe.

Nell ergueu as sobrancelhas.

– Ela foi para o hospital no verão, e então...

O mau humor de Nell passou na mesma hora.

– Entendo. Bem. E quantos anos você tem, nove? Dez?

– Quase onze. – Uma indignação saudável o fez enfiar as mãos nos bolsos.

– É claro, estou vendo agora. Tenho uma neta da sua idade.

– Ela também gosta de jardins?

Nell olhou espantada para ele.

– Não sei bem.

Christian olhou de lado para ela, franzindo a testa.

– Quer dizer, imagino que sim. – Nell procurou uma desculpa, depois se controlou. Não devia se sentir culpada por não saber quais eram as preferências da filha de Lesley. – Eu não a vejo muito.

– Ela mora muito longe de você?

– Não.

– Então por que você não a vê muito?

Nell olhou para o menino, tentando decidir se a impertinência dele era charmosa ou não. Mas havia coisas que não exigiam explicações, especialmente para meninos que invadiam a propriedade alheia.

Nell lembrou a si mesma que o menino tinha acabado de perder a mãe. E ela sabia, por experiência própria, que pessoas que ficavam sem chão costumavam agir de forma imprudente. A vida podia ser muito cruel. Por que este menino devia crescer sem mãe? Por que uma pobre mulher teve que morrer cedo, deixando o filho para abrir caminho no mundo sem ela? Olhando para as pernas magras do garoto, Nell sentiu um aperto na garganta. Quando falou, sua voz era severa, mas bondosa:

– O que você estava fazendo no meu jardim?

– Não estava fazendo nada de mais, juro. Gosto de me sentar lá dentro.

– E é assim que você entra? Por baixo do muro?

Ele assentiu.

Nell fitou o buraco.

– Acho que eu não consigo passar por aí. Onde está o portão?

– Não tem portão. Pelo menos, não neste muro.

Nell franziu a testa.

– Eu tenho um jardim sem porta?

Ele tornou a balançar a cabeça.

– Antigamente tinha, dá para ver do lado de dentro onde ele foi tapado.

– Por que alguém iria tapar a entrada?

O menino sacudiu os ombros e Nell acrescentou mais um item à sua lista de consertos necessários.

– Talvez você possa me dizer o que eu estou perdendo – ela disse. – Já que não posso ver por mim mesma. O que faz você vir até aqui em cima?

– Este é o meu lugar favorito no mundo inteiro – Christian disse, com uma expressão ardente nos olhos castanhos. – Gosto de me sentar lá dentro e conversar com minha mãe. Ela adorava jardins, adorava principalmente o seu jardim murado. Foi ela que me mostrou como entrar, nós íamos tentar consertar o portão. Então ela ficou doente.

Nell comprimiu os lábios.

– Eu vou voltar para a Austrália daqui a alguns dias, mas estarei de volta dentro de um ou dois meses. Será que você pode tomar conta do meu jardim, Christian?

Ele assentiu com ar grave.

– Posso, sim.

– Vou ficar feliz em saber que o deixei em boas mãos.

Christian ficou todo prosa.

– E, quando você voltar, vou ajudá-la a cuidar dele. Como o meu pai faz no hotel.

Nell sorriu.

– Acho que vou aceitar sua ajuda. Não aceito ajuda de qualquer pessoa, mas tenho a impressão de que, neste caso, você é o homem certo para este trabalho.

Mansão Blackhurst, 1913

Rose apertou o xale em volta dos ombros e cruzou os braços para se defender do frio. Quando decidiu buscar o sol no jardim, Eliza era a última pessoa que esperava ver. Enquanto Rose escrevia no seu álbum, erguendo os olhos de vez em quando para ver Ivory correndo no meio dos canteiros de flores, nada indicava que a paz do dia ia ser tão horivelmente abalada. Uma sensação estranha tinha feito com que olhasse na direção do labirinto, e o que viu no portão fez o sangue de Rose gelar nas veias. Como Eliza sabia que ia encontrar Rose e Ivory sozinhas no jardim? Ela estava vigiando, esperando por uma oportunidade de pegar Rose desprevenida? E por que agora? Por que, depois de três anos, ela aparecera hoje? Como um fantasma, atravessando o gramado, com um pacote na mão.

Rose olhou para o lado. Lá estava ele, fingindo ser uma coisa inofensiva. Mas não era. Rose sabia disso. Não precisava abrir o embrulho para saber o que havia lá dentro, um objeto que representava um lugar, um tempo, uma união que Rose queria tanto esquecer.

Afastou as saias, tentando criar alguma distância entre ela e o pacote.

Um bando de pássaros levantou voo e Rose olhou na direção do gramado. Mamãe estava vindo na direção dela, com o cachorro novo, Helmsley, caminhando junto de sua saia escura. Uma onda de alívio deixou Rose tonta. Mamãe era uma âncora para o presente, para um mundo seguro onde tudo estava em seu lugar. Quando Adeline se aproximou, Rose não conseguiu mais conter a ansiedade.

– Ah, mamãe – disse. – Ela esteve aqui, Eliza esteve aqui.

– Eu vi tudo da janela. O que foi que ela disse? A menina ouviu alguma coisa que não devia ouvir?

Rose repassou o encontro em sua mente, mas o medo e a preocupação tinham feito com que esquecesse o que tinha sido efetivamente dito. Sacudiu a cabeça, consternada.

– Não sei.

Adeline olhou para o embrulho, depois ergueu-o do banco, cuidadosamente, como se ele estivesse pegando fogo.

– Não abra, mamãe, por favor. Não quero ver o que tem dentro. – A voz de Rose era quase um sussurro.

– É...?

– Tenho certeza de que sim. – Rose encostou os dedos frios no rosto. – Ela disse que era para Ivory. – Rose olhou para a mãe e sentiu outra onda de pânico. – Por que ela traria isso, mamãe? Por quê?

Mamãe comprimiu os lábios.

– O que ela quis dizer com isso?

– Acho que chegou a hora de você colocar uma certa distância entre você e sua prima. – Adeline sentou-se ao lado de Rose e colocou o embrulho no colo.

– Distância, mamãe? – O rosto de Rose ficou gelado, sua voz se transformou num sussurro apavorado. – Você não acha que ela... que ela virá aqui de novo?

– Ela provou hoje que não tem respeito pelas regras que foram estabelecidas.

– Mas, mamãe, você certamente não acha que...

– Só estou pensando no seu bem-estar. – Enquanto a filha de Rose corria pelo jardim, Adeline se aproximou, encostando o lábio no ouvido da filha. – Temos que nos lembrar, minha querida – murmurou –, de que um segredo nunca está seguro quando é conhecido por outras pessoas.

Rose assentiu. Mamãe tinha razão. Tinha sido uma loucura pensar que aquilo poderia continuar indefinidamente.

Adeline se levantou e fez um gesto, chamando Helmsley.

– Thomas já vai servir o almoço. Não demore. Não vá tornar este dia ainda mais desagradável pegando um resfriado. – Ela tornou a

colocar o pacote no banco e baixou a voz. – E diga a Nathaniel para dar um sumiço nisto.

Pés correndo no andar de cima e Adeline estremeceu. Já tinha dito tantas vezes que meninas bem-educadas tinham que ter bons modos, mas a criança não aprendia. Isso já era de esperar, é claro: por mais que Rose a vestisse com belas roupas, a menina tinha uma origem inferior, não havia como negar. Rosto rosado demais, uma gargalhada que ecoava pelos corredores, cachos que escapavam das fitas, ela era completamente diferente de Rose.

Entretanto, Rose adorava a menina. Então Adeline a aceitara, tinha se forçado a sorrir para ela, a enfrentar seu olhar impertinente, a tolerar seu barulho. O que Adeline não faria por Rose, o que já não tinha feito? Mas Adeline também sabia que era seu dever manter um pulso firme, porque a criança ia precisar de orientação severa para vencer as barreiras do seu nascimento.

O círculo daqueles que sabiam a verdade era pequeno e devia permanecer assim: caso contrário, seria um escândalo. Era imperativo, portanto, que Mary e Eliza fossem bem monitoradas.

Adeline, a princípio, tinha se preocupado com a possibilidade de Rose não compreender, de achar que tudo poderia continuar como antes. Mas, neste aspecto, ficara agradavelmente surpresa. Assim que Ivory foi colocada em seus braços, Rose sofrera uma mudança: tinha sido tomada por um feroz desejo maternal de proteger a filha. Rose tinha concordado com Adeline que Eliza e Mary deviam ficar longe: longe o bastante para evitar sua presença diária, mas perto o suficiente para permanecer sob a influência de Adeline. Só assim era possível garantir que nenhuma das duas contasse o que sabia sobre a criança da Mansão Blackhurst, Adeline ajudara Mary a comprar uma casinha em Polperro, e Eliza tinha tido permissão para ficar no chalé. Embora, em parte, Adeline lamentasse a proximidade de Eliza, este era o menor dos males, e a felicidade de Rose era o mais importante.

Querida Rose. Ela estava tão pálida, sentada sozinha no banco do jardim. Mal tinha tocado no almoço depois, empurrando a comida de um lado para o outro no prato. Agora estava descansando, tentando evitar a volta de uma enxaqueca que a tinha atormentado a semana inteira.

Adeline abriu a mão que estava cerrada em seu colo e flexionou os dedos pensativamente. Deixara as condições perfeitamente claras quando tudo foi combinado: nenhuma das moças deveria tornar a pôr os pés em Blackhurst. A regra era simples e, até aquela data, tinha sido seguida. As asas da segurança tinham se fechado sobre o segredo, e a vida em Blackhurst tinha seguido um curso normal.

O que Eliza estava pensando, ao faltar agora com sua palavra?

Por fim, Nathaniel esperou até que Rose estivesse deitada, descansando os nervos, e Adeline tivesse saído para fazer uma visita. Assim, raciocinou, nenhuma das duas conheceria o método que ele utilizava para garantir a ausência de Eliza. Desde que soubera do que tinha acontecido, Nathaniel tinha tentado imaginar um modo de ajeitar as coisas. Ver a mulher naquele estado era um lembrete assustador de que, apesar da distância que eles tinham percorrido, da mudança abençoada depois do nascimento de Ivory, a outra Rose, tensa, instável, nunca estava muito longe da superfície. Soube na mesma hora que tinha que falar com Eliza. Encontrar um meio de ela entender que nunca mais deveria ir até lá.

Mas algum tempo tinha se passado desde sua última incursão, e ele se esquecera de como era escuro ali dentro, como eram raros os raios de sol que conseguiam penetrar nos arbustos. Caminhou cautelosamente, tentando lembrar o caminho. Muito diferente do dia, quatro anos antes, em que percorrera rapidamente o labirinto, atrás dos seus desenhos. Chegara ao chalé com o sangue pulsando nas veias, os ombros doendo do esforço, e exigiu a devolução dos seus desenhos. Dissera que os desenhos eram dele, que eram importantes para ele, que precisava deles. E então, quando já não tinha mais o que dizer, ficara

ali parado, mudo, esperando a resposta de Eliza. Não sabia o que estava esperando – uma confissão, um pedido de desculpas, a entrega dos desenhos, tudo isso junto, talvez –, mas ela não fez nada disso. Ela o surpreendera. Depois de passar alguns instantes olhando para ele como quem contempla um objeto curioso, ela piscou aqueles olhos claros, mutáveis, que ele adoraria desenhar, e perguntou se ele gostaria de ilustrar um livro de contos de fadas.

Um barulho e a lembrança fugiu. O coração de Nathaniel deu um salto. Ele se virou e olhou para o espaço escuro atrás dele. Um passarinho o encarou antes de levantar voo.

Por que ele estava tão nervoso? Estava com os nervos em frangalhos, como se fosse um homem culpado, uma coisa ridícula, uma vez que não havia nada de impróprio em suas ações. Só pretendia falar com Eliza, pedir que ela não atravessasse os portões do labirinto. E sua missão, afinal de contas, era pelo bem de Rose; sua principal preocupação era com a saúde e o bem-estar de sua esposa.

Caminhou mais depressa, dizendo a si mesmo que estava inventando perigos onde não havia. Sua missão podia ser secreta, mas não era ilícita. Havia uma diferença.

Concordara em ilustrar o livro. Como poderia resistir, e por quê? Desenhar era o seu maior desejo, e ilustrar aquelas histórias permitia que ele entrasse num mundo que não continha as agruras de sua vida. Tinha sido uma tábua de salvação, uma tarefa secreta que tornava os longos dias de pintura de retratos suportável. Nos encontros com imbecis ricos e nobres, quando Adeline o forçava de novo e ele era obrigado a sorrir e se mostrar simpático como um cão treinado, se alegrava com a ideia de que também estava dando vida ao mundo mágico das histórias de Eliza.

Nunca tinha tido acesso a um exemplar do livro. A publicação tinha atrasado, por um motivo ou por outro, e, quando o livro foi finalmente impresso, ficou claro para ele o quanto seria mal recebido em Blackhurst. Uma vez, no início do projeto, cometera o grave erro de mencionar o livro para Rose. Achou que ela ia ficar contente, que ia

apreciar a ligação entre o marido e a prima querida, mas estava enganado. Nunca pôde esquecer a expressão dela, choque e raiva e tristeza. Disse que ele a tinha traído, que não a amava, que queria deixá-la. Nathaniel não conseguiu entender. Fez o que costumava fazer nessas ocasiões, tranquilizou Rose e perguntou se podia desenhar o retrato dela para a sua coleção. E guardou segredo do projeto a partir de então. Mas não desistiu dele. Não teve coragem.

Depois que Ivory nasceu e Rose ficou boa, sua vida, aos poucos, foi entrando nos eixos. Como era estranho o poder que tinha um bebê de pôr a vida em ponto morto, de erguer o manto negro que tinha coberto tudo – Rose, seu casamento, a própria alma de Nathaniel. Não tinha sido instantâneo, é claro. Para começar, no que dizia respeito à criança, Nathaniel tinha avançado bem devagar, mirando-se em Rose, sabendo sempre que havia a possibilidade de que a origem do bebê se mostrasse algo insuperável. Só quando viu que ela amava a menina como uma filha foi que permitiu que seu coração amolecesse. Permitiu que a inocência do bebê penetrasse em seu espírito cansado e ferido e aceitou sua pequena família, que se fortalecera com a chegada de um novo membro.

E, aos poucos, esqueceu o livro e a alegria que tinha sentido ao ilustrá-lo. Dedicou-se a seguir as regras da família Mountrachet – ignorou a existência de Eliza e, quando Adeline lhe pediu para alterar o retrato pintado por John Singer Sargent, suportou a desonra de ter modificado o trabalho do grande pintor. Nessa altura, Nathaniel tinha a impressão de que já havia cruzado tantas fronteiras morais que antes pareciam invioláveis, que mais uma não faria diferença...

Nathaniel chegou à clareira no centro do labirinto e um casal de pavões observou-o brevemente antes de seguir adiante. Caminhou com cuidado para evitar o anel de metal que podia derrubá-lo, depois entrou no caminho estreito que ia dar no jardim secreto.

Nathaniel ficou imóvel. Galhos quebrados, passos leves. Mais pesados do que os dos pavões.

Ele parou, virou-se rapidamente. Um clarão branco. Havia mesmo alguém seguindo-o.

– Quem está aí? – A voz dele soou mais insegura do que esperava. Ele tentou soar mais severo. – Insisto em que você apareça.

Uma pausa, depois a pessoa apareceu.

– Ivory! – O alívio foi substituído pela consternação. – O que você está fazendo aqui? Você sabe que não pode ultrapassar o portão do labirinto.

– Por favor, papai – a menina disse. – Leve-me com você. Davies disse que tem um jardim no final do labirinto, onde todos os arco-íris do mundo começam.

Nathaniel não pôde deixar de admirar a imagem.

– É mesmo?

Ivory assentiu com uma vivacidade infantil que encantou Nathaniel. Ele consultou o relógio. Adeline estaria de volta em uma hora, louca para ver o progresso que ele tinha feito com o retrato de Lord Haymarket. Não havia tempo para levar Ivory para casa e depois voltar, e ele não sabia quando teria outra oportunidade. Coçou a orelha e suspirou.

– Venha então, pequenina.

Ela o acompanhou de perto, cantarolando uma melodia que Nathaniel reconheceu como sendo ‘Laranjas e limões’. Deus sabe com quem ela tinha aprendido. Não com Rose, que tinha uma memória horrível para letra e música; nem com Adeline, para quem a música significava muito pouco. Por não ter governanta, sua filha passava muito tempo com a criadagem de Blackhurst. Quem poderia saber o que mais estavam lhe ensinando?

– Papai?

– Sim.

– Fiz outro retrato na minha mente.

– Ah, é? – Nathaniel afastou um galho cheio de espinhos para Ivory passar.

– Foi o navio do capitão Ahab. E a baleia nadando perto.

- De que cor era a vela?
- Branca, é claro.
- E a baleia?
- Cinzenta como uma nuvem de tempestade.
- E qual era o cheiro do seu navio?
- Ele cheirava a água salgada e a botas sujas de Davies.

Achando graça, Nathaniel ergueu as sobrancelhas.

– Imagino que sim. – Esta era uma das brincadeiras preferidas deles, que aconteciam normalmente nas tardes que Ivory tinha o hábito de passar em seu estúdio. Nathaniel ficara surpreso em ver que gostava muito da companhia da filha. Ela o fazia ver as coisas de um modo diferente, mais simples, um modo que dava vida nova aos seus retratos. As perguntas frequentes que fazia a respeito do que ele estava fazendo e por que estava fazendo exigiam que ele explicasse coisas que tinha deixado de apreciar havia muito tempo: que a pessoa deve desenhar o que vê, não o que imagina que está vendo; que toda imagem é formada de linhas e formas; que a cor deve ao mesmo tempo revelar e ocultar.

– Por que estamos atravessando o labirinto, papai?

– Tem alguém do outro lado que eu preciso ver.

Ivory pensou um pouco.

– É uma pessoa, papai?

– É claro que é uma pessoa. Você acha que o papai ia se encontrar com um bicho?

Eles viraram uma esquina, depois outra, em rápida sucessão, e Nathaniel pensou numa bola de gude deslizando pelas curvas e voltas da pista que Ivory tinha construído no quarto de brinquedos. Deslizando sem controlar seu destino. Uma ideia tola, é claro, pois suas ações eram as de um homem tomando as rédeas do próprio destino.

Eles dobraram uma última curva e chegaram à porta do jardim secreto. Nathaniel parou, ajoelhou-se e segurou os ombros da filha com carinho.

– Ivory – disse cuidadosamente –, eu a trouxe hoje pelo labirinto.

– Sim, papai.

– Mas você nunca mais deve passar por aqui e, muito menos, sozinha. – Nathaniel comprimiu os lábios. – E acho que seria melhor se... se esse nosso passeio de hoje...

– Não se preocupe, papai. Não vou contar à mamãe.

Nathaniel sentiu uma sensação de alívio, misturada com um certo mal-estar por estar conspirando com a filha contra a mulher.

– Nem à vovó, papai.

Nathaniel assentiu, com um leve sorriso.

– É melhor assim.

– Um segredo.

– Sim, um segredo.

Nathaniel abriu a porta que dava no jardim secreto e fez Ivory entrar. Ele esperava encontrar Eliza sentada como a Rainha das Fadas no pedaço de grama ao lado da macieira, mas o jardim estava vazio e silencioso. O único movimento vinha de um passarinho – o mesmo? – que inclinou a cabeça e ficou olhando com um ar de proprietário quando Nathaniel avançou pelo caminho em ziguezague.

– Ah, papai – disse Ivory, olhando maravilhada para o jardim. Ela olhou para cima, para ver as trepadeiras que cruzavam o espaço, entre os muros. – Este é um jardim *mágico*.

Que estranho que uma criança conseguisse perceber uma coisa dessas. Nathaniel imaginou o que haveria no jardim de Eliza que fazia com que a pessoa sentisse que todo aquele esplendor não era uma coisa natural. Que algum acordo devia ter sido feito com os espíritos para obter aquela abundância.

Atravessou o portão com Ivory e percorreu o caminho que ladeava o chalé. Apesar da hora, estava fresco no jardim da frente, por causa do muro de pedra que Adeline tinha construído. Nathaniel pôs a mão nas costas de Ivory, entre suas asas de fada.

– Agora ouça – disse. – Papai vai entrar, mas você vai esperar aqui no jardim.

– Sim, papai.

Ele hesitou.

– Mas não saia daqui.

– Não, papai. – Disse isso com tanta inocência, como se sair dali fosse a última coisa em que tivesse pensado.

Nathaniel foi até a porta. Bateu e esperou Eliza abrir, ajeitando os punhos da camisa.

A porta se abriu e lá estava ela. Como se fosse ontem. Como se não houvessem passado quatro anos.

Nathaniel sentou-se perto da mesa e Eliza ficou do outro lado, com os dedos pousados na beirada da mesa. Ela olhava para ele daquele seu jeito peculiar. Sem nenhuma preocupação com convenções sociais que sugerissem que estava feliz em vê-lo. Foi a vaidade que o fez pensar que ela ficaria contente em vê-lo? A luminosidade do chalé deixava o cabelo dela mais vermelho do que nunca. Raios de sol iluminavam mechas de cabelo, deixando-o quase dourado, como se tivesse sido tecido com o ouro das fadas. Nathaniel ralhou consigo mesmo – estava permitindo que o conhecimento das histórias que ela escrevia permeasse sua visão da mulher em si.

Fez-se um silêncio desconfortável. Havia tanta coisa a dizer, mas ele não conseguiu pensar em nada. Era a primeira vez que a via depois que o acordo tinha sido feito. Ele pigarreou, estendeu a mão como se fosse tocar na dela. Não conseguiu se controlar. Ela retirou a mão de repente e dirigiu sua atenção para o fogão.

Nathaniel recostou-se na cadeira. Ele imaginou como começar, que palavras usar para transmitir sua mensagem.

– Você sabe por que eu vim aqui – disse finalmente.

Sem se virar, ela respondeu:

– É claro.

Ele observou os dedos dela, tão finos, quando ela pôs a chaleira no fogo.

– Então você sabe o que eu tenho a dizer.

– Sim.

Do lado de fora, trazida pelo vento, veio uma voz, muito doce:

– Laranjas e limões, dizem os sinos de São Clemente...

As costas de Eliza ficaram duras, e Nathaniel pôde ver os pequenos nós no seu pescoço. Como a espinha de uma criança. Ela se virou abruptamente.

– A menina está aqui?

Nathaniel ficou perversamente contente com a expressão do rosto de Eliza, a de um animal prestes a ser capturado. Teve vontade de desenhá-la no papel, aqueles olhos arregalados, o rosto pálido, a boca tensa. Soube que iria fazer isso assim que voltasse para o estúdio.

– Você trouxe a criança aqui?

– Ela me seguiu. Eu só vi quando já era tarde.

A expressão assustada foi substituída por um leve sorriso.

– Ela tem coragem.

– Outros diriam que ela é travessa.

Eliza se sentou na ponta da cadeira.

– Agrada-me pensar que a menina gosta de fazer travessuras.

– Não sei se a mãe dela fica feliz com este lado aventureiro de Ivory.

O sorriso dela era impossível de interpretar.

– E a avó não fica nada feliz.

O sorriso ficou mais largo. Nathaniel sorriu e desviou os olhos. Ele murmurou o nome dela – Eliza – e sacudiu a cabeça. Começou a dizer o que tinha ido dizer.

– Outro dia...

– Fiquei contente, outro dia, em ver que a criança está bem. – Ela falou depressa, nervosamente, aparentemente para evitar que a conversa tomasse aquele rumo.

– É claro que ela está bem, não lhe falta nada.

– A aparência de opulência pode ser enganadora, não significa que a pessoa esteja bem. Pergunte à sua esposa.

– Isso foi desnecessariamente cruel.

Ela balançou a cabeça. Apenas concordando, sem nenhum sinal de arrependimento. Nathaniel pensou se ela não teria nenhum senso de

moral, mas sabia que isso não era verdade. Ela olhou firmemente para ele.

– Você veio aqui por causa do meu presente.

Nathaniel baixou a voz.

– Foi bobagem sua levá-lo. Você conhece os sentimentos de Rose.

– Sim. Mas pensei: que mal teria entregar um pacote?

– Você sabe qual é o mal, e eu sei que você, sendo amiga de Rose, não quer lhe causar nenhuma dor. Como minha amiga... – Ele se sentiu, de repente, tolo, olhou para o chão, para as tábuas do assoalho, como que buscando apoio. – Por favor, Eliza, não vá mais lá. Rose ficou péssima depois da sua visita. Ela não quer se lembrar do que aconteceu.

– A memória é uma amante cruel com quem todos nós precisamos aprender a dançar.

Antes que Nathaniel pudesse formular uma resposta, Eliza voltou a olhar para o fogão.

– Quer um chá?

– Não – ele disse, sentindo-se um tanto derrotado, sem saber por quê. – Preciso voltar.

– Rose não sabe que você está aqui.

– Preciso voltar. – Ele pôs o chapéu e se dirigiu para a porta da cozinha.

– Você viu o livro? Acho que ficou bom.

Nathaniel parou, mas não se virou.

– Adeus, Eliza. Não vou tornar a vê-la. – Ele vestiu o casaco e afastou as dúvidas.

Ele já estava quase na porta, quando ouviu Eliza no hall atrás dele.

– Espere – ela disse, com sua postura um tanto abalada. – Deixe-me ver de perto a menina, a filha de Rose.

Nathaniel apertou a maçaneta fria de metal da porta. Trincou os dentes, refletindo sobre o pedido dela.

– Vai ser a última vez.

Como poderia recusar um tal apelo?

– Só um olhar. Depois tenho que levá-la de volta para casa.

Juntos, eles saíram para o jardim. Ivory estava sentada na beirada do laguinho, com os pés enfiados na água, cantando para si mesma e empurrando uma folha na superfície do lago.

Quando a criança ergueu os olhos, Nathaniel segurou delicadamente o braço de Eliza e a empurrou para a frente.

O vento tinha aumentado e Linus teve que se apoiar na bengala para não tropeçar. Lá embaixo, na enseada, o mar normalmente calmo ficara agitado, formando ondas que quebravam na praia. O sol estava escondido atrás de um cobertor de nuvens – muito diferente dos dias perfeitos de verão que ele um dia tinha passado na enseada com sua *poupée*.

O barquinho de madeira tinha sido de Georgiana, um presente de papai, mas ela ficara feliz em dividi-lo com ele. Não tinha pensado nem por um momento que sua perna aleijada fizesse dele um homem menos capaz, não importava o que papai dizia. Nas tardes em que o ar estava quente e doce, eles remavam juntos até o centro da enseada. Ficavam lá parados, enquanto as ondas batiam de leve no barco, e só tinham olhos um para o outro. Ou era isso que Linus pensava.

Quando ela partiu, levou com ela o frágil sentimento de solidariedade que ele tinha embalado. O sentimento de que, embora papai e mamãe o julgassem um rapaz tolo, sem valor nem utilidade, tinha algo a oferecer. Sem Georgiana, voltara a ser inútil. Então decidiu que ela teria que voltar.

Linus contratou um homem. Henry Mansell, um personagem sombrio e misterioso, cujo nome era sussurrado nas hospedarias da Cornualha e que foi passado para Linus pelo criado de um nobre local. Diziam que sabia resolver qualquer problema.

Linus lhe contou sobre Georgiana e sobre o mal que o homem que a havia roubado tinha lhe feito, também contou a ele que o homem trabalhava em navios que saíam do porto de Londres.

Logo em seguida, Linus soube que o marinheiro estava morto. Um acidente, Mansell disse, sem demonstrar um pingão de emoção no rosto, um acidente infeliz.

Linus sentiu uma sensação estranha aquela tarde. A vida de um homem tinha sido tirada por ordem dele. Ele era poderoso, podia fazer o que quisesse com os outros; isto o deixou extremamente feliz.

Ele tinha pago uma quantia generosa a Mansell, e o homem tinha partido, em busca de Georgiana. Linus ficara cheio de esperança, porque, sem dúvida, Mansell era capaz de tudo. Sua *poupée* logo estaria de volta, feliz por ter sido resgatada. As coisas voltariam a ser como antes...

A rocha negra parecia zangada hoje. Linus sentiu um aperto no coração ao se lembrar de Georgiana sentada sobre ela. Ele enfiou a mão no bolso e tirou a fotografia, alisando-a delicadamente com os dedos.

– *Poupée*. – Um sussurro. Por mais que Mansell procurasse, ele nunca a encontrou. Percorrera todo o continente, seguira pistas por toda Londres, sem sucesso. Linus não tivera nenhuma notícia até 1900, quando soube que uma criança tinha sido achada em Londres. Uma criança de cabelos vermelhos e olhos iguais aos da mãe.

Linus tirou os olhos do mar e olhou para o penhasco que ficava do lado esquerdo da enseada. De onde estava, podia ver um canto do novo muro de pedra.

Como ficara feliz quando soube da criança. Não conseguira recuperar Georgiana, mas através desta menina ela lhe seria devolvida.

Mas as coisas não tinham corrido como ele esperava. Eliza tinha lhe resistido, nunca tinha entendido por que ele a mandara buscar, que a levara para lá para que ela soubesse que pertencia a ele.

E agora a presença dela o atormentava, trancada naquele maldito chalé. Tão perto e, no entanto... Já fazia quatro anos. Quatro anos que ela não vinha para aquele lado do labirinto. Por que ela era tão cruel? Por que o rejeitava de novo?

Uma lufada súbita de vento e Linus sentiu o chapéu levantar as abas. Ele ergueu a mão, instintivamente, para segurá-lo e, ao fazer isso, soltou a fotografia.

O vento levou sua *poupée*. Para cima e para baixo, flutuando no vento, cada vez mais longe. Pousando, finalmente, na água e sendo carregada pelo mar.

Tirada de Linus, mais uma vez, escorregando entre seus dedos.

Desde a visita de Eliza que Rose andava preocupada. Buscando uma solução para o seu dilema. Quando Eliza surgiu no portão do labirinto, Rose teve um choque, percebeu que estava em perigo. Pior do que isso, que estava em perigo havia muito tempo e não tinha se dado conta disso. Uma onda de pânico a deixou tonta. Alívio por não ter acontecido nada até então, e medo de que isso mudasse. E, depois de refletir muito sobre o assunto, teve certeza de uma coisa: mamãe tinha razão, era preciso colocar uma distância entre eles e Eliza.

Rose puxou delicadamente a linha do seu bordado e disse, com a voz mais calma possível:

– Eu estive pensando de novo na visita da Autora.

Nathaniel levantou os olhos da carta que estava escrevendo.

Disfarçou rapidamente a preocupação do olhar.

– Como eu disse antes, minha querida, não pense mais nisso. Não vai tornar a acontecer.

– Você não pode ter certeza disso, pois quem adivinharia que ela viria até aqui?

Mais severo desta vez.

– Ela não tornará a vir.

– Como você sabe?

Nathaniel ficou vermelho. A mudança foi ligeira, mas Rose notou.

– Nate? O que foi?

– Falei com ela.

O coração de Rose disparou.

– Você a viu?

– Fui obrigado a ver. Por você, minha querida. Você ficou tão nervosa com a visita dela que precisei me certificar de que isto não tornaria a acontecer.

– Mas eu não queria que você falasse com ela. – Isto era pior do que Rose tinha imaginado. Sentiu um calor por dentro e a certeza ainda maior de que tinham que partir. Todos eles. Que Eliza precisava ser arrancada de uma vez por todas da vida deles. Rose respirou devagar, obrigou seu rosto a relaxar. Não era bom que Nathaniel achasse que ela não estava bem, que estava tomando decisões impensadas. – Falar com ela não é o bastante, Nate.

– O que mais se pode fazer? Você não está sugerindo que nós a tranquemos no chalé, está? – Ele estava tentando fazê-la rir, mas ela não se mexeu.

– Eu estava pensando em Nova York.

Nathaniel ergueu as sobrancelhas.

– Nós já conversamos sobre a possibilidade de passar algum tempo do outro lado do Atlântico. Acho que deveríamos acelerar nossos planos.

– Deixar a Inglaterra?

Rose assentiu, com firmeza.

– Mas eu tenho encomendas. Nós falamos em contratar uma preceptora para Ivory.

– Sim, sim – Rose disse, impacientemente. – Mas não estamos seguros aqui.

Nathaniel não disse nada, nem precisava, porque sua expressão dizia tudo. Rose não se importou. Ele acabaria concordando, como sempre fazia. Especialmente por temer que ela entrasse de novo em depressão. Era lamentável usar a devoção de Nathaniel contra ele, mas Rose não tinha escolha. A maternidade e a família eram o sonho de Rose; não pretendia pôr tudo isso a perder. Quando Ivory nasceu, quando foi colocada nos braços de Rose, foi como se eles tivessem sido presenteados com um novo começo. Ela e Nathaniel eram felizes de

novo, nunca falavam sobre o que tinha acontecido antes disso. Aquele tempo não existia mais. Desde que ficassem longe de Eliza.

– Tenho aquele compromisso em Carlisle – Nathaniel disse. – Já comecei o trabalho. – Na voz dele, Rose percebeu a hesitação que usaria para quebrar sua resistência.

– E é claro que você deve terminá-lo – ela disse. – Nós vamos cumprir o compromisso em Carlisle e partir logo em seguida. Eu tenho três passagens reservadas no *Carmania*.

– Você já reservou as passagens. – Uma constatação, mais do que uma pergunta.

Rose adoeceu a voz.

– É o melhor que temos a fazer, Nathaniel. Você precisa entender. É a única maneira de termos segurança. E pense o que esta viagem significará para a sua carreira. É bem capaz de sair no *New York Times*. A volta triunfante de um dos cidadãos mais talentosos da cidade.

Enfiada debaixo da cadeira favorita de vovó, Ivory murmurou as palavras para si mesma. – Nova York. – Ivory sabia onde ficava York. Uma vez, quando estavam viajando para a Escócia, ela e mamãe e papai tinham passado alguns dias em York, na casa de uma das amigas de vovó. Uma senhora bem idosa, de óculos e com olhos que pareciam estar sempre chorando. Mas mamãe não estava falando de York, Ivory tinha ouvido claramente. *Nova York*, ela tinha dito, eles deviam ir logo para *Nova York*. E Ivory sabia onde ficava essa cidade. Era do outro lado do oceano, o lugar onde papai tinha nascido, sobre o qual ele contara tantas histórias para ela, cheias de arranha-céus e música e automóveis. Uma cidade onde tudo faiscava.

Um monte de pelos de cachorro fez cócegas no nariz de Ivory e ela lutou para controlar um espirro. Esta era uma das suas habilidades mais impressionantes, evitar espirros, e por isso conseguia se esconder tão bem. Ivory gostava tanto de se esconder, que às vezes fazia isso só por prazer. Sozinha numa sala, escondia-se pelo prazer de saber que até a própria sala tinha se esquecido de que ela estava lá.

Hoje, no entanto, Ivory tinha se escondido com um objetivo. Vovô estava esquisito. Normalmente ele ficava quieto no seu canto, mas ultimamente tinha dado para aparecer onde quer que Ivory estivesse, dizendo que ela era dele. Sempre com sua câmera marrom, tentando tirar fotografias dela com aquela boneca quebrada. Ivory não gostava da boneca quebrada com seus olhos parados, horríveis. Então, embora mamãe dissesse que ela devia fazer o que vovô pedisse, que era uma grande honra ser fotografada, Ivory preferia se esconder.

Quando pensava na boneca, ficava arrepiada, então tentou pensar em outra coisa. Alguma coisa que a deixasse feliz, como a aventura com papai, no labirinto. Ivory estava brincando lá fora quando viu papai sair pela porta lateral da casa. Ele estava andando tão depressa, que ela primeiro pensou que ele ia pegar a carruagem para pintar o retrato de alguém. Só que ele estava sem o seu equipamento e não estava vestido do jeito com que costumava se vestir quando tinha um encontro importante. Ivory o viu atravessar o gramado na direção do portão do labirinto e então soube exatamente o que ele ia fazer, ele não sabia fingir.

Ivory não pensou duas vezes. Correu atrás de papai, atravessou o portão do labirinto e entrou no túnel escuro. Porque Ivory sabia que a dama de cabelo vermelho, a que tinha levado o pacote para ela, morava do outro lado.

E agora, depois da visita que tinha feito com papai, sabia quem era a dama. O nome dela era Autora e, embora papai dissesse que ela era uma pessoa, Ivory sabia que isso não era verdade. Ela desconfiara disso no dia em que a Autora tinha vindo pelo labirinto, mas, depois de fitar os olhos dela no jardim do chalé, Ivory tinha certeza.

A Autora era mágica. Bruxa ou fada, não tinha certeza, mas Ivory sabia que a Autora não era uma pessoa como as outras.

Chalé do penhasco, 2005

Do lado de fora, o vento agitava as copas das árvores e o oceano rugia na enseada. O luar entrava pela vidraça, desenhando quadrados prateados no chão, e o cheiro forte da sopa de tomate com torradas tinha impregnado as paredes, o chão, o próprio ar. Cassandra, Christian e Ruby estavam sentados ao redor da mesa da cozinha, com o fogão aceso de um lado, um aquecedor a querosene do outro. Havia uma fileira de velas ao longo da mesa e em diversos pontos do aposento, mas ainda havia espaços escuros, aonde a luz das velas não chegava.

– Ainda não entendo – disse Ruby. – Como você sabe que Rose era estéril só por esse artigo de revista?

Christian tomou uma colher de sopa.

– A exposição ao raio-X. Seus óvulos não poderiam ter sobrevivido.

– Mas ela não saberia disso? Quer dizer, com certeza devia haver sinais de que alguma coisa estava errada.

– Como o quê?

– Bem, ela ainda... você sabe... ficava menstruada?

Christian sacudiu os ombros.

– Acho que sim. A função do seu sistema reprodutor permaneceu inalterada, ela ainda liberava um óvulo todo mês, mas os próprios óvulos tinham sido afetados.

– De tal forma que ela não podia engravidar?

– Ou, se engravidasse, o feto teria tantos problemas, que ela, com toda certeza, abortaria. Ou teria uma criança com grandes deformidades.

Cassandra empurrou o prato de sopa.

– Isso é terrível. Por que ele fez isso?

– Provavelmente queria ser um dos primeiros a usar aquela nova tecnologia, queria a glória de ver seu trabalho publicado. Não havia nenhuma razão médica para fazer um raio X, a menina tinha apenas engolido um dedal.

– E quem não engoliu? – ironizou Ruby, passando um pedaço de pão pela borda do prato vazio.

– Mas por que uma hora de exposição? Isso não era necessário, era?

– É claro que não – respondeu Christian. – Mas as pessoas não sabiam disso na época, este tipo de exposição prolongada era comum.

– Imagino que elas achavam que, se você conseguia uma boa imagem em quinze minutos, poderia conseguir uma melhor ainda em uma hora – disse Ruby.

– E foi antes de saberem dos riscos. O raio X só foi descoberto em 1895, então o dr. Matthews foi um pioneiro. No início, as pessoas achavam que ele era benéfico, que podia curar câncer e lesões de pele e outras doenças. As queimaduras eram, sem dúvida, óbvias, mas só muitos anos depois é que foi constatada a gravidade dos seus efeitos negativos.

– As manchas de Rose eram decorrentes disso – disse Cassandra. – Eram marcas de queimadura.

Christian assentiu.

– Além de fritar seus ovários, a exposição ao raio X com certeza queimou sua pele.

Uma rajada de vento fez os galhos baterem contra a vidraça e as velas piscaram quando o vento frio entrou pelas frestas do assoalho. Ruby colocou seu prato de sopa dentro do de Cassandra e limpou a boca com o guardanapo.

– Então, se Rose era estéril, quem era a mãe de Nell?

– Eu sei a resposta – disse Cassandra.

– Sabe?

Ela assentiu.

– Está tudo nos álbuns. De fato, acho que é isso que Clara quer me contar.

– Quem é Clara? – quis saber Christian.

Ruby disse, surpresa:

– Você acha que Nell era filha de Mary.

– Quem é Mary? – Christian perguntou.

– Uma amiga de Eliza – disse Cassandra. – Mãe de Clara. Uma criada em Blackhurst que foi despedida no início de 1909, quando Rose descobriu que ela estava grávida.

– Rose a mandou embora?

Cassandra assentiu.

– No álbum de recortes, ela escreveu que não suportava a ideia de que alguém tão indigno pudesse ter um filho, quando ela não conseguia ter.

Ruby tomou um gole de vinho.

– Mas por que Mary daria sua filha para Rose?

– Duvido de que ela tenha simplesmente *dado* a criança.

– Você acha que Rose comprou o bebê?

– É possível, certo? As pessoas já fizeram coisas piores para ter um filho.

– Você acha que Eliza sabia? – disse Ruby.

– Pior do que isso – disse Cassandra. – Acho que ela ajudou. Acho que foi por isso que ela foi embora.

– Culpa?

– Exatamente. Ela ajudou Rose a usar sua posição de poder para tirar uma criança de alguém que precisava de dinheiro e não pode ter se sentido confortável com isso. Ela e Mary eram muito chegadas, segundo Rose.

– Você está presumindo que Mary quisesse ficar com a criança – disse Ruby. – Que não queria abrir mão dela.

– Eu estou presumindo que a decisão de dar um filho nunca é simples. Mary pode ter precisado de dinheiro, um bebê pode ter sido uma inconveniência, ela pode ter achado que o filho teria um lar melhor, mas ainda acho que deve ter sido algo devastador.

Ruby ergueu as sobrancelhas.

– E Eliza a ajudou.

– Depois partiu. É isso que me faz achar que o bebê não foi dado de bom grado. Acho que Eliza foi embora porque não conseguiu ficar e ver Rose com o bebê de Mary. Acho que o fato de separar mãe e filho foi algo traumático que pesou na consciência de Eliza.

Ruby balançou lentamente a cabeça.

– Isso explicaria por que Rose se recusou a ter contato com Eliza depois do nascimento de Ivory, por que as duas se afastaram uma da outra. Rose deve ter percebido que Eliza não estava à vontade com isso e teve medo que ela fizesse alguma coisa que pudesse perturbar sua felicidade.

– Como tomar Ivory de volta – concluiu Christian.

– O que, no fim, ela fez.

– Sim – disse Ruby –, o que, no fim, ela fez. – Ela ergueu as sobrancelhas para Cassandra. – Então quando é que você vai falar com Clara?

– Ela me convidou para ir lá amanhã, às onze horas.

– Que droga. Vou embora às nove. Maldito trabalho. Adoraria ir, podia dar uma carona para você.

– Eu levo você – disse Christian. Ele estava mexendo nos botões do aquecedor, aumentando a chama, e o cheiro de querosene estava forte.

Cassandra evitou o sorriso de Ruby.

– É mesmo? Você tem certeza?

Ele sorriu, fitou-a nos olhos por algum tempo antes de desviar o olhar.

– Você me conhece. Estou sempre pronto para ajudar.

Cassandra sorriu, baixou os olhos e ficou vermelha. Alguma coisa em Christian a fazia se sentir como se tivesse treze anos de novo. E era um sentimento tão jovem, tão nostálgico – como se voltasse para um tempo e um lugar onde a vida ainda fosse acontecer para ela –, que tinha vontade de se agarrar a ele. De ignorar a sensação de culpa pelo fato de que, por ter prazer na companhia de Christian ela estivesse, de algum modo, sendo desleal a Nick e a Leo.

– Então por que você acha que Eliza esperou até 1913? – Christian olhou de Ruby para Cassandra. – Quer dizer, para pegar Nell de volta. Por que não fez isso antes?

Cassandra passou a mão de leve pela superfície da mesa. Observou a luz da vela iluminar sua pele.

– Acho que ela fez isso porque Rose e Nathaniel morreram no desastre de trem. Meu palpite é que, apesar das dúvidas, ela estava disposta a não interferir para não deixar Rose infeliz.

– Mas quando Rose morreu...

– Exatamente. – Olhou para ele. A seriedade da expressão dele provocou um arrepio em sua espinha. – Com Rose morta, não suportou mais a ideia de que Ivory permanecesse em Blackhurst. Acho que roubou a menina para devolvê-la para Mary.

– Então por que não fez isso? Por que a pôs num navio para a Austrália?

Cassandra suspirou e fez a chama da vela tremer.

– Ainda não cheguei a uma conclusão sobre isso.

Nem chegara a uma conclusão sobre o quanto William Martin sabia quando se encontrou com Nell em 1975. Mary era irmã dele, não saberia que ela estava grávida? Não saberia caso ela tivesse um filho e não ficasse com ele? E, com certeza, se ele soubesse que ela estava grávida, soubesse do papel que Eliza desempenhou na adoção não oficial, não teria contado a Nell? Afinal de contas, se Mary fosse a mãe de Nell, então William era seu tio. Cassandra não conseguia imaginar por que ele se calaria se uma sobrinha havia muito desaparecida aparecesse na sua casa.

Entretanto, não há nenhuma menção no caderno de Nell a algo desta natureza. Cassandra tinha lido atentamente cada página, procurando alguma pista que tivesse deixado passar. William não tinha dito nem feito nada que sugerisse que Nell era parente dele.

Era possível, é claro, que William não tivesse percebido que Mary estava grávida. Cassandra já ouvira falar de casos semelhantes, em revistas e programas de televisão americanos, moças que disfarçavam a

gravidez durante nove meses. E fazia sentido que Mary tivesse feito isso. Para que o acordo funcionasse, Rose teria insistido em discrição. Não iria querer que aquela pequena aldeia ficasse sabendo que o bebê não era dela.

Mas seria mesmo possível que uma moça engravidasse, ficasse noiva do namorado, perdesse o emprego, desse o bebê para outra pessoa, retomasse sua vida e ninguém ficasse sabendo? Cassandra estava deixando passar alguma coisa, tinha que estar.

– É meio parecido com as histórias de fadas de Eliza, não é?
Cassandra olhou para Christian.

– O quê?

– Tudo: Rose, Eliza, Mary, o bebê. Isso não lembra “O ovo dourado”?

Cassandra sacudiu a cabeça. O nome não era familiar.

– Está em *Histórias mágicas para meninas e meninos*.

– Não no meu exemplar, nós devemos ter edições diferentes.

– Só houve uma edição. É por isso que o livro é tão raro.

Cassandra ergueu os ombros.

– Eu nunca vi.

Ruby abanou a mão.

– Chega, quem quer saber quantas edições existiram? Conte-nos a história, Christian. Por que você acha que ela foi inspirada em Mary e no bebê?

– É uma história estranha, na verdade, “O ovo dourado”; sempre tive essa impressão. É diferente das outras histórias de fadas, mais triste, com um arcabouço moral menos sólido. É sobre uma rainha má que obriga uma jovem donzela a abrir mão de um ovo dourado mágico para curar a princesa doente. A donzela, a princípio, resiste, porque sua missão na vida é guardar o ovo, sua herança, acho que é assim que ela descreve, mas a rainha a vence pelo cansaço e, no fim, ela consente porque é convencida de que, se não fizer isso, a princesa ficará eternamente infeliz e o reino será amaldiçoado com um inverno sem fim. Tem um personagem que faz o papel de intermediário na

transação, a criada. Ela trabalha para a princesa e para a rainha, mas, no fim, tenta convencer a donzela a não dar o ovo. É como se ela compreendesse que o ovo é uma parte da donzela, que, sem ele, a donzela se tornará inútil, não terá razão para viver. O que é exatamente o que acontece: ela entrega o ovo e destrói a sua vida.

– Você acha que a criada era Eliza? – pergunta Cassandra.

– Isso se encaixa, não acha?

Ruby apoiou o queixo no punho.

– Deixe-me entender direito, você está dizendo que o ovo era a criança? Nell?

– Sim.

– E que Eliza escreveu a história para aplacar sua culpa?

Christian sacudiu a cabeça.

– Culpa não. A história não passa uma sensação de culpa, e sim de tristeza. Por si mesma e por Mary. E por Rose, de certa forma. Os personagens da história estão todos fazendo o que julgam certo, só que não pode haver um final feliz para nenhum deles.

Cassandra mordeu o lábio, pensativamente.

– Você acha mesmo que um conto de fadas pode ser autobiográfico?

– Não exatamente autobiográfico, não num sentido literal, a menos que ela tivesse experiências muito doidas. – Ele ergueu as sobrancelhas ao dizer isso. – Só acho que Eliza deve ter elaborado fatos de sua própria vida, transformando-os em ficção. Não é isso que os escritores fazem?

– Não sei. É?

– Vou trazer “O ovo dourado” comigo amanhã – disse Christian. – Você pode julgar por você mesma. – A luz amarela da vela acentuava a ossatura do seu rosto, fazia sua pele brilhar. Ele sorriu, timidamente. – Os contos de fadas são a única voz que restou para Eliza. Quem sabe o que mais ela está tentando nos contar?

Depois que Christian saiu, Ruby e Cassandra estenderam seus sacos de dormir sobre o colchão de espuma que tinham levado. Tinham

resolvido ficar no andar de baixo para aproveitar o calor do fogão e empurraram a mesa para abrir espaço. O vento que vinha do mar entrava pelas frestas debaixo das portas, subia pelas frestas do assoalho. A casa tinha um cheiro de terra molhada, mais do que Cassandra percebera durante o dia.

– Esta é a parte em que contamos histórias de fantasmas uma para a outra – Ruby sussurrou, virando-se para olhar para Cassandra. Ela sorriu, o rosto sombreado pela luz das velas. – Como isto é divertido. Já disse o quanto você tem sorte em possuir um chalé mal-assombrado na beira de um penhasco?

– Uma ou duas vezes.

Ela sorriu.

– E como você é sortuda em ter um “amigo” como Christian, que é bonito, inteligente e educado?

Cassandra se concentrou no zíper do seu saco de dormir, fechou-o com uma precisão e uma atenção exageradas.

– Um “amigo” que, obviamente, está encantado com você, não?

– Ora, Ruby – Cassandra sacudiu a cabeça –, isso não é verdade. Ele gosta de ajudar a cuidar do jardim, só isso.

Ruby ergueu uma sobrancelha, achando graça.

– É claro que é do jardim que ele gosta. Foi por isso que passou duas semanas trabalhando de graça.

– É verdade!

– É claro que é.

Cassandra disfarçou um sorriso e adotou um tom levemente indignado.

– Quer você acredite ou não, o jardim secreto é muito importante para Christian. Ele costumava brincar ali quando era menino.

– E essa paixão intensa pelo jardim deve explicar por que ele vai levá-la até Polperro amanhã.

– Ele só está sendo gentil, é uma pessoa gentil. Não tem nada a ver comigo, com os sentimentos dele a meu respeito. Ele não “gosta” de mim.

Ruby balançou a cabeça, com um jeito meio irônico.

– Claro, você tem razão. Quer dizer, o que é gostar?

Cassandra olhou para ela de esguelha, sorriu sem querer.

– Então – ela disse, mordendo o lábio inferior –, você o acha bonito?

Ruby riu.

– Sonhe com os anjos, Cassandra.

– Boa-noite, Ruby.

Cassandra apagou a vela, mas a lua cheia iluminou o aposento. Uma luz prateada cobria cada superfície como se fosse cera. Ela ficou ali deitada, repassando todas as peças do quebra-cabeças em sua mente: Eliza, Mary, Rose e, mesmo não fazendo parte do contexto, Christian, olhando para ela.

Em dois minutos, Ruby estava ressonando. Cassandra sorriu para si mesma. Devia ter adivinhado que Ruby tinha um sono fácil. Fechou os olhos e suas pálpebras ficaram pesadas.

Enquanto o mar batia na base do penhasco e as árvores murmuravam agitadas pelo vento, Cassandra adormeceu...

...Ela estava no jardim, no jardim secreto, sentada na grama, debaixo da macieira. O dia estava muito quente e uma abelha zumbia ao redor das flores, indo e vindo ao sabor do vento.

Estava com sede, estava louca por um gole de água, mas não tinha água por perto. Estendeu a mão, tentou se levantar, mas não conseguiu. Sua barriga estava enorme, a pele esticada e coçando debaixo do vestido.

Ela estava grávida.

Assim que percebeu isso, a sensação se tornou familiar. Podia sentir o coração batendo com força, o calor da sua pele, depois o bebê começou a chutar...

– Cass.

... a chutar com tanta força, que sua barriga estufou de um lado, ela pôs a mão naquele caroço, tentando segurar o pezinho...

– Cass.

Ela abriu os olhos. O luar iluminava as paredes. O fogão crepitava. Ruby estava apoiada num dos cotovelos, batendo no ombro dela.

– Você está bem? Estava gemendo.

– Estou bem. – Cassandra ergueu o corpo de repente. Pôs a mão na barriga. – Meu Deus, tive um sonho muito estranho. Eu estava grávida, muito grávida. Minha barriga estava enorme e esticada, e foi tudo tão nítido. – Ela esfregou os olhos. – Eu estava no jardim secreto e o bebê começou a chutar.

– Foi a conversa que tivemos mais cedo, sobre o bebê de Mary, e Rose, e o ovo dourado, tudo junto.

– Sem falar no vinho. – Cassandra bocejou. – Mas foi tão real, parecia que estava mesmo acontecendo. Eu estava tão desconfortável, com tanto calor, e quando o bebê chutou doeu tanto.

– Você pinta um belo quadro de gravidez – disse Ruby. – Estou quase feliz por nunca ter experimentado isso.

Cassandra sorriu.

– Os últimos meses não são nada agradáveis, mas, no fim, vale a pena. Aquele momento em que você finalmente segura um bebezinho em seus braços.

Nick chorou na sala de parto, mas Cassandra não. Ela estava tão presente, tão ativa, que não reagiu do mesmo jeito. Para chorar, teria que se distanciar dos acontecimentos e enxergá-los num contexto maior. A experiência de Cassandra tinha sido imediata demais para isso. Sentia um cansaço que vinha de dentro, uma alegria estonteante. Como se pudesse ouvir melhor, ver melhor do que antes. Podia ouvir seu sangue correndo, as luzes vibrando no teto, a respiração do seu bebê.

– Na verdade, eu fiquei grávida uma vez – disse Ruby. – Mas apenas por uns cinco minutos.

– Ah, Ruby. – Cassandra disse, compadecida. – Você perdeu o bebê?

– Pode se dizer que sim. Eu era jovem, aquilo foi um erro, ele e eu concordamos em que era bobagem ir adiante com aquilo. Achei que teria muito tempo mais tarde para isso. – Ela ergueu os ombros, depois

alisou o saco de dormir. – O único problema foi que, quando eu estava pronta para isso, já não tinha os ingredientes necessários à minha disposição.

Cassandra inclinou a cabeça.

– Esperma, meu bem. Não sei se passei toda a fase dos meus trinta anos com TPM, mas, por alguma razão, os homens e eu não nos entendíamos. Quando encontrei um cara com o qual eu podia viver, o tempo de ter filhos já tinha passado. Tentamos por algum tempo, mas – ela sacudiu os ombros – bem, você não pode lutar contra a natureza.

– Sinto muito, Ruby.

– Não precisa. Eu estou bem. Tenho um emprego que adoro, tenho bons amigos. – Ela piscou o olho. – E, convenhamos, você viu o meu apartamento. Foi uma vitória consegui-lo. Não tem lugar nem para uma mosca, mas o que importa?

Cassandra sorriu.

– Você constrói sua vida com o que tem, não com o que não tem. – Ruby tornou a se deitar e se ajeitou no saco de dormir. – Boa-noite.

Cassandra continuou sentada por algum tempo, observando as sombras dançando nas paredes enquanto refletia sobre o que Ruby dissera. Sobre a vida que ela, Cassandra, tinha construído com as coisas, as pessoas, que não estavam mais lá. Era isso que Nell tinha feito também? Ignorado a vida e a família que lhe tinham sido dadas e se voltado para a que lhe tinha sido tirada? Cassandra deitou-se e fechou os olhos. Deixou que os sons da noite aquietassem seus pensamentos. O mar, as ondas batendo na rocha negra, o vento balançando os galhos das árvores...

O chalé era um lugar solitário, isolado de dia e mais ainda de noite. A estrada não ia até o alto do penhasco, a entrada do jardim secreto tinha sido fechada e, do outro lado do muro, havia um labirinto cujo caminho era difícil de percorrer. Era o tipo de lugar onde uma pessoa podia viver sem nunca enxergar outra alma.

Uma ideia repentina e Cassandra prendeu a respiração. Tornou a se sentar.

– Ruby – ela disse, depois mais alto – Ruby.

– Estou dormindo – foi a resposta.

– Mas eu entendi o que aconteceu.

– Ainda estou dormindo.

– Eu sei por que eles construíram o muro, por que Eliza partiu. Foi por isso que eu tive o sonho: meu inconsciente compreendeu e estava querendo me contar.

Um suspiro. Ruby virou de lado e apoiou a cabeça no braço.

– Você venceu, estou acordada.

– Foi aqui que Mary ficou durante a gravidez de Ivory, de Nell.

Aqui, no chalé. Por isso é que William não soube que ela estava grávida. – Cassandra se inclinou mais para perto de Ruby. – Foi por isso que Eliza partiu: Mary ficou aqui no lugar dela. Eles a mantiveram escondida no chalé, construíram o muro para que ninguém pudesse avistá-la.

Ruby esfregou os olhos e ergueu o corpo.

– Eles transformaram o chalé numa gaiola até o bebê nascer e Rose se tornar mãe.

Tregenna, 1975

Na véspera da sua partida de Tregenna, Nell foi uma última vez ao chalé do penhasco. Levou a mala branca com ela, cheia de documentos e pesquisas que fizera durante a visita. Queria examinar suas anotações, e o chalé parecia um lugar tão bom quanto qualquer outro para fazer isso. Pelo menos, foi o que disse a si mesma quando decidiu subir a estrada íngreme do penhasco. Não era verdade, é claro, não completamente. Pois, embora quisesse rever suas anotações, não era esse o motivo de ter ido ao chalé. Tinha ido simplesmente porque não conseguia ficar longe dele.

Girou a chave e abriu a porta. O inverno estava chegando e o chalé estava frio: o ar do hall estava pesado. Nell subiu a escada e levou a mala para o quarto. Gostava de olhar para o mar prateado e, na sua última visita, vira uma cadeira no canto do quarto que serviria muito bem aos seus propósitos. A cadeira estava descascada nas costas, mas isso não era um impedimento. Nell colocou a cadeira ao lado da janela, sentou-se com cuidado e abriu a mala branca.

Folheou os papéis que havia lá dentro: as anotações de Robyn sobre a família Mountrachet, as informações detalhadas do detetive que contratara para pesquisar a vida de Eliza, cartas dos advogados locais referentes à compra do chalé do penhasco. Nell encontrou a carta que tratava dos limites da propriedade e a abriu para estudar o mapa. Podia ver claramente a área que o jovem Christian tinha dito que era um jardim. Imaginou quem teria fechado o portão com tijolos e por quê.

Enquanto refletia, o papel caiu de sua mão. Inclinou-se para apanhá-lo e alguma coisa chamou sua atenção. O tempo úmido tinha soltado o rodapé, que estava solto da parede. Havia um pedaço de papel enfiado atrás. Nell segurou a ponta do papel e o puxou.

Um pedacinho de cartolina, manchado de mofo, no qual tinha sido desenhado o rosto de uma mulher, emoldurado por um arco formado por uma trepadeira. Nell reconheceu o retrato que vira na galeria em Londres. Era Eliza Makepeace, mas havia alguma coisa diferente neste desenho. Ao contrário do retrato de Londres, desenhado por Nathaniel Walker, que a fazia parecer intocável, este era mais íntimo. Alguma coisa nos olhos sugeria que este artista tinha sido mais íntimo de Eliza do que Nathaniel. Linhas ousadas, certas curvas e a expressão: algo nos olhos dela atraía e confrontava Nell ao mesmo tempo.

Nell alisou a ponta da cartolina. Pensar que aquilo estava ali havia tanto tempo. Tirou o livro de histórias de fadas da mala. Não sabia ao certo por que o trouxera para o chalé, só que parecia haver uma agradável simetria no fato de trazer as histórias para a casa, para o lugar onde Eliza Makepeace as tinha escrito. Indubitavelmente tolo, vergonhosamente sentimental, mas o que fazer? Agora Nell estava contente por tê-lo trazido. Abriu o livro e guardou o desenho lá dentro. Ali ele estaria seguro.

Recostou-se na cadeira e passou os dedos pela capa do livro, o couro macio com um alto relevo no centro, com a ilustração de uma donzela e um cervo. Era um belo livro, tão bonito quanto os que já tinham passado pela loja de antiguidades de Nell. E estava tão bem conservado, décadas passadas sob os cuidados de Hugh não o tinham prejudicado.

Embora Nell quisesse recordar tempos mais antigos, ela se viu pensando em Hugh. Especialmente nas noites em que ele lia histórias do livro de contos de fadas para ela dormir. Lil ficava preocupada, achando que elas pudessem ser assustadoras demais para a menina, mas Hugh compreendera. À noite, depois do jantar, quando Lil estava ajeitando a casa, ele se sentava na cadeira de vime e Nell se enroscava no colo dele. O peso agradável dos braços dele em volta dela para segurar o livro, o leve cheiro de tabaco na camisa dele, os pelos ásperos de sua barba roçando o seu cabelo.

Nell suspirou. Hugh tinha cuidado bem dela, e Lil também. Mesmo assim, ela os afastou da mente e se concentrou no passado mais remoto. Pois houve um tempo antes de Hugh, um tempo antes da viagem de navio para Maryborough, o tempo de Blackhurst e do chalé e da Autora.

Pronto – uma cadeira branca de jardim, sol, borboletas. Nell fechou os olhos e se agarrou à cauda da memória, deixou que ela a arrastasse para um dia quente de verão, para um jardim onde a sombra cobria um gramado. O ar carregado com o cheiro das flores banhadas de sol...

A menina estava fingindo que era uma borboleta. Uma grinalda de flores circundava a cabeça dela e ela estava com os braços estendidos para os lados, correndo em círculos, enquanto o sol aquecia suas asas. Ela se sentiu tão imponente quando o sol transformou em prata o algodão branco do seu vestido.

– Ivory.

A princípio a menina não ouviu, pois borboletas não falam a língua dos homens. Elas cantam no tom mais doce com palavras tão lindas, que os ouvidos dos adultos não conseguem escutar. Só as crianças notam quando elas chamam.

– Ivory, venha depressa.

Havia uma severidade na voz de mamãe que fez a menina correr batendo os braços na direção da cadeira branca do jardim.

– Venha, venha – disse mamãe, estendendo os braços, chamando com as pontas brancas dos seus dedos.

Com uma sensação de felicidade, a menina subiu no colo de mamãe, que envolveu a cintura da menina com os braços e encostou seus lábios frios na pele sob sua orelha.

– Eu sou uma borboleta – a menina disse –, esta cadeira é o meu casulo...

– Shh. Fique quietinha. – O rosto de mamãe ainda estava encostado no dela e a menina percebeu que ela estava olhando para alguma coisa mais adiante. A menina se virou para ver o que tanto atraía a atenção de mamãe.

Uma dama caminhava na direção delas. A menina apertou os olhos contra o sol para entender aquela miragem. Pois esta dama era diferente das que vinham visitar mamãe e vovó, as que ficavam para tomar chá e jogar bridge. Esta dama se parecia mais com uma menina que tivesse a altura de uma mulher adulta. Ela usava um vestido de algodão branco e seu cabelo vermelho estava apenas ligeiramente preso.

A menina procurou a carruagem que devia ter levado a dama até lá, mas não havia nenhuma carruagem. Ela parecia ter se materializado no ar, como por um passe de mágica.

Então a menina compreendeu. Ela prendeu a respiração, maravilhada. A dama não vinha da entrada da casa, ela saía de dentro do labirinto.

A menina era proibida de entrar no labirinto. Esta era uma das regras mais severas; tanto mamãe quanto vovó estavam sempre lhe dizendo que o caminho era escuro e cheio de perigos. A regra era tão rígida, que nem papai ousava desobedecer.

A dama caminhava diretamente na direção delas, meio andando, meio saltitando. Trazia alguma coisa, um pacote marrom, debaixo do braço.

Mamãe apertou mais a cintura da menina, fazendo com que o prazer se transformasse em desconforto.

A dama parou na frente delas.

– Olá, Rose.

A menina sabia que este era o nome de mamãe, mas mamãe não respondeu.

– Sei que não devia vir aqui. – Uma voz maviosa, como uma teia de aranha, que a menina gostaria de segurar entre os dedos.

– Então por que você veio?

A dama estendeu o pacote, mas mamãe não o pegou. Ela tornou a apertar a menina.

– Não quero nada de você.

– Não trouxe para você. – A dama colocou o pacote no banco do jardim. – É para a sua garotinha.

O pacote continha o livro de contos de fadas, Nell agora se lembrava. Houve uma discussão depois, entre sua mãe e seu pai: ela insistira em jogar fora o livro e, no fim, ele concordara e o levaria embora. Mas não o jogara fora. Guardara-o no estúdio, ao lado do exemplar de *Moby Dick*. E ele lia para Nell, quando ela ficava junto dele, quando sua mãe estava doente e não percebia nada.

Excitada com a lembrança, Nell tornou a acariciar a capa do livro. Tinha sido um presente de Eliza. Ela o abriu cuidadosamente no lugar em que, por sessenta anos, estivera a fita que servia de marcador. Era cor de ameixa, só estava um pouquinho desfiada e marcava o início de uma história chamada “Os olhos da velha”. Nell começou a ler sobre a jovem princesa que não sabia que era princesa, que atravessou o mar em busca da terra das coisas perdidas para devolver a visão da velha. A história era vagamente familiar, como devia ser uma história muito apreciada na infância. Nell colocou o marcador no novo lugar e fechou o livro, colocando-o sobre o parapeito da janela.

Ela franziu a testa e olhou mais de perto. Ainda havia uma fresta na lombada, onde a fita tinha estado.

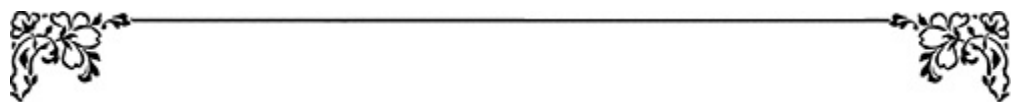
Nell tornou a abrir o livro: este se abriu automaticamente na história “Os olhos da velha”. Ela passou os dedos pelo lado de dentro da lombada.

Havia páginas faltando. Não muitas, apenas cinco ou seis, mal dava para notar, mas, de qualquer forma, estavam faltando.

Tinham sido retiradas com cuidado. Bem perto da costura, com um canivete, talvez.

Nell verificou a numeração das páginas. Havia um salto entre a cinquenta e cinco e a sessenta e um.

O intervalo perfeito entre duas histórias...



O OVO DOURADO

Eliza Makepeace

Era uma vez, muito tempo atrás, uma jovem donzela que morava num pequeno chalé nos arredores de um reino grande e próspero. A donzela era pobre, e o chalé ficava tão escondido no fundo do bosque, que ninguém o avistava. Muito tempo antes, havia pessoas que sabiam da existência do pequeno chalé com sua lareira de pedra, mas essas pessoas já tinham morrido e a Mãe Tempo tinha coberto o lugar com um véu de esquecimento. Fora os pássaros que vinham cantar na sua janela e os animais da floresta que vinham em busca do calor da sua lareira, a donzela vivia sozinha. Entretanto, ela nunca se sentiu solitária ou infeliz, pois a donzela do chalé estava ocupada demais para desejar uma companhia que nunca tivera.

No fundo do chalé, atrás de uma porta especial com uma fechadura brilhante, havia um objeto precioso. Um ovo dourado cujo brilho era tanto, tão lindo, que quem o contemplasse ficaria cego na mesma hora. O Ovo Dourado era tão velho, que ninguém sabia a sua idade, e por inúmeras gerações a família da donzela tinha sido encarregada de protegê-lo.

A donzela não questionou esta responsabilidade, pois ela sabia que este era o seu destino. O ovo tinha que ser mantido seguro e escondido. O mais importante, a existência do ovo tinha que ser mantida em segredo. Muitos anos antes, quando o reino era novo, grandes guerras tinham sido travadas por causa do Ovo Dourado, pois dizia a lenda que ele tinha poderes mágicos e podia garantir ao seu dono a realização de todos os seus desejos.

Então a donzela o vigiava. De dia, ela se sentava na roca de fiar na janela do chalé, cantando alegremente com os pássaros que se reuniam para vê-la trabalhar. De noite, oferecia abrigo para os seus

amigos animais e dormia no calor do chalé, aquecido pelo brilho que emanava do Ovo Dourado. E se lembrava sempre de que nada era mais importante do que proteger sua herança.

Enquanto isso, do outro lado do reino, no imponente castelo, vivia uma jovem princesa que era boa e justa, mas muito infeliz. Sua saúde era frágil e, por mais que a mãe dela, a rainha, se esforçasse, nada conseguia curar a princesa. Havia gente que dizia que, quando ela era um bebê, um boticário malvado a amaldiçoara para que sempre tivesse pouca saúde, mas ninguém ousava dizer isso em voz alta. Pois a rainha era uma governante cruel e os súditos temiam a sua ira.

A filha da rainha, entretanto, era a luz dos olhos da mãe. Toda manhã, a rainha ia visitar a filha, mas infelizmente, toda manhã, a princesa estava do mesmo jeito: pálida, fraca e cansada.

– Tudo o que eu desejo, mamãe – ela murmurava – é ter forças para passear pelos jardins do castelo, para dançar nos bailes do castelo, para nadar nas águas do castelo. Ficar boa é o meu maior desejo.

A rainha tinha um espelho mágico onde via as idas e vindas do reino e todo dia ela perguntava:

– Espelho meu, amigo querido, mostre-me o curandeiro que porá fim a este horror.

Mas, todo dia, o espelho dava a mesma resposta:

– Não existe ninguém, minha rainha, em toda a terra, que possa curá-la.

Aconteceu que um dia a rainha estava tão nervosa com o estado da filha, que se esqueceu de fazer ao espelho a pergunta habitual. Em vez disso, começou a soluçar, dizendo:

– Espelho meu, que eu tanto admiro, mostre-me como realizar o desejo da minha filha.

O espelho ficou calado por um momento, mas, no seu centro, uma imagem começou a se formar um pequeno chalé no meio de uma floresta escura, com fumaça saindo de uma pequena chaminé

de pedra. Lá dentro, na janela, estava sentada uma jovem donzela, fiando numa roca e cantando junto com os pássaros pousados no parapeito.

– O que você está me mostrando? – perguntou a rainha, atônita.
– Esta jovem é uma curandeira?

A voz do espelho soou baixa e tenebrosa:

– Na floresta escura, nos arredores do reino, há um chalé. Lá dentro, existe um ovo dourado com o poder de conceder ao seu dono a realização dos seus desejos. A donzela que você está vendo é a guardiã do Ovo Dourado.

– Como vou tirar o ovo dela? – quis saber a rainha.

– Ela faz o que faz pelo bem do reino – disse o espelho – e não concordará com facilidade.

– Então o que tenho que fazer?

Mas o espelho mágico não tinha mais respostas, e a imagem do chalé desapareceu, restando apenas o vidro do espelho. A rainha ergueu o queixo orgulhosamente, olhando para o próprio rosto com um sorriso que se formou lentamente em seus lábios.

Bem cedo na manhã seguinte, a rainha mandou chamar a criada mais chegada à princesa. Uma moça que tinha morado a vida toda no reino e na qual a rainha sabia que podia confiar para fazer qualquer coisa que pudesse garantir a saúde e a felicidade da princesa. A rainha mandou a criada se apoderar do Ovo Dourado.

A criada partiu na direção da floresta escura. Durante três dias e três noites, ela caminhou para leste e, ao anoitecer do terceiro dia, ela chegou à beira da floresta. Pisou em galhos caídos e abriu caminho no meio da folhagem até que, finalmente, avistou um pequeno chalé numa clareira, com uma fumaça perfumada saindo de sua chaminé.

A criada bateu na porta e esperou. Quando esta se abriu, havia uma jovem donzela parada do outro lado e, embora ela ficasse surpresa ao ver uma visitante na sua porta, um sorriso generoso espalhou-se pelo seu rosto. Convidou a criada a entrar.

– Você está cansada – disse a donzela. – Você veio de muito longe. Venha se aquecer perto da lareira.

A criada entrou atrás da donzela e se sentou numa almofada ao lado do fogo. A donzela trouxe uma tigela de sopa e ficou sentada, tecendo calmamente, enquanto a visita comia. O fogo crepitava na lareira e o calor do aposento deixou a criada muito sonolenta. Sua vontade de dormir era tão grande, que ela teria esquecido sua missão se a donzela do chalé não tivesse dito:

– Você é muito bem-vinda aqui, estranha, mas perdoe-me por perguntar: qual é o objetivo da sua visita?

– Eu fui enviada pela rainha desta terra – disse a criada. – Ela quer a sua ajuda para curar a filha dela.

Os pássaros da floresta às vezes cantavam a respeito dos acontecimentos do reino, então a donzela tinha ouvido falar na bela e bondosa princesa que morava no castelo.

– Farei o que puder – disse a donzela –, mas não entendo por que a rainha mandou me chamar, porque eu não sei curar ninguém.

– A rainha me mandou buscar uma coisa que você tem aqui – disse a criada. – Um objeto com o poder de conceder ao seu dono a realização dos seus desejos.

A donzela entendeu então que a criada estava se referindo ao Ovo Dourado. Ela sacudiu tristemente a cabeça.

– Eu faria qualquer coisa para ajudar a princesa, menos o que você está pedindo. Proteger o Ovo Dourado foi a missão que herdei dos meus antepassados, e nada é mais importante do que isso. Você pode ficar aqui esta noite, mas amanhã deve voltar para o reino e dizer à rainha que não posso entregar o Ovo Dourado.

No dia seguinte, a criada partiu para o castelo. Viajou por três dias e três noites, até que, finalmente, chegou aos muros do castelo onde a rainha esperava por ela.

– Onde está o Ovo Dourado? – perguntou a rainha, olhando para as mãos vazias da criada.

– Eu falhei na minha missão – disse a criada. – Porque, infelizmente, a donzela do chalé se recusou a se separar da sua herança.

A rainha esticou o corpo e seu rosto ficou vermelho.

– Você deve voltar – ela disse, apontando o dedo de unha comprida para a criada – e dizer à donzela que seu dever é servir a seu reino. Se ela não fizer isso, vai ser transformada em pedra e ficará no pátio do castelo por toda a eternidade.

Então a criada tornou a rumar para leste, viajou por três dias e três noites, até chegar à porta do chalé. Bateu à porta e foi recebida alegremente pela donzela, que a mandou entrar e foi buscar um prato de sopa para ela. A donzela ficou fiando enquanto a criada comia, até que finalmente disse:

– Você é muito bem-vinda aqui, estranha, mas perdoe-me por perguntar se sua visita tem um objetivo.

– Eu fui enviada de novo pela rainha desta terra – disse a criada. – Ela pede a sua ajuda para curar a doença de sua filha. O seu dever é servir ao seu reino. Se você se recusar, a rainha disse que você será transformada em pedra e ficará no pátio do castelo por toda a eternidade.

A donzela sorriu tristemente.

– Proteger o Ovo Dourado é o meu destino – ela disse. – Eu não posso entregá-lo a você.

– Você quer ser transformada em pedra?

– Não – disse a donzela –, e isso não vai acontecer. Pois eu sirvo ao meu reino ao proteger o Ovo Dourado.

E a criada não discutiu, pois viu que o que a donzela do chalé dizia era verdade. No dia seguinte, a criada partiu de volta para o castelo e, quando chegou, a rainha estava, mais uma vez, esperando por ela nos muros do castelo.

– Onde está o Ovo Dourado? – perguntou, olhando para as mãos vazias da criada.

– Mais uma vez falhei na minha missão – disse a criada. – Pois infelizmente a donzela do chalé se recusou a entregar a sua herança.

– Você não disse à donzela que era seu dever servir ao reino?

– Sim, Majestade – disse a criada –, e ela disse que, ao guardar o Ovo Dourado, estava servindo ao reino.

O rosto da rainha ficou cinzento de raiva. Nuvens se formaram no céu e os corvos do reino voaram em busca de abrigo.

A rainha recordou as palavras do espelho – “ela faz o que faz pelo bem do reino” – e seus lábios se curvaram num sorriso.

– Você deve voltar mais uma vez – ela disse à criada – e, desta vez, você vai dizer à donzela que, se ela não entregar o Ovo Dourado, será responsável pela tristeza eterna da princesa, o que fará com que o reino mergulhe num inverno sem fim.

Então a criada rumou para leste pela terceira vez, viajando por três dias e três noites, até chegar de novo à porta do chalé. Bateu à porta e foi recebida alegremente pela donzela, que a fez entrar e foi buscar um prato de sopa para ela. A donzela ficou fiando enquanto a criada comia, até que finalmente disse:

– Você é muito bem-vinda aqui, estranha, mas perdoe-me por perguntar se sua visita tem um objetivo.

– Fui enviada mais uma vez pela rainha desta terra – disse a criada. – Ela quer a sua ajuda para curar a filha dela. O seu dever é servir ao reino; se você não entregar o ovo, a rainha disse que você será responsável pela tristeza eterna da princesa, e que o reino mergulhará num inverno sem fim.

A donzela do chalé ficou em silêncio por um longo tempo. Depois balançou a cabeça vagarosamente.

– Para poupar a princesa e o reino, vou entregar o Ovo Dourado.

A criada estremeceu enquanto a floresta escura se aquietava e um vento forte entrava por baixo da porta e agitava o fogo da lareira.

– Mas não existe nada mais importante do que proteger a própria herança – ela disse. – É o seu dever para com o reino.

A donzela sorriu.

– Mas de que adianta este dever se minhas ações fizerem o reino mergulhar num inverno sem fim? Um inverno sem fim irá congelar a terra – não haverá pássaros nem animais nem grãos. É para cumprir o meu dever que vou entregar o Ovo Dourado.

A criada olhou para a donzela com tristeza.

– Mas não existe nada mais importante do que proteger a sua herança. O ovo é uma parte de você, você tem o dever de protegê-lo.

Mas a donzela já tinha tirado do pescoço uma grande chave dourada e a enfiava na fechadura da porta especial. Quando girou a chave, ouviu-se um gemido que veio bem do fundo do chão do chalé, as pedras da lareira se mexeram, as vigas do teto suspiraram. A luz do chalé se apagou e algo brilhou dentro do quarto secreto. A donzela desapareceu e depois tornou a aparecer, segurando nas mãos um objeto encoberto, tão precioso, que o ar em volta dele parecia vibrar.

A donzela levou a criada para fora do chalé e, quando as duas alcançaram a extremidade da clareira, ela entregou sua herança. Quando se virou para voltar ao chalé, viu que ele estava mais escuro. A luz tinha desaparecido, incapaz de penetrar na densa floresta. Lá dentro, os aposentos estavam frios, não eram mais aquecidos pelo calor que emanava do Ovo Dourado.

Com o tempo, os animais pararam de vir e os pássaros foram embora, e a donzela descobriu que não tinha mais nenhuma utilidade. Desaprendeu a fiar, sua voz se transformou num sussurro e, finalmente, sentiu os membros duros e pesados, imóveis. Até que, um dia, percebeu que uma camada de poeira tinha coberto o chalé e seu corpo imóvel. Ela fechou os olhos e mergulhou no frio e no silêncio.

Alguns meses depois, a princesa do reino estava cavalgando com a criada nos limites da floresta. Embora um dia tivesse sido muito doente, a princesa tinha se recuperado milagrosamente e agora

estava casada com um belo príncipe. Tinha uma vida muito feliz: caminhava e dançava e cantava, desfrutando de todas as vantagens de uma boa saúde. Tinham uma filhinha muito amada, que comia puro mel, bebia o orvalho das pétalas das rosas e tinha lindas borboletas para brincar.

Quando a princesa e a criada estavam cavalgando pela floresta, a princesa sentiu um estranho desejo de entrar no bosque. Ela ignorou os protestos da criada e guiou seu cavalo para o interior da floresta fria e escura. Havia um silêncio profundo na floresta, nenhum animal ou pássaro perturbava o ar parado. O único ruído era o dos cascos dos cavalos.

Algum tempo depois, chegaram a uma clareira onde um pequeno chalé tinha sido encoberto pela vegetação.

– Ora, que bela casinha – disse a princesa. – Quem será que mora aqui?

A criada virou o rosto, estremecendo com o ar frio da clareira.

– Ninguém, minha princesa. Ninguém mora mais aqui. O reino floresce, mas não existe vida na floresta escura.

Chalé do penhasco, 1913

Eliza sabia que ia sentir saudade daquela costa, daquele mar, quando partisse. Embora fosse conhecer outra costa e outro mar, não seriam os mesmos. Outros pássaros e outra vegetação, ondas sussurrando suas histórias em línguas estrangeiras. Mas estava na hora. Ela já tinha esperado muito e sem motivo. O que estava feito estava feito e, apesar do remorso que a invadia no escuro, que a impedia de dormir enquanto se revirava na cama e se arrependia do papel que desempenhara na mentira, não tinha escolha a não ser seguir em frente.

Eliza desceu a escada de pedra até o píer. Um pescador ainda estava se preparando para o trabalho do dia, enchendo o barco com cestas e rolos de linha de pescar. Quando ela se aproximou, as pernas musculosas e as feições queimadas de sol se tornaram visíveis e Eliza viu que era William, o irmão de Mary. Descendente de uma longa linhagem de pescadores da Cornualha, ele se destacava por sua coragem e audácia, de modo que histórias de suas façanhas se espalhavam como capim pela costa.

Ele e Eliza tinham sido amigos um dia, e ele tinha lhe contado histórias da vida no mar, mas já fazia alguns anos que esta amizade tinha esfriado. Desde que Will viu o que não era para ver, desafiou Eliza e insistiu em que ela explicasse o inexplicável. Já fazia muito tempo que eles não se falavam, e Eliza sentia falta da companhia dele. O fato de saber que em breve estaria deixando Tregenna a fez deixar para trás o passado e se aproximar.

– Você está saindo tarde hoje, Will.

Ele ergueu a cabeça, ajeitou o boné. Seu rosto ficou vermelho e ele respondeu, sem jeito:

– E você veio cedo.

– Estou querendo aproveitar bem o dia. – Eliza estava perto do barco. A água batia de leve no lado do barco e o ar estava carregado de maresia. – Alguma notícia de Mary?

– Desde a semana passada que não tenho notícias. Ela ainda está feliz em Polperro, uma esposa de açougueiro bem típica.

Eliza sorriu. Era um prazer saber que Mary estava bem. Depois de tudo o que tinha passado, ela bem que merecia.

– Essa é uma boa notícia, Will. Vou escrever para ela hoje à tarde.

William franziu a testa. Ele baixou os olhos para as próprias botas e bateu com o pé na parede de pedra do píer.

– O que foi? – quis saber Eliza. – Eu disse alguma coisa estranha?

William mandou embora um par de gaivotas gulosas que queriam pegar suas iscas.

– Will?

Ele olhou de lado para Eliza.

– Nada de estranho, srta. Eliza, só que... estou satisfeito por vê-la bem, e um pouco surpreso.

– Por quê?

– Nós todos ficamos tristes ao saber da notícia. – Ele ergueu o queixo e coçou a barba que cobria seu rosto. – A respeito do sr. e da sra. Walker, por eles nos... deixarem.

– Nova York, sim. Eles partem no mês que vem. – Nathaniel tinha contado a Eliza. Ele a visitara de novo no chalé, levando Ivory. Era uma tarde chuvosa e a criança tinha sido levada para dentro. Subira para o quarto de Eliza. Quando Nathaniel contou a Eliza sobre os planos deles, dele e de Rose, de começar vida nova do outro lado do Atlântico, ela ficara zangada. Tinha se sentido abandonada, usada. Mais do que antes. Ao pensar em Nathaniel e Rose em Nova York, o chalé tinha, de repente, parecido o lugar mais triste do mundo; e a vida de Eliza, a vida mais triste que alguém podia ter.

Logo depois que Nathaniel saiu, Eliza lembrou-se do conselho da mãe, de que devia salvar-se, e decidiu que estava na hora de colocar em ação os seus planos. Reservou uma passagem num navio que a levaria

numa nova aventura, bem longe de Blackhurst e da vida que levava no chalé. Também tinha escrito para a sra. Swindell, dizendo que iria a Londres no mês seguinte e gostaria de visitá-la. Ela não tinha mencionado o broche da mãe – se Deus quisesse, ele ainda estaria guardado no pote de barro dentro da chaminé –, mas tencionava recuperá-lo.

E, com a herança da mãe, começaria uma vida nova, só dela.

William pigarreou.

– O que foi, Will? Você parece que viu um fantasma.

– Nada disso, srta. Eliza. É só que... – seus olhos azuis examinaram os dela. O sol estava alto no horizonte e ele teve que apertar os olhos.
– É possível que a senhorita não saiba?

– Não saiba o quê? – Ela ergueu de leve os ombros.

– A respeito do sr. e da sra. Walker... do trem que vinha de Carlisle.

Eliza assentiu.

– Eles passaram alguns dias em Carlisle. Devem estar de volta amanhã.

William apertou os lábios.

– Eles estarão de volta amanhã, srta. Eliza, mas não do modo como a senhorita pensa. – Ele suspirou e sacudiu a cabeça. – Está em todos os jornais, a aldeia toda está sabendo. Pensar que ninguém contou para a senhorita. Eu mesmo teria ido contar, mas... – Ele segurou as mãos dela, um gesto inesperado que fez com que seu coração disparasse. – Houve um acidente, srta. Eliza. Um trem bateu no outro. Alguns dos passageiros... o sr. e a sra. Walker... – ele olhou para ela. – Ambos morreram, srta. Eliza. Num lugar chamado Ais Gill.

Ele continuou, mas Eliza não estava ouvindo. Dentro de sua cabeça, uma luz vermelha tinha se acendido e bloqueado tudo, toda sensação, todo ruído, todos os pensamentos. Ela fechou os olhos e começou a cair, de olhos vendados, num poço sem fim.

Adeline mal conseguia respirar. A dor era tanta, que bloqueava seus pulmões. A notícia foi dada por telefone tarde da noite de terça-feira.

Linus estava trancado na câmara escura e Daisy tinha ido chamar Lady Mountrachet para atender ao telefone. Um policial do outro lado, a voz entrecortada pelas milhas de ar que separavam a Cornualha de Cumberland, tinha desferido o golpe terrível.

Adeline tinha desmaiado. Pelo menos, achava que isso tinha acontecido, porque a próxima coisa de que se lembrava era de estar acordando em sua cama, com um peso esmagando o seu peito. Um segundo de confusão e ela se lembrou; o horror foi revivido.

Ainda bem que havia um funeral para ser providenciado, procedimentos a serem seguidos, senão Adeline não teria suportado. Pois, por mais que seu coração estivesse despedaçado, havia coisas que precisava fazer. Como mãe enlutada, não podia fugir às suas responsabilidades. Ela devia isso a Rose, à sua amada filha.

– Daisy. – A voz dela soou rouca. – Vá buscar papel. Tenho que preparar uma lista.

Quando Daisy saiu apressada da sala, Adeline começou a fazer mentalmente uma lista. Os Churchills tinham que ser convidados, é claro, Lord e Lady Huxley. Os Astors, os Heusers... Ela informaria mais tarde à família de Nathaniel. Adeline não tinha coragem para incluir gente daquele tipo no funeral de Rose.

E a criança também não iria: uma ocasião tão solene não era lugar para uma pessoa como ela. Pena que não estivesse com os pais naquele trem, que um resfriado não a tivesse impedido de viajar. Pois o que Adeline ia fazer com a menina? A última coisa de que precisava era de algo que a lembrasse constantemente da morte de Rose.

Olhou pela janela na direção da enseada. A fileira de árvores, o mar mais adiante. Estendendo-se infinitamente.

Adeline se recusou a olhar para a esquerda. O chalé estava oculto, mas saber que ele estava ali era o suficiente. Ela sentiu o sangue gelar nas veias.

Uma coisa era certa. Eliza não seria informada antes do funeral. Adeline não suportaria ver a moça viva, quando Rose estava morta.

Três dias depois, enquanto Adeline, Linus e os criados se reuniam no cemitério do outro lado da propriedade, Eliza deu uma última caminhada ao redor do chalé. Já tinha enviado uma mala na frente para o porto para não ter que carregar muito peso. Só uma pequena valise de viagem com seu caderno e alguns artigos pessoais. O trem ia sair de Tregenna ao meio-dia e Davies, que ia buscar um carregamento de plantas novas que viriam no trem de Londres, tinha se oferecido para levá-la à estação. Ele era a única pessoa para quem contou que ia partir.

Eliza verificou o seu pequeno relógio de bolso. Havia tempo para uma última visita ao jardim secreto. Deixara o jardim por último, tinha limitado, de propósito, o tempo que poderia passar lá, com medo de não conseguir sair dali.

Mas ia ser assim. Tinha que ser assim.

Eliza se encaminhou para a entrada. Onde antes havia uma porta, agora só havia uma ferida aberta, um buraco no chão e uma quantidade de pedras esperando para serem usadas.

Acontecera durante a semana. Eliza estava limpando o jardim quando foi surpreendida por um par de operários se aproximando do chalé. Seu primeiro pensamento foi que eles estavam perdidos, mas então percebeu o quanto esta ideia era absurda. As pessoas não chegavam ao chalé por acaso.

– Lady Mountrachet nos enviou – o mais alto dos dois homens disse.

Eliza se levantou, limpando as mãos na saia. Ela não disse nada, esperou que ele continuasse.

– Ela disse que quer que esta porta seja retirada.

– É mesmo? Engraçado, ela nunca me disse isso.

O homem mais baixo deu um sorriso irônico, o mais alto ficou sem graça.

– E por que a porta vai ser retirada? – perguntou Eliza. – Tem outra para substituí-la?

– Nós vamos fechar o buraco com tijolos – disse o mais alto. – Lady Mountrachet disse que não haverá mais acesso a ele do chalé. Vamos cavar um buraco e colocar novas fundações.

É claro. Eliza devia ter esperado que houvesse repercussões depois de sua passagem pelo labirinto quinze dias antes. Quando as coisas foram combinadas quatro anos antes, as regras tinham sido claramente estabelecidas. Mary tinha recebido dinheiro para começar vida nova em Polperro e Eliza tinha sido proibida de ir além do jardim secreto. Mas não conseguira resistir.

Ainda bem que Eliza não estaria mais no chalé. Sem acesso ao jardim, não conseguiria suportar a vida em Blackhurst. Muito menos agora que Rose tinha morrido.

Passou pelo entulho onde antes tinha estado a porta e entrou no jardim secreto. O cheiro de jasmim ainda estava forte e a macieira dava frutos. As trepadeiras tinham cruzado o alto do jardim e formado um toldo de folhas.

Davies iria cuidar do jardim, Eliza sabia, mas não seria a mesma coisa. Ele já tinha muito trabalho e o jardim tomava muito do tempo e da dedicação.

– O que vai ser de você? – Eliza disse, baixinho.

Ela olhou para a macieira e sentiu uma dor no peito, como se um pedaço do seu coração tivesse sido arrancado. Lembrou-se do dia em que tinha plantado a árvore junto com Rose. Tanta esperança elas tinham na época, tanta fé de que tudo daria certo. Eliza não podia suportar a ideia de que Rose não estivesse mais neste mundo.

Algo atraiu o olhar de Eliza. Um pedaço de pano saindo de baixo da folhagem da macieira. Teria deixado um lenço ali, da última vez em que estivera lá? Ajoelhou-se e espiou por entre as folhas.

Havia uma garotinha, a filhinha de Rose, dormindo na grama.

Como se um encanto tivesse sido quebrado, a menina se mexeu. Piscou os olhos, abriu-os e fitou Eliza.

Ela não pulou, nem se assustou nem fez nada que se pudesse esperar de uma criança apanhada desprevenida por um adulto a quem não

conhecia muito bem. Apenas sorriu, confortavelmente, depois bocejou. Em seguida, saiu de baixo do galho.

– Olá – ela disse, parando diante de Eliza.

Eliza olhou para ela, surpresa e satisfeita com a falta de cerimônia da menina.

– O que você está fazendo aqui?

– Lendo.

Eliza ergueu as sobrancelhas, a menina ainda não tinha quatro anos.

– Você sabe ler?

Uma breve hesitação, depois ela assentiu.

– Mostre-me.

A menina ficou de quatro e engatinhou para debaixo do galho da macieira. Tirou de lá o seu exemplar do livro de contos de fadas de Eliza. O exemplar que Eliza tinha levado para o outro lado do labirinto. Ela abriu o livro e começou a ler “Os olhos da velha”, passando os dedos ao longo do texto.

Eliza disfarçou um sorriso ao notar que o dedo e a voz não combinavam. Ela se lembrou da habilidade que tinha, quando criança, de decorar suas histórias favoritas.

– E por que você está aqui? – perguntou.

A menina parou de ler.

– Todo mundo saiu. Eu vi da janela, carruagens pretas se arrastando como um bando de formigas pela estrada. E eu não queria ficar sozinha na casa. Então vim para cá, eu gosto daqui, mais do que de qualquer outro lugar. Do *seu* jardim. – Ela olhou para o chão. Sabia que tinha se excedido.

– Você sabe quem eu sou? – Eliza perguntou.

– Você é a Autora.

Eliza deu um leve sorriso.

A menina criou coragem: inclinou a cabeça de lado, de modo que sua longa trança caiu sobre um dos ombros.

– Por que você está triste?

– Porque estou dizendo adeus.

– Para quem?

– Para o meu jardim. Para a minha antiga vida. – Havia uma intensidade no olhar da menina que Eliza achou cativante. – Vou partir numa aventura. Você gosta de aventuras?

A menina concordou com a cabeça.

– Eu também vou fazer uma aventura, em breve, com papai e mamãe. Nós vamos para Nova York num navio gigantesco, maior do que o do capitão Ahab.

– Para Nova York? – Eliza levou um susto. Seria possível que a menina não soubesse que os pais estavam mortos?

– Vamos atravessar o oceano, e vovó e vovô não irão conosco. Nem aquela boneca quebrada, horrorosa.

Foi esse o momento de decisão? Quando Eliza fitou os olhos ansiosos de uma meninazinha que não sabia que os pais estavam mortos, que ia enfrentar a vida tendo como guardiães tia Adeline e tio Linus?

Mais tarde, quando Eliza olhou para trás, teve a impressão de que não tinha tomado nenhuma decisão, que a decisão fora tomada para ela. Por um estranho processo de alquimia, Eliza soube, instantaneamente e com absoluta certeza, que a menina não podia ser deixada sozinha em Blackhurst.

Ela estendeu a mão, observou a palma de sua mão estendida para a menina, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Apertou os lábios e conseguiu falar.

– Eu ouvi falar da sua aventura. De fato, fui enviada para buscá-la. – As palavras saíram com facilidade. Como se fizessem parte de um plano concebido muito tempo antes, como se fossem verdadeiras. – Eu vou levá-la até metade do caminho.

A menina piscou os olhos, surpresa.

– Está tudo bem – disse Eliza. – Venha. Pegue a minha mão. Nós vamos por um caminho diferente, um caminho secreto que ninguém conhece, só nós.

– Minha mãe vai estar lá quando chegarmos a esse lugar?

– Sim – disse Eliza, sem hesitação. – A sua mãe vai estar lá.

A menina pensou um pouco. Balançou a cabeça concordando. O seu queixinho com uma covinha no meio.

– Tenho que levar o meu livro.

Adeline ficou atenta. Foi só no meio da tarde que o alarme foi dado. Daisy – garota estúpida – tinha batido à porta do quarto de vestir de Adeline, medindo as palavras, mudando o peso do corpo de uma perna para outra, perguntando se a patroa tinha visto a srta. Ivory.

Sua neta estava sempre passeando pela propriedade, então o primeiro sentimento de Adeline foi de irritação. Aquela menina má tinha escolhido a dedo a hora de sumir. Logo hoje, depois de ter enterrado sua querida Rose, sua filha, teria que organizar uma busca. Adeline teve vontade de gritar e praguejar.

Os criados foram chamados, procuraram por toda a casa, mas não encontraram a menina. Passada uma hora, Adeline foi forçada a contemplar a possibilidade de Ivory ter se aventurado para mais longe. Adeline, e Rose também, tinham avisado a menina para não se aproximar da enseada e de outras áreas da propriedade, mas Ivory não era tão obediente quanto Rose. Ela era teimosa, um traço deplorável que Rose não tinha combatido com castigos. Mas Adeline não era tão indulgente e, quando a menina fosse encontrada, a faria ver que aquele comportamento não era correto; não iria mais tolerar aquela atitude.

– Com licença, madame.

Adeline se virou, com as dobras da saia roçando umas nas outras. Era Daisy, de volta da enseada.

– Bem? Onde está ela? – perguntou Adeline.

– Eu não a encontrei, madame.

– Você procurou em toda parte? Na pedra negra, nas colinas?

– Ah, não, madame. Eu não me aproximei da pedra negra.

– E por que não?

– Ela é tão grande e escorregadia e... – o rosto da moça brilhou como um pêssago maduro. – Dizem que ela é mal-assombrada, a pedra

grande.

Adeline teve vontade de dar um tapa na cara da criada. Se tivesse obedecido a suas ordens e obrigado a criança a permanecer na cama! Sem dúvida, ela tinha se afastado, tinha ido conversar com o novo empregado na cozinha... Mas não adiantava castigar Daisy. Ainda não. Poderia parecer que Adeline estava esquecendo suas prioridades.

Em vez disso, virou-se e foi até a janela. Contemplou a escuridão descendo sobre o gramado. Era tudo tão complicado. Normalmente Adeline se comportava de acordo com as convenções sociais, mas hoje o papel de avó preocupada estava sendo difícil. Se ao menos alguém achasse a menina, morta ou viva, ferida ou ilesa, e a trouxesse de volta. Então Adeline poderia encerrar o episódio e continuar a chorar a perda de Rose.

Mas parecia que esta solução simples não ia acontecer. Em uma hora, estaria escuro e não havia nem sinal da menina. E a busca não poderia ser interrompida enquanto todas as opções não tivessem sido esgotadas. Os criados estavam vigiando, suas reações estavam sendo, sem dúvida, relatadas e dissecadas na sala da criadagem, então tinha que continuar com a busca. Daisy era inútil e o resto da criadagem não era muito melhor. Ela precisava de Davies. Onde estava aquele imbecil quando precisava dele?

– É a tarde de folga dele, madame – Daisy disse quando ela perguntou.

É claro que era. Os criados estavam sempre por perto, mas nunca eram encontrados.

– Imagino que ele esteja em casa, ou visitando alguém na aldeia, minha senhora. Acho que ele disse que ia buscar umas encomendas no trem.

Só havia uma outra pessoa que conhecia a propriedade tão bem quanto Davies.

– Vá chamar a srta. Eliza, então – disse Adeline, sentindo um gosto amargo na boca ao pronunciar aquele nome. – E diga a ela para vir aqui imediatamente.

Eliza contemplou a criança adormecida. Longos cílios pousados sobre um rosto liso, lábios cor-de-rosa formando um beicinho, os punhos fechados descansando em seu colo. Como as crianças eram confiantes, conseguir dormir numa hora dessas. A confiança, a vulnerabilidade deram a Eliza vontade de chorar.

O que ela estava pensando? O que estava fazendo ali, num trem, indo para Londres com a filha de Rose?

Nada, não tinha pensado em nada, por isso era que estava ali. Pois pensar era mergulhar o pincel carregado da tinta da dúvida na água cristalina da certeza. Sabia que a criança não podia ser deixada sozinha em Blackhurst nas mãos de tia Adeline e tio Linus, então resolvera agir. Tinha falhado com Sammy, mas não ia falhar de novo.

O que fazer com Ivory era outra questão, porque, sem dúvida, Eliza não poderia ficar com ela. A criança merecia uma coisa melhor. Devia ter um pai e uma mãe, irmãos, uma casa feliz, cheia de amor, que lhe garantisse boas lembranças para a vida inteira.

Entretanto, Eliza não conseguia pensar em uma alternativa. A criança tinha que ficar longe da Cornualha, senão o risco de ser encontrada e levada de volta para Blackhurst era muito grande.

Não, até que Eliza encontrasse uma solução melhor, a menina tinha que ficar com ela. Pelo menos, por ora. O navio só partiria para a Austrália dentro de cinco dias, para Maryborough, onde morava o irmão de Mary e a tia dela, Eleanor. Mary tinha lhe dado um endereço e, quando chegasse lá, Eliza pretendia entrar em contato com a família Martin. Mandaria notícias para Mary, é claro; contaria a ela o que tinha feito.

Eliza já estava com a passagem, reservada sob um nome falso. Era uma atitude supersticiosa, mas, quando chegou a hora de fazer a reserva, foi tomada de uma sensação muito forte de que um recomeço exigia um novo nome. Não queria deixar uma pegada no escritório de reservas, um caminho entre este mundo e aquele. Então usara um pseudônimo. E aquilo tinha sido, afinal, um golpe de sorte.

Pois eles iriam procurar. Eliza sabia demais sobre a origem da filha de Rose para tia Adeline deixá-la escapar com tanta facilidade. Precisava estar preparada para se esconder. Ia procurar uma hospedaria perto do porto, um lugar onde pudesse alugar um quarto para uma pobre viúva e sua filha, que iam se juntar ao resto da família em Nova York. Imaginou se seria possível comprar uma passagem para uma criança tão em cima da hora. Ou seria melhor encontrar uma maneira de embarcar a menina sem atrair atenção para ela?

Eliza contemplou aquele pedacinho de gente, dormindo num canto do vagão de trem. Tão vulnerável. Ela estendeu a mão e acariciou o rosto da menina. Retirou a mão quando a criança se mexeu, franziu o narizinho e acomodou melhor a cabeça no assento. Por mais ridículo que isso pudesse parecer, Eliza via em Ivory alguma coisa de Rose; Rose quando menina, quando Eliza a conhecera.

A menina ia perguntar pelo pai e pela mãe, e Eliza um dia lhe contaria. Embora não soubesse ao certo que palavras usaria para isso. Notou que a história de fadas que poderia ser usada para isso não estava mais no livro da menina. Alguém a removera. Nathaniel, Eliza desconfiou. Tanto Rose quanto tia Adeline teriam destruído o livro inteiro; só Nathaniel iria arrancar a história que o implicava e guardar o resto.

Ia esperar até o último minuto para entrar em contato com os Swindells, porque, embora Eliza não pudesse ver como eles poderiam ser uma ameaça, sabia que não devia confiar demais. Se os Swindells vissem alguma oportunidade de lucro, eles a agarrariam. Eliza tinha pensado em desistir da visita, considerado que o risco era maior do que a recompensa, mas, no fim, resolvera arriscar. Ia precisar das pedras preciosas do broche para se sustentar no Novo Mundo, e a parte trançada era preciosa. Era a família dela, o seu passado, sua ligação com o seu eu.

Enquanto Adeline esperava pela volta de Daisy, o tempo se arrastou, lento e pesado, como uma criança petulante agarrada à sua saia. Eliza

era culpada por Rose estar morta. Sua visita proibida tinha precipitado os planos de viagem para Nova York, e, assim, provocado a ida a Carlisle. Se Eliza tivesse ficado do outro lado da propriedade como prometera, Rose jamais teria estado naquele trem.

A porta se abriu e Adeline prendeu o fôlego. Finalmente a criada estava de volta, com folhas no cabelo, lama na saia, mas sozinha.

– Onde está ela? – quis saber Adeline. Ela já estaria procurando? Daisy teria usado a cabeça para variar e mandado Eliza direto para a enseada?

– Não sei, madame.

– Você não sabe?

– Quando cheguei ao chalé, ele estava trancado. Olhei pela janela, mas não vi nem sinal dela.

– Você devia ter esperado um pouco. Talvez ela tenha ido até a aldeia e logo esteja de volta.

A moça sacudia a cabeça insolentemente.

– Acho que não, madame. A lareira estava limpa e as estantes, vazias. – Daisy piscou os olhos daquele seu jeito bovino. – Acho que ela também partiu, madame.

Então Adeline entendeu. E ficou furiosa, uma raiva que ferveu sob sua pele, causando pontadas de dor em sua cabeça.

– A senhora está bem? Quer se sentar?

Não, Adeline não precisava se sentar. Pelo contrário. Precisava ver por si mesma. Testemunhar a ingratidão da moça.

– Leve-me pelo labirinto, Daisy.

– Não sei o caminho, madame. Ninguém sabe. Ninguém exceto Davies. Eu fui pela estrada do penhasco.

– Então mande Newton trazer a carruagem.

– Mas está escurecendo, madame.

Adeline apertou os olhos e ergueu os ombros. Disse com toda a clareza:

– Vá chamar Newton e me traga uma lanterna.

O chalé estava arrumado, mas não vazio. A cozinha ainda tinha vários utensílios pendurados, mas nada havia na mesa. O cabide ao lado da porta não tinha nenhum casaco pendurado. Adeline sentiu uma onda de náusea e uma contração nos pulmões. Era a presença daquela moça, deixando o ar pesado e opressivo. Ela pegou a lanterna e subiu a escada. Havia dois quartos, o maior muito simples, mas limpo, contendo a cama que fora trazida do sótão, coberta com uma velha colcha. No outro, havia uma escrivaninha, uma cadeira e uma estante cheia de livros. Os objetos sobre a escrivaninha tinham sido empilhados. Adeline apoiou os dedos sobre o topo de madeira e se inclinou para olhar para fora.

O entardecer tinha colorido o mar, e a água subia e descia ao longe, dourada e roxa.

Rose partiu.

Este pensamento a atingiu de supetão.

Ali, sozinha, sem ninguém para observá-la, Adeline pôde parar de fingir por um instante. Fechou os olhos e arriou os ombros.

Teve vontade de se encolher no chão, de sentir a madeira fria e lisa do assoalho sob o rosto e nunca mais se levantar. Dormir por cem anos. Não ter ninguém vendo nela um exemplo. Poder respirar...

– Lady Mountrachet? – A voz de Newton veio do andar de baixo. – Está escurecendo, minha senhora. Os cavalos vão ter dificuldade em descer se não formos logo.

Adeline respirou fundo. Tornou a endireitar os ombros.

– Só um minuto.

Abriu os olhos e pôs a mão na testa. Rose tinha partido e Adeline jamais iria se recuperar, mas havia um outro risco agora. Embora uma parte de Adeline quisesse deixar Eliza e a menina sumirem de sua vida para sempre, as coisas eram bem mais complicadas. Com o desaparecimento de Eliza e de Ivory, com certeza juntas, Adeline enfrentava o risco de que as pessoas viessem a saber a verdade. De que Eliza pudesse contar o que eles tinham feito. E isso não podia acontecer. Pelo bem de Rose, de sua memória, e pelo bom nome da

família Mountrachet, Eliza precisava ser encontrada, trazida de volta e silenciada.

Adeline olhou mais uma vez para a escrivaninha e viu um pedaço de papel saindo de baixo de uma pilha de livros. Uma palavra que ela reconheceu, embora, a princípio, não conseguisse localizar. Ela puxou o papel. Era uma espécie de lista, feita por Eliza: coisas a serem feitas antes de sua partida. No final da lista, estava escrito *Swindell*. Um nome, Adeline pensou, embora não soubesse ao certo como sabia disso.

Seu coração bateu mais depressa e ela guardou o papel no bolso. Adeline encontrara sua pista. A moça não podia desaparecer sem deixar rastro. Ela seria encontrada, e a criança, a filha de Rose, trazida de volta para o seu lugar.

E Adeline sabia exatamente a quem iria recorrer para isso.

O chalé de Clara era pequeno e branco e ficava numa encosta, perto de um pub chamado O Bucaneiro.

– Quer fazer as honras? – Christian perguntou ao chegarem.

Cassandra assentiu, mas não bateu na porta. Fora tomada, subitamente, por uma onda de nervosismo. A irmã de sua avó estava do outro lado da porta. Em poucos instantes, o quebra-cabeças que atormentara Nell a vida toda estaria solucionado. Cassandra olhou para Christian e tornou a pensar no quanto estava contente por ele ter vindo com ela.

Depois da partida de Ruby para Londres naquela manhã, Cassandra tinha esperado por ele nos degraus da frente do hotel, segurando um exemplar dos contos de fadas de Eliza. Ele também tinha levado o dele, e eles descobriram que faltava mesmo uma história no exemplar de Cassandra. A falha na lombada era tão pequena, o corte tinha sido tão bem feito, que Cassandra não tinha percebido antes. Nem os números das páginas que estavam faltando tinham atraído sua atenção. Os números eram tão cheios de firulas que seria preciso um certo grau de conhecimento em caligrafia para notar a diferença entre 54 e 61.

No caminho para Polperro, Cassandra tinha lido ‘O Ovo Dourado’ em voz alta. Ao fazer isso, foi ficando cada vez mais convencida de que Christian tinha razão, de que a história era uma alegoria a respeito de Rose e a concretização da sua maternidade. Um fato que a deixou mais certa do que nunca de que era isso que Clara queria lhe contar.

Pobre Mary, obrigada a dar sua primeira filha e manter segredo sobre isso. Não era de espantar que ela tivesse revelado tudo à filha nos seus últimos dias de vida. Uma mãe se lembrava a vida inteira de um filho perdido.

Leo teria quase doze anos agora.

– Você está bem? – Christian estava olhando para ela, com uma ruga de preocupação entre os olhos.

– Sim – disse Cassandra, afastando as lembranças. – Eu estou bem. – E, quando sorriu para ele, aquilo não lhe pareceu tão falso quanto normalmente.

Levantou a mão e, antes que batesse na porta, esta foi aberta. Na moldura baixa e estreita apareceu uma mulher velha e gorda, cujo avental, amarrado na cintura, dava a impressão de um corpo formado por duas bolas de massa de pão.

– Eu vi vocês aí parados – ela explicou, sorrindo, apontando um dedo curvo para eles – e disse para mim mesma: “Eles devem ser os meus convidados.” Entrem, vocês dois, e eu vou preparar uma xícara de chá para nós.

Christian sentou-se ao lado de Cassandra no sofá estampado de flores e eles empurraram as almofadas para abrir espaço. Ele parecia tão grande no meio daqueles enfeites, que Cassandra teve vontade de rir.

Um bule amarelo ocupava um lugar de destaque na mesa da sala, coberto por um abafador na forma de galinha. Esta se parecia incrivelmente com Clara, pensou Cassandra: olhos pequenos e alertas, um corpo gorducho, uma boquinha pontuda.

Clara pegou uma terceira xícara e serviu o chá.

– Minha mistura especial – ela disse. – Três partes de Breakfast, uma parte de Earl Grey. – Ela espiou por cima dos óculos. – Quer dizer, *English* Breakfast. – Depois de acrescentar o leite, ela se sentou na poltrona ao lado da lareira. – Está na hora de dar um descanso aos meus pobres pés. Fiquei em pé o dia inteiro, organizando as barracas para o festival do porto.

– Obrigada por me receber – disse Cassandra. – Este é o meu amigo Christian.

Christian apertou a mão de Clara e ela enrubesceu.

– Prazer em conhecê-lo. – Ela tomou um gole de chá, depois fez um gesto na direção de Cassandra. – A senhora do museu, Ruby, me contou sobre sua avó – ela disse. – Aquela que não sabia quem eram seus pais.

– Nell – disse Cassandra. – Esse era o nome dela. Meu bisavô Hugh encontrou-a, quando ela era bem pequena, sentada sobre uma valise branca no cais de Maryborough. Ele era chefe do porto e um navio...

– Você disse Maryborough?

Cassandra assentiu.

– Ora, que coincidência. Tenho parentes num lugar chamado Maryborough. Em Queensland.

– Queensland. – Cassandra inclinou-se para frente. – Que parentes?

– O irmão da minha mãe se mudou para lá quando era rapaz. Criou os filhos, meus primos. – Ela riu. – Mamãe costumava dizer que eles tinham ido para lá por causa do nome dela.

Cassandra olhou para Christian. Teria sido por isso que Eliza tinha colocado Nell naquele navio? Ela estaria devolvendo a menina para a família de Mary, para a verdadeira família de Nell? Em vez de levar a criança para Polperro e arriscar que as pessoas locais a reconhecessem como sendo Ivory Mountrachet, teria optado por mandá-la para junto do irmão de Mary? Cassandra suspeitou de que Clara tivesse a resposta, tudo o que tinha a fazer era conduzir a conversa na direção certa.

– Sua mãe, Mary, trabalhou em Blackhurst, não foi?

Clara tomou um gole de chá.

– Trabalhou lá até ser despedida, em 1909. Trabalhara lá desde menina, quase dez anos. Foi despedida porque estava grávida. – Clara baixou a voz e disse num sussurro: – Ela não era casada, entende, e naquela época não se fazia isso. Mas ela não era uma moça má, a minha mãe. Era muito correta. Ela e meu pai acabaram se casando, como manda o figurino. Teriam se casado antes, mas ele teve pneumonia. Quase não conseguiu ir ao próprio casamento. Foi quando

eles se mudaram para Polperro, receberam um dinheiro e abriram o açougue.

Ela pegou um pequeno livro retangular que estava ao lado da bandeja de chá. A capa era decorada com papel de presente e pano e botões e, quando Clara o abriu, Cassandra viu que se tratava de um álbum de fotografias. Clara o abriu na página que estava marcada com uma fita e disse.

– Esta aqui é a minha mãe.

Cassandra fitou a jovem mulher com cabelo cacheado e curvas pronunciadas, tentando ver Nell em suas feições. Havia algo de Nell em sua boca, talvez, um sorriso que brincava em seus lábios quando ela menos pretendia. Mas fotos são assim mesmo: quanto mais Cassandra olhava, mais parecia enxergar algo de tia Phillys no nariz e nos olhos!

Ela entregou o álbum a Christian e sorriu para Clara.

– Ela era muito bonita, não era?

– Ah, sim – Clara disse, piscando o olho. – Minha mãe era uma beldade. Bonita demais para ser empregada doméstica.

– Ela gostou do tempo que passou em Blackhurst, você sabe? Ficou triste em sair de lá?

– Ela ficou contente em deixar a casa, mas ficou triste em se separar da patroa.

Isto era novidade.

– Ela e Rose eram íntimas?

Clara sacudiu a cabeça.

– Não sei nada sobre nenhuma Rose. Era sobre Eliza que ela costumava falar. Srta. Eliza para lá, srta. Eliza para cá.

– Mas Eliza não era a dona da Mansão Blackhurst.

– Bem, oficialmente não, mas sempre foi a favorita da minha mãe. Ela costumava dizer que a srta. Eliza era uma centelha de vida num lugar morto.

– Por que ela achava que aquele era um lugar morto?

– As pessoas que moravam lá eram como mortos, minha mãe dizia. Sempre tristonhas, sempre querendo o que não deviam ou não podiam

ter.

Cassandra refletiu sobre este *insight* da vida na Mansão Blackhurst. Aquela não era a impressão que tivera ao ler os álbuns de recortes de Rose, embora Rose, com seu foco em vestidos novos e nas aventuras da prima Eliza, fosse apenas uma das vozes numa casa onde devia haver outras ecoando por lá. Mas esta era a natureza da história, é claro: imaginária, parcial, incognoscível, um registro feito pelos vitoriosos.

– Os patrões dela, o lorde e a lady, eram asquerosos, segundo minha mãe. Mas, no fim, foram castigados, não é?

Cassandra franziu a testa.

– Quem foi castigado?

– Os dois. Lord e Lady Mountrachet. Ela morreu um mês ou dois depois da filha, de septicemia. – Clara sacudiu a cabeça e baixou o tom de voz, conspiratoriamente, quase prazerosamente. – Chocante. Minha mãe soube pelas criadas que ela ficou um horror nos últimos dias. O rosto todo torto, parecendo estar rindo como um demônio, saindo da cama para vagar pelos corredores com uma grande argola de chaves na mão, trancando todas as portas e falando de um segredo que ninguém podia saber. Completamente louca. E com ele não foi muito diferente.

– Lord Mountrachet também teve septicemia?

– Não, não, ele não. Perdeu a fortuna fazendo viagens para lugares exóticos. – Ela baixou a voz. – Lugares de *vudu*. Dizem que ele trazia de volta suvenires que deixavam as pessoas de cabelos em pé. Ficou doido também. Os criados foram todos embora, exceto por uma ajudante de cozinha e um jardineiro que tinham morado lá a vida inteira. Segundo minha mãe, quando o velho finalmente morreu, só foi encontrado muitos dias depois. – Clara sorriu, fechando os olhos. – Mas Eliza escapou, não foi, e isso é o que importa. Atravessou o oceano, minha mãe disse. Ela sempre ficava contente com isso.

– Mas ela não foi para a Austrália – disse Cassandra.

– Não sei para onde ela foi – disse Clara. – Só sei o que minha mãe me contou: que Eliza fugiu a tempo daquela casa terrível. Foi embora como tinha planejado e nunca mais voltou. – Ela ergueu um dedo. –

Foi de lá que vieram aqueles desenhos, aqueles de que a moça do museu gostou tanto. Eles eram dela, de Eliza. Estavam no meio das coisas dela.

Cassandra estava prestes a perguntar se Eliza os tinha dado para Mary, mas se conteve. Percebeu que seria falta de educação sugerir que a mãe adorada de Clara tivesse roubado valiosas obras de arte da sua patroa.

– Que coisas?

– Nas caixas que minha mãe comprou.

Agora Cassandra estava realmente confusa.

– Ela comprou de Eliza algumas caixas?

– Não comprou de Eliza. As caixas pertenciam a Eliza. Ela as comprou depois que ela partiu.

– E comprou de quem?

– Foi uma venda grande. Eu mesma me lembro dela. Minha mãe me levou quando eu era menina. Foi em 1935, eu tinha quinze anos. Depois que o lorde finalmente morreu, um membro distante da família, que morava na Escócia, resolveu vender a propriedade, na esperança de levantar algum dinheiro durante a Depressão, sem dúvida. Bem, minha mãe leu sobre isso no jornal e viu que estavam planejando vender alguns itens de menor valor também. Acho que lhe deu um certo prazer pensar que podia possuir um pedacinho do lugar onde tinha sido tão maltratada. Ela me levou junto porque achou que seria bom, para mim, ver como tinha começado a vida. Que isso me faria ficar grata por não ser empregada doméstica, iria encorajar-me a estudar para conseguir ter mais do que ela. Não posso dizer que tenha funcionado, mas certamente me chocou. Foi a primeira vez em que vi algo semelhante. Não fazia ideia de que algumas pessoas vivessem daquele jeito. Não se vê muita opulência por aqui. – Ela balançou a cabeça, indicando sua aprovação em relação a isso, depois fez uma pausa e olhou para o teto. – Onde é mesmo que eu estava?

– Você estava nos contando sobre as caixas – Christian disse. – As caixas que a sua mãe comprou em Blackhurst.

Ela ergueu um dedo trêmulo.

– Isso mesmo, da casa em Tregenna. Vocês precisavam ter visto a expressão dela quando as viu. Elas estavam sobre uma mesa junto com outros artigos variados: abajures, pesos de papel, livros, coisas assim. Eu não vi nada de especial nelas, mas mamãe soube na mesma hora que eram de Eliza. Ela segurou a minha mão, acho que pela primeira vez na vida, e pareceu ter ficado sem ar. Fiquei preocupada, achei que ela precisava se sentar, mas ela não quis nem ouvir falar nisso. Agarrou aquelas caixas. Era como se estivesse com medo de se afastar e outra pessoa aparecer para comprá-las. Não me pareceu provável, como já disse, elas não me pareceram grande coisa, mas a beleza é uma questão de ponto de vista, não é?

– E os desenhos de Nathaniel Walker estavam dentro da caixa? – Cassandra perguntou. – No meio das coisas de Eliza?

Clara assentiu.

– É estranho, agora que estou me lembrando. Mamãe ficou tão feliz ao comprá-las, mas ao chegar em casa ela mandou meu pai levá-las para o sótão e nunca mais ouvi falar nelas. Não que eu me preocupasse com isso na época. Eu só tinha quinze anos. Provavelmente estava de olho em algum rapaz e não dei a menor importância àquelas caixas. Até ela vir morar aqui comigo e eu notar que ainda tinha as caixas. Ora, isso foi estranho e me fez ver que elas eram mesmo importantes, porque ela não trouxe muita coisa. E foi então que ela finalmente me contou que caixas eram aquelas e por que eram tão importantes.

Cassandra se lembrou do que Ruby tinha dito sobre o quarto do andar de cima, ainda cheio de objetos pessoais de Mary. Que outras pistas preciosas poderiam estar lá, enterradas naquelas caixas, e que jamais seriam vistas? Ela engoliu em seco.

– Você alguma vez viu o que havia dentro das caixas?

Clara tomou um gole de chá, que a essa altura já devia estar frio, e brincou com a asa da xícara.

– Devo admitir que sim.

O coração de Cassandra deu um salto; ela se inclinou para frente.

– E?

– Livros principalmente, um lampião, como eu disse. – Ela fez uma pausa e seu rosto ficou vermelho.

– Havia mais alguma coisa? – perguntou, muito delicadamente.

Clara esfregou a ponta do chinelo no tapete. Levou algum tempo para erguer os olhos.

– Também encontrei uma carta lá dentro, logo no alto da pilha. Era dirigida à minha mãe, enviada por uma editora de Londres. Levei um choque. Nunca tinha imaginado que mamãe fosse escritora. – Clara riu. – E ela não era mesmo, é claro.

– E o que dizia a carta? – perguntou Christian. – Por que a editora escreveu para a sua mãe?

– Bem, parece que minha mãe enviou uma das histórias de Eliza para eles. Pelo que entendi da carta, ela deve ter achado a história dentro da caixa, junto com as coisas de Eliza, e achou que merecia ser lida. Parece que Eliza a escrevera pouco antes de embarcar na sua aventura. Era uma bela história, cheia de esperança e com um final feliz.

Cassandra pensou no artigo que estava dentro do caderno de Nell.

– “O voo do cuco”? – perguntou.

– Essa mesmo – disse Clara, tão contente quanto se tivesse escrito a história. – Então você leu?

– Eu li a respeito dela, mas não li a própria história. Ela foi publicada anos depois das outras.

– É verdade. Foi publicada em 1936, pelo que dizia a carta. Minha mãe deve ter ficado muito contente com a carta. Deve ter sentido que fez algo por Eliza. Ela sentiu muito a falta dela, isso é certo.

Cassandra concordou com a cabeça, ela já sentia o gostinho da solução do mistério de Nell.

– Elas tinham uma forte ligação, não tinham?

– Tinham mesmo.

– O que você acha que as unia tanto? – Ela mordeu o lábio, nervosa.

Clara cruzou as mãos no colo e baixou a voz.

– As duas tomaram parte numa coisa que ninguém mais ficou sabendo.

Cassandra sentiu um alívio por dentro e disse, num fio de voz:

– Que coisa? O que foi que a sua mãe lhe contou?

– Foi nos últimos dias de vida da minha mãe. Ela vivia me dizendo que uma coisa terrível tinha sido feita e que as pessoas que tomaram parte naquilo tinham escapado impunes. Ficava repetindo isso sem parar.

– E o que você acha que ela estava querendo dizer com isso?

– A princípio, não dei muita importância. Ela estava sempre dizendo coisas estranhas, no fim. Insultando nossos velhos amigos. Não era mais a mesma. Mas não parava de falar nisso. “Está tudo na história”, ela dizia. “Eles roubaram aquilo da jovem.” Eu não sabia do que estava falando, a que história estava se referindo. Mas, no fim, não teve importância, porque ela me contou tudo. – Clara respirou fundo, sacudiu a cabeça tristemente. – Rose Mountrachet não era a mãe daquela menina, da sua avó.

Cassandra suspirou aliviada. Finalmente a verdade.

– Eu sei – disse, segurando as mãos de Clara. – Nell era filha de Mary, o motivo pelo qual ela foi despedida.

A expressão de Clara era difícil de ler. Ela olhou para Cassandra e depois para Christian, com as pálpebras tremendo, piscou os olhos, confusa, depois começou a rir.

– O que foi? – Cassandra disse, um tanto assustada. – O que há de engraçado nisso? Você está bem?

– Minha mãe estava grávida, é verdade, mas não teve o bebê. Ela o perdeu quando estava com doze semanas de gravidez.

– O quê?

– É isso que eu estou tentando dizer a você. Nell não era filha de mamãe, ela era filha de Eliza.

– Eliza estava grávida. – Cassandra tirou a echarpe e a depositou sobre a bolsa, no chão do carro.

– Eliza estava grávida. – Christian batucou no volante.

O aquecimento do carro foi ligado e o radiador começou a fazer barulho. Eles deixaram Polperro para trás. O *fog* tinha descido enquanto eles visitavam Clara e, ao longo da costa, as luzes dos barcos piscavam no mar coberto pela névoa.

Cassandra ia olhando fixamente para frente, seu cérebro tão enevoado quanto o mundo do lado de fora do para-brisa.

– Eliza estava grávida. Ela era a mãe de Nell. Foi por isso que Eliza a levou. – Se repetisse isso várias vezes, talvez fizesse mais sentido.

– Então foi isso que aconteceu.

Ela inclinou a cabeça de lado e esfregou o pescoço.

– Mas eu não entendo. Fazia tanto sentido antes, quando parecia ser Mary. Agora que se trata de Eliza... Não entendo como Rose ficou com Ivory. Por que Eliza deixou que ela ficasse com a menina? E como foi que ninguém nunca descobriu?

– A não ser Mary.

– A não ser Mary.

– Suponho que eles tenham guardado segredo.

– A família de Eliza?

Ele assentiu.

– Ela era solteira, jovem, estava sob a responsabilidade deles e ficou grávida. Não deve ter sido uma coisa nada boa de acontecer.

– Quem era o pai?

Christian sacudiu os ombros.

– Algum sujeito da aldeia? Ela tinha um namorado?

– Não sei. Ela era amiga do irmão de Mary, William; está escrito no caderno de Nell. Eles eram muito chegados até brigar por algum motivo. Talvez ele fosse o pai.

– Quem sabe? Acho que isso não importa muito. – Ele olhou para ela. – Quer dizer, importa, é claro, para Nell e para você, mas, no caso em si, tudo o que importa é que ela estava grávida e Rose não.

– Então eles convenceram Eliza a dar seu bebê para Rose.
– Deve ter sido mais fácil para todo mundo.
– Isso é discutível.
– Eu quero dizer socialmente. Então, Rose morreu.
– E Eliza pegou a filha de volta. Isso faz sentido. – Cassandra fitou o nevoeiro que cobria o capim do lado da estrada. – Mas por que ela não embarcou no navio para a Austrália junto com Nell? Por que uma mulher tomaria de volta a filha e depois a mandaria numa viagem longa e perigosa para um país distante, sozinha? – Cassandra suspirou.
– Parece que quanto mais chegamos perto, mas complicada fica a história.

– Talvez ela tenha ido junto. Talvez tenha acontecido alguma coisa no caminho, alguma doença. Clara parecia ter certeza de que ela tinha ido.

– Mas Nell se lembrava de Eliza colocando-a no navio e lhe dizendo para esperar, depois indo embora e não voltando. Era uma das únicas coisas que ela sabia com certeza. – Cassandra roeu a unha do polegar. – Que coisa frustrante. Achei que iríamos encontrar todas as respostas hoje.

– Uma coisa é certa: “O Ovo Dourado” não era a respeito de Mary: Eliza escreveu a história sobre si mesma. Ela era a donzela do chalé.

– Pobre Eliza – disse Cassandra, fitando o mundo coberto de nevoeiro lá fora. – A vida da donzela depois que ela entrega o ovo é tão...

– Triste.

– Sim. – Cassandra estremeceu. Ela compreendia o tipo de perda que deixava uma pessoa sem nenhum objetivo na vida, mais pálida, mais leve, mais vazia. – Não surpreende que ela tenha apanhado Nell de volta quando teve a chance. – O que Cassandra não daria para ter uma segunda chance?

– O que completa o círculo: se ela havia reclamado a própria filha, por que não foi no navio junto com ela?

Cassandra sacudiu a cabeça.

– Não sei. Isso não faz sentido.

Eles passaram pela placa que lhes dava as boas-vindas a Tregenna e Christian saiu da estrada principal.

– Sabe o que eu acho?

– O quê? – Cassandra disse.

– Nós devíamos almoçar no pub, conversar um pouco mais sobre isso. Ver se conseguimos entender melhor. Tenho certeza de que uma cerveja vai ajudar.

Cassandra sorriu.

– Sim, normalmente uma cerveja deixa a minha mente mais ágil. Você pode passar no hotel para eu pegar um casaco?

Christian pegou a estrada que atravessava o bosque e virou na entrada do Hotel Blackhurst. Ainda havia nevoeiro e o caminho estava escorregadio, então ele avançou com cuidado.

– Já volto – Cassandra disse, batendo a porta do carro. Ela subiu correndo e entrou no saguão. – Oi, Sam – disse, acenando para a recepcionista.

– Oi, Cass. Tem uma pessoa esperando por você aqui.

Cassandra parou.

– Robyn Jameson está esperando há meia hora no salão.

Cassandra olhou para fora. Christian estava mexendo nos botões do rádio. Ele não ia se importar de esperar mais um pouco. Cassandra não sabia o que Robyn poderia querer com ela, mas, com certeza, não demoraria muito.

– Bem, olá – disse Robyn, quando viu Cassandra. – Um passarinho me disse que você passou a manhã inteira conversando com minha prima Clara.

A rede de fofocas do lugar era impressionante.

– É verdade.

– Espero que tenha se divertido.

– Sim, obrigada. Espero que você não tenha esperado muito.

– De jeito nenhum. Tenho uma coisa para você. Podia ter deixado na recepção, mas achei que talvez fosse necessária uma explicação.

Cassandra ergueu as sobrancelhas enquanto Robyn continuava.

– Eu fui visitar meu pai no fim de semana, no asilo. Ele gosta de saber de tudo o que acontece na aldeia, ele foi chefe do correio, você sabe, e eu mencionei que você estava aqui, restaurando o chalé que sua avó deixou para você, no alto do penhasco. Papai fez uma cara muito esquisita. Ele pode ser velho, mas é inteiramente lúcido, igualzinho ao pai dele. Ele segurou meu braço e disse que tinha uma carta que precisava ser entregue para você.

– Para mim?

– Para a sua avó, na verdade, mas como ela não está mais aqui, para você.

– Que tipo de carta?

– Quando sua avó partiu de Tregenna, foi ver meu pai. Disse a ele que ia voltar para morar no chalé do penhasco e pediu que ele guardasse a correspondência dela. Ela foi muito clara a respeito disso, ele disse; então, quando chegou uma carta, ele fez o que ela tinha pedido, guardou-a no correio. De vez em quando, ele levava a carta até o chalé, mas este estava sempre deserto. As trepadeiras cresceram, a poeira se instalou, e o lugar parecia cada vez mais desabitado. Aos poucos, ele foi deixando de ir. Seus joelhos não estavam muito bons e ele achou que sua avó iria vê-lo quando voltasse. Normalmente teria mandado de volta para o remetente, mas sua avó tinha sido muito clara, então guardou a carta durante todo este tempo.

“Ele me disse que eu devia ir até o porão, onde as suas coisas estão guardadas, e pegar a caixa de cartas perdidas. Que, no meio delas, eu ia encontrar uma endereçada a Nell Andrews, Tregenna Inn, recebida em novembro de 1975. E ele tinha razão. A carta estava lá.”

Ela tirou um pequeno envelope cinzento de dentro da bolsa, entregando-o para Cassandra. O papel era ordinário, quase transparente de tão fino. Estava endereçado numa caligrafia antiquada, um tanto confusa, primeiro para um hotel em Londres, depois redirecionado para o Tregenna Inn. Cassandra virou o envelope.

Com a mesma caligrafia, estava escrito: Remetente srta. Harriet Swindell, 37 Battersea Church Road, Londres, SW11.

Cassandra se lembrou da anotação feita no caderno de Nell. Harriet Swindell era a mulher que ela visitara em Londres, a velha que tinha nascido e crescido na mesma casa em que Eliza. Por que ela tinha escrito para Nell?

Com os dedos tremendo, Cassandra abriu o envelope. O papel fino rasgou com facilidade. Ela abriu a carta e começou a ler.

‘3 de novembro de 1975

Cara sra. Andrews,

Não me importo em dizer que, desde que a senhora veio aqui, perguntando sobre a dama dos contos de fadas, não tenho conseguido pensar em outra coisa. A senhora vai ver, quando tiver a minha idade, que o passado se torna um velho amigo. Do tipo que chega sem ser convidado e se recusa a partir. Eu me lembro dela, muito bem, só que a senhora me pegou desprevenida com sua visita, aparecendo aqui bem na hora do chá. Eu não sabia se queria conversar acerca do passado com uma estranha. Mas minha sobrinha Nancy me disse que eu devia falar, que tudo aconteceu há tanto tempo, que não tem mais quase nenhuma importância, então eu resolvi escrever para a senhora como a senhora pediu. Porque Eliza Makepeace voltou mesmo aqui para visitar a minha mãe. Só uma vez, mas eu me lembro muito bem. Eu tinha dezesseis anos na época, então sei que foi em 1913.

Lembro-me de ter pensado que havia algo de estranho nela. Ela podia se vestir como uma dama, mas havia algo nela que não se encaixava. Melhor dizendo, havia algo nela que não combinava conosco, moradores do número 35 de Battersea Church Road. Alguma coisa que a distinguia das outras damas elegantes que costumávamos ver nas ruas naquela época. Ela entrou na loja, um pouco agitada na minha opinião, como se estivesse com pressa e não quisesse ser vista. Meio desconfiada. Cumprimentou minha mãe como se elas se

conhecessem e minha mãe, por sua vez, sorriu para ela, algo que eu não a via fazer com frequência. Quem quer que fosse aquela dama, pensei, minha mãe devia saber que podia ganhar uns trocados pelo fato de conhecê-la.

Quando ela falou, a voz dela era clara e musical – esse foi o primeiro sinal que tive de que já a conhecia. Era familiar, de certo modo. Era uma voz que as crianças gostavam de ouvir, que falava de fadas e duendes e que não deixava dúvidas de que eles realmente existiam.

Ela agradeceu a minha mãe por recebê-la e disse que estava deixando a Inglaterra e não voltaria aqui por algum tempo. Eu lembro que ela estava ansiosa em subir e visitar o quarto onde tinha morado, um quartinho horrível no alto da casa. Frio, com uma lareira que nunca funcionou, e escuro, sem janelas. Mas ela disse que era para lembrar os velhos tempos.

Minha mãe não tinha um inquilino na época – estava numa briga feia por causa de dívidas de aluguel –, então deixou a dama subir. Mamãe lhe disse para não se apressar, chegou até a pôr uma chaleira no fogo. Uma atitude nada típica da minha mãe.

Mamãe a viu subir a escada e me chamou. ‘Suba atrás dela’, mamãe disse, ‘e cuide para que ela não desça logo.’ Eu estava acostumada com as ordens de mamãe, e com seus castigos, se eu desobedecesse, então subi atrás da dama.

Quando cheguei lá em cima, ela tinha fechado a porta do quarto. Eu podia ter simplesmente me sentado onde estava e cuidado para que ela não descesse logo, mas fiquei curiosa. Não conseguia imaginar por que tinha fechado a porta. Como eu disse, não havia janelas no quarto e a luz só podia entrar pela porta.

Havia um buraco na parte embaixo da porta, feito por ratos, então eu me deitei de bruços no chão e olhei. Ela estava parada no meio do quarto, olhando em volta para vê-lo bem, depois ela foi até a velha lareira quebrada. Sentou-se na pedra, enfiou o braço lá dentro e ficou ali por um tempo enorme. Finalmente retirou o braço e, na sua mão, havia um pequeno pote de barro. Eu devo ter feito algum ruído – de tão

espantada – e ela ergueu os olhos, assustada. Prendi a respiração e, após algum tempo, ela voltou a prestar atenção no pote, encostou-o no ouvido e o sacudiu de leve. Pude ver, pela expressão dela, que ficou satisfeita com o que ouviu. Então ela o guardou num bolso especial que havia em seu vestido e se encaminhou para a porta.

Eu desci depressa e contei à mamãe que ela estava descendo. Fiquei surpresa ao ver Tom, meu irmãozinho, parado na porta, ofegante, como se tivesse corrido muito, mas não tive tempo de perguntar onde ele tinha estado. Mamãe estava vigiando a escada, então eu fiz o mesmo. A dama desceu, agradecendo a mamãe por ela a ter deixado visitar o quarto e dizendo que não podia ficar para o chá, que estava atrasada.

Então ela chegou embaixo e eu vi que havia um homem parado ao lado da escada. Um homem com uns óculos engraçados, do tipo que não tem hastes, só um ganchinho que prende no nariz. Ele segurava uma esponja e, quando ela chegou lá embaixo, pôs a esponja sobre o nariz dela, que desmaiou. Imediatamente desabou nos braços dele. Eu devo ter gritado, porque minha mãe me deu um tapa na cara.

O homem me ignorou e arrastou a dama até a porta. Com a ajuda de papai, ele a colocou na carruagem, depois entregou um envelope a mamãe e foi embora.

Eu levei um puxão de orelhas depois, quando contei a mamãe o que tinha visto. Por que você não me disse, garota imbecil, minha mãe disse. Podia ser algo valioso. Podia servir para nós. Não adiantou dizer a mamãe que o homem com os cavalos pretos já tinha lhe dado um bom dinheiro pela dama. Para minha mãe, dinheiro nunca era demais.

Nunca mais tornei a ver a dama e não sei o que aconteceu com ela depois que foi levada. Havia sempre alguma coisa acontecendo na nossa margem do rio, coisas que não vale a pena lembrar.

Não sei o quanto esta carta irá ajudá-la na sua pesquisa, mas Nancy disse que não fazia mal contar. Então foi o que eu fiz. Espero que a senhora encontre o que está procurando.

*Sinceramente,
srta. Harriet Swindell'*

Brisbane, 1975

O vaso *Fairyland Lustre* tinha sido sempre o seu favorito. Nell o encontrou numa feira décadas antes. Qualquer negociante de antiguidades que se prezasse teria conhecido o seu valor, mas o vaso *Fairyland Lustre* era diferente. O que importava não era o seu valor material, embora fosse bem grande, e sim o que ele representava: era a primeira vez em que Nell descobria um tesouro daqueles onde menos esperava. E, como um minerador de ouro que guarda sua primeira pepita independentemente do seu valor, Nell não queria se separar do vaso.

Ela o guardava enrolado numa toalha, no fundo do seu armário de roupa, e, de vez em quando, o tirava de lá só para contemplá-lo. Sua beleza, as folhas verde-escuras pintadas dos lados, as pinceladas douradas, as fadas Art Nouveau escondidas no meio da folhagem deixavam-na arrepiada.

Entretanto, Nell estava decidida: chegara a um ponto em que poderia viver sem seu vaso. Poderia viver sem seus bens mais preciosos. Tinha feito uma escolha e pronto. Embrulhou o vaso em mais uma camada de jornal e o colocou delicadamente na caixa junto com os outros. Pronto para ir para a loja na segunda-feira e com o preço de venda estabelecido. E, se tivesse ainda alguma dúvida ou arrependimento, bastava focar no objetivo final: ter dinheiro suficiente para começar uma vida nova em Tregenna.

Ela estava louca para voltar. Seu mistério estava ficando cada vez mais complicado. Recebera notícias finalmente do detetive, Ned Morrish. Ele fizera uma investigação e enviara seu relatório. Nell estava na loja quando este chegou; um cliente novo, Ben qualquer coisa, tinha trazido a carta. Quando Nell viu os selos estrangeiros, a letra no envelope, precisa e achatada no fundo como se tivesse sido

escrita com uma régua embaixo, sentiu um súbito calor. Teve vontade de rasgar o envelope com os dentes ali mesmo. Mas manteve a compostura, pediu licença quando pareceu o momento correto e levou a carta para a pequena quitinete que tinha nos fundos.

O relatório era breve, Nell levou dois minutos para ler, e seu conteúdo a deixou ainda mais confusa do que antes. De acordo com as investigações do sr. Morrish, Eliza Makepeace não tinha ido para lugar nenhum em 1909 nem em 1910. Ela ficou o tempo todo no chalé. Ele tinha incluído diversos documentos para atestar esta afirmação – uma entrevista feita com alguém que dizia ter trabalhado em Blackhurst, diversas cartas trocadas com uma editora em Londres, todas enviadas e recebidas via chalé do penhasco – mas Nell só foi lê-las mais tarde. Ficou surpresa demais com a notícia de que Eliza não tinha viajado. Que tinha estado lá o tempo todo, no chalé. William parecia tão seguro. Ela tinha desaparecido por doze meses, mais ou menos, ele tinha dito. Quando voltou, estava diferente, tinha perdido o brilho. Nell não conseguia combinar as lembranças de William com a descoberta do sr. Morrish. Assim que voltasse para a Cornualha, tornaria a falar com William. Ia ver se ele conseguia pensar em alguma coisa.

Nell passou as costas da mão na testa. Um dia abafado, mas Brisbane era assim em janeiro. O céu podia estar todo azul como uma cúpula do mais fino vidro, mas haveria uma tempestade mais tarde, não tinha dúvidas. Nell tinha vivido o suficiente para saber quando estavam se formando nuvens negras de tempestade.

Na rua, Nell ouviu um carro se aproximando. Não o identificou como sendo um dos veículos dos seus vizinhos: alto demais para o Mini de Howard, agudo demais para o Ford dos Hogans. O carro fez um barulho horrível ao subir no meio-fio. Nell sacudiu a cabeça, contente por nunca ter aprendido a dirigir, por nunca ter precisado de um carro. Eles pareciam provocar o que havia de pior nas pessoas.

Whiskers se levantou e arqueou as costas. Dos gatos, Nell ia mesmo sentir saudades. Ficaria bem feliz em levá-los com ela, mas dar comida

aos gatos dos outros era uma coisa, raptá-los era outra.

– Ei, sua xereta – disse Nell, coçando o queixo da gata. – Não se preocupe com esse carro barulhento.

Whiskers miou e pulou da mesa para o chão, olhando para Nell.

– O quê? Você acha que tem alguém aqui para nos visitar? Não imagino quem seja. Nós não somos muito sociais, caso não tenha notado isso.

A gata saiu pela porta dos fundos. Nell largou a pilha de jornais.

– Tudo bem, madame – ela disse –, você venceu. Vou dar uma olhada. – Acariciou as costas da gata enquanto percorriam o estreito corredor de concreto. – Você se acha muito esperta, não é, por me obrigar a fazer sua vontade.

Nell parou no canto da casa. O carro, uma caminhonete, tinha mesmo parado em frente à casa dela. Uma mulher usando grandes óculos escuros e um short bem curto estava andando pelo corredor de concreto. Atrás dela vinha uma criança magra e alta, com os ombros curvados.

Elas ficaram paradas, todas três, olhando umas para as outras.

Finalmente Nell recuperou a fala, mas não as palavras que gostaria de dizer.

– Achei que você tinha concordado em que, no futuro, ligaria primeiro.

– Também estou contente em vê-la, mamãe – Lesley disse e depois revirou os olhos como costumava fazer quando tinha quinze anos. Tinha sido um hábito enlouquecedor e ainda era.

Nell sentiu os velhos ressentimentos vindo à tona. Fora uma mãe medíocre para Lesley, sabia disso, mas agora era tarde demais para reparar o mal. O que estava feito estava feito e Lesley tinha sobrevivido bem. Tinha sobrevivido, pelo menos.

– Eu estou separando caixas para leiloar – Nell disse, engolindo o nó da garganta. Esta não era a hora de mencionar a mudança para a Inglaterra. – Está tudo espalhado, não tem lugar para sentar.

- Nós damos um jeito. – Lesley fez um gesto na direção da menina.
- Sua neta está com sede, está um calor horrível aqui fora.

Nell olhou para a menina, sua neta. Pernas compridas, joelhos pontudos, a cabeça baixa para não chamar atenção. Não havia dúvida quanto a isso, algumas crianças eram mandadas ao mundo com uma carga pesada demais de problemas.

Ela pensou em Christian, o menino que tinha encontrado no seu jardim da Cornualha. O menino sem mãe, de olhos castanhos e ansiosos. Sua neta gosta de jardins? Ele tinha perguntado e ela, Nell, não soubera responder.

- Tudo bem, então – ela disse –, é melhor vocês entrarem.

Mansão Blackhurst, 1913

Cascos de cavalo batendo com força na terra fria e seca, indo na direção de Blackhurst, mas Eliza não os escutava. A esponja do sr. Mansell tinha cumprido sua função e ela estava perdida num *fog* de clorofórmio, o corpo caído no canto da carruagem...

A voz de Rose, baixa e alquebrada:

– Tem uma coisa que eu preciso, uma coisa que só você pode fazer. Meu corpo tornou a me decepcionar, como sempre, mas o seu, prima, é forte. Eu preciso que você tenha um filho por mim, um filho de Nathaniel.

E Eliza, que esperara tanto tempo, que desejava tanto ser útil, que sempre fora uma metade em busca da outra metade, não precisou nem pensar. – É claro – dissera. – É claro que eu vou ajudá-la, Rose.

Ele veio toda noite durante uma semana. Tia Adeline, com a ajuda do dr. Matthews, calculou as datas e Nathaniel obedeceu. Atravessou o labirinto, rodeou o chalé e bateu na porta de Eliza.

Na primeira noite, Eliza esperou dentro de casa, andando de um lado para o outro na cozinha, imaginando se ele viria, se ela devia ter preparado alguma coisa. Imaginando como as pessoas se comportavam numa hora dessas. Tinha concordado com o pedido de Rose sem hesitação e, nas semanas que se seguiram, pensara pouco no que significava aquele compromisso. Ficara tão grata pelo fato de Rose finalmente precisar dela. Foi só quando o dia se aproximou, que começou a perceber que o que era hipotético estava se tornando real.

Entretanto, não havia nada que ela não fizesse por Rose. Disse a si mesma, muitas vezes, que suas ações iriam consolidar o elo que havia entre elas para sempre, por mais horrível que este ato desconhecido pudesse ser. Isto se tornou um mantra, uma espécie de encantamento.

Ela e Rose estariam unidas como nunca. Rose iria amá-la ainda mais, nunca mais a abandonaria. Era tudo por Rose.

Quando ele bateu à porta na primeira noite, Eliza repetiu o mantra, abriu a porta e deixou Nathaniel entrar.

Ele ficou algum tempo parado no hall, parecendo maior e mais moreno do que ela lembrava, até Eliza lhe indicar o cabide de casacos. Ele tirou o casaco, depois sorriu para ela, com certa gratidão. Foi então que percebeu que ele estava tão nervoso quanto ela.

Ele a seguiu até a cozinha, em busca da segurança, da solidez, da mesa, e se apoiou nas costas de uma cadeira.

Eliza ficou parada do outro lado, limpou as mãos já limpas na saia, imaginou o que dizer, como proceder. O melhor, sem dúvida, era fazer o que era necessário e acabar logo com aquilo. Não tinha sentido prolongar o mal-estar. Ela abriu a boca para dizer isso, mas Nathaniel já estava falando...

– Achei que você ia gostar de ver. Estou trabalhando nele há um mês.

Ela viu que ele segurava uma pasta de couro.

Ele a colocou sobre a mesa e tirou uma pilha de papéis lá de dentro. Desenhos, Eliza compreendeu.

– Eu comecei com “A perseguição da fada”. Ele estendeu uma folha de papel para Eliza e, quando ela pegou o papel, notou que as mãos dele estavam tremendo.

Eliza contemplou a ilustração: traços pretos e sombreados. Uma mulher magra e pálida reclinada numa cama baixa, numa torre fria e escura. O rosto da mulher tinha sido desenhado com linhas longas e finas. Ela era linda, mágica, etérea, exatamente como a história de fadas de Eliza a descrevia. Entretanto, havia algo no desenho que Nathaniel tinha feito do rosto da fada que chamou a atenção de Eliza. A mulher do desenho se parecia com a mãe dela. Não literalmente, não por causa da curva dos lábios ou da cor dos olhos ou dos ossos da face. De uma forma impossível de descrever, de um jeito mágico, Nathaniel tinha capturado Georgiana no seu desenho dos membros flácidos da

fada, no seu cansaço, na resignação de suas feições. E o mais estranho é que foi a primeira vez em que Eliza percebeu que, na sua história a respeito da fada perseguida, estava descrevendo a própria mãe.

Ela olhou para ele, analisou aqueles olhos escuros que tinham conseguido enxergar dentro de sua alma. Quando seus olhos se encontraram, o calor da lareira pareceu aumentar.

Tudo parecia exagerado por causa das circunstâncias. As vozes deles soavam muito altas, seus movimentos eram súbitos demais, o ar parecia frio demais. O ato não foi tão horrível quanto ela tinha temido, nem foi uma coisa comum. E aconteceu algo inesperado que ela não pôde deixar de saborear. Uma intimidade, uma proximidade que havia muito ela não experimentava. Ela se sentiu como parte de um casal.

Ela não era, é claro, e era uma traição para com Rose simplesmente imaginar isso, mesmo que só por um instante, e, no entanto... As pontas dos dedos dele em suas costas, nas suas coxas. O calor do encontro dos seus corpos nus. A respiração dele em seu pescoço...

Ela abriu os olhos num determinado momento e observou o rosto dele, as expressões e as histórias moldando suas feições. E, quando ele abriu os olhos e seus olhares se encontraram, ela se sentiu de repente, inesperadamente, viva. Sólida, real.

E então terminou, e eles se afastaram um do outro, cortando aquele elo criado pela relação física. Eles se vestiram e ela o acompanhou até embaixo. Ficou ao lado dele na porta, conversando sobre a recente maré alta, sobre a possibilidade de mau tempo nas semanas seguintes. Uma conversa educada, como se ele tivesse passado lá apenas para pegar um livro emprestado.

Finalmente ele estendeu a mão para abrir a porta e o silêncio pesado caiu entre eles. O peso do que tinham feito. Ele abriu a porta, tornou a fechá-la. Virou-se para olhar para ela.

– Obrigado – ele disse.

Ela balançou a cabeça.

– Rose quer... Ela precisa...

Ela tornou a balançar a cabeça, e ele sorriu de leve. Abriu a porta e desapareceu na noite.

No decorrer da semana, o que era estranho se tornou comum e eles entraram numa rotina. Nathaniel chegava com seus desenhos mais recentes e, juntos, eles discutiam as histórias, as ilustrações. Ele levava seus lápis, fazia alterações enquanto conversavam. Frequentemente, quando os desenhos ficavam prontos, a conversa se desviava para outros assuntos.

Também conversavam deitados na cama estreita de Eliza. Nathaniel contava histórias da família dele, que Eliza achava que estava morta, falava sobre as dificuldades que tinha enfrentado na juventude, do pai no cais e da mãe, cujas mãos ficavam feridas de tanto lavar roupa. E Eliza também se viu contando a ele coisas que nunca contara a ninguém, coisas secretas de antigamente: sobre a mãe, sobre o pai que não tinha conhecido, seus sonhos de cruzar o mar atrás dele. Tal era a intimidade, estranha e inesperada, que tinha se formado entre eles, que ela chegou a falar até sobre Sammy.

Assim se passou a semana e, na última noite, Nathaniel chegou mais cedo. Ele parecia relutante em fazer o que deviam fazer. Sentaram-se um defronte do outro na mesa, como na primeira noite, mas não trocaram nenhuma palavra. Então, de repente, inesperadamente, Nathaniel estendeu a mão e ergueu uma mecha do cabelo dela, do seu longo cabelo vermelho que a luz da vela tornara dourado. O rosto dele, ao contemplar a mecha de cabelo entre os dedos, estava pensativo. Seu cabelo escuro lançava uma sombra em seu rosto e seus olhos negros refletiam pensamentos não expressos. Eliza sentiu um aperto no peito.

– Não quero que isto acabe – disse finalmente, baixinho. – É tolice, eu sei, mas é o que sinto.

Ele parou quando Eliza ergueu o dedo e pressionou os lábios dele. Silenciando-o.

Seu próprio coração batia forte sob o vestido, e ela rezou para que ele não percebesse. Ele não podia terminar aquela frase – por mais que uma parte dela desejasse isso – porque as palavras são poderosas, e Eliza sabia disso melhor do que ninguém. Eles já tinham permitido a si mesmos sentir demais, e, naquele acordo, não havia espaço para sentimentos.

Ela sacudiu de leve a cabeça e finalmente ele assentiu. Recusou-se a olhar para ela por algum tempo e não disse mais nada. E quando ele começou a desenhar em silêncio, Eliza controlou o impulso de lhe dizer que tinha mudado de ideia.

Quando ele partiu naquela noite e Eliza voltou para dentro, as paredes do chalé pareceram estranhamente silenciosas e sem vida. Ela encontrou um pedaço de cartolina sobre a mesa, virou-o e viu o próprio rosto. Um desenho. E, pela primeira vez, não se importou por ter tido sua imagem capturada em papel.

Eliza soube que eles tinham sido bem-sucedidos antes mesmo de se passar um mês. Uma sensação inexplicável de ter companhia, mesmo sabendo estar sozinha. Quando sua menstruação falhou, teve certeza. Mary, que tinha perdido o bebê, tinha sido reinstalada em Blackhurst provisoriamente e instruída a fazer um elo entre a casa e o chalé. Quando Eliza lhe contou que acreditava que uma nova vida crescia em sua barriga, Mary sacudiu a cabeça, suspirou e levou o recado para tia Adeline.

Um muro foi construído ao redor do chalé, para que, quando a barriga de Eliza começasse a crescer, ninguém visse. Disseram que ela tinha viajado e o mundo se fechou sobre o chalé. As mentiras mais simples são as mais poderosas, e esta foi perfeitamente encenada. O desejo que Eliza tinha de viajar era conhecido por todos. Não foi difícil acreditar que ela tinha partido sem dizer nada e que voltaria quando tivesse vontade. Mary ia lá todas as noites levando mantimentos e o dr. Matthews, médico de tia Adeline, a visitava a cada duas semanas, oculto pela escuridão da noite, para acompanhar a gravidez.

Durante os meses de gravidez, Eliza não viu quase ninguém além deles, mas nunca se sentiu sozinha. Ela cantava para o seu ventre, contava histórias, tinha sonhos estranhos e vibrantes. O chalé pareceu encolher em volta dela, envolvendo-a como um casaco velho e quente.

E o jardim, um lugar onde seu coração sempre se alegrara, estava mais lindo do que nunca. As flores tinham um perfume mais doce, pareciam mais alegres, cresciam mais depressa. Um dia, quando estava sentada sob a macieira e o ar quente e ensolarado vibrava ao seu redor, ela adormeceu. Enquanto dormia, uma história chegou até ela, como se um estranho tivesse se ajoelhado ao seu lado e cochichado em seu ouvido. Uma história sobre uma jovem que venceu seus temores e viajou para muito longe, para descobrir a verdade para um velho ente querido.

Eliza acordou de repente, com a certeza de que aquele sonho era importante, que devia ser transformado num conto de fadas. Ao contrário da maioria das inspirações que vinham de sonhos, a história não precisou de muita elaboração. A criança, o bebê que crescia dentro dela, também era importante para a história. Eliza não podia explicar como sabia disso, mas tinha certeza de que o bebê estava ligado de alguma forma à história, a ajudara a receber a história de forma tão nítida, tão completa.

Eliza escreveu o conto naquela tarde, chamou-o de “Os olhos da velha” e, nas semanas seguintes, viu-se pensando frequentemente na pobre e infeliz mulher cuja verdade fora roubada. Embora não tivesse visto Nathaniel desde a noite do último encontro, Eliza sabia que ele ainda estava trabalhando nas ilustrações para o livro dela e queria ver as que a nova história iria inspirar. Numa noite escura, quando Mary trouxe seus mantimentos, Eliza perguntou por ele, mantendo a voz calma mesmo quando pediu a Mary para perguntar a ele se poderia ir visitá-la em breve. Mary apenas sacudiu a cabeça.

– A sra. Walker não vai permitir – ela disse, baixando a voz, embora elas estivessem sozinhas no chalé. – Eu a ouvi chorando para a patroa sobre isso, e a patroa dizendo que não era certo ele atravessar o

labirinto para ver você. Não depois do que tinha acontecido. – Ela olhou para a barriga inchada de Eliza. – Ela disse que as coisas podiam ficar confusas.

– Mas isso é ridículo – disse Eliza. – O que nós fizemos foi por Rose. Tanto Nathaniel quanto eu a amamos, fizemos o que ela pediu para que ela tivesse o que mais deseja no mundo.

Mary, que tinha deixado muito claro o que achava a respeito do que Eliza tinha feito, do que pretendia fazer depois que a criança nascesse, permaneceu em silêncio.

Eliza suspirou, frustrada.

– Eu só quero falar com ele sobre as ilustrações para os contos de fadas.

– Essa é outra coisa de que a sra. Walker não está gostando – disse Mary. – Ela não gosta de que ele faça desenhos para as suas histórias.

– E por que ela se importaria com isso?

– Ela tem ciúmes, morre de ciúmes. Não tolera a ideia de que ele desperdice tempo e energia pensando nas suas histórias.

Eliza parou de esperar por Nathaniel depois disso; mandou sua versão manuscrita de “Os olhos da velha” por Mary, que concordou – contra a vontade, segundo ela – em entregá-la a ele. Um presente chegou pelo correio alguns dias depois, uma estátua para o seu jardim, um menino com rosto de anjo. Eliza soube, mesmo sem ler a carta que a acompanhava, que Nathaniel mandara a estátua pensando em Sammy. Na carta, ele também se desculpava por não a visitar, perguntava sobre sua saúde e dizia o quanto gostara da história, como a magia dela tomara conta de seus pensamentos, que estava cheio de ideias para as ilustrações e não conseguia pensar em outra coisa.

A própria Rose a visitava uma vez por mês, mas Eliza passou a receber essas visitas com cautela. As coisas sempre começavam bem, Rose sorria ao ver Eliza, perguntava sobre a saúde dela e aproveitava a oportunidade para sentir o bebê se mexendo dentro da barriga dela. Mas, em algum momento da visita, sem explicação ou motivo, Rose se retraía, torcia as mãos e se recusava a tocar na barriga de Eliza, se

recusava até a olhar para ela. Ficava esticando o próprio vestido, acolchoado para fingir que estava grávida.

Depois do sexto mês, Rose parou de visitar. Eliza esperou em vão no dia marcado, confusa, imaginando se ela teria se enganado na data. Mas estava escrito ali no seu diário.

Seu primeiro temor foi de que Rose estivesse doente, porque, sem dúvida, nada a impediria de visitá-la. Quando Mary chegou com sua cesta de mantimentos, Eliza perguntou.

Mary largou a cesta e colocou a chaleira no fogo. Demorou a responder.

– Mary? – Eliza disse, arqueando as costas para fazer o bebê mudar de posição porque ele estava pressionando um dos lados da sua barriga. – Você não precisa me poupar. Se Rose estiver doente...

– Não é nada disso, srta. Eliza. – Mary virou-se para ela. – A sra. Walker fica muito agoniada com essas visitas.

– Agoniada?

Mary evitou olhar para Eliza.

– Ela se sente fracassada, mais ainda do que antes. Ela sem conseguir engravidar e a senhorita parecendo madura como um pêssgo. Depois das visitas, ela volta para casa e fica mal durante vários dias. Recusa-se a ver o sr. Walker, discute com a patroa, não come.

– Tomara que o bebê nasça logo, então. Quando eu entregá-lo, quando Rose for mãe, ela irá esquecer estes sentimentos.

E a discussão recomeçava: Mary sacudindo a cabeça e Eliza defendendo a decisão que tinha tomado.

– Isso não está certo, srta. Eliza. Uma mãe não pode dar o filho.

– Não é meu filho, Mary. É de Rose.

– Talvez a senhorita mude de ideia quando chegar a hora.

– Não vou mudar.

– A senhorita não sabe...

– Eu não vou mudar de ideia, porque não posso. Eu dei a minha palavra. Se eu mudasse de ideia, Rose não iria suportar.

Mary ergueu as sobrancelhas.

Eliza pôs ainda mais determinação em seu tom de voz.

– Eu vou entregar a criança e Rose vai ser feliz de novo. Nós vamos ser felizes juntas, como costumávamos ser, muito tempo atrás. Você não entende, Mary? Esta criança vai me devolver a minha Rose.

Mary sorriu tristemente.

– Talvez a senhorita tenha razão, srta. Eliza – disse, embora não parecesse acreditar no que estava dizendo.

Então, após meses em que o tempo pareceu parar, aquilo terminou. Duas semanas antes do esperado. Dor, uma dor atroz, o corpo como uma máquina cumprindo a função para a qual fora criado. Mary, que havia reconhecido os sinais de parto, estava lá para ajudar. A mãe dela tinha sido parteira a vida toda e Mary sabia o que fazer.

O parto correu bem e a criança era a mais linda que Eliza já tinha visto, uma meninazinha com as orelhas pequeninas coladas na cabeça e dedinhos finos que estremeciam de vez em quando ao sentir o ar passar entre eles.

Embora Mary tivesse sido instruída a informar imediatamente a Blackhurst qualquer sinal de que o bebê estava para chegar, não disse nada por alguns dias. Só falou com Eliza, pedindo que reconsiderasse seu papel naquele acordo terrível. Porque não era correto, Mary lhe disse várias vezes, pedir a uma mulher para dar o próprio filho.

Durante três dias e três noites, Eliza e o bebê ficaram sozinhos. Como era estranho conhecer a pessoazinha que tinha crescido dentro do seu corpo. Acariciar as mãozinhas e os pezinhos que ela agarrava quando eles empurravam sua barriga. Ver os pequenos lábios contraídos, como se quisessem falar. Uma expressão de infinita sabedoria, como se, naqueles primeiros dias de vida, a pessoa retivesse o conhecimento de toda uma vida recém vivida.

Então, no meio da terceira noite, Mary chegou ao chalé, parou na porta e deu a terrível notícia. O dr. Matthews iria fazer uma visita na noite seguinte. Mary baixou a voz e agarrou as mãos de Eliza: se

quisesse ficar com o bebê, teria que partir imediatamente. Pegar a criança e fugir.

Mas, embora a ideia de fugir fosse cara ao coração de Eliza, ela logo a descartou. Ignorou a dor aguda em seu peito e disse a Mary que sabia o que estava fazendo. Fitou a criança uma última vez, contemplou por longo tempo o rostinho perfeito, tentou apreender o fato de que tinha criado aquele ser maravilhoso, até que a dor em sua cabeça, seu coração, sua alma se tornou insuportável. E ela, como se estivesse se contemplando de muito longe, fez o que tinha prometido: entregou a menina para ser levada embora. Fechou a porta atrás de Mary e voltou sozinha para o chalé silencioso e sem vida. E, quando a madrugada chegou ao jardim gelado, Eliza compreendeu que nunca tinha sentido tanta solidão na vida.

Embora desprezasse o empregado de Linus, Mansell, embora o tivesse amaldiçoado quando ele levou Eliza para a vida deles, Adeline não podia negar que o homem conseguia encontrar pessoas. Quatro dias tinham se passado desde que ele fora enviado para Londres, e esta tarde, enquanto fingia bordar na saleta, Adeline foi chamada ao telefone.

Mansell, do outro lado da linha, foi, felizmente, discreto. Nunca se sabia quem poderia estar escutando na extensão.

– Estou telefonando, Lady Mountrachet, para dizer que algumas das mercadorias que a senhora encomendou já foram providenciadas.

Adeline levou um susto. Tão depressa? Antecipação, esperança, nervosismo.

– E posso saber se é o artigo maior ou o menor que está com o senhor?

– O maior.

Adeline fechou os olhos. Sentiu alívio, alegria, mas disfarçou ao falar.

– E quando o senhor fará a entrega?

– Partiremos imediatamente de Londres. Chegarei a Blackhurst amanhã à tarde.

Então Adeline esperou. E ainda estava esperando. Andando de um lado para o outro sobre o tapete turco, alisando a saia, ralhando com os empregados, enquanto planejava como se livrar de Eliza.

Eliza tinha concordado em nunca mais se aproximar da casa e cumprira a promessa. Mas ela observava a casa. E percebeu que, mesmo depois que já economizara dinheiro suficiente para comprar uma passagem de navio, para viajar para terras distantes, alguma coisa a impedia. Era como se, com o nascimento do bebê, a âncora que Eliza vinha buscando a vida toda estivesse enterrada no solo de Blackhurst.

Havia uma atração magnética na criança, e ela ficou. Mas cumpriu a promessa feita a Rose, evitando se aproximar da casa. Encontrou outros lugares onde podia se esconder e observar o que lá acontecia. Como fazia quando menina, deitada na prateleira do quartinho da sra. Swindell. Observando o mundo se mover em volta dela e permanecendo imóvel. Como uma espectadora das ações.

Pois, com a perda da filha, Eliza descobriu que voltara à sua velha vida, ao seu velho eu. Abdicara da sua herança e, neste processo, deixara escapar o objetivo da sua vida. Raramente escrevia, escreveu apenas uma história de fadas que achou que merecia ser incluída na coleção. Uma história sobre uma jovem mulher que morava sozinha numa floresta escura, que tomou a decisão errada pelo motivo certo e assim se destruiu.

Os meses se transformaram em anos e então, numa manhã de verão, em 1913, o livro de contos de fadas chegou da editora. Eliza o levou imediatamente para dentro, rasgou o embrulho e viu o belo livro com capa de couro. Sentou-se na cadeira de balanço, abriu o livro e o aproximou do rosto. Ele cheirava a tinta fresca e a cola, igualzinho a um livro de verdade. E lá dentro estavam suas histórias, suas criações. Virou as páginas, história a história, até chegar a “Os olhos da velha”. Leu o conto e, à medida que progredia, recordou o sonho estranho e

nítido que tivera no jardim, a sensação de que aquela criança dentro dela era importante para a história.

E Eliza então soube que a criança, sua filha, tinha que possuir um exemplar da história, que as duas estavam ligadas de certa forma. Então embrulhou o livro em papel pardo, esperou uma oportunidade e fez o que tinha prometido não fazer: atravessou o portão na extremidade do labirinto e se aproximou da casa.

Partículas de poeira, centenas delas, dançavam num raio de sol que tinha aparecido entre dois tonéis. A menina sorriu e se esqueceu da Autora, do penhasco, do labirinto, de mamãe. Ela estendeu um dedo, tentou pegar uma partícula. Riu do modo como as partículas se aproximavam antes de sair voando.

Os ruídos fora do seu esconderijo estavam mudando. A menina ouviu toda a movimentação, vozes excitadas. Apertou o rosto contra a madeira fria do tonel. Com um dos olhos, contemplou o convés.

Pernas e sapatos e bainhas de anáguas. Pontas de papel colorido voando de um lado para outro. Gaivotas caçando migalhas no convés.

Uma sacudidela e o navio gemeu, um gemido baixo e longo que vinha de dentro de suas entranhas. A vibração passou pelas tábuas do convés e chegou à ponta dos dedos da menina. Uma pausa e ela se viu prendendo a respiração, com as palmas das mãos encostadas no chão, e então o navio se mexeu e se afastou do cais. A buzina berrou e ouviram-se gritos de “Boa viagem!”. Eles estavam a caminho.

Chegaram a Londres de noite. As ruas estavam escuras quando elas se dirigiram da estação de trem para o rio. A menina estava cansada – Eliza teve que acordá-la quando chegaram ao seu destino –, mas não tinha reclamado. Segurou a mão de Eliza e caminhou bem rente aos seus calcanhares.

Aquela noite, elas dividiram um prato de sopa e um pedaço de pão no quarto. Ambas estavam cansadas da viagem e pouco falaram, apenas ficaram olhando uma para a outra, com certa curiosidade, enquanto

comiam. A menina perguntou uma única vez pelo pai e pela mãe, mas Eliza disse apenas que ela se reencontraria com eles no final da viagem. Era uma inverdade, mas era necessária: precisava de tempo para decidir como daria a notícia da morte de Rose e de Nathaniel para a menina.

Após a ceia, Ivory adormeceu rapidamente na única cama do quarto e Eliza sentou-se junto à janela. Observava alternadamente a rua escura, com seus transeuntes apressados, e a criança adormecida, se mexendo de leve sob os lençóis. Com o passar do tempo, Eliza se aproximou da criança, observou o rostinho bem de perto, até finalmente se ajoelhar ao lado da cama, tão perto, que podia sentir a respiração da menina em seu cabelo, contar as pequenas sardas no rostinho adormecido. E que rosto perfeito era aquele, com sua pele de marfim e seus lábios de botões de rosa. Era o mesmo rosto, Eliza percebeu, a mesma expressão sábia, que contemplara nos primeiros dias de vida da menina. O mesmo rosto que via tantas vezes em seus sonhos.

Sentiu um impulso, um amor tão feroz, que cada célula do seu corpo teve certeza. Era como se seu próprio corpo reconhecesse a criança que tinha gerado, assim como reconhecia sua própria mão, seu próprio rosto num espelho, sua própria voz no escuro. Com todo cuidado, Eliza se deitou e abraçou a menina adormecida. Como tinha feito em outro tempo, em outro quarto, com seu irmão Sammy.

Finalmente Eliza estava em casa.

No dia marcado para o navio partir, Eliza e a menina saíram cedo para fazer compras. Eliza comprou algumas roupas, uma escova de cabelo e uma mala. No fundo da mala, enfiou um envelope com dinheiro e um pedaço de papel com o endereço de Mary em Polperro – era melhor prevenir do que remediar. A mala era do tamanho certo para uma criança carregar e Ivory ficou toda contente. Ela segurou a mala com força enquanto Eliza a conduzia pelo cais apinhado de gente. Havia barulho e movimento em toda parte: locomotivas apitando, vapor

subindo, guindastes colocando carrinhos de bebê, bicicletas e vitrolas dentro do navio. Ivory riu quando elas passaram por um bando de cabritos e ovelhas sendo levados para dentro do navio. Estava usando o vestido mais bonito dos dois que Eliza tinha comprado e parecia mesmo uma menina rica que viera se despedir da tia que partia para uma longa viagem. Quando chegaram à prancha, Eliza entregou seu tíquete ao oficial.

– Seja bem-vinda a bordo, madame – ele disse, com um cumprimento de cabeça.

Eliza retribuiu o cumprimento.

– É um prazer viajar neste esplêndido navio – disse. – Minha sobrinha está excitadíssima por sua tia. Veja, ela até trouxe uma mala.

– Você gosta de navios, não é, senhorita? – O oficial olhou para a menina.

Ivory balançou afirmativamente a cabeça e não disse nada. Como Eliza a havia instruído.

– Senhor – disse Eliza –, meu irmão e minha cunhada estão esperando no cais. – Ela fez um sinal na direção da multidão. – O senhor não se importaria se eu subisse a bordo com minha sobrinha para mostrar-lhe minha cabine, não é?

O oficial olhou para a fila de passageiros que se estendia pelo cais.

– Nós não vamos demorar – disse Eliza. – É só que isso significa tanto para a criança.

– Tudo bem – ele disse. – Mas não se esqueça de trazê-la de volta. – Ele piscou o olho para Ivory. – Acho que os pais dela iriam ficar com muitas saudades se ela fosse embora sem eles.

Eliza segurou a mão de Ivory e subiu pela prancha de embarque.

Havia gente por toda parte, vozes excitadas, barulho de água, buzinas. A orquestra do navio tocava uma música alegre no convés, enquanto camareiras corriam em todas as direções, mensageiros entregavam telegramas e criados carregavam chocolates e presentes para os passageiros de partida.

Mas Eliza não acompanhou o comissário de bordo; atravessou o convés com Ivory, só parando quando chegaram perto de um conjunto de tonéis de madeira. Eliza pôs a menina atrás deles e se agachou, com a saia se estendendo no chão de madeira. A menina estava distraída, nunca tinha visto tanta atividade, e virava a cabeça de um lado para outro.

– Você precisa esperar aqui – disse Eliza. – Não é seguro sair daqui. Eu volto logo. – Ela hesitou, olhou para cima. Havia gaivotas voando, com seus olhos vigilantes. – Espere por mim, está ouvindo?

A menina assentiu.

– Você sabe se esconder?

– É claro.

– É uma brincadeira que estamos fazendo. – Quando Eliza disse isso, pensou em Sammy e ficou gelada.

– Eu gosto de brincadeiras.

Eliza afastou a imagem de Sammy. A menina não era Sammy. Elas não estavam brincando de Jack, o Estripador. Tudo ia dar certo. – Eu volto para buscar você.

– Aonde você vai?

– Eu preciso ver uma pessoa. Tenho que buscar uma coisa antes de partir.

– O que é?

– Meu passado – disse. – Meu futuro. – Deu um breve sorriso. – Minha família.

Enquanto a carruagem corria na direção de Blackhurst, a mente de Eliza começou a clarear. Foi se dando conta, lentamente, do que ocorria à sua volta: o balanço da carruagem, o barulho dos cascos dos cavalos na lama, um cheiro abafado.

Ela abriu os olhos, piscou. As sombras escuras se dissolveram e ela enxergou pontos de luz.

Havia alguém com ela, um homem sentado em frente. A cabeça dele estava encostada no assento de couro e ele ressonava de leve. Tinha um

vasto bigode e um par de óculos sem hastes pousado no nariz.

Eliza prendeu a respiração. Tinha doze anos e estava sendo levada para um futuro incerto. Presa numa carruagem com o homem mau de mamãe. Mansell.

Entretanto... Havia alguma coisa errada. Estava esquecendo alguma coisa, havia uma nuvem cobrindo sua mente. Alguma coisa importante, alguma coisa que tinha que fazer.

Ficou sem ar. Onde estava Sammy? Ele devia estar com ela, ela tinha que protegê-lo...

Cascos de cavalos, batendo no chão. O som a deixou assustada, doente, embora não soubesse por quê. A nuvem escura começou a girar. Estava se aproximando.

Eliza olhou para o colo, as mãos cruzadas em cima da saia. Suas mãos, mas aquelas não eram as suas mãos.

De repente, uma luz; ela não tinha doze anos, era uma mulher adulta...

Mas o que tinha acontecido? Onde ela estava? Por que estava junto com Mansell?

Um chalé no penhasco, um jardim, o mar...

Começou a respirar com mais força, a sentir o ar arranhar sua garganta.

Uma mulher, um homem, um bebê...

Sentiu uma onda de pânico crescer dentro dela.

Mais luz.. A nuvem estava se dissolvendo...

Palavras, fragmentos de significados: Maryborough... um navio... uma criança, não Sammy, uma menina...

Eliza sentiu a garganta seca. Um buraco no peito, um terror negro. A menina era dela.

Uma claridade ofuscante: sua filha estava sozinha num navio de partida.

Entrou em pânico. Seu coração disparou. Tinha que sair dali, tinha que voltar.

Eliza olhou para a porta.

A carruagem estava indo depressa, mas ela não se importou. O navio ia partir hoje e a menina estava lá dentro. A criança, a sua filha, sozinha.

Com o peito ardendo, a cabeça latejando, Eliza estendeu a mão.

Mansell se mexeu. Abriu os olhos, olhou para o braço de Eliza, para a maçaneta sob os dedos dela.

Um sorriso cruel começou a se formar nos lábios dele.

Ela agarrou a maçaneta: tentou impedi-la, mas ela foi mais rápida. A necessidade dela era maior.

Ela estava caindo, a porta da gaiola tinha sido aberta e ela caiu, foi caindo na direção da terra fria e escura. O tempo se misturou: todos os momentos se transformaram em um só, o passado virou presente e virou futuro. Eliza não fechou os olhos, viu a terra se aproximando, sentiu o cheiro de lama, de relva, de esperança...

... e saiu voando, com as asas estendidas, cada vez mais alto, levada pelo vento, o rosto frio, a mente clara. E soube para onde estava indo. Estava voando para junto da filha, para junto de Ivory. A pessoa que passara a vida procurando, a sua outra metade. Ela estava finalmente inteira, estava indo para casa.

Chalé do penhasco, 2005

Finalmente ela estava de novo no jardim. Entre o mau tempo, a chegada de Ruby e a visita à casa de Clara, já fazia vários dias que Cassandra não se enfiava por baixo do muro. Estava sentindo uma estranha inquietação que só agora tinha desaparecido. Era estranho, pensou, enfiando a luva na mão direita: nunca tinha se achado uma boa jardineira, mas este lugar era diferente. Sentia necessidade de voltar, de enfiar as mãos na terra e fazer o jardim ressuscitar. Cassandra parou quando estava ajustando os dedos da luva da outra mão, tornou a reparar na faixa de pele branca ao redor do dedo, o segundo da esquerda para a direita.

Ela passou o polegar sobre a faixa de pele. Ela era bem macia, mais elástica do que a dos outros dedos, como se tivesse sido mergulhada em água quente. Aquela faixa branca era a parte mais jovem dela, quinze anos mais jovem do que o resto. Oculta desde o momento em que Nick tinha enfiado a aliança em seu dedo, era a única parte dela que não tinha envelhecido, mudado, prosseguido. Até agora.

– E aí, está muito frio? – Christian, que tinha acabado de passar por baixo do muro, enfiou as mãos nos bolsos da calça.

Cassandra enfiou a luva e sorriu para ele.

– Eu não achei que fizesse frio na Cornualha. Todos os folhetos que li falavam de clima temperado.

– Temperado se você comparar com Yorkshire. – Ele deu um sorriso torto. – É só um gostinho do inverno. Pelo menos, você não vai ter que aguentar aquilo.

Fez-se um silêncio entre eles. Christian virou-se para examinar o buraco que começara a cavar na semana anterior e Cassandra fingiu estar muito ocupada com o garfo de jardim. A volta dela para a Austrália era um assunto que evitavam discutir. Nos últimos dias,

sempre que a conversa ameaçava enveredar por aquele caminho, um deles mudava rapidamente de assunto.

– Andei pensando mais um pouco sobre a carta de Harriet Swindell – disse Christian.

– É mesmo? – Cassandra afastou pensamentos inquietantes sobre passado e futuro.

– O que quer que houvesse no pote de barro, aquele que Eliza tirou de dentro da chaminé, devia ser importante. Nell já estava no navio, então Eliza se arriscou muito para ir buscá-lo.

Eles conversavam sobre isso na véspera. Numa mesa reservada do pub, com o fogo crepitando ao lado, discutiram exaustivamente o assunto, buscando uma conclusão que ambos sentiam que estava bem na cara deles.

– Acho que ela não imaginou que o homem estaria lá para raptá-la, quem quer que ele fosse. – Cassandra enfiou o garfo no canteiro. – Eu queria que Harriet tivesse informado o nome dele.

– Ele deve ter sido mandado pela família de Rose.

– Você acha?

– Quem mais estaria tão ansioso para tê-las de volta?

– Para ter Eliza de volta.

– Hein?

Cassandra olhou por cima do ombro para ele.

– Eles não conseguiram pegar Nell. Só Eliza.

Christian parou de cavar.

– Sim, isso é estranho. Acho que ela não contou para eles onde Nell estava.

Essa era a parte que não fazia sentido para Cassandra. Passara metade da noite acordada, tentando raciocinar, sempre chegando à mesma conclusão. Eliza podia não querer que Nell ficasse em Blackhurst, mas, ao saber que o navio tinha partido sem ela, teria ficado desesperada. Ela era a mãe de Nell, amava Nell o bastante para levá-la. Ela não teria feito tudo para alertar as pessoas sobre o fato de Nell estar sozinha num navio? Não teria ficado calada e deixado a filha

querida viajar sozinha para a Austrália. O garfo de Cassandra bateu numa raiz.

– Acho que ela não conseguiu avisar.

– Como assim?

– Se ela pudesse, teria avisado, você não acha?

Christian assentiu vagarosamente, ergueu as sobrancelhas ao pensar nas implicações disso. Ele enfiou a pá no buraco.

A raiz era grossa. Cassandra afastou o mato para ver melhor a raiz. Sorriu para si mesma. Embora a planta estivesse maltratada, quase sem folhas, ela a reconheceu: tinha visto espécimes semelhantes no jardim de Nell em Brisbane. Era uma roseira bem velha, devia estar ali havia décadas. O caule era da grossura do seu braço, cheio de espinhos pontudos. Mas ainda estava viva e, com alguns cuidados, tornaria a dar flor.

– Meu Deus.

Cassandra ergueu os olhos da roseira. Christian estava agachado, debruçado sobre o buraco.

– O que foi? – ela disse.

– Achei uma coisa. – O tom de voz dele era difícil de interpretar.

Cassandra sentiu um arrepio. – Uma coisa assustadora ou uma coisa excitante?

– Excitante, eu acho.

Cassandra foi se ajoelhar ao lado dele e espiou para dentro do buraco. Seguiu a direção que ele apontava.

Bem no fundo, uma coisa estava saindo da lama. Uma coisa pequena, marrom e lisa.

Christian enfiou a mão no buraco e tirou lá de dentro um pote de barro, do tipo que se usava para guardar mostarda e outras conservas. Limpou a lama e entregou o pote para Cassandra.

– Acho que o seu jardim acabou de revelar o segredo dele.

O barro era frio e o pote, surpreendentemente pesado. O coração de Cassandra bateu forte em seu peito.

– Ela deve tê-lo enterrado aqui – disse Christian. – Depois que o homem a raptou em Londres, ele deve tê-la trazido de volta para Blackhurst.

Mas por que Eliza teria enterrado o pote de barro depois de ter enfrentado um risco tão grande para recuperá-lo? Por que tinha se arriscado a perdê-lo de novo? E, se teve tempo para enterrar o pote, por que não tinha feito contato com o navio? Por que não tinha resgatado a pequena Ivory?

Subitamente ela compreendeu. Uma coisa que estivera sempre diante dela se tornou clara. Cassandra respirou com força.

– O que foi?

– Não acho que ela tenha enterrado o pote – Cassandra murmurou.

– Como assim? Quem o enterrou?

– Ninguém, que dizer, acho que o pote foi enterrado junto com ela.

– E ela ficou ali por noventa anos, esperando que alguém a encontrasse. Esperando que Cassandra a encontrasse e descobrisse o seu segredo.

Christian olhou para dentro do buraco, com os olhos arregalados. Ele balançou a cabeça, devagar.

– Isso explicaria por que ela não voltou para buscar Ivory, Nell.

– Ela não podia, estava aí dentro o tempo todo.

– Mas quem a enterrou? O homem que a raptou? Sua tia ou seu tio? Cassandra sacudiu a cabeça.

– Não sei. Uma coisa é certa, entretanto, quem quer que o tenha feito não queria que ninguém soubesse. Não há lápide, nada que marque o lugar. Queriam que Eliza desaparecesse, que a verdade sobre ela ficasse enterrada para sempre. Secreta, como o seu jardim.

Mansão Blackhurst, 1913

Adeline virou-se, respirando com força e encolhendo a barriga.

– Como assim, as coisas não correram conforme o planejado?

A noite tinha caído, havia sombras nos cantos da sala e a luz das velas lançava uma luz difusa.

O sr. Mansell endireitou o pincenê.

– Houve uma queda. Ela se atirou da carruagem. Os cavalos ficaram descontrolados.

– Um médico – disse Linus. – Temos que chamar um médico.

– Um médico não irá adiantar. – A voz firme de Mansell. – Ela já está morta.

Adeline levou um susto.

– O quê?

– Morta – ele repetiu. – A mulher, sua sobrinha, está morta.

Adeline fechou os olhos e seus joelhos ficaram bambos. O mundo começou a girar; ela se sentiu leve, sem dor, livre. Como um peso daqueles tinha sido tirado tão rapidamente de seus ombros? Uma queda tinha sido suficiente para livrá-la daquela ameaça constante, a herança deixada por Georgiana.

Adeline não se importou. Suas preces tinham sido atendidas, o mundo tinha voltado aos eixos. A moça estava morta. Só isso importava. Pela primeira vez, desde a morte de Rose, conseguiu respirar. Sentiu uma onda de satisfação percorrer seu corpo.

– Onde? – perguntou. – Onde ela está?

– Na carruagem.

– Você a trouxe para cá?

– A menina... – A voz de Linus veio da poltrona onde ele estava sentado. A respiração dele era rápida e superficial. – Onde está a menina de cabelos vermelhos?

– A mulher disse algumas palavras antes de cair. Estava zozna ainda, mas falou sobre um navio. Estava agitada, preocupada em voltar a tempo da partida dele.

– Vá – Adeline disse. – Espere junto da carruagem. Vou tomar providências, depois mando chamá-lo.

– E a criança? – Linus gemeu.

Adeline ignorou-o, preocupada em encontrar soluções. Naturalmente nenhum dos criados podia ficar sabendo. Para eles, Eliza tinha partido de Blackhurst assim que soube que Rose e Nathaniel iam se mudar para Nova York. Era uma bênção a moça ter comentado tantas vezes que desejava viajar.

– E a criança? – Linus repetiu. Seus dedos tremiam sobre o colarinho da camisa. – Mansell precisa encontrá-la, encontrar o navio. Temos que recuperá-la, a menina precisa ser encontrada.

Adeline engoliu em seco, enojada, olhando para ele.

– Por quê? – Ela disse, sentindo a pele gelar. – Por que ela precisa ser encontrada? O que ela significa para nós? – A voz dela era baixa e ela se inclinou para perto dele. – Você não percebe? Nós fomos libertados.

– Ela é nossa neta.

– Mas não é nosso sangue.

– É meu sangue.

Adeline ignorou a declaração dele. Não havia necessidade de comentar aquela demonstração de sentimentalismo. Agora estavam finalmente a salvo. Ela começou a caminhar sobre o tapete.

– Nós vamos dizer às pessoas que a criança foi encontrada e, em seguida, foi acometida de escarlatina. Isto não será questionado, as pessoas já acham que ela está doente, de cama. Vamos dizer aos criados que eu cuidarei dela sozinha, que Rose desejaria que fosse assim. Então, após algum tempo, quando parecer que fizemos tudo para salvá-la, providenciaremos um funeral.

E, enquanto Ivory tivesse o enterro digno de uma neta adorada, Adeline iria se assegurar de que Eliza era enterrada rapidamente, sem

que ninguém soubesse. Ela não seria enterrada no cemitério da família, isso era certo. O solo sagrado ao redor de Rose não seria poluído por ela. Ela seria enterrada num lugar onde ninguém pudesse encontrá-la. Onde ninguém jamais fosse pensar em procurar.

Na manhã seguinte, Adeline fez Davies lhe mostrar o caminho pelo labirinto. Um lugar terrivelmente úmido. O cheiro de terra úmida que nunca via o sol cercava Adeline de todos os lados. Sua saia preta de luto varria o chão, folhas soltas iam se prendendo à bainha. Ela parecia um grande pássaro preto, com as penas encolhidas ao redor do corpo para se proteger do inverno gelado da morte de Rose.

Quando chegaram finalmente ao jardim secreto, Adeline afastou Davies e percorreu o caminho estreito. Bandos de passarinhos voaram quando ela passou, piando loucamente ao deixar os galhos das árvores. Caminhou o mais rápido que a postura lhe permitia, louca para se livrar daquele lugar enfeitado e do cheiro forte e fecundo que fazia sua cabeça girar.

Na extremidade do jardim, Adeline parou.

Um sorriso cruel se formou em seus lábios. Exatamente o que queria.

Ela estremeceu e deu meia-volta.

– Já vi o bastante – disse. – Minha neta está gravemente doente e preciso voltar para a casa.

Davies a encarou por uma fração de segundo a mais do que devia, e ela sentiu um arrepio na espinha. Adeline ignorou-o. O que ele poderia saber sobre o plano dela?

– Leve-me de volta agora.

Enquanto seguia o homem grande e desajeitado através do labirinto, Adeline manteve uma certa distância. Ela estava com uma das mãos no bolso do vestido e, de vez em quando, ia largando no chão pedrinhas brancas da coleção de Ivory, do pequeno pote que ela guardava no quarto de brinquedos.

A tarde se arrastou, a noite se estendeu e finalmente a meia-noite chegou. Adeline se levantou da cama, vestiu o vestido e amarró as botas. Atravessou o corredor na ponta dos pés, desceu a escada e saiu.

A lua estava cheia e ela atravessou rapidamente o gramado, mantendo-se nas sombras das árvores e dos arbustos. O portão do labirinto estava fechado, mas Adeline o abriu. Entrou e sorriu ao ver as primeiras pedrinhas brilhando ao luar.

Ela foi de pedra em pedra, até chegar ao segundo portão, que dava para o jardim secreto.

O jardim murmurava dentro dos muros altos de pedra. O luar prateava as folhas e o vento as fazia balançarem suavemente, como peças de fino metal. Cordas de uma harpa soando.

Adeline teve a impressão estranha de estar sendo observada. Olhou em volta, prendeu a respiração ao ver um par de olhos numa árvore próxima. Em um segundo, imaginou o resto, as penas da coruja, seu corpo redondo, sua cabeça, seu bico pontudo.

Mas não se sentiu muito melhor. Havia algo estranho no olhar da ave. Uma sabedoria. Aqueles olhos, vigiando, julgando.

Ela desviou os olhos, recusou-se a permitir que uma mera ave a deixasse nervosa.

Então ouviu um ruído vindo da direção do chalé. Adeline se agachou perto do banco do jardim e viu duas figuras se aproximando. Ela esperava Mansell, mas quem ele teria trazido com ele?

As figuras caminhavam lentamente, carregando algo grande. Colocaram o fardo do outro lado do muro, e depois um dos homens passou pelo buraco e entrou no jardim secreto.

Mansell riscou um fósforo, acendendo um lampião. Ele aumentou a chama e a luz se espalhou.

Adeline ficou em pé e se aproximou.

– Boa-noite, Lady Mountrachet – disse Mansell.

Ela apontou para o segundo homem e falou com uma voz fria.

– Quem é esse?

– Slocombe – disse Mansell. – Meu cocheiro.

– Por que ele está aqui?

– O penhasco é íngreme, o embrulho, pesado. – Ele piscou os olhos na direção de Adeline, a chama do lampião refletida no vidro do seu pincenê. – Ele não vai falar nada. – Ele afastou o lampião e iluminou o rosto de Slocombe. O queixo e a boca horivelmente desfigurados.

Quando começaram a cavar, aumentando o buraco que os operários já tinham feito, Adeline olhou para a figura que jazia sob a macieira. Finalmente a moça seria colocada debaixo da terra. Ela ia desaparecer e ser esquecida: seria como se nunca tivesse existido. E, com o tempo, as pessoas iam esquecer que ela tinha existido.

Adeline fechou os olhos, bloqueou o ruído dos malditos pássaros que tinham começado a piar, das folhas das árvores agitadas pelo vento. Concentrou-se no som abençoado da terra caindo sobre a superfície sólida no fundo. A moça tinha desaparecido e Adeline podia respirar.

O ar se moveu, esfriando seu rosto. Adeline abriu os olhos.

Uma forma escura vindo na direção dela, bem em cima da sua cabeça.

Um pássaro? Um morcego?

Asas escuras batendo no céu noturno.

Adeline deu um passo para trás.

Uma picada e ela ficou gelada. Quente. Gelada de novo.

Quando a coruja se afastou, por cima do muro, a palma da mão de Adeline começou a latejar.

Ela deve ter soltado uma exclamação, porque Mansell largou a pá e aproximou o lampião. Na luz amarelada, Adeline viu que um longo espinho de roseira tinha se alojado na palma da sua mão.

Com a outra mão, ela o retirou. Uma gota de sangue surgiu na superfície, uma gota brilhante, de formato perfeito.

Adeline tirou um lenço de dentro da manga. Apertou-o sobre a ferida e viu a mancha vermelha se espalhar.

Era só um espinho. Não importa que seu sangue estivesse gelado sob a pele, a ferida ia cicatrizar e tudo ficaria bem.

Mas aquela roseira seria a primeira coisa a ser removida quando Adeline mandasse destruir o jardim.

Para que uma rosa agora, nos jardins de Blackhurst?

Enquanto Cassandra olhava para dentro do buraco, do túmulo de Eliza, sentiu-se cercada por uma estranha calma. Era como se, com a descoberta, o jardim tivesse dado um grande suspiro de alívio: os pássaros estavam mais silenciosos, as folhas tinham parado de roçar umas nas outras, a estranha inquietação tinha desaparecido. O velho segredo que o jardim tinha sido obrigado a guardar tinha sido revelado.

A voz suave de Christian, como se viesse de muito longe:

– Bem, você não vai abrir?

O pote de barro, pesado em suas mãos. Cassandra passou os dedos pela cera antiga que selava o pote. Ela olhou para Christian, que balançou a cabeça, encorajando-a, então girou a tampa, quebrando o selo e abrindo o pote.

Havia três objetos lá dentro: uma bolsa de couro, uma mecha de cabelo vermelho-dourado e um broche.

A bolsa de couro continha duas velhas moedas, amarelo claro, com o perfil familiar da rainha Vitória. As datas eram 1897 e 1900.

O cabelo estava amarrado com um pedaço de barbante e enrolado para caber dentro do pote. Anos de confinamento o tinham deixado liso e macio, muito fino. Cassandra imaginou de quem seria o cabelo, depois se lembrou da anotação no caderno de Rose, feita quando Eliza chegou a Blackhurst. Uma ladainha de queixas sobre a menina que Rose descrevia como sendo pouco mais do que uma selvagem. A menina cujo cabelo tinha sido cortado tão curto, que ela parecia um menino.

O broche foi a última coisa que Cassandra examinou. Era redondo e cabia na palma da mão dela. A borda era enfeitada, decorada com pedras preciosas, e, no centro, havia um desenho, parecendo uma

tapeçaria. Mas não era tapeçaria. Cassandra lera bastante sobre antiguidades para saber o que era aquele broche. Virou-o e passou o dedo sobre a gravação feita atrás. *Para Georgiana Mountrachet, estava escrito, por ocasião do seu décimo sexto aniversário. Passado. Futuro. Família.*

Era isto. O tesouro pelo qual Eliza tinha voltado à casa dos Swindells, cujo preço tinha sido o encontro com um estranho. Um encontro responsável pela separação entre Eliza e Ivory, por tudo o que tinha ocorrido depois, por Ivory ter virado Nell.

– O que é isso?

Cassandra olhou para ele.

– Um broche de luto.

Ele franziu a testa.

– Na época vitoriana, as pessoas mandavam fazê-lo com o cabelo de membros da família. Este pertencia a Georgiana Mountrachet, mãe de Eliza.

Christian balançou lentamente a cabeça.

– Explica por que ele era tão importante para ela. Por que ela foi buscá-lo.

– E por que ela não conseguiu voltar para o navio. – Cassandra estudou os objetos preciosos de Eliza em seu colo. – Eu queria que Nell os tivesse visto. Ela sempre se sentiu abandonada, nunca soube que Eliza era sua mãe, que fora amada. Esta era a única coisa que queria saber: quem ela era.

– Mas ela sabia quem era – Christian disse. – Ela era Nell, cuja neta, Cassandra, a amou o bastante para atravessar o oceano e solucionar o seu mistério.

– Ela não sabe que eu vim aqui.

– Como você sabe o que ela sabe ou deixa de saber? Ela pode estar vendo você neste momento. – Ele ergueu as sobrancelhas. – E é claro que você viria. Senão, por que ela teria deixado o chalé para você? E aquela nota no testamento, o que dizia?

Como a nota parecera estranha, praticamente incompreensível, quando Ben a entregou a ela. “*Para Cassandra, que irá entender por quê.*”

– E você entende?

É claro que entendia. Nell, que precisara tanto enfrentar o passado para poder seguir em frente, tinha visto em Cassandra uma alma gêmea. Alguém que também tinha sido vítima das circunstâncias.

– Ela sabia que eu viria.

Christian balançava a cabeça.

– Ela sabia que você a amava o bastante para terminar o que ela tinha começado. É como acontece em “Os olhos da velha”, quando o cervo diz à princesa que a velha não precisava recuperar a visão, que ela sabia quem era através do amor que a princesa sentia por ela.

Os olhos de Cassandra arderam.

– Aquele cervo é sábio.

– Além de ser bonito e corajoso.

Ela não pôde deixar de sorrir.

– Então agora nós sabemos. Quem era a mãe de Nell. Por que ela foi deixada sozinha no navio. O que aconteceu com Eliza. – Ela também sabia por que o jardim era tão importante, por que sentia que suas próprias raízes estavam ligadas àquele solo e ficavam cada vez mais profundas a cada momento que passava no interior dos seus muros. Sentia-se em casa no jardim, porque, de certa forma que não sabia explicar, Nell também estava ali. Assim como Eliza. E ela, Cassandra, era a guardiã dos segredos de ambas.

Christian pareceu ler o pensamento dela.

– Então – ele disse – ainda está pensando em vender o chalé?

Cassandra observou o vento provocar uma chuva de folhas amarelas. – Na verdade, pensei em ficar aqui um pouco mais.

– No hotel?

– Não, aqui no chalé.

– Você não vai se sentir muito só?

Apesar de não ser nada próprio dela, Cassandra abriu a boca e disse exatamente o que estava sentindo. Não parou para pensar.

– Acho que não vou ficar sozinha. Pelo menos, não o tempo todo.

Sentiu que ia ficar vermelha e continuou depressa.

– Quero terminar o que comecei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

Ela ficou mesmo vermelha.

– Quer dizer, aqui no jardim.

– Eu sei o que você quer dizer. – Ele a encarou. O coração de Cassandra começou a bater forte no peito, ele largou a pá e segurou o rosto dela, inclinando-se, enquanto ela fechava os olhos e suspirava. Então ele a beijou, e ela foi envolvida pela proximidade dele, sua solidez, seu cheiro. Era o cheiro do jardim, da terra, do sol.

Quando Cassandra abriu os olhos, percebeu que estava chorando. Mas não estava triste, aquelas eram lágrimas de reencontro, de ter chegado em casa depois de passar um longo tempo ausente. Ela segurou o broche com mais força. *Passado. Futuro. Família.* O seu próprio passado estava cheio de lembranças, uma vida inteira de lembranças lindas, preciosas, tristes. Durante uma década, tinha vivido no meio delas, dormido com elas, caminhado junto com elas. Mas alguma coisa mudara, ela tinha mudado. Ela viera para a Cornualha para conhecer o passado de Nell, da sua família e, de algum modo, tinha encontrado o seu próprio futuro. Aqui, neste lindo jardim que Eliza tinha construído e Nell recuperara, Cassandra havia se encontrado.

Christian acariciou o cabelo dela e fitou seu rosto com uma segurança que a fez estremecer.

– Eu estava esperando por você – ele disse finalmente.

Cassandra lhe deu a mão. Ela também estava esperando por ele.

Epílogo

Hospital Greenslopes, Brisbane, 2005

Uma sensação fria nas pálpebras; um formigamento.

Uma voz, felizmente familiar.

– Vou chamar uma enfermeira.

– Não. – Nell estendeu a mão, sem conseguir enxergar, tentando agarrar alguma coisa. – Não me deixe. – O rosto dela estava molhado, e o ar que batia nele era frio.

– Eu volto logo. Prometo.

– Não...

– Está tudo bem, vovó. Eu vou buscar ajuda.

Vovó. Era isso que ela era, agora se lembrava. Tivera muitos nomes durante a vida, tantos, que se esquecera de alguns, mas foi só quando ganhou este último, vovó, que soube quem realmente era.

Uma segunda chance, uma bênção, uma salvação. Sua neta.

E agora Cassandra estava indo buscar ajuda.

Nell fechou os olhos. Ela estava de novo no navio. Podia sentir a água sob ela, o convés balançando. Tonéis, sol, poeira. Risos, risos de despedida.

Estava desaparecendo. As luzes estavam sendo desligadas.

Diminuindo, como as luzes do teatro Plaza, antes do ensaio geral. Os patrocinadores se mexendo nos assentos, cochichando, esperando...

Escuridão.

Silêncio.

E então ela estava em outro lugar, um lugar frio e escuro. Sozinha. Com coisas afiadas, galhos, de cada lado dela. Uma sensação de que muros estavam se fechando dos dois lados, altos e escuros. A luz estava voltando; não muito, mas o suficiente para ela virar o pescoço e avistar o céu ao longe.

Suas pernas estavam se movendo. Ela andava, as mãos caídas dos lados do corpo, roçando as folhas e as pontas dos galhos.

Uma esquina. Ela se virou. Mais muros cobertos de folhas. Um cheiro forte de terra molhada.

De repente, soube. A palavra surgiu em sua mente, antiga e familiar. Labirinto. Ela estava num labirinto.

Uma certeza instantânea: no final do labirinto, havia um lugar maravilhoso. Um lugar aonde ela precisava chegar. Um lugar seguro onde poderia descansar.

Ela chegou a uma bifurcação.

Virou-se.

Sabia o caminho. Lembrava-se. Estivera ali antes.

Mais depressa agora, caminhou mais depressa. Precisava chegar ao fim.

Uma luz à sua frente. Estava quase lá.

Só faltava mais um pouco.

Então, de repente, uma figura saiu das sombras. A Autora, com a mão estendida. Uma voz maviosa.

– Eu estava esperando por você.

A Autora se afastou e Nell viu que tinha chegado ao portão.

Ao fim do labirinto.

– Onde estou?

– Você está em casa.

Com um suspiro profundo, Nell seguiu a Autora e entrou no jardim mais lindo que já tinha visto.

E finalmente o feitiço da rainha má foi quebrado, e a jovem, a qual o destino e a crueldade tinham prendido no corpo de um pássaro, foi libertada de sua gaiola. A porta da gaiola se abriu e o pássaro caiu, caiu, caiu, até que finalmente suas asas se abriram e ele descobriu que podia voar. Com a brisa do mar de sua terra inflando suas asas, voou por cima da beira do penhasco e atravessou o oceano. Em busca de uma nova terra de esperança e liberdade, e vida. Em busca de sua outra metade. De sua casa.

– DE “O VOO DO CUCO”, DE ELIZA MAKEPEACE

Agradecimentos

Por terem ajudado a trazer ao mundo *O jardim secreto de Eliza*, eu gostaria de agradecer:

A minha Nana Connelly, cuja história me serviu de inspiração; a Selwa Anthony, por sua sabedoria e carinho; a Kim Wilkins, Julia Morton e Diane Morton, por lerem os primeiros rascunhos; a Kate Eady, por ter localizado fatos históricos incômodos; a Danny Kretschmer, por conseguir fotos em cima da hora, e aos colegas de trabalho de Julia, por responderem a perguntas sobre o idioma local. Pela ajuda na pesquisa – arqueológica, entomológica e médica – sou grata ao dr. Walter Wood, dra. Natalie Franklin, Katharine Parkes e, especialmente, à dra. Sally Wilde, e, pela ajuda em detalhes específicos, agradeço a Nicole Ruckels, Elaine Wilkins e Joyce Morton.

Tenho a felicidade de ter meus livros publicados no mundo todo por gente extraordinária, e sou grata a todos cujos esforços têm ajudado a transformar minhas histórias em livros. Por sua ajuda editorial, sensível e incansável, em *O jardim secreto de Eliza*, eu gostaria de fazer uma menção especial a Catherine Milne, Clara Finlay e à maravilhosa Annette Barlow de Allen & Urwin, Austrália; e a Maria Rejt e Liz Cowen da Pan Macmillan, UK. Sou muito grata a Julia Stiles e a Lesley Levene, por sua atenção a todos os detalhes.

Também gostaria de homenagear aqui os autores que escrevem para crianças. Descobrir desde cedo que, por trás dos traços negros sobre páginas brancas, existem palavras de incomparável terror, alegria e excitação é um dos grandes presentes da vida. Eu sou imensamente grata àqueles autores cujas obras excitaram minha imaginação infantil e me deram uma paixão pelos livros e pela leitura, que tem sido uma companheira constante. *O jardim secreto de Eliza* é, em parte, uma ode a eles.

Finalmente, como sempre, tenho uma grande dívida de gratidão para com meu marido, Davin Patterson, e meus dois filhos, Oliver e

Louis, a quem esta história pertence.

Título original
THE FORGOTTEN GARDEN

Copyright © Kate Morton, 2008

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
CRISTINA PARGA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
FABIAN J. TONACK

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M864c

Morton, Kate, 1976-

O jardim Secreto de Eliza [recurso eletrônico] / Kate Morton ; tradução Léa Viveiros de castro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital

Tradução de: The forgotten garden
ISBN 978-85-8122-354-4 (recurso eletrônico)

1. Crianças abandonadas - Ficção. 2. Avós - Ficção. 3. Herança e sucessão - Ficção.
4. Romance inglês. 5. Livros eletrônicos. I. Castro, Léa Viveiros de. II. Título.

14-08920

CDD: 823

CDU: 821.111-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

KATE MORTON é formada em artes dramáticas e literatura inglesa. Seu primeiro romance, *A casa das lembranças perdidas*, foi best-seller absoluto na Inglaterra e traduzido em 31 países. Vive em Brisbane, na Austrália, com o marido e os dois filhos.